

A painting of a coastal landscape. The sky is a soft, pinkish hue. In the foreground, a dark, rocky cliffside is visible, with a waterfall cascading down. The water is depicted with vertical, brush-like strokes, creating a sense of movement. In the background, a range of mountains or hills is visible, partially obscured by mist or fog. The overall mood is serene and atmospheric.

n e v e

s o b r e

o s

c e d r o s

d a v i d

g u t e r s o n

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**David Guterson**

**Neve Sobre os Cedros**

**Tradução de**

**CELINA CAVALCANTE**

**FALCK EDITORA**

**RECORD 1994**

A meus pais, com gratidão

---

# Sumário

---

[Sumário](#)

[Agradecimentos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[18](#)

[19](#)

[21](#)

[22](#)

24

25

26

27

29

30

31

## Agradecimentos

---

Agradeço às muitas pessoas que contribuíram para a realização deste livro: Mike Hobbs, do Harborview Hospital de Seattle, por me auxiliar nas questões de medicina legal; Phil McCrudden, por me levar para pescar salmões e por ler cuidadosamente um rascunho do romance; Steve Shapiro, por suas inspirações sobre a pesca com rede; Leonard Hayashida, por seus comentários precisos e generosos; Walt e Millie Woodward, por sua coragem e convicção como proprietários-editores da Bainbridge Review; Ann Radwick, pelo auxílio com relação às fontes locais; Murray Guterson e Rob Crichton, por sua assistência quanto aos termos jurídicos; Frank Kitamoto e Hisa Matsu-daira, pela ajuda na minha pesquisa e entrevistas; à Bainbridge Historical Society, pelo acesso a seus arquivos e museu; à Biblioteca Suzzallo da Universidade de Washington, pela assistência com sua coleção de microfilmes; ao capitão Alan Gill, por sua perícia com navios e navegação e por seus comentários sobre o livro; e Robin Guterson, pela sua disponibilidade em debater essa história comigo durante vários anos.

Gostaria também de citar as seguintes fontes, inestimáveis para minha obra: o excelente livro *The Lighthouse* (O farol) de Dudley Witney, uma história arquitetônica e pictórica; a obra *Piloting, Seamanship and Small Boat Handling* (Praticagem, marinharia e manuseio de pequenas embarcações) de Charles F. Chapman; e *Guide to Boatmanship* (Guia da arte náutica) de Brandt Aymar e John Marshall; *Disaster Log of Ships* (Registro de naufrágios) de Jim Gibbs, um relato ilustrado de naufrágios da Califórnia ao Alasca; *Island in the Sound* (A ilha do Estreito) de Hazel Heckman, um retrato psicológica e culturalmente preciso da vida nas

ilhas de Washington; o maravilhoso Alaska Blues (Azuis do Alasca) de Joe Upton, uma obra maravilhosamente bem escrita sobre a pesca comercial nas águas costeiras; e Stepping Westward (Rumo ao Oeste) de Sallie Tisdale, com suas descrições rigorosas e brilhantes dos bosques do noroeste do Pacífico.

Além dessas obras, A Short Story of World War II (Pequena história da Segunda Guerra Mundial) de James L. Stokesbury, Iwo Jima de Richard E Newcomb, Island Fighting (Combate nas ilhas) de Rafael Steinberg, The Battle of Leyte Gulf (A batalha do golfo de Leyte) de Edwin P. Hoyt, The Good War (A boa guerra) de Studs Terkel e 76 Hours: The Invasion of Tarawa (76 horas: a invasão de Tarawa) de Eric M. Hammel e John E. Lane, todos inquietantes e valiosos.

Ainda devo agradecimentos ao brilhante livro de Ronald Takaki, Strangers from a Different Shore (Forasteiros de outra praia), uma história dos asiáticos americanos; ao Nisei Daughter (Filha nisei) de Monica Soné e Through Harsh Winters (Através de invernos rigorosos) de Akemi Kikumura, dois comoventes relatos de famílias nipo-americanas antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial; a Anatomy of a Jury (Anatomia de um júri) de Seymour Wishram, uma descrição rigorosa do sistema jurídico-criminal americano; a Justice at War (Justiça na guerra) de Peter Iron, por sua visão dos anos dos campos de concentração; a Japanese Americans: From Relocation to Redress (Nipo-americanos: do deslocamento ao desagravo), organizado por Roger Daniels, Sandra C. Taylor e Harry H. L Kitano; a Manzanar de John Armor e Peter Wright, com fotografias de Ansel Adams e comentários de John Hersey; e The Japanese Cult of Tranquility (O culto japonês da tranqüilidade) de Karlfried Graf von Durckheim, The Japanese Tea



Ceremony (A cerimônia japonesa do chá) de Julia V. Nakamura e The Way of Zen (O caminho do Zen) de Alan W. Watts.

As fontes locais às quais devo ser grato incluem Bainbridge Through Bifocals (Bainbridge através de bifocais) de Elsie Franklund Warner, A History of Bainbridge Island (História da ilha de Bainbridge), de Katy Warner, They Cast a long Shadow (Eles projetam uma longa sombra) do Bainbridge School District, "Garden Nostalgia", coluna do Garden News de Bainbridge Gardens, e a exposição de fotos "For the Sake of the Children" (Por amor às crianças) da Associação Comunitária Nipo-Americana da ilha de Bainbridge.

Aqueles cujas contribuições deixei de citar aqui por puro esquecimento ou ingratidão, queiram, por favor, aceitar minhas desculpas. Devo muitíssimo a todos.

Em meio à jornada de nossa vida vi-me num bosque escuro onde não mais se podia encontrar o caminho direto. Ah, como é difícil descrever o quão bravo, ameaçador e intratável era aquele bosque, pois, na minha mente, isso reproduz o temor! DANTE A divina comédia A harmonia, como uma brisa a nos seguir no mar, é a exceção.

HARVEY OXENHORN

Tuning the Rig

(Sintonia da armação)

Acusado Kabuo Miyomoto, estava sentado orgulhosamente numa postura ereta, com uma elegância rígida, as palmas das mãos suavemente pousadas sobre a mesa do réu a postura de um homem distanciado tanto quanto possível em seu próprio julgamento. Algumas pessoas na galeria diriam mais tarde que a imobilidade dele evidenciava desdém pelos procedimentos; outros tinham certeza de que ocultava um medo do veredicto a ser pronunciado. Fosse como fosse, Kabuo nada demonstrava nem mesmo um tremor nos olhos. Estava de camisa branca abotoada até o pescoço e calças cinzentas muito bem passadas. Sua figura, principalmente o pescoço e os ombros, transmitia a impressão de uma força física irrefutável e de um porte preciso, majestoso, até. As feições de Kabuo eram refinadas e angulosas; os cabelos haviam sido cortados bem rentes ao crânio de forma a evidenciar-lhe a musculatura. Diante da acusação feita contra ele, permanecia sentado, os olhos escuros fixos direto à sua frente, sem parecer nem um pouco abalado.

Na galeria pública todos os assentos estavam ocupados, mas, apesar disso, a sala do tribunal nada tinha do clima carnavalesco que por vezes se encontra nos julgamentos de homicídios do interior. De fato, os 85 cidadãos ali reunidos pareciam estranhamente moderados e contemplativos. A maioria havia conhecido Carl Heine, um pescador de salmões casado, pai de três filhos, ora sepultado no cemitério luterano no alto do Indian Knob Hill. A maioria das pessoas estava vestida com o mesmo decoro comunitário que exercia aos domingos antes de assistir aos cultos dominicais, e como a sala do tribunal, por mais severa que

fosse, recordava-lhes a dignidade de suas casas de oração, elas se portavam com uma solenidade litúrgica.

Esta sala, a do juiz Llewellyn Fielding, ao final de um corredor úmido e cheio de correntes de ar, no terceiro andar do Palácio da Justiça do condado da ilha, era malconservada e pequena, como costumam ser as salas de tribunal. Era um aposento de uma simplicidade fria e cinzenta uma galeria exígua, uma cadeira para o juiz, um banco para as testemunhas, uma plataforma de compensado para os jurados e mesas surradas para o réu e seu promotor. Os jurados estavam sentados com rostos estudadamente impassíveis, enquanto se esforçavam para compreender as coisas. Os homens dois plantadores de hortaliças, um pescador de caranguejos aposentado, um contador, um carpinteiro, um construtor de barcos, um dono de mercearia e um marinheiro de convés de escuna de pesca de linguados estavam todos de paletó e gravata. Todas as mulheres usavam vestidos de domingo uma garçonete aposentada, uma secretária de serraria, duas esposas de pescadores nervosas. Uma cabeleireira as acompanhava, para servir de substituta.

O beleguim, Ed Soames, a pedido do juiz Fielding, havia providenciado um bom suprimento de vapor para os aquecedores indolentes, que volta e meia suspiravam nos quatro cantos da sala. No calor que produziam um mormaço sufocante, úmido e despótico o cheiro azedo de bolor parecia elevar-se de tudo.

A neve caía, naquela manhã, diante das janelas do Palácio da Justiça, quatro arcos envidraçados estreitos e altos que deixavam passar uma grande quantidade da luz fraca de dezembro. Um vento vindo do mar soprava flocos de neve contra as vidraças, onde se derretiam e escorriam para os batentes. Além do prédio do tribunal, a cidade de Amity Harbor espalhava-se ao longo do litoral da ilha. Algumas mansões

vitorianas decrépitas e fustigadas pelo vento, remanescentes de uma era perdida de entusiasmo pela navegação, assomavam da nevada sobre os esporádicos morros da cidade. Além delas, os cedros teciam um profundo tapete de um verde estático. A neve toldava a nitidez dos contornos desses morros cobertos de cedros. O vento marítimo empurrava os flocos de neve firmemente para o interior da ilha, arremessando-os contra as árvores perfumadas, e a neve começou a acumular-se nos galhos mais altos de uma forma mansamente implacável.

O acusado, com uma parte de sua percepção, contemplava pelas janelas a neve que caía. Estivera exilado na cadeia do condado durante 77 dias o final de setembro, outubro e novembro inteiros, a primeira semana de dezembro no xadrez. Não havia janelas na sua cela subterrânea, nem portal através do qual a luz do outono pudesse alcançá-lo. Ele havia perdido o outono, conforme percebia agora já havia passado, se evaporado. A nevada que testemunhava de soslaio flocos furiosos, impelidos pelo vento contra as janelas pareceu-lhe infinitamente bela.

San Pedro era uma ilha de cinco mil almas arrefecidas, batizada por espanhóis perdidos que ancoraram ao largo da costa no ano de 1603. Tinham vindo em busca da Passagem Noroeste, como muitos espanhóis naquela época, e seu piloto e capitão, Martin de Aquilar, da expedição de Vizcaíno, enviou um grupo de reconhecimento até a costa, para escolher um mastro novo entre as cicutas à beira d'água. Os componentes da expedição foram mortos quase imediatamente após chegarem a terra por um grupo de caçadores nootka de escravos.

Chegaram os colonos a maioria tipos errantes e excêntricos que se haviam desviado da Trilha do Oregon. Alguns deles foram massacrados

em 1845 por ingleses oriundos do Canadá em guerra de fronteira mas a ilha de San Pedro praticamente não testemunhou mais cenas de violência depois disso. A ocorrência mais perturbadora dos últimos dez anos havia sido um tiro de pistola dado em um habitante da ilha por um iatista bêbado de Seattle, no Quatro de Julho de 1951.

Amity Harbor, a única cidade da ilha, oferecia águas profundas para ancoragem de uma frota de barcos de pesca de cerco e pesqueiros de alto-mar pilotados por um só homem. Era um povoado pesqueiro excêntrico, chuvoso, fustigado pelos ventos, oprimido e embolorado, as tábuas de seus edifícios desbotadas e desgastadas pelas intempéries, as calhas enferrujadas até um alaranjado fosco. Suas ladeiras longas e íngremes eram amplas e desoladas; suas sarjetas com meios-fios altos enchiam-se, na maioria das noites de inverno, com a chuva que passava. O vento marítimo costumava balançar seu único sinal de tráfego de um lado para o outro, ou fazia a energia elétrica falhar e faltar durante vários dias. A Main Street oferecia ao povo a Mercearia do Petersen, uma agência dos correios, a Loja de Ferragens do Fisk, a Farmácia do Larsen, um bazar com balcão de sorvetes e refrescos, pertencente a uma mulher de Seattle, um posto da Puget Power, uma loja de artigos para barcos, a loja de roupas de Lottie Opsvig, a imobiliária de Klaus Hartmann, o Café San Pedro, o Restaurante Amity Harbor e um posto de gasolina desmazelado pertencente a seus operadores, os irmãos Torgerson. No cais, uma fábrica de pescado em lata exalava o odor das carcaças de salmão, e as estacas creosotadas do terminal estadual de barcas ficavam no meio de uma frota de barcos mofados. A chuva, o espírito do lugar, pacientemente banhava todas as coisas feitas pelo homem. Nas noites de inverno ela caía às catadupas, inundando as calçadas, tornando Amity Harbor invisível.

San Pedro também apresentava um tipo de beleza verdejante que fazia seus habitantes penderem para o poético. Morros enormes, recobertos pelo suave verde dos cedros, subiam e desciam em todas as direções. As casas da ilha eram úmidas e cobertas de limo, e ficavam em campos solitários e vales de alfafa, milho e morangos. Fileiras fortuitas de cedros margeavam as estradas descuidadas, que deslizavam sob as sombras das árvores e pelos campos cobertos de samambaias. Vacas pastavam, fedendo a estrume adocicado, atormentadas por mutucas de verão. Aqui e ali um ilhéu tentava serrar toras de madeira por conta própria, deixando montes perfumados de serragem e pilhas de cascas de tronco de cedro à beira da estrada. Os pedregulhos lisos e a espessura do mar faziam as praias cintilar. Duas dúzias de angras e enseadas, cada uma com seu agradável aglomerado de veleiros e casas de veraneio, circundavam San Pedro, uma série interminável de ancoradouros imaculados.

Dentro do Palácio da Justiça de Amity Harbor, diante das quatro altas janelas da sala do tribunal, havia sido colocada uma mesa para acomodar os jornalistas que anuíam à ilha. Os repórteres de fora um de Bellingham, outro de Anacortes e um de Victoria, e três dos jornais de Seattle não mostravam nenhum resquício da solenidade evidente entre os cidadãos respeitáveis da galeria. Afundavam-se nas cadeiras, apoiavam os queixos nas mãos e cochichavam entre si, com um ar conspirador. De costas para um aquecedor a vapor, a apenas trinta centímetros de distância, os repórteres de fora estavam suando em bicas.

Ishmael Chambers, o repórter local, descobriu que também estava suando. Era um homem de 31 anos, rosto empedernido, alto, com olhos de veterano de guerra. Tinha apenas um braço, pois o esquerdo fora

amputado 25 centímetros abaixo da articulação do ombro, de maneira que prendia o punho da manga do casaco no cotovelo. Ishmael compreendia que um ar de desdém, de desprezo pela ilha e seus habitantes, emanava do grupo de repórteres de fora, para com os cidadãos da galeria. A conversa deles seguia num miasma de suor e calor que sugeria uma espécie de indolência. Três deles haviam afrouxado de leve o nó das gravatas; dois outros haviam tirado os paletós. Eram repórteres, profissionalmente estafados e profissionalmente imunes, viajados o suficiente, por fim, para se cansar com as formalidades que San Pedro exigia tacitamente dos nativos do continente. Ishmael, um nativo da ilha, não queria ser como eles. O acusado, Kabuo, era alguém que conhecia, com quem estudara junto no colegial e não conseguia se obrigar, a exemplo dos outros repórteres, a tirar o paletó no julgamento do homicídio do qual acusavam Kabuo. Às dez para as nove daquela manhã, Ishmael havia falado com a esposa do acusado no segundo andar do Palácio da Justiça. Ela estava sentada num banco no corredor, de costas para uma janela em arco, na frente do escritório do assessor, que estava fechado, aparentemente se recobrando.

Você está bem? perguntara ele, mas ela só fez desviar os olhos. Por favor implorara. Por favor, Hatsue.

Ela, então, olhou-o nos olhos. Ishmael descobriria mais tarde, muito tempo depois do julgamento, que a escuridão deles assaltaria sua lembrança destes dias. Ele se lembraria da maneira rigorosa com que os cabelos dela haviam sido arrumados em um coque negro sobre a nuca. Ela não fora exatamente fria com ele, nem exatamente hostil, mas, de qualquer forma, ele havia sentido sua distância.

Vá embora pedira ela, num sussurro, e então, por um momento, fitou-o com raiva. Ele depois ficou incerto quanto ao que os olhos dela transmitiram punição, tristeza, dor. Vá embora repetiu Hatsue Miyomoto. Depois desviou os olhos dos dele outra vez.

-Não faça assim disse Ishmael.

-Vá embora respondeu ela.

-Hatsue insistiu Ishmael. Não faça assim.

-Vá embora repetiu ela.

Agora, na sala do tribunal, com suor nas têmporas, Ishmael se sentia constrangido de estar sentado entre os repórteres e resolveu que depois do recesso matinal encontraria um lugar mais anônimo na galeria. Nesse meio tempo, ficou de frente para a nevasca, que já havia começado a emudecer as ruas diante das janelas do tribunal. Esperava que ela se desencadeasse insensivelmente, trazendo à ilha a pureza impossível do inverno, tão rara e preciosa, que ele carinhosamente recordava da juventude.



À primeira testemunha chamada pelo promotor naquele dia foi o xerife do condado, Art Moran. Na manhã em que Carl Heine morreu 16 de setembro o xerife estava no meio de um inventário no escritório e havia contratado os serviços da nova taquígrafa juramentada, a Sra. Eleanor Dokes (agora empertigada, em seu lugar abaixo da cadeira do juiz, registrando tudo com uma implacabilidade silenciosa), como assistente nesta tarefa anualmente exigida pelo condado. Ele e a Sra. Dokes haviam trocado olhares surpresos quando Abel Martinson, o sub-xerife, contou sobre a mensagem recentemente recebida pelo rádio de que o barco de pesca de Carl Heine, o Susan Marie, havia sido avistado à deriva na baía de White Sand.

-Abel disse que a rede estava lançada ao mar, sendo puxada pelo barco explicou Art Moran. Eu fiquei... bem, imediatamente preocupado.

-O Susan Marie estava em movimento? indagou Alvin Hooks, o promotor, com um pé apoiado no pódio das testemunhas, como se ele e Art estivessem conversando ao lado de um banco de parque.

-Foi o que disse Abel.

-Com as luzes de pesca acesas? Foi isso que o sub-xerife Martinson relatou? -Exato.

-Em plena luz do dia? -Abel se comunicou às nove e meia da manhã, creio eu.

-Corrija-me se eu estiver errado pediu Alvin Hooks. As redes de emalhar, pela lei, devem estar recolhidas às nove. Correto, xerife Moran? -Correto respondeu o xerife. Nove da manhã.

O promotor girou com um floreio ligeiramente militar e descreveu um círculo apertado sobre o assoalho encerado da sala do tribunal, as mãos na altura dos rins.

-O que fez a seguir? indagou.

-Disse a Abel para não sair de onde estava, que eu iria pegá-lo com a lancha.

-Não chamou a guarda costeira? -Resolvi que iria dar uma olhada antes, por minha conta. Alvin Hooks assentiu com a cabeça.

-Era sua jurisdição, xerife? -Só uma questão de bom senso, Sr. Hooks disse Art Moran. Senti que era isso que tinha de ser feito.

O promotor assentiu uma vez mais e inspecionou os membros do júri. Avaliou a resposta do xerife; ela lançava uma luz moral favorável sobre sua testemunha e lhe dava a autoridade do homem consciencioso, para a qual, afinal, não havia substituto.

-Queira contar, por favor, toda a sua história ao tribunal solicitou Alvin Hooks. A manhã de 16 de setembro.

O xerife fitou-o, duvidoso, por um momento. Por natureza, Art Moran era uma pessoa apreensiva, manifestando nervosismo em situações até mesmo triviais. Tinha encontrado sua vocação como que impellido de maneira irresistível; jamais tivera a intenção de se tornar xerife, mas, para assombro seu, aqui estava. No seu uniforme pardo, gravata preta e sapatos lustrosos, parecia inevitavelmente mal de vida, um homem desconfortável nos trajes da sua profissão, como se tivesse se fantasiado para algum baile de carnaval e agora vagasse por aí disfarçado. O xerife era esguio, nada imponente, e costumava mascar um chiclete Juicy Fruit (embora não no momento, principalmente por respeito ao sistema jurídico americano, no qual acreditava piamente,

apesar de suas falhas). Havia perdido grande parte dos cabelos depois de completar os cinquenta anos e a barriga, sempre de aparência subnutrida, agora parecia ter emagrecido e ficado flácida.

Art Moran havia passado em claro a noite anterior, aflito ante o papel que ia desempenhar no tribunal e lembrando a sequência de eventos com os olhos fechados, como se se passassem num sonho. Ele e o substituto, Abel Martinson, haviam aportado a lancha do condado na baía de White Sand na manhã de 16 de setembro. A maré, em franca ascensão, havia mudado cerca de três horas e meia antes, às seis e meia; no meio da manhã, a luz solar cobria como verniz a superfície da água, aquecendo as costas dele agradavelmente. Na noite anterior, uma bruma palpável como algodão havia pendido sobre o condado da ilha. Mais tarde, havia se esgarçado suavemente e se transformado em grandes bulções que se deslocavam acima do mar, em vez de um branco e imóvel miasma. Ao redor da lancha, enquanto ela rumava, balouçante, para onde estava o Susan Marie, os últimos resquícios desta bruma noturna navegavam e se deixavam arrastar, como farrapos de vapor, em direção ao calor do sol.

Abel Martinson, com uma das mãos no acelerador da lancha, a outra sobre o joelho, contou ao Art que um pescador de Port Jensen, Erik Syvertsen Erik, o mais jovem, segundo disse, havia encontrado o Susan Marie à deriva ao largo do lado sul do White Sand Point com as redes lançadas e, segundo parecia, ninguém a bordo. Era mais de uma hora e meia depois do alvorecer, e os faróis de navegação haviam sido deixados acesos. Abel havia levado a embarcação até o White Sand Point e caminhado até o fim do píer público com os binóculos pendurados no pescoço. Com toda a certeza, o Susan Marie estava à deriva ao sabor da maré, bem dentro da baía, num ângulo norte-

noroeste, segundo suas investigações, e assim, ele notificou o xerife pelo rádio.

Em quinze minutos eles se aproximaram do barco à deriva, e Abel desacelerou a lancha. Nas águas calmas da baía a aproximação se deu tranquilamente; Art lançou as defensas; e os dois rapidamente enrolaram algumas voltas das amarras em torno nos cunhos dianteiros do convés.

-As luzes estão todas acesas observou Art, com um pé na amurada do Susan Marie. Parece-me que até a última.

-Ele não está aqui disse Abel.

-Parece que não disse Art.

-Caiu no mar deduziu Abel. Tenho um mau pressentimento.

Art estremeceu ao ouvir isso.

-Esperemos que não exortou. Não diga isso. Caminhou até a ré da cabine, depois ficou ali parado, examinando, com os olhos apertados, as espias e estais do Susan Marie e o topo de suas barras estabilizadoras. Os faróis vermelho e branco dos mastros haviam sido deixados acesos a manhã inteira; a luz de colheita e o candeio na extremidade da rede brilhavam, foscos, ao sol do início da manhã. Enquanto Art estava ali parado, pensando nisso, Abel Martinson arrastou a tampa da escotilha do porão e o chamou.

-Descobriu algo? perguntou Art.

-Veja só respondeu Abel.

Juntos eles se agacharam sobre a escotilha quadrada do porão, do qual saía o odor de salmão. Abel passou o fecho de luz da lanterna por sobre um amontoado de peixes inertes e silenciosos.

-Salmões prateados disse ele. Talvez uns cinquentas.

-Então ele recolheu a rede pelo menos uma vez deduziu Art.

-Assim parece concordou Abel.

Sabia-se de casos de homens que haviam caído em porões vazios antes, quebrado a cabeça e morrido, até mesmo numa calmaria. Art tinha ouvido falar de alguns incidentes como esse Tornou a examinar os peixes.

-A que horas imagina que ele saiu ontem à noite? -Difícil dizer. Quatro e meia? Cinco? -Aonde imagina que teria ido? -Provavelmente para North Bank disse Abel. Talvez Ship Channel. Ou Elliot Head. É onde costumam aparecer os peixes em migração.

Mas Art já sabia a resposta. San Pedro vivia e respirava salmão, e os lugares mais profundos onde os cardumes passavam à noite eram um eterno assunto das conversas. Mesmo assim, ouvir isso em voz alta o ajudava nesse momento ajudava-o a pensar com mais clareza.

Ambos permaneceram agachados à beira do porão mais um momento, compartilhando um intervalo no trabalho. A pilha de salmões imóveis perturbava Art de uma forma que ele não conseguia articular de imediato, de maneira que ficou olhando para ela sem dizer palavra. Depois ergueu-se, os joelhos estalando, e saiu de perto do porão escuro.

-Vamos continuar procurando sugeriu.

-Certo disse Abel. Talvez ele esteja na cabine. Desmaiado, por algum motivo.

O Susan Marie era um barco de trinta pés com rede na popa uma bem-conservada embarcação típica de San Pedro, para pesca com redes de emalhar com a cabine logo à ré da meia-nau. Art abaixou-se para

passar pela porta da popa e deteve-se a bombordo um momento. No meio do chão foi a primeira coisa que ele notou uma caneca de lata para café estava caída. Uma bateria marítima estava logo à direita do leme. Via-se uma cama arrumada com um cobertor de lã a estibordo; Abel examinou-a à luz da lanterna. A lâmpada da cabine acima do leme do pesqueiro havia sido deixada acesa; uma réstia de sol, tremeluzindo através de uma janela, bruxuleava sobre a parede de estibordo. A cena deixou Art com a impressão ameaçadora de uma ordem extrema e excessivamente silenciosa. Um salame, pendente de um arame acima da bitácula, balançava um pouco com as ondulações do Susan Marie; nada mais se movia, a não ser ela. Não se ouvia um som sequer, exceto, vez por outra, um estalido eventual distante e vago do rádio. Art, notando o aparelho, começou a manusear os botões de sintonização só por não saber que outra coisa fazer. Estava desnorteado.

-Isso é mau disse Abel.

-Dê uma olhada respondeu Art. Esqueci... veja se o escaler dele está sobre o sarilho.

Abel Martinson botou a cabeça para fora.

-Está, Art disse ele. E agora? Por um momento, eles ficaram olhando um para o outro. Depois Art, com um suspiro, sentou-se na borda da cama de Carl Heine.

-Talvez ele tenha rastejado sob o convés para consertar alguma avaria no motor sugeriu Abel.

-Estou sentado em cima do motor dele indicou Art. Não há espaço para ninguém rastejar ali embaixo.

-Então ele caiu no mar disse Abel, balançando a cabeça.

-Assim parece respondeu o xerife. Relancearam o olhar um para o outro, desviando-o depois.

-Talvez alguém o tenha removido sugeriu Abel. Ele se feriu, pediu socorro pelo rádio, alguém o removeu. Isso...

-Eles não deixariam o barco assim, à deriva interrompeu Art. Além disso, a essa altura a gente já teria tido notícias.

-Isso é mau repetiu Abel Martinson.

Art enfiou outro tablete de Juicy Fruit entre os dentes e desejou não ter de assumir a responsabilidade por isso. Gostava de Carl Heine, conhecia a família dele, frequentava a igreja com eles aos domingos. Carl vinha de uma antiga linhagem insular; seu avô, nascido na Baviera, havia plantado doze hectares de morangos em terras virgens no Center Valley. Seu pai também tinha sido plantador de morangos antes de morrer de apoplexia em 1944. Depois a mãe de Carl, Etta Heine, vendera os doze hectares para o clã Jurgensen enquanto o filho estava fora, na guerra. Eram gente laboriosa, de boa paz, os Heine. A maioria das pessoas em San Pedro gostava deles. Carl, segundo Art se lembrava, havia servido como artilheiro no U. S. S. Canton, que afundou durante a invasão de Okinawa. Ele havia sobrevivido à guerra outros rapazes da ilha não e regressado ao lar para pescar salmões.

No mar, o cabelo louro de Carl havia se tornado castanho-avermelhado. Ele pesava 117kg, grande parte deles concentrados no peito e nos ombros. Em dias de inverno, ao tirar os peixes da rede, usava um gorro de lã tricotado pela esposa e um casaco velho de uniforme da infantaria. Não desperdiçava tempo na Taverna de San Pedro nem tomando café no Café San Pedro. Nas manhãs de domingo sentava-se com a mulher e os filhos num dos últimos bancos da Igreja

Luterana de First Hill, piscando devagar na pálida luz do santuário, com um hinário aberto nas suas mãos grandes e quadradas, uma expressão calma no rosto. Nas tardes de domingo agachava-se na popa do barco, silenciosa e metodicamente desembaraçando a rede de emalhar ou consertando-a pacientemente. Trabalhava só. Era gentil, mas não amigável. Usava botas de borracha quase sempre, como todos os pescadores de San Pedro. Sua mulher também vinha de uma antiga família insular os Varig, segundo Art se recordava, fazendeiros cultivadores de feno e lenhadores, com alguns hectares de tocos em Cattle Point e o pai dela tinha morrido havia pouco tempo. Carl batizara o barco com o nome da esposa, e, em 1948, construiu uma grande casa de madeira logo a oeste de Amity Harbor, incluindo um apartamento para sua mãe, Etta. Mas, por orgulho, segundo diziam, Etta não foi morar com ele. Ela morava na cidade, uma mulher robusta e sóbria, com um ligeiro sotaque teutônico, sobre a loja de roupas de Lottie Opsvig, na Main Street. Seu filho a visitava toda tarde de domingo e a acompanhava até a casa dele, para cear. Art costumava acompanhá-los com o olhar enquanto subiam juntos, penosamente, a ladeira de Old Hill, Etta com o guarda-chuva contra a chuva de inverno, a mão livre agarrando as lapelas de um casaco rústico, Carl com as mãos metidas nos bolsos do blusão, o gorro de lã puxado até as sobrancelhas. Afinal de contas, decidiu Art, Carl Heine era um bom homem. Era caladão, sim, e sério como a mãe, mas a guerra havia sido responsável em parte por isso, segundo percebeu Art. Carl raramente ria, mas não parecia, segundo Art, infeliz nem insatisfeito. Sua morte teria uma grande repercussão em San Pedro; ninguém queria compreender sua mensagem em um lugar onde tantos ganhavam a vida pescando. O



medo do mar sempre presente, fervilhando sob a superfície de suas vidas de ilhéus, entraria de novo em ebulição em seus corações.

-Bom, olhe disse Abel Martinson, inclinando-se pela porta da cabine enquanto o barco se deslocava. Vamos recolher a rede dele, Art.

-Creio que é melhor suspirou Art. Muito bem. É melhor a gente fazer isso, então. Mas vamos fazer aos poucos.

-Tem um arranque ali atrás Abel Martinson mostrou. Ao que parece, ele já está parado talvez há seis horas. E todas essas luzes estão gastando a bateria. É melhor dar uma boa acelerada com o afogador, Art.

Art concordou com um gesto de cabeça, girando a chave ao lado do leme. A válvula solenoide ligou imediatamente; o motor falhou uma vez e depois começou a girar em baixa rotação, produzindo um ruído forte, matraqueando freneticamente abaixo do piso. Art lentamente empurrou o afogador de volta.

-Certo disse ele. Assim está bom? -Acho que eu estava errado disse Abel Martinson. Ele parece que está bem, e cheio de força.

Eles tornaram a sair, Art primeiro. O Susan Marie havia girado de modo a ficar quase perpendicular às ondas e formou um ângulo, por alguns instantes, para estibordo. Com o arranque do motor, havia começado a agitar-se um pouco, e Art, ao atravessar o convés na popa, tropeçou e se agarrou num balaústre, arranhando a palma da mão abaixo do polegar, enquanto Abel Martinson assistia. Ele se ergueu, aprumou-se com um pé na amurada de estibordo e olhou para a água.

A luz matinal havia se espreado, assumido uma profundidade maior, e derramava-se num claro lençol pela baía, tingindo-a de prata. Não se via nenhum barco, exceto uma única canoa deslizando

paralelamente a uma costa cingida por árvores, crianças com salva-vidas acionando os remos faiscantes a uns quatrocentos metros de distância. São inocentes, pensou Art.

-Ótimo ele ter virado de bordo disse ele ao subxerife. Vamos precisar de tempo para recolher a rede.

-Quando estiver pronto respondeu Abel.

Por um momento, ocorreu a Art explicar algumas coisas ao subxerife. Abel Martinson tinha 24 anos, era filho de um pedreiro de Anacortes. Nunca vira um homem içado em uma rede antes, como Art havia visto, duas vezes. Acontecia de vez em quando com os pescadores prendiam a mão ou manga na malha da rede e caíam do barco, mesmo em mar calmo. Fazia parte das coisas, parte da trama do lugar, e como xerife ele muito bem disso. Sabia o que significava realmente recolher a rede, e sabia o que Abel Martinson não sabia.

Colocou o pé no pedal de acionamento do carretel da rede e olhou para Abel, do outro lado.

-Vá até ali perto da linha de chumbadas disse, calmamente. Vou içá-la bem devagar. Talvez você tenha de me ajudar, portanto se prepare.

Abel Martinson concordou com a cabeça.

Art empurrou o pé para baixo. A rede estremeceu um momento ao ser esticada e aí o carretel girou, puxando-a contra o peso da água do mar. Avolumando-se, depois diminuindo um tom, o motor enfrentava a tarefa. Os dois homens ficaram de pé de cada lado do carretel da amurada, Art com um pé no pedal e Abel Martinson olhando para a malha da rede enquanto ela subia vagarosamente rumo ao tambor do carretel. A dez metros de distância, estava a linha de flutuadores, agitando-se em uma faixa de espuma branca ao longo da superfície da

baía. Eles ainda se moviam acompanhando a maré numa direção mais ou menos norte-noroeste, mas a brisa do sul havia mudado o suficiente para direcioná-los suavemente para bombordo.

Eles haviam tirado duas dúzias de salmões da rede, três galhos secos de árvore à deriva, dois cações, uma longa e retorcida alga e várias águas-vivas emaranhadas, quando apareceu o rosto de Carl Heine. Por um instante, Art interpretou o rosto de Carl como o tipo de ilusão que os homens costumam ter no mar ou esperou que fosse isso, com um desespero fugaz, mas aí, à medida que a rede subia, a garganta barbada de Carl apareceu também e o rosto se completou. Era o rosto de Carl voltado para a luz do sol, e a água que pingava dos cabelos dele caía em cordões prateados no mar; e agora claramente era o rosto de Carl, com a boca aberta o rosto de Carl, e Art apertou o pedal com mais força. Carl subiu, pendurado pela fivela esquerda do seu macacão de borracha na rede que passara a vida recolhendo, a camiseta, com bolhas de água do mar correndo sob ela, grudada a seu peito e ombros. Pendia pesadamente com as pernas dentro da água, um salmão lutando na rede ao lado dele, a pele de suas clavículas, logo acima das ondas mais altas, tingida de um rosa forte gélido porém reluzente. Ele parecia ter sido parboilizado no mar.

Abel Martinson vomitou. Debruçou-se sobre o gio da embarcação, fez esforço para vomitar, limpou a garganta e vomitou novamente, dessa vez com mais força.

-Tudo bem, Abel disse Art. Reconstitua-se.

O sub-xerife não respondeu. Limpou a boca com um lenço. Respirou fundo e cuspiu no mar meia dúzia de vezes. Em seguida, após

um momento, deixou cair a cabeça e bateu com o punho esquerdo no gio.

-Cruz-credo! exclamou.

-Vou içá-lo bem devagar respondeu Art. Mantenha a cabeça dele para trás, longe do gio, Abel. Controle-se. Mantenha a cabeça dele para trás, agora.

Mas no fim eles tiveram de içar a linha de chumbadas e puxar Carl inteiramente nas dobras de sua rede. Arrumaram a rede em torno dele como se fosse uma rede de dormir, de forma que o corpo fosse sustentado pelas malhas. Desta forma, retiraram Carl do mar Abel apoiando-o sobre o carretel da rede enquanto Art apertava cautelosamente o pedal e espreitava por sobre o gio, com o Juicy Fruit preso entre os dentes. Eles o depositaram, juntos, no tombadilho da popa. Na fria água salgada, ele havia enrijecido rapidamente; seu pé direito havia se endurecido e congelado sobre o esquerdo, e seus braços, fixos ao longo do corpo pelos ombros contraídos, estavam duros, com os dedos encurvados. A boca estava aberta. Os olhos também, mas as pupilas haviam desaparecido Art viu como haviam se voltado para trás e agora miravam o interior do crânio. Os vasos sanguíneos na parte branca dos olhos haviam estourado; havia duas órbitas sangrentas na sua cabeça.

Abel Martinson arregalou os olhos.

Art descobriu que não conseguia apresentar o mínimo vestígio de profissionalismo. Simplesmente ficou parado, como o seu subxerife de 24 anos, pensando o que um homem pensa numa ocasião dessas, sobre a hedionda inevitabilidade da morte. Havia um silêncio a ser preenchido, e Art viu-se pressionado, diante dele, a comportar-se de

forma que pudesse servir de exemplo a seu substituto. E assim eles ficaram apenas fitando o cadáver de Carl, algo que os havia silenciado.

Ele bateu com a cabeça sussurrou Abel Martinson, apontando um ferimento que Art não havia notado no cabelo louro de Carl Heine Deve ter batido com ela contra a amurada quando caiu.

Com toda a certeza, o crânio de Carl Heine havia sido esmagado logo acima da orelha esquerda. O osso fraturado deixara uma massa na sua cabeça. Art Moran desviou o olhar.

Gudmundsson, o advogado que havia sido indicado para defender Kabuo Miyomoto, levantou-se para interrogar Art Moran com uma inépcia geriátrica deliberada, depois pigarreou asperamente e enfiou os polegares sob os suspensórios onde se encontraram com seus pequenos botões pretos. Aos 79 anos, Nels era cego do olho esquerdo e podia apenas distinguir tonalidades de luz da escuridão com a pupila efêmera e escurecida. O olho direito, porém, como que para compensar essa deficiência, parecia sobrenaturalmente vigilante, até presciente, e enquanto ele percorria penosamente o piso da sala do tribunal, avançando a mancar na direção de Art Moran, partículas de luz cintilavam através dele.

-Xerife disse ele. Bom dia.

-Bom dia respondeu Art Moran.

-Só quero me certificar de que estou entendendo bem o senhor com relação a alguns pontos disse Nels. O senhor diz que as luzes desse barco pesqueiro, o Susan Marie, estavam todas acesas? É isso mesmo? - Sim respondeu o xerife. Estavam.

-Na cabine também? -Isso.

-Nos mastros? -Sim.

-As luzes de colheita? As luzes da rede. Todas elas? -Sim, senhor confirmou Art Moran.

-Obrigado disse Nels. Achei que havia dito isso. Que elas estavam todas acesas. Todas as luzes.

Ele fez uma pausa e por um momento pareceu estudar as mãos, que estavam crivadas de manchas vermelho-escuras e às vezes tremiam:

Nels sofria de uma neurastenia galopante. Seu primeiro sintoma era uma sensação de calor que de vez em quando ardia nos terminais nervosos da sua testa até as artérias das têmporas pulsarem visivelmente.

-O senhor disse que havia nevoeiro na noite de 15 de setembro? indagou Nels. Foi o que disse, xerife? -Sim.

-Nevoeiro espesso? -Sem dúvida.

-Lembra-se disso? -Lembro-me, sim. Refleti sobre isso. Saí na minha varanda por volta das dez da noite, entende? Eu não via nevoeiro há mais de uma semana. E não conseguia ver além de vinte metros.

-Às dez horas? -Sim.

-E depois? -Fui dormir, acho eu.

-Foi dormir. A que horas acordou, xerife? Lembra-se? No dia 16? -Às cinco. Às cinco horas.

-Lembra-se disso? -Eu sempre me levanto às cinco horas. Toda manhã. Portanto, no dia 16, sim, eu me levantei às cinco.

-E o nevoeiro continuava? -Sim.

-Espesso do mesmo jeito? Tão espesso quanto às dez da noite anterior? -Quase, diria eu. Quase. Mas não mais tão espesso.

-Então ainda havia bruma de manhã.

-Sim. Até as nove, mais ou menos. Depois ela começou a sumir... já tinha sumido quase totalmente na hora em que saímos de lancha, se é isso que está querendo dizer, senhor.

-Até as nove respondeu Nels Gudmundsson. Ou aproximadamente? Nove? Isso mesmo replicou Art Moran.

Nels Gudmundsson levantou o queixo, tateou o laço da gravata e ficou beliscando as pregas de pele do pescoço um hábito dele quando estava pensando.

-Lá no Susan Marie disse ele. O motor ligou imediatamente, xerife? Não teve problemas em ligá-lo? -Ligou na hora confirmou Art Moran. Sem problema nenhum.

-Com todas aquelas luzes puxando força, xerife? As baterias ainda funcionavam? -Deviam estar fortes, porque o barco ligou sem problemas.

-Não achou isso estranho, xerife? Lembra-se? Que, com todas aquelas luzes acesas as baterias ainda estivessem carregadas o suficiente para dar partida no motor sem problema, como disse? -Não pensei nisso naquela hora disse Art Moran. Portanto, a resposta é não. Não achei estranho, pelo menos não naquela ocasião.

-E agora, acha? -Um pouco disse o xerife. Sim.

-Por quê? indagou Nels.

-Porque aquelas luzes puxaram muita força. Aposto que podem arriar uma bateria rapidamente... como no seu carro. Portanto, achei um pouco estranho, sim.

-Achou um pouco estranho disse Nels Gudmundsson, e começou a massagear a garganta outra vez, beliscando a papada de novo.

Nels encaminhou-se para a mesa de provas, selecionou uma pasta, e trouxe-a até Art Moran.

-Seu relatório da investigação disse ele. Aquele que serviu de evidência durante o exame direto do Sr. Hooks. É este, xerife? -É.

-Poderia abri-lo na página sete, por favor? O xerife assim fez.



-Ora disse Nels, a página sete é um inventário dos itens encontrados a bordo do barco de Carl Heine, o Susan Marie? -É.

-Poderia ler para a corte o item de número 27? -Naturalmente disse Art Moran. Item 27. Uma bateria sobressalente D-8, de seis células.

-Uma bateria D-8 sobressalente, de seis células. Obrigado. Uma D-8. Seis células. Poderia agora ir até o item 42, xerife? E lê-lo outra vez para a corte? -Item 42 respondeu Art Moran. Baterias D-8 e D-6 no compartimento de baterias. Ambas com seis células.

-Uma 6 e uma 8? indagou Nels.

-Sim.

-Fiz algumas medições na loja de material para barcos disse Nels. A D-6 é maior que a D-8 dois centímetros e meio. Não caberia no compartimento de baterias do Susan Mane, xerife. Passava dois centímetros e meio do tamanho.

-Ele havia feito uns reparos no local explicou Art. O flange lateral foi amassado para dar espaço para uma D-6.

-Amassou o flange lateral? -Sim.

-Foi capaz de perceber isso? -Sim.

-Um flange de metal amassado? -Sim.

-Metal flexível? -Sim. Flexível o suficiente. Foi amassado para aumentar o espaço, de modo que a D-6 coubesse no compartimento.

-De modo que a D-6 coubesse repetiu Nels. Mas, xerife, não disse que a sobressalente era uma D-8? Carl Heine não tinha uma D-8 disponível que teria cabido no compartimento sem essas adaptações todas? -A sobressalente estava descarregada informou Art Moran. Nós a

testamos depois de ancorar o barco. Não tinha mais um pingo de energia, Sr. Gudmundsson. Nem um tiquinho.

-A sobressalente estava descarregada repetiu Nels. Então, resumindo, o senhor encontrou uma bateria D-8 sobressalente descarregada no barco do falecido, uma D-8 funcionando, no compartimento, e ao lado dela uma D-6 grande demais para o espaço existente e que obrigou alguém a fazer umas adaptações? Martelar um flange de metal flexível? -Certíssimo respondeu o xerife.

-Muito bem disse Nels Gudmundsson. Poderia, por favor, passar para a página 27 do seu relatório? Seu inventário de itens a bordo do barco do réu? E ler para o tribunal o item 24, por favor? Art Moran virou as páginas.

-Item 24 leu ele após um momento. Duas baterias D-6 no compartimento. Ambas com seis células.

-Duas D-6 no barco de Kabuo Miyomoto disse Nels. E encontrou alguma sobressalente a bordo, xerife? -Não. Não achamos. Não consta do inventário.

-O réu não tinha bateria sobressalente no barco? Saiu para pescar sem bateria de reserva? -Aparentemente sim, senhor.

-Muito bem disse Nels. Duas D-6 no compartimento e nenhuma sobressalente encontrada. Diga-me, xerife. Essas D-6 no barco do réu. Eram do mesmo tipo que as encontradas no compartimento do falecido? A bordo do Susan Marie? Do mesmo tamanho? Da mesma marca? -Sim respondeu o xerife. Todas as D-6. A mesma bateria.

-Então a D-6 do barco do falecido poderia... hipoteticamente, uma vez que era idêntica... ser uma sobressalente perfeita das baterias do réu? -Creio que sim.

-Mas, como diz, o réu não tinha sobressalente a bordo. Certo? -  
Sim.

-Certo, xerife disse Nels. Deixe-me interrogá-lo sobre outra coisa, se não se importar, por um momento. Diga-me, quando içou o corpo do falecido para o convés, houve alguma espécie de problema? Ao puxá-lo do mar na sua rede de pesca? -Sim informou Art Moran. Quero dizer, ele era pesado. E, bem, a parte de baixo do corpo dele... as pernas e pés?... Ficavam escorregando para fora da rede. Ele estava pendurado por uma das fivelas do macacão de chuva dele. E ficamos com medo de perdê-lo de vez ao puxá-lo da água, de a fivela se abrir, ou a borracha em torno dela ceder e ele se soltar. As pernas estavam dentro d'água, entende? As pernas dele não estavam bem dentro da rede.

-E disse Nels Gudmundsson pode nos dizer o que o senhor e o sub-xerife Martinson fizeram com relação a isso? -Bom, a gente formou uma concha com as malhas da rede e puxamos a linha de chumbadas. Fizemos uma espécie de berço com a rede e trouxemos as pernas dele para dentro. Depois o puxamos para bordo.

-Então tiveram trabalho disse Nels.

-Um pouquinho, sim.

-Ele não entrou com facilidade na rede? -Não, a princípio não. Tivemos de dar uns puxões na rede em torno dele, trabalhá-la. Mas uma vez tendo conseguido trazê-lo para dentro dela, e agarrado as malhas, a coisa fluiu com mais facilidade.

-Xerife disse Nels Gudmundsson, com todos esses puxões na rede e esse trabalho que está mencionando agora, é possível que o falecido tenha batido a cabeça no gio do barco enquanto o estavam trazendo para bordo? Ou em algum outro lugar? Ou na amurada da popa, por

exemplo, ou no carretel da rede? É possível? -Não creio disse Art Moran. Eu teria visto se ocorresse isso.

-Não crê disse Nels Gudmundsson. E quando o tiraram da rede? Quando o colocaram no convés? Ele era um homem corpulento, como diz, pesava 117 kg estava rígido, como afirmou. Foi difícil manobrar, xerife? -Ele era pesado, sim, pesado pra burro. Mas éramos dois, e tivemos cuidado. Não batemos com ele em nada.

-Tem certeza? -Não me lembro de ter batido com ele em nada, não, Sr. Gudmundsson. Tomamos cuidado, como já expliquei.

-Mas não se lembra disse Nels. Ou, em outras palavras, tem alguma dúvida de como tudo isso se passou? De que ao manobrar aquele cadáver difícil de manejar, ao operar esse guincho que raramente haviam operado antes, ao fazer esse difícil trabalho de resgatar do mar um homem de 117 kg... será possível, xerife Moran, que o defunto não tenha batido com a cabeça algum tempo após a morte? Será possível? - Sim disse Art Moran. Possível. Creio que sim. Mas não provável.

Nels Gudmundsson voltou-se para o júri:-Não tenho mais perguntas disse. E com um vagar que o constrangeu, porque quando jovem havia sido ágil e atlético, sempre se movimentara de maneira fluida pelos assoalhos das salas de tribunais, sempre se sentira admirado por sua aparência física, voltou ao seu lugar na mesa do réu, onde Kabuo Miyomoto estava sentado, observando-o.

O juiz Lew Fielding ordenou um recesso às 10:45 naquela primeira manhã. Ele se voltou para observar o silencioso rodopiar da nevada, esfregou suas sobrancelhas cada vez mais grisalhas e a ponta do nariz, depois ergueu-se, de toga negra, deslizou as mãos pelo cabelo e arrastou-se para sua sala.

O acusado, Kabuo Miyomoto, inclinou-se para a direita e assentiu com a cabeça apenas perceptivelmente enquanto Nels Gudmundsson cochichava no seu ouvido. Do outro lado da ala, Alvin Hooks descansava o queixo nas mãos, tamborilando nas tábuas do assoalho com o salto do sapato, impaciente, porém não insatisfeito. Na galeria os cidadãos, após se levantarem, bocejavam, depois saíam pela atmosfera menos asfixiante do corredor ou espiavam pelas janelas com expressões de espanto, assistindo à neve que fustigava o vidro na direção deles, descrevendo parábolas antes de bater contra as vidraças. Seus rostos, banhados pela luz atenuada de dezembro, vinda das janelas altas, pareciam tranquilos e até mesmo ligeiramente reverentes. Aqueles que tinham vindo de carro até a cidade estavam preocupados com a volta para casa.

Os jurados foram levados por Ed Soames para beber água tépida do refrigerador em copos de papel em formato de cones e para ir ao banheiro. Depois Soames reapareceu e arrastou-se pela sala como um sacristão de igreja, regulando as válvulas dos aquecedores a vapor. Mas, mesmo assim, a sala continuou quente demais; o calor acumulado teimava em não se dissipar. O vapor começou a aglutinar-se em uma camada de névoa na parte superior das janelas, fechando-se um pouco na sala do tribunal, abafando a pálida luz matinal.

Ishmael Chambers encontrou um lugar na galeria e sentou-se, batendo com a borracha do lápis contra o lábio inferior. Como outros da ilha de San Pedro, havia tomado conhecimento da morte de Carl Heine na tarde de 16 de setembro no dia em que o corpo foi descoberto. Tinha acabado de telefonar para o reverendo Gordon Groves da Congregação Luterana de Amity Harbor, para perguntar sobre o tema do sermão de domingo, para que ele pudesse parafrasear a resposta do reverendo na sua coluna "Nas Igrejas da Nossa Ilha", atração semanal da Revista de San Pedro, ao lado do horário das barcas para Anacortes. O reverendo Groves não estava, mas sua esposa, Lillian, informou a Ishmael que Carl Heine havia se afogado e tinha sido encontrado preso a sua rede de pesca.

Ishmael Chambers não acreditou nela: Lillian Groves era uma tremenda bisbilhoteira. Não conseguia acreditar naquilo, e depois de desligar, ficou remoendo a notícia. Em seguida, incrédulo, ligou para a delegacia e perguntou a Eleanor Dokes, uma pessoa em que ele também não acreditava inteiramente: sim, ela respondeu, Carl Heine tinha se afogado. Estava pescando, sim. Foi encontrado pendurado na rede. O xerife? Não estava, no momento. Ela achava que tinha ido falar com o médico-legista.

Ishmael imediatamente ligou para o legista, Horace Whaley. Isso mesmo, disse Horace, é melhor acreditar. Carl Heine tinha morrido. Que coisa horrível, não? Aquele homem que havia sobrevivido a Okinawa. Carl Heine, era inacreditável. Assim de repente. Havia batido com a cabeça em algum lugar.

O xerife? disse Horace. Tinha acabado de sair, você quase o pegou. Ele e o Abel; haviam acabado de sair. Iam para as docas, segundo disseram.

Ishmael Chambers pôs o fone no gancho e ficou sentado com a testa apoiada na palma da mão, lembrando-se de Carl Heine nos tempos de escola secundária. Ambos haviam se formado em 1942. Haviam jogado no time de futebol juntos. Ele se lembrava de dirigir o ônibus do time da escola com Carl para um jogo contra o Bellingham no outono de 1941. Foram de uniforme no ônibus, com os capacetes no colo, cada garoto levando sua própria toalha. Ele se lembrou da aparência de Carl sentado a seu lado com a toalha pendurada em torno do seu grosso pescoço de alemão, fitando os campos pela janela. Era à tardinha, um crepúsculo rápido de novembro, e Carl estava observando os gansos brancos pousarem no trigal baixo e alagado, com o queixo quadrado erguido, a cabeça inclinada para cima, másculos pelos louros nascendo na mandíbula.

Chambers disse ele. Está vendo os gansos? Ishmael enfiou um bloquinho no bolso das calças e saiu para a Hill Street. Deixou para trás, sem trancá-la, a redação da Revista, três salas que já haviam abrigado uma livraria e banca de revistas e que ainda continham suas muitas prateleiras nas paredes. A livraria deixara de ser lucrativa por causa da ladeira acentuada onde ficava; a Hill Street desanimava os turistas. Ishmael, porém, gostava dessa característica. Não tinha nada, em princípio, contra os turistas que vinham nas férias de Seattle frequentar San Pedro durante todo o verão a maioria dos ilhéus não gostava deles porque eram da cidade, porém, por outro lado, não gostava muito de vê-los perambulando para cima e para baixo na Main Street. Os turistas lhe lembravam outros lugares e evocavam nele uma dúvida pungente quanto à vida na ilha ser o que ele realmente queria.

Ele nunca tinha sido assim ambivalente quanto a seu lar. Antes ele sabia como se sentia sobre ela. Após a guerra, um homem de 23 anos,

com um braço amputado, deixara San Pietro sem relutância para estudar em Seattle. Havia morado em uma casa de pensão na Brooklyn Avenue e a princípio estudara história. Não havia sido particularmente feliz durante essa fase, mas, com respeito a isso, era como outros veteranos. Vivia profundamente consciente da sua condição e perturbava-se por ela perturbar as pessoas. Como não podiam esquecer-se disso, ele também não conseguia esquecer. Havia vezes em que frequentava tavernas próximas ao campus e se permitia bancar o sociável e animado como faziam os estudantes mais jovens. Mas depois se sentia inevitavelmente idiota. Não era da sua natureza beber cerveja e jogar bilhar. Sentia-se mais à vontade numa cabine de divisória alta no fundo do salão do Day's Restaurant na University Way, onde bebericava café e lia seus livros de história.

No outono seguinte, Ishmael estudou literatura americana. Melville, Hawthorne, Twain. Estava preparado, no seu ceticismo, para considerar Moby Dick ilegível quinhentas páginas sobre a caça a uma baleia? mas, no fim, acabou achando divertido. Leu o livro inteiro em dez visitas ao Day's e começou a ponderar sobre a natureza da baleia numa conjuntura precoce. O narrador, segundo descobriu ao ler a primeira frase, tinha o seu nome: Ishmael. O Ishmael era bacana, mas o Ahab ele não conseguiu respeitar, e isso acabou estragando o livro, ao seu ver.

Huckleberry Finn ele já havia lido quando garoto, mas não conseguia se lembrar de muita coisa. Só se recordava que era mais engraçado naquele tempo tudo era mais engraçado mas a história lhe fugira da memória. Outras pessoas falavam com carinho e conhecimento sobre livros que haviam lido há décadas. Ishmael suspeitava que era tudo fingimento. Às vezes imaginava o que acontecera com os livros que



havia lido muitos anos antes se ainda estavam em algum lugar dentro dele. James Fenimore Cooper, Sir Walter Scott, Dickens, William Dean Howells. Não acreditava que nenhum estivesse ainda lá. De qualquer forma, não conseguia mais se lembrar deles.

A letra escarlata ele leu em seis visitas ao restaurante. No dia em que terminou, já era hora do Day's fechar. O cozinheiro veio pelas portas de vaivém e lhe disse que era hora de ir embora. Ishmael estava na última página quando isso aconteceu. E terminou de ler "Em um campo, zibelino, a letra A, goles", de pé na calçada, do lado de fora. O que significava isso? Ele só podia imaginar o que poderia significar inteiramente, mesmo com a nota de rodapé. Pessoas passavam apressadas por ele, que continuava de pé, ali, com o livro aberto, rajadas do vento de outubro a lhe fustigar o rosto. Sentiu-se perturbado com este final da história de Hester Prynne: a mulher, afinal de contas, merecia coisa melhor.

Muito bem, pensou ele, os livros eram ótimos, mas só isso, nada mais não punham mesa. E aí Ishmael voltou-se para o jornalismo.

Seu pai, Arthur, havia sido madeireiro na idade de Ishmael. Usando um bigode em forma de guidão de bicicleta e botas de rompão na altura da panturrilha, suspensórios puídos e calças de lã, ele havia labutado a serviço da Port Jefferson Mill Company durante quatro anos e meio. O avô de Ishmael fora presbiteriano escocês, e sua mãe, uma fanática irlandesa dos pântanos acima de Lough Ree; eles se conheceram em Seattle cinco anos antes do Grande Incêndio, casaram-se e criaram seis filhos. Arthur, o mais jovem, foi o único a ficar em Puget Sound. Dois de seus irmãos se tornaram soldados mercenários, um morreu de malária no canal do Panamá, outro se tornou agrimensor na

Birmânia e na Índia, e o último se foi para a costa leste aos dezessete anos, e nunca mais deu notícias.

A Revista de San Pedro, periódico semanal de quatro páginas, havia sido fundada quando Arthur tinha vinte e poucos anos. Com suas economias ele comprou uma rotativa, uma câmera fotográfica tipo caixote e um escritório úmido e de pé-direito baixo nos fundos de um armazém de beneficiamento de peixe. A primeira edição da Revista trazia uma manchete em letras garrafais: JÚRI ABSOLVE GILL DE SEATTLE. Competindo com repórteres do Star, do Times, do Evening Post, Daily Cali e Seattle Union Record, Arthur havia coberto o julgamento do prefeito Hiram Gill, acusado de um escândalo ligado ao contrabando de bebidas. Escreveu uma extensa matéria sobre George Vandever, advogado charlatão que defendeu Wobbly no caso do Massacre de Everett. Um editorial exigiu o exercício do bom senso quando Wilson estava propenso a declarar guerra; outro comemorou a recente extensão do serviço de barcas para a região a sotavento da ilha. Anunciou-se uma reunião da Sociedade do Rododendro, bem como uma noite de quadrilhas na loja da sociedade secreta Grange e o nascimento de um filho, Theodore Ignatius, na família Horatio Marches de Cattle Point. Tudo isso vinha na tipologia Centurion negrito já antiquado em 1917, com delicadas linhas divisórias entre sete colunas e subtítulos em tipos negritados com relevo e serifa.

Logo depois, Arthur foi convocado para servir no exército do general Pershing. Lutou em Saint-Mihiel e Belleau Wood, depois regressou ao lar e ao seu jornal. Casou-se com uma mulher de Seattle da família Mini, loura, esbelta e de olhar melancólico. Seu pai, dono de armarinho na First Avenue de Seattle e especulador imobiliário, desaprovou Arthur, que lhe parecia um madeireiro posando de repórter,

um homem sem perspectivas, que não merecia sua filha; contudo, os dois se casaram e se dedicaram ao ramo de criação de filhos. Porém, só conseguiram ter um, depois de muito esforço; perderam um segundo ao nascer. Construíram uma casa na South Beach com vista para o mar e abriram caminho até a praia. Arthur tornou-se um astuto e deliberado hortelão, observador inveterado da vida na ilha, e gradativamente jornalista de aldeia na mais completa acepção da palavra; foi aos poucos percebendo a oportunidade que lhe ofereciam suas palavras para conseguir ascensão social, prestígio e serviço. Durante muitos anos não tirou férias. Publicava edições extras na véspera de Natal, na semana das eleições e no Quatro de Julho. Ishmael lembrava-se de trabalhar na rotativa com o pai toda noite de terça-feira. Arthur havia aparafusado a máquina ao chão de um estaleiro na Andreason Street, um barracão caindo aos pedaços que fedia permanentemente a tinta de impressão litográfica e de amônia da linotipo. A rotativa era uma enorme geringonça de cor verde-amarelada, com os rolos e as polias da esteira contidos em uma estrutura de ferro fundido; começava a funcionar com a hesitação de uma locomotiva do século XIX, guinchando e lamuriando-se enquanto funcionava. Ishmael tinha de ajustar os margeadores e as fontes de água e controlar a velocidade da máquina; Arthur, que com os anos estabelecera uma relação simbiótica com a máquina, inclinava-se e inspecionava as chapas e os cilindros de impressão. Ficava a apenas alguns centímetros de distância dos ruidosos rolos, parecendo não tomar conhecimento do fato de que como havia explicado ao filho se fosse apanhado por uma manga da camisa, seria instantaneamente estourado como um balão de borracha e espirrado contra todas as paredes. Até mesmo os ossos desapareceriam essa era parte da advertência para Arthur até alguém encontrá-los espalhados

entre o papel de jornal manchado que recobria o piso, parecendo partículas de confete branco.

Um grupo de empresários da câmara de comércio havia tentado convencer Arthur a concorrer à assembleia legislativa do estado de Washington. Vieram à casa vestidos com sobretudos e echarpes de xadrez, recendendo a brilhantina e sabão de barba, e sentaram-se saboreando tacinhas de licor de amora silvestre, depois do que Arthur recusou o oferecimento, dizendo aos cavalheiros de Amity Harbor que não acalentava ilusões, preferia redigir artigos e podar suas cercas vivas de amoreiras. As mangas de sua camisa listrada estavam enroladas até os cotovelos, de forma a deixar à mostra os pelos dos antebraços; suas costas formavam uma longa e dura crista de músculos contra a qual seus suspensórios se apoiavam, tesos. Sobre o nariz, um pouco pequeno, repousavam os óculos redondos com armação de aço, suavemente prostéticos e esteticamente discordantes do comprimento rijo de sua mandíbula. A cartilagem do seu nariz era torta ele fora quebrado pelo golpe de um indómito cabo de amarração de toros de madeira, no inverno de 1915. Os homens de Amity Harbor não conseguiram argumentar contra isso, nem contra o decidido queixo e mandíbula erguidos de meu pai. Saíram insatisfeitos.

Uma lealdade inquebrantável a sua profissão e à seus princípios havia tornado Arthur, ao longo dos anos, cada vez mais deliberado no seu discurso e nas suas ações, e cada vez mais exigente com relação à verdade até mesmo na sua reportagem mais informal. Ele era, segundo se recordava seu filho, metuculoso do ponto de vista moral, e embora Ishmael tentasse imitar isso, havia, contudo, aquela questão da guerra a questão do braço que ele perdera e que tornava difícil ser tão escrupuloso assim. Em vez de um trunfo, ele tinha um "toco" escondido

na manga; era uma espécie de piada de humor negro que fazia consigo mesmo, um trocadilho tácito. Não gostava mais de muitas pessoas, nem de muitas coisas. Gostaria de não ser assim, mas era. Seu ceticismo o ceticismo de um veterano era algo que o perturbava o tempo todo. Pareceu-lhe, após a guerra, que o mundo estava completamente mudado. Não era nem algo que pudesse ser explicado a ninguém, por que tudo estava assim maluco. As pessoas lhe pareciam extremamente ridículas. Ele compreendia que eram apenas sacos animados cheios de geleia, tendões e líquidos. Havia visto o interior de pessoas mortas todas arrebatadas. Sabia, por exemplo, qual era o aspecto dos cérebros quando espirravam de dentro da cabeça de alguém. Nesse contexto, grande parte do que acontecia na vida normal parecia inteira e perturbadoramente ridículo. Descobriu que se irritava com pessoas completamente estranhas. Se alguém, em uma de suas aulas, falasse com ele, respondia de maneira tensa, sucinta. Nunca conseguia saber se eles estavam relaxados o suficiente quanto ao seu braço para dizer o que realmente estavam pensando. Sentia a necessidade deles de lhe comunicar simpatia, e isso o irritava ainda mais. O braço já era algo cruel o suficiente sem isso, e ele tinha certeza de que era completamente repugnante. Poderia repelir as pessoas se quisesse, usando nas aulas uma camisa de mangas curtas que mostrasse o tecido cicatrizado do seu tóco. Nunca fez isso, porém. Não queria mesmo repelir as pessoas. De qualquer forma, tinha essa opinião que a maioria das atividades humanas eram totalmente malucas, inclusive a sua, e que sua existência no mundo tornava os outros nervosos. Não podia evitar ter essa perspectiva infeliz, não importava o quanto ele não a quisesse. Era dele, e ele a suportava, entorpecido.

Mais tarde, quando ele não era mais tão jovem e já voltara ao lar na ilha de San Pedro, essa visão de mundo começou a se moderar. Aprendeu a ser cordial com todos uma fachada sofisticada e irrevogavelmente falsa. Acrescente-se ao ceticismo de um homem aleijado na guerra o ceticismo inevitável do envelhecimento e o ceticismo profissional do jornalista. Gradativamente, Ishmael passou a ver-se como um homem de um braço só com uma manga presa ao cotovelo, mais de trinta e solteirão. Não era tão ruim, e ele não andava mais tão irritado como costumava estar em Seattle. No entanto havia ainda aqueles turistas, pensava, enquanto descia a Hill Street em direção às docas. Durante todo o verão eles olhavam sua manga presa com os rostos surpresos e desacostumados que seus concidadãos da ilha já haviam deixado de mostrar. E com seus sorvetes e rostos limpos faziam nascer outra vez no seu íntimo aquela irritação biliosa e indesejada. O estranho era que ele queria gostar de todos. Só não conseguia achar um jeito de fazê-lo.

Sua mãe, de 56 anos, que morava sozinha na velha casa da família na extremidade sul da ilha a casa onde Ishmael morara em criança, lhe havia mostrado quando ele regressara da cidade que esse seu ceticismo, embora compreensível, era, por outro lado, inteiramente inconveniente. Seu pai o possuía antes dele, informou ela, e também nele era inconveniente.

Ele adorava a humanidade do fundo do coração, mas detestava a maioria dos seres humanos contara ela a Ishmael. Você é igual, sabe. Tal pai, tal filho.

Art Moran estava de pé com um dos pés sobre uma estaca, falando com meia dúzia de pescadores, quando Ishmael Chambers chegou naquela tarde nas docas de Amity Harbor. Estavam reunidos em

frente ao pesqueiro de Carl Heine, que estava ancorado entre o Erik J. e o Tordenskold o primeiro, um pesqueiro de proa pertencente a Marty Johansson, o segundo um barco para pesca com galeão. Enquanto Ishmael se dirigia para o grupo, uma brisa do sul soprou e fez as amarras dos barcos rangerem o Advancer, o Providence, o Ocean Mist, o Torvanger todos pesqueiros padrão de redes de emalhar de San Piedro. O Mystery Maid, uma escuna para pesca de linguados e bacalhau, andava apresentando problemas ultimamente e estava em revisão. Sua chapa do casco a estibordo havia sido retirada, o motor desmontado e seu eixo de manivelas e casquilhos jaziam expostos. Sobre o cais do lado da sua proa estava um pilha de conexões para tubos, dois barris de diesel enferrujados, pedaços de vidro quebrado e o volume de uma bateria marítima sobre a qual estavam empilhadas latas de tinta vazias. Via-se o brilho do óleo sobre a água logo abaixo, onde tiras de tapete haviam sido pregadas para servirem de defensas.

Hoje havia muitas gaivotas. Normalmente elas pilhavam em torno da fábrica de salmão enlatado, mas agora estavam pousadas em boias sem mover sequer uma pena, como que feitas de argila, ou flutuavam ao sabor da maré de Amity Harbor, ocasionalmente ascendendo e sobrevoando a área, pegando as correntes de ar com as cabeças a girar. Às vezes pousavam em barcos vazios e lutavam desesperadamente pelos restos encontrados no tombadilho. Os pescadores vez por outra atiravam nelas com chumbinho, mas em sua maioria as gaivotas deslocavam-se livremente pelas docas, cobrindo tudo com suas fezes branco-acinzentadas.

Um tambor de óleo havia sido derrubado diante do Susan Marie, e sobre ele estavam sentados Dale Middleton e Leonard George, vestidos com uniforme de mecânico. Jan Sorensen recostava-se a um Dumpster

para aparas de compensado; Marty Johansson estava em pé com os pés afastados, os antebraços cruzados sobre o peito nu, a camiseta enfiada no cós das calças. Diretamente ao lado do xerife estava William Gjoavaag com um charuto entre os dedos. Abel Martinson havia se encarapitado na amurada da proa do Susan Marie e escutava as conversas dos pescadores com as botas penduradas acima da superfície da água.

Os pescadores de San Pedro naquela época, pelo menos saíam ao crepúsculo para trabalhar no mar. A maior parte deles pescava com redes de emalhar, viajando em águas solitárias, lançando as redes nas correntes preferidas pelos salmões. Suas redes pendiam como cortinas na água escura e o salmão, sem suspeitar de nada, nadava para dentro delas.

Um pescador de salmão passava as horas noturnas em silêncio, balançando sobre o mar e esperando pacientemente. Era importante que sua natureza se adaptasse a isso, senão suas chances de sucesso eram dúbias. Às vezes, os salmões surgiam em águas tão estreitas que os homens tinham de pescá-los uns à vista dos outros, ocasiões em que surgiam discussões. O homem que tivesse sua pesca bloqueada pela rede de outro lançada mais acima na maré poderia abordar o intruso para brandir um arpão para ele, amaldiçoá-lo de cima até embaixo como ladrão de peixes. Ocasionalmente aconteciam discussões no mar, mas era muito mais frequente um homem passar a noite inteira sozinho sem ter nem mesmo com quem discutir. Alguns homens que haviam experimentado essa vida solitária tinham desistido e se reunido às tripulações de barcos de pesca com galeão ou de escunas de linha longa para pesca de linguados. Gradativamente Anacortes, uma cidadezinha do continente, se tornou a pátria dos grandes barcos com tripulações de quatro pessoas ou mais, e a frota de Amity Harbor passou a compor-se



de barcos de pesca de salmão com um só tripulante. Era algo de que San Pedro se orgulhava, o fato de seus homens terem a coragem de pescar sozinhos mesmo em tempo desfavorável. Uma ética, com o tempo, se afirmou nas almas dos ilhéus, a de que a pesca solitária era melhor do que as outras modalidades de pesca, de maneira que os filhos dos pescadores, ao sonharem à noite, sonhavam em navegar em seus barcos solitários e trazerem do mar com suas redes salmões graúdos que outros homens considerassem impressionantes.

Assim, em San Pedro, o pescador autônomo de salmões que trabalhava em silêncio se tornou a imagem coletiva do homem bom. Aqueles que eram gregários demais, que falavam demais e desejavam ardentemente a companhia de outros, suas conversas e risos, não tinham o que a vida exigia. Apenas quando vencida a labuta contra o mar um homem tinha direito a reivindicar seu lugar ao sol.

Os homens de San Pedro aprenderam a ser silenciosos. Ocasionalmente, porém, e com um enorme alívio, comunicavam-se uns com os outros nas docas, ao crepúsculo. Embora cansados e ainda ocupados, conversavam de convés a convés sobre o que havia acontecido durante a noite e sobre coisas que só eles podiam entender. Essa intimidade, o conforto de outras vozes dando crédito a seus mitos particulares, preparavam-nos para se encontrar com as esposas com menos distância do que talvez fizessem se voltassem diretamente para casa depois da pescaria. Em suma, eram homens solitários, produtos da geografia ilhéus que, de vez em quando, percebiam que queriam falar, mas não podiam.

Ishmael Chambers sabia, ao aproximar-se do grupo de homens diante do Susan Marie, que não fazia parte dessa confraria de pescadores, e que, além disso, ganhava a vida com palavras e, portanto,

era um suspeito diante deles. Por outro lado, tinha a vantagem dos verdadeiramente feridos e de qualquer veterano cujos anos de guerra serão sempre um mistério para os não-iniciados. Estas últimas eram coisas que os pescadores de salmão solitários poderiam apreciar e que poderiam mitigar sua desconfiança diante de um burilador de palavras que passava o dia sentado na frente de uma máquina de escrever.

Eles o receberam com um gesto de cabeça e ligeiras alterações nas posturas que o incluíram no círculo.

-Achei que você já saberia a essa altura disse o xerife. Provavelmente já sabe mais do que eu sei.

-É difícil acreditar respondeu Ishmael. William Gjoavaag enfiou o charuto entre os dentes.

-Acontece resmungou. A gente sai para pescar, e acontece.

-Bom, sim disse Marty Johansson. Mas, meu Deus ele balançou a cabeça e oscilou para lá e para cá apoiado nos calcanhares.

O xerife tirou a perna esquerda da estaca, repuxou as calças na altura da coxa e ergueu a direita, depois apoiou o cotovelo no joelho.

-Viram a Susan Marie, por acaso? perguntou Ishmael. -Eu vi disse Art, rapaz.

-Três filhos disse Ishmael. Como ela vai se virar? -Sei lá disse o xerife.

-Ela disse alguma coisa? -Nem uma palavra.

-Bom, o que ela vai dizer? interveio William Gjoavaag. O que ela pode dizer? Meu Deus do céu.

Ishmael compreendeu por essas palavras que Gjoavaag desaprovava o jornalismo. Era um pescador de salmões queimado de

sol, barrigudo, tatuado, com os olhos vítreos de bebedor de gim. Sua esposa o deixara cinco anos antes; William morava no seu barco.

-Desculpe, Gjovaag disse Ishmael.

-Não tenho nada para desculpar respondeu Gjovaag. Foda-se, de algum jeito, Chambers.

Todos riram. Ele não havia dito aquilo por mal. Ishmael Chambers entendeu.

-Sabe o que aconteceu? perguntou ao xerife.

-É exatamente o que eu estou tentando descobrir disse Art Moran. É justamente sobre isso que estamos conversando.

-Art quer saber onde cada um estava pescando explicou Marty Johansson. Ele...

-Não preciso saber onde estavam todos interrompeu o xerife Moran. Só estou tentando imaginar aonde o Carl foi ontem à noite. Onde ele pescou. Quem talvez o tenha visto ou conversado com ele por último. Essas coisas, Marty.

-Eu vi o Carl disse Dale Middleton. A gente saiu junto da baía.

-Está querendo dizer que saiu depois dele disse Marty Johansson. Aposto que você seguiu ele, não foi? Pescadores mais jovens, como Dale Middleton, tendiam a passar um tempo considerável por dia no Café San Piedro ou no Restaurante Amity Harbor desencavando informações. Queriam saber onde os cardumes estavam, como outros homens haviam feito na noite anterior, e onde exatamente o haviam feito. Os experientes e bem-sucedidos, como Carl Heine, geralmente os ignoravam. Por conseguinte, podiam ter certeza de que iam ser seguidos até as zonas de pesca. Se um homem não falasse, era seguido. Em noites

de nevoeiro seus perseguidores tinham de segui-lo de perto e tinham maior probabilidade de perder totalmente sua presa, caso em que recorriam aos rádios, checando com vários compatriotas que invariavelmente descobriam estar checando com eles: vozes desesperadas, umas sintonizando as outras, na esperança de conseguir alguma pista. Os homens mais respeitados, de acordo com as tradições de San Pedro, não perseguiam ninguém e cultivavam o silêncio no rádio. Ocasionalmente, os outros se aproximavam deles em seus barcos, viam quem era e imediatamente seguiam caminho, sabendo que não conseguiriam nem conversa mole nem informações confidenciais sobre os peixes que buscavam. Alguns se abriam, outros não. Carl Heine figurava nesta última categoria.

-Muito bem, eu segui ele disse Dale Middleton. O cara andava trazendo peixe de montão.

-Que horas eram? indagou o xerife.

-Seis e meia, por aí.

-Viu ele depois disso? -Vi. No Ship Channel Bank. Com um monte de outros caras. Procurando prateados.

-Tinha nevoeiro ontem à noite disse Ishmael Chambers. Você deve ter chegado bem perto.

-Não negou Dale. Só vi ele lançando a rede. Antes do nevoeiro. Eram sete e meia, talvez? Oito horas? -Eu vi o Carl também informou Leonard George. Estava com a rede no mar. Lá no banco. No barco.

-A que horas foi isso? perguntou o xerife.

-Cedo disse Leonard. Oito horas.

-Ninguém o viu mais tarde? Depois das oito? -Eu fui pra lá às dez explicou Leonard George. Nada de peixe, nada a fazer. Fui me arrastando para o pontal de Elliot. Velocidade de nevoeiro. Usei a buzina de cerração.

-Eu também disse Dale Middleton. A maioria dos pescadores não demorou a ir embora. Atravessamos e topamos com os peixes do Marty. Ele sorriu, mostrando os dentes. Também tive uma noite boa por lá.

-O Carl foi até Elliot? -Eu não vi o Carl disse Leonard. Mas isso não quer dizer nada. É como eu disse, problemas de nevoeiro.

-Duvido que ele tenha se mexido interveio Marty Johansson. É só um palpite, mas Carl nunca se deslocava muito. Ele se decidia e ficava parado no lugar que escolhia. Pode ser que tenha pescado alguma coisa no canal, também. Mas não vi ele no pontal, não.

-Nem eu disse Dale Middleton.

-Mas viu no canal disse o xerife. Quem mais estava lá? Lembra? - Quem mais? repetiu Dale. Tinha duas dúzias de barcos por lá, tranquilamente. Até mais, mas, meu Deus, quem sabe? -Encrenca disse Leonard George. Um nevoeiro bem espesso. Não dava para se ver nada no mar.

-Que barcos? insistiu Art Moran.

-Bom, muito bem disse Leonard. Vamos ver. Vi o Kasilof, o Islander, o Mogul, o Eclipse... todos no Ship Channel, estou falando...

-O Antarctic disse Dale Middleton. Estava lá.

-O Antarctic, sim confirmou Leonard.

-E pelo rádio? perguntou Art Moran. Escutou mais alguém? Alguém que não estivesse vendo? -Vance Cope disse Leonard. Conhece o

Vance? O Providence? Conversei um pouco com ele.

-Você falou um bocado com ele disse Marty Johansson. Fiquei ouvindo vocês conversarem o caminho inteiro até o pontal. Santo Cristo, Leonard...

-Alguém mais? indagou o xerife.

-O Wolf Chief respondeu Dale. Escutei o Jim Ferry e o Hardwell. O Bergen estava no canal.

-Só isso? -Acho que sim disse Leonard. É.

-O Mogul disse Art. De quem é esse barco? -Moulton informou Marty Johansson. Ele comprou o barco dos Laney na primavera passada.

-E o Islander? De quem é? -É do Miyomoto disse Dale Middleton. Não é isso? O do meio? -O mais velho explicou Ishmael Chambers. Kabuo é o mais velho. O do meio é o Kenji. Ele trabalha na fábrica de salmão enlatado.

-Os otários são todos parecidos uns com os outros disse Dale. Eu nunca consegui distinguir aqueles dois um do outro.

-Japas intrometeu-se William Gjovaag. Arremessou a ponta do charuto na água ao lado do Susan Marie.

-Tá legal, escutem aqui disse Art Moran. Se virem esses caras, como o Hardwell, o Cope ou Moulton ou qualquer um desses, digam-lhes para virem falar comigo. Quero saber se alguém falou com o Carl ontem à noite, algum desses caras, entenderam? Até o último deles.

-Parece cisma sua, xerife disse Gjovaag. Não foi só um acidente? - Claro que sim disse Art Moran. Mas um homem morreu, William. Tenho de redigir um relatório.

-Um cara "pom" disse Jan Sorensen, que falava com um sotaque dinamarquês. "Pom" pescador. Balançou a cabeça.

O xerife baixou a perna que estava apoiada na estaca e, com cuidado, ajeitou a parte da camisa enfiada dentro da calça.

-Abel chamou. Por que não prepara a lancha e me encontra lá no escritório? Vou dar uma volta com o Chambers. Eu e ele temos de debater umas coisas.

Mas só quando deixaram as docas e entraram na Harbor Street, Art Moran parou de jogar conversa fora e foi objetivo com Ishmael.

-Olhe aqui disse. Sei o que você está pensando. Vai redigir uma matéria dizendo que o xerife Moran suspeita de crime e está investigando, estou certo? -Não sei o que dizer respondeu Ishmael Chambers. Não sei nada sobre o caso ainda. Esperava que me desse mais informações.

-Bom, com toda a certeza eu vou dar disse Art Moran. Mas precisa me prometer uma coisa primeiro. Não vai nem aventar a hipótese de investigação, certo? Se quiser citar algo que eu disse sobre o assunto, diga o seguinte: Carl Heine se afogou por acidente, ou coisa assim, invente alguma coisa, mas não fale em investigação. Porque não estou fazendo isso.

-Quer que eu minta? indagou Ishmael Chambers. Vou ter que inventar uma entrevista? -Confidencialmente? Está bem, está havendo uma investigação. Alguns fatos intrincados e estranhos ocorreram... poderiam significar qualquer coisa, a esta altura. Poderia ter sido homicídio doloso, culposo, um acidente... poderia ser qualquer coisa. A verdade é que a gente simplesmente não sabe ainda. Mas se você

estampar isso na primeira página da Revista, para todo mundo ver, nós nunca vamos descobrir.

-E os caras com quem acabou de falar, Art? Sabe o que eles vão fazer? William Gjoavaag vai contar pra todo mundo que puder que você está bisbilhotando à procura de um assassino.

-Isso é diferente insistiu Art Moran. É um boato, não? E por aqui sempre vão existir boatos como esse mesmo que eu não esteja investigando droga nenhuma. Neste caso queremos que o assassino... se houver um, lembre-se... pense que o que está ouvindo é pura intriga. Vamos deixar os boatos trabalharem a nosso favor, confundi-lo. De qualquer maneira, vou ter de fazer interrogatórios. Não tenho muita escolha com relação a isso, tenho? Se as pessoas quiserem adivinhar o que estou querendo, é problema delas. Não posso fazer nada. Mas não quero que saia nada no jornal sobre nenhuma investigação por parte do xerife.

-Parece que você acha que, seja quem for, ele mora bem aqui na ilha. É isso que...

-Olhe aqui interrompeu-o Art Moran. Com relação à Revista de San Piedra, não há "seja quem for", certo? Que isso fique bem claro entre nós.

-Está claro para mim disse Ishmael. Tudo bem, vou dizer que você acha que foi um acidente. Mantenha-me informado sobre o que for surgindo.

-Feito disse Art. Feito. Se eu descobrir alguma coisa, você vai ser o primeiro a saber. Que tal? Já conseguiu o que queria? -Ainda não disse Ishmael. Ainda tenho de escrever essa história. Então, você vai me dar



algumas respostas sobre esse suposto acidente? -Agora você pode falar disse Art Moran. Manda brasa. Pode perguntar.

Após o recesso matinal, Horace Whaley, o médico-legista do condado da ilha, pronunciou tranquilamente o juramento sobre a Bíblia do tribunal e sentou-se no banco das testemunhas, onde agarrou os braços de carvalho da cadeira e piscou para Alvin Hooks por detrás dos óculos de armação de aço. Horace era, por inclinação, um homem reservado, agora beirando os cinquenta, com uma grande mancha cor de vinho do lado esquerdo da testa, que com frequência tateava inconscientemente. Na aparência era asseado e meticuloso, semelhante a uma cegonha e esbelto embora não tão magro quanto Art Moran e prendia as calças engomadas bem alto na cintura fina, os cabelos alisados da direita para a esquerda com brilhantina. Os olhos de Horace Whaley eram saltados sua tiróide era superativa e também nadavam por trás das lentes dos óculos. Algo atenuada, uma precaução nervosa se manifestava em todos os seus movimentos.

Horace havia servido como oficial médico durante vinte meses no Pacífico e naquele período sofrera de insónia e de uma doença tropical generalizada e crônica que o tornara, a seu ver, incapacitado. Os feridos sob seus cuidados haviam morrido, enquanto, aturdido pela insónia, Horace cuidava deles. Na sua cabeça esses homens e suas sangrentas feridas se mesclavam em um sonho recorrente.

Horace estava à sua escrivaninha despachando na manhã de 16 de setembro. Na noite anterior, uma mulher de 96 anos havia morrido na Casa de Repouso de San Piedro, e outra de 81 havia falecido enquanto cortava lenha, tendo sido encontrada espichada sobre o cepo, com um cabrito a lhe afocinhar o rosto, por uma criança que entregava maçãs em um carrinho de mão. Assim sendo, Horace estava preenchendo as

lacunas de duas certidões de óbito, e em três vias, quando o telefone tocou ao seu lado. Ele encostou o fone no ouvido, irritado; desde a guerra ele não conseguia fazer muitas coisas ao mesmo tempo e, no momento, mais ocupado do que gostaria, não estava disposto a falar com ninguém.

Foi sob tais circunstâncias que ele soube da morte de Carl Heine, um homem que sobrevivera ao naufrágio do Canton e que, como o próprio Horace, sobrevivera a Okinawa só para morrer, aparentemente, em um acidente no seu pesqueiro.

O corpo, em uma maca de lona, com os pés calçados com botas ultrapassando a borda, havia sido trazido por Art Moran e Abel Martinson vinte minutos depois, o xerife suando ao peso da carga, o substituto dele com os lábios apertados, fazendo careta, e colocado na mesa de exames de Horace Whaley de barriga para cima. Estava envolto como que numa mortalha por dois cobertores brancos de lã do tipo destinado aos marinheiros e dos quais havia uma grande abundância nove anos depois da guerra, de forma que cada pesqueiro da ilha de San Pedro parecia ter meia dúzia ou mais. Horace Whaley retirou um dos cobertores e, tateando a marca de nascença no lado esquerdo da testa, espreitou Carl Heine. Viu que a mandíbula estava caída, e a enorme boca era como que uma goela paralisada, dentro da qual a língua do cadáver havia desaparecido. Havia muitos vasos sanguíneos rompidos nos globos oculares do defunto.

Horace tornou a cobrir Carl Heine e voltou-se para Art Moran, que imediatamente ficou de pé a seu lado.

-Que tristeza! disse. Onde o encontraram? -Na baía de White Sand informou Art.

Art contou ao magistrado sobre o barco à deriva, o silêncio e as luzes acesas a bordo do Susan Marie, e como haviam puxado o morto com a sua própria rede. Como Abel fora buscar sua picape e a maca no posto dos bombeiros e como os dois juntos, diante de uma pequena multidão de pescadores que assistiam e faziam perguntas, o colocaram na maca e o trouxeram.

-Vou avisar a esposa dele acrescentou Art. Não quero que ninguém lhe conte antes de mim. Volto logo, Horace. Num instante. Mas primeiro tenho de falar com a Susan Marie.

Abel Martinson ficou na extremidade da mesa de exames, esforçando-se, segundo observou Horace, para se acostumar com a ideia de conversar na presença de um homem morto. O bico da bota direita de Carl Heine saía de sob os cobertores bem na frente dele.

-Abel disse Art Moran. Talvez seja melhor você ficar aqui com o Horace. Dê-lhe uma mãozinha, se ele precisar.

O subxerife assentiu. Colocou o chapéu que segurava ao lado de uma bandeja de instrumentos.

-Ótimo disse. Está bem.

-Bom disse o xerife. Volto logo. Dentro de uma hora, no máximo.

Depois que ele saiu, Horace espiou de novo o rosto de Carl Heine deixando o jovem substituto de Art esperando em silêncio depois lavou os óculos na pia.

-Já sei o que pode fazer falou, afinal, fechando a torneira. Atravesse o corredor e sente-se lá no meu escritório, certo? Há algumas revistas lá e um rádio, uma garrafa térmica com café, se quiser. E se eu precisar virar esse corpo e tiver de chamar você, eu o chamo. Está bem assim, sub-xerife? -Certo concordou Abel Martinson. O senhor me

chama. Ele pegou o chapéu e levou-o. Maldito rapazinho, pensou Horace.

Depois secou os óculos com armação de aço com uma toalha e como era meticoloso, vestiu o avental de cirurgia. Calçou as luvas, retirou a mortalha de cobertores de Carl Heine e aí, metodicamente, utilizando tesouras em ângulo, cortou o macacão de borracha, jogando os pedaços em um recipiente de lona para lixo. Quando retirou todo o macacão, ele cortou a camiseta e as calças de trabalho de Carl, a roupa de baixo, tirou-lhe as botas e meias, de dentro das quais saiu água do mar. Colocou todas as roupas dentro de uma pia.

Havia uma caixa de fósforos, a maior parte deles usados, em um bolso, e um pequeno rolo de fio de algodão enfiado em outro. Uma bainha de faca estava amarrada a um dos passadores da calça, mas não havia faca nela. A bainha fora aberta e deixada assim.

No bolso esquerdo da frente havia um relógio que havia parado à 1:47. Horace colocou-o em um envelope pardo.

O corpo apesar das duas horas que passara sendo transportado da baía de White Sand para a doca a leste do terminal de barcas e dali na caçamba da picape de Abel Martinson até First Hill, e pelo beco atrás do tribunal (onde ficavam o necrotério e o consultório do legista, além de um conjunto de portas duplas que davam para o porão do tribunal) ainda não havia se descongelado, segundo notou Horace. Estava rosado, da cor da carne de salmão, e os olhos haviam se voltado para o interior do crânio. Também era espetacular e excessivamente potente, vigoroso, dotado de músculos saltados, peito largo, quadríceps pronunciados, e Horace Whaley não pôde deixar de observar que era um extraordinário espécime de masculinidade, com 1,88m e pesando 117 kg, barbado,

louro e tão sólido quanto uma estátua, como se as partes fossem feitas de granito embora, também houvesse algo de desajeitado, deselegante e bruto no alinhamento dos braços e ombros. Horace sentiu uma inveja familiar mordê-lo, e mesmo assim observou a circunferência e o peso da genitália de Carl Heine. O pescador não havia sido circuncidado, e seus testículos eram tesos e desprovidos de pelos. Na água gélida haviam se encolhido para junto do corpo, e seu pênis, pelo menos duas vezes maior que o de Horace, mesmo congelado, repousava grosso e róseo sobre a perna esquerda.

O legista do condado da ilha tossiu duas vezes, secamente, e circundou a mesa de exames. Começou, conscientemente, pois seria necessário, a pensar em Carl Heine, um homem que conhecia, como o falecido, não como Carl Heine. O pé direito do falecido havia ficado preso atrás do esquerdo, e Horace procurou retirá-lo dessa posição. Foi necessário puxar com uma força suficiente para romper ligamentos na virilha do falecido, e foi isso que Horace Whaley fez.

O trabalho do legista é fazer certas coisas que a maioria das pessoas jamais sonharia em fazer. Horace Whaley era geralmente um médico de família, um dos três de San Piedro. Trabalhava com os pescadores, seus filhos, suas esposas. Seus colegas de profissão não queriam examinar mortos, e assim, lhe coubera este ofício, como que à revelia. Portanto, ele havia tido estas experiências; havia visto coisas que a maioria dos homens não consegue olhar. No inverno anterior, vira o corpo de um pescador de caranguejos retirado da baía de West Port Jensen, depois de passar dois meses inteiros imerso. A pele do homem lembrava sabão, antes de qualquer outra coisa; parecia envolto nela, uma espécie de âmbar pardo. Em Tarawa, ele vira os corpos de homens que haviam morrido com o rosto imerso na água rasa. As marés mornas

havam-nos submerso dias a fio, e a pele havia se soltado dos seus membros. Ele se lembrava de um soldado em particular, de cujas mãos a pele havia se soltado como luvas transparentes; até as unhas tinham ido. Não havia placa de identificação, mas Horace tinha sido capaz de conseguir excelentes impressões digitais e identificá-lo, mesmo assim.

Sabia um pouco sobre afogamentos. Tinha visto um pescador em 1949, cujo rosto havia sido devorado pelos caranguejos e lagostas. Eles haviam se alimentado das partes mais macias pálpebras, lábios, uma parte das orelhas, de forma que nessas áreas o rosto estava de um verde intenso. Ele vira isso na guerra do Pacífico também, junto com outros homens que haviam morrido em poças formadas pela maré vazante, impressionantemente intatos abaixo da linha-d'água, mas inteiramente comidos até os ossos por biriguis em todas as partes expostas ao ar. E havia visto um homem meio múmia, meio esqueleto, flutuando nas águas do mar da China, comido por baixo, enquanto suas costas, tostadas pelo sol, gradativamente iam ficando marrons e coriáceas. Após o naufrágio do Canton, havia partes de homens flutuando quilômetros ao redor que até mesmo os tubarões haviam rejeitado. A Marinha não havia se dado o trabalho de recolher estes restos; havia sobreviventes a serem atendidos.

Carl Heine era o quarto pescador de salmões falecido que Horácio havia examinado em cinco anos. Dois outros haviam morrido em uma tempestade de outono e apareceram nos pântanos da ilha de Lanheedron. O terceiro, recordava-se Horace, era um caso interessante o verão de 1950, quatro anos antes. Um pescador chamado Vilderling Alec Vilderling. Sua esposa era datilografa de Klaus Hartmann, que vendia imóveis em Amity Harbor. Vilderling e seu sócio haviam lançado a rede e, sob a lua de verão, dividiram, abrigados na cabine do barco pesqueiro

de proa, uma garrafa de rum porto-riquenho. Aí Vilderling, ao que parece, resolveu esvaziar a bexiga na água salgada. Com as calças arriadas, ele caíra e, para o horror de seu colega, debateu-se uma ou duas vezes antes de desaparecer de vez sob o mar enluarado. Ao que parece, Vilderling não sabia nadar.

Seu colega, um rapaz de dezenove anos chamado Kenny Lynden, atirou-se no mar para salvá-lo. Vilderling, preso na rede, lutou enquanto o rapaz tentava libertá-lo. Embora bêbado, Kenny Lynden de alguma forma conseguiu soltar Vilderling com um canivete e puxá-lo para a superfície. Mas foi tudo o que pôde fazer. Vilderling já estava sem vida.

O interessante, segundo recordava Horace, era que no sentido puramente técnico Alec Vilderling não havia se afogado. Havia inalado uma grande quantidade de água do mar, mas seus pulmões estavam inteiramente secos. Horace, a princípio, havia conjeturado, em suas anotações, que a laringe do falecido se fechara por causa de um espasmo para evitar que o líquido atingisse as passagens de ar mais profundas. Mas isso não poderia explicar a clara distensão dos pulmões, que devia ter sido causada pela pressão do mar, e assim ele revisou sua hipótese inicial e, no relatório final, explicou que a água do mar engolida por Alec Vilderling havia sido absorvida pela corrente sanguínea enquanto ele ainda estava vivo. Neste caso, a causa oficial da morte, segundo ele, foi anóxia falta de oxigênio no cérebro, bem como uma alteração aguda da composição do sangue.

Antes de mais nada, entre suas atuais considerações, enquanto ele refletia sobre o corpo nu de Carl Heine, tinha de determinar a causa precisa da morte de Carl ou seja, como o defunto havia se transformado em defunto, pois pensar naquela montanha de carne diante dele como Carl, lembrava Horace a si mesmo, tornaria difícil fazer o que ele devia



fazer. Na semana anterior mesmo, o falecido, em botas de borracha e camiseta limpa, talvez a mesma que ele agora cortara em pedaços com uma tesoura cirúrgica havia levado o filho mais velho, um garoto de seis anos, ao consultório de Horace em Amity Harbor e mostrado um corte no pé dele, produzido pela longarina de metal de um carrinho de mão virado. Carl havia segurado o garoto firmemente na mesa enquanto Horace aplicava as suturas. Ao contrário de outros pais encarregados de tal tarefa, ele não deu nenhuma instrução ao filho. Não permitiu que o garoto se movesse, e o menino só gritou quando o primeiro ponto foi dado, e daí em diante prendeu a respiração. Quando terminou, Carl ergueu-o da mesa e segurou-o como quem segura um bebê. Horace tinha dito que o pé devia ficar alto e foi buscar um par de muletas. Depois, como de hábito, Carl pagou pelo serviço em dinheiro vivo, tirando notas novas da carteira. Não agradecia profusamente, e havia nele aquele silêncio, aquele barbado, rude e gigantesco silêncio, aquela relutância em aceitar os protocolos da vida da ilha. Um homem do seu tamanho, pensou Horace, precisa considerar seu dever não insinuar nenhuma ameaça ou risco que faça os vizinhos desconfiarem dele. Mesmo assim, Carl não se esforçava para mitigar a desconfiança natural que um homem comum sente por um sujeito musculoso. Em vez disso, vivia de forma deliberada, sem perder tempo nem fazer gestos que mostrassem aos outros que era inofensivo. Horace lembrou-se de tê-lo visto um dia abrindo a navalha com um movimento do pulso, depois fechando-a contra o flanco da perna, abrindo-a e fechando-a vezes seguidas, mas se esse era um hábito ou ameaça, um tique nervoso ou uma demonstração de perícia, Horace Whaley não sabia dizer. O homem parecia não ter amigos. Não havia ninguém que pudesse insultá-lo por gracejo ou levar um papo furado com ele, embora, por outro lado, ele

tratasse educadamente quase todos. E, além do mais, os outros homens o admiravam porque ele era vigoroso e bom no trabalho, porque no mar era inteiramente competente e até elegante, à sua maneira rude; porém, essa admiração era manchada pela desconfiança que tinham em relação ao seu tamanho e jeito sorumbático.

Não, Carl Heine não era amigável, mas também não era mau sujeito. Antes da guerra, havia jogado no time de futebol como outros colegiais; tivera muitos amigos, havia usado um blusão com um monograma da escola, por se distinguir no atletismo, falava quando não havia motivo para falar, só para se divertir. Tinha sido assim, e aí a guerra começou a guerra da qual o próprio Horace havia participado. E como explicar? O que ele poderia dizer aos outros? Nada mais de falar à toa, nada de abrir a boca só por abrir, e se os outros interpretavam esse silêncio como algo tenebroso, muito bem, as coisas haviam sido tenebrosas, não? Tenebrosa, a guerra habitava em Carl Heine, como no próprio Horace.

Porém o defunto. Ele precisava pensar em Carl como um defunto, um saco cheio de entranhas, um fardo composto de partes, não como o homem que recentemente lhe havia trazido o filho; de outra maneira não conseguiria realizar sua tarefa.

Horace Whaley colocou a parte de baixo da mão direita contra, o plexo solar do morto. Colocou a mão esquerda sobre ela e começou a bombear como se tentasse ressuscitar uma vítima de afogamento. Ao fazê-lo, uma espuma, como creme de barbear, embora salpicada de sangue rosado dos pulmões, cresceu como um cogumelo na boca e no nariz do defunto.

Horace parou e inspecionou isso. Inclinou-se sobre o rosto do morto, esquadrinhando a espuma de perto. As mãos enluvadas ainda estavam limpas, nada haviam tocado, exceto a pele enregelada do peito do morto, e assim ele tirou do lado da bandeja dos instrumentos um bloco e um lápis, e anotou a cor e textura dessa espuma extrudada, abundante o suficiente para cobrir o queixo barbado e o bigode do cadáver quase que por completo. Horace sabia que ela resultava do ar, muco e água salgada, tudo misturado pela respiração, o que significava que o defunto submergira ainda vivo. Não havia morrido antes, porém jogado ao mar. Carl Heine afundara na água ainda respirando.

Mas teria sido anóxia, como Alec Vilderling, ou asfixia por sufocação e saturação de água? Como a maioria das pessoas, Horace sentiu necessidade de não apenas saber, mas de imaginar claramente o que havia acontecido; além do mais, era sua obrigação visualizar claramente isso, de forma que no registro oficial de óbitos do condado da ilha a verdade, por mais dolorosa que fosse, ficasse registrada para sempre. A luta obscura de Carl Heine, seu esforço para prender a respiração, o volume de água que preencheria o vácuo de suas entranhas, sua profunda inconsciência e últimos estertores, seus últimos arquejos, nas garras da morte, quando o último resquício de ar saiu de dentro dele, seu coração parou e o cérebro cessou de pensar em tudo estavam todos registrados, ou não registrados na lousa de carne que jazia sobre a mesa de exames de Horace Whaley. Era seu dever descobrir a verdade.

Por um momento, Horace ficou parado, com as mãos entrelaçadas sobre a barriga, silenciosamente debatendo os méritos de abrir o peito do homem morto para observar as evidências no coração e nos

pulmões. Foi nessa posição que ele notou como deixara de observar aquilo? a ferida no crânio acima da orelha esquerda do morto.

Diabos me levem disse, em voz alta.

Com uma navalha ele raspou os cabelos até os contornos da ferida aparecerem nitidamente. O osso havia sido fraturado e afundado consideravelmente em uma área com cerca de dez centímetros. A pele havia se rompido, e da laceração do couro cabeludo saía um fino cordão de massa cerebral cor-de-rosa. Fosse qual fosse a causa daquela ferida um objeto estreito e chato com cerca de cinco centímetros de largura, havia deixado sua marca por trás da cabeça do falecido. Era precisamente o tipo de impressão letal que Horace tinha visto pelo menos vinte vezes na guerra do Pacífico, resultante de combate corpo a corpo, mão a mão, produzida por uma coronha de uma poderosa coronhada. O soldado de infantaria japonês, treinado na arte do kendo, ou luta com varas, era excepcionalmente proficiente em matar dessa forma. E a maioria dos japas, segundo Horace se lembrava, dava golpes mortais acima do ouvido esquerdo, vibrados a partir da direita.

Horace inseriu uma lâmina em um dos seus escalpelos e enfiou-o na cabeça do morto. Empurrou a lâmina até o osso e guiou-a através do cabelo, descrevendo um arco pelo alto do crânio do defunto, literalmente de orelha a orelha. Era uma incisão habilidosa e firme, como desenhar uma linha curva com um lápis de um lado a outro do cocuruto, uma curva fluida e graciosa. Dessa forma, pôde descascar a pele do rosto do morto como se fosse a pele de uma toranja ou laranja e virar a testa dele do avesso para que pousasse sobre o nariz.

Horace puxou também a pele da parte de trás da cabeça, depois colocou o escalpelo na pia, lavou as luvas, enxugou-as e pegou um

serrote no armário de instrumentos.

Pôs-se a serrar o crânio no alto da cabeça do cadáver. Após vinte minutos, foi necessário virar o corpo, e com relutância Horace atravessou o saguão para chamar Abel Martinson, que estava sentado numa cadeira, sem nada fazer, com as pernas cruzadas, o chapéu no colo.

-Preciso de uma mãozinha pediu o legista.

O subxerife se ergueu e colocou o chapéu na cabeça.

-Claro disse. Terei prazer em ajudá-lo.

-Não vai ter prazer nenhum disse Horace. Fiz uma incisão de lado a lado no alto da cabeça dele. O crânio está exposto. Não é nada bonito.

-Tudo bem disse o substituto. Obrigado por me avisar. Eles entraram e, sem falar nada, viraram o corpo, Abel Martins o empurrando de um lado, o legista puxando do outro, e aí, com a cabeça pendurada sobre a pia, Abel Martinson vomitou. Estava secando a boca com a ponta do lenço quando Art Moran atravessou a porta.

-Como está indo? perguntou o xerife.

Abel, em resposta, apontou para o cadáver de Carl Heine.

-Vomitei de novo disse.

Art Moran olhou o rosto de Carl Heine virado do avesso, a pele dele descascada como uma uva, uma espuma sangrenta que parecia creme de barbear esparramada pelo queixo. Depois virou-se para não olhar mais.

-Eu também disse Abel Martinson. Não tenho estômago para aguentar essas coisas.

-Não o estou recriminando. Meu Deus do céu, meu Deus. Mas ficou de pé ali, assistindo, de qualquer maneira, enquanto Horace, em trajes cirúrgicos, trabalhava metodicamente com o serrote. Assistiu enquanto Horace removia o alto do crânio e o colocava ao lado do ombro do morto.

-Esta membrana se chama dura mater Horace apontou com o escalpelo. Essa membrana aqui? Logo sob o crânio? Essa bem aqui é a dura mater.

Ele pegou a cabeça do morto entre as mãos e, com algum esforço os ligamentos do pescoço estavam extremamente rígidos torceu-a para a esquerda.

-Venha cá, Art disse.

O xerife parecia consciente da necessidade de obedecê-lo, mas, no entanto, não se mexeu. Certamente, pensou Horace, havia aprendido em seu trabalho que existiam momentos desagradáveis acerca dos quais não tinha escolha. Diante deles era melhor mover-se rapidamente sem reservas, como o próprio Horace fazia, por uma questão de princípio. Mas o xerife era um homem de ansiedades herdadas. Não estava realmente nele aproximar-se para ver o que havia sob o rosto de Carl Heine.

Horace Whaley sabia disso: que o xerife não queria ver o que havia dentro da cabeça de Carl Heine. Horace já tinha visto Art desse jeito antes, mascando seu Juicy Fruit e fazendo careta, esfregando os lábios com a ponta do polegar e estreitando os olhos enquanto refletia.

-Só vai levar um minuto apressou-o Horace. Uma olhada rápida, Art. Para você ver o que estamos enfrentando. Eu não chamaria você se não fosse importante.

Horace explicou a Art Moran que o sangue havia se coagulado na dura mater e na lesão através da qual passava o cérebro.

-Ele recebeu uma pancada com algum objeto chato, Art. Isso me lembra uma espécie de ferimento por coronha de pistola que vi algumas vezes na guerra. Um desse golpes de kendo que os japoneses costumavam dar.

-Kendo? indagou Art Moran.

-Luta com varas explicou Horace. Os japoneses são treinados nisso desde crianças. Como matar com varas.

-Horrível disse o xerife. Meu Jesus.

-Olhe para o outro lado avisou Horace. Vou cortar a dura mater agora. Quero que você veja mais uma coisa.

O xerife virou de costas deliberadamente.

-Você está pálido disse a Abel Martinson. Por que não vai sentar-se? -Estou bem respondeu Abel. Ficou de pé olhando a pia com o lenço na mão e se apoiou com força contra a bancada.

Horace mostrou ao xerife três fragmentos do crânio do morto que se haviam alojado no tecido do cérebro.

-Foi isso que o matou? perguntou Art.

-É difícil dizer respondeu Horace Whaley. Pode ser que ele tenha levado uma pancada na cabeça, caiu no mar e se afogou. Ou talvez ele tenha batido a cabeça depois de ter se afogado. Ou enquanto estava se afogando. Não tenho certeza.

-Pode descobrir? -Talvez.

-Quando? -Tenho de abrir o peito dele, Art. Dar uma olhada no coração e nos pulmões. E talvez nem mesmo assim consiga descobrir

indícios suficientes.

-O peito dele? -Isso mesmo.

-Quais são as possibilidades? indagou o xerife.

-Possibilidades? disse Horace Whaley. Todos os tipos de possibilidades, Art. Qualquer coisa poderia ter acontecido, e todos os tipos de coisas realmente acontecem. Quero dizer, talvez ele tenha sofrido um infarto, que o fez cair do barco. Talvez uma apoplexia, talvez álcool. Mas só o que eu quero saber agora é: será que ele foi primeiro golpeado na cabeça, depois caiu? Porque essa espuma me diz apontou ele, com o escalpelo que Carl caiu no mar ainda respirando. Estava respirando quando entrou na água. Nesse momento, portanto, meu palpite é que ele se afogou, Art. A ferida na cabeça contribuiu muito para isso. Talvez tenha batido com a cabeça numa guia de cabo, talvez. Estava lançando a rede e se descuidou um pouco... prendeu a fivela na rede e caiu. Estou inclinado a colocar tudo isso no meu relatório agora mesmo. Mas ainda não tenho certeza. Talvez quando eu vir o coração e os pulmões dele tudo mude de figura.

Art Moran ficou de pé esfregando o lábio e piscou com força para Horace Whaley.

-Essa pancada na cabeça disse ele. Essa pancada na cabeça é estranha, entende? Horace Whaley assentiu, concordando.

-Poderia ser disse.

-Não seria possível que ele tivesse sido agredido? indagou o xerife. Não há uma possibilidade? -Quer bancar o Sherlock Holmes? perguntou Horace. Vai bancar o detetive? -Não é bem isso. Mas o Sherlock Holmes não está aqui, está? E essa ferida na cabeça do Carl, sim.

-É verdade disse Horace. Você entendeu bem isso.



Em seguida e depois ele se lembraria disso, durante o julgamento de Kabuo Miyomoto, Horace Whaley se recordaria de ter pronunciado essas palavras (embora não ousasse repeti-las no banco das testemunhas) havia dito a Art Moran que se ele estava propenso a bancar o Sherlock Holmes devia começar a procurar um japa com uma coronha de arma ensanguentada um japa destro, para ser exato.

Horace Whaley coçou o sinal de nascença na testa e observou a neve cair além das janelas do tribunal. Agora a nevada estava mais forte, muito mais intensa, trazida pelo vento em rajadas, embora se pudesse escutar o vento exercer pressão nas traves do sótão do tribunal. Meus canos, pensou Horace. Vão congelar.

Nels Gudmundsson ergueu-se uma segunda vez, endireitou os suspensórios e percebeu com seu olho são que o juiz Lew Fielding parecia meio adormecido e estava pesadamente apoiado na palma de sua mão esquerda, como havia estado durante todo o depoimento de Horace. Estava escutando, Nels sabia; aquela aparência cansada ocultava uma mente ativa. O juiz gostava de ruminar as coisas sonolentemente.

Nels, da melhor forma que podia tinha artrite nos quadris e joelhos, dirigiu-se ao banco das testemunhas.

-Horace disse ele. Bom dia.

-'Dia, Nels respondeu o legista.

-Você já nos contou coisa à beça assinalou Nels Gudmundsson. Relatou ao tribunal em detalhes sua autópsia do falecido, contou sobre sua excelente formação como médico examinador, e daí por diante, como lhe pediram para fazer. E eu fiquei escutando você, Horace, como todos os outros aqui. E, bom, estou preocupado com umas coisas. Ele parou e apertou o queixo entre os dedos.

-Prossiga insistiu Horace Whaley.

-Bom, por exemplo, essa espuma disse Nels. Não tenho certeza de que entendi isso, Horace.

-A espuma? -Você testemunhou que aplicou pressão no peito do falecido e logo depois uma espuma peculiar apareceu na sua boca e narinas.

-Correto aprovou Horace. Eu diria que isso acontece em geral com as vítimas de afogamento. Pode não acontecer imediatamente após serem retiradas da água, mas quase imediatamente quando alguém começar a despi-las ou tentar ressuscitá-las, ela aparece, em geral com muita abundância.

-O que causaria isso? indagou Nels.

-A pressão a impele para cima. Ela resulta de uma reação química nos pulmões quando a água se mistura com o ar e o muco.

-Água, ar e muco disse Nels. Mas o que faz com que se misturem, Horace? Essa reação química de que fala... o que é? -É causada pela respiração. Acontece na presença da respiração. Ela...

-Foi aí que eu me confundi interrompeu Nels. Antes, quero dizer. Na hora do seu depoimento. Você disse que essa espuma só pode surgir quando há água, muco e ar misturados pela respiração de uma pessoa? -Isso mesmo.

-Mas uma pessoa afogada não respira disse Nels. E como essa espuma... Percebe por que fiquei confuso.

-Oh, é claro disse Horace. Creio que posso esclarecer isso. Ela se forma, essa espuma, nos primeiros estágios do afogamento. A vítima submersa começa a lutar. Por fim, começa a engolir água, entende, e nesse processo o ar dos pulmões dela é forçado a sair sob pressão... e isso origina a espuma da qual falei. A reação química ocorre na hora em que a vítima de afogamento está parando de respirar. Ou dando os últimos suspiros.

-Entendo disse Nels. Então, essa espuma lhe diz que Carl Heine realmente se afogou, não? -Bem...

-Diz, por exemplo, que não foi assassinado antes, por exemplo, no tombadilho do barco, depois jogado no mar? Por que se tivesse sido isso, não haveria espuma, haveria? Será que entendi bem essa tal reação química? Ela só pode acontecer se a vítima estiver respirando na hora da submersão? Foi isso que disse, Horace? -Sim disse Horace. Ela mostra isso. Mas...

-Desculpe-me disse Nels. Espere aí um instante. Ele foi até onde a Sra. Eleanor Dokes estava estenografando, toda empertigada. Passou penosamente por ela e fez um gesto com a cabeça para o beleguim, Ed Soames, depois pegou um documento da mesa de provas e voltou para o banco das testemunhas. Muito bem, Horace disse, a seguir. Estou lhe devolvendo a primeira peça que identificou antes, no exame direto, como seu relatório de autópsia, o qual, conforme testemunhou minuciosamente, reflete suas descobertas e conclusões. Queira, por favor, pegá-la e ler o parágrafo quatro da página quatro, por favor, que aguardaremos.

Enquanto Horace lia, Nels voltou à mesa do réu e bebericou um copo de água. A garganta havia começado a incomodá-lo; sua voz estava rouca e esganiçada.

-Pronto disse Horace. Terminei.

-Ótimo disse Nels. Estou correto ao dizer, Horace, que o parágrafo quatro da página quatro do seu relatório de autópsia identifica afogamento como causa da morte de Carl Heine? -Sim, está.

-Portanto, sua conclusão foi que ele se afogou? -Sim.

-Foi inequívoca? Houve alguma dúvida? -Sim, naturalmente há dúvidas. Sempre há. Você não...

-Espere um minuto, Horace disse Nels. Você quer dizer que seu relatório é impreciso? É isso que está tentando nos dizer? -O relatório é preciso declarou Horace Whaley. Eu...

-Pode ler para o tribunal a última frase do parágrafo quatro, página quatro, do relatório de autópsia que tem diante de você? disse Nels Gudmundsson. O parágrafo que leu em silêncio apenas um momento atrás? Por favor, prossiga, leia logo.

-Está bem respondeu Horace. Diz textualmente, abre aspas: "A presença de espuma nas vias aéreas e em torno dos lábios e nariz indica sem dúvida que a vítima estava viva no momento da submersão." Fecha aspas.

-Sem dúvida que ele estava vivo no momento da submersão? É isso que diz aí, Horace? -Sim, é.

-Sem dúvida disse Nels Gudmundsson, e voltou-se para os jurados. Obrigado, Horace. Isso é importante. É ótimo. Mas há mais uma coisa que eu gostaria de lhe perguntar agora. Uma coisa que vi nesse relatório.

-Certo disse Horace, tirando os óculos e mordendo uma haste. Vamos, faça a pergunta.

-Bom, página dois, agora disse Nels. No alto? No segundo parágrafo, creio eu? Ele foi até a mesa do acusado e folheou sua cópia. Segundo parágrafo disse ele. Sim, é isso. Se pudesse ler para o tribunal, por favor? Só a primeira linha já basta, Horace.

-Abre aspas respondeu Horace Whaley, tenso. "Observa-se uma laceração secundária da mão direita, de origem recente, que se estende

lateralmente da dobra entre o polegar e o indicador até a parte externa do pulso. "Um corte disse Nels. É isso? Carl Heine cortou a mão? -Sim.

-Faz ideia de como foi isso? -Nenhuma ideia, mas poderia especular.

-Não será necessário disse Nels. Mas esse corte, Horace. Disse no seu relatório que é de "origem recente". Alguma ideia de quando foi esse "recente"? -Muito, muito recente, diria eu.

-Muito disse Nels. Quanto é "muito"? -Muito recente repetiu Horace. Eu diria que cortou a mão na noite em que morreu, e na hora ou duas anteriores a sua morte. Muito recente, certo? -Uma hora ou duas? disse Nels. Duas horas é possível? -Sim.

-E três? Ou quatro, Horace? E vinte e quatro? -Vinte e quatro está fora de questão. O ferimento era recente, Nels. Quatro horas, talvez, no máximo. Não mais do que quatro, de jeito nenhum.

-Tudo bem disse Nels. Então ele cortou a mão. Não mais do que quatro horas antes de se afogar.

-Perfeito confirmou Horace Whaley.

Nels Gudmundsson começou a puxar outra vez as pregas de pele do pescoço.

-Só mais uma coisa, Horace disse ele. Tenho de lhe perguntar sobre mais uma coisa que me confundiu durante seu depoimento. Essa ferida na cabeça do cadáver, que mencionou.

-Sim disse Horace Whaley. A ferida. Certo.

-Pode nos contar outra vez como ela era? -Sim repetiu Horace. Era uma lesão de cerca de sete centímetros de comprimento ligeiramente acima da orelha esquerda. O osso tinha se fraturado numa área de cerca

de dez centímetros. Também havia um pouquinho de massa encefálica aparecendo pela lesão. Era evidente, da impressão deixada no crânio, que algo estreito e chato havia causado esse ferimento. Isso é tudo, Nels.

-Um objeto estreito e chato causou a lesão repetiu Nels. Foi o que disse Horace? Ou será uma inferência? -Meu trabalho é inferir insistiu Horace Whaley. Olhe, se um vigia noturno for agredido na cabeça com um pé-de-cabra durante um assalto, as feridas que vai ver na cabeça dele parecerão com feridas produzidas por pés-de-cabra. Se fossem feitas por um martelo de bola, também se pode ver isso... um martelo de bola produz uma lesão em forma de crescente, um pé-de-cabra deixa, bom, feridas lineares com extremidades em vê. Quando se é atingido por uma coronha de arma, é uma coisa: se alguém te acertar com uma garrafa, é outra. Se você cair de uma motocicleta a 80km por hora e bater com a cabeça no cascalho, o cascalho imediatamente produzirá abrasões padronizadas que não se parecem com mais nenhuma outra coisa. Portanto, sim, infiro da ferida do cadáver que algo estreito e chato causou o ferimento. Inferir... é este o papel do legista.

-O motociclista é um exemplo interessante assinalou Nels Gudmundsson. Está dizendo que não é necessário receber nenhum golpe para produzir uma dessas feridas denunciadoras? Que se a vítima for impulsionada contra um objeto... digamos, que seja, cascalho... sua própria inércia poderá produzir a lesão observada? -Talvez disse Horace Whaley. Não sabemos.

-Portanto, no caso em questão disse Nels Gudmundsson, poderia a lesão em questão, a lesão no crânio de Carl Heine, da qual falou, poderia ter sido o resultado ou de um golpe na cabeça ou da propulsão da vítima contra algum objeto? As duas hipóteses são possíveis, Horace?

-Não há como distinguir um caso do outro argumentou Horace. Só que seja o que for que entrou em contato com sua cabeça... estivesse o objeto se movendo na direção dele ou ele contra o objeto... era chato, estreito e duro o suficiente para fraturar-lhe o crânio.

-Algo chato, estreito e duro o suficiente para fraturar-lhe o crânio. Como a amurada de um barco, Horace? Será isso possível? -Possível, é. Se ele estivesse se movendo rápido o suficiente na direção dela. Mas não vejo como isso poderia ter acontecido.

-Que tal um carretel de recolher rede? Ou uma dessas guias de cabos na popa de um pescueiro de salmões? Também são chatos e estreitos? -Sim. Ou seja, chatos o suficiente. Elas...

-Poderia ele ter batido com a cabeça nelas? Há pelo menos uma possibilidade? -Claro que há uma possibilidade concordou Horace. Qualquer...

-Deixe-me perguntar-lhe uma outra coisa mais disse Nels. Existe alguma forma pela qual um legista possa determinar se uma lesão como essa ocorreu antes ou depois da morte? Quero dizer... voltando a um exemplo anterior seu... não poderia eu envenenar o vigia noturno, vê-lo morrer, depois bater na cabeça do cadáver dele com um pé-de-cabra e deixar nele exatamente o tipo de lesão que seria se o tivesse morto pelo último método? -Está falando da lesão de Carl Heine? -Estou. Quero saber se você sabe alguma coisa. Ele levou a pancada e depois morreu? Ou seria possível que a ferida na cabeça tivesse ocorrido depois da morte? Que a ferida tivesse sido produzida nele... ou, digamos, no seu cadáver... depois de Carl Heine se afogar? Talvez, digamos, quando ele estava sendo içado na rede pelo xerife Moran e o subxerife Martinson? Horace Whaley pensou no assunto. Tirou os óculos; massageou a testa.



Depois recolocou as hastes dos óculos por trás dos lóbulos das orelhas e cruzou os braços sobre o peito.

-Não sei disse ele. Não posso responder isso, Nels.

-Não sabe se a ferida na cabeça antecedeu a morte ou não? É o que está dizendo, Horace? -É isso mesmo que eu estou dizendo.

-Mas a causa da morte... sem sombra de dúvida... foi afogamento. Certo? Estou correto? -Está.

-Não foi uma lesão na cabeça, então, que matou Carl Heine? -Não. Mas...

Não tenho mais perguntas disse Nels Gudmundsson. Obrigado, Horace. Isso é tudo.

Art Moran, de seu lugar na galeria, sentiu uma satisfação peculiar vendo Horace Whaley sofrer. Lembrou-se do insulto: Sherlock Holmes. Lembrou-se de ter saído do escritório de Horace, hesitando antes de subir a Mill Run Road antes de levar a notícia à viúva.

Ele havia se recostado contra o para-lamas da picape de Abel Martinson, inspecionando a mão que arranhara naquela manhã contra um balaústre no barco de pesca de Carl Heine. Depois sondou os bolsos à procura de um tablete de Juicy Fruit primeiro os da camisa, depois, vagamente irritado, das calças. Restavam dois; eleja havia mascado oito. Enfiou um na boca, guardou o outro, depois sentou-se ao volante da picape de Abel. Seu carro estava estacionado na cidade próximo das docas; ele o havia deixado ali mais cedo naquela mesma manhã quando havia ido ao ancoradouro embarcar na lancha. Sentia-se um idiota dirigindo a picape de Abel porque o rapaz, francamente, havia gasto tempo demais com ela. Era um Dodge com a suspensão levantada, pintado de cor vinho em Anacortes, todo decorado com listras finas e

com extensões de descarga decorativas uma sobre a outra logo atrás da reluzente cabine uma picape de garotão, em suma. Bem o tipo de picape que se via em cidades do continente como Everett ou Bellingham, o tipo que os garotos dirigiam depois de jogos de futebol nas noites de sábado, bem tarde. Art tinha de imaginar que em seus anos de colegial Abel Martinson havia sido moderadamente irrequieto, que entre aquela época e agora ele havia mudado, e que essa picape era o último vestígio de seu antigo ser: assim, ele relutava em deixá-la. Mas iria, predizia Art, e em breve. Era como as coisas se desenrolavam.

Enquanto dirigia ao encontro de Susan Marie Heine, Art pensava confusamente em suas palavras, fazendo uma revisão e planejando seu comportamento, que deveria, resolveu, ter uma arquitetura vagamente militar com certos toques decorativos náuticos relatar a morte de um homem no mar a sua viúva era uma tarefa desempenhada gravemente mas com estoicismo trágico por séculos a fio, pensou. Desculpe-me, Sra. Heine. Sinto anunciar que seu marido, Carl Gunther Heine, morreu ontem à noite em um acidente no mar. Comunico-lhe as condolências de toda a comunidade e...

Mas isso não serviria. Ela não era uma desconhecida para ele; não podia tratá-la como uma estranha. Afinal de contas, via-a na igreja todo domingo depois dos cultos servindo chá e café no salão de recepções. Ela sempre se vestia impecavelmente para desempenhar seus deveres de anfitriã, com um chapeuzinho redondo sem abas, costume de tweed e luvas de cor bege: ele tinha prazer em ser servido de café pela mão firme dela. Ela prendia o cabelo louro sob o chapéu e usava um colar de pérolas artificiais de duas voltas em torno do pescoço, um pescoço que fazia Art lembrar-se de alabastro. Em suma, ela era, aos 28 anos, atraente de uma forma que o perturbava. Ao servir o café, chamava-o

de "xerife Moran", e depois apontava para o bolo e as balas de hortelã com seu dedo indicador enluvado, como se ele não os houvesse percebido. Aí lhe dirigia um lindo sorriso e recolocava o bule de café na bandeja enquanto ele se servia de açúcar.

A perspectiva de anunciar a ela a morte de Carl era mais do que apenas perturbadora, e enquanto dirigia Art lutava por encontrar as palavras adequadas, a fórmula das frases que o fizesse desincumbir-se sem muita atrapalhão da mensagem que levava àquela mulher. Mas lhe parecia que não havia nenhum meio.

Logo antes da casa dos Heine, na Mill Run Road, havia um recuo onde, em agosto, o xerife havia colhido amoras silvestres. Parou ali impulsivamente, porque não estava pronto para fazer o que era necessário, e deixando o motor do Dodge de Abel ligado, em ponto morto, meteu o último tablete de Juicy Fruit entre os dentes e olhou para a residência dos Heine, logo adiante.

Era exatamente o tipo de casa que Carl construiria, pensou ele rústica, prática, respeitável de uma maneira rude, sem afrontar de forma alguma o mundo, embora, ao mesmo tempo, não convidasse ninguém. Situava-se a cinquenta metros da rua, com canteiros bem organizados de alfafa, morangos, framboesas e hortaliças. Carl havia desbravado a terra sozinho com uma rapidez e perfeição características havia vendido a lenha para os irmãos Thorsen, incinerado os tocos e lançado os alicerces da casa, tudo no prazo de um único inverno. Em abril, já havia framboesas, um celeiro-depósito de madeira, e no verão Carl era visto levantando paredes e ligando com argamassa tijolos vitrificados. Ele queria ou assim se comentava na igreja construir um bangalô sofisticado do tipo que o pai dele havia construído anos antes na fazenda da família em Island Center. Queria pés de fogo, segundo alguém dissera,

uma lareira e nichos enormes, e parapeitos de janela embutidos e lambris nas paredes, uma base de varanda em alicates e muretas de pedra ao longo do caminho de entrada. Mas, logo, à medida que trabalhava, descobriu que era objetivo demais para tudo aquilo era um construtor, e exigente, mas não um artista, como sua mulher dissera, os lambris, por exemplo, foram deixados de lado, e ele não construíra o tipo de chaminé de seixo de rio que se elevava de maneira proeminente na casa do seu pai (agora pertencente a Bjorn Andreason), preferindo os tijolos vitrificados. Acabou ficando com uma casa rústica e sólida, cuidadosamente arrematada com cavacos de cedro, testemunho de sua natureza de construtor exigente.

Art Moran, com o pé no freio, mascando o chiclete e afligindo-se em silêncio, contemplou primeiro os jardins, depois a varanda da frente, com as pilastras que se afunilavam, e, afinal, os enormes consolos no telhado de duas águas. Observou o par de janelas de água-furtada cobertas que, apesar do intuito original de assimetria, haviam sido construídas formalmente, uma ao lado da outra. E balançou a cabeça, recordando-se de ter estado no interior desta casa, com seus caibros de telhado expostos nos quartos do andar de cima e a mobília grande de Susan Marie no térreo ele havia comparecido, no mês de outubro passado, a uma festa de outono da igreja local mas sabia que não entraria dessa vez. Soube disso de repente. Ficaria na varanda para dar a notícia com o chapéu apoiado sobre uma coxa, e depois sairia sem nem mesmo haver entrado. Compreendeu que isso não estava certo, mas, por outro lado, o que mais ele poderia fazer? Era difícil demais, não estava nele. Ligaria para Eleanor Dokes, na delegacia, depois de terminar, e ela alertaria a irmã mais velha de Susan Marie, e a irmã viria logo para cá. Mas, e ele? Não conseguia imaginar nenhuma maneira de

ajudar. Não tinha jeito de acompanhá-la nisso. Ele pediria a esta viúva para compreender que havia assuntos que precisava resolver... assuntos profissionais urgentes... daria o recado, ofereceria condolências e depois, como alguém que conhece o seu lugar, simplesmente deixaria Susan Marie Heine sozinha.

Prosseguiu e dobrou na entrada de carros da casa de Susan Marie com a picape de Abel ainda no ponto morto. Daqui, olhando para leste, do outro lado das fileiras de arbustos de framboesas, o mar estava visível além das copas dos cedros caídas ao longo da colina. Era um lindo dia de setembro, do tipo que raramente se via, céu limpo, quente como junho onde não havia sombra, a luz do sol faiscando entre as ondas de crista espumosa ao longe, de forma que Art Moran entendeu o que não havia entendido antes: que Carl havia construído aqui não só pelo sol que a área recebia, mas pela ampla vista para o norte e oeste. Enquanto cultivava framboesas e morangos, ele sempre vigiava a água salgada.

Art estacionou atrás do Bel-Air dos Heine e desligou o motor. Assim que o fez, os filhos de Carl apareceram de trás da casa, correndo um garoto de três ou quatro anos, calculou Art, seguido de outro de cerca de seis, que mancava. Eles ficaram de pé ao lado de um arbusto de rododendro, olhando-o fixamente, de calções, sem camisa e descalços.

Art tirou uma embalagem do bolso da camisa e cuspiu o chiclete dentro dela. Não queria dizer o que tinha a dizer com Juicy Fruit na boca.

-Ei, garotos disse, animadamente pela janela do carro. Sua mãe está em casa? Os dois não disseram palavra. Em vez disso, ficaram

olhando-o. Um pastor-alemão veio rondando de trás da casa, e o garoto mais velho pegou-o pela coleira e conteve-o.

-Pare disse ele, mas nada mais.

Art Moran abriu a porta, depois tirou o chapéu do assento e colocou na parte de trás da cabeça.

-Polícia disse o garotinho menor, e foi para o lado do irmão.

-Não é um policial explicou o mais velho. É o xerife, ou alguém parecido.

-Certo respondeu Art. Sou o xerife Moran, garotos. Sua mãe está por aí o mais velho empurrou o caçula.

-Vai chamar a mamãe disse.

Eles se pareciam com o pai. iam ser grandes como o pai, podia ver isso. Meninos alemães bronzeados, de membros compridos.

-Continuem brincando disse a eles. Vou bater na porta. Vão brincar. Sorriu para o menorzinho.

Mas eles não foram. Ficaram observando do pé de rododendro enquanto ele subia os degraus da varanda com o chapéu na mão e batia com os nós dos dedos na porta da frente, que se abriu, mostrando a sala de estar de Carl. Art olhou para dentro, à espera. As paredes haviam sido revestidas com tábuas de pinho envernizadas cujos nós brilhavam, luminosos; as cortinas de Susan Marie eram de um amarelo claro e suave, atadas com laços bem-feitos, franzidas, com sanefa e sobrepostas. Os círculos concêntricos de um tapete de lã trançada escondiam a maior parte das tábuas do assoalho. Em um canto distante assomava um piano de armário; em outro, via-se uma escrivaninha com tampo de correr. Havia um par de cadeiras de balanço de carvalho

idênticas, com almofadas bordadas, duas mesas de canto também idênticas em noqueira, anexas a um sofá desgastado, e uma espreguiçadeira de pelúcia ao lado de uma luminária dourada de pé em latão. A cadeira estava próxima da lareira descomunal que Carl construía, dentro da qual se viam altos e canelados cães de lareira. O xerife ficou impressionado pela ordem da sala, sua luz brônzea, silenciosa e viscosa, e pelas fotos, na parede, dos diversos Heine e variados Varig que haviam precedido Carl e Susan Marie no mundo: alemães intrépidos, impressionantes, de feições rústicas, que nunca sorriam para os fotógrafos.

Era uma bela sala de estar, limpa e silenciosa. Ele a atribuiu a Susan Marie, assim como havia atribuído a Carl a chaminé e as janelas da água-furtada, e enquanto estava ali de pé, admirando o toque dela em tudo, ela surgiu no alto das escadas.

-Xerife Moran chamou ela. Alô.

Ele soube, então, que ela ainda não sabia de nada. Cobia-lhe contar. Mas ele ainda não estava preparado não conseguia obrigar-se a fazê-lo e assim ficou ali parado, de chapéu na mão, esfregando os lábios com a ponta do polegar e espreitando enquanto ela descia as escadas.

-Alô disse ele. Sra. Heine.

-Eu estava cuidando do bebê respondeu ela.

Era uma mulher totalmente diferente daquela da igreja a sedutora esposa do pescador que servia chá e café. Agora estava com uma saia sem graça, descalça, sem maquiagem. Trazia uma fralda pendurada no ombro esquerdo, manchada de catarro, e os cabelos não haviam sido lavados recentemente. Na mão, tinha uma mamadeira.

-O que posso fazer pelo senhor, xerife? perguntou ela. O Carl não chegou ainda.

-É por isso que estou aqui respondeu Art. Infelizmente tenho... uma notícia ruim para lhe dar. O pior tipo de notícia, Sra. Heine.

Ela, a princípio, pareceu não entender. Olhou para ele como se tivesse falado chinês. Depois puxou a fralda do ombro e sorriu, e era dever dele lhe esclarecer esse mistério.

-O Carl faleceu anunciou Art Moran. Ontem à noite, num acidente, enquanto pescava. Encontramos o corpo dele esta manhã, preso à rede do barco, na baía de White Sand.

-Carl? disse Susan Marie Heine. Não pode ser.

-Mas é. Sei que não pode ser. Não gostaria que fosse. Creia-me, gostaria que não fosse verdade. Mas é. Vim aqui para lhe comunicar isso.

A reação dela foi estranha. Não havia como prevê-la. Subitamente ela se afastou dele, piscando, sentou-se pesadamente no último degrau da escada, e colocou a mamadeira no chão, ao lado dos artelhos. Enterrou os cotovelos no colo e começou a balançar com a fralda entre as mãos, amarrotando-a entre os dedos.

-Sabia que isso ia acontecer um dia sussurrou. Depois parou de balançar e olhou a esmo para a sala de estar.

-Sinto muito disse Art. Eu vou... Vou ligar para sua irmã, creio, e pedir que venha. A senhora está bem, Sra. Heine? Porém, não houve resposta, e Art só pôde repetir que sentia muito e passar por ela na direção do telefone.



No fundo da sala do juiz Lew Fielding sentavam-se 24 ilhéus de descendência japonesa, vestidos com as roupas que reservavam para ocasiões formais. Nenhuma lei os obrigava a sentar-se nas últimas filas de cadeiras. Haviam-no feito, ao contrário, porque San Pedro exigia isso deles sem chamar isso de lei.

Seus pais e avós tinham vindo para San Pedro em 1883. Naquele ano dois deles Japan Joe e Charles Jose moravam em uma meia-água perto de Cattle Point. Trinta e nove japoneses trabalharam na serraria de Port Jefferson, mas o recenseador esqueceu de fazer uma lista deles pelo nome, dizendo, em vez disso, Japa número 1, Japa número 2, Japa número 3, Japan Charlie, Velho Japa Sam, Japa Risonho, Japa Nanico, Pilha, Botas e Baixinho nomes deste tipo, em vez de nomes de verdade.

Na virada do século mais de trezentos japoneses já haviam chegado a San Pedro, a maioria marinheiros de escuna que desembarcaram clandestinamente no ancoradouro de Port Jefferson para permanecer nos Estados Unidos. Muitos nadaram para a praia sem nenhum dinheiro americano e vaguearam pelas trilhas da ilha comendo amoras e cogumelos matsutake até encontrarem o caminho da "Cidade dos Japas": três balneários, duas barbearias, duas igrejas (uma budista, outra uma missão batista), um hotel, uma mercearia, um campo de beisebol, uma sorveteria, uma loja de tofu e cinquenta casas sem pintura e desleixadas, todas dando para estradas enlameadas. Em uma semana, os fugitivos já estavam empregados na serraria empilhando madeira, varrendo serragem, rebocando pranchas, lubrificando máquinas tudo por onze centavos a hora.

Os livros da empresa, preservados nos arquivos históricos do condado da ilha, registram que, em 1907, dezoito japoneses foram feridos ou aleijados na serraria de Port Jefferson. O Japa número 107,

segundo indicam os livros, perdeu a mão numa serra em 12 de março e recebeu uma indenização de US\$7,80. O Japa número 57 deslocou a parte direita do quadril em 29 de maio quando uma pilha de tábuas desabou.

Em 1921 a serraria fechou: todas as árvores da ilha haviam sido serradas, de forma que San Pedro lembrava um deserto careca coberto de tocos. Os donos da serraria venderam as ações e saíram da ilha. Os japoneses plantaram campos de morangos, pois os morangos cresciam bem no clima de San Pedro, com um capital inicial pequeno. Tudo que se precisava, segundo se dizia, era uma casa, um arado e um bando de filhos.

Alguns japoneses não tardaram a arrendar pequenas glebas de terra e começaram negócios por conta própria. A maioria, porém, era de fazendeiros contratados ou meeiros que trabalhavam em campos pertencentes a hajukin. Segundo a lei, eles não podiam ser donos de terras a menos que se tornassem cidadãos; a lei também dizia que eles não podiam ser cidadãos, porque eram japoneses.

Guardavam o dinheiro em potes de conservas, depois escreviam para seus pais no Japão, pedindo para lhes mandarem esposas. Alguns mentiam e diziam que haviam ficado ricos, ou enviavam fotos com aparência mais jovem; de qualquer maneira, as esposas cruzavam o oceano. Moravam em cabanas de tabuinhas de cedro iluminadas por lamparinas a óleo e dormiam em camas de palha. O vento passava pelas fendas das paredes. Às cinco da manhã o noivo e a noiva estavam ambos nos campos de morangos. No outono, agachados entre as fileiras, colhiam as ervas daninhas ou aplicavam fertilizantes tirados de baldes. Esparziam iscas para as lesmas e gorgulhos em abril. Podavam os estolhos de um ano primeiro, depois as plantas de dois ou três anos.

Tiravam ervas daninhas e verificavam se havia fungos e cigarrinhas e retiravam o bolor que crescia depois das chuvas.

Em junho, quando amadureciam as frutinhas, eles levavam os carrinhos de mão para os campos e começavam a colher. Os índios canadenses vinham todo ano reunir-se a eles no trabalho para o hajukin.

Os índios dormiam nas bordas dos campos ou em velhos galinheiros ou cocheiras. Alguns trabalhavam na fábrica de conservas de morangos. Ficavam por lá dois meses, toda a estação das framboesas, depois iam embora.

Mas, no mínimo um mês inteiro cada verão havia morangos sem fim para colher. Uma hora depois do raiar do sol as primeiras caixas já estavam empilhadas e o capataz, um homem branco, ficava de pé, rabiscando números romanos em um livro preto ao lado de cada colheiteiro. Escolhia as frutas em caixotes de cedro, enquanto gente da empresa embaladora as colocava em caminhões de carroceria aberta. Os colheiteiros continuavam enchendo caixas, agachados nas fileiras numeradas.

Quando a colheita terminava, no início de julho, eles ganhavam um dia de folga para o Festival dos Morangos. Uma jovem era eleita a Princesa dos Morangos; o hajukin preparava salmões na brasa; o Corpo Voluntário de Bombeiros jogava softball contra o time do Centro Comunitário Japonês. O Clube dos Horticultores expunha cestas de morangos e fúcias, e a câmara de comércio distribuía prêmios num concurso de carros alegóricos. No pavilhão de bailes, em West Port Jensen, acendiam-se os lampiões noturnos; de Seattle vinham turistas nos vapores de excursão, para dançar a polca sueca, o Rhinelander, o

xote e a hambone. Todos participavam: fazendeiros de feno, escriturários, comerciantes, pescadores, pescadores de caranguejos, carpinteiros, madeireiros, fabricantes de redes, motoristas de caminhão, comerciantes de quinquilharias, especuladores imobiliários, poetas de aluguel, ministros, advogados, marinheiros, posseiros, moleiros, devastadores de cedros, condutores de animais, encanadores, apanhadores de cogumelos e podadores de azevinhos. Faziam piquenique em Burchillville e Sylvan Grove, escutavam a banda da escola tocar marchas lentas com tubas e esparramavam-se sob as árvores, bebendo vinho do porto.

Parte bacanal, parte pajelança, parte resquício das ceias da Nova Inglaterra, o evento inteiro girava em torno da coroação da Princesa dos Morangos sempre uma virgem japonesa vestida de cetim e cuidadosamente empoadada com pó-de-arroz, numa cerimônia estranhamente solene diante do Palácio da Justiça do condado da ilha ao pôr-do-sol da noite inaugural. Cercada por uma meia-lua formada de cestas de morangos, ela recebia a coroa, com a cabeça baixa, do prefeito de Amity Harbor, que trazia pendente do ombro até a cintura uma faixa vermelha e levava um cetro decorado. No silêncio que se fazia após este gesto, ele anunciava solenemente que a Secretaria da Agricultura segundo a carta por ele recebida havia eleito aquela bela ilha como a Melhor Produtora de Morangos da América, ou que o rei Jorge e a rainha Elizabeth, em uma recente visita à cidade de Vancouver, haviam comido os Melhores Morangos de San Piedro no desjejum. Seguia-se uma ovação, enquanto ele permanecia ali de pé, com o cetro erguido, a mão livre pousada no ombro bem torneado da jovem. A moça, segundo se evidenciava, era uma intermediária inconsciente entre duas

comunidades, um sacrifício humano que permitia que as festividades continuassem sem nenhuma má vontade manifesta.

No dia seguinte, tradicionalmente ao meio-dia, os japoneses começavam a colher framboesas.

Assim corria a vida em San Pedro. No dia do ataque a Pearl Harbor, havia 843 pessoas de descendência japonesa morando ali, incluindo doze alunos da Escola Secundária de Amity Harbor, que não se formaram naquela primavera. No início da manhã de 29 de março de 1942, quinze caminhões de transporte do Departamento de Deslocamentos de Guerra dos Estados Unidos retiraram todos os nipo-americanos de San Pedro e levaram-nos para o terminal de barcas de Amity Harbor.

Eles embarcaram num navio sob os olhares de seus vizinhos brancos, pessoas que haviam levantado cedo para ficar ali no frio vendo os japoneses serem exorcizados do seu seio amigos, alguns deles, mas principalmente curiosos e pescadores que assistiam dos tombadilhos de seus barcos em Amity Harbor. Os pescadores achavam, como a maioria dos ilhéus, que esse exílio dos japoneses era a melhor coisa a fazer, e recostavam-se nas cabines de seus pesqueiros de popa e de proa com a convicção de que os japoneses deviam ir embora por motivos perfeitamente razoáveis: estavam em guerra e isso mudava tudo.

Durante o recesso matinal, a esposa do acusado tinha vindo sozinha até a fileira de cadeiras atrás da mesa do réu e pedido permissão para falar com o marido.

Vai ter de fazer isso dali de trás disse Abel Martinson. O Sr. Miyomoto pode virar-se e olhar para a senhora, mas só isso, entende? Não posso deixá-lo ficar circulando por aí.

Uma vez a cada tarde, durante 77 dias, Hatsue Miyomoto havia aparecido no presídio do condado da ilha para fazer uma visita às três horas ao marido. A princípio, vinha sozinha e falava com ele através de um vidro, mas depois ele lhe pediu para trazer os filhos. Dali por diante ela os trouxe duas meninas, de oito e quatro anos, que a seguiam, e um menino de onze meses que ela trazia no colo. Kabuo estava preso na manhã em que o filho começou a andar, mas na tarde em que ela o trouxe, ele deu quatro passos diante do pai que o olhava pela vidraça da sala de visitas. Depois ela o levantou até o vidro e Kabuo falou com ele pelo microfone.

-Você pode ir mais longe do que eu! dissera ele. Dê uns passinhos por mim, tá bem? Agora, na sala do tribunal, ele se voltava para Hatsue.

-Como vão as crianças? -Elas precisam do pai respondeu ela.

-Nels está cuidando disso informou Kabuo.

-Nels vai se afastar disse Nels. O subxerife Martinson deveria fazer o mesmo. Por que não fica onde pode observar, Abel? Mas dê a esses dois um pouco de privacidade.

-Não posso disse Abel. Art me mataria.

-O Art não vai te matar disse Nels. Você sabe muito bem que a Sra. Miyomoto não vai dar ao Sr. Miyomoto nenhum tipo de arma. Afaste-se um pouco. Deixe eles conversarem.

-Não posso justificou-se Abel. Sinto muito.

Mas ele andou de lado uns sessenta centímetros e fingiu não estar ouvindo. Nels desculpou-se.

-Onde eles estão? indagou Kabuo.

-Estão na casa da sua mãe. A Sra. Nakao está lá. Todos estão ajudando.

-Você está bonita. Estou com saudades.

-Estou péssima respondeu Hatsue. E você parece um dos soldados de Tojo. É melhor parar de ficar sentado aí rígido e desafiante. Esse pessoal do júri vai acabar ficando com medo de você.

Ele fixou o olhar diretamente no dela, e ela pôde ver que ele estava pensando naquilo.

-É bom estar fora daquela cela disse ele. É ótimo estar fora de lá.

Hatsue, então, sentiu vontade de tocá-lo. Quis esticar-se e colocar a mão no seu pescoço ou tatear-lhe o rosto com os dedos. Era a primeira vez em 77 dias que eles não estavam separados por uma vidraça. Durante 77 dias ela só havia escutado a voz dele através do filtro de um microfone. Durante esse tempo, ela nem uma vez se sentiu sossegada, e havia parado de ter sonhos para o futuro. À noite, trazia as crianças para a sua cama, depois esforçava-se em vão para conciliar o sono. Tinha irmãs, primas e tias que a visitavam pela manhã e a chamavam para o almoço. Ela ia porque estava sozinha e precisava escutar o som de outras vozes. As mulheres faziam sanduíches, bolos e chá e tagarelavam na cozinha enquanto as crianças brincavam, e assim passou o outono, a vida dela detida, à espera.

Às vezes, às tardes, Hatsue adormecia num sofá. Enquanto dormia, essas outras mulheres cuidavam de seus filhos, e ela não deixava de lhes agradecer por isso; mas antes jamais teria feito isso, adormecer, cair no sono no meio de uma visita enquanto os filhos corriam para lá e para cá imprudentemente.

Ela era uma mulher de 31 anos, ainda graciosa. Tinha o andar firme de um camponês descalço, uma cintura fina, seios pequenos. Costumava usar calças caqui, um pulôver cinza de algodão e sandálias. Era seu hábito no verão trabalhar catando morangos para ganhar algum dinheiro extra. Suas mãos ficavam manchadas na estação da colheita, com suco das frutinhas. Nos campos, usava um chapéu de palha enterrado na cabeça, algo que não havia feito com frequência na juventude, de forma que agora, em torno dos seus olhos, havia rugas. Hatsue era alta 1,70m, mas, no entanto, era capaz de agachar-se bem rente ao chão entre as fileiras de morangos durante um bom tempo, sem sentir dores.

Recentemente, havia começado a usar rímel e batom. Não era vaidosa, mas entendia que estava perdendo o viço. Não se sentia mal com isso, já que estava com 31 anos, pois isso lhe havia acontecido lentamente ao longo dos anos, uma compreensão cada vez mais profunda, de que havia na vida mais do que a beleza extraordinária pela qual todos sempre a admiraram. Na juventude, ela havia sido tão perfeitamente bela que essa beleza se havia tornado propriedade pública. Ela fora coroada princesa do Festival dos Morangos de 1941. Quando tinha treze anos, sua mãe a vestiu com um quimono de seda e a mandou procurar a Sra. Shigemura, que ensinava as mocinhas a dançarem odori e servir chá impecavelmente. Sentada diante de um espelho com a Sra. Shigemura por trás, ela havia aprendido que seu cabelo era utsukushii e que cortá-lo seria uma espécie de heresia. Era um rio de ôrux iridescente descreveu-o a Sra. Shigemura em japonês, o aspecto relevante de seu ser físico, tão proeminente e extraordinário quanto seria a calvície em outra menina da mesma idade. Ela teve de aprender que havia muitas formas de arrumá-lo que podia prendê-lo



com alfinetes ou fazer com ele uma grossa trança caída sobre um dos seios, ou fazer um complicado coque na nuca, ou prendê-lo para trás de forma a deixar em evidência suas faces amplas e macias. A Sra. Shigemura pegava o cabelo de Hatsue e pesava-o nas palmas das mãos, dizendo que sua consistência lembrava-lhe a do mercúrio e que Hatsue devia aprender a tocar os cabelos com afeto, como um instrumento musical de cordas ou uma flauta. Depois penteava-o às costas de Hatsue até que ele se abrisse como um leque e brilhasse em sublimes ondas negras.

A Sra. Shigemura, nas tardes de quarta-feira, ensinava a Hatsue a intrincada cerimônia do chá, bem como caligrafia e pintura de quadros. Ela lhe mostrava como arrumar flores num vaso e como, para ocasiões especiais, passar pó-de-arroz no rosto. Insistia que Hatsue não podia ficar dando risadinhas, e nunca devia olhar diretamente para um homem. Para manter a pele da menina imaculada Hatsue, segundo dizia a Sra. Shigemura, tinha uma pele macia como sorvete de baunilha, ela devia tratar de evitar a luz solar. A Sra. Shigemura ensinou a Hatsue como cantar com serenidade e como sentar-se, andar e ficar de pé graciosamente. Foi essa última lição que ficou da Sra. Shigemura; Hatsue ainda se movimentava com uma perfeição que começava nos calcanhares e percorria todo o seu corpo até o alto da cabeça. Era uniforme e graciosa.

Sua vida sempre havia sido cansativa trabalho no campo, campo de concentração, mais trabalho no campo além do trabalho doméstico mas durante este período sob a tutela da Sra. Shigemura ela havia aprendido a acalmar-se diante de tudo aquilo. Em parte era uma questão de postura e respiração, mas ainda mais de alma. A Sra. Shigemura a ensinou a buscar a união com a Vida Maior e a imaginar-se

uma folha de uma grande árvore; a perspectiva de morte no outono, dizia ela, era irrelevante diante de seu alegre reconhecimento de sua participação na vida da árvore. Na América, dizia ela, havia o medo da morte; aqui a vida era separada do Ser. Uma japonesa, por outro lado, devia ver que a vida envolve a morte, e quando ela sentir a verdade que há nisso, irá obter tranqüilidade.

A Sra. Shigemura ensinou Hatsue a sentar-se imóvel e anunciou que ela não teria amadurecido adequadamente enquanto não aprendesse a fazer isso durante longos períodos. A vida na América, segundo ela, ia tornar isso difícil, porque aqui havia tensão e infelicidade. A princípio Hatsue, que só tinha treze anos, não conseguia ficar sentada quieta nem mesmo trinta segundos. Mais tarde, depois de aprender a acalmar o corpo, descobriu que era a mente que não conseguia acalmar-se. Porém, gradativamente, essa rebelião dela contra a tranqüilidade aquietou-se. A Sra. Shigemura gostou e disse que a turbulência do seu ego estava a caminho de ser superada. Disse a Hatsue que sua tranqüilidade lhe faria bem. Ia experimentar harmonia em seu ser, em meio às mudanças e desassossego que a vida inevitavelmente traz.

Mas Hatsue temia, ao voltar da casa da Sra. Shigemura, pela trilha dos bosques, que, apesar do seu treinamento, ela não estivesse se acalmando. Ela se distraía e às vezes se sentava sob as árvores, procurava sapatos-de-vênus ou lírios brancos para colher, e refletia sobre sua atração pelo mundo das ilusões seu anseio de aproveitar a vida e se divertir, de ter roupas, maquiagem, dançar, ir ao cinema. Parecia-lhe que, externamente, ela havia conseguido enganar a Sra. Shigemura, mas em seu íntimo sabia que sua aspiração pela felicidade terrena era assustadoramente irresistível. Contudo, a necessidade de

ocultar essa vida interior era grande, e na época em que ela entrou no colegial, era especialista em demonstrar fisicamente uma tranqüilidade que na verdade não havia nela. Dessa maneira, ela desenvolveu uma vida secreta que a perturbava e da qual procurava se livrar.

A Sra. Shigemura era aberta e franca com Hatsue sobre assuntos de natureza sexual. Com toda a seriedade de uma adivinha, ela previu que homens brancos desejariam Hatsue e procurariam destruir sua virgindade. Ela declarou que os homens brancos levavam nos corações um desejo secreto por jovens japonesas puras. Olhe só as revistas e filmes deles, dizia a Sra. Shigemura. Quimonos, saque, paredes cobertas de papel de arroz, gueixas coquetes e recatadas. Os homens brancos tinham suas fantasias de um Japão apaixonado garotas com pele acetinada e pernas longas e esbeltas, descalças no calor molhado dos arrozais, e isso distorcia seus impulsos sexuais. Eles eram egomaniacos perigosos profundamente convencidos de que as mulheres japonesas os adoravam por causa de sua pele pálida e por sua coragem e ambição. Afaste-se dos homens brancos, avisava a Sra. Shigemura, e case-se com um rapaz da sua raça, de coração forte e bom.

Os pais de Hatsue tinham-na enviado à Sra. Shigemura com o propósito de a menina não esquecer que era, antes de mais nada, uma japonesa. Seu pai, fazendeiro de morangos, viera do Japão, do meio de um povo que já fabricava cerâmica há tanto tempo quanto qualquer pessoa de sua cidade podia se lembrar. A mãe de Hatsue, Fujiko filha de uma família modesta perto de Kure, lojistas trabalhadores e vendedores de arroz no atacado, viera para a América como noiva por correspondência de Hisao, a bordo do Korea Maru. O casamento foi arranjado por um baishakunin que disse aos Shibayama que o noivo em potencial havia enriquecido no novo país. Mas os Shibayama possuíam

uma casa respeitável, e lhes parecia que Fujiko, a filha em questão, poderia fazer melhor escolha do que um assalariado na América. Aí o baishakunin, cuja função era encontrar noivas, lhes mostrou cinco hectares de terra virgem de montanha, os quais, segundo ele, o noivo em potencial pretendia comprar ao retornar da América. Havia ali pessegueiros e caquizeiros, e cedros altos e esguios, além de uma linda casa nova com três jardins de pedra. E, afinal, ele argumentou, Fujiko queria ir. Era jovem, tinha dezenove anos, e queria ver alguma coisa do mundo além do mar antes de se acomodar na sua vida de casada.

Mas ela enjoou durante a viagem inteira, prostrada, com o estômago revirado, e vomitando. E, uma vez no novo país, chegando a Seattle, ela descobriu que se casara com um pobretão. Os dedos de Hisao estavam calejados e cheios de bolhas do sol, e suas roupas exalavam um forte cheiro de suor do trabalho do campo. Descobriu-se que nada tinha além de alguns dólares e moedas, pelo que ele se desculpou com Fujiko. A princípio, moraram em uma pensão de Beacon Hill, cujas paredes estavam cobertas de gravuras de revistas e onde os brancos nas ruas os tratavam com um desdém humilhante. Fujiko foi trabalhar em um restaurante à beira-mar. Ela também suava sob as roupas e cortou as mãos e os nós dos dedos trabalhando para os hajukin.

Hatsue nasceu, a primeira de cinco filhas, e a família se mudou para uma pensão da Jackson Street. Pertencia à gente de Tochigiken, que, surpreendentemente, haviam conseguido se dar bem na vida: as mulheres usavam quimonos de crepe de seda e chinelos escarlate de sola de cortiça. Jackson Street, porém, cheirava a peixe podre, repo-lhos e rabanetes fermentando em salmoura, esgotos estagnados e fumaça de diesel dos ônibus. Fujiko limpou os quartos ali durante três anos, até

que um dia Hisao voltou para casa com a novidade de que havia conseguido empregos para eles na Empresa Nacional de Conservas. Em maio, os Imada embarcaram para San Pedro, onde havia trabalho nos muitos campos de morangos.

O trabalho era árduo, porém Hatsue e suas irmãs faziam um bocado dele durante suas vidas, abaixados sob o sol direto. Mas, apesar disso, era infinitamente melhor do que Seattle: as fileiras certinhas de morangos fluíam pelos vales, subindo e descendo os morros, o vento trazia o cheiro da maresia até suas narinas, e de manhã a luz cinzenta evocava um pouco do Japão que Hisao e Fujiko haviam deixado.

A princípio eles moraram num canto de um palheiro que compartilhavam com uma família de índios. Hatsue, aos sete anos, pegava samambaias na floresta e podava azevinhos ao lado da mãe. Hisao vendia percas e fazia coroas natalinas. Encheram uma saca de grãos com moedas e notas, arrendaram três hectares de tocos e bordos rasteiros, compraram um cavalo para puxar o arado e começaram a desbravar a terra. O outono chegou, as folhas de bordo enrolaram-se e caíram, e a chuva as transformou em uma pasta castanho-avermelhada. Hisao queimou estacas e tocos arrancados da terra no inverno de 1931. Uma casa de ripas de cedro subiu lentamente. A terra foi lavrada e a primeira lavoura plantada em tempo para receber a pálida luz da primavera.

Hatsue cresceu extraíndo mexilhões na praia de South Beach, catando amoras, colhendo cogumelos e tirando ervas daninhas das fileiras de pés de morango. Também foi mãe de quatro irmãs. Quando tinha dez anos, um garoto vizinho a ensinou a nadar e a deixou usar sua caixa de fundo de vidro para poder ver o que havia sob a superfície das ondas. Os dois se agarraram à caixa, as costas aquecidas pelo sol do

Pacífico, e juntos observaram estrelas-do-mar e caranguejos. A água evaporou-se da pele de Hatsue, deixando nela um resíduo de sal. Afinal, certo dia, o menino a beijou. Perguntou-lhe se podia, e ela não disse que sim, nem que não, e aí ele se debruçou sobre a caixa e pousou os lábios nos dela por não mais do que um segundo. Ela sentiu o calor e o gosto salgado do interior da boca dele antes de ele se afastar e piscar para ela. Aí eles continuaram olhando pelo vidro as anêmonas, pepinos-do-mar e vermes marinhos. Hatsue se lembraria no dia do seu casamento que seu primeiro beijo lhe havia sido dado por esse menino, Ishmael Chambers, enquanto eles flutuavam no oceano, agarrados a uma caixa de fundo de vidro. Mas quando o marido dela perguntou se já havia beijado alguém antes, respondeu que nunca.

-Agora está caindo com força dizia a ele agora, erguendo os olhos para as janelas do tribunal. Uma nevada forte. A primeira do seu filho.

Kabuo voltou-se para ver a nevada, e ela notou os grossos tendões do lado esquerdo do seu pescoço acima do último botão da camisa. Ele não havia perdido o vigor na cadeia; sua força, conforme ela entendia, era interior, algo que ele sintonizava silenciosamente às condições da vida: em sua cela ele havia se acalmado para preservá-la.

-Dê uma olhada no depósito de raízes, Hatsue recomendou ele. Você não vai querer que nada congele.

-Já andei olhando respondeu ela. Está tudo bem.

-Ótimo respondeu Kabuo. Eu sabia que você ia fazer isso.

Ele olhou a neve em silêncio por um momento, suas agulhas passando indistintas pelas vidraças, depois se virou novamente para olhá-la.

-Lembra-se daquela nevada em Manzanar? perguntou. Sempre que neva lembro-me dela. Da nevasca, da ventania e do fogão. E da luz das estrelas entrando pela janela.

Não era o tipo de coisa que ele normalmente teria dito a ela, estas palavras românticas. Mas talvez a prisão lhe houvesse ensinado a revelar coisas que de outra forma talvez escondesse.

-Lá também era uma prisão disse Hatsue. Havia coisas boas, mas era uma prisão.

-Não era uma prisão disse Kabuo. Achamos que era naquele tempo porque não conhecíamos nada da vida. Mas não era uma prisão.

Ela percebeu, enquanto ele falava, que era verdade. Eles haviam se casado no campo de concentração de Manzanar, em uma capela budista revestida de papel alcatroado. Sua mãe havia pendurado cobertores de lã do Exército para dividir a sala atulhada dos Imada ao meio e lhes dera, na noite do casamento, duas camas de campanha próximas ao fogão. Ela havia até juntado os catres para formar uma cama e alisado os lençóis com a palma da mão. As irmãs de Hatsue todas as quatro tinham ficado de pé ao lado da cortina, observando, enquanto a mãe se desincumbia silenciosamente desta tarefa. Fujiko colocou carvão na estufa e limpou as mãos no avental. Fez um gesto com a cabeça e disse que deviam fechar o registro depois de 45 minutos. Depois saiu com as outras filhas e deixou Hatsue e Kabuo a sós.

Eles ficaram de pé ao lado da janela, de roupas de casamento, e se beijaram, e ela sentiu o cheiro do pescoço quente dele. Lá fora, a neve fustigava as paredes do barracão.

-Elas vão escutar tudo sussurrou Hatsue.

Kabuo, com as mãos na cintura dela, virou-se e disse para a cortina:-Deve haver alguma coisa boa para a gente escutar no rádio. Não seria bom ouvir um pouco de música? Eles aguardaram. Kabuo pendurou o casaco em um cabide. Dentro em pouco uma estação de Las Vegas começou a soar música sertaneja. Kabuo sentou-se e tirou os sapatos e meias. Colocou-os sob a cama, um ao lado do outro. Desatou o nó da gravata.

Hatsue sentou-se ao lado dele. Olhou para o seu perfil durante um momento, para a cicatriz na sua mandíbula, depois se beijaram.

-Preciso de ajuda para tirar o meu vestido murmurou ela. É de abotoar nas costas.

Kabuo abriu os colchetes para ela. Passou os dedos ao longo da espinha de Hatsue. Ela ficou de pé e puxou o vestido dos ombros. Ele caiu no chão, ela o pegou e pendurou no cabide ao lado do casaco dele.

Hatsue voltou para a cama de anágua e sutiã e sentou-se ao lado de Kabuo.

-Não quero fazer muito barulho disse ela. Mesmo com o rádio. Minhas irmãs estão ouvindo.

-Certo respondeu Kabuo. Em silêncio.

Ele desabotoou a camisa, tirou-a e colocou-a na ponta da cama. Tirou também a camiseta. Era muito forte. Ela podia ver os músculos dele fluindo no abdômen. Ficou feliz de ter se casado com ele. Ele também vinha de uma família de fazendeiros de morangos, linha habilidade no trato das plantas e sabia que estolhos cortar. As mãos dele, como as dela, manchavam-se de suco de fruta nos meses de verão. A fruta vermelha se misturava à pele dele e a perfumava. Ela sabia que, em parte por causa desse cheiro, havia querido unir sua vida à dele; era



algo que compreendia pelo nariz, por mais estranho que isso pudesse parecer para os outros. E sabia que Kabuo queria o que ela queria, uma fazenda de morangos em San Pedro. Era só isso, não havia nada além disso, eles queriam a fazenda e a proximidade das pessoas que amavam, e aroma de morangos do lado de fora da janela. Havia meninas da idade de Hatsue que ela conhecia muito bem, as quais, estavam certas de que sua felicidade estava em alguma outra coisa, que queriam ir para Seattle e Los Angeles. Não podiam dizer de nenhuma forma precisa o que buscavam na cidade, só que queriam ir para lá. Era algo que a própria Hatsue havia sentido uma vez, mas que havia emergido como de um sonho, descobrindo a verdade de sua natureza privada: tinha em si a calma e a tranqüilidade de uma fazendeira de morangos da ilha. Sentia na carne o que queria, e sabia por que o queria, também. Compreendia a felicidade de um lugar onde o trabalho era claro e onde havia campos nos quais podia entrar com um homem que amasse intencionalmente. E era isso que Kabuo sentia também, e o que ele queria da vida. E então eles teceram planos juntos. Quando a guerra terminasse, voltariam para San Pedro. Kabuo tinha raízes lá, exatamente como ela, um rapaz que compreendia a terra e a agricultura, e como era bom viver entre pessoas amadas. Ele era exatamente o rapaz que a Sra. Shigemura havia descrito para ela tantos anos antes, quando havia falado de amor e casamento, e agora ela o beijava intensamente, por causa disso. Ela beijou sua mandíbula e testa com mais suavidade, e depois apoiou o queixo no alto da cabeça dele e segurou suas orelhas entre os dedos. O cabelo dele cheirava a terra molhada. Kabuo colocou as mãos contra as costas dela e puxou-a com força para si. Beijou a pele logo acima dos seios e encostou o nariz no seu sutiã.

-Você cheira tão bem disse.

Ele se afastou, tirou as calças e colocou-as ao lado da camisa. Eles se sentaram ali um ao lado do outro, de roupas de baixo. As pernas dele refletiam a luz que entrava pela janela. Ela via agora sob o tecido das cuecas como o pênis estava ereto. A extremidade dele estava erguendo o pano.

Hatsue apoiou os pés na cama e pousou o queixo sobre os joelhos.

-Elas estão ouvindo avisou. Sei que estão.

-Será que podiam aumentar o rádio? pediu Kabuo, alto. Não estamos escutando muito bem daqui.

A música sertaneja aumentou de volume. E eles ficaram muito quietos a princípio. Deitaram-se de lado, virados um para o outro, e ela sentiu o pênis duro contra seu ventre. Baixou a mão e tocou-o sob o tecido da cueca dele, a cabeça e a pele logo abaixo. Ouvia o carvão ardendo na estufa.

Lembrou-se de como havia beijado Ishmael Chambers, agarrada àquela caixa de madeira. Ele era um menino de pele morena que morava mais abaixo na rua dela eles catavam amoras juntos, subiam em árvores, pescavam percas. Ela pensou nele enquanto Kabuo beijava-lhe a parte de baixo dos seios e depois os mamilos através do tecido do sutiã, e ela percebeu que Ishmael era o princípio de uma cadeia, que havia beijado um garoto quando tinha dez anos, havia até sentido algo estranho, e que esta noite, em breve, iria sentir o membro duro de outro rapaz penetrar no seu íntimo. Mas não foi difícil para ela, na noite do seu casamento, tirar Ishmael completamente da cabeça; ele havia se insinuado por acaso, pois todos os momentos românticos estão

associados, queiramos ou não mesmo quando alguns já são página virada.

Logo o marido tirou a anágua e a calcinha dela e lhe desabotoou o sutiã, e ela tirou a cueca dele. Estavam nus, e ela podia ver seu rosto à luz das estrelas vinda da janela. Era um rosto bom, forte e suave. O vento estava soprando intensamente lá fora, e o seu som assobiava entre as tábuas. Ela pegou o membro de Kabuo e apertou-o, e ele pulsou uma vez na sua mão. Depois, por querer dessa forma, ela deitou-se de barriga para cima sem soltá-lo, e ele subiu em cima dela com as mãos nas suas nádegas.

-Já fez isso alguma vez antes? murmurou ele.

-Nunca respondeu Hatsue. Você é o primeiro e único.

A cabeça do pênis dele encontrou o ponto ideal. Por um momento, ele esperou ali, suspenso, depois beijou-a prendeu o lábio inferior dela entre os seus lábios e suavemente manteve-o assim. Depois, com as mãos, puxou-a para si e ao mesmo tempo a penetrou, de forma que ela sentiu o escroto bater contra sua pele. Todo o corpo dela sentiu a exatidão daquele gesto, o corpo dela inteiro se deixou dominar. Hatsue arqueou as omoplatas os seios se apertaram contra o peito dele, e um lento tremor percorreu-a.

-Está certo lembrou-se de ter sussurrado. Parece tão certo, Kabuo.

-Todaima aware ga wakatta respondeu ele. Eu compreendo agora a mais profunda beleza.

Oito dias depois ele partiu para Camp Shelby, no Mississippi, onde se reuniu ao 442º Regimento de Combate. Ele precisava ir para a guerra, explicou a ela. Era necessário, para provar sua bravura. Era necessário demonstrar sua lealdade aos Estados Unidos, que era seu país.

Você pode morrer demonstrando isso tudo argumentou ela. Eu sei que você é bravo e leal.

Ele foi, apesar das palavras dela. Ela as havia pronunciado muitas vezes antes do casamento, frequentemente lhe suplicara para não ir, mas ele não fora capaz de se manter longe da batalha. Não só era uma questão de honra, segundo ele, mas também uma questão de ter de ir porque sua aparência era de japonês. Havia mais uma coisa a ser provada, um fardo que essa guerra em particular colocava sobre ele, e se ele não o carregasse, quem o carregaria? Ela viu que, nesse aspecto, não poderia demovê-lo, e reconheceu a dureza no íntimo dele, a parte do seu marido atraída pelas lutas, e quis penetrar naquele recesso desesperadamente. Havia um lugar nele que ela não podia alcançar, onde ele fazia suas escolhas sozinho, e isso não só a deixava inquieta a seu respeito, mas a fazia temer pelo futuro de ambos, também. Sua vida agora estava unida à dele, e lhe parecia que cada recanto de sua alma tinha de ser aberto a ela por isso. Era a guerra, dizia a si mesma com persistência, era a prisão do campo de concentração, as pressões dos tempos, seu exílio da terra natal, que explicavam a distância dele. Muitos homens estavam indo para a guerra contra a vontade das mulheres, um bocado deles saindo do campo todos os dias, bandos de jovens todos os dias. Ela disse a si mesma que precisava suportar isso da forma que sua mãe e a mãe de Kabuo a aconselhavam a suportar, e não lutar contra essas forças superiores contra as quais não adiantava lutar. Ela agora estava na corrente da história, como sua mãe estivera antes dela. Precisava se deixar levar por ela, ou seu coração a devoraria e não sairia daquela guerra ilesa, como ainda esperava.

Hatsue conformou-se em sentir saudades do marido e aprendeu a arte de aguardar por um longo tempo uma história deliberadamente

controlada parecida com o que Ishmael Chambers sentiu contemplando-a na sala do tribunal.

Ishmael Chambers, observando Hatsue, lembrava-se de quando desenterrava mexilhões gigantes com ela ao pé do penhasco em South Beach. Hatsue, levando uma pazinha de jardinagem e um balde de metal enferrujado no fundo, deixava a água pingar atrás de si ao caminhar pelos baixios deixados pela maré; tinha quatorze anos, vestia um maio preto. Ia descalça, evitando as cracas, escolhendo o caminho ao longo dos baixios na maré vazante e o capim lustroso misturado com lama em forma de leques ressecados pelo sol. Ishmael usava botas de borracha e vinha agarrado a uma pá grande de jardineiro; o sol batia nos seus ombros e costas enquanto ele andava e secava a lama que lhe sujava os joelhos e as mãos.

Caminharam a esmo mais ou menos dois quilômetros. Pararam para nadar. Na virada da maré, surgiam os mexilhões, cuspidos jatos de água como gêiseres em miniatura ocultos entre as zosteráceas. Pelos baixios enlameados irrompiam pequenas fontes, dezenas delas, espirrando água à distância de sessenta centímetros ou mais, depois de novo, depois mais baixo, depois minguando e parando. Os mexilhões levantavam os pescocinhos da lama e voltavam os lábios para o sol. Os sifões situados nas extremidades dos pescoços deles cintilavam. Floresciam delicadamente brancos e iridescentes do lamaçal da maré baixa.

Os dois ajoelhavam-se ao lado de um sifão de mexilhão para debater os detalhes de sua aparição. Ficavam em silêncio, evitando fazer movimentos bruscos o movimento assustava os mexilhões gigantes e os fazia se encolherem nas conchas. Hatsue, com o balde a seu lado, a pá em uma das mãos, apontava para a escuridão do lábio exposto do

mexilhão, seu tamanho, seu matiz e tom, a circunferência de sua reentrância molhada. Resolveu parar ao lado de um mexilhão do tipo "cavalo".

Tinham quatorze anos; os mexilhões gigantes eram importantes. Era verão, e pouco mais realmente importava.

Eles chegaram a um segundo sifão e ajoelharam-se de novo. Hatsue, apoiando-se sobre os tornozelos, torceu os cabelos para tirar a água do mar, de forma que lhe escorreu pelo braço. Ela jogou o cabelo para trás, num gesto gracioso, ficando espalhado sobre suas costas, secando ao sol.

-Mexilhão gigante disse ela, baixinho.

-E dos bons concordou Ishmael.

Hatsue inclinou-se para diante e enfiou um dedo indicador dentro do sifão. Eles observaram enquanto o mexilhão gigante se fechava em torno do dedo e encolhia o pescoço para dentro da lama. Ela rastreou o animal com a ponta de uma vara de amieiro. Sumiram todos os sessenta centímetros da vara.

-Ele se enterrou lá no fundo disse ela. E é dos grandes.

-É a minha vez de cavar respondeu Ishmael. Hatsue entregou-lhe sua pá.

-O cabo está se soltando avisou ela. Cuidado para não quebrá-lo.

A pá trouxe mexilhões, varas e serpentes marinhas. Ishmael construiu um dique contra a chegada da maré cheia; Hatsue retirou água com o balde furado, esticou-se na lama morna, a parte de trás das pernas lisa e morena.

Quando a vara de amieiro caiu, Ishmael deitou-se de bruços ao lado dela e observou enquanto ela raspava com a pá. O sifão do molusco apareceu; eles viram a abertura pela qual seu pescoço havia recuado. Ficaram na beira do buraco juntos, cada um com um braço enlameado pendurado para dentro, e cavaram em volta até aparecer um terço da concha.

-Vamos puxá-lo agora sugeriu Ishmael.

-É melhor pegá-lo por baixo respondeu Hatsue.

Ele a havia ensinado a retirar os mexilhões gigantes, e eles já os cavavam há quatro verões, mas ela acabou superando-o. Ela tinha aquele jeito de falar com uma certeza que ele considerava inteiramente convincente.

-Ele ainda está muito preso observou ela. Vai quebrar se começarmos a puxar. Vamos ter paciência e cavar mais um pouco. É melhor a gente continuar cavando.

Quando chegou a hora de puxar, ele deslizou a mão para baixo tanto quanto podia, de forma a encostar a lateral do rosto na lama, virado para o lado do joelho de Hatsue. Estava perto a ponto de o joelho dela ser a única coisa que via, e sentia o cheiro do sal na pele dela.

-Vá com calma orientou ela. Devagar. Calma. Não tenha pressa. É melhor devagar.

-Está saindo resmungou Ishmael. Posso sentir.

Logo depois ela tirou o mexilhão dos dedos dele e o lavou nas ondas rasas. Esfregou a concha com a parte gorda da palma da mão e limpou o longo pescoço e o pé. Ishmael pegou-o de volta e colocou-o no balde. Limpo e delicado, grande como ele nunca vira igual, tinha



aproximadamente o tamanho e a forma de um peito de peru retirado do osso. Ele o admirou, virou-o na mão. Sempre se surpreendia com a espessura e o peso de um mexilhão gigante.

-Encontramos um ótimo comentou.

-Ele é imenso respondeu Hatsue. Enorme.

Ela ficou de pé na água rasa lavando a lama das pernas enquanto Ishmael enchia o buraco. A maré deslizava sobre baixios aquecidos pelo sol, e a água estava tépida como a de uma lagoa. Os dois se sentaram lado a lado na água rasa, de frente para a imensidão do oceano, com algas sobre as pernas.

-Não tem fim comentou Ishmael. Há mais água do que qualquer outra coisa no mundo.

-Acaba em algum lugar respondeu Hatsue. Ou simplesmente gira, gira, gira.

-É a mesma coisa. É para sempre.

-Existe uma praia agora mesmo onde a maré está cheia explicou Hatsue. E aí é o fim do oceano.

-Ele não acaba. Encontra-se com outro e logo, logo a água volta e tudo se mistura.

-Os oceanos não se misturam disse Hatsue. Têm temperaturas diferentes. Têm quantidades diferentes de sal.

-Misturam-se por baixo disse Ishmael. Na verdade, todos os oceanos são um só. Ele se apoiou nos cotovelos, pendurou uma alga atravessada sobre as coxas e acomodou-se outra vez.

-Não é um oceano só disse Hatsue São quatro oceanos: Atlântico, Pacífico, Índico e Ártico. São diferentes entre si.

-Bom, de que maneira? -Simplesmente são diferentes. Hatsue apoiou-se nos cotovelos ao lado dele e deixou a cabeleira pender às suas costas. Só por isso.

-Não é um bom motivo disse Ishmael. O principal é que a água é água. Nomes num mapa não significam nada. Acha que se estivesse num barco lá no mar e chegasse a outro oceano veria uma placa ou coisa parecida? Não...

-A cor iria mudar, já ouvi dizer disse Hatsue. O oceano Atlântico é meio marrom, e o Índico é azul.

-Onde ouviu isso? -Não me lembro.

-É mentira.

-É verdade.

Calaram-se. Ouvia-se apenas o marulhar das ondas. Ishmael estava consciente das pernas e dos braços dela. O sal havia secado nos cantos dos lábios dela e deixado um resíduo. Ele notou as unhas dela, o formato dos arnelhos, a covinha do pescoço. Eleja a conhecia há seis anos, e ainda não a conhecia. A parte isolada dela, a parte que ela guardava para si, havia começado a interessá-lo profundamente.

Ultimamente ele se entristecia ao pensar nela, e havia passado muito tempo, durante toda a primavera, ruminando como lhe falar sobre essa infelicidade. Sentava-se no alto do penhasco em South Beach, para pensar no assunto às tardes. Havia pensado no assunto durante as aulas. Seus pensamentos, porém, nada lhe diziam sobre como falar com Hatsue. As palavras lhe escapavam completamente. Na presença dela sentia que revelar-se seria um erro que talvez jamais pudesse corrigir. Ela se fechava e não lhe dava oportunidade de falar, embora há anos eles viessem juntos no ônibus escolar, se encontrassem

na praia e nos bosques para brincar, colhessem frutas nas mesmas fazendas próximas. Haviam brincado juntos na infância em um grupo que incluía suas irmãs e outras crianças Sheridan Knowles, Arnold e Bill Kruger, Lars Hansen, Tina e Jean Syvertsen. Haviam passado tardes de outono, aos nove anos, na raiz oca de um cedro, esparramados no chão olhando a chuva escorrendo das samambaias e heras. Na escola, eram estranhos, por motivos obscuros na opinião dele, embora, ao mesmo tempo, ele entendesse que tinha de ser assim porque ela era japonesa e ele não. Assim eram as coisas, e nada havia a fazer com relação a algo tão básico.

Ela tinha quatorze anos, seus seios estavam começando a aparecer sob o maio. Eram pequenos e duros como maçãs. Ele não podia ver os outros aspectos nos quais ela havia mudado, mas até o seu rosto estava diferente. A textura de sua pele havia se modificado. Ele a havia observado mudar, e quando se sentava perto dela, como agora, na água, sentia-se compelido e nervoso.

O coração de Ishmael começou a bater daquele jeito agitado que ele experimentava ultimamente na presença dela. Não havia como colocar em palavras o que ele queria dizer, e a língua lhe parecia paralisada. Ele não conseguiu aguentar nem mais um momento sem explicar a ela o que havia no seu coração. Uma forte pressão estava crescendo dentro dele, impelindo-o a confessar o amor que sentia. Não era apenas a beleza dela que o comovia, mas o fato de que eles já tinham uma história juntos, que incluía esta praia, estas águas, até as pedras, e a floresta às suas costas, também. Era toda deles e sempre seria, e Hatsue era o espírito do lugar. Ela sabia onde achar cogumelos matsutake, bagas de sabugueiro e gavinhas de samambaias e havia-os encontrado durante anos ao lado dele, e eles confiavam um no outro,

comportavam-se de modo amistoso em todos os momentos até estes últimos meses. Agora ele sofria por ela e entendia que ia continuar sofrendo a menos que fizesse algo a respeito. Dependia dele. Era preciso coragem e o fazia sentir-se mal, essa coisa indesejada. Era doloroso demais. Ele fechou os olhos.

Eu gosto de você confessou, com os olhos ainda fechados. Sabe o que eu quero dizer? Eu sempre gostei de você, Hatsue.

Ela não respondeu. Nem olhou para ele; baixou a vista. Mas já que havia começado, ele se aproximou do calor do rosto dela mesmo assim e encostou os lábios nos dela. Eles também eram mornos. Sentiu o gosto do sal e o calor do seu hálito. Ele a abordou com ímpeto demais, e ela apoiou uma das mãos dentro d'água, atrás de si, para não cair. Ela impeliu o corpo para a frente, contra o dele, e ele sentiu a pressão dos seus dentes e cheirou o interior da sua boca. Os dentes deles entrechocaram-se de leve. Ele fechou os olhos e depois tornou a abri-los. Os olhos de Hatsue estavam cerrados com força, ela não queria olhar para ele.

Assim que eles se afastaram, ela se pôs de pé num salto, pegou a pá de escavar mexilhões e correu praia abaixo. Era muito rápida, ele sabia. Ficou de pé, parado, olhando-a se afastar. Depois que ela desapareceu na mata, ele deitou-se na água durante mais dez minutos, sentindo o beijo muitas vezes. Pensou então que a amaria para sempre, não importava o que acontecesse. Não era bem uma questão de escolha, mas de aceitar a inevitabilidade daquilo. Isso o fez sentir-se melhor, embora ele se sentisse também perturbado, preocupado se o beijo tinha sido errado. Mas, do ponto de vista dele, aos quatorze anos, o amor deles era inteiramente inevitável. Havia começado no dia em que eles se agarraram à caixa de vidro dele e se beijaram no mar, e

agora devia durar para sempre. Tinha certeza disso. Tinha certeza de que Hatsue sentia o mesmo.

Durante dez dias depois disso Ishmael trabalhou fez bicos, tarefas avulsas, arrancando mato e lavando janelas e se preocupou com Hatsue Imada. Ela se manteve longe da praia intencionalmente, pensou ele na sua impaciência, e aos poucos foi ficando triste e rabugento. Prendeu os arames nos quais as framboesas da Sra. Verda Carmichael se apoiavam, arrumou o seu escuro paiol de ferramentas e enfeixou as aparas de cedro para lenha, tudo isso permeado por pensamentos em Hatsue. Ajudou Bob Timmons a descascar a tinta da parede do palheiro e arrancou mato dos canteiros de flores com a Sra. Herbert Crow, uma mulher que fazia arranjos florais e tratava a mãe de Ishmael com cerimônia. Agora, apoiada em uma joelheira, a Sra. Crow trabalhava ao lado de Ishmael com uma garra de cabo de bordo, parando de vez em quando para enxugar o suor da testa com as costas do antebraço e para exclamar que ele parecia tristonho. Mais tarde ela resolveu que se sentariam no alpendre e saboreariam grandes copos de chá gelado com fatias de limão. Ela apontou para uma figueira e disse a Ishmael que a havia plantado há mais anos do que conseguia se lembrar; contra todas as probabilidades, ela havia vingado, e produzido enormes quantidades de figos doces. O Sr. Crow adorava figos, ela acrescentou. A Sra. Crow bebericou o seu chá, depois mudou de assunto: as famílias acima e abaixo de South Beach, disse ela, eram consideradas, pelo povo de Amity Harbor, pretensos aristocratas e descontentes, amigos do isolamento e excêntricos incluindo a família de Ishmael. Ele sabia que seu avô havia ajudado a levar a estacaria para o ancoradouro no cais da baía de South Beach? Os Papineau, segundo ela, eram paupérrimos por um motivo: nenhum deles fazia nada. Os Imada, por outro lado, eram

gente extremamente trabalhadora, incluindo as cinco garotinhas. Os Ebert contratavam jardineiros profissionais e vários quebra-galhos domésticos encanadores, eletricitas e faz-tudo que chegavam em picapes para fazer o trabalho sujo deles, mas os Crow sempre contratavam gente da vizinhança. Há quarenta anos, lembrou ela a Ishmael, ela e o Sr. Crow moravam ali em South Beach. O Sr. Crow fora carvoeiro e fabricara estrados para transporte de mercadorias, mas recentemente havia entrado no ramo de construção naval e nesse momento estava em Seattle financiando a construção de fragatas e caçaminas para a Marinha de Roosevelt (embora ele não desse a menor pelota para o Roosevelt, segundo ela) mas por que Ishmael estava tão tristonho? Anime-se, recomendou ela, com insistência, tomando seu chá. A vida era maravilhosa.

Pescando com Sheridan Knowles naquele sábado, remando ao longo da praia, preocupado com Hatsue, Ishmael viu o Sr. Crow, com as mãos nos joelhos, espreitando num telescópio montado num tripé no meio do seu gramado. Daquele ponto privilegiado ele inspecionava, com inveja, os iates dos habitantes de Seattle que passavam ao largo da South Beach no caminho para ancoradouros em Amity Harbor. O Sr. Crow era um homem de temperamento instável, com uma calva alta e grave, como a de Shakespeare. A vista que ele tinha do mar era ampla e arejada; os jardins dele ostentavam sebes baixas de azáleas, camélias, rosas "starina" e buxos plantados em espaldeira, tudo emoldurado pelas cristas espumosas das águas rumorejantes e o cinza temperado das pedras da praia. A casa dele tinha uma grande e emoldurada muralha de janelas com venezianas voltada para o sol, cercada imperiosamente de cedros em três lados. O Sr. Crow havia encetado uma espécie de guerra de fronteira com Bob Timmons, seu vizinho do

norte, alegando que o bosquete de cicutas dele, a oeste, estava invadindo sua propriedade. Uma manhã, quando Ishmael tinha oito anos, dois agrimensores haviam aparecido com seus trânsitos e alidades e colocado bandeirinhas vermelhas em todo o lugar. Esta cerimônia se repetiu a intervalos aleatórios com o passar dos anos, e embora os rostos dos agrimensores mudassem, nada mais se modificava, a não ser as cicutas que cresciam, as extremidades dos seus limbos encurvadas como chibatas verdes contra o céu. Bob Timmons filho transferido da parte setentrional de New Hampshire, homem pálido, tácito, determinado, de sensibilidades puritanas continuava olhando inexpressivo, as mãos apoiadas nos quadris, enquanto o Sr. Crow resmungava e perambulava com a calva a reluzir.

Ishmael também trabalhava para os Etherington, veranistas vigorosos de Seattle. Em junho, todos os anos, esses veranistas chegavam en force para se acomodarem ao longo da balsâmica South Beach.

Aqui circulavam em seus barquinhos a vela, bordejando e virando de bordo. Pintavam, cavavam, varriam e plantavam quando estavam com disposição de fazer alguma ergoterapia e refestelavam-se na praia quando tinham vontade. Ao cair da noite acendiam fogueiras e cozinhavam mexilhões, ostras e percas, os barcos puxados para fora do alcance da linha da maré, as pás e ancinhos lavados e guardados. Os Etherington bebiam gim com tônica.

No início da Miller Bay, além dos lamaçais, vivia o capitão Jonatham Soderland, que havia navegado em seu decrépito veleiro, o C. S. Murphy, para o Ártico, todos os anos, em expedições comerciais. Afinal, ficou velho demais para isso, e passava o tempo contando lorotas para os veranistas acariciando sua barba branca como neve,

vestido com ceroulas de lã e suspensórios baratos e posando para fotos ao leme do Murphy, permanentemente encajado no lodaçal. Ishmael o ajudava a cortar lenha.

O único negócio viável em termos de lucro na South Beach além da plantação de morangos dos Imada era a Grande Fazenda Raposa Azul Americana, de Tom Peack. Do lado mais distante da Miller Bay, nas sombras dos medronheiros, Tom Peck repuxava seu cavanhaque de cor vermelha queimada, pitava o seu cachimbo e criava raposas azuis americanas para comercializar suas lustrosas peles, em 68 compartimentos de confinamento excessivamente cheios. O mundo deixava-o inteiramente só nisso, embora Ishmael e dois outros garotos tivessem sido contratados naquele mês de junho para limpar as gaiolas com escovas de arame. Peck havia acumulado uma mitologia pessoal que incluía guerras entre índios, mineração de ouro e missões mercenárias, e sabia-se que trazia uma pistola de grande calibre e cano curto em um coldre oculto, pendurado no ombro. Mais adiante, na baía, no braço de mar a leste, um remanso conhecido como Little House Cove, a família Westinghouse havia construído uma mansão no estilo Newport em doze hectares de abetos de Douglas. Perturbado com a decadência geral dos valores morais no leste que se manifestou, principalmente no sequestro de Lindbergh, o famoso magnata da indústria dos eletrodomésticos e sua esposa, aristocrata de Boston, haviam trazido três filhos, uma criada, um cozinheiro, um mordomo e dois preceptores para as retiradas praias de San Piedro. Ishmael, durante uma longa tarde, ajudou Dale Papineau que se auto elegeu protetor de meia dúzia de famílias de veranistas a podar os ramos dos amieiros que formavam arcos sobre a longa entrada de carros da mansão.



Ishmael trabalhou com Dale, também, limpando as calhas dos Etherington. Os Etherington na maior parte do tempo o adulavam, segundo parecia a Ishmael para eles ele era um personagem pitoresco da ilha, fazia parte do encanto do lugar. Depois de uma geada ou dois dias de chuva forte, Dale se arrastava de casa em casa com uma lanterna de pilha na mão mancando, porque a bacia, que havia deslocado na fábrica de creosoto, doía quando estava úmido ou frio, ou ambos, e apertava os olhos porque era vaidoso demais para usar óculos e bisbilhotava as garagens e porões, tirando lama dos ralos. No outono, queimava pilhas de galhos e folhas retiradas com ancinho do jardim de Virgínia Gatewood, um boneco desenhado, ao crepúsculo, com luvas de pano e um casaco puído de lã grossa listrada, esfiapado nos cotovelos. As veias de suas faces eram rompidas e esmagadas, parecendo uma espécie de massa azul sob sua pele; seu pomo-de-adão era protuberante como o de uma rã. Ele parecia, para Ishmael, vagamente com um espantalho beberrão.

Quatro dias depois do beijo na praia, logo após o cair da noite estava escuro no bosque, mas os campos de morangos banhavam-se na luz do crepúsculo, Ishmael agachou-se na divisa da fazenda dos Imada e aguardou meia hora. Para sua surpresa, não se entediou, e permaneceu assim durante mais uma hora. Era uma espécie de alívio descansar a face sobre a terra à luz das estrelas e ter um pouco de esperança de ver Hatsue. O medo de ser descoberto e tachado de abelhudo acabou obrigando-o a sair dali, e ele já estava quase para partir, aliás, já se levantando, quando a porta de tela rangeu, abrindo-se, a luz invadiu a varanda, e Hatsue veio até uma das pilastras dos cantos, colocou uma cesta de vime sobre a balaustrada e começou a puxar o varal para recolher as roupas da família.

Ishmael contemplou Hatsue, puxando os lençóis da corda, emoldurada pela silenciosa luz da varanda, os braços iluminados e elegantes. Com pregadores presos entre os dentes, ela dobrava toalhas, calças e camisas de trabalho antes de jogá-las na cesta. Ao terminar, descansou um momento, recostando-se na coluna do canto da varanda, coçando o pescoço e apreciando as estrelas, depois sentindo o cheiro fresco e úmido da roupa recém-lavada. A seguir, pegou a cesta cheia de lençóis e roupas e voltou para dentro da casa, desaparecendo.

Ishmael retornou na noite seguinte; por cinco noites a fio ele espionou, religiosamente. A cada noite dizia a si mesmo para não voltar, mas, na noite seguinte, fazia uma caminhada ao pôr-do-sol, a caminhada virava peregrinação, ele se sentia culpado e envergonhado, escalava o monte onde nasciam os morangos dela e parava diante da vastidão dos seus campos. Ficava imaginando se outros garotos também faziam esse tipo de coisa, se esse voyeurismo era alguma doença. Porém, contentava-se vendo-a mais uma vez puxar a roupa, mão elegante sobre mão elegante, jogar os pregadores em um balde na balaustrada, depois dobrar camisas, lençóis e toalhas. Certa vez, ela parou um momento para espanar com a mão a poeira do seu vestido de verão. Apanhou habilmente toda a cabeleira e fez um coque antes de entrar.

Na última noite de espionagem ele a viu esvaziar um balde de lixo de cozinha a menos de cinquenta metros de onde ele estava abaixado. Ela surgiu à luz da varanda, como sempre, sem aviso, e fechou suavemente a porta atrás de si. Enquanto ela se dirigia para o lado onde ele estava, o coração de Ishmael saltou antes de congelar-se por completo dentro do peito. Agora conseguia ver o rosto dela e escutar o toc-toc das suas sandálias. Hatsue abaixou-se entre fileiras de pés de

morango e despejou o conteúdo do balde sobre o monte de adubo composto, relanceou os olhos para a lua, de forma que sua luz azul lhe banhou o rosto, depois voltou para a casa por outro caminho. Ele a vislumbrou nos intervalos entre as hastes de framboesa antes de ela surgir em frente à varanda com uma das mãos enrolando o cabelo, para formar um coque na nuca, e o balde pendendo da outra. Ele esperou, e num instante ela estava à janela da cozinha com uma auréola luminosa em torno da cabeça. Aproximando-se, de rastos, Ishmael a viu afastando o cabelo dos olhos com espuma de sabão escorrendo-lhe pelos dedos. Morangos novos estavam crescendo nos pés em torno dele, e sua fragrância impregnava a noite. Ele chegou ainda mais perto, até a cadela dos Imada vir correndo, contornando a casa, e aí ele gelou, preparando-se para fugir. A cadela farejou por algum tempo, gemeu, chegou perto dele, furtivamente, e lhe permitiu acariciar-lhe a cabeça e as orelhas, lambeu-lhe a palma da mão e se deitou. Era uma cadela velha, adoentada, deformada, de dentes manchados, com aparência engelhada e encurvada, e seus olhos tristes lacrimejavam copiosamente. Ishmael esfregou-lhe a barriga. A língua cinzenta do animal pendeu na poeira, e as costelas dela saltavam, para cima e para baixo.

Instantes depois, o pai de Hatsue veio até a varanda e chamou a cadela em japonês. Ele insistiu, uma ordem em tom baixo e gutural, e ela ergueu a cabeça, latiu duas vezes, levantou-se e saiu, mancando.

Foi a última vez que Ishmael espionou a casa dos Imada.

No início da época da colheita dos morangos, às cinco e meia da manhã, Ishmael viu Hatsue na trilha do bosque de South Beach, sob cedros silenciosos. Ambos estavam indo trabalhar para o Sr. Nitta ele pagava melhor que qualquer outro fazendeiro da ilha por 35 centavos a caixa.

Ele caminhou atrás dela, com o almoço na mão. Alcançou-a e disse alô. Nenhum dos dois mencionou o beijo na praia duas semanas antes. Caminharam em silêncio pela trilha na mata, e Hatsue lembrou que havia probabilidade de eles verem um veado-hemíono alimentando-se de brotos de samambaia ela vira uma gazela na manhã anterior.

No ponto em que a trilha chegava à praia, os medronheiros debruçavam-se sobre a água da maré cheia. Delgados e sinuosos, verde-oliva, vermelho-mogno, escarlates e cinza, estavam carregados de folhas largas e lustrosas e frutos aveludados e lançavam sombras sobre as pedras da praia e os brejos. Hatsue e Ishmael espantaram uma garça-azul com plumas da tonalidade da lama da praia; ela grasnou uma vez e, abrindo bem as longas e esguias asas, graciosa até ao alçar voo súbito, cruzou a Miller Bay elevando-se inclinada até pousar no topo morto de uma árvore distante.

O caminho circundava a extremidade da baía, depois descia para um pântano conhecido como Buraco do Diabo uma névoa rasteira cobria suas framboesas e palmatórias-do-diabo, tal era a umidade pesada e pegajosa do local, depois escalaram uma encosta entre cedros e as sombras de abetos antes de descer até o Center Valley. As propriedades rurais ali eram antigas e produtivas dos Andreason, dos Olsen, dos McCully, dos Cox; haviam cultivado seus campos usando lyois, descendentes dos bois trazidos para San Pedro nos velhos tempos em que eram usados no transporte de toras de madeira. Eram animais enormes, pungentes e veneráveis, e Ishmael e Hatsue pararam para ver um esfregando o traseiro contra uma das estacas da cerca.

Na fazenda de Nitta, os índios canadenses já estavam ocupados quando eles chegaram. A Sra. Nitta, uma mulher de pequena estatura com cintura que não era maior que uma lata de sopa, percorria as

fileiras, ligeira, para cima e para baixo, como um colibri, sob seu chapéu de palha. Sua boca como a do marido estava repleta de obturações de ouro, e quando ela sorria o sol fazia-as rebrilhar. Às tardes, ela se sentava sob uma barraca de lona com um lápis entre os dedos, fazendo a contabilidade sobre um caixote de cedro diante de si, a palma de uma das mãos contra a testa. A caligrafia dela era impecável números pequenos, regulares e elegantes enchiam as páginas do livro-caixa. Ela escrevia com a silenciosa deliberação de um escrevente de justiça, apontando o lápis com frequência.

Ishmael e Hatsue separavam-se para colher entre seus respectivos amigos. A fazenda era tão grande que um velho ônibus escolar alugado levava os trabalhadores até sua porteira empoeirada, no auge da estação da colheita. Uma aura de determinação maníaca pairava sobre os campos, pois neles avançava uma safra jubilosa, realizada por crianças liberadas especialmente pela escola. As crianças de San Pedro adoravam trabalhar no campo, em parte por causa da vida social que isso proporcionava a elas, em parte porque isso dava-lhes a ilusão de que havia sido incluída uma matéria no currículo de verão. O forte calor, o sabor das frutas na língua, as conversas sem compromisso e a perspectiva de gastar dinheiro em um refrigerante, fogos de artifício, iscas artificiais para peixes e maquiagem os seduziam para irem ao Sr. Nitta. O dia inteiro as crianças ficavam ajoelhadas umas ao lado das outras nos campos, próximas da terra, sob o calor do sol. Romances começavam e terminavam ali; as crianças beijavam-se à borda dos campos ou na mata, caminho de casa.

Ishmael, três fileiras adiante, contemplava Hatsue trabalhando. O penteado dela logo se desmanchou, e um brilho de suor apareceu-lhe nas espáduas. Ela colhia habilmente e tinha fama de ser rápida e

eficiente, enchia duas caixas enquanto outros colheiteiros enchiam Uma e meia. Estava entre amigos meia dúzia de meninas japonesas agachadas juntas entre as fileiras, os rostos protegidos por chapéus de palha e não deu sinal de conhecê-lo quando ele passou por ela com uma caixa cheia. Ele tornou a passar após esvaziar a caixa e viu como ela estava concentrada na colheita, sem se apressar nunca, mas sem parar. Ele tornou a agachar-se no seu lugar, a três fileiras de distância, e tentou se concentrar no seu próprio trabalho. Ao erguer a vista, viu-a colocar um morango na boca e parou para vê-la comendo-o. Hatsue virou-se e seus olhos encontraram os dele, mas ele não conseguiu discernir quais seriam os sentimentos dela e o fato lhe pareceu um mero acaso; ela não queria dizer nada com aquilo. Desviando o olhar, ela comeu outro morango, devagar, sem constrangimento. Depois, equilibrando-se nas ancas um instante, voltou ao seu metódico trabalho.

Mais tarde, por volta das quatro e meia, nuvens pesadas escureceram o morangal. A clara luz de junho foi se acinzentando e uma brisa veio do sudoeste. Foi possível, então, sentir o cheiro da chuva que vinha e sentir a pausa fresca antes de as primeiras gotas caírem. O ar ficou pesado; lufadas súbitas açoitaram os cedros à margem dos campos e molharam seus topos e galhos. Os colheiteiros recolheram correndo as últimas caixas e esperaram em fila enquanto a Sra. Nitta colocava marcas ao lado de seus nomes e os pagava, debaixo da barraca. Os colheiteiros esticaram o pescoço para olhar as nuvens e espicharam as palmas das mãos para ver se já estava chovendo. A princípio, apenas algumas gotas levantaram um pouquinho de poeira em torno deles, e a seguir, como se um buraco tivesse sido aberto no céu, uma chuva torrencial de verão, como as de costume na ilha, encharcou os rostos deles, e os colheiteiros começaram a procurar algum abrigo a entrada de

um celeiro, o interior de um carro, os silos de morangos, os bosques de cedros. Alguns protegeram as cabeças com caixas e deixaram os morangos colhidos se molharem.

Ishmael viu Hatsue atravessar os campos mais altos dos Nitta e penetrar nos bosques de cedros, indo para o sul. Quando deu por si, já estava seguindo-a, devagar, a princípio, deixando a chuva atingi-lo enquanto atravessava a plantação de morangos já estava encharcado, que diferença isso faria? A chuva que lhe molhava o rosto era morna e gostosa e logo ele estava correndo pela mata. A trilha da South Beach, com seu dossel de cedros, era um lugar tão bom quanto outro qualquer para se abrigar numa tempestade, e ele queria percorrê-la até em casa em companhia dela, sem dizer nada, se ela quisesse. Mas quando a enxergou abaixo da fazenda dos McCully, ocorreu-lhe diminuir a marcha e segui-la por cinquenta metros. A chuva disfarçaria o barulho que ele fizesse e, além do mais, não sabia o que dizer. Seria suficiente apenas vê-la, como nos campos, ou quando ele se ocultara atrás do tronco de cedro e a contemplara dobrando a roupa lavada da família. Ele a seguiria, ouvindo a chuva golpear as árvores e a veria regressar a sua casa pelo caminho coleante.

No ponto em que a trilha chegava à praia em Miller Bay havia uma barreira de madressilvas com a floração recém-terminada, framboesas penduradas nela e algumas rosas silvestres remanescentes floridas, Hatsue pegou um atalho pelos bosques de cedros. Ishmael seguiu-a através de um vale recoberto de samambaias, onde ipomeias brancas salpicavam o chão da floresta. Um tronco de cedro caído, coberto de hera, fazia as vezes de ponte sobre o vale; ela deslizou para baixo dele e dobrou para uma trilha lateral que acompanhava um riacho onde, três anos antes, eles haviam navegado em barcos feitos de pedaços de

madeira e galhos encontrados na praia. A trilha descrevia três curvas, e depois Hatsue atravessou a água sobre um tronco, subiu metade do morro coberto de cedros e abaixou-se para entrar na árvore oca na qual eles brincavam juntos quando tinham apenas nove anos.

Ishmael agachou-se sob os galhos, na chuva, e examinou a entrada para o interior da árvore por meio minuto. Seus cabelos, molhados, entravam-lhe nos olhos. Ele tentou compreender o que o trouxera até ali; ele mesmo já havia esquecido o local, que ficava a aproximadamente oitocentos metros de sua casa. Agora se lembrava como eles amontoavam musgo sob as pernas e refestelavam-se dentro da árvore a olhar para cima. Era possível ajoelhar-se, mas não ficar de pé, embora, por outro lado, houvesse espaço suficiente no oco da árvore para se deitar. Eles já haviam estado ali com outras crianças e fingiam estar se escondendo, apontando galhos de amieiro com canivetes para utilizá-los como armas de defesa. O interior da árvore havia sido suprido com um arsenal de flechas a serem usadas, a princípio, em uma batalha imaginária, e, mais tarde, em uma batalha entre eles mesmos. De barbante e teixo, faziam arcos em miniatura; usavam o cedro oco como uma espécie de fortaleza e corriam subindo e descendo o morro, atirando uns nos outros. Ishmael, agachado ali, lembrou-se de quando brincava de guerra naquele morro e como isso acabou afastando as garotas Syvertsen, e depois as irmãs Imada, e aí viu Hatsue, que o olhava da entrada do cedro oco.

Ele olhou para trás; não havia sentido em esconder-se.

-É melhor entrar convidou ela. Está chovendo muito.

-Certo respondeu ele.



Dentro da árvore ele se ajoelhou no musgo com a água pingando sob a camisa. Hatsue sentou-se no musgo com o vestido de verão todo molhado, o chapéu de abas largas da colheita ao seu lado.

-Você me seguiu disse ela. Não foi? -Eu não queria desculpou-se Ishmael. Simplesmente aconteceu. Eu estava indo para casa. Sabe o que eu quero dizer? Vi você indo embora e... aconteceu, simplesmente. Desculpe acrescentou. Eu segui você.

Ela ajeitou o cabelo atrás das orelhas.

-Estou toda molhada reclamou. Encharcada.

-Eu também. De certo modo, é bom. Pelo menos aqui está seco. Lembra daqui? Parece que ficou menor.

-Costumo vir sempre aqui disse Hatsue. Venho para pensar. Ninguém passa aqui. Não vejo ninguém vir aqui há anos.

-Sobre o que você pensa? Perguntou Ishmael. Quando está aqui, quero dizer. Sobre o que você pensa? -Sei lá. Todo tipo de coisas. Sabe, é um lugar para pensar.

Ishmael deitou-se apoiando o queixo nas mãos e olhou a chuva lá fora. O interior da árvore parecia um ambiente reservado. Ele sentia que nunca seriam descobertos ali. As paredes que os cercavam eram acetinadas e douradas. Era surpreendente a quantidade de luz esverdeada que vinha da floresta de cedros. A chuva ecoava no dossel de folhas lá em cima e tamborilava nas samambaias, que estremeciam a cada gota. A chuva permitia uma privacidade ainda maior; ninguém nesse mundo viria ali procurá-los dentro daquela árvore.

-Desculpe-me por ter beijado você na praia disse Ishmael. Vamos esquecer aquilo. Esquecer que aconteceu.

A princípio ela não respondeu. Era típico de Hatsue não responder. Ele estava sempre procurando palavras, mesmo quando não conseguia encontrá-las, mas ela parecia capaz de um tipo de silêncio que ele não encontrava dentro de si.

Ela pegou o chapéu de palha e olhou para ele, em vez de olhar para Ishmael.

-Não peça desculpas disse ela com os olhos baixos. Não me arrependi.

-Nem eu disse Ishmael.

Ela deitou-se de barriga para cima ao lado dele. A luz esverdeada iluminou-lhe o rosto. Ele quis encostar a boca na dela e permanecer assim para sempre. Sabia agora que talvez pudesse fazer isso sem se arrepender.

-Acha errado fazer isso? indagou ela.

-Os outros acham disse Ishmael. Seus amigos achariam acrescentou. E seus pais também.

-Também os seus disse Hatsue. Sua mãe e seu pai também achariam.

-Os seus achariam pior que os meus disse Ishmael. Se soubessem que estamos aqui juntos dentro dessa árvore... balançou a cabeça e riu de leve. Seu pai provavelmente me mataria com um facão de mato. Ia me retalhar todinho.

-Talvez não disse Hatsue. Mas você está certo... ele ficaria zangado. Com nós dois, por fazermos isso.

-Mas o que nós estamos fazendo? Estamos conversando.

-Mesmo assim disse Hatsue. Você não é japonês. E estou sozinha com você.

-Não importa respondeu Ishmael.

Eles deitaram-se um ao lado do outro dentro da árvore conversando até que se passou meia hora. Depois beijaram-se novamente. Sentiram-se bem beijando-se dentro da árvore e beijaram-se durante mais meia hora. Com a chuva caindo lá fora e o musgo macio sob si, Ishmael fechou os olhos e inspirou, sentindo o cheiro dela a lhe penetrar profundamente as narinas. Disse a si mesmo que nunca havia sido tão feliz, e sentiu uma espécie de dor por aquilo estar acontecendo e porque nunca mais aconteceria exatamente daquela maneira, não importa quanto tempo ele vivesse.

Ishmael viu-se sentado na sala do tribunal onde o marido de Hatsue estava sendo julgado por homicídio. Viu-se olhando para ela enquanto ela conversava com Kabuo e esforçou-se para desviar o olhar.

Os jurados retornaram, depois o juiz Fielding, e a mãe de Carl Heine sentou-se no banco das testemunhas. Apesar de morar na cidade já há dez anos, ela conservava a aparência de mulher de fazendeiro: resoluta, desvanecida e desgastada pelo vento. Etta ajeitou a cinta no banco das testemunhas de forma que se ouviu o puxão e o deslizar das suas roupas de baixo meias de náilon grossas, uma cinta comprada na loja de Lottie Opsvig, uma tala para as costas receitada por um médico de Bellingham para a ciática que ela atribuía ao tempo de fazendeira. Por 25 anos ela havia trabalhado debaixo de qualquer tempo ao lado do marido, Carl, o pai. Nos invernos, soltando vapor pela boca, ela usava botas, um sobretudo e uma estola sobre a cabeça firmemente amarrada sob seu queixo pesado. Com mitenes de lã tricotadas tarde da noite sentada na cama enquanto Carl roncava, ela se empoleirava num banquinho para ordenhar vacas. No verão selecionava morangos, cortava os estolhos, tirava as ervas daninhas e vigiava os índios e japoneses que anualmente vinham fazer a colheita na fazenda dos Heine.

Ela havia nascido na Baviera ainda conservava o sotaque de lá, em uma granja perto de Ingolstadt. Havia conhecido o marido quando ele viera para a fazenda de plantação de trigo de seu pai perto de Hettinger, Dakota do Norte. Eles fugiram pela ferrovia Northern Pacific, para Seattle ela se lembrava de ter comido desjejum no carro-restaurante, onde ele trabalhou durante dois anos em uma fundição de Harbor Island e um

ano carregando tábuas à beira-mar. Etta, filha de fazendeiros, gostou de Seattle. Era costureira na Second Avenue e fazia casacos tipo Klondike por encomenda. A fazenda de morangos em San Pedro, que visitaram no Natal, pertencia ao pai de Carl, um homem imponente; Carl havia partido aos dezessete anos, em busca de aventuras. Quando o pai morreu, ele voltou, trazendo Etta consigo.

Ela tentou gostar de San Pedro. Mas lá era muito úmido, e pegou uma tosse e começou a sentir umas dores lombares. Tinha quatro filhos criados para trabalhar duro, mas o mais velho foi para Darrington lançar cabos para arrastar toros de madeira da floresta e o segundo e o terceiro foram para a guerra. Só o segundo Carl Júnior regressou. O quarto era uma filha que, como a própria Etta, fugiu para morar em Seattle.

Etta se cansou, enjoou de morangos: nem mesmo gostava de comê-los. O marido dela adorava essa fruta, mas Etta não conseguia sentir nada por ela. Para ele, os morangos eram um mistério sagrado, joias de açúcar, gemas de um vermelho intenso, orbes doces, rubis suculentos. Ele conhecia os seus segredos, o caminho que tomavam, as reações diárias que tinham à luz solar. As pedras entre as fileiras de pés de morangos armazenavam calor, dizia ele, e mantinham suas plantas mais aquecidas à noite do que ficariam de outra forma mas ela nada tinha a dizer sobre esse tipo de coisa. Ela trazia para ele seus ovos e ia ao estábulo tirar leite. Atirava ração dos bolsos do avental para os perus e frangos. Esfregava a sala de roupa suja para retirar o estrume do campo. Enchia o cocho dos porcos e caminhava por entre as cabanas dos colheiteiros para ver se não tinham surrupiado frascos de conserva.

O coração de Carl parou em uma clara noite de outubro em 1944. Ela o encontrara no banheiro, com a cabeça contra a parede, as calças

amontoadas em torno dos tornozelos. Carl Júnior estava na guerra, e Etta aproveitou-se dessa circunstância para vender a fazenda para Ole Jurgensen. Isso deu a Ole quase trinta hectares no meio do Center Valley. Também deu a Etta dinheiro suficiente para se sustentar, apesar de ela ser bastante econômica. Felizmente, essa economia estava de acordo com sua natureza: dava-lhe o mesmo prazer que Carl tinha em cuidar de seus morangos.

Alvin Hooks, o promotor ele parecia mais sagaz do que nunca na presença dela, estava profundamente interessado na vida financeira de Etta. Passava diante dela com o cotovelo esquerdo cuidadosamente aninhado na palma da mão direita e o queixo apoiado no polegar. Sim, disse ela, ela fazia a contabilidade da fazenda. Não, a fazenda nunca dera muito lucro, mas os doze hectares os haviam sustentado durante 24 anos alguns anos melhores que os outros, acrescentou ela: dependia do que a fábrica de conservas pagava. Eles pagaram as dívidas em 1929, isso ajudou, mas logo depois veio a Depressão. O preço dos morangos caiu, o Farmall precisou de um casquilho de biela de Anacortes, o sol não brilhou todos os dias. Em certa primavera, uma geada arruinou as frutas, em outra, não foi possível drenar os campos, e os morangos mais baixos apodreceram. Um ano, era o fungo que atacava, no outro, não dava para evitar as pragas de cigarrinhas. Ainda por cima, Carl quebrou a perna em 1936 e passou o tempo todo mancando ao longo das fileiras de pés de morango, atrás de estacas ou baldes que não podia carregar por causa das suas muletas caseiras. Aí ele plantou dois hectares de framboesas e jogou dinheiro fora fazendo essa experiência arame e estacas de cedro, trabalho de construção de treliças, aquilo os prejudicou até ele conseguir atinar com o jeito certo de selecionar as hastes e discipliná-las para produzirem. De outra feita ele tentou uma

variedade nova Rainiers que não pegou porque ele usou nitrogênio demais: folhas demais, plantas altas e copadas, mas frutos pequenos e duros, uma colheita insignificante.

Sim, ela conhecia o réu, Kabuo Miyomoto, já há um bom tempo, lembrava-se. Fazia mais de vinte anos que a família dele vinha participar da colheita o réu, seus dois irmãos, suas duas irmãs, sua mãe e seu pai, ela se lembrava bem deles. Eram trabalhadores incansáveis, muito reservados. Traziam os carrinhos cheios, ela os assinalava e pagava. No início moraram em uma das cabanas dos colheiteiros: ela sentia o cheiro das percas que cozinhavam lá. Via-os algumas noites sentados sob um bordo comendo arroz e peixe em pratos de lata. Penduravam as roupas para secar em um varal entre duas árvores novas em um campo de salgueirinhas e dentes-de-leão. Eles não tinham carro para se locomover; ela não sabia como eles se viravam. De manhã cedo, dois ou três dos filhos iam até Center Bay com linhas de pescar e pescavam no píer ou nadavam até as pedras e tentavam apanhar bacalhau. Ela os tinha visto na estrada às sete horas da manhã voltando para casa com as feiras de peixes ou com cogumelos, com gavinhas de samambaias, mexilhões, trutas vindas dos rios, se tivessem sorte.

Andavam descalços, de cabeça baixa. Todos usavam chapéus de palha: colheiteiros.

Ah, sim, ela se lembrava bem deles. Como poderia esquecer pesas assim? Sentada no banco das testemunhas, olhava fixamente para baixo, e seus olhos encheram-se de lágrimas.

O juiz Fielding anunciou um recesso, vendo que ela estava dominada pela emoção, e Etta seguiu Ed Soames para a antessala, onde ficou sentada em silêncio, a recordar.

Jenhichi Miyomoto havia aparecido na porta dela no fim da terceira colheita de sua família. Etta tinha acabado de vir da pia da cozinha, e dali, do outro lado do salão, ela o viu olhando-a. Ele fez um gesto com a cabeça para ela, e ela, depois de olhá-lo um momento, voltou a lavar os pratos. Em seguida Carl seu marido veio até a porta e falou com Zenhichi, segurando o cachimbo entre o polegar e o indicador. Era difícil escutar bem o que estavam conversando, portanto, ela fechou a torneira. Etta ficou escutando em silêncio.

Dentro em pouco os dois saíram andando juntos pelos campos. Da janela acima da pia ela os via; paravam, um deles apontava, eles continuavam. Paravam de novo, apontavam, faziam gestos com os braços para um lado e para o outro. Carl acendeu o cachimbo e coçou atrás da orelha, e Zenhichi apontou com o chapéu para oeste, fez um gesto amplo, tornou a colocar o chapéu na cabeça. Os dois caminharam um pouco mais entre as fileiras, subiram a crista da colina e dobraram para oeste, para trás de alguns pés de framboesa.

Quando Carl retornou, ela já havia servido o café.

-O que ele queria, afinal? -Terra disse Carl. Três hectares.

-Quais três? Carl havia colocado o cachimbo sobre a mesa.

-Três na direção oeste, três no meio-oeste. Deixando as glebas ao norte e ao sul. Eu lhe disse que era melhor os três a noroeste. Se eu fosse vender. De qualquer forma, o terreno é montanhoso.

Etta serviu café para os dois.

-Não vamos vender, disse ela, com firmeza. Não numa época como esta, quando a terra está barata. Não até as coisas melhorarem.

-É montanhoso repetiu Carl. Difícil de amanhar. Sol bom, drenagem ruim. Os hectares menos produtivos da propriedade. Ele sabe disso. Foi



por isso que os pediu. Sabe que é a única parte do terreno que eu pensaria em vender.

-Ele queria os três do meio assinalou Etta. Achou que poderia pegar um bom hectare sem você perceber.

-Talvez disse Carl. Mas acontece que eu percebi.

Eles tomaram o café. Carl comeu uma fatia de pão com manteiga e açúcar. Comeu mais uma. Estava sempre com fome. Alimentá-lo era um desafio.

-E aí, o que disse a ele? indagou ela.

-Disse que ia pensar no caso respondeu Carl. Eu estava me preparando para deixar os dois hectares de oeste entregues às ervas daninhas, sabe, dá um trabalho danado para tirar o cardo de lá.

-Não venda disse Etta. Se fizer isso, vai se arrepender, Carl.

-Eles são gente direita respondeu Carl. Aposto que vão ficar sossegados por lá. Não vai haver bebedeiras nem desordens. Gente com quem se pode trabalhar quando for preciso. Melhor que muitas outras pessoas. Ele ergueu o cachimbo e brincou com ele; gostava de senti-lo na mão. De qualquer forma, eu disse que ia pensar disse Carl. Isso não significa que tenho de vender a terra para ele, significa? Só que vou pensar.

-Pense bem alertou Etta. Levantou-se e começou a lavar os utensílios de café. Estava disposta a fincar pé no assunto; três hectares era quase um quarto da propriedade, um quarto do seu patrimônio. Esses três vão valer muito mais tarde avisou. É melhor conservá-los.

-Talvez disse Carl. Tenho de pensar nisso também. Etta ficou de pé diante da pia, de costas para ele. Lavou os pratos com raiva.

-Mas seria bom ganhar um dinheirinho, não seria? disse Carl, depois de algum tempo. Estamos precisando comprar umas coisas, e...

-Se você vai apelar para isso interrompeu-o Etta pode esquecer, que não vai me convencer. Não queira me prometer roupas novas de domingo, Carl. Eu posso comprar roupa nova quando preciso. Não somos tão miseráveis assim a ponto de ter de vender terra para os japas, somos? Por causa de roupa nova? Para comprar uma caixinha de tabaco caro para o seu cachimbo? Acho melhor você ficar com a sua terra, segurar bem ela, Carl, e um chapeuzinho novo cheio de frescura da loja do Lottie não vai mudar isso. Além do mais acrescentou ela, voltando-se para ele e enxugando as mãos no avental, acha que aquele homem tem alguma arca do tesouro ou alguma coisa enterrada nos campos em algum lugar? É isso que você acha? Acha que ele vai colocar a bufunfa toda na sua frente de uma vez só, ou coisa assim? Acha? Ele não tem nada senão aquilo que a gente paga a ele pela colheita e o que consegue cortando lenha para os Thorsen e para aqueles católicos... quem são eles?... De South Beach, perto do píer. Ele não tem dinheiro, Carl. Vai pagar um pouquinho de cada vez, e você vai levar essa mixaria como troco para a cidade. Tabaco para cachimbo até sair pelos ouvidos. Revistas para ler. Seus três hectares vão ser consumidos no bazar de Amity Harbor.

-Aqueles católicos são os Heppler respondeu Carl. O Miyomoto não trabalha mais para eles, acho que não. No inverno passado ele cortou ferrolhos de cedro para Torgerson, juntou uma boa quantia, imagino eu. Ele trabalha pra burro, Etta. Você sabe disso. Já o viu nos campos. Não preciso lhe dizer isso. Ele não gasta nada, além disso. Come percas pescadas no mar o tempo todo, compra arroz em saca no atacado em Anacortes. Carl coçou a parte inferior do braço, massageou

o peito com os dedos grossos e pesados, pegou outra vez o cachimbo e brincou com ele. Os Miyomoto são muito limpos continuou ele. Você nunca esteve lá na cabana deles? A gente pode comer no chão, os garotos dormem em esteiras, andaram até esfregando as paredes para tirar o mofo. Os filhos deles não andam por aí com as caras sujas. Penduram as roupas lavadas direitinho com pregadores feitos a mão por alguém. Não acordam tarde, não gritam, não reclamam, não pedem nada...

-Como os selvagens fazem objetou Etta.

-Não fale assim dos índios, como se fossem sujos admoestou Carl. Eu os trato bem. Mostrei o caminho da casinha, mostrei aos novos a trilha para o reservatório de sal, mostrei a eles o melhor lugar para pescar mexilhões. Agora continuou ele, para mim não faz a mínima diferença se os olhos deles são apertadinhos. Eu não dou a menor pelota para isso, Etta. Gente é gente, e só. E eles são asseados. Não há nada de errado com eles. Portanto, a questão é: queremos vender essa terra? Porque Miyomoto disse que tem quinhentos dólares para me dar agora. Quinhentos. E o restante podemos parcelar em dez anos.

Etta virou-se de novo para a pia. Aquele era mesmo o Carl! Pensou ela. Gostava de perambular pelos campos dele, conversar com os colheitores, provar as frutinhas, estalar os lábios, fumar o cachimbo, ir à cidade comprar um saco de pregos. Meteu-se na diretoria da Associação do Festival dos Morangos, julgava os carros alegóricos, ajudava a fazer salmão na brasa. Envolvia-se em comprar os novos terrenos para a feira, conseguir pessoas em Amity Harbor para doar madeira e coisas assim para o pavilhão de baile em West Port Jensen. Entrou ao mesmo tempo para a maçonaria e para os Odd Fellows, ajudava a fazer as atas na Grange. À noite andava pelas cabanas conversando com os japas e

trabalhando com os índios, observando as mulheres tecerem suéteres e outras coisas, puxando assunto com os homens sobre como eram os velhos tempos antes dos campos de morangos. Carl! Ao final da estação de colheita, ia para algum velho lugar solitário sobre o qual lhe haviam falado e procurava pontas de flechas e pedaços de ossos antigos, conchas de mariscos, essas coisas. Certa vez, um velho chefe índio foi com ele; voltaram com pontas de flechas e sentaram-se na varanda fumando cachimbo até duas da manhã. Carl deu rum para o homem beber ela os escutou do quarto, ambos se embebedando. Ficou deitada na cama, com os olhos abertos e os ouvidos atentos aos ruídos da noite, escutando Carl e o chefe tomarem rum, algumas risadas escandalosas, o tempo todo enquanto o chefe contava histórias de totens e canoas e uma antiga festa índia da qual participara onde a filha de um outro chefe havia se casado e o velho chefe ganhara uma competição de arremesso de lanças, e no dia seguinte o outro chefe morreu de repente durante o sono, morreu assim, sem mais aquela, morreu, a filha casou, e os outros fizeram um buraco na canoa dele, embarcaram-no nela e a colocaram numa árvore por algum motivo religioso.

Etta tinha vindo até a porta às duas da manhã de robe e disse ao chefe para ir para casa, que já era tarde, as estrelas iluminavam a noite, ela não gostava do cheiro do rum na sua casa.

Bom disse ela a Carl naquele momento, cruzando os braços na porta da cozinha, onde sabia que teria a última palavra. Você é o homem da casa, você é que usa as calças, vá em frente e venda sua propriedade para um japa e veja no que vai dar.

O contrato, segundo ela explicou a mando de Alvin Hooks após o recesso, incluía um sinal de quinhentos dólares e um contrato de "arrendamento com opção de compra" de oito anos. Carl receberia 250

dólares a cada seis meses, em 30 de junho e 31 de dezembro, com juros anuais de 6,5%. Carl ficaria com uma cópia da escritura, Zenhichi com outra, e uma terceira ficaria guardada à disposição de qualquer autoridade que quisesse vê-la. Os Miyomoto isso foi em 1934, informou Etta não podiam, na verdade, ser donos da terra. Eram do Japão, ambos nascidos lá, e havia uma lei que os impedia de ter propriedades na América. Carl ia manter a escritura em seu nome e dizer que fizera um arrendamento, caso alguém viesse investigar. Ela não havia bolado aquilo, tinha sido o Carl ela apenas acompanhara o desenrolar das coisas, e só. Via o dinheiro entrar e sair, conferia os juros. Ela nunca participou de negócio algum.

-Um momento interrompeu o juiz. Alisou a beca e piscou para ela. Desculpe-me por interrompê-la, Sra. Heine. O tribunal tem algumas coisas a dizer sobre esses assuntos, desculpe-me por interrompê-la.

-Pois não disse Etta.

O juiz Fielding fez um gesto de cabeça para ela, depois voltou a atenção para o júri.

-Vamos pular os cochichos na minha cadeira começou. O Sr. Hooks e eu talvez pudéssemos debater alguns momentos, mas se o fizéssemos, sem dúvida chegaríamos à conclusão de que eu teria de interromper a testemunha para explicar um determinado aspecto da lei.

Esfregou as sobrancelhas, depois bebeu um pouco d'água. Baixou o copo e recomeçou.

-A testemunha faz referência a um estatuto do estado de Washington, atualmente extinto, que tornava ilegal, na época da qual ela fala, que um estrangeiro, que não fosse cidadão, ter título de propriedade de imóveis. Esse mesmo estatuto, além disso, estipulava

que ninguém poderia ter um título de propriedade por um estrangeiro não-cidadão de nenhuma maneira, modalidade ou forma. Além disso, em 1906, creio eu, o procurador-geral dos Estados Unidos ordenou a todos os tribunais federais que negassem a cidadania e a naturalização aos japoneses. Assim, era impossível, no sentido estritamente legal, que imigrantes japoneses possuíssem terras no estado de Washington. A Sra. Heine nos contou que seu falecido marido, conspirando juntamente com o falecido pai do réu, celebraram um contrato o qual, podemos dizer, baseou-se em uma interpretação excessivamente liberal, se bem que mutuamente satisfatória, dessas leis. Eles simplesmente as burlaram. De qualquer forma, o marido da testemunha e o pai do réu celebraram um assim chamado acordo de "arrendamento" que ocultava uma compra real. Houve um sinal substancial, documentos falsos foram forjados para enganar o fiscal federal. Esses papéis, na verdade juntamente com os outros que a Sra. Heine descreveu, os que seu marido e seu "comprador" possuíam, constam como provas, como devem se lembrar, neste julgamento. Os perpetradores de tudo isso, como a Sra. Heine procurou mostrar, não mais se encontram entre nós, de forma que sua culpabilidade não vem ao caso. Se o conselho ou a testemunha quiserem mais alguma explicação, poderão fazer mais perguntas acrescentou o juiz. Contudo continuou, que fique claro que este tribunal não está aqui reunido para julgar quaisquer perpetradores de violação de nossas leis estaduais agora... felizmente... extintas de Terras para Estrangeiros. Sr. Hooks, pode continuar.

-Uma pergunta disse Etta.

-Sim, naturalmente concordou o juiz.

-Aqueles japoneses não podiam possuir terras disse Etta. Portanto, não vejo como os Miyomoto poderiam pensar que possuíam a terra

deles. Eles...

-Sra. Heine disse o juiz. Desculpe-me mais uma vez. Sinto muito ter de interrompê-la. Mas devo lembrar-lhe de que o Sr. Miyomoto está em julgamento por homicídio em primeiro grau, que é este o foco em que se concentra o presente tribunal, e que qualquer contenda sobre posse legal de terras terá de ser tratada em uma vara cível, madame. Restrinja-se, por obséquio, a responder às perguntas que lhe sejam feitas. Sr. Hooks disse o juiz. Queira prosseguir.

-Obrigado respondeu Alvin Hooks. Deixe-me assinalar para registro que a testemunha tentou apenas reconstruir os fatos acerca da propriedade de suas terras em resposta direta a uma pergunta que lhe fiz durante o interrogatório. Que aprofundar tais informações é vital para a causa do Estado e que uma descrição clara do acordo entre o réu e a testemunha evidenciará o motivo do réu para cometer o homicídio. Isso...

-Basta disse o juiz Fielding. Já fez sua introdução, Alvin. Agora prossiga.

Alvin Hooks assentiu e tornou a passear para um lado e para outro.

-Sra. Heine disse. Vamos voltar atrás só um momento. Se a lei, como disse, impedia os Miyomoto de possuir terras, por que foi celebrado este acordo? -Para que eles pudessem pagar disse Etta. A lei os deixava possuir terras se fossem cidadãos. Os filhos deles nasceram aqui, de forma que são cidadãos, imagino eu. Quando fizessem vinte anos, a terra passaria para o nome deles... a lei dizia que podiam fazer isso, colocar a terra no nome dos filhos quando completassem vinte anos.

-Entendo respondeu Alvin. E eles... a família do réu, os Miyomoto, quero dizer... não tinham filhos de vinte anos em 1934, Sra. Heine? Que a senhora saiba? -O mais velho está sentado bem ali disse Etta, apontando para Kabuo. Ele tinha doze anos na época, creio.

Alvin Hooks voltou-se para olhar o réu, como se não tivesse certeza quanto a quem ela se referia.

-O réu? indagou ele. Em 1934? -Sim confirmou Etta. O réu. Por isso o arrendamento por oito anos. Depois de oito anos, ele já teria vinte.

-Em 1942 disse Alvin Hooks.

-Quarenta e dois, isso mesmo disse Etta. Em novembro de 1942 ele faria vinte anos, eles fariam o último pagamento em 31 de dezembro, a terra iria para o nome dele, ia ser assim.

-Ia ser? indagou Alvin Hooks.

-Deixou de pagar a última parcela disse Etta. Aliás, as duas últimas. Nunca pagou. As duas últimas. Do total de dezesseis.

Ela cruzou os braços sobre o peito, apertou a boca e esperou. Nels Gudmundsson tossiu.

-Agora, Sra. Heine disse Hooks. Quando eles deixaram de pagar duas parcelas sucessivas, em 1942, o que a senhora fez? Ela levou algum tempo para responder. Esfregou o nariz. Ajeitou os braços. Lembrou-se de como Carl havia voltado para casa uma tarde com um folheto que pegara em Amity Harbor. Havia sentado à mesa, alisara o folheto diante de si e lera cada palavra lentamente. Etta ficou de pé a seu lado, lendo também.

"INSTRUÇÕES A TODAS AS PESSOAS DE DESCENDÊNCIA JAPONESA RESIDENTES NAS SEGUINTEs ÁREAS": dizia o folheto, e a seguir



relacionava Anacortes e Bellingham, San Juan e San Pedro, vários outros lugares no Skagit Valley; ela esqueceu dos outros. De qualquer forma, dizia que os japas tinham de partir ao meio-dia de 29 de março. Seriam evacuados pelo Quarto Exército.

Etta contou nos dedos. Os japas tinham exatamente oito dias. Podiam trazer roupas de cama, mesa, artigos de toalete, roupas extras, facas, colheres, garfos, pratos, terrinas, copos. Tinham de fazer trouxas bem-feitas e colocar os nomes em toda a bagagem. O governo lhes daria um número. Os japas podiam trazer tudo que pudessem carregar, mas nenhum animal. O governo dizia que guardaria sua mobília. A mobília ficaria, os japas tinham de comparecer a um centro de triagem nas docas de Amity Harbor em 29 de março, às oito da manhã. O governo providenciaria o transporte.

-Meu Deus disse Carl. Alisou o papel com o polegar, balançando a cabeça.

-Não haverá colheitores este ano respondeu Etta. Talvez consigamos alguns chineses em Anacortes, os japas não vão estar por aqui.

-Temos muito tempo para isso disse Carl. Pelo amor de Deus, Etta. Ele balançou a cabeça.

Carl afastou os dedos do papel sobre a mesa. Ele se enrolou sozinho.

-Por Deus repetiu ele. Oito dias.

-Eles vão vender tudo disse Etta. Espere e verá. Todos os badulaques, a corda e a caçamba. Vai ter um montão de vendas de quintal, preste atenção. É o que essa gente vai fazer com as coisas... vendê-las o mais rápido que puderem para quem quiser comprar.

-As pessoas vão tirar vantagem disso, também disse Carl, ainda meneando sua cabeçorra. Sentou-se com os antebraços sobre a mesa. Logo, ela sabia, ele ia comer alguma coisa, espalhar migalhas pela cozinha. Parecia que estava pronto para comer, como se estivesse contemplando a comida. É uma tristeza disse ele. Não está certo.

-São japas respondeu Etta. Estamos em guerra com eles. Não podemos ter espiões por aí.

Carl sacudiu a cabeça e, pesado como era, girou na cadeira para encará-la.

-Não estamos bem juntos disse a Etta, com franqueza. Você e eu, nós simplesmente não estamos bem.

Ela sabia, de fato, o que ele queria dizer com isso. Mas, mesmo assim, não respondeu. De qualquer forma, ele tinha dito esse tipo de coisa antes. Não doía muito.

Por um momento, Etta ficou de pé com os pulsos apoiados nos quadris, deixando claro para ele como se sentia com relação às coisas, mas Carl não desviou o olhar.

-Tenha um pouco de piedade cristã disse ele. Meu Deus, Etta, será que não sente nada? Ela saiu. Tinha de arrancar mato e encher o cocho dos porcos. Parou na sala de vestir, pendurou o avental num gancho, sentou-se para calçar as botas. Estava assim sentada, lutando com uma bota, preocupada com o que Carl tinha dito que não estavam bem juntos, aquela coisa de sempre, quando Zenhichi Miyomoto apareceu na porta, tirou o chapéu e cumprimentou-a com a cabeça.

-Nós já soubemos disse ela o que houve com vocês.

O Sr. Heine está em casa, Sra. Heine? Miyomoto apoiou o chapéu na perna, mas depois passou-o para as costas.

-Está disse Etta. Sim.

Ela meteu a cabeça fora da porta da sala e chamou Carl em voz alta.

-Tem alguém aqui! acrescentou. Quando Carl apareceu, ela lhe disse:-Vocês podem muito bem conversar na minha frente sobre isso. Também participo de tudo.

-Alô, Zenhichi disse Carl. Por que não entra? Etta arrancou as botas. Seguiu o japonês até a cozinha.

-Sente-se, Zenhichi disse Carl. Etta vai lhe servir um café. Ele olhou para ela, que assentiu com a cabeça, pegou um avental limpo no gancho e colocou-o. Encheu a cafeteira.

-Vimos o folheto disse Carl. Oito dias não é prazo que se dê. Como se pode aprontar tudo em oito dias? Não está certo acrescentou. Não está certo, mesmo.

-O que podemos fazer? respondeu Zenhichi. Vamos pregar tábuas nas janelas. Abandonar tudo. Se quiser, Sr. Heine, pode lavar nossos campos. Estamos gratos por tê-los vendido para nós. Agora a maioria das plantas são bons pés de dois anos. Vamos ter muitos morangos. O senhor os colhe para nós, por favor. Venda-os para a fábrica de conservas, guarde o dinheiro. Senão vão apodrecer, Sr. Heine. E ninguém vai sair ganhando.

Carl começou a coçar o rosto. Sentou-se em frente a Zenhichi, coçando-se. Parecia grande e rude, o japonês menor e de olhar franco. Eram mais ou menos da mesma idade, mas o japonês parecia mais jovem, pelo menos quinze anos mais jovem. Etta colocou xícaras e pires na mesa, destampou o açucareiro. Muito esperto, para início de

conversa, pensou ela. Primeiro oferece os morangos, não valem mais nada para ele agora. Muito espertinho. Depois fala nos pagamentos.

-Estou grato disse Carl. Vamos colhê-los, então. Estou muito grato, Zenhichi.

O japonês fez um gesto de cabeça. Estava sempre fazendo gestos com a cabeça, pensou Etta. Era como se aproveitavam das pessoas agiam como se fossem humildes, pensavam com ambição. Assentiam, nada diziam, baixavam o rosto; era assim que conseguiam coisas como os três hectares dela.

-Como vão pagar as prestações se eu e o Carl colhermos seus morangos? perguntou ela de onde estava, ao lado do fogão. Não vai...

-Agora espere aí, Etta interrompeu Carl. Não precisamos conversar sobre isso ainda. Ele voltou a dar atenção ao japonês. Como estão todos em casa? perguntou ele. Como receberam a notícia? -Estão todos muito ocupados neste momento informou Miyomoto. Empacotando tudo, preparando-se. Ele sorriu; ela viu seus dentes grandes.

-Podemos ajudar de alguma forma? indagou Carl.

-Colha nossos morangos. Isso já ajuda muito.

-Mas podemos ajudar? Podemos fazer mais alguma coisa? Etta trouxe a cafeteira para a mesa. Viu que Miyomoto estava com o chapéu no colo. Bom, Carl estava sendo um anfitrião muito gentil, mas tinha se esquecido disso, não? O japa teve que ficar sentado ali com o chapéu sob a mesa, como se tivesse mijado nas calças.

-Carl vai servir anunciou ela. Sentou-se, alisou o avental. Entrelaçou os dedos das mãos sobre a mesa.

-Deixe assentar um momento respondeu Carl. Aí a gente toma nosso café.

Estavam sentados ali daquele jeito quando Carl Júnior entrou desajeitadamente pela porta da cozinha. Já estava chegando da escola. Três e trinta e cinco, já em casa. Devia ter corrido, ou coisa assim. Trazia um livro de matemática. O blusão estava manchado de capim, o rosto corado do vento, um pouco suado, também. Ela viu que ele estava com fome, tinha puxado o pai, comia tudo o que visse pela frente.

-Tem umas maçãs lá na copa indicou ela. Pode pegar uma, Carl. Pegue também um copo de leite e vá para fora. Temos visitas, estamos conversando.

-Eu já soube da notícia disse Carl Júnior. Eu...

-Anda, vai pegar a sua maçã interrompeu Etta. Temos visitas, Carl.

Ele foi. Voltou com duas maçãs. Foi até a geladeira, tirou a leiteira, serviu-se de um copo de leite. O pai esticou o braço para alcançar a cafeteira e serviu Miyomoto, depois Etta, depois a si mesmo. Carl Júnior olhou-os, as maçãs em uma das mãos, o leite na outra. Depois foi para a sala de visitas.

-Vá lá para fora gritou Etta. Não coma aí.

O garoto voltou e ficou de pé na porta. Uma das maçãs já estava mordida. O leite já havia sumido do copo. Ele já estava quase do tamanho do pai. Tinha dezoito anos. Era difícil acreditar como ele era grande. Deu outra mordida na maçã.

-Kabuo está em casa? indagou.

-Kabuo acabou de chegar respondeu Miyomoto. Está, sim ele sorriu.

-Vou até lá disse Carl Júnior. Entrou na cozinha e colocou o copo na pia. Depois disparou pela porta dos fundos.

-Volte para pegar seu livro escolar! chamou Etta.

O garoto voltou e levou o livro para o andar de cima. Foi até a copa, trouxe outra maçã, acenou ao passar por eles.

-Volto logo avisou.

Carl empurrou o açucareiro para o japonês.

-Tire um pouco disse ele. Creme também, se quiser. Miyomoto assentiu.

-Obrigado disse. Muito bom. Só açúcar, por favor.

Ele colocou meia colher de açúcar. Usou a colher com cuidado, apoiou-a no pires. Esperou até Carl pegar a sua xícara, depois pegou a dele e provou.

-Muito bom disse. Olhou para Etta e sorriu, um sorriso breve, que era o máximo que ele dava.

-Seu filho está muito crescido agora disse ele. Ainda estava sorrindo. Depois baixou a cabeça. Quero lhe pagar. Duas parcelas mais, e termina. Hoje eu tenho 120 dólares. Eu...

Carl, o pai, estava balançando a cabeça. Baixou a xícara, balançou a cabeça mais um pouco.

-Absolutamente não disse. De jeito nenhum, Zenhichi. Vamos ficar com a sua safra, ver o que ela vai render em julho. Talvez então a gente possa conversar. Talvez, para onde você for, eles lhe deem algum trabalho para fazer. Quem sabe? Vamos ver como ficam as coisas. O caso é que eu não vou aceitar ficar com as suas economias num momento como esse, Zenhichi. Nem fale em fazer isso agora.

O japa colocou 120 dólares sobre a mesa várias notas de dez, algumas de cinco, dez de um; espalhou-as em forma de leque.

-Aceite, por favor disse ele. Vou mandar mais do lugar para onde vou. Quero pagar. Talvez o dinheiro não chegue, mas o senhor fica com três hectares de morangos este ano. Aí, em dezembro, faço mais um pagamento. Entende? Só mais um.

Etta cruzou os braços sobre o peito; ela sabia que ele não estava entregando os morangos em troca de nada! -Seus morangos disse ela. O que devemos pensar? Afinal de contas, ninguém estabelece preço antes de junho. Tudo bem, o senhor diz que as plantas estão boas, têm dois anos, que vai cumprir o combinado. Tudo está certo. Arranjamos gente para tirar o mato. Sem insetos, sol bom, tudo sai bem, os morangos frutificam, safra boa. Muito bem, depois do trabalho e do fertilizante que a gente puser, talvez a gente consiga duzentos dólares de morangos? Em um bom ano? Se o preço estiver bom? Se tudo der certo? Mas suponhamos que seja um mau ano. Um ano médio. Os fungos atacam, chuva demais, qualquer uma de uma dezena de coisas ruins acontecem... agora estamos falando em cem, talvez 120 dólares de morangos. Certo? E aí? Vou lhe dizer. Não vai dar para pagar a sua prestação, 250 dólares.

-Peguem isso disse Zenhichi. Empilhou as notas, empurrou-as para ela. Aqui tem 120 dólares. Os morangos vão render 130, a próxima prestação está paga.

-Pensei que estava nos dando os morangos disse Etta. Não chegou aqui dizendo que ia dá-los a nós? Não nos disse para vendê-los para a fábrica de conservas e ficar com o lucro? Agora quer 130 dólares. Ela esticou a mão e pegou a pilha de notas, contou o dinheiro enquanto

falava. Cento e trinta com o risco, oferecem eles, mais isso aqui como adiantamento, o risco em troca de receber isso em março em vez de esperarmos tudo em junho? É isso que esperava que aceitássemos? O japonês piscou para ela com firmeza. Não disse nada, nem tocou no café. Havia ficado rígido e frio. Ela podia ver que estava zangado, que estava se contendo, sem mostrar sua fúria. Ele é orgulhoso, pensou. Acabei de cuspir na cara dele, está fingindo que não foi nada disso. Vá piscar para outro lado, pensou.

Etta acabou de contar o dinheiro, recolocou a pilha de notas sobre a mesa e cruzou os braços sobre o peito outra vez.

-Mais café? indagou.

-Não, obrigado replicou o japonês. Por favor, fiquem com o dinheiro.

A manopla de Carl deslizou sobre a mesa. Seus dedos cobriram a pilha de notas e a empurraram para diante do café do japonês.

-Zenhichi disse ele. Não vamos aceitar isso. Não se preocupe com o que diz a Etta, não vamos querer esse dinheiro. Ela está ofendendo você, e eu peço desculpas. Ele olhou para ela então, e ela revidou. Sabia como ele se sentia, mas não se importava, queria que Carl soubesse o que estava acontecendo, como ele estava sendo ludibriado. Ela não ia abaixar a cabeça. Enfrentou o olhar dele.

-Desculpe disse o japonês. Peço muitas desculpas.

-Vamos nos preocupar com isso na hora da colheita disse Carl. Vocês, indo para onde forem, escrevam para nós. Vamos colher seus morangos, responder a carta, e aí resolvemos. Vamos deixar as coisas correrem soltas um pouco, pelo menos é o que penso. De qualquer maneira, o senhor vai terminar de pagar, talvez mais adiante, de algum



outro lugar, tudo vai acabar dando certo no final. Tudo vai funcionar bem. Mas no momento o senhor tem coisas mais importantes com que se preocupar. Não precisa de ninguém lhe puxando a orelha para pagar a sua prestação. Já tem muito o que fazer. E se eu puder fazer alguma coisa, ajudar vocês a se aprontarem, comunique-me, Zenhichi.

-Vou pagar respondeu Zenhichí. Vou dar um jeito, vou mandar o dinheiro.

-Ótimo disse Carl, estendendo a mão. O japonês a pegou.

-Obrigado, Carl disse ele. Vou pagar. Não se preocupe.

Etta observou Zenhichi. Ocorreu a ela que ele não havia envelhecido percebeu isso mais claramente do que nunca. Durante dez anos ele havia trabalhado naqueles mesmos campos, seus olhos ainda estavam claros, suas costas retas, sua pele lisa, a barriga enxuta e dura. Dez anos havia trabalhado nos mesmos campos que ela, e mesmo assim não havia envelhecido sequer um dia. Suas roupas estavam limpas, a cabeça erguida, a pele trigueira e sadia. E tudo isso era parte do seu mistério, sua distância do que ela era. Algo que ele sabia o preservava do envelhecimento, enquanto ela, Etta, ficava cada vez mais acabada e esgotada algo que ele sabia mas mantinha em segredo, oculto atrás do seu rosto. Talvez fosse a religião dos japas, pensou ela, ou alguma substância do sangue deles. Não sabia como descobrir.

Ela lembrou-se, no banco das testemunhas, que Carl Júnior havia retornado naquela tarde com uma vara de pescar de bambu. Como ele olhara para ela ao entrar pela porta com o cabelo desalinhado pelo vento. Como era grande e jovem, como um filhote de dinamarquês, saltando para dentro da cozinha. Seu filho, um corpulento rapaz.

-Veja isso disse ele. Kabuo me emprestou.

Ele começou a explicar-lhe como funcionava. Ela estava na pia descascando batatas para o jantar. Ele disse que era uma vara boa para trutas em migração para o mar. Bambu bipartido, feito pelo Sr. Nishi, as anilhas macias, enroladas com seda. Pensava em pescar de corrico com ela, com Erik Everts ou outra pessoa, um amigo, ir com ele numa canoa. Equipá-la com acessórios leves, ver como funcionava. Onde estava o papai? Queria mostrá-la a ele.

Etta não parou de descascar as batatas enquanto dizia ao filho o que tinha de dizer: devolva essa vara aos japas, eles deviam aquele dinheiro, a vara estava atrapalhando.

Ela lembrou-se de como o rapaz olhou para ela. Magoado, e tentando esconder isso. Queria e não queria discutir não iria vencer, e já sabia disso. O olhar dos derrotados o olhar de seu pai, um grande, laborioso fazendeiro de morangos. Dominado, paralisado. O rapaz falava como o pai e movia-se como o pai, mas tinha uma testa larga, orelhas pequenas, havia um jeito de olhar, algo dela. O garoto não era só de Carl. Era seu filho também, ela sentia isso. Volte e devolva isso repetiu ela, brandindo o descascador. E isso, ela percebia agora, no banco das testemunhas, seus sentimentos não se equivocaram. Ele havia levado a vara de volta, passaram-se alguns meses, ele fora para a guerra, voltara para casa, aquele garoto japonês o matara. Ela estivera certa sobre eles o tempo inteiro; Carl, seu marido, se enganara.

Eles não pagaram as parcelas, disse a Alvin Hooks. Assim, simplesmente. Não pagaram. Ela vendeu a fazenda para Ole Jurgensen, mandou a parte deles para Califórnia, não ficou com o dinheiro deles. Devolveu cada centavo. Mudou-se para Amity Harbor no Natal de 1944. Era tudo, segundo ela podia se lembrar. Agora parecia que ela errara em uma coisa: a gente nunca se livra das pessoas quando há dinheiro

envolvido. De uma forma ou de outra, eles precisavam dele. E por causa disso, contou ela ao tribunal, o filho dela fora assassinado por Kabuo Miyomoto. O filho dela estava morto, tinha partido para sempre.

Alvin Hooks contornou a beirada da mesa e retomou as passadas lentas e fluidas sobre o assoalho que haviam feito parte de sua estratégia durante toda a manhã.

-Sra. Heine interpelou ele. Em dezembro de 1944 a senhora se mudou para Amity Harbor? -Correto.

-Seu marido havia falecido recentemente? -Correto, também.

-A senhora sentiu que sem ele não poderia cuidar das suas terras? -Sim.

-Então se mudou para Amity Harbor disse Alvin Hooks. Para onde, exatamente, Sra. Heine? -Para a Main Street disse Etta. Em cima da loja de Lottie Opsvig.

-De Lottie Opsvig? Uma loja de roupas? -Correto.

-Um apartamento? -Sim.

-Um apartamento grande? -Não disse Etta. Só de um quarto.

-Um quarto em cima de uma loja de roupas disse Alvin Hooks. Então a senhora alugou um apartamento de um quarto. E posso lhe perguntar quanto pagava por mês de aluguel? -Vinte e cinco dólares respondeu Etta.

-Um apartamento de 25 dólares por mês disse Alvin Hooks. Ainda mora lá? Atualmente reside lá? -Sim.

-Ainda pagando 25 dólares? -Não respondeu Etta. Trinta e cinco. O preço aumentou e 1944.

-Quarenta e quatro repetiu Alvin Hooks. Foi o ano em que mudou? O ano em que enviou aos Miyomoto a sua parte nas terras veio morar

em Amity Harbor? -Sim - disse Etta.

-Sra. Heine disse Alvin Hooks, parando de perambular. Viu falar dos Miyomoto alguma vez depois disso? Depois de lhes aliviar o dinheiro deles? -Sim, tive notícias deles disse Etta.

-Quando foi isso? indagou Alvin Hooks.

Etta mordeu o lábio e refletiu; apertou as bochechas entre os dedos.

-Foi em julho de 1945 respondeu, finalmente. Aquele ali bateu à minha porta. E indicou Kabuo Miyomoto.

-O réu? -Sim.

-Bateu à sua porta em 1945? À porta do seu apartamento de Amity Harbor? -Correto.

-Ele avisou que vinha? Estava esperando por ele? -Não. Ele simplesmente apareceu. Assim, sem mais nem menos.

-Sra. Heine prosseguiu o promotor. O que o réu declarou que queria com a senhora? -Queria conversar sobre terra, segundo disse. Tinha umas coisas para dizer sobre a terra que vendi para o Ole.

-O que ele lhe disse, exatamente, Sra. Heine? Consegue se lembrar? Para que o tribunal tome conhecimento? Etta cruzou os dedos no colo e relanceou o olhar para Kabuo Miyomoto. Podia ver nos olhos dele eles não enganavam a ela que ele se lembrava de tudo. Ele apareceu na porta dela, bem-vestido, as mãos com os dedos entrelaçados, sem pestanejar. Era julho, e o calor no apartamento estava insuportável; à porta parecia muito mais ventilado. Eles se entreolharam, e depois Etta cruzou os braços sobre o peito e lhe perguntou o que ele desejava.

-Sra. Heine disse ele. Lembra-se de mim? -Claro que me lembro respondeu ela.

Ela não o vira mais desde o dia em que os japas partiram havia mais de três anos, em 1942, mas recordava-se suficientemente bem dele. Ele era o garoto que tentara dar uma vara de pescar a Carl, o garoto que costumava ver da janela da cozinha brandindo sua espada de madeira nos campos. Era o mais velho dos filhos dos Miyomoto ela conhecia o rosto dele, mas não se lembrava do seu nome, aquele com o qual o filho dela costumava andar.

-Já regressei faz três dias disse ele. Acho que o Carl ainda não voltou para casa.

-O Carl faleceu respondeu Etta. Carl Júnior está lutando contra os japas. Ela encarou o homem à sua porta. Eles praticamente já entregaram os pontos acrescentou.

-Praticamente concordara Kabuo. Ele levou as mãos às costas. Fiquei triste com essa notícia do Sr. Heine continuou. Soube disso na Itália. Mamãe me escreveu uma carta.

-Bom, eu contei a vocês quando enviei o dinheiro das terras replicou Etta. Disse na minha carta que Carl havia falecido e que eu tive de vender a propriedade.

-Sim disse Kabuo. Mas, Sra. Heine, meu pai tinha um acordo com o Sr. Heine, não? Não...

-O Sr. Heine faleceu interrompeu-o Etta. Eu tinha de tomar uma decisão. Não podia trabalhar na fazenda sozinha, podia? Vendi-a para Ole e pronto disse ela. Se você quer conversar sobre aquela parte da terra, vá procurar Ole. Eu não tenho nada a ver com isso.

-Por favor suplicou Kabuo. Já falei com o Sr. Jurgensen. Voltei para a ilha na quarta-feira passada e saí para ver o que tinha acontecido com o lugar. Sabe, dar uma olhada. O Sr. Jurgensen estava no campo, no trator. Conversamos algum tempo sobre as coisas.

-Bom, ótimo disse Etta. Então já falou com ele.

-Falei disse Kabuo. Ele disse que era melhor falar com a senhora.

Etta cruzou os braços com mais força.

-Hum! exclamou. A terra é dele, não é? Vá lá e lhe diga isso. Diga que fui eu que mandei dizer. Vá dizer a ele.

-Ele não sabia disse Kabuo. A senhora não lhe contou que estávamos devendo uma prestação, Sra. Heine. Não lhe contou que o Sr. Heine tinha...

-Ele não sabia debochou Etta. Foi isso que Ole lhe falou? Ele não sabia... é isso? Será que eu devia dizer: "Ole, tem um pessoal que fez um contrato ilegal com o meu marido para ficar com três hectares da fazenda"? Era isso que eu tinha de dizer? Ele não sabia repetiu Etta. É a coisa mais ridícula que eu já ouvi. Devo dizer a alguém que está comprando minha terra que existe um contrato ilegal para complicar as coisas? E se eu contasse? Hein? A verdade é que vocês não terminaram de pagar. Isso é verdade. E suponha que tivessem feito um financiamento com um banco por aqui. Apenas suponha. Vocês não pagam, e o que acha que acontece? Será que alguém vai ficar esperando educadamente por vocês? Não. O banco entra com uma reintegração de posse, é isso que acontece. Não fiz nada que um banco não fizesse. Não fiz nada de errado.

-Não fez nada de ilegal replicou o japonês. Errado, já é uma outra história.

Etta pestanejou. Afastou-se e apoiou a mão na maçaneta.

-Saia daqui enxotou ela.

-A senhora vendeu nossa terra prosseguiu o japonês. Vendeu nossa terra pelas nossas costas, Sra. Heine. Tirou vantagem do fato de termos sido exilados. A senhora...

Mas ela já havia fechado a porta, para não escutar. Carl fez uma sujeirada danada, pensara ela. Agora eu é que tenho de limpar tudo.

-Sra. Heine disse o promotor, Alvin Hooks, quando ela acabou de lhe narrar essa história. Tornou a ver o acusado depois disso? Ele a abordou de novo para falar sobre essa questão das terras? -Se eu o vi? perguntou Etta. É claro que sim. Vi na cidade, no Petersen, aqui, ali... Eu o via de vez em quando, sim.

-Ele falou com a senhora? -Não.

-Nenhuma vez? -Não.

-Vocês não se comunicaram mais? -Não, que eu me lembre. A menos que vocês considerem olhares de ódio uma forma de comunicação. E ela lançou um rápido olhar a Kabuo outra vez.

-Olhares de ódio, Sra. Heine? O que quer dizer com isso, exatamente? Etta alisou a frente do vestido e endireitou-se no banco das testemunhas.

-Sempre que eu o via insistiu ela, ele me olhava com os olhos apertados. Sabe, me encarando, me fuzilando com os olhos.

-Entendo disse o promotor. E durante quanto tempo isso aconteceu? -Desde aquela ocasião disse Etta. Nunca deixou de ser assim. Eu nunca recebi um olhar amigável dele, nenhuma vez em todas as vezes que o vi. Sempre me espreitava, me olhava de cara feia.



-Sra. Heine disse Alvin Hooks. Alguma vez conversou com o seu filho sobre essa atitude do réu? Contou a Carl Júnior que Kabuo Miyomoto tinha vindo até a sua casa e discutido com a senhora sobre a venda das terras da família dele? -Meu filho sabia de tudo. Quando regressou, contei a ele.

-Regressou? -Da guerra disse Etta. Uns dois meses depois, mais ou menos em outubro, acho.

-E lhe contou então que o réu tinha vindo à sua casa? -Sim.

-Lembra-se do que ele respondeu? -Sim disse Etta. Disse que ia ficar de olho nele. Disse que se o Kabuo Miyomoto andava fazendo cara feia para mim, ia ficar de olho nele.

-Entendo disse Alvin Hooks. E ficou mesmo? -Ficou. Pelo menos, ao que me consta, sim.

-Ficou vigiando o Kabuo Miyomoto? -Sim, ficou. Ficou vigiando ele.

-Que a senhora saiba, Sra. Heine, os dois se desentenderam? Ambos eram pescadores, tinham isso em comum. Foram, como narrou, vizinhos na adolescência. E, apesar disso, houve essa... questão. Essa questão de família sobre terras. Então, eles, o réu e seu filho, se entendiam bem ou não, de 1945 em diante? -Não declarou Etta. O réu não era amigo do meu filho. Não é óbvio? Eram inimigos.

-Inimigos? indagou Alvin Hooks.

-Carl me contou mais de uma vez que gostaria que Kabuo esquecesse dos tais três hectares e parasse de me olhar daquele jeito agressivo.

-Quando lhe disse que o réu havia olhado a senhora com raiva, seu filho reagiu exatamente de que maneira, Sra. Heine? -Disse que

gostaria que o Kabuo parasse com aquilo. Disse que ia ter de ficar de olho no Kabuo.

-Ficar de olho repetiu Alvin Hooks. Ele pressentiu que o Sr. Miyomoto poderia representar algum perigo? -Objeção interveio Nels Gudmundsson. A testemunha está sendo induzida a especular quanto ao estado de espírito de seu filho e suas emoções. Ele...

-Está bem, está bem disse Alvin Hooks. Diga-nos o que observou, Sra. Heine. Diga-nos o que seu filho disse ou fez... algo sugeria que ele pressentisse alguma ameaça da parte do Sr. Miyomoto? -Disse que ia ficar de olho nele repetiu Etta. Sabe, ia vigiá-lo.

-O seu filho disse que tinha de vigiar o Sr. Miyomoto. Que ele podia representar algum perigo, de alguma forma? -Sim disse Etta. Ele ficou de olho nele. Todas as vezes que eu lhe disse que aquele homem estava me olhando atravessado, foi o que ele disse, ia vigiá-lo.

-Sra. Heine disse Alvin Hooks. Acha que o termo "rixa familiar" poderia se aplicar precisamente à relação entre sua família e a do réu? Vocês eram inimigos? Havia uma rixa? Etta encarou Kabuo.

-Sim disse. Éramos inimigos, sim. Eles nos incomodaram por causa daqueles três hectares durante quase dez anos. Meu filho foi morto por isso.

-Objeção disse Nels Gudmundsson. A testemunha está especulando quanto a...

-Objeção mantida concordou o juiz Fielding. A testemunha deve limitar-se a responder as perguntas a ela feitas sem maiores especulações. Por estas palavras instruo os senhores membros do júri a desconsiderar suas últimas palavras. O comentário da testemunha, portanto, será cancelado do registro. Continuemos, Sr. Hooks.

-Obrigado agradeceu Alvin Hooks. Mas não consigo lembrar-me de mais nada para perguntar, meritíssimo. Sra. Heine, gostaria que soubesse o quanto lhe estou grato por a senhora ter vindo, mesmo com esse tempo que estamos tendo. Obrigado por testemunhar em uma nevasca. A seguir, ele girou, apoiado na ponta de um dos sapatos, e apontou com um dos indicadores para Nels Gudmundsson. Sua testemunha disse.

Nels Gudmundsson balançou a cabeça e franziu o sobrolho.

-Só farei três perguntas resmungou ele, sem se levantar. Andei fazendo alguns cálculos, Sra. Heine. Se minha multiplicação estiver correta, a família Miyomoto comprou três hectares da senhora por 4.500 dólares... correto? 4.500 dólares? -Tentaram comprar por esse valor corrigiu Etta. Nunca terminaram de pagar.

-Segunda pergunta disse Nels. Quando a senhora procurou Ole Jurgensen em 1944 e lhe disse que queria vender sua terra, qual foi o preço por hectare? -Cerca de 2.400 dólares por hectare disse Etta.

-Imagino que isso transforma o que teriam sido 4.500 dólares em mais de 7.000 dólares, não? Um aumento de mais de 2.500 dólares no valor da terra, se enviou aos Miyomoto a parte deles e vendeu a terra para Ole Jurgensen? -É essa a sua terceira pergunta? indagou Etta.

-É respondeu Nels. Sim.

-O senhor fez as contas direito. Dois mil e quinhentos.

-Isso é tudo, obrigado respondeu Nels. A senhora pode sair, Sra. Heine.

Ole Jurgensen veio da galeria apoiando-se com força na bengala. Alvin Hooks segurou a porta de mola para ele, e Ole passou arrastando os pés com a bengala na mão direita e a esquerda apoiada às costas.

Arrastava os pés meio de lado, como se fosse um caranguejo machucado, dirigindo-se para onde Ed Soames estava segurando a Bíblia para o juramento. Quando Ole chegou, balançou a bengala de uma mão para a outra antes de resolver pela conveniência de pendurá-la no pulso. O ataque de apoplexia que ele havia sofrido em junho fazia suas mãos tremerem. Estava entre os colheiteiros de morangos, selecionando frutas numa caixa, quando cresceu a sensação de que a terra estava oscilando sob seus pés, oriunda de uma tontura mais geral e uma náusea que o haviam incomodado a manhã inteira. Ole recuou e fez um último esforço desesperado para ignorar o que estava acontecendo, mas o céu pareceu amontoar-se em torno da sua cabeça, a terra envervou-se e ele caiu de pernas para o ar dentro de um engradado de morangos. Ficou ali deitado, piscando para as nuvens, até dois colheiteiros índios canadenses o puxarem pelas axilas. Levaram-no até sua casa na caçamba do trator e o deitaram na varanda como um cadáver. Liesel sacudiu-o até ele resmungar para ela e babar, e vendo isso ela começou a perguntar-lhe histericamente sobre a natureza dos sintomas. Quando ficou óbvio que ele não pretendia responder, ela se calou e beijou-lhe a testa. Depois correu para dentro e ligou para o Dr. Whaley.

Desde então, ele havia decaído rapidamente. As pernas ficaram rígidas, os olhos vazavam água, a barba, desgrenhada, terminava no terceiro botão do colete, a pele tinha uma aparência rosa forte e esfolada. Ele empoleirou-se no banco das testemunhas, com ambas as mãos envolvendo o castão da bengala agora, um velho trêmulo e desengonçado.

-Sr. Jurgensen começou Alvin Hooks. O senhor foi vizinho da família Heine durante muitos anos, em Center Valley? Correto, senhor? -Sim respondeu Ole Jurgensen.

-Quantos anos? -Sempre respondeu Ole. Ora, posso me lembrar de quarenta anos atrás, quando o Carl, o pai, desbravou a terra dele, vizinha da minha.

-Quarenta anos disse Alvin Hooks. O senhor já planta morangos há quarenta anos? -Sim, senhor. Há mais de quarenta.

-Quantos hectares possuía, Sr. Jurgensen? Ole pareceu pensar no assunto. Umedeceu os lábios e apertou os olhos para o teto do tribunal, as mãos deslizando para cima e para baixo pela bengala.

-Quinze... para começar respondeu. Depois comprei mais doze da Etta, entende, como Etta contou antes, quando esteve aqui. Isso me deixou com 27 hectares; era uma fazenda grande.

-Sim disse Alvin Hooks. Então o senhor comprou doze hectares de Etta Heine? -Sim, senhor. Comprei.

-E quando foi isso, Sr. Jurgensen? -Assim bem como ela contou. Em 1944.

-Ela lhe passou a escritura da propriedade na época? -Sim, senhor.

-Pode se lembrar, Sr. Jurgensen, se a escritura lhe pareceu bem clara? Ou seja, havia algum gravame, ou condição? Servidões? Hipotecas? Esse tipo de coisa? -Não respondeu Ole Jurgensen. Nada disso. O contrato estava perfeito. Tchudo na mais perfeita ordem.

-Entendo disse Alvin Hooks. Então não sabia de nenhuma reivindicação que os Miyomoto talvez tivessem com relação a três dos doze hectares que o senhor acabava de comprar.

-Não sabia, não respondeu Ole. Conversei com Etta sobre isso, entende, porque a família Miyomoto, eles ti-tinham uma casa na propriedade, eu sabia que três hectares tinham sido vendidos para eles.

Mas Etta me disse que eles não pagaram, portanto ela... fez uma reintegração de posse. Ela não tinha escolha depois que o Carl morreu, segundo o que ela disse. O contrato parece perfeito, segundo ela. Os Miyomoto estavam no campo de concentração, disse ela, talvez não-voltassem. Ela disse que ia devolver o dinheiro deles. Eles não vão reivindicar nada, não, senhor.

-Então não soube de nenhuma reivindicação que os Miyomoto talvez tivessem com relação a três hectares da terra que havia comprado? -Não. Não soube de nada até aquele homem apontou com o nariz para o réu vir me contar.

-Quer dizer, o acusado... Kabuo Miyomoto? -Ele mesmo respondeu Ole. Sim, senhor.

-Ele veio quando, Sr. Jurgensen? -Deixe-me ver disse Ole. Veio no verão de 1945, é isso. Che-chegou na minha casa e disse que a Sra. Heine tinha roubado a terra deles, que o Sr. Heine nunca teria deixado uma coisa dessas acontecer, disse ele.

-Não estou entendendo bem o senhor disse Alvin Hooks. O acusado apareceu na sua fazenda no verão de 1945 e acusou Etta Heine de tê-lo roubado? -Sim, senhor. É isso que eu lembro.

-E o que o senhor disse? -Disse-lhe que não, que ela havia me vendido a terra, e que eu não vi o nome dele em nenhum lugar no contrato.

-Ele não queria tudo respondeu Ole. Queria só os três a noroeste, onde a família dele havia morado um dia. Antes da guerra.

-E vocês conversaram sobre isso? Pensou em lhe vender a terra? -Ele não tinha dinheiro disse Ole. De qualquer forma, não estava pensando em ve-vender naquele tempo. Foi antes... do meu ataque. Eu

tinha uma boa fazenda, com 27 hectares. Não queria vender uma parte para ninguém.

-Sr. Jurgensen disse Alvin Hooks. Quando comprou os doze hectares de Etta Heine, comprou também a casa dela? -Não. Ela vendeu em separado. Vendeu só a casa para Bjorn Andreason. E ele ainda mora lá até hoje.

-E a casa em que a família do réu havia morado, Sr. Jurgensen? -Essa respondeu Ole eu comprei.

-Entendo disse Alvin Hooks. E o que fez com ela? -Uso-a para abrigar meus colheiteiros, entende disse Ole. Minha fazenda era tão grande agora, que precisava de um administrador o ano inteiro. E ele agora mora lá, além dos colheiteiros que vêm na época da colheita.

-Sr. Jurgensen disse Alvin Hooks, o réu disse mais alguma outra coisa ao senhor nessa visita no verão de 1945? Algo de que possa se lembrar? A mão direita de Ole Jurgensen ergueu-se do castão da bengala. Agarrou o bolso lateral do casaco e tateou, procurando alguma coisa.

-Sim, uma coisa disse Ole. Ele disse que algum dia iria recuperar sua terra.

-Recuperá-la? -Sim, senhor. E estava zangado.

-E o que o senhor respondeu? -Perguntei por que ele estava zangado comigo. Eu não sabia nada sobre aquela terra, a não ser que não queria vendê-la para ninguém Ole levou um lenço até a boca e secou os lábios com ele. Eu disse a ele para ir falar com Etta Heine, ela havia se mudado para Amity Harbor. Disse-lhe onde podia encontrá-la, ela era a pessoa que ele devia procurar.

-E ele foi embora, depois disso? -Foi.

-E o senhor o viu de novo? -Vi, sim, esta ilha é pequena. Se a gente morar aqui, vê todo mundo o tempo todo.

-Muito bem respondeu Alvin Hooks. O senhor teve uma apoplexia, Sr. Jurgensen, como disse. E foi em junho deste ano? -Sim, senhor, 28 de junho.

-Entendo disse Alvin Hooks. E ela o incapacitou? De forma que sentiu que nunca mais poderia dirigir sua fazenda? Ole Jurgensen não respondeu a princípio. A mão direita dele, com o lenço, voltou a pousar sobre o castão da bengala. Ele mordeu o interior da bochecha; a cabeça balançou. Ole lutou para falar.

-Eu, eu... sim respondeu. Eu simplesmente não podia, sabe.

-Não podia administrar sua fazenda? -N-não.

-E o que fez? -E-eu a coloquei no mercado. À venda disse Ole Jurgensen.

-Em 7 de setembro. Logo depois do Dia do Trabalho.

-Deste ano? -Sim, senhor.

-Cadastrou sua fazenda em uma corretora, Sr. Jurgensen? -Sim, senhor.

-Na de Klaus Hartmann? -Sim, senhor.

-Anunciou-a de alguma outra forma? -Coloquei uma placa no estábulo disse Ole. E só.

-E aí, o que aconteceu? perguntou Alvin Hooks. Alguém veio olhar? -Veio o Carl Heine disse Ole. O filho da Etta, o C-Carl Heine.

-Quando foi isso? indagou Alvin Hooks.



-Em 7 de setembro disse Ole. Lá veio o Carl Heine, querendo comprar a minha fazenda.

-Conte-nos sobre isso perguntou Alvin Hooks, gentilmente.

-Carl Heine era um... pescador bem-sucedido. Tinha uma boa propriedade na Mill Run Road. Por que queria comprar sua fazenda? Ole Jurgensen piscou uma dúzia de vezes. Secou os olhos com o lenço. O jovem, lembrava-se, Carl Júnior, veio pela entrada de carros naquela manhã dirigindo um Bel-Air azul-celeste, espantando as galinhas que lhe atravessavam o caminho. Ole, da varanda, soube quem era na mesma hora; logo imaginou o que ele queria. O jovem aparecia por lá toda colheita; trazia a mulher e os filhos. Levavam os carrinhos de mão para o campo e catavam morangos juntos. Ole sempre recusava o dinheiro de Carl, mas Carl o obrigava a aceitar. Quando Ole balançava a cabeça, Carl colocava as notas na mesa de pesagem ao lado da balança, sob uma pedra.

-Não me importa se a terra já foi do meu pai dizia ele. Agora é sua. Vamos pagar.

Agora ali estava ele, grande como o pai, com a estatura do pai e o rosto da mãe, vestido de pescador, de botas de borracha ele era pescador, lembrou-se Ole, havia batizado o barco com o nome da esposa, Susan Marte.

Liesel dera ao rapaz um copo de chá gelado. Ele se sentara de modo que de onde estavam podiam ver a plantação de morangos estender-se diante de si. À distância só conseguiam distinguir a ampla lateral da casa de Bjorn Andreason onde Carl Júnior havia morado uma vez.

Conversa trivial, explicou Ole em seguida ao tribunal. Carl perguntou sobre os morangos este ano, Ole perguntou sobre as migrações dos salmões. Liesel quis saber como ia a saúde de Etta, e depois perguntou a Carl o que achava da vida de pescador.

-Não acho nada respondeu Carl.

Tinha sido, segundo pensou Ole, uma coisa estranha para o jovem dizer aquilo, em voz alta. Devia ter ferido seu orgulho dizer aquilo. Ele estava admitindo algo, compreendeu Ole, e por alguma razão. Queria chegar a algum lugar.

O jovem baixou o copo, colocando-o bem na frente das botas de borracha e inclinou-se para eles, os cotovelos apoiados nos joelhos, como se estivesse para confessar alguma coisa. Ficou olhando as tábuas do chão da varanda um momento.

-Quero comprar sua fazenda disse, por fim.

Liesel havia lhe explicado como Bjorn Andreason tinha comprado a velha casa dos Heine não se podia fazer nada quanto a isso. Liesel havia explicado que ela e Ole não queriam sair da fazenda mas não podiam fazer nada quanto a isso também. E o rapaz havia concordado com a cabeça e coçado as cerdas que lhe cresciam na mandíbula.

-Sinto muito por isso disse, calmamente. Sinto-me mal em tirar vantagem do seu estado de saúde, Sr. Jurgensen. Mas se o senhor tem que vender a propriedade, creio... que, bem, eu estou interessado.

-Fico feliz. Você já morou aqui, conhece o lugar. Faremos o que for justo. Estou contente disse Ole e estendeu a mão para o rapaz.

O jovem apertou-a solenemente.

-É como me sinto, também disse.

Conversaram na cozinha sobre as providências que tomariam juntos. O dinheiro de Carl estava empatado no Susan Mane e na sua casa da Mill Run Road. Enquanto não trazia o resto, dava um sinal de mil dólares Carl colocou o dinheiro sobre a mesa. Dez notas de cem dólares. Em novembro, ele venderia o barco, depois a casa, prometeu Carl.

-Sua mulher vai ficar contente disse Liesel, com um sorriso. Os pescadores sempre se vão à noite.

Ole Jurgensen, apoiado na bengala, lembrou de outro visitante que chegou mais tarde naquele mesmo dia. Kabuo Miyomoto tinha vindo vê-lo.

-O réu? perguntou Alvin Hooks. Em 7 de setembro deste ano? -Sim respondeu Ole.

-No mesmo dia que Carl Heine veio vê-lo para perguntar sobre a venda das terras? -Sim, senhor.

-Na tarde daquele mesmo dia? -Por volta da hora do almoço respondeu Ole. Estávamos acabando de nos sentar para o almoço. Miyomoto bateu à nossa porta.

-E disse o que queria, Sr. Jurgensen? -O mesmo que o filho de Etta disse Ole. Queria comprar minha terra.

-Conte-nos sobre isso disse Alvin Hooks. O que exatamente ele disse ao senhor? Eles se sentaram na varanda juntos, explicou Ole. O réu havia visto a placa no estábulo e quis comprar a fazenda de Ole. Ole lembrou-se da promessa do japonês: como ele havia, de pé, nos campos, prometido que um dia recuperaria as terras de sua família. Ele se esquecera por completo do japonês. Já tinham se passado nove anos.

Lembrou-se, também, de que o japonês havia trabalhado para ele anos antes, colhendo framboesas em 1939. Ole se lembrava de vê-lo colocando estacas de cedro para sustentar os pés de framboesa, de pé na caçamba de uma picape, sem camisa, balançando uma marreta. Devia ter dezesseis ou dezessete anos.

Lembrava-se de vê-lo de manhã cedo, também, brandindo uma espada de madeira nos campos. O pai do garoto, segundo se lembrava, era Zenechee, ou coisa assim. Nunca conseguiu pronunciar aquele nome.

Na varanda, ele havia perguntado a Kabuo pelo pai, mas ele já havia falecido há muito tempo.

O japonês perguntou sobre a terra, então, e afirmou o desejo de comprar os três hectares que já haviam sido de sua família.

-Infelizmente, não estão à venda respondeu Liesel. Já os vendemos, entende? Veio uma pessoa aqui de manhã comprar a fazenda. Sinto muito lhe dizer isso, Kabuo.

-Sim disse Ole. Sentimos muito.

O japonês enrijeceu-se. Num momento a gentileza desapareceu de seu rosto, de forma que Ole não conseguiu mais entender o que ele estava sentindo.

-Venderam? perguntou ele. Já? -Sim disse Liesel. Isso mesmo. Sentimos desapontá-lo.

-Tudo? perguntou o japonês.

-Sim respondeu Liesel. Sentimos muito, mesmo. Nem tivemos tempo de tirar a placa.

A expressão rígida do rosto de Kabuo Miyomoto não mudou nem por um segundo.

-Quem a comprou? indagou ele. Quero falar com essa pessoa.

-O filho de Etta Heine, Carl disse Liesel. Ele chegou às dez da manhã.

-Carl Heine respondeu o japonês, com uma ponta de raiva na voz.

Ole sugeriu que Kabuo Miyomoto conversasse com Carl Heine sobre o assunto. Talvez eles pudessem negociar.

Liesel balançou a cabeça e torceu as mãos no avental.

-Já vendemos a fazenda repetiu ela, como que se desculpando. Ole e Carl fecharam negócio, entende. Aceitamos o sinal. Estamos comprometidos. Está vendida. Desculpe-nos.

O japonês, então, se levantou.

-Eu devia ter vindo antes disse.

No dia seguinte, Carl apareceu de novo Liesel ligou para ele para contar sobre Kabuo Miyomoto para tirar a placa do estábulo. Ole, apoiado na bengala, ficou embaixo, contando sobre a visita do japonês. Carl segundo se lembrava, ficou interessado nos detalhes do relato. Fez gestos de cabeça e escutou atentamente. Ole Jurgensen contou tudo como a gentileza desaparecera do rosto do japonês, a expressão enigmática dele ao ouvir que a terra que ambicionava tinha sido vendida. Carl Heine assentiu muitas vezes seguidas e depois desceu da escada com a placa.

-Obrigado por me contarem agradeceu.

Após ser concedido o recesso do meio-dia naquele dia, Kabuo Miyomoto almoçou na cela, como já fizera 77 vezes. A cela era uma das duas no porão do Palácio da Justiça, sem grades nem janelas. Era grande o suficiente para conter um beliche baixo dos excedentes do Exército, um vaso sanitário, uma pia e uma mesinha-de-cabeceira. Havia um ralo no canto do chão de concreto e uma grade de trinta centímetros quadrados na porta. Além disso, não havia orifícios nem aberturas através das quais a luz pudesse entrar. Havia uma lâmpada sem lustre no teto, e Kabuo podia ligar e desligar a luz girando-a no soquete. Porém, antes de terminar a primeira semana ele já havia descoberto que preferia a escuridão. Seus olhos se acostumaram a ela. Ficava menos perturbado pela proximidade das paredes da cela com a lâmpada apagada, menos consciente de estar preso.

Kabuo sentou-se na beira do beliche com o almoço sobre a mesinha, diante dele. Um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, dois pedaços de cenoura, um pouco de gelatina de lima, uma caneca de lata com leite, servido em uma bandeja de refeitório. Neste momento em particular, a luz estava acesa. Ele a havia acendido para ver o que estava comendo, mas também para olhar seu rosto em um espelho de mão para barbear. Sua esposa dissera que ele parecia um dos soldados do almirante Tojo. Ele queria ver se era verdade.

Sentou-se com a bandeja bem diante dos joelhos, comparando seu reflexo no espelho de mão. Via como seu rosto já fora juvenil e como, sobre ele, se depusera o rosto dos seus anos de guerra um rosto que ele não mais se surpreendia em ver, embora o surpreendesse muito no início. Ele havia voltado da guerra e vira em seus próprios olhos as

expressões vazias e perturbadas que tinha visto nos olhos de outros soldados que conhecera. Eles não pareciam olhar através das coisas, mas sim através do estado atual do mundo para um mundo permanentemente distante deles, e, ao mesmo tempo, mais imediato que o presente. Kabuo lembrava de muita coisa nesse sentido. Sob a superfície de sua vida cotidiana estava uma vida que ele vivia como que submerso. Kabuo lembrava-se de como, sob o capacete militar no morro coberto de mata, sob o zunido constante das abelhas, descobriu que tinha varado a virilha de um rapaz bem jovem com uma bala. Quando Kabuo se aproximou de um lado, o rapaz olhou-o fixamente e falou, entre os dentes, num alemão trêmulo. Depois entrou em pânico e estendeu a mão para pegar a arma, e Kabuo atirou mais uma vez nele, no coração, à queima-roupa. Mesmo assim, o rapaz se recusava a morrer, e ficou deitado de costas entre duas árvores, com Kabuo a um metro e meio de distância, paralisado, o fuzil apoiado no ombro. O garoto levou ambas as mãos ao peito e esforçou-se por erguer a cabeça do chão, ao mesmo tempo procurando respirar e inspirou o ar quente vespertino. Depois falou de novo, entre os dentes, e ficou claro para Kabuo que estava suplicando, implorando, querendo que o americano que o havia matado o salvasse ele não tinha escolha senão pedir isso, não havia mais ninguém ao redor. Aquilo foi demais, e quando o rapaz parou de falar, seu peito contraiu-se meia dúzia de vezes e correu sangue da sua boca e pelas bochechas. Depois Kabuo avançou com o fuzil e agachou-se ao lado do garoto alemão, à sua direita, e o rapaz, depois de pousar a mão na bota de Kabuo, fechou os olhos, expirando. Por alguns momentos, a tensão persistiu em sua boca, e Kabuo observou até que ela desaparecesse. O cheiro do café da manhã logo emanou das entranhas do rapaz alemão.

Kabuo, sentado em sua cela agora, examinou cuidadosamente seu reflexo. Não era algo que pudesse controlar. Seu rosto havia sido moldado por suas experiências militares, e ele parecia aos olhos do mundo estar amarrado por dentro porque era assim que se sentia. Era possível para ele pensar, tantos anos depois, no garoto alemão morrendo na encosta do morro e sentir seu coração saltar como tinha saltado quando ele se agachou apoiado na árvore, bebendo água no cantil, os ouvidos zunindo, as pernas tremendo. O que poderia dizer ao povo de San Piedro, para explicar a frieza que transmitia? O mundo era irreal, um incômodo que o impedia de concentrar-se na lembrança daquele garoto, sobre a nuvem de moscas em seu rosto atônito, a poça de sangue que lhe encharcou a farda, pingando no chão da floresta, com cheiro fétido, o som de artilharia vindo da encosta a leste ele havia deixado isso lá, mas não tinha deixado. E houve mais assassinatos depois desse, mais três, menos difíceis do que o primeiro, mas assassinatos, de qualquer maneira. Portanto, como explicar seu rosto para as pessoas? Depois de algum tempo, imóvel na cela, ele começou a se sentir objetivo quanto ao seu rosto, e aí viu o que Hatsue via. Ele queria mostrar aos jurados sua inocência, queria que vissem que seu espírito estava perturbado, sentava-se ereto na esperança de que seu autodomínio desesperado pudesse refletir a condição de sua alma. Era isso que seu pai lhe havia ensinado: quanto maior o autodomínio, mais se revelava o homem, a verdade da vida interior da pessoa se manifestava um agradável paradoxo. Parecia-lhe que seu distanciamento do mundo era de certa forma autoexplicativo, que o juiz, os jurados e as pessoas da galeria reconheceriam o rosto de um veterano de guerra que sacrificara para sempre sua tranqüilidade para que eles tivessem a deles. Agora, olhando-se, escrutinando seu rosto,



ele via que parecia desafiador, em vez disso. Havia se recusado a reagir a qualquer coisa que estivesse acontecendo, não permitira aos jurados ler em seu rosto as palpitações de seu coração.

Mesmo assim, escutar o depoimento de Etta Heine fizera Kabuo se encher de uma raiva implacável. Sentira sua fachada cuidadosamente construída desmoronar quando ela disse ao tribunal coisas tão insultantes sobre seu pai. Sentira desejo de negar o que ela havia dito, de interromper o depoimento dela com a verdade sobre seu pai, um homem forte e incansável, honesto a toda prova, gentil e humilde, também. Mas reprimiu tudo isso.

Agora, na cela, contemplava no espelho a máscara que usava, feita por ele para sugerir sua guerra e as forças que reunira para encarar suas consequências, mas, em vez disso, transmitia arrogância, uma superioridade enigmática, não só diante do tribunal, como também diante da perspectiva de morte com a qual o tribunal o ameaçava. O rosto no espelho não era senão o rosto que ele exibia desde que a guerra o obrigara a se interiorizar, e embora ele se esforçasse para mudá-lo porque era difícil mantê-lo, ele continuava seu, revelando-se inalterável. Ele sabia, secretamente, que era culpado de homicídio, de ter assassinado homens durante a guerra, e era essa culpa ele não conhecia outra palavra que habitava nele perpetuamente e que se esforçava para não transmitir. Mas o esforço mesmo já transmitia culpa, e ele não via como evitar. Não podia mudar seu rosto ao sentar-se com as mãos sobre a mesa do réu com as costas voltadas para seus concidadãos da ilha. No seu rosto, sabia, estava seu destino, como Nels Gudmundsson havia afirmado no início dos trabalhos:-Existem fatos disse ele, e os jurados atentam para eles, mas, ainda mais, eles observam você. Observam para ver o que acontece ao seu rosto, como

ele muda quando as testemunhas falam. Para eles, no fundo, a resposta está na sua postura no tribunal, na sua aparência, nos seus gestos.

Ele gostava daquele homem, Nels Gudmundsson. Havia começado a gostar dele na tarde de setembro em que ele apareceu pela primeira vez na porta da sua cela, trazendo um tabuleiro de xadrez dobrado sob o braço e uma caixa de charutos Havana cheia de peças de xadrez. Ele havia oferecido a Kabuo um charuto que tirara do bolso da camisa, acendeu o seu, depois tirou dois bombons da caixa e colocou-os no beliche ao lado de Kabuo, sem chamar a atenção para o fato. Era sua forma de ser caridoso.

-Sou Nels Gudmundsson, seu advogado disse ele. Fui indicado pelo júri para representar você. Eu...

-Eu não fiz nada disse Kabuo. Não sou culpado de nada.

-Olhe aqui disse Nels. Vou lhe dizer uma coisa. Vamos deixar para nos preocupar com isso depois, certo? Ando tentando encontrar alguém com tempo livre para jogar xadrez há cinquenta anos, até mais. Parece-me que você é o sujeito que eu quero.

-Sou mesmo confirmou Kabuo. Mas...

-Você serviu na guerra disse Nels. Aposto que joga xadrez razoavelmente. Xadrez, damas, rummy, bridge, copas, dominó, cribbage. E paciência? acrescentou Nels. Paciência deve ser o que mais joga aqui.

-Eu nunca gostei de paciência respondeu Kabuo. Além do mais, um cara que começa a jogar paciência na cadeia está pedindo para ficar deprimido.

-Nem pense nisso disse Nels. Nós vamos tirar você daqui, e pronto. Ele sorriu.

Kabuo concordou com a cabeça.

-Será que consegue? -Eles agora não estão cedendo em nada, Kabuo. Acho que vai ter de ficar aqui até o julgamento.

-Não devia nem haver julgamento disse Kabuo.

-Alvin Hooks não ia concordar disse Nels. Está investigando o caso. Fala sério em assassinato em primeiro grau, e em pedir a pena de morte. Nós também devíamos, devíamos falar sério. Temos que trabalhar muito, você e eu. Mas primeiro, que tal uma partida de xadrez? Pena de morte, disse Kabuo consigo mesmo. Ele era budista e acreditava nas leis do carma, de forma que fazia sentido para ele pagar pelos seus crimes de guerra; tudo volta para a gente, nada é por acaso. O medo da morte cresceu dentro dele. Pensou em Hatsue e nos filhos, e lhe pareceu que ele precisava ficar longe deles porque sentia tanto amor por eles para pagar suas dívidas para com os mortos que deixara no campo de batalha na Itália.

-Sente-se na cama disse ele a Nels, tentando acalmar-se. Vamos colocar o tabuleiro em cima da mesinha.

-Ótimo disse Nels. Ótimo mesmo.

As mãos do velho posicionaram, trêmulas, as peças de xadrez. Elas tinham manchas escuras, e a pele, de aparência translúcida, apresentava veias saltadas.

-Branças ou pretas? indagou Nels.

-Vantagens para as duas replicou Kabuo. Escolha o senhor, Sr. Gudmundsson.

-A maioria dos jogadores prefere fazer a abertura disse Nels. Por que isso, afinal? -O senhor deve ver alguma vantagem em sair na frente

disse Kabuo. Deve acreditar em ficar na ofensiva.

-E você, não? perguntou Nels.

Kabuo pegou um peão em cada mão e escondeu-os atrás das costas.

-É a melhor forma de resolver o problema disse ele. Assim, só precisa adivinhar. Mostrou as mãos fechadas para Nels.

-Esquerda pediu o velho. Se vamos confiar na sorte, a esquerda vale tanto quanto a direita. Assim, ficam iguais.

-Não quer assim? Perguntou Kabuo. Prefere o branco? Ou o preto? Abra as mãos respondeu Nels, e enfiou o charuto entre os dentes, bem para a direita. Dentadura, pensou Kabuo.

No final, Nels é que ficou com a abertura. No final, o velho nunca enrocava. Não se interessava em apressar o jogo. Sua estratégia era ceder pontos para posicionar as peças, ceder peças no início buscando dominar irremediavelmente o tabuleiro. Venceu, mesmo que Kabuo soubesse o que ele estava fazendo. Não houve perda de tempo. O jogo, de repente, acabou.

Kabuo colocou o espelho na bandeja de refeições e comeu metade da gelatina. Mastigou as cenouras e o que restou do sanduíche, depois esvaziou a caneca de leite e encheu-a duas vezes de água. Lavou as mãos, tirou os sapatos e deitou-se na cama da cela. Depois de algum tempo, tornou a se levantar e girou a lâmpada no soquete. Aí, na escuridão, o acusado deitou-se outra vez, fechou os olhos e sonhou.

Sonhou sem dormir fantasias, devaneios, como frequentemente acontecia na cela da penitenciária. Dessa maneira, fugia de suas paredes e perambulava livre pelas trilhas das florestas de San Pedro, pela borda dos seus pastos de outono incrustados com camadas de geada; ele

seguia, mentalmente, certos resquícios de trilhas que subitamente davam em frondosas amoreiras ou campos inesperados de giesta. Em seus pensamentos havia vestígios de velhas estradas de carroças e trilhas esquecidas de fazendas que atravessavam vales de samambaias fantasmagóricas e capões de aráceas. Às vezes essas trilhas desapareciam em penhascos lamacentos que davam para o mar; outras vezes, desciam até praias onde copados cedros, jovens amieiros e bordos, tombados pelas marés de inverno, jaziam com as pontas de seus ramos ressecados enterradas na areia e no cascalho. As ondas traziam algas e as enroscavam nas árvores caídas em espessas meadas gotejantes. Aí sua mente avançava, e Kabuo estava no mar outra vez, com a rede lançada, os salmões a correr, e ele na proa do Islander com a brisa a lhe beijar o rosto, a água fosforescente a resplandecer à sua frente, as cristas das ondas prateadas ao luar. Da sua cama na cela do presídio do condado da ilha ele sentia o mar outra vez e os vagalhões sob seu barco enquanto deslizava sobre a espuma; com os olhos fechados, sentia o cheiro do sal frio e o odor do salmão no porão, ouvia a rede gemer, enquanto funcionava, e o profundo ronco do motor. Grandes grupos de aves marinhas alçavam voo da água, abrindo caminho à primeira luz nebulosa da manhã, estando o Islander a caminho de casa em uma fresca manhã, com quinhentos peixes graúdos no porão, o gemido do vento no cordame. Na fábrica de enlatados ele segurava cada peixe nas mãos antes de arremessá-lo sobre a amurada trêmulos salmões avermelhados, esbeltos e luzidios, do comprimento do seu braço, pesando um quarto do seu peso, com os olhos abertos, lustrosos e vidrados. Ele podia senti-los nas mãos outra vez enquanto lá no céu, acima dele, as gaivotas continuavam a voar alto com os peitos abertos ao vento. A seguir ele estava em meio a um bando de gaivotas

enquanto passava o esfregão no tombadilho do Islander. Ouvia seus gritos e observava-as descrevendo círculos baixos, procurando restos, enquanto Marlim Teneskold ou William Gjovaag atiravam nelas, espantando-as, de forma que fossem boiar na água. O estampido da arma ecoava dos morros de Amity Harbor, e aí Kabuo se recordava do que havia perdido naquele ano: as bétulas e os amieiros ficando dourados, o tom vermelho outonal dos bordos, as cores castanho-avermelhada e ferrugem de outubro, a prensagem da cidra, as abóboras e as cestas de abobrinhas. O cheiro das folhas mortas na manhã cinzenta e imóvel quando ele se aproximava trôpego da varanda após uma noite de pesca, e a copa bonita e cheia dos cedros. O som do rangido das folhas sob os pés; folhas transformadas numa massa após as chuvas. Ele sentira saudade das chuvas de outono, a água escorrendo-lhe ao longo da espinha e se misturando com o borrifo do mar nos seus cabelos coisas das quais não sabia que sentia falta.

Em agosto, levara a família para a ilha de Lanheedron. Eles haviam amarrado o barco a uma boia e ele remou até a praia de Sugar Sand, no esquife. Suas filhas ficaram à beira-mar, cutucando águas-marinhas com varas e catando corrupios; depois eles seguiram o regato da praia até um vale, Kabuo levando o bebê no braço direito, até chegarem a uma cascata, que despencava de uma parede coberta de musgo. Almoçaram ali nas sombras das cicutas e colheram framboesas. Hatsue achou sob as bétulas meia dúzia de cogumelos venenosos e mostrou-os às filhas. Eram de um branco imaculado e adorável, explicou ela, mas fatais quando se comia. Também lhes mostrou a avenca ali perto; as hastes negras, segundo ela, retinham o brilho em um trançado de cesta de agulhas de pinheiros.

Ele a havia admirado por completo naquele dia. Ela colhera as hastes de gengibre silvestre para temperar arroz e mil-folhas para fazer chá. Na praia, procurou mexilhões com uma vara, traçando um arco diante de si. Descobriu vidro marinho e uma perna de caranguejo fossilizada incrustados em uma rocha. Banhou o bebê na água do mar. As meninas ajudaram Kabuo a catar pedaços de madeira na praia para fazer uma fogueira quando caiu a tarde. Quando o sol terminou de se pôr, eles tornaram a embarcar no esquife. A filha mais velha pegou um bacalhau autêntico nos bancos de algas ao largo de Lanheedron. Ele o cortou no tombadilho enquanto Hatsue pegava outro em uma linha de mão. Comeram no mar o bacalhau, os mexilhões, arroz com gengibre, chá de mil-folhas. A filha do meio e o bebê dormiram na cama dele, a filha mais velha pilotou o barco. Kabuo e Hatsue iam na proa. Ele ficou de pé com o peito encostado nas costas dela e as mãos no cordame até as luzes de Amity Harbor aparecerem ao sul, e depois entrou e reposicionou o Islander para entrar no canal. Sua filha encostou-se nele depois que assumiu o comando, e ele entrou na enseada desse modo, à meia-noite, com a cabeça da menina contra o braço.

Aí se lembrou dos campos de morangos antes de Manzanar, e ele estava neles como sempre estivera, um mar de morangos, um mar de framboesas, fileiras e mais fileiras, um labirinto de estolhos tão intrincado como uma rede de artérias alimentando-se na superfície de uma dúzia de fazendas que ele conhecia desde a infância. Ele estava nestas fileiras, agachado, colhendo, com o sol a lhe bater no pescoço, perto da terra, num mar de verde e vermelho, com o cheiro da terra e dos morangos erguendo-se como uma névoa, enchendo com o trabalho de suas mãos as doze cestas no seu carrinho. Viu sua mulher antes de ser casado com ela, viu-a colhendo na fazenda dos Ichikawa, quando ele

se aproximara dela levando o carrinho e, como que por acaso, como uma casualidade, ela não o vira vir, concentrada no seu trabalho, curvada sobre ele, mas no último minuto ergueu os olhos negros, ágil como sempre, colhendo sem parar as frutas caíam-lhe docilmente como joias rubras entre os dedos e, enquanto o mirava nos olhos, enchia uma de suas cestas, três delas já cheias no carrinho, até a boca com frutas maduras. Ele havia se agachado diante dela e, colhendo, observou-a ela estava abaixada com o queixo perto das rótulas, o cabelo tecido em uma longa e grossa trança, o suor na testa dela e as mechas de cabelo que lhe haviam fugido do penteado, fios soltos caíam-lhe sobre as bochechas e o nariz. Ela tinha dezesseis anos. Perto do chão, dobrada com os seios contra as coxas, ela usava sandálias trançadas e um vestido vermelho de verão, de musselina, com as alças finas a lhe pender dos ombros. Ele tornou a apreciar o vigor de suas pernas, a cor morena dos tornozelos e das panturrilhas, a flexibilidade da espinha, a película de suor na sua garganta. A seguir, anoiteceu, e ele deixou o caminho de madeira da South Beach para olhar a casa dela de tabuinhas de cedro gastas e os campos onde ela morava: campos limitados por cedros altos e iluminados pelo luar longo e esguio. Uma lanterna a querosene tremeluzia, de cor alaranjada, na janela da casa de Hatsue, a porta aberta, com uma fresta de um palmo, e um feixe de luz da lanterna transbordando para a varanda. Grilos e rãs noturnas, o latido de um cão, roupas secando no varal na brisa noturna. E ele tornou a respirar em meio ao verde dos estolhos de morangos, a chuva no humo de cedro e a água salgada. Ela veio na direção dele com um balde cheio de lixo de cozinha, as sandálias a ranger, na direção do monte de adubo orgânico, e na volta passou entre as fileiras de framboesas. Ele observou enquanto ela segurou o cabelo para trás com uma das mãos, a outra



procurando a fruta mais doce, roçando em meio aos galhos. Seus calcanhares erguiam-se nas sandálias de vez em quando. Ela metia as frutinhas entre os lábios, ainda segurando o cabelo, os galhos voltando em arcos silenciosos quando ela soltava as sépalas dos frutos. Ele ficou parado, olhando, e imaginou que se a beijasse naquela noite sentiria o gosto fresco das framboesas na sua boca.

Ele a viu exatamente como a tinha visto na aula de história, com um lápis entre os dentes, uma das mãos na nuca, submersa na cabeleira. Ela andava pelos corredores com os livros apertados contra os seios, saia pregueada, suéter xadrez, meias brancas dobradas sobre as fivelas polidas de ônix dos sapatos. Olhava para ele e desviava os olhos rapidamente, sem nada dizer, quando ele passava.

Ele se lembrou de Manzanar, da poeira nos alojamentos, nas cabanas revestidas de papel alcatroado e da lanchonete; havia pó até no pão. Eles cultivavam berinjelas e alfaces na horta do campo. Recebiam pouco, as horas eram longas, diziam-lhes que era seu dever trabalhar arduamente. Ele e Hatsue pouco conversavam a princípio, depois começaram a relembrar os campos de San Pedro que haviam deixado e do cheiro dos morangos maduros. Ele havia começado a amá-la, mais do que por sua beleza e graciosidade, e quando viu que em seus corações havia o mesmo sonho, sentiu uma grande certeza quanto a ela.

Eles se beijaram na carroceria de um caminhão, entrando no campo certa noite, e o gosto quente e molhado dela, por breve que fosse, trouxe-a para ele do mundo dos anjos para o mundo dos seres humanos. Dessa forma seu amor se aprofundou. Trabalhando na horta ele passava por ela e, por um momento, abraçava-lhe a cintura. Ela apertava-lhe a mão entre os dedos, que haviam ficado mais calejados e duros em Manzanar, ele retribuía a carícia, e ambos voltavam a arrancar

mato. O vento lhes jogava areia do deserto nos rostos e lhes ressecava a pele, fazendo seus cabelos se assemelharem a fios de arame.

Ele se lembrou da expressão no rosto de Hatsue quando lhe disse que havia se alistado. Não era o fato de partir, disse ela embora isso fosse horrível, era a possibilidade de ele não retornar mais, ou de não retornar o mesmo de antes. Kabuo não fizera promessas a ela ele não podia afirmar que voltaria, ou se ao voltar seria ainda o mesmo homem. Havia aquela questão de honra, explicou a ela, e não tinha escolha senão aceitar o dever que a guerra lhe exigia. A princípio ela se recusara a entender isso e insistira que o dever era menos importante que o amor, e esperava que Kabuo pensasse da mesma forma. Mas ele não conseguia concordar com isso. O amor era algo profundo, essencial à vida, mas a honra não podia ser deixada de lado. Se não fosse à guerra, não seria ele mesmo, e não seria digno dela.

Ela se afastou dele e tentou manter distância, e por três dias eles não trocaram palavra. Afinal ele se aproximou dela, ao crepúsculo, na horta, e disse que a amava mais do que qualquer coisa no mundo e que esperava apenas que ela compreendesse por que tinha de partir. Nada lhe pediu, só que o aceitasse como ele era, como sua alma tinha sido moldada. Hatsue ficou parada, em pé, com a enxada de cabo longo na mão, e disse que havia aprendido com a Sra. Shigemura que o caráter equivalia ao destino. Ele tinha de fazer o que sentia que devia fazer, e ela tinha de fazer o mesmo.

Ele havia concordado com a cabeça e se esforçara para não demonstrar nada. Depois virou-se e caminhou por entre as fileiras de berinjelas. Já estava a vinte metros de distância quando ela o chamou pelo nome e perguntou se ele se casaria com ela antes de partir. "Por que quer se casar comigo?", perguntou ele, e a resposta dela foi: "Para

ficar com uma parte de você." Ela deixou cair a enxada e caminhou os vinte metros para abraçá-lo. "É o meu caráter também", murmurou ela. "É o meu destino agora amar você."Tinha sido, agora ele compreendia, um casamento de guerra, apressado porque não havia escolha e porque ambos sentiam que era certo. Só se conheciam há alguns meses, mas ele sempre a havia admirado a distância, e pareceu a ele, quando pensou no assunto, que seu casamento estava fadado a acontecer. Os pais dele aprovaram, os dela também, e ele ficou feliz por partir para a guerra sabendo que ela estava esperando por ele e estaria lá quando ele voltasse. E depois ele voltou, um assassino, e o medo dela de que ele já não fosse mais o mesmo se tornou realidade.

Ele se lembrou também do rosto de seu pai e da espada que o pai guardava dentro de um baú de madeira, antes de Pearl Harbor. Uma katana feita pelo ferreiro Masamune estivera na família Miyomoto, segundo se dizia, há seis séculos. Seu pai a mantinha embainhada e envolvida em um pano, uma arma sem adornos e altamente útil. Sua beleza estava na simplicidade, a objetividade de sua curvatura; até seu punho de madeira era simples e liso. Seu pai a pegara, junto com outros objetos suas espadas de madeira para a prática do kendo, seu sageo, seu obi, sua naginata, suas calças hakama, seu bokken e enterrara uma noite em um campo de morangos, depositara tudo cuidadosamente em um buraco junto com a dinamite que usava para extrair tocos, uma caixa cheia de livros e pergaminhos escritos em japonês e uma fotografia tirada de Kabuo no Centro Comunitário Japonês de San Pedro, vestido com os trajes feudais de um bugeisha e brandindo uma vara de kendo.

O treinamento de Kabuo no kendo havia começado quando ele tinha sete anos. Seu pai o levara um sábado para a sede do centro

comunitário, onde fora instalado um dojo num dos cantos do ginásio. Eles se ajoelharam diante de um nicho no fundo da sala e contemplaram uma estante sobre a qual havia tigelinhas de arroz cru enfileiradas. Kabuo aprendeu a inclinar-se sentado. Enquanto estava sentado so-bre os calcanhares, seu pai lhe explicava suavemente o significado do zanshin, que o menino entendeu que era uma consciência constante do perigo em potencial. Seu pai terminou repetindo a palavra duas vezes: "Zanshin! Zanshin!", depois pegou uma vara de madeira que estava pendurada na parede e antes de Kabuo perceber o que estava acontecendo, acertou-o com ela no plexo solar.

Zanshin! disse Zenhichi, enquanto o menino recuperava o fôlego. Não disse que tinha entendido? Seu pai disse que ele, para aprender kendo, deveria superar-se. Será que queria mesmo aprender? A escolha era dele. Ele devia pensar algum tempo no assunto.

Quando Kabuo fez oito anos, seu pai colocou uma arma em suas mãos pela primeira vez um bokken. Praticaram na plantação de morangos, no início de uma manhã de julho logo depois de terminar a colheita. O bokken, um pedaço de madeira de cerejeira com noventa centímetros de comprimento, havia pertencido ao bisavô de Kabuo, um homem que fora samurai antes da Restauração Meiji, e depois após o uso das espadas ser proibido a um fazendeiro dos arrozais do governo, em Kyushu dez dias antes de se unir a duzentos outros samurais rebeldes em Kumamoto. Eles formaram a Liga da Tempestade Divina e atacaram uma guarnição imperial com espadas erguidas, depois de jejuar três dias. Seus defensores, empunhando rifles, mataram todos, menos 29, na primeira descarga; os sobreviventes cometeram suicídio no campo de batalha, incluindo o bisavô de Kabuo.

Você vem de uma família de samurais disse o pai de Kabuo a ele em japonês. Seu bisavô morreu porque não conseguia deixar de ser um. Foi azar dele viver numa época em que os samurais não mais eram necessários. Ele não conseguiu se adaptar a isso, e sua ira contra o mundo o dominou. Lembro-me como ele era revoltado, Kabuo. Vivia para se vingar do Meiji. Quando lhe disseram que não podia mais usar sua espada em público, ele conspirou para matar homens que mal conhecia... funcionários do governo, homens com famílias vizinhas nossas, que nos tratavam bem, com cujos filhos nossos filhos brincavam. Adotou um comportamento irracional e falava de se purificar de um jeito que lhe permitisse ficar imune aos rifles dos Meiji. Sempre saía à noite. Não sabíamos para onde ia. Minha avó roía as unhas. Discutia com ele quando voltava de manhã, mas ele não mudava de comportamento nem se explicava. Seus olhos eram vermelhos, seu rosto, inflexível. Sentava-se em silêncio para comer da sua tigela, andando armado de espada dentro de casa. Dizia-se que ele havia se unido a outros samurais que tinham sido destituídos pelo Meiji. Eles rondavam as estradas disfarçados, com as espadas em riste, matando gente do governo. Eram assaltantes, ladrões e renegados. Meu avô, lembro-me disso, ficou feliz quando ouviu falar do assassinato de Okubo Toshimichi, o homem que fora responsável pelo confisco do castelo de seu mestre e pela destruição do exército dele. Sorriu, arreganhou os dentes e bebeu.

"Meu avô era um destro espadachim contou Zenhichi, mas sua cólera o dominou no final. É irônico, porque frequentemente ele me falava, quando eu tinha a sua idade, e ele era um homem satisfeito e pacífico, sobre o tipo de espada que um homem devia brandir. 'A espada

que dá vida, não a que tira a vida, é o objetivo do samurai', dizia ele. O objetivo da espada é dar vida, não tirá-la.

"Você pode ser muito bom com o bokken se se concentrar disse o pai de Kabuo. Você tem jeito para a coisa. Só tem que decidir aprender... agora, quando tem oito anos.

-Quero aprender respondeu Kabuo.

-Sei que quer disse o pai. Mas olhe, suas mãos. Kabuo corrigiu a posição das mãos.

-Seus pés advertiu o pai. Vire-se mais. Colocou peso demais atrás.

Eles começaram a trabalhar no golpe vertical, movendo-se entre os morangos, o menino avançando, o homem recuando, os dois juntos na luta.

-Os golpes do bokken disse o pai de Kabuo. Os quadris e o estômago influem. Precisa enrijecer os músculos do estômago quando avançar. Não, está travando os joelhos... eles precisam ceder quando você golpear. Solte o cotovelo, também, senão não vai fluir, o bokken fica desligado da energia do corpo. Os quadris descem, joelhos e cotovelos dobrados e relaxados, estômago contraído, corte, gire, outra vez, golpeie...

O pai de Kabuo mostrou-lhe como segurar a espada de madeira de forma que os punhos ficassem flexíveis e livres. Passou-se uma hora, e já era tempo de trabalhar no campo, de modo que ambos deixaram de lado o bokken. Daí por diante, toda manhã, Kabuo praticava seus golpes de kendo o golpe vertical que partiria a cabeça de um homem pelo osso do nariz, deixando um olho de cada lado, o crânio partido em dois; os quatro golpe diagonais da esquerda e da direita, para cima e para baixo que trespassariam um homem abaixo da costela ou separariam um

braço habilmente; o golpe horizontal balançando da esquerda que podia dividir o corpo de um homem logo acima dos quadris; e, finalmente, o mais comum dos golpes do kendo, um golpe horizontal que um homem destro poderia vibrar com grande força contra o lado esquerdo da cabeça do inimigo.

Ele praticou esses golpes até lhe serem naturais, parte do seu ser, o bokken uma extensão de suas mãos. Quando completou dezesseis anos, ninguém mais no centro comunitário conseguia vencê-lo, nem mesmo a meia dúzia de homens da ilha para os quais o kendo era um passatempo levado a sério, nem mesmo seu pai, que reconhecia a vitória do filho, sem vergonha. Muitos diziam, no Clube de Kendo, que Zenhichi, apesar da idade, continuava sendo o melhor lutador, o mais puro entre pai e filho, mas o filho, Kabuo, tinha mais espírito de luta e uma grande vontade de trazer à tona seu lado agressivo para vencer.

Foi só depois de matar quatro alemães que Kabuo viu que estavam certos, como tinham avaliado seu coração profundamente, com a lucidez dos anciãos. Ele era um guerreiro, e sua ferocidade havia sido herdada através do sangue dos Miyomoto, e ele mesmo estava fadado a transmitir esse espírito de luta para a próxima geração. A história de seu bisavô, o samurai louco, era também sua própria história, conforme ele agora compreendia. Às vezes, quando sentia sua raiva assomar por ter perdido as terras da família, concentrava esse ódio na boca do estômago e ia para o quintal com a espada de kendo ensaiar a coreografia negra de sua arte. Via apenas escuridão depois da guerra, no mundo e em sua alma, em todo lugar, menos no cheiro dos morangos, no aroma gostoso da mulher e de seus três filhos, um menino e duas meninas, três presentes. Ele sentia que não merecia nem por um momento a felicidade que a família lhe trazia, de forma que tarde da

noite, sem poder conciliar o sono, imaginava que lhes escreveria um bilhete confessando todos os seus pecados. Ele os deixaria e iria sofrer sozinho, e sua infelicidade superaria sua raiva. A violência afinal o abandonaria, e o libertaria para contemplar seu destino e sua próxima vida na Grande Roda.

Sentado onde estava agora, acusado do assassinato de Carl Heine, parecia-lhe que ele havia encontrado o lugar de sofrimento que fantasiara e desejara. Pois Kabuo Miyomoto sofria em sua cela o medo de seu julgamento iminente. Talvez fosse agora seu destino pagar pelas vidas que tirara com fúria. Tal era a natureza da lei da causa e efeito, tal era a transitoriedade de todas as coisas. Como a vida era misteriosa! Tudo era associado pelo mistério e pelo destino, e em sua cela escurecida ele meditou sobre isso, e tudo ficou cada vez mais claro para ele. A transitoriedade, causa e efeito, o sofrimento, o desejo, a natureza preciosa da vida. Cada ser sensível lutando e comprimindo-se contra a concha da identidade e nitidez. Ele tinha o tempo e a clarividência sobre o sofrimento para dedicar-se no caminho da ascensão para a libertação, que levaria muitas vidas para percorrer. Teria que ganhar! tanto terreno quanto possível e aceitar que a montanha de seus violentos pecados era alta demais para ser escalada nesta vida. Ele ainda estaria escalando na próxima e na seguinte, e seu sofrimento inevitavelmente se multiplicaria.



Lá fora o vento soprava constantemente do norte, arremessando a neve contra o prédio do tribunal. Ao meio-dia, uma camada de quase oito centímetros já havia se acumulado sobre a cidade, uma neve tão etérea que mal se poderia dizer que havia se acumulado; em vez disso, rodopiava como neblina gelada, como o hálito dos fantasmas, acima e abaixo, pelas ruas de Amity Harbor demônios de poeira pulverizados, tufos congelados de nuvem cor de marfim, gavinhas de fumaça branca. Ao meio-dia, o cheiro do mar foi eviscerado, a imagem dele vagamente apagada, também. O campo de visão reduziu-se bastante, ficou anuviado e limitado pela neve, impreciso e opaco, o aroma acentuado do gelo queimava as narinas daqueles que se aventuravam a sair. A neve voava das suas botas de borracha enquanto eles lutavam, com as cabeças abaixadas, para chegar à mercearia do Petersen. Quando olhavam a brancura do mundo, o vento fustigava-lhes com a neve os olhos apertados e reduzia sua visão de tudo.

Ishmael Chambers estava caminhando sem rumo pela neve, admirando-a e recordando. O julgamento de Kabuo Miyomoto havia-lhe trazido de volta aquele mundo.

Dentro do cedro deles, durante cerca de quatro anos, ele e Hatsue haviam se abraçado com a satisfação sonhadora dos jovens namorados. Com os casacos estendidos sobre uma almofada de musgo, eles ficavam ali tanto quanto podiam após o crepúsculo e nas tardes de sábado e domingo. A árvore emanava um perfume de cedro que lhes permeava a pele e as roupas. Eles entravam, inspiravam profundamente, deitavam-se e se acariciavam seu calor e o aroma do cedro, a privacidade e a chuva lá fora, a maciez escorregadia dos lábios e línguas inspiravam

neles a ilusão temporária de que o resto do mundo havia desaparecido; não havia ninguém e nada além dos dois. Ishmael apertava-se contra Hatsue enquanto se abraçavam e Hatsue retribuía, suas ancas erguendo-se do musgo, as pernas abertas sob a saia. Ele lhe acariciava os seios e tateava o elástico da cintura das calcinhas, e ela lhe acariciava o ventre, o peito e as costas. Às vezes, quando ele voltava para casa, atravessando a floresta, parava em algum lugar ermo e, por não ter escolha, se masturbava. Pensava em Hatsue enquanto manipulava o pênis. Fechava os olhos e encostava a cabeça numa árvore; depois se sentia melhor e pior.

Às vezes, à noite, fechava os olhos com força e imaginava como seria casar-se com ela. Não lhe parecia tão impossível que se mudassem para algum outro lugar do mundo onde isso fosse possível. Ele gostava de se imaginar com Hatsue em algum lugar como a Suíça, a Itália ou a França. Entregava-se totalmente ao amor; permitia-se crer que seus sentimentos por Hatsue haviam sido, de alguma forma, pré-determinados. Era seu destino encontrá-la na praia na infância e depois compartilhar a vida com ela. Não havia como ser de outro jeito.

Dentro do cedro conversavam sobre tudo da maneira intensa e nervosa dos adolescentes, e ele descobriu que ela tinha várias disposições de espírito. Havia ocasiões em que ficava fria e silenciosa, e ele sentia que ela se afastava dele tão completamente que parecia impossível alcançá-la. Mesmo quando ele a abraçava, parecia-lhe que havia no seu coração um recanto onde ele não podia chegar. Às vezes ele procurava falar sobre o assunto, gradativamente revelando-lhe o quanto o magoava sentir que ela retinha uma parte do seu amor. Hatsue negou que isso fosse verdade e lhe explicou que essa reserva emocional era algo que ela não podia mudar. Tinha sido educada de maneira muito

rígida, para evitar efusões emocionais, mas isso não significava que seu coração fosse frívolo. Seu silêncio, segundo ela, exprimiria algo se ele aprendesse a escutá-lo. Mesmo assim, Ishmael continuava suspeitando que a amava mais do que ela a ele, e vivia preocupado com isso.

Hatsue, como ele descobriu, tinha um lado religioso que ele só havia percebido quando eram mais jovens. Ele a levou a falar sobre o assunto, e ela lhe contou como tentava manter em mente certos artigos básicos da sua fé. Por exemplo, a vida como um todo era transitória algo em que ela refletia todos os dias. Era importante agir com cautela, pois toda ação, segundo Hatsue explicava, tinha consequências para o futuro da alma. Ela confessou que sentia uma angústia moral por encontrá-lo assim às escondidas e enganar a mãe e o pai. Parecia-lhe que certamente seria castigada por isso, que ninguém podia manter algo assim em segredo por tanto tempo sem pagar por isso de alguma forma. Ishmael argumentava bastante sobre isso, afirmando que Deus não podia encarar o amor entre eles como errado nem mau. Deus, respondia Hatsue, é pessoal; só ela sabia o que Deus queria dela. A motivação, segundo dizia, era muito importante: por que ela escondia dos pais o tempo todo passado com Ishmael? Essa questão que mais a preocupava: determinar para si mesma o motivo.

Na escola, Ishmael fingia distância na presença dela e a ignorava da maneira natural que ela aos poucos o ensinou a praticar. Hatsue era mestra na arte de fingir preocupação; passava por ele no corredor, de blusa xadrez com pregas bem passadas, mangas cheias e gola de babado, com um laço nos cabelos, saia pregueada e livros colados no peito e movia-se com uma indiferença aparentemente natural, que, no início, o surpreendia dolorosamente. Como era possível que ela pudesse fingir tal frieza sem senti-la, ao mesmo tempo? Aos poucos ele aprendeu

a apreciar esses encontros, embora sua indiferença sempre parecesse mais estudada que a dela e ele sempre se sentisse ansioso, de um modo mal disfarçado, quando seus olhos encontravam os dela. Ele até dizia alô a ela de vez em quando como mais uma contribuição à representação.

-Prova difícil dizia, no fim da aula. Como você foi na prova, por falar nisso? -Não sei. Não estudei direito.

-Fez o trabalho do Sparling? -Tentei. Deu mais ou menos uma página.

-O meu também. Um pouco mais.

Ele ia em frente, reunia seus livros ou saía da sala com Sheridan Knowles, Don Hoyt ou Denny Horbach.

No Festival de Morangos de 1941 ele assistira o prefeito de Amity Harbor coroar Hatsue Princesa dos Morangos. O prefeito colocou uma tiara na cabeça dela e pendurou-lhe uma faixa no ombro esquerdo. Hatsue e quatro outras meninas desfilaram em meio à multidão e jogaram balas de morango para as crianças. O pai de Ishmael dono, editor, revisor, repórter principal, fotógrafo e impressor da Revista de San Pedro tinha um especial interesse nessa cerimônia. Ano após ano ela lhe proporcionava uma matéria de primeira página, completa, com a foto da bela jovem coroada, instantâneos de famílias fazendo piquenique ("Os Malton, de Protection Point, divertem-se no festival dos morangos") e um editorial beneficente ou resenha elogiando as iniciativas dos organizadores locais ("... Ed Bailey, Lois Dunkirk e Carl Heine, o pai, sem os quais nada teria sido possível... "). Arthur perambulava pelas áreas de piquenique de gravata-borboleta e suspensórios, um chapéu enterrado quase lhe cobrindo os olhos e

enorme peso de sua câmera pendurada no pescoço, em uma grossa alça de couro. Ishmael ficou ao seu lado enquanto ele fotografava Hatsue piscou para ela quando o pai encostou o olho na câmera e ela retribuiu com um ligeiro sorriso.

Uma vizinha disse o pai. South Beach deve se orgulhar. Ele seguiu o pai naquela tarde, e eles participaram do cabo-de-guerra e da corrida de três pernas. Os carros alegóricos de morangos, enfeitados com samambaias, zínias e miosótis e com a nata da Associação do Festival dos Morangos teatralmente realçada por molduras de ramagens de cereja e ramos de abeto montados em arames passavam como navios diante dos olhares austeros da Associação do Festival, que incluía o prefeito, o presidente da câmara de comércio, o chefe dos bombeiros e Arthur Chambers. Ishmael ficou outra vez ao lado do pai, enquanto Hatsue, sobre o seu carro, passou acenando para todos majestosamente, com seu cetro de crepom na mão. Ishmael retribuiu o aceno e riu.

Veio setembro; eles estavam terminando o colegial. Uma tranqüilidade verde-acinzentada entranhava-se nas coisas, e os turistas retornaram a suas cidades de origem: nuvens macias, névoa noturna, bruma baixa nos vales entre os morros, lama da estrada, praias vazias, conchas de mexilhões vazias espalhadas entre as rochas, lojas silenciosas e fechadas. Em outubro San Pedro havia retirado a máscara de folia de verão revelando uma sonhadora entorpecida e soporífera cujo leito de inverno era composto de musgo verde e molhado. Carros passavam nas estradas lamacentas e cheias de pedregulhos a quarenta ou sessenta quilômetros por hora, como insetos indolentes sob as árvores. O povo de Seattle passava para a lembrança e para as poupanças de inverno; as estufas eram municidadas, as lareiras acesas, os

livros trazidos para baixo, os acolchoados remendados. As calhas enchiam-se de agulhas de pinheiro cor de ferrugem e do eflúvio pungente de folhas de amieiro, e os ralos transbordavam por causa da chuva de inverno.

Hatsue lhe contou, numa tarde de outono, sobre o tempo que havia passado sob a responsabilidade da Sra. Shigemura e da orientação que recebera aos treze anos para se casar com um rapaz de sua raça, um japonês de boa família. Repetiu que não se sentia bem enganando os outros. Sua vida secreta, que mantinha diante dos pais e irmãs à todo momento, a fazia sentir que os havia traído de uma forma nada menos que má não havia outra palavra para qualificar sua atitude, disse ela a Ishmael. Lá fora, a chuva pingava do dossel de ramos de cedro para a hera que crescia aos pés das árvores. Hatsue sentou-se com a face encostada nos joelhos, olhando para fora pela abertura do cedro, os cabelos penteados numa trança única caída nas costas.

-Não é mau insistiu Ishmael. Como pode ser mau? Não faria nenhum sentido ser mau, Hatsue acrescentou. Não se incomode com isso.

-Não é tão fácil disse ela. Minto todos os dias para a minha família, Ishmael. Às vezes acho que vou enlouquecer por causa disso. Às vezes acho que isso não pode continuar.

Depois deitavam-se um ao lado do outro no musgo, olhando para a madeira de cedro escurecida, com as mãos atrás da cabeça.

-Isso não pode continuar sussurrou Hatsue. Você não fica preocupado? -Eu sei respondeu Ishmael. Você tem razão.

-O que vamos fazer? Qual a solução? -Não sei disse Ishmael. Parece que não tem jeito.

-Ouvi um boato respondeu Hatsue. Um pescador disse que viu um submarino alemão ao largo da costa de Amity Harbor. Um periscópio... o pescador o seguiu por um quilômetro. Acha que pode ser verdade? -Não discordou Ishmael. Não é. As pessoas acreditam em qualquer coisa... ficam apavoradas, creio eu. Puro medo, e só. Se assustam.

-Eu também estou assustada disse Hatsue. Todos estão assustados agora.

-Vou ser convocado respondeu Ishmael, É uma coisa que eu simplesmente vou ter que encarar.

Eles ficaram sentados dentro do cedro pensando nisso, mas a guerra ainda lhes parecia distante. A guerra não os perturbava ali, e eles continuavam a se ver como excepcionalmente sortudos por conseguirem guardar segredo sobre sua vida em comum. A concentração deles um no outro, o calor de seus corpos, a mistura de seus cheiros e os movimentos de seus membros estas coisas os protegiam de certas verdades. Contudo, por vezes, durante a noite, Ishmael Chambers ficava insone porque o mundo estava em guerra. Aí voltava os pensamentos para Hatsue e continuava pensando nela até que, à beira do sono, a guerra recuava para surgir sob alguma forma horrenda em seus sonhos.

Hatsue Imada estava de pé no saguão da Capela Budista de Amity Harbor, abotoando o casaco após os cultos, quando a mãe de Geórgia Katanaka deu às pessoas ali reunidas as notícias sobre Pearl Harbor.

-São péssimas anunciou ela. Um bombardeio. A Força Aérea japonesa bombardeou tudo por lá. É ruim para nós, extremamente ruim. Só se ouve falar disso no rádio. Só falam de Pearl Harbor.

Hatsue puxou as lapelas do casaco para mais perto do pescoço e olhou para os pais. O pai dela que estava ajudando a mãe a pôr o casaco simplesmente ficou piscando para a Sra. Katanaka.

-Não pode ser verdade disse, por fim.

-É verdade confirmou ela. Vá ligar o rádio. Foi esta manhã. Bombardearam o Havaí.

Eles, de pé na cozinha do salão de recepções com os Katanaka, Ichihara, Sasaki e Hayashida, escutaram o noticiário no Bendix que ficava sobre o balcão. Ninguém falou simplesmente ficaram de pé ali. Escutaram durante dez minutos sem se moverem, cabisbaixos, os ouvidos atentos ao rádio. Finalmente, o pai de Hatsue começou a perambular para um lado e para o outro, coçando a cabeça e esfregando o queixo devagar.

-É melhor a gente ir para casa disse.

Entraram no carro e voltaram para casa, e continuaram escutando rádio, as cinco meninas dos Imada e seus pais. O rádio ficou ligado a tarde inteira e até tarde da noite. De vez em quando o telefone tocava e o pai de Hatsue, em japonês, debatia os acontecimentos com o Sr. Oshiro ou o Sr. Nishi. Mais de meia dúzia de vezes ele mesmo telefonou



para alguém para conversar sobre o assunto com outras pessoas, desligava, coçava a cabeça, depois voltava a sentar-se perto do rádio.

O Sr. Oshiro tornou a ligar e disse ao pai de Hatsue que em Amity Harbor um pescador chamado Otto Willets havia colocado uma escada diante do cinema de Shigeru Ichiyama e desligado as luzes da marquise. Enquanto estava fazendo isso, dois outros homens seguraram a escada para ele e xingaram os Ichiyama, que não estavam no local. Otto Willets e seus amigos, ao perceberem que os Ichiyama não estavam ali, foram de carro até Lundgren Road e ficaram diante da casa dos Ichiyama, dentro de uma picape, buzinando até Shig vir até a varanda ver o que queriam. Willets xingou Shig de japa safado e lhe disse que devia ter esmigalhado todas as lâmpadas da marquise será que ele não sabia que estavam fazendo um blecaute? Shig disse que não, não sabia, era bom avisarem, ele agradecia aos homens por terem apagado as lâmpadas para ele. Não ligou para os insultos de Otto.

Às dez horas, o Sr. Oshiro ligou novamente; homens armados haviam se posicionado em torno de Amity Harbor por medo de um ataque japonês. Havia homens armados com espingardas de caça escondidos atrás de troncos ao longo da praia bem ao norte e ao sul da cidade. A defesa de San Pedro estava sendo organizada; havia homens se encontrando naquele exato momento na loja maçônica. Os Otsubo haviam passado de carro às oito horas e visto pelo menos quarenta carros e picapes estacionados ao longo da rua próximo à loja. Além disso, três ou quatro pesqueiros, segundo disseram, deixaram o porto para patrulhar as águas de San Pedro. O Sr. Oshiro tinha visto um à deriva ao sabor da maré, com o motor desligado, as luzes acesas, abaixo do penhasco perto de sua casa em Crescent Bay, nada mais que uma silhueta na noite. O pai de Hatsue falava em japonês perguntou ao Sr.

Oshiro se de fato havia submarinos e se os rumores de uma invasão do Oregon e da Califórnia eram plausíveis.

Qualquer coisa é possível respondeu o Sr. Oshiro. Você deve se preparar para tudo, Hisao.

O pai de Hatsue pegou a espingarda no armário e colocou-a no canto da sala, descarregada. Também pegou uma caixa de munição de pequeno calibre e meteu três balas no bolso da camisa. Depois desligou todas as luzes exceto uma e pendurou lençóis em todas as janelas. A intervalos de minutos saía do seu posto perto do rádio para afastar uma ponta de um lençol e espiar a plantação de morangos. Depois ia até a varanda escutar e esquadrinhar o céu, para ver se havia aviões. Não havia, mas, por outro lado, o céu estava nublado, de modo que não se poderia ver facilmente um avião.

Foram para a cama; ninguém dormiu. De manhã, no ônibus da escola, Hatsue olhou diretamente para Ishmael Chambers ao passar por ele a caminho do seu lugar. Ishmael retribuiu o olhar e fez um gesto de cabeça para ela, uma vez. O motorista do ônibus, Ron Lamberson, estava com um jornal de Anacortes enfiado sob o assento; a cada parada ele abria a porta com um floreio, depois sentava-se para ler um trecho do jornal enquanto as crianças entravam em silêncio.

O negócio é o seguinte anunciou ele, por cima do ombro, enquanto o ônibus escolar descia a coleante Mill Run Road. Os japoneses estão atacando tudo quanto é lugar, não só Pearl Harbor. Estão bombardeando todo o oceano Pacífico. Roosevelt vai declarar guerra hoje, mas como a gente vai se defender desses ataques? A frota inteira foi destruída lá, esse é o problema. E estão prendendo traidores japas no Havaí e em outros lugares... o FBI está se encarregando disso.

Estão prendendo gente lá em Seattle agora mesmo, aliás. Prendendo os espiões, e tudo. O governo congelou as contas bancárias dos japas, também. O principal é que hoje vai haver um blecaute na costa inteira. A Marinha imagina que vai acontecer um bombardeio aéreo. Não quero assustar vocês, crianças, mas podia ser bem aqui... a estação transmissora de Agate Point? A estação da Marinha? Seu rádio vai ficar fora do ar de sete da noite até amanhã de manhã para os japas não captarem nenhum sinal. Todos têm que pendurar panos pretos nas janelas e ficar em casa, os mais calmos possível.

Na escola, naquele dia, só se ouviu rádio. Dois mil homens haviam morrido. As vozes dos locutores eram sérias e sóbrias, demonstrando uma ansiedade mal contida. Os jovens sentaram-se com os livros fechados e escutaram um marinheiro contar em detalhes como apagar bombas incendiárias e depois escutaram relatos de outros ataques japoneses, o discurso de Roosevelt no Congresso, o anúncio, feito pelo procurador-geral Biddle, que quinta-colunistas japoneses estavam sendo presos em Washington, Oregon e na Califórnia. O Sr. Sparling ficou impaciente e amargo e começou a falar num tom monótono e desolado dos seus onze meses na França durante a Grande Guerra. Disse que esperava que os garotos de sua classe levassem sério o dever de lutar, e que, além disso, considerassem uma honra enfrentar os japas de cabeça erguida e fazê-los pagar pelo que havia feito.

A guerra é horrível acrescentou ele. Mas eles a começaram. Bombardearam o Havaí numa manhã de domingo. Em uma manhã de domingo, não podia ser outro dia balançou a cabeça, desligou o rádio e recostou-se, soturno, no quadro-negro, com os braços cruzados com força sobre o peito estreito.

Por volta das três horas daquela tarde, o pai de Ishmael já havia impresso e distribuído a primeira edição extraordinária de guerra da história de seu jornal da ilha, uma edição de uma página com uma manchete em letras garrafais: A ILHA ESTÁ A POSTOS! Apenas algumas horas depois do início das hostilidades entre o Japão e os Estados Unidos, a ilha de San Pedro, na madrugada de hoje, já havia se preparado pelo menos temporariamente para um bombardeio aéreo ou outra emergência séria.

Realizou-se imediatamente uma reunião do comitê de defesa local, convocada por Richard A. Blackington, comissário de defesa local, na loja maçônica, na tarde de ontem, à qual compareceram todos os membros da comissão de defesa. Um sistema de sinalização para dar sinal de começar o blecaute contra bombardeio aéreo, cujos detalhes se encontram em outra seção desta edição, foi instituído. Vai basear-se nos sinos da igreja, nos apitos de fábricas e buzinas de automóveis.

Os líderes da defesa, tomando a atitude de que "tudo pode acontecer", avisaram os habitantes da ilha para que fiquem atentos para apagarem as luzes num prazo muito curto.

Vigilantes do Comando Interceptador da ilha se revezarão durante as 24 horas do dia. Enquanto isso, os membros da comunidade japonesa da ilha afirmaram sua lealdade aos Estados Unidos.

Triplicou o número de guardas na estação transmissora de rádio da Marinha em Agate Point e na Ferrovia Crow Marine e nos Estaleiros. A Companhia Telefônica e Telegráfica do Pacífico e a Companhia de Luz e Energia de Puget Sound anunciaram que seriam tomadas medidas de proteção para suas instalações.

Estavam sendo tomadas providências para trazer de volta à ilha hoje o equipamento de combate a incêndio de verão, armazenado durante o inverno em Anacortes.

O segundo-tenente R. B. Clawson, representante do comandante L. N. Channing, da estação transmissora de rádio de Agate Point, discursou na reunião da comissão de defesa. As unidades de inteligência militares e navais, segundo ele, têm total domínio da situação e estão tomando medidas locais necessárias para evitar a ação de sabotadores e espiões. "A estação transmissora entrou em estado de alerta de guerra pré-convencionado imediatamente após chegar a notícia do ataque a Pearl Harbor", acrescentou o segundo-tenente Clawson. "Contudo, os civis da ilha devem fazer tudo o que puderem, independente do auxílio naval e militar, para salvaguardar seus lares e negócios contra sabotagem ou bombardeio." Os seguintes representantes da comissão de defesa estavam presentes na reunião de ontem: Bill Ingraham, comunicações; Ernest Tingstaad, transporte; Sra. Thomas McKibben, suprimentos médicos; Sra. Clarence Wukstich, víveres e alimentos; Jim Milleren, força auxiliar de polícia; Einar Petersen, estradas e engenharia; Larry Phillips, força auxiliar de combate a incêndio; Arthur Chambers, publicidade.

Também se encontravam presentes o major O. W. Hotchkins, presidente do conselho de defesa local independente; Bart Johannson, assistente do major Hotchkins; e S. Austin Coney, organizador da equipe do Comando Interceptador da ilha.

No pé da página, num tipo negrito corpo 16, lia-se uma mensagem da comissão de defesa da ilha: AO SOM PROLONGADO DO BADALAR DOS SINOS DAS IGREJAS, DO SOAR PROLONGADO DAS BUZINAS DE AUTOMÓVEIS E DOS APITOS PROLONGADOS DA FERROVIA CROW MARINE E DO ESTALEIRO, APAGUEM IMEDIATAMENTE TODAS AS LUZES

ELÉTRICAS. ISSO INCLUI TAMBÉM TODAS AS LUZES NOTURNAS PERMANENTES, COMO DOS LUMINOSOS DE LOJAS, QUE ESTÃO SOB SEU CONTROLE. MANTENHAM-NAS APAGADAS ATÉ O SINAL DE QUE ESTÁ TUDO BEM, QUE SERÁ O MESMO DO AVISO DE BOMBARDEIO AÉREO, FEITO EM DUPLICATA.

Também havia uma declaração de Richard Blackington de que os sinos das igrejas e as buzinas dos automóveis deviam ser usados apenas de forma coerente com o sistema de alarme contra bombardeio aéreo. A Sra. Thomas McKibben, encarregada dos suprimentos médicos, solicitou que qualquer ilhéu que dispusesse de uma caminhonete para uso como ambulância de emergência entrasse em contato com ela no número Amity Harbor 172-R; ela também estava inscrevendo enfermeiras voluntárias para atender a casos de emergência e aqueles que tinham feito treinamento de primeiros-socorros. Finalmente, o xerife da ilha, Gerald Lundquist, pediu aos ilhéus para relatar atividades suspeitas ou sinais de sabotagem ao seu escritório com a devida rapidez.

A edição extraordinária de guerra do Arthur incluiu um artigo intitulado "Líderes Japoneses dos Estados Unidos Juram Lealdade à América", no qual Masato Nagaishi, Masao Uyeda e Zenhichi Miyomoto, todos plantadores de morangos, declaravam que eles e todos os outros japoneses da ilha estavam prontos para proteger a bandeira americana. Falaram em nome da Câmara de Comércio Japonesa, da Liga de Cidadãos Nipo-Americanos e do Centro Comunitário Japonês, e seus votos, segundo a Revista, eram "imediatos e inequívocos", inclusive a promessa do Sr. Uyeda de que "se houver algum sinal de sabotagem ou espionagem, seremos os primeiros a alertar as autoridades". Arthur também redigiu a coluna do editorial sob o cabeçalho habitual de "Papo

Franco", que havia composto já cansado, às duas da manhã, com uma vela ao lado da máquina de escrever: Se já houve uma comunidade que enfrentou uma emergência local nascendo de algo sobre o qual não tinha controle, é a ilha de San Pedro, nesta manhã de segunda-feira, 8 de dezembro de 1941.

É, sem dúvida, um momento de um papo franco sobre assuntos que interessam a todos nós.

Existem nesta ilha cerca de oitocentos membros de 150 famílias com laços de sangue com um país que ontem cometeu uma atrocidade contra tudo que é decente. Esse país dedicou-se a uma guerra contra nós e recebeu em troca uma reação rápida e segura. A América se unirá para reagir com coragem à ameaça que agora se ergue do Pacífico. E quando a poeira assentar, a América terá vencido. Entrementes, a tarefa que temos diante de nós é grave e incita nossas mais fortes emoções. Contudo, estas emoções, a Revista deve sublinhar, não devem incluir um ódio cego e histérico contra todas as pessoas de descendência japonesa. O fato de algumas dessas pessoas serem cidadãs americanas, leais a este país, ou não mais guardarem qualquer vínculo com sua terra natal poderia facilmente ser ignorado por uma multidão de linchadores históricos.

Em vista disso, a Revista assinala que os habitantes de descendência japonesa desta ilha não são responsáveis pela tragédia de Pearl Harbor. Não nos confundamos. Eles juraram lealdade aos Estados Unidos e vêm se portando como bons cidadãos de San Pedro há décadas. São vizinhos nossos. Enviaram seis de seus filhos para o Exército dos Estados Unidos. Em suma, não são inimigos, assim como também não são nossos inimigos nossos concidadãos de descendência

alemã ou italiana. Não nos devemos permitir esquecer dessas coisas, e elas devem orientar nosso comportamento para com nossos vizinhos.

Portanto, de todos os ilhéus de todas as descendências, a Revista espera um comportamento tão ponderado quanto possível nesta crise. Atravessemos esta fase difícil de forma que, ao seu término, nós, ilhéus, possamos olhar-nos um ao outro diretamente nos olhos com o conhecimento de que nos comportamos de maneira honrosa e justa. Lembremo-nos do que tão facilmente é esquecido na intensidade insana dos tempos de guerra: que o preconceito e o ódio nunca são corretos, e jamais devem ser aceitos em uma sociedade justa.

Ishmael foi sentar-se dentro do cedro, para ler as palavras do pai; estava relendo o artigo quando Hatsue, de casaco e estola, abaixou-se e sentou-se no musgo a seu lado.

-Meu pai ficou acordado a noite inteira disse Ishmael. Publicou este jornal.

-Meu pai não conseguiu sacar o nosso dinheiro no banco respondeu Hatsue. Temos só alguns dólares, e o resto não podemos resgatar. Meus pais não são cidadãos.

-O que vocês vão fazer? -Não sabemos.

-Tenho vinte dólares guardados da colheita disse Ishmael. Pode ficar com tudo... pode mesmo. Vou trazê-los para a escola amanhã de manhã.

-Não disse Hatsue. Não traga. Meu pai vai desconfiar de tudo logo, logo. Eu nunca poderia aceitar o seu dinheiro.

Ishmael virou-se de lado, na direção dela, e apoiou-se no cotovelo.

-É difícil acreditar disse.



-Parece mentira respondeu Hatsue. Simplesmente não é justo. Não é justo! Como podem fazer isso, assim, sem mais nem menos? Como foi que a gente caiu nessa? -Nós não caímos nessa disse Ishmael. Os japoneses forçaram a gente a fazer isso. E, numa manhã de domingo, quando ninguém estava preparado. Achei isso desprezível. Eles...

-Olhe o meu rosto interrompeu Hatsue. Olhe os meus olhos, Ishmael. Meu rosto é o rosto do povo que fez isso... não entende o que eu quero dizer? Meu rosto é o dos japoneses. Meus pais vieram do Japão para San Piedro. Minha mãe e meu pai mal sabem falar inglês. Minha família agora está em péssima situação. Não entende o que eu digo? Vamos ter encrenca.

-Espere um minuto disse Ishmael. Você não é japonesa. Você é...

-Você já sabe. Estão prendendo as pessoas. Estão chamando um monte de gente de espiões. Na noite passada uns homens pararam na casa dos Ichiyama e os xingaram, Ishmael. Estacionaram o carro na frente da casa deles e ficaram buzinando. Como isso pode estar acontecendo? acrescentou. Por que as coisas ficaram assim? -Quem foi que fez isso? indagou Ishmael. De quem você está falando? -Foi o Sr. Willets, Otto Willets, o tio da Gina Willets, e mais uns outros homens. Ficaram zangados por causa das luzes do cinema. Os Ichiyama as deixaram acesas.

-Que maluquice disse Ishmael. Tudo isso é maluquice.

-Eles desenroscaram as lâmpadas e depois foram de carro até a casa dele. Xingaram ele de japa safado.

Ishmael não tinha resposta para isso. Preferiu balançar a cabeça.

-Fui para casa depois da escola disse Hatsue. Meu pai estava falando ao telefone. Todos estão preocupados com o transmissor da

marinha, aquele de Agate Point. Acham que vai ser bombardeado hoje à noite. Há homens se dirigindo para lá com espingardas para defendê-lo. Vão se emboscar na mata ao longo das praias. Os Shirasago têm uma fazenda em Agate Point, e alguns soldados da estação transmissora foram lá. Tomaram o rádio, a câmera e o telefone deles e prenderam o Sr. Shirasago e o restante dos Shirasago não pode sair de casa.

-O Sr. Timmons estava indo lá respondeu Ishmael. Eu o vi, ele estava entrando no carro. Disse que ia à loja maçônica primeiro, onde tudo está sendo organizado. Eles estão dizendo às pessoas quais as praias que devem vigiar. E minha mãe está pintando telas para o blecaute. Ficou ouvindo rádio o dia inteiro.

-Todos ficaram ouvindo rádio. Minha mãe não consegue ficar longe do nosso. Fica sentada ali escutando tudo que é notícia e ligando para as pessoas.

Ishmael suspirou.

-Uma guerra disse. Nem posso acreditar que isso esteja acontecendo.

-É melhor a gente ir replicou Hatsue. Já está ficando escuro.

Eles atravessaram a pequena corrente do regato abaixo da árvore deles e seguiram a trilha que descia o morro. Já era hora do crepúsculo, e o vento marinho soprava nos rostos de ambos. De pé no caminho com os braços em torno um do outro, eles se beijaram uma vez e depois outra, a segunda com mais intensidade.

-Não deixe isso nos atingir pediu Ishmael. Eu não me importo com o que está acontecendo no mundo. Nós não vamos deixar isso nos atingir.

-Não vai nos atingir disse Hatsue. Você vai ver.

Na terça-feira, Ishmael foi trabalhar para o pai. Atendeu o telefone na redação da Andreason Street e fez anotações em um bloco de papel ofício amarelo. O pai lhe disse para ligar para algumas pessoas e fez listas de perguntas.

-Quer me dar uma mãozinha? perguntou o pai. Não consigo dar conta de tudo.

Ishmael fez uma ligação para a estação naval. O piloto de um avião diário de reconhecimento disse que um certo guarda-marinha Clawson havia notado algo que nunca tinha visto antes: as fazendas de morangos dos japoneses da ilha de San Pedro estavam plantadas em fileiras que apontavam direto para o transmissor de rádio na extremidade de Lége Point. As fileiras de morangos e framboesas podiam guiar os Zeros dos japas direto para seu alvo facilmente.

-Mas estes campos já estão aqui há trinta anos argumentou Ishmael.

-Nem todos replicou o guarda-marinha Clawson.

O xerife do condado ligou. Dezenas de fazendeiros japoneses, especulou ele, tinham estoques de dinamite nos estábulos e palheiros, que poderiam ser utilizados para sabotagem. Outros, segundo as informações de que dispunha, tinham rádios de ondas curtas. O xerife pediu, como sinal de boa vontade, que esses fazendeiros entregassem esses itens perigosos no seu escritório de Amity Harbor. Queria, segundo disse, que fosse publicado um anúncio na Revista. Agradecia a ajuda de Ishmael.

Arthur publicou a mensagem do xerife. Publicou também uma nota do departamento de defesa avisando aos japoneses de San Pedro que a partir de 14 de dezembro eles não poderiam mais utilizar as

barcas. Vinte e quatro homens, segundo ele relatou em um artigo, haviam sido nomeados por Larry Phillips para a força auxiliar de bombeiros da defesa civil, incluindo George Tachibana, Fred Yasui e Edward Wakayama.

-Sim, escolhi esses três explicou, quando Ishmael lhe pediu esclarecimentos. Nenhum fato é apenas um fato acrescentou. Tudo é uma espécie de... número de equilíbrioso. Malabarismo com garrafas, todas as espécies de garrafas, o jornalismo é isso...

-Isso não é jornalismo redarguiu Ishmael. Jornalismo é transmitir os fatos.

Ele aprendera sobre o jornalismo na escola, num livro-texto, e lhe pareceu que seu pai havia resumido alguns princípios básicos do jornalismo.

-Mas quais fatos? perguntou-lhe Arthur. Quais fatos devemos imprimir, Ishmael? Na edição seguinte, Arthur lembrou aos negociantes para apagar as luzes dos anúncios logo ao pôr-do-sol; era Natal, e as pessoas sentiam uma grande tentação de deixar as luzes acesas. Anunciou que na véspera do Ano-Novo haveria um baile popular sob o slogan "Lembre-se de Pearl Harbor Pode Acontecer Aqui!"; homens uniformizados entrariam de graça; todos os ilhéus estavam convidados a comparecer. Arthur informou seus leitores que uma cota de quinhentos dólares havia sido estabelecida pela Sra. Lars Heineman do Fundo de Auxílio da Cruz Vermelha e que a Liga dos Cidadãos Nipo-Americanos havia imediatamente doado 55 dólares a maior contribuição até o momento. Outro artigo relatava que na sede do Centro Comunitário Japonês, em Amity Harbor, fora feita uma recepção para Robert Sakamura, que havia sido recrutado pelo Exército. Fizeram-se discursos,

serviram-se iguarias; uma saudação à bandeira americana e o hino nacional americano cantado a alta voz coroaram a noite.

A Revista de San Pedro lembrou os leitores de que estava proibida de divulgar qualquer notícia militar que pudesse confortar ou ajudar o inimigo. Portanto, aconselhava os habitantes da ilha a "não falarem descuidadamente sobre manobras do Exército ou da marinha que pudessem ser observadas". A construção da primeira estação de pesca da ilha, no Protection Point, foi adiada, segundo Arthur, por causa da guerra. Nick Olafsen morreu enquanto empilhava lenha; os George Bodine escaparam da morte quando o fogão explodiu, mas a Sra. Bodine quebrou uma perna e um braço. A Associação de Pais e Mestres começou uma coleta de papel, interessando-se em especial pelos papéis de presente natalinos. A Grange da Ilha dedicou-se à defesa de San Pedro e prometeu, numa carta ao secretário da agricultura, "dedicar-se à produção de frutas e hortaliças que pudessem ser plantadas na ilha e fossem úteis às forças de combate". O Exército pediu aos proprietários de mulas e cavalos de San Pedro que registrassem seus animais junto ao representante do condado, descrevendo a solicitação nas páginas da Revista como "uma obrigação patriótica"; também se solicitou aos ilhéus que verificassem os pneus dos seus carros e dirigissem de maneira coerente com sua preservação: a borracha estava escassa.

A Marinha avisou os habitantes da ilha, numa mensagem divulgada pela Revista, "que acabassem com os boatos evitando passá-los adiante". Organizou-se um segundo baile beneficente, e os homens recrutados para a estação de Agate Point foram convidados de honra. O comitê para angariar fundos de defesa dirigiu-se à diretoria da escola solicitando que o auditório do colégio fosse cedido para mais dois bailes; a diretoria pediu uma garantia por escrito de que ninguém

beberia nem fumaria. Foi montado um posto de alistamento na Loja de Ferragens do Fisk; ao mesmo tempo, uma súbita frente quente transformou as ruas de San Pedro em lamaçais e atolou os automóveis até os estribos. Eve Thurmann, de 86 anos, atolou seu Buick 1936 na piersall Road e apareceu no Petersen com lama até os joelhos; havia andado dois quilômetros até a cidade. Os procedimentos contra os bombardeios aéreos, conforme a Revista lembrava aos leitores, pendiam agora de muitos postes de eletricidade: mantenha a calma e controle-se; fique em casa; apague as luzes; deite-se no chão; fique longe das janelas; não dê telefonemas. Ray Ichikawa marcou quinze pontos para o time colegial de Amity Harbor na vitória contra Anacortes. Meia dúzia de residentes de West Port Jensen alegavam ter visto uma criatura misteriosa tomando sol à beira-mar; parecia ter um pescoço semelhante ao de um cisne, a cabeça de um urso polar e uma boca cavernosa da qual saíam nuvens de vapor. Quando alguns ilhéus saíram de bote para dar uma olhada mais de perto, a criatura havia desaparecido sob as ondas.

-Isso não entra no jornal, entra? perguntou Ishmael ao pai. Uma criatura marinha em West Port Jensen? -Talvez você esteja certo respondeu Arthur. Mas lembra-se das histórias de urso que publiquei no ano passado? O urso responsável por tudo, de repente? Cães mortos, janelas quebradas, galinhas desaparecidas, carros arranhados? Uma criatura misteriosa... isso é notícia, Ishmael. O fato de as pessoas a verem... isso é notícia.

Na edição seguinte, Arthur publicou um anúncio instando os ilhéus a comprar bônus de guerra. Explicou que a comissão de defesa civil estava registrando barcos que poderiam estar disponíveis no caso de evacuação. William Blair, contou Arthur aos leitores filho de Zachary

e Edith Blair, de Amity Harbor, formou-se na Academia Naval Americana, primeira classe de emergência, e embarcou para o teatro de operações europeu. A ilha ficou sem energia por quatro horas uma manhã, quando meia dúzia dos balões cativos do Exército se soltaram e ficaram presos em linhas de transmissão de força. O comissário de defesa, Richard Blackington, indicou nove inspetores distritais de ataques aéreos para serem responsáveis pela eficácia de um blecaute na ilha; também compareceu, em Anacortes, a uma aula de treinamento de guerra química e depois preocupou-se em disseminar especulações sobre isso. Enquanto isso, as crianças de San Pedro foram numeradas e registradas em suas classes escolares para evitar a possibilidade de se desgarrarem das famílias. Arthur publicou um diagrama do Ministério da Guerra mostrando marcas de caudas e asas de aviões. Também publicou uma fotografia de nipo-americanos em Fresno, Califórnia, na fila para obter cartões de registro.

Mais quatro ilhéus de descendência japonesa era um artigo da primeira página alistaram-se no Exército dos Estados Unidos. Richard Enslow, que ensinava carpintaria no colégio, demitiu-se e alistou-se na Marinha. A Sra. Ida Cross de South Beach tricotou meias para os marinheiros, enviou-as e recebeu uma nota de agradecimento de um soldado de artilharia antiaérea estacionado perto de Baltimore. A guarda costeira proibiu a pescaria do lado oeste da ilha e abordava no meio da noite pescueiros que haviam lançado redes perto de áreas restritas. No final de janeiro, os ilhéus experimentaram uma escassez temporária de combustível e foram obrigados a desligar os aquecedores a óleo por ordem da comissão de defesa civil. A comissão pediu aos fazendeiros dez mil sacas de aniagem, forragem ou farinha, para fazer sacos de areia. Cento e cinquenta ilhéus assistiram a curs He primeiros

socorros oferecidos pelo auxiliar da Cruz Vermelha. A loja de Petersen suspendeu as entregas a domicílio, por economia de combustível e falta de pessoal.

-Parece que você está defendendo os japas, Art foi o que lhe escreveu um leitor anônimo da Revista. Está colocando-os na primeira página toda semana e escrevendo sobre o patriotismo e a lealdade deles, mas nada diz sobre sua traição. Bom, talvez seja hora de tirar a cabeça do buraco e perceber... estamos em guerra! E afinal, de que lado você está? Em janeiro, quinze ilhéus cancelaram suas assinaturas, inclusive os Walker Coleman de Skiff Point e os Herbert Langlie de Amity Harbor.

-Os japas são inimigos justificou-se Herbert Langlie. Seu jornal é um insulto para todos os americanos brancos que juraram eliminar essa ameaça do nosso seio. Por favor, cancele minha assinatura a partir de hoje e envie-me meu dinheiro de volta imediatamente.

Arthur cancelou; enviou de volta o dinheiro de todos os assinantes que cancelaram a assinatura, e uma nota pessoal escrita em tom cordial.

-Um dia eles voltarão previu ele. Em seguida a loja da Price-Rite em Anacortes cancelou seu anúncio semanal de um quarto de página; depois a loja de Lottie Opsvig, na Main Street, depois o Depósito de Madeiras de Larsen e o Café Anacortes. Não vamos nos preocupar com isso disse Arthur ao filho. Podemos publicar só quatro cartas de Walker Coleman e outra parecida de Ingmar Sigurdson. Jullian Taylor, professora de inglês no colégio, respondeu desaprovando, indignada, "o espírito de mediocridade evidente nas cartas do Sr. Walker Coleman e do Sr. Ingmar Sigurdson, dois conhecidos ilhéus que obviamente haviam perdido o



bom senso, vítimas que foram da histeria de guerra". Arthur também publicou isso.

Duas semanas depois, em 4 de fevereiro, um Ford preto passou pelos campos dos Imada, rumo à casa de tabuinhas de cedro. Hatsue estava de pé na beira do telheiro, enchendo o avental com cavacos de cedro tirados de uma pilha protegida sob uma lona encerada, quando ela percebeu isso era estranho que os faróis do Ford apagaram-se; ela escutou o carro antes de vê-lo.

Parou bem diante de sua casa; dois homens desceram de terno e gravata. Fecharam as portas com cuidado e olharam um para o outro; um deles ajustou um pouco o casaco, ele era maior que o outro, e suas mangas não eram compridas o bastante para cobrir nem metade dos punhos da camisa. Hatsue ficou parada em silêncio com o avental cheio de cavacos enquanto os homens subiam à varanda e batiam à porta, com os chapéus na mão. O pai de Hatsue atendeu de suéter e sandálias, com o jornal pendendo da mão esquerda bem arrumado, e os óculos de leitura equilibrados no nariz; a mãe dela veio logo atrás.

-Permita-me apresentar-me disse o homem mais baixo, retirando uma credencial do bolso do paletó. Serviço Federal de Investigações anunciou. O senhor é He-say-o Imada? -Sim disse o pai de Hatsue. Há algo errado? -Não é bem errado disse o homem do FBI. Recebemos ordens para dar uma busca neste local. Sabe, vamos fazer uma revista. Agora, se puderem entrar, por favor, podemos nos sentar todos juntos.

-Sim, pois não, entre disse.

Hatsue deixou os cavacos contidos no avental caírem de volta na pilha. Os dois homens se viraram para olhar para ela; o mais alto desceu

a metade dos degraus da varanda. Hatsue saiu da sombra do telheiro e veio para o brilho da luz da varanda.

-Entre também, você aí disse o baixo.

Eles se aglomeraram na sala de estar. Enquanto Hatsue e suas irmãs ficavam sentadas no sofá, Hisao trouxe cadeiras da cozinha para os homens do FBI o mais corpulento o seguia por toda parte.

-Por favor, sente-se ofereceu Hisao.

-Você é muito educado observou o pequeno. A seguir, tirou um envelope do bolso, entregando-o a Hisao. É um mandado de busca. Vamos revistar este recinto... é uma ordem, entende, uma ordem.

Hisao segurou o envelope entre os dedos, mas não fez menção de abri-lo.

-Nós somos leais ao país declarou. E só.

-Eu sei, eu sei disse o federal. Mas mesmo assim temos de fazer uma revista.

Enquanto ele falava, o homem mais alto ficou de pé e ajustou os punhos, depois calmamente abriu a estante envidraçada de Fujiko e pegou a pilha de partituras shakuhachi que ela guardava na prateleira de baixo. Pegou a flauta de bambu de Fujiko, virou-a duas vezes nas mãos mãos pequenas para um homem tão corpulento, palerma, depois colocou-a sobre a mesa da sala de jantar. Havia um porta-revistas ao lado da estufa de madeira, e ele manuseou desajeitadamente as revistas que achou ali. Pegou o jornal de Hisao.

-Recebemos algumas reclamações de cidadãos locais que alguns estrangeiros inimigos de San Pedro têm em seu poder objetos

considerados de contrabando disse o homem baixo. É nosso dever dar uma busca neste local. Pedimos sua colaboração.

-Sim, naturalmente disse Hisao.

O homem mais alto entrou na cozinha. Viram-no pela porta, espiando sob a pia e abrindo a porta do forno.

-Vamos ter de revistar os pertences pessoais de vocês informou o agente baixinho. Erguendo-se, ele tomou o envelope de Hisao; recolocou-o no bolso. Espero que não se importe acrescentou.

Ele abriu o tansu uma cômoda num canto da sala de estar. Tirou o quimono de seda de Fujiko com seu arremate bordado a ouro.

-É muito bonito observou ele, segurando-o sob a luz. Parece ser da sua antiga pátria. Alta classe.

O homem mais alto atravessou a sala vindo da copa com a espingarda de Hisao numa das mãos e quatro caixas de balas seguras contra o peito.

-O sujeito tem um arsenal disse ao seu parceiro. Ali também tem uma enorme espada antiga.

-Coloque tudo sobre a mesa disse o baixinho. E etiqüete tudo, Wilson... trouxe as etiqüetas? -Estão aqui no bolso respondeu Wilson.

A mais jovem das Imada começou a lamuriar-se, cobrindo o rosto com as mãos.

-Ei, garotinha disse o federal. Sei que isso parece assustador, mas sabe de uma coisa? Não precisa chorar, está me ouvindo? Vamos acabar logo e ir embora.

O homem avantajado, Wilson, voltou para pegar a espada de Hisao. Depois resolveu olhar os quartos.

-Vamos fazer uma coisa disse o primeiro homem a Hisao. Vamos nos sentar aqui quietinhos até o Wilson terminar. Aí você e eu vamos dar uma volta aí por fora. Vamos etiquetar essas coisas e colocá-las no carro. Aí você pode me mostrar as outras construções. Temos de revistar tudo... é assim que se faz.

-Entendo disse Hisao. Ele e Fujiko agora estavam de mãos dadas.

-Não fiquem nervosos disse o federal. Vamos liberar vocês dentro de alguns minutos.

Ele parou na mesa, etiquetando objetos. Durante algum tempo, aguardou em silêncio. Bateu com o pé e experimentou encostar a boca na flauta.

-Wilson! gritou, afinal. Tire as patas da roupa de baixo! Depois deu uma risadinha e pegou a espingarda de Hisao. Vamos levar isso disse, desculpando-se. Essas coisas todas, entendem? Vão ficar retidas durante algum tempo... sabe-se lá por quê... depois vão devolvê-las a vocês. Eles vão enviá-las de volta quando acabarem de examiná-las. É complexo, mas funciona assim. Estamos em guerra, e as coisas são assim.

-A flauta é uma relíquia disse Hisao. O quimono, as partituras... precisam levar essas coisas? -Qualquer objeto semelhante, sim disse o federal. Qualquer objeto da sua antiga pátria.

Hisao ficou em silêncio, com o cenho fechado. Wilson voltou dos quartos com aparência solene; trazia o álbum de recortes de Hatsue.

-Seu pervertido disse o seu parceiro. Venha cá.

-É lixo disse Wilson. Eu estava revistando as gavetas. Da próxima vez, faça isso você mesmo, se não gostar que eu faça.

-He-say-o e eu vamos sair disse o baixinho com firmeza. Você pode ficar aqui com as moças e acabar de colocar as etiquetas. E seja educado acrescentou.

-Sou sempre educado disse Wilson.

Hisao e o baixinho saíram; Wilson ficou colocando as etiquetas. Quando terminou, relanceou os olhos pelo álbum de Hatsue, mordendo o lábio inferior.

-Princesa dos Morangos disse, erguendo a vista. Devem ter bajulado muito você por isso.

Hatsue não respondeu.

-É uma linda foto acrescentou Wilson. Parece com você. Parece muito com você, aliás.

Hatsue continuou calada. Desejava que Wilson largasse o seu álbum. Estava pensando em pedir-lhe, educadamente, para largá-lo, quando Hisao e o outro homem voltaram, o federal carregando um caixote.

-Dinamite disse. Veja só, Wilson. Colocou o caixote com cuidado sobre a mesa. Os dois ficaram de pé tateando a dinamite... 24 bananas. Wilson franziu os lábios e fitou o caixote.

-Vocês precisam acreditar em mim insistiu Hisao. Isso é para remover tocos de árvores, para desbravar a terra.

O baixinho do FBI balançou a cabeça, sério.

-Talvez disse. Mas mesmo assim, é ruim. Esse negócio apontou para o caixote é contrabando. Devia ter devolvido isso.

Pegaram a arma de fogo, a espada e a dinamite e colocaram tudo na mala do carro. Wilson retornou com uma mochila e meteu nela o

álbum de recortes, o quimono, as partituras e, por último, a flauta de bambu.

Depois de carregar o carro, os federais sentaram-se outra vez.

-Bom, era só isso disse o baixinho. Tem mais alguma coisa. Adivinha? disse ele a Hisao.

Hisao não respondeu. Sentado, de suéter e sandálias, piscando, segurava os óculos na mão. Esperou o homem do FBI falar.

-Vamos prendê-lo anunciou Wilson. Vai dar uma voltinha em Seattle.

Tirou um par de algemas do cinto; elas estavam presas perto do seu revólver.

-Não precisa colocar isso interveio o baixinho. Esse senhor aqui é um homem de fino trato, um cavalheiro. Não precisa algemá-lo. Voltou sua atenção para Hisao. Eles só vão interrogá-lo, entende? Vamos a Seattle, eles o interrogam, o senhor responde, e pronto.

As duas meninas menores estavam ambas chorando. A mais jovem escondeu o rosto nas mãos e Hatsue passou um braço em torno dela. Puxou a cabeça da irmã para si e acariciou-lhe os cabelos com cuidado. Hisao levantou-se.

-Por favor, não o levem disse Fujiko. Ele não fez nada de mau. Ele...

-Isso ninguém sabe disse Wilson. Ninguém pode garantir isso.

-Talvez dentro de alguns dias disse o outro homem. Essas coisas levam algum tempo, entendem? Temos de levá-lo a Seattle. Ele vai entrar na fila. Talvez alguns dias, talvez uma semana.

-Uma semana? disse Fujiko. Mas e nós, o que faremos? O que vocês...

-Encare isso como um sacrifício de guerra interrompeu o homem do FBI. Pensem que estamos em guerra e que todos estão fazendo sacrifícios. Talvez consigam encarar a situação dessa forma.

Hisao perguntou se podia trocar de calçado e pegar o casaco na copa. Queria também levar algumas roupas, se fosse possível.

-É claro que pode concordou Wilson. Prossiga. Estamos perfeitamente dispostos a fazer-lhe este obséquo.

Permitiram que ele beijasse a esposa e as filhas e se despedisse de cada uma delas.

-Liguem para o Robert Nishi disse-lhes Hisao. Digam-lhe que fui preso. Mas quando Fujiko ligou, descobriu que Robert Nishi também havia sido preso. Ronald Kobayashi, Richard Sumida, Harold Oda, Edward Kato, David Kitano, James Yamamoto, John Masui, Robert Nishi agora estavam todos na cadeia, em Seattle. Haviam sido todos presos na mesma noite.

Os presos viajaram num trem com janelas fechadas com tábuas houve casos de prisioneiros que foram atingidos por tiros dados ao longo da ferrovia de Seattle para um campo de trabalhos forçados em Montana. Hisao escrevia uma carta para a família por dia; a comida, segundo ele, não era lá essas coisas, mas não estavam sendo propriamente maltratados. Estavam cavando valas para um sistema de irrigação que duplicaria o tamanho do campo. Hisao conseguira um emprego na lavanderia, para passar e dobrar as roupas. Robert Nishi trabalhava na cozinha do campo.

A mãe de Hatsue reuniu as cinco filhas, com a carta de Hisao na mão. Contou mais uma vez a elas a história de sua odisseia, quando viera do Japão a bordo do Korea Maru. Contou-lhes sobre os quartos



que havia limpado em Seattle, os lençóis sobre os quais os homens brancos haviam vomitado sangue, os vasos cheios de fezes, o fedor do álcool e do suor deles. Ela lhes contou sobre a pensão do cais do porto onde havia trabalhado picando cebolas e fritando batatas para estivadores hajukin que olhavam através dela como se ela não estivesse presente. Ela já havia conhecido as adversidades, segundo disse sua vida já era difícil havia muito tempo. Ela sabia o que era estar viva sem estar viva; sabia como era ser invisível. Ela queria que as filhas soubessem como enfrentar isso de modo que lhes permitisse conservar a dignidade. Hatsue ficou sentada, imóvel, enquanto a mãe falava, tentando adivinhar o que ela queria dizer. Agora tinha dezoito anos, e a história da mãe lhe parecia mais importante do que quando ela a ouvira antes. Ela inclinou-se para a frente e escutou com atenção. A mãe previu que a guerra contra o Japão obrigaria todas as suas filhas a decidir quem eram e depois se tornarem mais japonesas. Não era verdade que os hajukin, no fundo, não os queriam no país deles? Corriam boatos de que todos os japoneses da costa iam ser obrigados a ir embora. Não adiantava tentar esconder nada, nem tentar fingir que não eram japonesas os hajukin as reconheciam pela fisionomia; elas iam ter de aceitar isso. Eram meninas japonesas na América numa época em que esta estava em guerra com o Japão será que alguma delas ousaria negar isso? O segredo era recusar-se a permitir que o sofrimento as impedisse de viver com honra. No Japão, disse ela, as pessoas aprendiam a não se queixar nem se deixar perturbar pelo sofrimento. Perseverar era sempre um reflexo da vida interior das pessoas, da filosofia de cada um e do seu ponto de vista. Era aceitar melhor a velhice, a morte, a injustiça, a adversidade tudo isso faz parte da vida. Só uma menina tola negaria que a realidade era essa, mostrando a todos sua imaturidade e o grau

em que adotara o mundo dos hajukin em vez do mundo do seu povo. E seu povo, insistiu Fujiko, era o japonês os acontecimentos dos últimos dois meses deveriam ensinar-lhes algo acerca das trevas nos corações dos hajukin e da escuridão mais gera) que fazia parte da vida. Negar que existia esse lado mais escuro da vida seria fingir que o frio do inverno era, de alguma forma, apenas uma ilusão temporária, uma parada obrigatória no caminho para a "realidade" superior dos verões longos, quentes e agradáveis. Mas o verão, na realidade, não era mais real que a neve que se derretia no inverno. Muito bem, disse Fujiko, agora o pai de vocês está longe, dobrando roupa lavada num acampamento em Montana, e nós vamos ter que nos virar, suportar os problemas.

-Vocês compreendem? perguntou em japonês. Não há escolha. Nós todas vamos ter que suportar.

-Nem todos nos odeiam respondeu Hatsue. A senhora está exagerando, mãe... sabe que está. Não são tão diferentes de nós, a senhora sabe. Alguns nos odeiam, outros não.

-Eu sei do que você está falando disse Fujiko. Nem todos nos odeiam, você está certa. Mas, sobre essa outra questão ela falava ainda em japonês, não acha que são muito diferentes? Totalmente, Hatsue? Diferentes de nós? -Não disse Hatsue. Não acho.

-Pois são disse Fujiko e eu posso lhe dizer o quanto. Os brancos são tentados pelo seus egos e não conseguem resistir a eles. Nós japoneses, por outro lado, sabemos que nossos egos não são nada. Dominamos nossos egos o tempo todo, e é aí que somos diferentes. Essa é a diferença fundamental, Hatsue. Nós baixamos a cabeça, nos curvamos e ficamos quietos porque entendemos que sozinhos nada somos, somos pó em um vento forte, enquanto os hajukin acreditam

que sua solidão é tudo, sua individualidade é o fundamento da sua existência. Ele busca e agarra, busca e agarra sua individualidade, enquanto buscamos a união com a vida maior... você tem de entender que estamos trilhando caminhos diferentes, Hatsue, os hajukin e nós, japoneses.

-Estas pessoas que buscam a união com a vida maior argumentou Hatsue são as que bombardearam Pearl Harbor. Se estão tão prontos a baixar a cabeça e a curvar-se, então por que estão atacando o mundo inteiro e invadindo outros países? Não me sinto parte Messe pOvo disse Hatsue. Sou parte daqui acrescentou. Sou deste lugar.

-Sim, você nasceu aqui, é verdade reconheceu Fujiko. Mas l seu sangue... mesmo assim, você é japonesa.

-Eu não quero ser! disse Hatsue. Não quero ter nada a ver com eles! Ouviu bem? Não quero ser japonesa.

Fujiko balançou a cabeça para a filha mais velha.

-Estamos atravessando uma época conturbada respondeu. Ninguém sabe quem é hoje em dia. Tudo está nebuloso e obscuro. Mesmo assim, deve aprender a não dizer nada de que possa se arrepender. Não devia dizer o que não está no seu coração... nem aquilo que passa apenas momentaneamente por seu coração. Mas, como sabe, o silêncio é melhor.

Hatsue viu de imediato que a mãe estava certa. Sua mãe, claramente, estava serena e imperturbável, e sua voz transmitia a força da verdade. Hatsue calou-se, envergonhada de si mesma. Quem era ela para dizer como se sentia? O que sentia continuava sendo um mistério, ela sentia mil coisas de uma só vez, não conseguia pegar o fio da meada dos seus pensamentos com certeza suficiente para falar seguramente.

Sua mãe estava certa, o silêncio era melhor. Era alguma coisa uma coisa de que ela tinha certeza.

-Eu poderia dizer continuou a mãe que conviver com os hajukin a contaminou, tornou sua alma impura, Hatsue. Essa impureza a envolve... vejo isso todos os dias. Você sempre a traz consigo. É como uma névoa em torno de sua alma, e lhe assalta a fisionomia como uma sombra nos momentos em que você não a disfarça bem. Vejo-a na sua ansiedade de sair daqui e passear na mata à tarde. Não consigo interpretar facilmente tudo isso, a não ser que a impureza vem da sua convivência diária com os brancos. Não estou lhe pedindo para evitá-los por completo... não deve fazer isso. Deve viver neste mundo, naturalmente, e este é o mundo dos hajukin... deve aprender a viver nele, precisa estudar. Mas não permita que essa vida entre os hajukin se transforme em vida entrelaçada com a deles. Sua alma vai se deteriorar. Algo fundamental vai apodrecer e se estragar. Você tem dezoito anos, agora já é grande... não posso mais acompanhá-la. Você dentro em breve caminhará sozinha, Hatsue. Espero que leve sempre consigo sua pureza e se lembre de quem é na verdade.

Hatsue soube então que disfarçara mal. Já havia quatro anos que ela fazia "caminhadas" e voltava para casa com gavinhas de fuki, agrião, lagostins, cogumelos, frutinhas silvestres, framboesas, amoras até bagas de sabugueiro para fazer geleia, qualquer coisa para ocultar seu objetivo. Ela tinha ido a bailes com outras moças e ficado num canto recusando convites, enquanto Ishmael ficava com seus amigos. Suas amigas tentavam arrumar namorados para ela; ela era amplamente incentivada a se aproveitar de sua beleza e sair da concha da sua aparente timidez. Correu até o boato, na última primavera, que ela tinha um namorado secreto extraordinariamente belo, que visitava em

Anacortes, mas esse boato sumiu aos poucos. Durante todo o tempo Hatsue havia combatido a tentação de revelar a verdade a suas irmãs e colegas, porque a verdade era uma carga pesada de se carregar em silêncio e ela sentia necessidade, como a maioria das jovens, de falar sobre amor com outras meninas. Mas nunca o fez. Ela persistia em fingir que sua timidez na presença dos rapazes impedia-a de se encontrar com eles.

Agora sua mãe parecia saber a verdade ou pressenti-la. Os cabelos negros da mãe estavam severamente presos em um coque reluzente preso à nuca. As mãos estavam majestosamente entrelaçadas no colo - ela havia depositado a carta do marido sobre a mesinha de centro - e estava empoleirada com grande dignidade na beirada da cadeira, pestanejando calmamente para a filha.

-Eu sei quem eu sou disse Hatsue. Sei exatamente quem eu sou ela afirmou outra vez, mas eram apenas mais palavras sobre as quais se sentir insegura; eram só mais palavras das quais se arrepender. O silêncio teria sido melhor.

-Você tem sorte disse Fujiko, em tom monótono, em japonês. Você fala com uma segurança enorme, minha primogênita. As palavras voam da sua boca.

Hatsue viu-se caminhando pelo bosque no fim da tarde. Era quase o fim do mês de fevereiro, uma época de luz pardacenta. Na primavera, grandes fachos de luz do sol dividiam o dossel de árvores, e os refugos da floresta desciam, a flutuar gravetos, sementes, agulhas, pó da madeira dos troncos, tudo suspenso no ar nebuloso, mas agora, em fevereiro, o bosque parecia escuro e as árvores pareciam encharcadas e tinham um cheiro penetrante de podridão. Hatsue penetrou até onde os

cedros cediam a vez a abetos recobertos de musgo e líquens. Tudo lhe era familiar e conhecido ali os cedros mortos e agonizantes cheios de polpa estragada, as árvores caídas e derrubadas, da altura de uma casa, as raízes desenterradas cobertas de bordos rasteiros, os cogumelos venenosos, a hera, os arbustos de frutas silvestres, a baunilha, os brejos cobertos de araliáceas. Este era o bosque pelo qual ela passava depois das aulas da Sra. Shigemura, o bosque onde havia cultivado o tipo de tranqüilidade recomendado pela mestra. Ela se sentava entre samambaias de 1,80m de altura ou em uma plataforma dando para um vale de trílios e abria os olhos para deixar entrar a imagem do lugar. Tanto quanto conseguia se lembrar, sua satisfação na época sempre fora esta floresta silenciosa que retinha para ela seu mistério.

Havia fileiras retas de árvores colunatas nascendo no canteiro de árvores que haviam caído duzentos anos antes e sido absorvidas pelo seio da própria terra. O chão da floresta era um mapa em relevo feito de árvores caídas que viveram quinhentos anos antes de morrerem um montículo aqui, uma cavidade ali, um outeiro ou colina desgastada em algum lugar, o bosque guardava as ossadas das árvores caídas com mais de seiscentos anos. Ela havia visto o rato de patas brancas, o arrepiante rato-calunga, os chifres esverdeados dos veados de cauda branca apodrecendo sob um cedro. Sabia onde cresciam as samambaias *Filix femina*, as orquídeas cefalânteras e bufas-de-lobo gigantes cobertas de verrugas.

No coração da mata ela se deitou sobre um tronco caído e olhou para cima, para além dos troncos sem galhos. Um vento de inverno atrasado fez dançar os topos das árvores, induzindo nela uma vertigem momentânea. Ela admirou a casca complexa de abeto de Douglas, seguiu suas ranhuras até o dossel de galhos sessenta metros acima. O

mundo era incompreensivelmente intrincado, e mesmo assim esta floresta tinha um significado nítido para o seu coração que ela não sentia em nenhum outro lugar.

Ela evocou para dentro de si, no silêncio da sua mente, uma lista das coisas que no momento se avolumavam no seu íntimo seu pai longe, preso pelo FBI por guardar dinamite no celeiro; havia boatos que dentro em breve todos que tivessem feições japonesas em San Pedro seriam evacuados até a guerra terminar; ela tinha um namorado hajukin que só podia encontrar em segredo, que, dentro de alguns meses ia ser convocado e enviado para matar gente com seu sangue. E agora, além de todos esses problemas insolúveis, sua mãe, horas antes, havia penetrado no seu recôndito e descoberto sua profunda insegurança. Sua mãe parecia saber da existência do abismo existente entre o que ela era e como vivia. E o que ela era, afinal? Era daquele lugar, e não era, e embora desejasse ser americana era óbvio, como a mãe havia dito, que ela tinha o rosto do inimigo e sempre teria esse rosto. Ela nunca se sentiria à vontade aqui entre os hajukin, e, ao mesmo tempo, amava os bosques e campos da sua terra natal quanto qualquer um. Tinha um pé na pátria de seus pais e dali não ficava distante o Japão que haviam deixado anos atrás. Agora ela conseguia sentir como esse país do outro lado do oceano a atraía e vivia no seu íntimo apesar dos seus desejos em contrário; era algo que ela não podia negar. E ao mesmo tempo os pés dela estavam plantados na ilha de San Pedro, e ela queria apenas ter sua própria fazenda de morangos, a fragrância dos campos e dos cedros, e viver simplesmente neste lugar para sempre. E ainda havia Ishmael. Ele fazia tanto parte de sua vida quanto as árvores, tinha o cheiro dela e de mariscos da praia. E mesmo assim ele deixava aquele buraco dentro dela. Ele não era japonês, e eles haviam se conhecido tão

crianças, o amor deles nascera da leviandade e do impulso, ela se apaixonara por ele muito antes de se conhecer a si mesma, embora lhe ocorresse agora que ela talvez nunca se conhecesse, que talvez as pessoas nunca se conheçam, que uma coisa assim talvez não fosse possível. E achava que entendia o que há muito buscava entender, que ela ocultava o amor por Ishmael Chambers não porque era japonesa de coração, mas porque ela não podia, na verdade, manifestar ao mundo que o que sentia por ele era amor.

Sentiu um mal-estar dominá-la. Suas caminhadas de fim de tarde não haviam ocultado seus encontros com um garoto que a mãe há muito vinha pressentindo. Hatsue sabia que não havia enganado ninguém, nem a si mesma, afinal, nunca havia se sentido inteiramente certa. Como eles podiam dizer, ela e Ishmael, que verdadeiramente amavam um ao outro? Haviam simplesmente crescido juntos, foram crianças juntos, e a proximidade disso, essa intimidade, gerara neles a ilusão de amor. E no entanto, por outro lado, o que era o amor senão o instinto que ela sentia de estar sobre o musgo dentro do cedro com esse garoto que ela conhecia desde sempre? Ele era o garoto deste lugar, destes bosques, destas praias, o garoto que tinha o cheiro desta floresta. Se a identidade fosse a geografia em vez de sangue, se morar num lugar fosse o que realmente importava, então Ishmael fazia parte dela, estava dentro dela, tanto quanto qualquer coisa japonesa. Era, sabia, a forma mais simples de amor, a mais pura, não contaminada pela Mente, que tudo torcia, como a Sra. Shigemura, ironicamente, pregava. Não disse a si mesma, ela havia meramente seguido seus instintos, e seus instintos não faziam as distinções que ter sangue japonês exigia. Ela não sabia o que mais poderia ser o amor.



Uma hora mais tarde, dentro do cedro, ela abordou o assunto com Ishmael.

-Nós sempre nos conhecemos disse ela. Eu não consigo me lembrar de quando não o conhecia. É difícil me lembrar do tempo anterior a você. Eu nem sei se houve esse tempo.

-O mesmo acontece comigo disse Ishmael. Lembra-se daquela caixa de vidro que eu tinha? Aquela que levamos para a água? -Naturalmente disse ela. Eu me lembro.

-Isso deve ter sido há dez anos disse Ishmael. Nós pendurados naquela caixa. Estarmos lá no oceano... é disso que eu me lembro.

-É disso que eu quero falar disse Hatsue. Uma caixa no oceano... que tipo de começo é esse? O que, realmente, nós tínhamos em comum? Nós nem mesmo nos conhecíamos.

-Nós nos conhecíamos, sim. Nós sempre nos conhecemos. Nós nunca fomos estranhos do jeito que a maioria das pessoas é quando se conhecem e começam a sair juntas.

-Isso é outra coisa disse Hatsue. Nós não saímos... essa não é a palavra certa... nós não podemos sair, Ishmael. Estamos presos dentro dessa árvore.

-Vamos nos formar em três meses respondeu Ishmael. Acho que devíamos nos mudar para Seattle depois disso. Será diferente em Seattle, você vai ver.

-Eles estão prendendo pessoas como eu lá também, como aqui, Ishmael. Um branco e uma japonesa, não importa que seja em Seattle, nós não poderíamos simplesmente sair andando pela rua juntos. Não depois de Pearl Harbor. Você sabe disso. Além do mais, vai ser

convocado em junho. É assim que vai ser. Também não vai para Seattle. Vamos ser honestos conosco mesmos.

-Então, o que vamos fazer? Diga-me. Qual a resposta, Hatsue? -Não há resposta disse ela. Eu não sei, Ishmael. Não há nada que nós possamos fazer.

-Nós só temos que ser pacientes respondeu Ishmael. Essa guerra não vai durar para sempre.

Eles ficaram sentados em silêncio, dentro da árvore, Ishmael apoiado em um cotovelo, Hatsue com a cabeça sobre as costelas dele e as pernas para cima, apoiadas na madeira lustrosa.

-Aqui é agradável disse Hatsue. Sempre é gostoso este lugar.

-Eu te amo respondeu Ishmael. Eu sempre vou te amar. Não me importa o que aconteça. Eu sempre vou te amar.

-Eu sei disse Hatsue. Mas estou tentando ser realista a respeito. Não é tão simples, é o que estou dizendo. Há todas essas outras coisas.

-Elas não importam, no fundo disse Ishmael. Nenhuma dessas outras coisas faz diferença. O amor é o que há de mais forte no mundo, você sabe. Nada pode atingi-lo. Nada pode se aproximar dele. Se nos amarmos, estaremos a salvo de tudo isso. O amor é a maior coisa que existe.

Ele falava com tal convicção e ênfase que Hatsue se permitiu convencer por ele de que nada era maior que o amor. Queria acreditar nisso, e assim se submeteu e tentou se deixar levar por isso. Eles começaram a se beijar sobre o musgo, dentro da árvore, mas de alguma forma a carícia lhe pareceu falsa, uma tentativa de obliterar a verdade do mundo e de se enganarem com seus lábios.

-Desculpe disse ela, afastando-se. Tudo está complicado. Não consigo esquecer o que está havendo.

Ele a abraçou e acariciou-lhe os cabelos. Eles não falaram mais. Ela se sentia segura ali, como se estivesse hibernando no coração da floresta, enquanto o tempo estava em suspenso e o mundo paralisado a segurança temporária de uma pousada tranquila que se deve deixar pela manhã. Eles adormeceram com as cabeças sobre o musgo até a luz dentro da árvore se transformar de verde em cinza, e aí já era hora de ir para casa.

-Tudo vai dar certo disse Ishmael. Você vai ver. Vai dar certo.

-Não vejo como respondeu Hatsue.

O problema foi resolvido para eles no dia 21 de março, quando o Departamento de Realocações de Guerra dos Estados Unidos anunciou que os ilhéus de descendência japonesa tinham oito dias para se preparar para partir.

Os Kobayashi eles haviam plantado mil dólares de ruibarbos em cerca de dois hectares no Center Valley negociaram um acordo com Torvai Rasmussen para que ele tomasse conta dos campos e fizesse a colheita. Os Masui tiraram o mato dos seus campos de morangos e trabalharam colocando estacas nos pés de ervilha ao luar; queriam deixar as coisas em boas condições para Michael Burns e seu imprestável irmão Patrick, que haviam concordado em tomar conta da fazenda deles. Os Sumida resolveram vender as terras com desconto e fechar sua sementeira; na quinta e na sexta eles ficaram o dia inteiro vendendo suas coisas e viram ferramentas de poda, fertilizante, cadeiras de cedro, chafarizes, bancos de jardim, lanternas de papel, plantas ornamentais, protetores de árvores, latas de chá e bonsais saírem pela

porta com quem quisesse comprá-las. No domingo, colocaram cadeados nas portas das estufas de plantas e pediram a Piers Petersen que olhasse as coisas. Deram a Piers suas galinhas poedeiras e um par de patos selvagens.

Len Kato e Johnny Kobashigawa viajaram pelas estradas da ilha em um caminhão de feno de três toneladas levando cargas de mobília, engradados e eletrodomésticos para o prédio do Centro Comunitário Japonês. Cheio até o teto de camas, sofás, fogões, geladeiras, cômodas, escrivaninhas, mesas e cadeiras, o lugar foi trancado e selado com tábuas às seis da tarde do domingo. Três pescadores aposentados Gillon Crichton, Sam Goodall e Eric Hoffman, pai prestaram juramento como representantes do xerife de San Pedro a fim de guardar seu conteúdo.

O Departamento de Realocações de Guerra se mudou para escritórios embolorados na velha doca da fábrica de conservas W. W. Beason, logo na saída de Amity Harbor. A doca abrigava não só o Comando de Transportes do Exército como representantes da Secretaria de Segurança de Fazendas e do Serviço Federal de Empregos. Kaspars Hinkle, que era treinador do time de beisebol da escola secundária, entrou voando no escritório de realocação de guerra no fim de uma tarde de quinta-feira todos estavam se preparando para ir embora e bateu com a lista dele na escrivaninha do secretário: o apanhador, o homem da segunda base e dois defensores, disse sem mencionar seus dois melhores arremessadores iam perder toda a temporada. Será que não podiam pensar melhor no assunto? Nenhum daqueles garotos era espião! Na noite de sábado, 28 de março, o baile do último ano da Escola Secundária de Amity Harbor este ano o tema foi "Deslumbramento dos Narcisos" aconteceu no auditório da escola. Uma banda de swing de Anacortes, Men About Town, tocou só músicas

dançantes; durante um intervalo o capitão do time de beisebol foi para o microfone, no palco, e animadamente entregou menções honrosas aos sete jogadores que iam partir na segunda de manhã.

Não temos muita chance sem vocês disse ele. Agora não temos jogadores suficientes para formar um time. Mas se obtivermos vitórias, as dedicaremos a vocês, rapazes, que estão partindo.

Evelyn Nearing, a amiga dos animais era uma viúva que morava numa cabana de cedro sem instalações sanitárias nem eletricidade no Yearsley Point, ficou com cabras, porcos, cães e gatos de meia dúzia de famílias japonesas. Os Oda arrendaram sua mercearia para os Charles MacPherson e venderam a Charles seu carro e duas picapes. Arthur Chambers combinou com Nelson Obada que ele seria seu correspondente especial de seu jornal e enviaria notícias a San Piedro. Arthur publicou quatro artigos sobre a evacuação iminente na sua edição de 26 de março: "Japoneses da Ilha Aceitam Intimação do Exército para Sair", "Senhoras Japonesas Elogiadas por Trabalho de Última Hora na Associação de Pais e Mestres", "Ordem de Evacuação Atinge Nove Jogadores do Time da Escola" e a coluna "Papo Franco" intitulada "Tempo Insuficiente", que condenava peremptoriamente o departamento de realocação por "sua impiedosa e desnecessária pressa em exilar nossos nipo-americanos da ilha". Na manhã seguinte, às sete e meia, Arthur recebeu um telefonema anônimo. "Os amigos dos japas vão ser capados", ameaçou uma voz esganiçada de tenor. "Os testículos deles vão ser estrangulados..." Arthur desligou e correu para a máquina, para escrever uma matéria para a próxima edição do jornal: "Fiéis Louvam a Cristo na Manhã de Páscoa. "Na tarde de domingo, às quatro horas, Hatsue avisou à mãe que ia dar um passeio; era o último antes de partir, frisou. Ela queria sentar-se na floresta, disse, e pensar

um pouco sobre as coisas. Saiu como se fosse em direção a Protection Point, depois circundou através dos bosques até a trilha da South Beach e seguiu o caminho até o cedro oco. Ishmael, como ela viu, estava esperando com a cabeça recostada no blusão.

-Acabou-se disse ela, ajoelhando-se um momento na entrada. Amanhã vamos partir.

-Já tenho um plano disse Ishmael. Quando você chegar no lugar para onde está indo, vai escrever para mim. Aí, quando o jornal da escola sair, eu lhe envio um exemplar com uma carta minha dentro e coloco como remetente Curso de Jornalismo. O que acha deste plano? Acha que será seguro? -Gostaria que não precisássemos de um plano disse Hatsue. Por que temos de fazer isso? -Escreva para minha casa prosseguiu Ishmael, mas coloque o endereço de Kenny Yamashita como remetente, meus pais sabem que sou amigo do Kenny, pode me escrever sem problemas.

-Mas e se eles quiserem ler a carta do Kenny? E se perguntarem como ele vai? Ishmael refletiu sobre isso um momento.

-E se eles quiserem ver a carta do Kenny? Que tal se você juntasse uma meia dúzia de cartas, as colocasse todas em um envelope? Uma do Kenny, uma sua, uma da Helen, uma do Tom Obata... diga-lhes que é um pedido para o jornal da escola. Vou ligar para o Kenny hoje e lhe contar, para ele não desconfiar quando você tocar no assunto. Junte as cartas, coloque a sua por último, envie-as todas para mim, vou tirar a sua e levar o resto para a escola. Isso vai funcionar às mil maravilhas.

-Você é como eu disse Hatsue. Nos tornamos especialistas na arte de enganar.

-Não acho que seja isso discordou Ishmael. É só o que temos de fazer.

Hatsue abriu o cinto do casaco, uma faixa com desenhos em espinha-de-peixe do Pennes, em Anacortes. Sob ele, usava um vestido de abotoar na frente com uma gola larga e bordada. Nesse dia ela havia penteado os cabelos sem prendê-los e os havia jogado de forma a lhe caírem de cima até embaixo nas costas, livres de tranças ou fitas. Ishmael apertou o nariz contra eles.

-Cheiram a cedro disse.

-Você também disse Hatsue. É do seu cheiro que vou sentir falta tanto quanto de qualquer outra coisa.

Eles se deitaram no musgo, sem se tocarem, em silêncio, Hatsue com os cabelos enrolados sobre um dos ombros agora, Ishmael com as mãos no colo. O vento de março soprou do lado de fora da árvore e eles o ouviram balançando as samambaias, e o suspiro do vento uniu-se ao deslizar da água do pequeno regato logo abaixo. A árvore abafava e suavizava estes sons, e Hatsue se sentiu no âmago das coisas. Este lugar, a árvore, era seguro.

Eles começaram a se beijar e a se acariciar, mas o vazio que ela sentia imiscuiu-se e ela sentiu que não conseguia afastar seus pensamentos. Ela pôs um dedo indicador nos lábios de Ishmael e fechou os olhos, deixando os cabelos caírem às suas costas, sobre o musgo. O cheiro da árvore era também o dele, e o cheiro do lugar que ela ia deixar no dia seguinte, e começou a entender como ia sentir falta de tudo aquilo. Ela se encheu de dor; sentiu pena dele e de si mesma e começou a chorar tão silenciosamente que as lágrimas ficaram sob seus olhos, um aperto na garganta, uma contração das costelas. Hatsue

apertou-se contra ele, chorando assim silenciosamente, e inspirou o cheiro do pescoço de Ishmael. Ela enterrou o nariz sob o pomo-de-adão dele.

Ishmael enfiou as mãos sob a bainha do vestido, depois subiu lentamente pelas coxas e sobre as calcinhas até as curvas da cintura, onde parou. Ele a apalpou de leve nas curvas da cintura e depois um pouco mais baixo, nos quadris, e a puxou com força para si. Ela se sentiu erguida, sentindo a dureza do membro dele, e se comprimiu contra ele. O pênis levantava as calças, as calças faziam pressão contra as calcinhas dela, e as calcinhas molhadas e macias de seda produziam uma fricção agradável. Eles agora estavam se beijando com mais força, e ela começou a mover-se como se quisesse que ele se encaixasse no seu corpo. Ela podia sentir o pênis ereto dele e a seda das calcinhas e as calças de algodão dele entre as pernas. Aí as mãos dele deixaram os quadris dela e contornaram a cintura, subindo sob o vestido até o fecho do sutiã. Ela ergueu-se do musgo, arqueando-se, para dar espaço para as mãos dele, e ele abriu o fecho sem muito esforço e puxou as alças pelos braços dela, beijando suavemente os lóbulos de suas orelhas. As mãos dele viajaram pelo corpo dela outra vez, saindo do vestido para segurar o pescoço dela sob os cabelos, depois as omoplatas. Ela deixou o peso do corpo descansar sobre as mãos dele e ofereceu-lhe os seios. Ishmael beijou a frente do vestido e depois começou, logo abaixo da gola bordada, a desabotoar seus onze botões. Demorou um pouco. Eles respiravam um sobre o outro, e ela prendeu o lábio superior dele entre os seus lábios enquanto ele abria cuidadosamente os botões. Depois de algum tempo, o vestido dela se abriu, e ele puxou o sutiã para cima, sobre o peito dela, e acariciou-lhe os mamilos com a língua.

-Vamos nos casar sussurrou ele. Quero me casar com você, Hatsue.



Ela estava vazia demais para responder; não conseguiu dizer palavra. A voz parecia enterrada sob o choro, e não havia meio de trazê-la à superfície. Então, em vez de falar, ela correu as pontas dos dedos pelas costas dele e pelos quadris, e depois, com ambas as mãos, sentiu o pênis ereto através do tecido das calças e como, por um momento, ele pareceu parar de respirar por completo. Ela apertou com ambas as mãos e beijou-o.

-Vamos nos casar repetiu ele, e ela entendeu o que ele queria dizer. Eu só... eu quero me casar com você.

Ela não o impediu quando ele deslizou a mão para dentro das suas calcinhas. A seguir ele as abaixou, puxando-as pelas pernas dela, e ela ainda estava chorando em silêncio. Ele a beijou e abaixou suas calças até os joelhos, a cabeça do pênis encostou-se na pele dela e as mãos dele lhe emolduraram o rosto.

-Diga que sim sussurrou ele. Diga que sim, diga. Diga sim para mim. Diga que sim, oh, meu Deus, diga sim.

-Ishmael murmurou ela, e naquele momento ele a penetrou, até o fundo, preenchendo-a por completo com o membro duro, e Hatsue soube com nitidez que nada daquilo estava direito. Apercebeu-se disso com um tremendo choque, e, ao mesmo tempo, viu que sempre soubera disso, que era algo até agora oculto. Ela se afastou dele, empurrou-o. Não disse. Não, Ishmael. Não, Ishmael. Nunca.

Ele retirou o pênis e se afastou. Era um menino decente, bondoso, ela sabia disso. Ele puxou as calças, abotoou-as e ajudou-a a vestir as calcinhas. Hatsue ajustou o sutiã e tornou a fechá-lo, depois abotoou o vestido. Vestiu o casaco e depois, sentando-se, começou meticulosamente a retirar o musgo do cabelo.

-Desculpe disse ela. Não era direito.

-Para mim, pareceu direito respondeu Ishmael. Pareceu como se a gente tivesse se casado, como se você e eu fôssemos casados. Como o único tipo de casamento que poderíamos ter.

-Desculpe disse Hatsue, catando musgo do cabelo. Não quero que você seja infeliz.

-Eu sou infeliz. Estou desesperado. Você vai embora amanhã.

-Eu também estou infeliz disse Hatsue. Estou me sentindo mal, me sinto pior do que jamais me senti. Não sei de mais nada.

Ele a acompanhou até em casa, até a divisa dos campos dela, onde ficaram de pé um momento sob um cedro. Era quase o crepúsculo, e a quietude de março havia envolvido tudo as árvores, a madeira apodrecida, o bordo sem folhas, as pedras pelo chão.

-Até breve disse Hatsue. Vou escrever.

-Não vá disse Ishmael. Fique aqui.

Quando ela finalmente foi embora já havia anoitecido, e ela saiu do bosque e entrou no descampado com a intenção de não tornar a olhar para trás. Mas depois de dez passos ela o fez, contra a vontade era difícil demais não olhar. Ela pretendia despedir-se para sempre e lhe dizer que jamais o veria novamente, explicar-lhe que havia resolvido separar-se dele porque em seus braços se sentia incompleta. Mas não disse nada disso, que eles eram jovens demais, não tinham visto as coisas com clareza, haviam permitido que a floresta e a praia os arrebatassem, que tudo havia sido uma ilusão, o tempo todo, que ela não tinha sido quem era. Em vez disso, sem pestanejar, ela o fitou, incapaz de feri-lo da forma necessária, e, de alguma forma indefinida, ainda amando o que ele era, sua gentileza, sua seriedade, a bondade do

seu coração. Ele ficou ali de pé, Ishmael, olhando para ela, desesperado, e era assim que ela se lembraria dele. Doze anos depois ela ainda o veria dessa forma, parado à beira dos campos de morangos sob a copa dos cedros silenciosos, um belo rapaz com um braço estendido, convidando-a a voltar.

O caminhão do Exército levou Fujiko e suas cinco filhas para o terminal das barcas de Amity Harbor às sete horas da manhã de segunda-feira, e lá um soldado lhes deu etiquetas para identificar suas malas e agasalhos. Elas esperaram em meio à bagagem, no frio, enquanto seus vizinhos hajukin fitavam-nas, parados, onde elas estavam reunidas no cais, entre os soldados. Fujiko viu Use Severensen lá, encostada na grade com uma mão segurando a outra diante de si; ela acenou para as Imada quando elas passaram. Use, originária de Seattle, há dez anos comprava morangos de Fujiko, e conversava com ela como se ela fosse uma camponesa cujo papel na vida era tornar a vida na ilha agradavelmente exótica para os amigos de Use, que vinham da cidade visitá-la. Sua gentileza sempre fora condescendente, e sempre pagava um pouco mais pelos morangos, com ar de quem distribuía esmolas com parcimônia. E assim, nesta manhã, Fujiko não conseguiu olhá-la nos olhos nem tomar conhecimento dela apesar do fato de Use Severensen ter acenado e chamado Fujiko pelo nome de maneira amistosa Fujiko, em vez disso, ficou olhando para o chão; manteve os olhos baixos.

Às nove horas, foram escoltadas para bordo do Kehloken, com os brancos olhando boquiabertos para elas do morro acima, e a filha de Gordon Tanaka de oito anos caiu no cais e começou a chorar. Logo outras pessoas começaram a chorar também, e do morro veio a voz de Antonio Dangaran, um filipino que se casara com Eleanor Kltano havia apenas dois meses.

Eleanor! bradou ele, e quando ela ergueu os olhos, ele lhe jogou um buquê de rosas vermelhas, que mergulhou suavemente no vento rumo à água e caiu nas ondas abaixo das pilastras do cais.

Eles foram levados de Anacortes de trem para um campo de triagem as estrebarias do parque de exposições de Puyallup. Ficaram morando nas baias dos cavalos e dormindo em camas de campanha; às nove da noite tinham de restringir-se às baias; às dez, tinham de apagar as luzes, uma única lâmpada para cada família. O frio nas baias penetrava-lhes os olhos, e quando choveu, naquela noite, tiveram de mudar as camas de lugar, por causa das goteiras. Na manhã seguinte, às seis horas, caminharam pesadamente pela lama até o refeitório do campo e comeram figos enlatados e pão branco servido em fôrmas de torta e beberam café em canecas. Ao longo das provações Fujiko manteve a dignidade, embora começasse a sentir que estava para entrar em colapso quando teve de fazer suas necessidades na frente de outras mulheres. As contorções de seu rosto enquanto ela defecava a humilharam ao extremo. Deixou pender a cabeça enquanto estava sentada no vaso, envergonhada dos ruídos produzidos pelo seu corpo. No banheiro também havia vazamentos no teto.

Depois de três dias, pegaram outro trem e começaram uma lenta travessia até a Califórnia. À noite, os policiais militares que passavam pelos carros avisaram-nas para fechar os quebra-luzes das janelas, e elas passaram as horas de escuridão retorcendo-se em seus assentos e se esforçando para não reclamarem. O trem parou e pôs-se de novo em movimento, acordando-as, e havia uma fila constante na porta do banheiro. Muitos haviam perdido totalmente o controle dos intestinos, depois do cardápio no campo de triagem de Puyallup, inclusive Fujiko. Sentada no assento do trem, sentia o reto arder, o cérebro lhe parecia

leve e solto dentro do crânio, e um suor frio lhe porejava na testa. Fujiko fez o possível para não se entregar ao desconforto que sentia contando a suas filhas. Ela não queria que soubessem que estava sofrendo interiormente e precisava deitar-se confortavelmente em algum lugar e dormir durante muito tempo. Pois quando conseguia dormir, ficava com o ouvido sintonizado no som das varejeiras que viviam a atormentá-la e para o choro do bebê dos Takami, que tinha três meses e estava com febre. O choro daquela criança a atormentava, e ela viajava com os dedos enfiados nos ouvidos, mas isso não parecia adiantar nada. Sua simpatia pelo bebê e por todos os Takami começou a desaparecer à medida que deixava de conciliar o sono, e ela começou a desejar secretamente que o bebê morresse, se isso significasse algum silêncio. E, ao mesmo tempo, ela se odiou por pensar assim, e lutou contra isso enquanto crescia sua raiva quanto ao fato de o bebê não poder ser simplesmente defenestrado para que o resto deles pudesse ter um pouco de paz. Então, muito depois do ponto em que ela havia constatado consigo mesma que não conseguiria aguentar mais, o bebê interrompia aquela torturante sessão de lamúrias, Fujiko se acalmava e fechava os olhos, voltava com um enorme alívio a tentar dormir, e aí o bebê tornava a gemer e berrar desconsoladamente.

O trem parou em um lugar chamado Mojave, no meio de um deserto interminável e silencioso. Eles foram conduzidos para ônibus às oito e meia da manhã, e os ônibus os levaram para o norte em estradas poeirentas durante quatro horas, para um local chamado Manzanar. Fujiko havia imaginado, fechando os olhos, que a tempestade de areia que castigava o ônibus era a chuva que costumava cair em San Pedro. Cochilou e acordou a tempo de ver o arame farpado e as fileiras de alojamentos escuros toldados pela poeira levantada. Pelo relógio dela

era meio-dia e meia; chegaram bem a tempo de fazer fila para o almoço. Comeram de pé, em marmitas do Exército, com as costas voltadas para o vento. Manteiga de amendoim, pão branco, figos em lata e vagens; ela podia sentir o gosto da poeira em tudo.

Receberam vacinas contra tifo naquela primeira tarde; fizeram fila para serem vacinados. Esperaram na poeira ao lado da bagagem e depois entraram em fila para jantar. À noite os Imada foram alojados no Bloco 11, Alojamento 4, e receberam um quarto de sete metros e meio por cinco metros e meio, com uma lâmpada, um pequeno aquecedor a óleo Coleman, seis camas de campanha CCC, seis colchões de palha e uma dúzia de cobertores do Exército. Fujiko sentou-se na beira de uma cama com cólicas por causa da comida do campo e um nó no estômago causado pela vacina contra o tifo. Ficou sentada de casaco, abraçando-se, enquanto suas filhas nivelavam a palha dentro dos colchões, alisando-os, e acendiam o aquecedor. Mesmo com o calor, ela tremia sob os cobertores, ainda inteiramente vestida. À meia-noite, não conseguiu se aguentar mais e, com três filhas que também estavam se sentindo mal, foram tropeçando na escuridão do deserto na direção do banheiro do bloco. Surpreendentemente, havia ali uma longa fila, à meia-noite, cinquenta ou mais mulheres e meninas com casacos pesados, dando as costas para o vento. Uma mulher bem à frente na fila vomitou violentamente, e o cheiro era dos figos enlatados que todos eles haviam comido. A mulher pediu mil desculpas em japonês, e a seguir outra pessoa da fila vomitou, ficando todos em silêncio depois.

No banheiro, deram de cara com uma camada de fezes no chão e papel higiênico úmido e manchado por toda parte. Todos os doze vasos, seis pares colocados de costas dois a dois, estavam cheios até quase transbordarem. As mulheres, mesmo assim, estavam usando esses

vasos, agachando-se sobre eles na semiobscuridade, enquanto uma fila de estranhas as observava, tapando os narizes. Fujiko, quando chegou sua vez, baixou a cabeça e esvaziou os intestinos com os braços cruzados sobre a barriga. Havia uma pia para lavarem as mãos, porém sem sabão.

Naquela noite o pó e a areia amarela sopraram através dos nós da madeira das paredes e do chão. Pela manhã, os cobertores estavam cheios de pó e areia. O travesseiro de Fujiko estava branco no local onde a cabeça havia descansado, mas em torno se via uma camada de finos grãos amarelos acumulados. Ela sentiu a poeira no rosto, nos cabelos e dentro da boca, também. A noite havia sido fria, e no quarto ao lado um bebê chorava atrás de uma parede de pinho de menos de um centímetro de espessura.

No seu segundo dia em Manzanar elas receberam um esfregão, uma vassoura e um balde. O líder do bloco um homem de Los Angeles, vestido com um sobretudo empoeirado, que alegava ter sido advogado anteriormente, mas que agora se apresentava com a barba por fazer, com um sapato desamarrado e com os óculos de armação de arame tortos no rosto lhes mostrou a torneira externa. Fujiko e suas filhas tiraram o pó e lavaram as roupas em um caldeirão de três litros e meio. Enquanto faziam faxina, mais areia e pó entraram e acumularam-se nas tábuas de pinho que haviam acabado de ser lavadas. Hatsue saiu no vento do deserto e voltou com alguns pedaços de papel alcatroado que havia encontrado presos em um rolo de arame farpado ao longo de um aceiro. Meteram o papel em torno do umbral da porta e nos nós da madeira com percevejos emprestados dos Fujita.

Não havia sentido em conversar com ninguém sobre o que estava acontecendo. Todos estavam no mesmo barco. Todos perambulavam como fantasmas sob as atalaias, com montanhas assomando de ambos

os lados. O vento cortante descia das montanhas, passava pelo arame farpado e jogava areia do deserto nos rostos deles. Metade do campo estava por construir; não havia alojamentos suficientes para todos. Alguns, ao chegarem, tiveram de construir seus alojamentos para terem onde dormir. Havia aglomerados em toda parte, milhares de pessoas em dois quilômetros quadrados de deserto reduzido a pó por buldôzeres do exército, e não havia onde uma pessoa ficar solitária. Todos os alojamentos eram parecidos: na segunda noite, à uma e meia da manhã, um bêbado apareceu na porta do quarto das Imada pedindo milhões de desculpas enquanto a poeira entrava; estava perdido, segundo disse. O quarto deles ainda não tinha cobertura, e era possível escutar outras pessoas discutindo em outros alojamentos. Havia um homem que destilava seu próprio vinho três quartos abaixo usava arroz do rancho e suco de abricó enlatado, eles o ouviram chorando até tarde na terceira noite, enquanto a mulher o ameaçava. Naquela mesma noite, os holofotes se acenderam nas atalaias e varreram sua única janela. Naquela mesma noite, os holofotes se acenderam nas torres de vigia e passaram pela única janela das Imada. De manhã soube-se que um dos guardas havia cismado que alguém estava tentando fugir, e alertara os artilheiros das torres. Na quarta noite, um jovem do Alojamento 17 atirou na mulher e depois se matou, os dois deitados na cama de alguma forma, havia conseguido trazer uma arma.

Shika tige nai disseram as pessoas. Não havia nada a fazer, estava escrito.

Não havia onde guardar as roupas. Guardavam-nas nas malas e em engradados. O chão sob seus pés era frio, e elas usavam seus sapatos empoeirados até a hora de ir para a cama. No final da primeira semana, Fujiko já havia perdido a pista das filhas completamente. Todos



havam começado a parecer semelhantes, vestidos em roupas do excedente do Ministério da Guerra casacos verdes, gorros de tricô, polainas de lona, abafadores de ouvidos do Exército e calças de lã caqui. Apenas suas duas filhas menores comiam com ela; as outras três andavam com grupos de jovens e comiam em outras mesas. Ela as repreendia, e elas a ouviam educadamente, depois tornavam a sair. As filhas mais velhas saíam cedo e voltavam tarde, com as roupas e os cabelos cheios de pó. O campo era um enorme passeio público em que jovens rodopiavam e caminhavam pelos aceiros e juntavam-se abrigados pelos alojamentos. No caminho para a lavanderia, certa manhã, depois do desjejum, Fujiko viu sua filha do meio ela tinha apenas quatorze anos de pé num grupo que incluía quatro garotos vestidos garbosamente com casacos Eisenhower. Ela sabia que eram de Los Angeles; a maioria das pessoas do campo era de Los Angeles. O pessoal de Los Angeles não era muito cordial e a desprezava por algum motivo inexplicável; ela não conseguia conversar com eles nem de passagem. Fujiko calava-se a respeito de tudo, retraiu-se por completo. Esperava uma carta de Hisao, mas em vez disso chegou uma outra, muito diferente.

Quando a irmã de Hatsue, Sumiko, viu o envelope com o endereço de remetente falso de Ishmael Curso de Jornalismo, Colégio de San Pedro, não resistiu à vontade de abri-lo. Sumiko havia sido segundanista antes do exílio, e embora soubesse que o envelope era de Hatsue, aquela correspondência lhe pareceu irresistível. Eram notícias de casa.

Sumiko leu a carta de Ishmael Chambers diante do edifício da ACM, revestido de papel alcatroado; tornou a lê-la, saboreando as frases mais surpreendentes, perto dos chiqueiros do campo.

4 de abril de 1942 Meu amore ainda vou ao nosso cedro à tarde, todos os dias. Fecho os olhos, aguardando. Sinto seu cheiro e sonho com você, e anseio por seu retorno. Penso em você a cada momento e desejo ardentemente abraçar você e sentir seu corpo junto ao meu. Estou morrendo de saudades de você. É como se uma parte de mim tivesse partido.

Estou só e arrasado, penso sempre em você e espero que me responda imediatamente esta carta. Lembre-se de usar o nome de Kenny Yamashita como remetente no envelope, para os meus pais não fiquem muito curiosos.

Tudo por aqui está horrível e triste e a vida não vale a pena. Só posso esperar que você encontre alguma felicidade durante o período em que tivermos de ficar afastados alguma felicidade de algum tipo, Hatsue. Quanto a mim, só posso continuar desconsolado enquanto você não voltar para os meus braços. Não posso viver sem você, agora sei disso. Depois de todos estes anos juntos, descobri que você é uma parte de mim. Sem você, eu nada tenho.

Com todo o meu eterno amor, Ishmael

Depois de meia hora caminhando e pensando e lendo a carta de Ishmael quatro vezes mais, ela levou-a, arrependida, para a mãe.

-Olhe disse. Estou me sentindo péssima. Mas tenho de mostrar isso a você.

A mãe leu a carta de Ishmael Chambers de pé no meio do casebre de papel alcatroado com uma das mãos na testa. Enquanto lia, seus lábios se moviam rapidamente, os olhos piscavam com seriedade, frequentemente. Após terminar, ela sentou-se na ponta de uma cadeira, deixou pender a carta dos dedos um momento, depois suspirou tirou os óculos.

-Não disse em japonês.

Colocou os óculos no colo, fatigada, pôs a carta sobre eles e pressionou os olhos com as palmas de ambas as mãos.

-O garoto vizinho disse ela a Sumiko. Aquele que a ensinou a nadar.

-Ishmael Chambers respondeu Sumiko. A senhora o conhece.

-Sua irmã cometeu um erro terrível disse Fujiko. E espero que você não venha a cometer.

-Eu jamais faria isso disse Sumiko. De qualquer forma, não é um erro que eu pudesse cometer num lugar desses, é? Fujiko tornou a pegar os óculos e segurou-os entre o polegar e o indicador.

-Sumi disse, contou isso a alguém? Mostrou essa carta a alguém? - Não respondeu Sumi. Só a você.

-Precisa me prometer uma coisa... disse Fujiko. Tem de prometer que não vai contar isso a ninguém... não comente isso com ninguém. Já há intriga demais aqui sem uma coisa dessas. Você tem de prometer que vai ficar de boca calada e nunca mais falar nisso. Entendeu, filha? -Certo, eu prometo garantiu Sumiko.

-Vou dizer à Hatsue que eu encontrei a carta. Você não precisa levar a culpa.

-Tudo bem respondeu Sumiko. Ótimo.

-Agora saia disse a mãe. Me deixe sozinha.

A garota saiu para andar a esmo. Fujiko recolocou os óculos e começou a reler a carta. Estava claro para ela pelas palavras da carta que sua filha havia se envolvido profundamente com esse menino durante muito tempo, durante muitos anos. Era evidente que ele havia tocado seu corpo, que os dois tiveram intimidades sexuais dentro de uma árvore oca que usavam como local de encontro na mata. As caminhadas de Hatsue eram subterfúgios, exatamente como Fujiko suspeitara. Sua filha retornava com gavinhas de fuki nas mãos e úmida entre as pernas. Garota mais fingida, pensou Fujiko.

Refletiu um momento sobre sua própria vida romântica, em como ela se casara com um homem que nunca vira antes e passara a primeira noite de sua vida com ele em uma pensão onde as paredes eram forradas de papel de revista hajukin em vez de papel de parede. Ela havia se recusado, naquela primeira noite, a deixar o marido tocá-la. Hisao era sujo, as mãos dele eram ásperas, ele não tinha senão algumas moedas. Havia passado aquelas primeiras horas pedindo desculpas a Fujiko e explicando em detalhes seu desespero financeiro, suplicando a ela que trabalhasse a seu lado e salientando seus talentos e melhores

aspectos ele era ambicioso, trabalhador, não jogava nem bebia, precisava de alguém a seu lado. Ele podia compreender, segundo dizia, que precisava conquistar o amor dela, e estava pronto a provar quem era a ela com o tempo, se ela concordasse em ser paciente.

-Não torne a me dirigir a palavra replicou ela.

Ele havia dormido numa poltrona naquela primeira noite, e Fujiko ficara acordada, imaginando formas de sair daquela situação. Ela não tinha dinheiro suficiente para comprar uma passagem de volta e, de qualquer forma, sabia que não podia voltar para sua família no Japão - os pais a haviam vendido e pago uma comissão para o baishakunin safado que lhes garantira que Hisao havia reunido uma grande riqueza durante seus anos na América. Ela ficou acordada e cada vez mais zangada com isso; ao amanhecer, já havia começado a sentir vontade de matá-lo.

De manhã, Hisao veio até o pé da cama e perguntou a Fujiko se ela tinha dormido bem.

-Não quero falar com você foi a resposta. Vou escrever para casa pedindo dinheiro e voltar assim que puder.

-Vamos economizar juntos suplicou-lhe Hisao. Voltaremos juntos, se é isso que quer. Nós...

-E os seus cinco hectares de terra na montanha? disse-lhe Fujiko, furiosa. O baishakunin me levou para ver o terreno... pessegueiros, caquizeiros, salgueiros, jardins de pedra. Nada disso é verdade.

-Tem razão, é mentira confessou Hisao. Eu não tenho dinheiro... isso é verdade. Sou um pobretão e trabalho como um cachorro. O baishakunin mentiu para você, desculpe por isso, mas...

-Não fale comigo, por favor interrompeu-o Fujiko. Não quero ficar casada com você.

Ela levou três meses para aprender a dormir com ele. Quando conseguiu, descobriu que havia aprendido a amá-lo, se amor era a palavra adequada, e lhe ocorreu então, enquanto dormia em seus braços, que o amor não era nem de longe o que ela havia imaginado quando garota, criada perto de Kure. Era menos emocionante e muito mais prático do que sua infância a levava a acreditar. Fujiko chorou quando o hímen se rompeu, em parte porque sacrificar sua virgindade à necessidade de Hisao não era o que ela havia esperado. Mas agora estava casada, e ele era um homem estável, e ela, gradativamente, foi se aproximando dele. Eles já tinham passado por vários problemas juntos, e ele nunca se queixara.

Agora estava parada com aquela carta na mão uma carta que um menino hajukin havia mandado para sua filha sobre amor dentro de um cedro, sobre sua solidão e desespero e a saudade horrível que sentia dela, e que ela devia lhe escrever com um endereço de remetente falso "use o nome de Kenny Yamashita", escrevera ele. Ela ficou pensando se sua filha amava esse menino ou se ela tinha alguma noção do que era o amor. Agora ela entendia por que Hatsue andava tão calada e rabugenta mais calada e rabugenta do que suas outras filhas desde o dia que deixaram San Pedro. Todos ficaram tristes, e Hatsue havia se aproveitado disso, a infelicidade geral fora conveniente, mas ela havia ficado pior do que todos; ela ficara apática e fazia suas tarefas com a indolência de alguém pesaroso. Sentia saudades do pai, dizia ela, quando lhe perguntavam; sentia saudades da ilha de San Pedro. Mas não dizia a ninguém que sentia saudades do garoto hajukin que fora seu namorado em segredo. A gravidade do engodo dela se tornou nítida

para Fujiko, e sentiu em si a fúria de uma mãe ao pensar no peso dessa traição. A fúria misturou-se com a melancolia geral que já vinha crescendo dentro dela constantemente desde o bombardeio de Pearl Harbor; foi uma das raras vezes na vida adulta de Fujiko em que ela se sentiu inconsolável.

Procurou lembrar-se de se comportar com dignidade fossem quais fossem as circunstâncias. Era uma lição da qual havia se esquecido nos primeiros dias na América, mas com o tempo a havia redescoberto como algo válido herdado de sua avó de Kure. Giri era a palavra usada por sua avó para designar isso não podia ser traduzido adequadamente para o inglês, e significava fazer o que era preciso fazer sem chamar a atenção e com uma maneira de proceder inteiramente estoica. Fujiko tornou a sentar-se e cultivou em si mesma o espírito de dignidade tranquila que seria necessário no momento de enfrentar Hatsue. Respirou fundo e fechou os olhos.

Bem, disse consigo mesma, teria uma conversa com Hatsue quando ela voltasse do passeio pelo campo. Poria um ponto final naquele caso.

Três horas antes do jantar, um grupo de rapazes de San Pedro bateu à porta do seu quarto. Traziam ferramentas e cavacos de madeira e estavam preparados, segundo disseram, para construir para as Imada o que quisessem: prateleiras, cômodas, cadeiras. Ela reconheceu-os todos como filhos de famílias da ilha os Tanaka, os Kado, os Matsui, os Miyomoto e lhes disse que sim, que precisava daquelas coisas, e os rapazes concentraram-se em trabalhar ao abrigo do alojamento, medindo, cortando e serrando enquanto o vento soprava. Kabuo Miyomoto entrou e pregou cantoneiras enquanto Fujiko sentava-se em uma cama com os braços cruzados e a carta do hajukin atrás das costas.

-Há uns pedaços de lata ao lado da cozinha disse Kabuo Miyomoto a ela. Podemos pregá-los sobre esses buracos do chão... eles vão funcionar melhor do que o papel de alcatrão.

-O papel alcatroado rasga fácil respondeu Fujiko no inglês de Kabuo. E não ajuda a isolar o frio.

Kabuo concordou com a cabeça e voltou ao trabalho, o martelo vibrando de forma eficiente.

-Como vai a sua família? Perguntou Fujiko. Sua mãe? Seu pai? Como estão todos? -Meu pai está doente respondeu Kabuo. A comida do campo faz mal ao estômago dele. Ele parou para tirar outro prego do bolso. E a senhora? perguntou. Como vão as Imada? -Empoeiradas disse Fujiko. Comemos poeira.

Nesse momento, Hatsue entrou, com o rosto afogueado pelo frio do lado de fora, e puxou a estola da cabeça. Kabuo Miyomoto parou de trabalhar um instante para olhá-la enquanto ela balançava o cabelo para soltá-lo.

-Alô cumprimentou ele. É bom ver você.

Hatsue balançou os cabelos outra vez, reuniu-os rapidamente com as mãos e alisou-os atrás da cabeça. Depois meteu as mãos dentro do sobretudo e sentou-se ao lado da mãe.

-Alô disse, calando-se depois.

Elas ficaram sentadas um momento, assistindo em silêncio, enquanto Kabuo Miyomoto fazia seu trabalho. Sentado sobre as canelas, de costas para elas, martelava com cuidado. Outro carpinteiro passou pela porta com uma pilha de tábuas de pinho recém-serradas. Kabuo Miyomoto colocou uma sobre cada par de cantoneiras e testou-as com um nível.



-Estão retas anunciou. Devem funcionar bem. Desculpem não podermos fazer melhor.

-Elas são muito bonitas disse Fujiko. Foi muito gentil da parte de vocês. Nossos agradecimentos.

-Vamos fazer seis cadeiras para vocês disse Kabuo, olhando para Hatsue agora. Vamos fazer duas cômodas e uma mesa onde possam comer. Vamos entregá-las dentro de alguns dias. Assim que pudermos terminá-las.

-Obrigada disse Fujiko. Vocês são muito gentis.

-Estamos felizes por fazer isso por vocês disse Kabuo. Não é incômodo nenhum.

Ainda com o martelo na mão, sorriu para Hatsue, e ela baixou os olhos para o colo. Ele enfiou o martelo em uma alça nas calças, depois pegou o nível e a trena.

-Até logo, Sra. Imada despediu-se Até logo, Hatsue. É bom vê-la.

-Obrigada, mais uma vez agradeceu Fujiko. Sua ajuda foi muito apreciada.

Depois que a porta se fechou, ela pegou a carta atrás de si e entregou-a a Hatsue.

-Olhe aqui disse ela, com veemência. Sua correspondência. Não sei como você pode ter sido tão fingida. Nunca vou entender Isso, Hatsue.

Ela havia planejado conversar sobre o assunto bem naquele momento, mas subitamente compreendeu que a força de sua amargura talvez a impedisse de dizer o que realmente queria,-Você não vai mais escrever para esse menino, nem receber cartas dele disse ela, em tom severo, da porta.

A jovem ficou sentada, com a carta na mão, e os olhos se enchendo de lágrimas.

-Desculpe-me disse Hatsue. Perdoe-me, mãe. Eu enganei você, e foi de propósito.

-Enganar-me disse Fujiko em japonês foi só metade do que você fez, minha filha. Você também enganou a si mesma.

Em seguida, Fujiko saiu no vento. Foi até a agência dos correios e disse ao funcionário que retivesse toda correspondência para a família Imada. De agora em diante, ela mesma viria recolhê-la. As cartas deveriam ser entregues exclusivamente a ela.

Naquela tarde, ela sentou-se no refeitório e escreveu ela mesma uma carta endereçada aos pais do jovem Ishmael Chambers. Contou-lhes sobre a árvore oca na mata e como Ishmael e Hatsue haviam conseguido enganar a todos durante vários anos a fio. Revelou-lhes o teor da carta que seu filho havia escrito a sua filha. Sua filha, dizia ela, não ia responder, nem agora, nem em nenhuma ocasião no futuro. Fosse o que fosse que havia existido entre eles, estava acabado, e ela pedia desculpas pelo papel desempenhado por sua filha; esperava que o rapaz buscasse outra motivação para o futuro e não mais pensasse em Hatsue. Ela entendia, continuou, que eles eram apenas crianças; sabia que as crianças muitas vezes agiam de maneira irresponsável. Ainda assim, os dois eram culpados e deviam agora examinar suas almas, considerar este assunto uma questão de consciência. Não era crime descobrirem que se sentiam atraídos um pelo outro, escreveu ela, nem crer que o que sentiam era amor. A desonra consistia em esconder da família a natureza de suas afeições. Ela esperava que os pais de Ishmael Chambers entendessem sua posição. Desejava que não houvesse mais

nenhuma comunicação entre sua filha e o filho deles. Havia expressado claramente seus sentimentos à filha e lhe pedido para não escrever mais para o garoto nem receber suas cartas no futuro. Acrescentou que admirava a família Chambers e tinha grande respeito pela Revista de San Pedro. Terminava afirmando que queria bem a todos.

Mostrou essa carta a Hatsue, depois de dobrada e pronta para ser enviada, já no envelope. A moça leu-a duas vezes, devagar, com a face esquerda apoiada na mão esquerda. Quando terminou, segurou-a com força no colo e fitou meigamente a mãe. Seu rosto, estranhamente, estava isento de emoção; tinha a aparência de alguém esgotada por dentro, cansada demais para sentir alguma coisa. Fujiko viu que tinha envelhecido nas últimas três semanas desde que haviam saído de San Pedro. Sua filha, subitamente, havia crescido, virado mulher, fatigada no seu íntimo. Sua filha havia subitamente se enrijecido.

-Não precisa mandar isso disse ela a Fujiko. Eu não ia mesmo escrever mais para ele. No trem, no caminho para cá, só conseguia pensar em Ishmael Chambers e se devia escrever uma carta para ele. Se eu ainda o amava.

-Amor retrucou Fujiko. Você não sabe nada sobre o amor. Você...

-Tenho dezoito anos respondeu Hatsue. Já tenho idade para isso. Pare de me tratar como uma menininha. Você tem de entender... Eu já cresci.

Fujiko tirou os óculos com cuidado, e, como era seu hábito, esfregou os olhos.

-No trem disse, o que decidiu? -A princípio, nada respondeu Hatsue. Eu não consegui pensar com clareza. Havia muitas coisas para pensar, mãe. Estava deprimida demais para pensar.

-E agora? perguntou Fujiko. O que me diz? -Vou romper com ele disse Hatsue. Nós convivemos na infância, brincamos na praia e depois nossos sentimentos foram se tornando mais intensos. Mas ele não é o marido certo para mim, mãe. Eu sabia disso o tempo todo. De qualquer maneira, escrevi para ele, disse que sempre que estávamos juntos me parecia que havia alguma coisa errada. Eu sempre soube, lá no fundo, que estava errado, sentia isso dentro de mim, em algum lugar... essa sensação de que o amava e ao mesmo tempo não podia amá-lo... ficava sempre confusa, todos os dias, sempre que nos encontrávamos. Ele é uma boa pessoa, mãe, a senhora conhece a família dele, ele é mesmo uma excelente pessoa. Mas nada disso importa, não é? Eu queria dizer a ele que tudo estava acabado, mãe, mas eu estava indo embora... Estava tudo confuso. Eu não conseguia falar, e, além disso, nem sabia o que estava sentindo. Eu estava confusa. Tinha muitas coisas para pensar. Precisava colocar os pensamentos em ordem.

-E agora, eles estão em ordem, Hatsue? Estão? A jovem ficou calada um momento. Passou uma das mãos pelos cabelos e deixou-a cair, depois a outra mão, também.

-Estão disse ela. Tenho de dizer isso a ele. Tenho de acabar com isso.

Fujiko pegou a carta do colo da filha e rasgou-a bem no meio.

-Escreva sua carta disse ela, em japonês. Diga-lhe a verdade sobre as coisas. Vire essa página da sua vida. Diga-lhe a verdade para poder seguir em frente. Tire esse rapaz hajukin da sua vida agora.

De manhã, Sumiko recebeu uma advertência sobre a importância de nada revelar sobre o caso. Ela prometeu à mãe que guardaria segredo. Fujiko levou a carta de Hatsue à agência dos correios e pagou o

selo. Ela mesma colou o envelope e, por causa de uma ideia que lhe ocorreu de súbito uma espécie de capricho, nada mais, colou o selo de cabeça para baixo antes de colocar a carta na caixa de coleta.

Quando Kabuo Miyomoto trouxe as cômodas, Fujiko convidou-o para o chá, e ele ficou à mesa mais de duas horas, o que se repetiu na noite seguinte, quando ele entregou a mesa, e na outra, quando entregou as cadeiras. Na quarta noite, ele chegou com o chapéu na mão e convidou Hatsue para dar um passeio com ele para ver as estrelas. Ela recusou o convite naquela ocasião, e ficou sem falar com ele três semanas, embora visse que ele era educado e de boa aparência, um filho perspicaz de plantadores de morangos, e, além do mais, ela não podia ficar lamentando a perda de Ishmael Chambers até o fim da vida. Quando chegou a hora, alguns meses depois, em que Ishmael se tornou predominantemente uma dor enterrada sob a superfície da sua vida diária, ela conversou com Kabuo Miyomoto no refeitório e sentou-se ao seu lado para almoçar. Admirou seus modos impecáveis à mesa e achou seu sorriso atraente. Ele falava manso com ela, perguntou sobre seus sonhos, e quando ela disse que queria ter uma fazenda de morangos na ilha, ele disse que queria exatamente o mesmo, e lhe contou que dentro em breve os três hectares de sua família seriam transferidos para o seu nome. Após o término da guerra, ele planejava voltar para a ilha de San Pedro e plantar morangos.

Quando ela o beijou pela primeira vez, sentiu-se assaltada pela tristeza, acabrunhada por ela, de forma mais intensa, e percebeu como a boca de Kabuo era diferente da de Ishmael. Ele cheirava a terra, e a força do seu corpo era muito maior do que a do corpo dela. Ela descobriu que não conseguia se mover nos braços dele, e lutou para libertar-se, sem fôlego.

-Você precisa ser mais delicado murmurou ela -Vou tentar respondeu Kabuo.

Ishmael Chambers recebeu treinamento como carabineiro do Corpo de Fuzileiros Navais juntamente com 750 outros recrutas em Fort Benning, Geórgia, no fim do verão de 1942. Em outubro, caiu doente com febre e disenteria, e ficou hospitalizado por onze dias, durante os quais perdeu uma quantidade considerável de peso e passou o tempo lendo jornais de Atlanta e jogando xadrez com outros rapazes. Jogado na cama com os joelhos dobrados e as mãos por trás da cabeça, escutava os relatos sobre a guerra nos noticiários do rádio e estudava os diagramas das movimentações de tropas nos jornais com uma fascinação preguiçosa e serena. Deixou crescer o bigode durante seis dias, depois raspou-o, depois deixou-o crescer de novo. Dormia quase todas as tardes, acordando a tempo de sentir o crepúsculo terminar e contemplar o apagar da luz do sol através da janela a três leitos de distância à sua direita. Outros rapazes vieram e se foram, mas ele ficou. Os feridos de guerra vinham para o hospital, mas se recuperavam em dois outros andares aos quais ele não tinha acesso. Andava de camiseta e roupa de baixo, e o cheiro que entrava pela janela aberta era de folhas mortas e chuva caindo na terra e campos arados, e começou a parecer-lhe estranhamente oportuno que ele ficasse a tantos milhares de quilômetros de casa e tão só em sua doença. Era o tipo de sofrimento, afinal de contas, que ele havia desejado durante os últimos cinco meses, desde que recebera a carta de Hatsue. Era um tipo de febre lânguida, branda e sonolenta, e contanto que ele não tentasse movimentar-se muito nem esforçar-se desnecessariamente, podia viver assim indefinidamente. Cercou-se totalmente de sua doença e entranhou-se nela.

Em outubro recebeu novo treinamento, como radiotelegrafista, e enviado para uma área crítica da ilha Norte da Nova Zelândia, com a Segunda Divisão de Fuzileiros. Indicaram-no para servir na Companhia B do Segundo Regimento de Fuzileiros, Terceiro Batalhão, e ele não tardou a conhecer homens que tinham estado em Guadalcanal e substituiu um operador de rádio que havia sido ferido durante o combate nas ilhas Salomão. Certa noite, um tenente chamado Jim Kent recordou como o antigo radiotelegrafista havia se interessado por um rapaz japonês morto com as calças viradas pelo avesso em torno dos tornozelos enlameados. O radiotelegrafista, um tal recruta Gerald Willis, havia erguido o pênis do jovem colocando uma pedra sob ele, depois deitou-se cuidadosamente no chão e atirou nele com carabina até arrancar a cabeça do membro genital. Ficou orgulhoso de si mesmo depois disso e gabou-se do seu feito durante meia hora ou mais, descrevendo a outros como o pênis do rapaz tinha ficado daquele jeito, sem cabeça, e como tinha ficado a cabeça, caída no chão. O recruta Willis foi morto dois dias depois, durante uma patrulha, por tiros de morteiro que havia provocado a pedido do próprio tenente Kent, que dera as coordenadas corretas. Sete homens do pelotão morreram naquela ocasião, e Kent se metera numa toca de raposa e viu o recruta Wiesner atirar uma granada, sem êxito, na direção de uma casamata, no mesmo momento em que uma rajada de metralhadora pegava Wiesner na cintura e lhe extraía as vísceras. Um pedaço delas caiu no antebraço de Kent, azul, fresco e cintilante.

Eles treinavam incessantemente e praticavam manobras de desembarque em Hawkes Bay, onde as marés eram ruins. Morriam homens durante esses exercícios. Ishmael tentou levar as manobras a sério, mas os veteranos do seu esquadrão executavam-nas de ressaca,



ou entediados, ou ambos ao mesmo tempo, e sua atitude de indiferença influía no resultado. Na folga ele bebia cerveja e às vezes gim, com rapazes que, como ele, eram recém-chegados à guerra e jogavam bilhar em Wellington juntos. Mesmo nessas ocasiões, bêbado à uma da manhã, escorado no seu taco de bilhar à luz esfumaçada enquanto outro jovem mirava uma bola e uma banda de Wellington tocava músicas para dançar que ele não reconhecia, Ishmael sentia um distanciamento peculiar de todos. Estava indiferente a tudo, desinteressado em beber, no bilhar e em outras pessoas, e quanto mais bêbado ficava mais lúcida sua mente se tornava, e mais frio ele se sentia em relação a todos. Não compreendia o riso de seus compatriotas nem sua despreocupação, nem nada a respeito deles. O que estavam fazendo aqui, bebendo e gritando, à uma da madrugada, em um país tão distante dos lares que conheciam; com o que podiam estar tão febrilmente felizes? Certa manhã, debaixo de uma chuva torrencial, ele perambulou de volta ao seu hotel às quatro e meia da manhã e deitou-se pesadamente com seu bloco de notas, para escrever uma carta a seus pais. Depois de escrever para eles, escreveu outra carta, para Hatsue, e depois pegou as duas cartas e rasgou-as, adormecendo com alguns pedaços metidos no bolso do casaco e o resto espalhado pelo chão. Dormiu de sapatos e às dez para as sete acordou para vomitar no banheiro no fim do corredor.

No primeiro dia de novembro, a Segunda Divisão deixou Wellington, presumivelmente para fazer manobras em Hawkes Bay outra vez, mas acabou em Nouméa, na ilha francesa de Nova Caledônia. No dia 13 o regimento de Ishmael estava a bordo do Heywood, um navio de transporte de tropas viajando com mais da metade da Terceira Frota fragatas, destroieres, cruzadores leves e pesados, meia dúzia de

belonaves, todos rumando para um destino desconhecido. No segundo dia, sua companhia foi reunida no convés superior e lhes disseram que estavam indo para o atol de Tarawa, onde desembarcariam em Betio, uma ilha fortemente defendida. Um major ficou de pé diante deles sugando a haste de um cachimbo, com o cotovelo direito metido na palma da mão esquerda. A ideia, segundo ele explicou, era deixar a Marinha destruir o lugar eram menos de quatro quilômetros quadrados de areia de coral depois desembarcar e limpar o que restasse. O comandante japa, segundo ele, havia se gabado que Betio não poderia ser tomada nem mesmo por uma força de um milhão de soldados com mil anos para combater. O major tirou o cachimbo da boca e proclamou que o comandante japonês, nesse ponto, havia sido ridículo. Previu uma batalha de dois dias no máximo, com pouquíssimas baixas entre os fuzileiros, se é que ia haver alguma. Era assunto para os canhões da Marinha resolverem, repetiu, um local feito sob medida para a artilharia dos navios fazerem o grosso do trabalho.

Na noite do dia 19, uma lua crescente ergueu-se sobre o mar enquanto a frota permanecia a 14 km de Tarawa. Ishmael fez uma última refeição na sala de rancho do Heywood com Ernest Testaverde, um rapaz do qual gostava, artilheiro antitanque de Delaware. Comeram bife com ovos, batatas fritas e tomaram café, depois Testaverde empurrou o prato e tirou um bloco e uma caneta do bolso. Começou a escrever uma carta para casa.

-É melhor escrever também aconselhou ele a Ishmael. É a última chance que vai ter, sabe? -Última chance? retrucou Ishmael. Não há ninguém para quem eu realmente queira escrever num caso desses. Eu...

-Não tem escolha disse Testaverde. Portanto, só por via das dúvidas... escreva uma carta.

Ishmael desceu e pegou um bloco. Sentou-se no convés superior, encostado num pé-de-carneiro, e redigiu uma carta para Hatsue. De onde estava sentado, pôde ver outros vinte homens, todos concentrados, escrevendo. Estava quente para uma hora tão avançada da noite, e as mangas das camisas dos uniformes deles estavam arregaçadas. Ishmael contou a Hatsue que estava para desembarcar em uma ilha no sul do Pacífico, e que devia matar gente parecida com ela tantos quantos pudesse. O que ela achava disso? escreveu. Como se sentia a respeito? Disse que sua insensibilidade era terrível, ele não sentia nada a não ser que estava ansioso por matar tantos japas quanto possível, estava zangado com eles e queria suas mortes todos eles, escreveu; sentia ódio. Explicou a ela a natureza do seu ódio e lhe disse que ela era responsável por ele tanto quanto qualquer outra pessoa do mundo. Aliás, ele agora a odiava. Não queria, mas como era a última carta que escrevia, sentia-se na obrigação de dizer a verdade mais completa que pudesse ele a odiava com todo o seu coração, escreveu, e sentiu-se bem por escrever isso bem dessa maneira. "Odeio você de todo o coração", escreveu. "Odeio você, Hatsue, sempre te odiarei." Foi nesse ponto que ele arrancou a folha do bloco, amassou-a e atirou-a ao mar. Viu-a flutuando na água alguns segundos, depois atirou o bloco também.

Às 3:20 da manhã, totalmente acordado na cama, Ishmael escutou a ordem enviada aos alojamentos da tropa: "Todos os fuzileiros, subir ao convés para seus postos de desembarque!" Ele se sentou e viu Ernest Testaverde amarrar as botas, depois começou a amarrar os cadarços das suas, parando uma vez para beber do seu cantil.

-A boca está seca disse a Ernest. Quer beber uma aguinha antes de a gente morrer? -Termine isso disse Ernest vamos subir.

Eles subiram, arrastando armas e acessórios, e Ishmael sentiu-se totalmente alerta, naquele momento. Já havia mais de trezentos homens agachados e ajoelhados no convés superior do Heywood, organizando o equipamento no escuro provisões enlatadas, cantis, ferramentas de sapa, máscaras contra gases, munição, capacetes de aço o fogo ainda não havia começado, e não parecia muito como uma guerra outro exercício noturno em águas tropicais. Ishmael escutou o gemido dos carros anfíbios caindo sobre as polias dos blocos dos barcos; depois os homens subiram neles, enveredando até as redes de carga com mochilas nas costas e os capacetes presos à cabeça, sincronizando seus saltos com a oscilação dos barcos lá embaixo.

Ishmael viu meia dúzia de marinheiros ocupados em empacotar kits médicos de campo e empilhando macas. Era algo de que não tinha visto nas manobras, e mostrou-o a Testaverde, que deu de ombros e voltou a contar as balas antitanque. Ishmael ligou seu TBX, escutou um momento a estática nos fones de ouvido, depois desligou-o e aguardou. Não queria atá-lo às costas cedo demais, depois ter de ficar andando com aquele peso sobre si, até chegar a sua vez de descer se arrastando com a rede de carga. Sentado ao lado do seu equipamento, espiando o mar, tentou distinguir Betio, mas a ilha não podia ser vista. Porém, cada um dos carros anfíbios LCP que haviam deixado o Heywood na última meia hora parecia um ponto negro na água Ishmael contou três dúzias deles, ao todo.

Os três esquadrões do Terceiro Pelotão foram chamados ao convés superior pelo primeiro-tenente Pavelman de San Antonio, que explicou em detalhe o papel da Companhia B no quadro mais geral dos acontecimentos. Ele tinha diante de si uma maquete da ilha composta de três seções quadradas de borracha, e com uma varinha começou a

apontar suas características topográficas, fazendo-o sem rodeios. Os Amtracs, segundo disse, atacariam primeiro, seguidos por ondas de barcos Higgins. Haveria cobertura aérea bombardeiros e Hellcats, num ataque violento, depois B-24 da ilha de Ellice, direto no ponto de ataque. A Companhia B desembarcaria em um local chamado Beach Red Two, disse ele, e a seção de morteiros se colocaria à disposição do líder do pelotão de armas, o segundo-tenente Pratt, com o fim de estabelecer uma base de fogo. O Segundo Pelotão viria simultaneamente pela direita de Pratt e avançaria sobre o quebra-mar atrás de suas metralhadoras leves, depois se reuniria num ponto mais elevado e penetraria na ilha. Havia bunkers e casamatas, disse o tenente Paveljnan, diretamente ao sul de Beach Red Two; a inteligência dos fuzileiros, além disso, também achava que o bunker do comandante japa talvez estivesse situado nessa área, possivelmente na extremidade leste do campo de pouso. O Segundo Pelotão devia procurar esse bunker e verificar a localização dos respiradouros para as equipes de demolição, que viriam imediatamente depois. Três minutos depois de o Segundo pelotão desembarcar, o Terceiro Pelotão o de Ishmael desembarcaria e se aproximaria, ou, de acordo com a opinião do tenente Bellows, viria em auxílio de qualquer pelotão que parecesse estar fazendo um avanço real. O pelotão poderia esperar apoio da Companhia K, que estava programada para entrar com o grupo de comando e um pelotão de artilharia pesada logo após o Terceiro. Desembarcariam em mais anfíbios, que poderiam ser usados contra o quebra-mar; a idéia, disse o tenente Pavelman, era penetrar de modo rápido e incisivo, com apoio total atrás da leva inicial de artilheiros.

-Um outro nome para isso é otários na frente disse alguém no Terceiro Pelotão, amargamente, mas ninguém riu da observação.

Pavelman continuou mecanicamente a palestra: os pelotões armados de fuzis, explicou, fariam um avanço cuidadoso, porém persistente, seguidos de reforços na segunda onda, comando e apoio na terceira onda de tratores, depois mais companhias de fuzileiros e mais apoio e mais comando, até a cabeça-de-praia estar bem estabelecida. Então, com as mãos apoiadas no cinto, o tenente Pavelman chamou o capelão Thomas para liderá-los na recitação do salmo 23 e no cântico "que amigo temos em Jesus". Quando terminaram, todos ficaram em silêncio no tombadilho, e o capelão fez um apelo para que os homens pensassem sobre sua relação com Deus e com Jesus.

-Tudo bem disse um soldado, da escuridão. Mas, olha só, eu sou ateu, senhor, a exceção à regra de que não há ateus em tocas nem em tiroteios, e vou continuar um danado de um ateu até meu danado fim, dane-se!-Que assim seja respondeu o capelão Thomas, suavemente. E que Deus o abençoe assim mesmo, meu amigo.

Ishmael começou a imaginar como aquilo tudo iria direcioná-lo uma vez que ele atingisse a praia. Havia escutado o tenente Pavelman com a maior atenção possível, mas não havia discernido a relação entre suas palavras e a direção específica na qual seus pés deveriam se mover uma vez que ele desembarcasse em Betio. Por que estava indo para lá? Para fazer o quê, exatamente? O capelão estava distribuindo balas da sorte e rolos de papel higiênico militar, e Ishmael pegou um de cada principalmente porque todos haviam feito o mesmo. O capelão, com um Colt calibre 45 no coldre da cintura, incentivou-o a pegar mais balas.

-São excelentes disse. Vamos. Eram de hortelã, e Ishmael meteu uma na boca, depois prendeu o rádio às costas e entrou num posto de embarque. O peso total do seu equipamento, calculou ele, era de mais de quarenta quilos.

Não foi fácil arrastar-se pela rede de carga assim carregado, mas Ishmael havia treinado nas manobras e aprendera a relaxar. Lá pelo meio do caminho cuspiu a bala de hortelã e debruçou-se sobre a água. Havia começado a ouvir um silvo, que aumentava a cada segundo. Um borrifo de água salgada salpicou o barco, molhando os soldados que ali estavam; a fosforescência ferveu verde e luminosa contra a escuridão. O rapaz ao lado de Ishmael, soldado Jim Harvey, de Carson City, Nevada, disse uns dois palavrões baixinho, depois encostou-se na rede.

-Merda exclamou. Uma bala de obus. Não posso acreditar nessa merda.

-Nem eu disse Ishmael.

-Pensei que eles tinham explodido essa porcaria de atol reclamou Jim Harvey. Pensei que tinham reduzido a pó os canhões antes de a gente ter de invadir a ilha. Puta que pariu acrescentou.

-Os aviões estão a caminho, de Ellice Walter Bennett lembrou, mais abaixo, na rede. Vão arrasar os japas antes de a gente chegar na areia.

-Besteira disse outra voz. Não vai ter avião nenhum. Você é um iludido, Walter.

-Uma merda de uma bala japonesa disse Jim Harvey. Puta merda, eu...

Mas outra bala caiu silvando e bateu na água a cem metros deles, erguendo um gêiser momentâneo.

-Safados! berrou o soldado Harvey. Pensei que tinham neutralizado esses putos! Achei que a gente ia só limpar o terreno!-Eles já estão se fodendo há dias, tentando acertá-los informou

tranqüilamente um rapaz chamado Larry Jackson. Esse papo todo de arrasar os canhões primeiro é conversa mole para boi dormir.

Jules se deram mal, e agora quem vai se foder somos nós, enfrentando todo tipo de fogo desses japas safados.

-Cruz-credo disse Jim Harvey. Nem posso acreditar nessa merda. Que diabos está acontecendo por aqui? O LCP rumou para Betio com o Terceiro Pelotão a bordo. Ishmael podia ouvir o silvo das balas de obus agora a distância sobre a água. Sentou-se bem abaixo de uma amurada de compensado que uma equipe da Marinha havia feito em Guindola durante uma parada em Nouméa. Agora ele estava muito enfraquecido pelo peso do equipamento, com o capacete enterrado até as sobrancelhas. Podia ouvir Jim Harvey tagarelado, esperançoso: -Os filhos da puta ficaram vários dias atacando eles, certo? Não restou nada senão areia, bosta e um montão de pedacinhos de japas. Foi isso que todo mundo andou escutando por aí. Madsen escutou no rádio e Bledsoe estava lá bem na sala com ele, não é mentira, eles arrasaram mesmo os safados...

Aconteceu que o mar, contra todas as previsões, estava ficando revoltado. Ishmael não se dava bem com isso, e estava viciado em Dramamine. Engoliu dois com água do cantil do cinto e espiou sobre a amurada de compensado com o capacete na cabeça, mas sem prendê-lo. O barco zuniu sob ele, e ele viu que estavam navegando ao lado de três outras barcas de transporte imediatamente à esquerda. Podia ver os homens da barca ao lado; um deles havia acendido um cigarro, e o brilho da ponta era visível, embora ele o ocultasse sob a palma da mão. Ishmael abaixou-se contra a mochila outra vez, fechou os olhos e meteu os dedos nos ouvidos. Tentou não pensar em nada daquilo.



Durante três horas eles rumaram para Betio, as ondas passando constantemente por cima da amurada e encharcando todos a bordo. A ilha tornou-se visível sob forma de uma linha negra baixa quase no horizonte. Ishmael ficou de pé para esticar as pernas, nesse momento. Havia fogos resplandecendo de cima até embaixo em Betio, e um homem a seu lado, com um relógio à prova d'água, estava tentando cronometrar as salvas de tiros que os vasos de guerra lançavam contra a ilha. Do outro lado, dois homens estavam reclamando revoltados de um tal almirante Hill, que estava comandando as manobras, e que havia sincronizado as coisas de maneira que eles desembarcassem em plena luz do dia, em vez de sob a proteção das trevas. Podiam ver que a Marinha estava mantendo um fogo cerrado grossos rolos de fumaça negra subiam da ilha, e isso começou a exercer uma influência positiva no ânimo do Terceiro Pelotão.

-Não vai sobrar nada daqueles sacanas afirmou o recruta Harvey. Aqueles canhões de 130 mm vão resolver a parada. Estão fazendo picadinho com eles.

Quinze minutos depois eles pegaram a grande corrente na entrada para a lagoa de Tarawa. Ultrapassaram dois destróieres, o Dashiell e o Ringgold, ambos lançando ondas sucessivas de tiros na praia; o ruído do bombardeio era ensurdecador, mais alto do que qualquer outra coisa que Ishmael já havia escutado. Prendendo o capacete, nesse instante, ele resolveu que já era hora de parar de espiar sobre a amurada. Num relance ele viu três tratores anfíbios subindo na praia a distância, mais adiante. Estavam levando muitas rajadas de metralhadora; um deles caiu em um buraco de bala de canhão; o outro incendiou-se e parou. Já não havia mais nenhum bombardeiro atacando, e não havia nem sinal dos B-24. O melhor a fazer era abaixar-se, prender os equipamentos e

manter-se bem aquém da linha de fogo. Ishmael havia chegado, de alguma forma, ao momento da guerra com o qual os garotinhos têm propensão a sonhar. Estava para atacar uma praia, era fuzileiro naval, radiotelegrafista, e estava literalmente a ponto de borrar as calças. Sentia o reto se contraíndo.

-Putá merda dizia Jim Harvey. Vão para o inferno, filhos da mãe, malditos sejam, os sacanas, esses veados, malditos, isso não é justo! O líder do esquadrão, um homem de nome Rich Hinkle, de Yreka, Califórnia, excelente parceiro de xadrez de Ishmael na Nova Zelândia, foi o primeiro deles a morrer. O transporte subitamente encalhou no recife eles ainda estavam a mais de quinhentos metros da praia e os homens sentaram-se olhando uns para os outros durante trinta segundos ou mais, enquanto a artilharia zunia a bombordo do LCP.

-Vão nos acertar com coisa pior berrou Hinkle acima do fragor. É melhor a gente dar o fora daqui. Vamos empurrar esse troço! Andem! Vamos! -Vá você na frente respondeu alguém.

Hinkle passou por cima da amurada a estibordo e caiu na água. Os homens começaram a segui-lo, inclusive Ishmael Chambers, que estava manobrando sua mochila de quarenta quilos sobre a amurada quando Hinkle levou um tiro no rosto e caiu, e depois o homem logo atrás dele também foi atingido e perdeu o topo do crânio. Ishmael empurrou a mochila para a lagoa e mergulhou com violência atrás dela. Manteve-se submerso durante o máximo de tempo possível, só subindo para tomar um rápido fôlego enxergou o fogo de armamento de um pequeno calibre espocando ao longo da praia depois mergulhou de novo. Ao voltar para a superfície, viu que todos os carregadores de munição, os demolidores, os rapazes das metralhadoras, todos eles estavam jogando tudo na água e mergulhando como Ishmael.

Ele nadou para trás do LCP, reunindo-se a três dúzias de outros soldados. O timoneiro da Marinha ainda estava se esforçando, dizendo palavrões e empurrando o acelerador para trás e para a frente, para libertar a barcaça de desembarque do recife. O tenente Bellows estava gritando para os homens a bordo que haviam se recusado a pular asamuradas.

-Vá se foder, Bellows dizia alguém.

-Vá na frente! gritava outra voz. Ishmael reconheceu a voz do recruta Harvey, agora num tom histérico.

O LCP levou outra rajada de metralhadora, e o grupo de homens agachados atrás dele começou a vadear rumo à praia. Ishmael manteve-se no meio do grupo, nadando e abaixando-se, dando braçadas de peito, e tentou imaginar-se como um fuzileiro morto flutuando inocuamente na lagoa de Betio, um cadáver ao sabor da corrente. Os homens agora estavam mergulhados na água até a altura do peito, alguns levando os fuzis acima das cabeças, atravessando águas já tingidas pelo vermelho do sangue de outros homens à sua frente. Ishmael viu os homens se jogarem na água, viu o fogo das metralhadoras varrer a superfície da água e abaixou-se ainda mais. Nas águas rasas à sua frente, o soldado Newland ergueu-se para correr até o quebra-mar, e depois um outro que não conhecia correu para lá e caiu morto no ponto onde as ondas quebravam, depois um terceiro homem correu. O quarto, Eric Bledsoe, recebeu um tiro no joelho e caiu de novo na água rasa. Ishmael parou e observou o quinto e o sexto homem atraírem o fogo, depois se preparou e lançou-se para fora da água enquanto os homens à sua frente corriam para o quebra-mar. Todos os três alcançaram o objetivo sem serem feridos e agacharam-se ali olhando Eric Bledsoe; o joelho dele havia sido estraçalhado.

Ishmael viu Eric Bledsoe sangrar até a morte. Cinquenta metros adiante, ele boiava, na arrebentação, suplicando ajuda em voz branda.

Oh, merda dizia. Me ajudem, companheiros, venham, rapazes, querem me ajudar, seus filhos da mãe, me ajudem, por favor. Eric havia crescido em Delaware com Ernest Testaverde; eles tomaram muitos porres juntos em Wellington. Robert Newland quis correr para salvá-lo, mas o tenente Bellows impediu-o; nada se podia fazer, explicou Bellows, havia fogo de artilharia demais para se tentar fazer isso, o resultado seria dois homens mortos, e todos, silenciosamente, concordaram. Ishmael encostou-se no quebra-mar; não ia correr praia abaixo de novo para puxar um homem ferido para um lugar seguro, embora uma parte dele quisesse tentar. De qualquer forma, o que ele poderia ter feito? O equipamento estava flutuando na lagoa. Não podia nem colocar um curativo em Eric Bledsoe, muito menos salvar sua vida. Ficou sentado ali vendo Eric rolar na arrebentação com o rosto voltado para o sol. Suas pernas estavam cobertas apenas parcialmente pela água, e Ishmael viu perfeitamente que uma delas estava solta, acompanhando as ondulações da rebentação. O rapaz sangrou até morrer e depois sua perna distanciou-se um pouco, levada pelas ondas, enquanto Ishmael continuava agachado atrás do molhe.

Às dez horas ele continuava lá, desarmado e sem nada para fazer, acorrido com centenas de outros homens que deesbarcaram e foram feridos. Havia muito mais fuzileiros mortos na praia agora, e muito mais feridos, também, e os homens atrás do quebra-mar tentavam não escutar quando eles gemiam ou pediam socorro. Aí um sargento da Companhia, saído do nada, de repente subiu no quebra-mar acima deles com um cigarro pendurado no canto da boca, xingando-os de "bando de galinhas mortas". Ralhou com eles

implacavelmente, numa torrente de injúrias, chamando-os de "o tipo de covardes cujos ovos deviam ser mastigados bem devagar e dolorosamente quando esta maldita batalha acabar", homens que deixavam "outros homens fazerem o serviço sujo para salvar suas imprestáveis carcaças", homens que "não são homens, mas veados sem-vergonhas e masturbadores com pauzinhos minúsculos naqueles dias, uma vez por ano, que vocês conseguem levantar os pintinhos a meio-pau", e daí por diante, enquanto os homens embaixo lhe suplicavam que se protegesse e se salvasse. Ele se recusou a fazer isso e recebeu um tiro que lhe traspassou a espinha, uma bala que lhe rasgou a frente da camisa e espirrou uma parte dos seus intestinos na praia. O sargento não teve tempo nem de se surpreender, simplesmente caiu de cara na areia, bem em cima das suas próprias tripas. Ninguém disse nada.

Um trator, afinal, abriu um buraco no quebra-mar, e alguns homens começaram a passar por ele. Todos foram atingidos imediatamente. Ishmael recebeu ordem de ajudar a cavar para libertar o semicaterpillar que havia sido deixado em Betio por um lanchão de transporte de tanques e imediatamente ficou atolado. Ele cavou de joelhos com uma ferramenta de sapa enquanto o homem ao seu lado vomitava na areia antes de cair com o capacete sobre o rosto, desmaiado. Um radiotelegrafista da Companhia K havia montado o equipamento contra o quebra-mar e estava reclamando em altos brados da interferência; toda vez que os canhões dos navios atiravam, no alto-mar, até a estática desaparecia, queixou-se ele. Não conseguiu mobilizar ninguém.

Ishmael percebeu, no início da tarde, que o cheiro adocicado que lhe chegava da praia era o odor dos fuzileiros mortos. Ele também vomitou, depois bebeu seu último gole de água. Até onde sabia,

ninguém mais do seu esquadrão estava vivo ainda. Ele não tinha visto nenhum deles durante três horas, mas havia recebido uma carabina, um pacote de munição e uma faca de mato, de uma equipe de carregadores que se deslocavam ao longo do quebra-mar com ordens de ressurgimento. Ele desmontou a carabina estava cheia de areia e limpou-a tão cuidadosamente quanto podia naquelas condições, sentado contra a base do quebra-mar com o capacete de aço sem a presilha. Estava sentado assim com o conjunto do gatilho na mão, limpando-o com a ponta da camisa, quando uma nova onda de anfíbios subiu na praia e começou a atrair fogo de morteiros. Ishmael observou-os com interesse durante algum tempo, homens saindo e caindo na areia alguns mortos, outros feridos, alguns gritando enquanto corriam depois baixou a cabeça e, recusando-se a olhar, voltou a limpar a carabina. Ainda estava lá, encolhido no mesmo lugar, com a carabina na mão, a faca numa bainha pendente do cinto, quando sobreveio a escuridão, quatro horas depois.

Um coronel veio pela praia com sua comitiva, exortando os soldados sem patente e os oficiais subalternos a tornar a entrar em forma e improvisar esquadrões. Às dezenove horas, disse ele dentro de menos de vinte minutos, todos os homens disponíveis deviam escalar até o topo da ilha; quem ficasse para trás iria para a corte marcial; estava na hora, acrescentou, de agirem como fuzileiros. O coronel prosseguiu, e um certo tenente Doerper, da Companhia K, perguntou a Ishmael onde estava o seu esquadrão, e que diabos ele estava fazendo encolhido sozinho atrás do quebra-mar. Ishmael explicou como havia perdido seu equipamento ao pular a amurada do LCP e como todos ao seu redor tinham morrido ou sido feridos; ele não sabia onde estavam. O tenente Doerper escutou com impaciência, depois disse a Ishmael

para chamar um homem ao longo do quebra-mar, depois outro, depois mais alguns, até formar um esquadrão, depois reportar-se ao posto de comando que o coronel Freeman havia estabelecido ao lado do semicaterpillar atolado. Ele, afirmou, não tinha tempo para escutar bobagens.

Ishmael explicou as coisas a duas dúzias de rapazes antes de conseguir reunir o suficiente para formar um esquadrão. Um rapaz lhe disse para ir se foder; outro disse que estava com um ferimento na perna que o incapacitava; um terceiro disse que iria dentro de um minuto, mas nem se mexeu. Subitamente, vieram disparos da água, e Ishmael deduziu que algum atirador japa havia nadado até algum anfíbio destruído na lagoa e estava usando a metralhadora. O quebra-mar deixara de ser um abrigo seguro.

Deslocando-se pelo molhe, abaixado e falando rapidamente com as pessoas, ele chegou, afinal, até Ernest Testaverde, que estava retribuindo o fogo sobre troncos de coqueiro, com a arma erguida e a cabeça baixa.

-Ei chamou Ishmael. Meu Deus.

-Chambers disse Ernest. Puta que pariu!-Onde estão os outros? indagou Ishmael. E o Jackson e aqueles sujeitos? -Vi o Jackson ser ferido respondeu Ernest. Todos os demolidores e os detetores de minas foram atingidos quando subiram à praia. E Walter acrescentou. E o Jim Harvey. E aquele tal de Hedges, eu o vi cair. E Murray, Behring também. Todos foram atingidos na água.

-Hinkle também disse Ishmael. E Eric Bledsoe... a perna dele foi arrancada. E o Fitz... foi ferido na praia, eu o vi cair. Bellows conseguiu chegar, mas não sei para onde foi. Newland também. Onde estão

aqueles sujeitos? Ernest Testaverde não respondeu. Puxou a presilha do capacete e abaixou a carabina.

-Bledsoe? disse ele. Tem certeza? Ishmael confirmou com um gesto de cabeça.

-Morreu.

-A perna dele foi arrancada? perguntou Ernest.

Ishmael sentou-se de costas para o quebra-mar. Não queria falar - sobre Eric Bledsoe, nem lembrar como ele tinha morrido. Era difícil saber qual seria o sentido de se falar sobre uma coisa dessas. Não havia sentido em nada, isso estava claro. Ele não conseguia raciocinar! sobre nada que tinha acontecido desde que a barça de desembarque encalhou no recife. A situação em que se achava agora tinha a característica estupidificada de um sonho no qual os eventos se repetiam. Ele estava encolhido contra o quebra-mar, e então se encontrava lá de novo, e outra vez tornava a encolher-se abaixo do quebra-mar. Ocasionalmente, um foguete iluminava tudo bem o suficiente para que ele visse os detalhes de suas próprias mãos. Estava fatigado e sedento, e não conseguia focalizar as coisas, e a adrenalina havia se extinguido dentro dele. Ele queria viver, sabia disso agora, mas tudo o mais estava indistinto. Ele não conseguia se recordar do motivo pelo qual estava ali por que havia se alistado para lutar no Corpo de Fuzileiros, qual o motivo disso.

-Sim disse ele. Bledsoe morreu.

-Droga respondeu Ernest Testaverde. Chutou o primeiro tronco do quebra-mar duas vezes, depois uma terceira, e uma quarta. Ishmael Chambers afastou-se dele.



Às dezenove horas eles transpuseram o quebra-mar com mais trezentos homens. Foram recebidos por fogo de morteiros e metralhadoras vindo das palmeiras diretamente à sua frente. Ishmael não viu Ernest Testaverde ser ferido; mais tarde soube, perguntando a um e a outro, que Ernest fora encontrado com um buraco na cabeça mais ou menos do tamanho do punho de um homem. Ishmael, por sua vez, foi ferido no braço esquerdo, bem no meio do bíceps. O músculo rompeu-se quando a bala entrou, uma única bala disparada por uma metralhadora Nambu e o osso estilhaçou-se em cem lascas que lhe penetraram os nervos e veias e se alojaram na carne do braço.

Quatro horas depois, quando a luz chegou, ele percebeu que havia dois homens do corpo médico ajoelhados perto do homem a seu lado. (O homem fora ferido na cabeça, ao que parecia, e o cérebro dele estava se espalhando em torno do capacete. Ishmael havia manobrado por trás desse homem morto e pego os comprimidos de sulfa e um rolo de bandagens do kit de primeiros socorros no cinto dele. Havia envolvido o braço e usado o peso do corpo para deter a hemorragia.

-Está bom disse um dos médicos a Ishmael. Vamos buscar uma equipe de padioleiros e um esquadrão de carregadores. A praia está sob nosso controle. Tudo está bem. Vamos transportá-lo para bordo imediatamente.

-Malditos japas exclamou Ishmael.

Mais tarde, ele se viu deitado no tombadilho de um navio ou outro, no mar, a quatorze quilômetros de Betio, um rapaz entre filas e filas de feridos, e o rapaz na padiola ao lado morreu por causa do estilhaço que lhe perfurou o fígado. Do outro lado estava um rapaz dentuço que fora ferido bem nas coxas e virilhas; o sangue havia

empapado suas calças caqui. O rapaz não conseguia falar, e ficava com as costas arqueadas; de segundos em segundos, gemia mecanicamente entre respirações forçadas e superficiais. Ishmael perguntou-lhe uma vez se ele estava bem, mas o rapaz limitou-se a continuar gemendo. Morreu dez minutos antes dos padioleiros chegarem para levá-lo para a sala de operações.

Ishmael perdeu o braço em uma mesa de operações de navio, cortado por um ajudante de farmácia que só havia feito quatro amputações em toda a sua carreira, todas nas últimas horas. O ajudante usou um serrote para nivelar o osso e cauterizou o toco de forma desigual, de modo que a ferida levou mais tempo para cicatrizar do que o normal e o tecido cicatrizado ficou grosso e áspero. Ishmael não recebeu anestesia suficiente e, ao acordar, viu o braço caído num canto, no alto de uma pilha de ataduras empapadas de sangue. Dez anos depois ele ainda sonharia com aquilo, o jeito como seus dedos estavam, dobrados contra a parede, como o braço lhe pareceu distante e branco, embora, contudo, ele o reconhecesse ali, jogado como lixo no chão. Alguém o viu fitando o membro e jogou o braço em um recipiente de lona. Outra pessoa injetou-lhe mais uma dose de morfina, e Ishmael disse a quem estava ali que "Os japas estão... aqueles japas safados... ", mas não sabia bem como terminar a frase, não sabia bem o que queria proferir, "aquela puta daquela japa safada" foi tudo que conseguiu dizer.

Por volta de duas horas, na primeira tarde do julgamento, a neve já havia coberto todas as estradas da ilha. Um carro deu um cavalo-de-pau silencioso, deslizando sobre os pneus, acabou meio torto na rua e continuou deslizando até dar com um dos faróis na porta da Merceria do Petersen, que alguém abriu justamente naquele momento miraculosamente, de forma que nem o carro nem a loja sofreram danos.

Atrás da Escola Primária de Amity Harbor, uma garotinha de sete anos, ao se abaixar para fazer uma bola de neve, levou um encontrão nos fundilhos de um menino que descia um morro deslizando sentado sobre um pedaço de papelão. Ela quebrou o braço direito uma fratura simples. O diretor, Erik Karlsen, enrolou um co-bertor em torno dos ombros dela e a sentou perto de um aquecedor a vapor antes de sair para dar a partida no motor do carro. Aí, cautelosamente, espiando para fora pelas meias-luas de vidro que o descongelador dele havia conseguido abrir no pára-brisas congelado, ele a levou pelo First Hill abaixo, rumo ao centro da cidade.

Na Mili Run Road, a sra. Larsen, de Skiff Point, caiu numa vala com o creosoto do marido. Arne Stolbaad colocou lenha demais na estufa e acabou incendiando a chaminé. O corpo voluntário de bombeiros foi chamado por um vizinho, mas o motorista do carro-pipa, Edgar Paulsen, deslizou no Indian Knob Hill e teve de parar para colocar correntes nos pneus. Nesse meio-tempo, o incêndio na chaminé de Arne Stolbaad foi apagado; quando os bombeiros apareceram, afinal, ele lhes contou como estava satisfeito por ter removido com o fogo o creosoto do cano da chaminé.

Às três horas cinco ônibus escolares saíram de Amity Harbor com os limpadores de pára-brisas removendo gelo dos pára-brisas e os faróis penetrando na nevada. Os estudantes secundários, no caminho de casa, atiravam bolas de neve neles; o ônibus de South Beach derrapou no acostamento logo depois de Island Center. Os estudantes escalaram o ônibus virado para sair e foram a pé para a porta na nevasca acompanhados por Johnny Katayama, o motorista do ônibus, que ia atrás deles. À medida que cada estudante saía da fila para entrar em casa, Johnny lhe dava metade de um tablete de chiclete de menta.

Um garoto que andava de trenó quebrou o tornozelo num choque contra a raiz de um cedro, naquela tarde. Ele ainda não havia aprendido direito como fazer uma curva com aquele troço, e a árvore cresceu subitamente sobre ele. Ele pôs o pé para fora para evitar a colisão.

Um dentista aposentado, o velho Doe Cable, sofreu um escorregão feio no caminho para o telheiro. Ao cair, torceu alguma coisa no cóc-eix, de forma que soltou um uivo de dor e se curvou como um feto na neve. Algum tempo depois, ele se ergueu, disparou para dentro e contou à esposa com os dentes trincados que havia se machucado. Sarah o fez deitar no sofá e lhe aplicou uma bolsa de água quente, e depois de duas aspirinas, ele caiu no sono.

Dois adolescentes disputaram um concurso de tiro com bola de neve no cais do porto de Port Jefferson. A princípio o objetivo era atingir uma bóia de ancoragem, depois um pé-de-carneiro na doca ao lado. Um dos adolescentes, filho de Dan Daniels Scott, deu uma corrida de três passos para pegar impulso, fez seu lançamento para o mar, depois caiu de cabeça para baixo na água salgada. Em cinco segundos saiu da água, com vapor subindo-lhe das roupas. Enquanto corria para casa, atravessando a nevasca, seus cabelos transformaram-se em tufo recobertos de gelo.

Os cidadãos de San Piedro acorreram à Merceria do Petersen e esvaziaram as prateleiras de conservas. Trouxeram tanta neve para dentro da loja nas botas que um dos embaladores, Earl Camp, ficou ocupado a tarde inteira com um esfregão e uma toalha, limpando tudo depois que eles saíram. Einar Petersen tirou uma caixa de sal da prateleira e salpicou o sal diante da porta da loja, mas, apesar disso, dois fregueses escorregaram. Einar resolveu oferecer café grátis aos compradores e pediu a uma das caixas, Jéssica Porter uma moça

anibiada, de 22 anos para ficar de pé atrás de uma mesa dobrável e servi-los.

Na Loja de Ferragens do Fisk, os cidadãos de San Pedro compraram pás para neve, velas, querosene, fósforos, luvas forradas e pilhas para lanternas. Às três horas, os irmãos Torgerson já haviam vendido todo o seu suprimento de correntes de pneus, bem como a maioria dos raspadores de gelo e anticongelante. Tom rebocava de graça os carros caídos em valas com seu guincho de duas toneladas pintadinho de novo; Dave vendeu gasolina, pilhas e óleo para motor e aconselhou os clientes a voltarem para casa e ficarem por lá. Dezenas de ilhéus pararam para escutar enquanto Dave colocava gasolina no tanque do carro deles ou as correias nos seus pneus e fazia previsões desanimadoras sobre o tempo.

Três dias de ventania dizia. É melhor se prepararem, amigos.

Por volta de três horas, os galhos dos cedros estavam arriados pelo peso da neve. Quando o vento chegou, soprou direto entre eles, arremessando flocos de neve ao chão, a rodopiar. As plantações de morangos de San Pedro se tornaram campos brancos, intocados e perfeitos como o deserto. O ruído das coisas vivas não era abafado, mas interrompido até mesmo as gaivotas se aquietaram. Em seu lugar, ficou o vento e o quebrar das ondas e o refluxo da água pelas praias.

Em toda parte da ilha de San Pedro estabeleceu-se uma severidade, acompanhada de uma tensa expectativa. Quem sabia o que podia acontecer agora que havia começado uma nevasca típica de dezembro? Os lares desses ilhéus poderiam dentro em breve estar soterrados por montes de neve de forma que apenas os telhados das cabanas de praia ficariam de fora, e apenas os andares de cima das

casas maiores. A energia poderia faltar quando o vento soprasse com mais violência, deixando-os no escuro. Os vasos podiam ficar sem descarga, as bombas dos poços não conseguiriam bombear água, não poderiam sair de perto das estufas e lanternas. Porém, por outro lado, a nevasca poderia significar uma pausa, uma feliz temporada de férias de inverno. As escolas fechariam, as estradas também seriam fechadas, ninguém sairia para trabalhar. As famílias comeriam lautos desjejuns tardios, depois colocariam os agasalhos e sairiam, sabendo que retornariam para casas aquecidas e confortáveis. A fumaça sairia em rolos pelas chaminés; ao crepúsculo, as luzes se acenderiam. Bonecos de neve mal-equilibrados guardariam os jardins. Haveria alimentos suficientes e ne-nhum motivo de preocupação.

Mesmo assim, os que já moravam na ilha há muito tempo sabiam que os resultados da nevasca eram imprevisíveis. Essa nevasca talvez fosse como outras que lhes haviam causado sofrimento, até matado gente ou talvez cessasse sob as estrelas desta noite e propiciasse às crianças lazer na neve. Quem sabia? Quem poderia prever? Se for para o mal, que assim seja, diziam consigo mesmos. Nada podiam fazer, a não ser o possível. O resto como a água salgada ao seu redor, que agora engolia a neve sem nenhum esforço, permanecendo o que era implacavelmente estava fora do alcance de suas mãos.

Quando o recesso terminou naquele dia, Alvin Hooks tornou a chamar Art Moran. O xerife havia saído da sala do tribunal por duas horas e meia para entrar em contato com o corpo voluntário de bombeiros e convocar seus voluntários com os quais se podia contar em momentos de crise. Em geral, a missão deles era manter a ordem no Festival dos Morangos e em outros eventos; agora dividiriam o território

da ilha de acordo com os locais onde moravam ou trabalhavam e ajudariam quem encalhasse nas estradas.

Art remexeu-se no banco das testemunhas pela segunda vez naquele dia. A nevasca, justamente agora, o preocupava. Ele entendia que a causa de Alvin exigia que ele comparecesse duas vezes ao julgamento, mas, por outro lado, não estava gostando nada disso. Havia comido um sanduíche durante o recesso de quinze minutos, sentou-se no escritório de Alvin com um pedaço de papel encerado atravessado nos joelhos e uma maçã na beira da escrivaninha. Hooks lembrou-lhe para contar sua história de modo metódico, prestar atenção aos mínimos detalhes que poderiam lhe parecer irrelevantes. Agora, no banco das testemunhas, beliscando o nó da gravata e verificando se havia migalhas nos cantos da boca, Art aguardava impaciente enquanto Alvin pedia ao juiz para exibir quatro segmentos de corda como provas.

Xerife Moran disse Hooks, afinal. Tenho em mãos quatro pedaços de corda do tipo que os pescadores usam para atracação. Posso pedir-lhe que os inspecione, por obséquio? Art pegou os pedaços de corda da mão dele e demonstrou estar examinando-os cuidadosamente.

-Acabei disse, após um momento.

-Reconhece-os? -Sim, reconheço.

-Refere-se aos pedaços de amarras que mencionou no seu relatório, xerife Moran? São os mesmos quatro aos quais se referiu no relatório? -Sim, são. São aqueles sobre os quais falei no relatório, Sr. Hooks. São estes aqui.

O juiz acatou os cabos como provas, e Ed Soames etiquetou-os. Alvin Hooks devolveu-os a Art e pediu-lhe para explicar onde os havia encontrado.

-Bom disse o xerife. Este aqui, marcado com a letra A, estava no barco do réu, no cunho de bombordo, para ser exato, no terceiro cunho a partir da popa. Combina com seus outros cabos de atracação, entende? Combina com todos, menos com o do segundo cunho de bombordo a partir da popa. É esse aqui, marcado com B... esse era novo, Sr. Hooks, mas os outros estavam gastos. Eram todos cabos de manilha de três fios, com um lais de guia em uma das extremidades, muito gastos, também. Era assim que o Sr. Miyomoto mantinha seus cabos de atracação... com lais de guia e muito gastos, a não ser esse. Era novinho em folha mas estava com o lais.

-E os outros dois? indagou Alvin Hooks. Onde os achou, xerife? - Encontrei-os no barco de Carl Heine, Sr. Hooks. Este aqui... o marcado com C o xerife segurou o cabo alto para que os jurados o vissem, é exatamente igual a todos os outros cabos que encontrei no barco do Sr. Heine, o falecido. Estão vendo? É uma corda de manilha de três fios nova, com um olhai trançado numa das extremidades... trançado a mão, Sr. Hooks, do jeito que se sabe que Carl Heine fazia. Todos os cabos dele tinham alças trançadas, nenhum tinha lais de guia.

-O quarto cabo que o senhor tem aqui continuou Alvin Hooks. Onde o achou, xerife? -No barco de Carl Heine, também, mas não combina com os outros. Encontrei-o a estibordo, no segundo cunho a partir da popa. O engraçado é que ele combina mesmo é com os cabos que eu encontrei a bordo do barco do réu. Está muito gasto e tem o lais de guia, exatamente como o outro que lhe mostrei, exatamente como todos os cabos de atracação dele, a não ser o novo. Parece-se demais com todos os outros, é óbvio que veio do mesmo jogo. O mesmo desgaste.

-Esse cabo se parece com os do barco do réu? -Exatamente.



-Mas o encontrou no barco do falecido? -Correto.

-A estibordo, no segundo cunho a contar da popa? -Sim.

-No barco do réu... será que entendi bem?... havia um cabo novo a bombordo, xerife, de novo no segundo cunho a contar da popa? - Correto, Sr. Hooks. Havia um cabo novo ali.

-Xerife disse Alvin Hooks. Se o réu tivesse amarrado o barco dele ao de Carl, esses dois cunhos em questão se alinhariam? -Pode apostar que sim. E se ele... Miyomoto, que está ali... estivesse com pressa de se afastar do barco do falecido, poderia ter deixado um cabo para trás, amarrado àquele segundo cunho.

-Entendo disse Alvin Hooks. Inferiu que ele deixou um cabo, depois substituiu-o pelo novo... a prova B, bem aí na sua mão... substituiu-o quando voltou ao cais.

-É isso respondeu Art Moran. Exatamente. Ele amarrou o barco dele ao do Carl e deixou um cabo no Susan Marie. Parece-me muito claro.

-Mas xerife disse Alvin Hooks. O que o levou a investigar o réu, antes de mais nada? Por que pensou em inspecionar o barco dele e observar algo como um cabo de atracação? Art observou que sua investigação sobre a morte de Carl Heine o havia conduzido, naturalmente, a interrogar os parentes de Carl. Ele tinha visitado Etta Heine, e lhe explicou que mesmo no caso de um acidente de pesca havia uma investigação formal a fazer. Teria Carl algum inimigo? Depois de Etta, segundo ele, era claro que tinha de falar com Ole Jurgensen, e de Ole Jurgensen foi à sala de audiências do juiz Fielding: precisava de um mandado de busca. Pretendia revistar o barco de Kabuo Miyomoto, o Islander, antes de ele sair naquela noite para pescar salmões.



Havia sido o beleguim do juiz, Ed Soames, que atendera a porta quando Art Moran bateu às cinco e cinco da tarde do dia 16 e pediu a falar com Lew Fielding. O beleguim estava de casaco e de marmita na mão; estava de saída, segundo explicou; o juiz ainda estava despachando na escrivania.

-É sobre Carl Heine? perguntou Ed.

-Acho que já sabe da notícia respondeu o xerife. Mas, não, o é sobre ele que quero falar. Se estiver indo até o café e disser isso, sabe do que mais? Vai estar enganado, Ed.

-Não estou indo para lá disse o beleguim. Talvez os outros estejam, mas eu não.

-É claro que não disse Art Moran.

O beleguim bateu à porta da sala do juiz, depois abriu-a e anunciou que o xerife precisava falar com ele sobre um assunto que preferia manter em sigilo.

-Muito bem respondeu o juiz. Mande-o entrar.

O beleguim segurou a porta para Art Moran e afastou-se para ele passar.

-Boa noite, senhor juiz despediu-se ele. Até amanhã de manhã.

-Boa noite, Ed respondeu o juiz. Poderia, por favor, trancar a porta ao sair? O xerife é a última pessoa que vou atender hoje.

-Pois não respondeu Ed Soames e fechou a porta.

O xerife sentou-se e acomodou as pernas. Depositou o chapéu no chão. O juiz aguardou pacientemente até escutar a chave virar na porta.

Depois olhou nos olhos do xerife pela primeira vez.

-Carl Heine disse.

-Carl Heine respondeu o xerife. Lew Fielding baixou a caneta.

-Um homem com filhos, com esposa disse.

-Eu sei respondeu Art. Fui contar a Susan Marie hoje de manhã. Meu Deus acrescentou amargamente.

Lew Fielding fez um gesto de cabeça, concordando com ele. Estava sentado, taciturno, com os cotovelos sobre a escrivaninha e o queixo apoiado nas mãos. Como sempre, ele parecia estar a ponto de dormir; seus olhos eram os de um bassê. As faces estavam gretadas, a testa vincada, as sobrancelhas prateadas cresciam em tufos fartos. Art lembrou-se de quando ele era mais lépido, lembrou-se dele atirando ferraduras no Festival dos Morangos. O juiz, de suspensórios, mangas arregaçadas, os olhos apertados, meio inclinado para a frente.

-Como vai ela? perguntou. Susan Marie? -Nada bem respondeu Art Moran.

Lew Fielding olhou-o e aguardou. Art pegou o chapéu, colocou-o no colo e começou a apalpar a aba.

-De qualquer forma, vim lhe pedir para me conceder um mandado. Quero dar uma busca no barco do Kabuo Miyomoto, talvez na casa dele, também... não tenho muita certeza ainda.

-Kabuo Miyomoto repetiu o juiz. O que vai procurar? -Bom respondeu o xerife, inclinando o tronco para a frente. Estou com umas pulgas atrás da orelha, juiz. Cinco delas, ao todo. Número um, alguns homens me contaram que Miyomoto pescou nas mesmas águas que Carl na noite passada, quando isso aconteceu. Número dois, Etta Heine

me disse que Miyomoto e o filho dela já eram inimigos há muito tempo... uma velha disputa de terras. Três, peguei um pedaço de cabo de amarração que alguém deixou no barco de Carl amarrado a um dos cunhos; parece-me possível que ele tenha sido abordado, e quero dar uma olhada nos cabos de amarração do Miyomoto. Quatro, Ole Jurgensen declarou que tanto Carl quanto Miyomoto foram procurá-lo recentemente para comprar sua propriedade, que Ole vendeu a Carl. De acordo com Ole, Miyomoto saiu soltando fogo pelas ventas. Disse que ia ter uma conversinha com Carl. E, bom, talvez tenha feito isso. No mar. E aí... as coisas se descontrolaram.

-E a quinta pulga? perguntou Lew Fielding.

-Quinta? -Você disse que tinha cinco categorias de causa. Já escutei quatro. Qual é a quinta? -Oh disse Art Moran. Horace fez... uma autópsia bastante completa. Há uma lesão grave do lado da cabeça de Carl. E Horace disse algo interessante sobre isso que encaixa com o que já ouvi falar de Ole. E da Etta, também, com relação a isso. Ele disse que já viu lesões como essa durante a guerra. Disse que os japas as produziam com as coronhas das armas. Disse que eram treinados para lutar com varas desde crianças. Praticavam o kendo, segundo Horace. E um desses golpes de kendo, imagino, deixaria o tipo de lesão que Carl apresenta. Ora, naquele momento eu não fiz caso disso. Nem mesmo pensei nisso quando alguns dos rapazes nas docas disseram que Miyomoto havia estado no Ship Channel Bank ontem à noite... o mesmo lugar que Carl. Não me ocorreu nem nessa hora. Mas pensei efetivamente nisso esta tarde quando Etta relatou todos os problemas que teve com Miyomoto, e pensei nisso ainda mais depois que Ole Jurgensen me contou essas coisas. E resolvi que seria melhor seguir essa

pista e dar uma busca no barco de Miyomoto, juiz. Por via das dúvidas. Procurar indícios, se é que existem.

O juiz Lew Fielding beliscou a ponta do nariz-Não sei, Art disse. Em primeiro lugar, Horace tira da manga essa declaração de que coincidentemente essa ferida na cabeça de Carl Ihe lembra as feridas infligidas pelos soldados japoneses... mas isso realmente incrimina Miyomoto? Temos Etta Heine, sobre a qual me abstenho de falar, mas basta dizer que não confio naquela mulher. Ela é odiosa, Art. Não confio nela. E você diz que pelo menos cinqüenta pescadores de salmões saíram neblina adentro ontem à noite... qualquer um tão litigioso quanto qualquer outro quando descobre que alguém está disputando os peixes com ele... e depois essa de Ole Jurgensen. E eu admito que Ole é interessante. Admito que algumas coisas que penso sobre Ole merecem alguma reflexão. Mas...

-Senhor juiz interrompeu Art Moran, posso falar uma coisinha? Se ficar pensando tempo demais no assunto vamos perder completamente nossa oportunidade. Os barcos vão partir dentro de pouco tempo.

O juiz puxou a manga e espreitou o relógio.

Cinco e vinte disse. Você tem razão.

-Tenho aqui um depoimento continuou o xerife, retirando o documento do bolso da camisa. Eu o redigi às pressas, mas está correto, juiz. Coloca as coisas de forma bem simples e clara. Estou atrás é da arma do crime, isso é tudo, se houver oportunidade para isso.

-Bom respondeu Lew Fielding. Não há mal nisso, suponho, se proceder de forma adequada, Art. Ele debruçou-se sobre a mesa na direção do xerife. E por questões de natureza técnica, vamos fazer

também essa jogada: jura que os fatos narrados neste depoimento são verdadeiros, que Deus o ajude, jura?O xerife jurou.

-Tudo bem. Trouxe o mandado?O xerife tirou o segundo documento do outro bolso da camisa; o juiz abriu-o sob a luminária da escrivaninha e pegou a caneta-tinteiro.

-Eu desisto disse. Vou permitir que reviste o barco, mas não a casa de Miyomoto. Nada de se meter com a esposa e os filhos dele, e eu não acho que haja nenhuma pressa em fazer algo assim. E lembre-se, agora, é uma busca limitada. A arma do crime, Art, e nada mais. Eu não quero você violando com arrogância a privacidade desse homem.

-Entendi disse Art Moran. A arma do crime.

-Se não achar nada no barco, me procure pela manhã. Vamos conversar sobre a casa dele quando a coisa estiver nesse ponto.

-Tudo bem respondeu Art Moran. Obrigado.

Ele perguntou, a seguir, se podia usar o telefone. Discou o número de seu escritório e falou com Eleanor Dokes.

-Diga o Abel para se encontrar comigo nas docas disse ele. E diga-lhe para trazer a lanterna.

Os pescadores de San Pedro, em 1954, eram propensos a prestar atenção a sinais e portentos dos quais outros homens sequer suspeitavam. Para eles a rede de causa e efeito estava invisível e simultaneamente em toda parte, motivo esse pelo qual um homem poderia trazer a rede transbordante de salmões numa noite e pescar apenas algas na outra. Marés, correntes e ventos eram uma coisa, a força da sorte, outra. Um pescador não pronunciava as palavras "cavalo", "porco" ou "capado" no tombadilho de um barco de pesca de salmões, pois isso seria fazer com que as intempéries se

desencadeassem à sua volta ou que uma linha se enrolasse no hélice. Virar uma cobertura de escotilha de cabeça para baixo trazia uma tempestade de sudoeste, e trazer uma valise preta para bordo significava uma marcha engrimpada e rede torcida. Aqueles que ferissem as gaivotas arriscavam-se a ser vítimas da ira dos fantasmas de navios, pois as gaivotas eram habitadas pelos espíritos de homens que haviam se perdido no mar, em naufrágios. Os guarda-chuvas também davam azar, bem como espelhos quebrados e uma tesoura dada de presente. A bordo de um barco de pesca de cerco apenas um novato pensaria em cortar as unhas sentado sobre a rede, ou entregar a um colega de tripulação um pedaço de sabão em vez de jogá-lo na bacia dele, ou abrir uma lata de fruta em conserva por baixo. Qualquer uma dessas atitudes provocaria uma pescaria ruim e tempo desfavorável.

Kabuo Miyomoto, ao vir andando pela doca sul na direção do seu barco, naquele fim de tarde trazendo uma bateria para o Islander, viu um bando de gaivotas pousadas no tambor da rede e barras estabilizadoras, e sobre a cabine de comando. Quando subiu a bordo, elas alçaram vôo, trinta ou quarenta aves, segundo lhe pareceu, a princípio, um rufiar de asas, em quantidade maior do que ele imaginava possível, meia centena de gaivotas se elevando do Islander, explodindo a partir da cabine de comando. Elas descreveram círculos no alto do céu meia dúzia de vezes, em arcos que abrangeram toda a extensão das docas, para em seguida ficarem flutuando sobre as vagas em mar alto.

O coração de Kabuo bateu forte dentro do peito. Ele não era particularmente dado a acreditar em presságios, mas, por outro lado, nunca havia visto antes uma coisa assim. Entrou na cabine e abriu a tampa do compartimento das baterias. Colocou a nova bateria no lugar e aparafusou os terminais a ela. Por fim, ligou o motor do barco. Deixou-



o funcionar, depois acionou a bomba número um para utilizar a mangueira do tombadilho. Kabuo, de pé na beirada da cobertura da escotilha, removeu com a força da água os excrementos das gaivotas que estavam entupindo os embornais. As gaivotas haviam perturbado seu equilíbrio, deixando-o pouco à vontade. Outros barcos estavam partindo, ele viu, ultrapassando as bóias de demarcação de Amity Harbor,,a caminho das áreas de pesca de salmão. Consultou o relógio; já eram 5:40. Ocorreu-lhe tentar a sorte no Ship Channel naquela noite; os bons cardumes seriam encontrados em Elliot Head.

Quando ergueu os olhos, uma gaivota solitária empoleirara-se arrogantemente na amurada de estibordo, a uma distância de três metros, para o lado da popa. Era de um cinza-perolado, de asas brancas, uma jovem gaivota pescadora de arenques, de peito amplo, estufado, que parecia também observá-lo.

Kabuo tateou às suas costas, com toda a cautela, e abriu totalmente a torneira da mangueira. Um jato de água ainda mais forte varreu o tombadilho de ré e ricocheteou para a popa. Depois de se concentrar na gaivota outra vez, observou-a por um instante com o canto do olho, depois se apoiou rapidamente na perna esquerda e dirigiu o jato para a ave. A torrente pegou o animal surpreso bem no peito, e enquanto ela lutava para escapar à força da água, bateu com a cabeça violentamente na amurada do Channel Star, que estava ancorado ao lado.

Kabuo, ainda com a mangueira na mão, estava parado ao lado da amurada de bombordo, olhando atônito a gaivota agonizante, quando Art Moran e Abel Martinson apareceram junto ao barco, ambos de lanternas nas mãos.

O xerife, por duas vezes, fez um sinal, passando a mão diante da garganta.

-Desligue o motor pediu.

-Para quê? indagou Kabuo Miyomoto.

-Trago um mandado de busca respondeu o xerife, tirando o documento do bolso da camisa. Viemos para revistar seu barco esta noite.

Kabuo piscou ao ouvir isso, depois suas feições se enrijeceram. Fechou o bocal da mangueira e encarou o xerife.

-Quanto tempo vai levar isso? perguntou.

-Não faço a menor idéia respondeu o xerife. Pode levar um bocado de tempo.

-Bem, o que estão procurando?perguntou Kabuo Miyomoto.

-A arma do crime respondeu Art Moran. Achamos que talvez você tenha sido o responsável pela morte de Carl Heine.

Kabuo piscou pela segunda vez e deixou cair a mangueira no tombadilho.

-Eu não matei Carl Heine insistiu. Não fui eu, xerife.

-Então não vai se importar se a gente revistar o seu barco, vai? replicou Art Moran, e subiu a bordo do barco.

Ele e Abel Martinson contornaram a cabine e entraram nela.

-Vai querer dar uma espiada nisso disse o xerife, e lhe entregou o mandado. Enquanto vai lendo, vamos começar a busca. Se não encontrarmos nada, você pode ir.

-Então, já posso ir zarpando respondeu Kabuo. Porque não há o que procurar.

-Ótimo respondeu Art. Agora, desligue o motor.

Os três entraram na cabine. Kabuo apertou o botão que desligava o barco ao lado do timão. Agora, com o motor desligado, tudo ficara silencioso.

-Estejam à vontade disse Kabuo.

-Por que não descansa um pouco? respondeu Art. Sente-se aí na cama.

Kabuo sentou-se. Leu o mandado de busca. Observou enquanto o auxiliar do xerife, Abel Martinson, revisava as ferramentas da caixa que trazia. Abel tomou cada chave e a examinou à luz de sua lanterna. Iluminou o chão da cozinha, depois se ajoelhou com uma chave de fenda na mão e abriu a tampa do compartimento das baterias. O fecho de luz da lanterna correu por sobre as baterias e desceu aos recessos do compartimento.

-D-6 informou.

Vendo que Kabuo nada respondia a isso, Abel recolocou a tampa no lugar e largou a chave de fenda. Desligou a lanterna.

-O motor fica embaixo da cama? perguntou.

-Isso mesmo respondeu Kabuo.

-Levante-se e erga o colchão disse Abel. Vou dar uma olhada, se não se importar.

Kabuo se ergueu, afastou as cobertas e o colchão e abriu a escotilha do compartimento do motor.

-Esteja à vontade disse.

Abel tornou a ligar a lanterna e enfiou a cabeça dentro do compartimento do motor.

-Nada disse, após um instante. Pode recolocar o colchão. Eles saíram e foram até o convés de ré, Abel Martinson na frente.

O xerife examinava os objetos capa de chuva, luvas de borracha, bóias, amarras, mangueira, bóia salva-vidas, vassoura, baldes. Seus gestos eram vagarosos, ele ponderava sobre cada coisa. Circunavegou o barco cuidadosamente, verificando as amarras em cada cunho enquanto o fazia, ajoelhando-se para examiná-las de perto. Por um momento ele foi até a proa e se ajoelhou ao lado da âncora, ruminando alguma coisa em silêncio. Depois voltou à popa e meteu a lanterna no cinto da calça.

-Notei que você substituiu uma amarra há pouco tempo disse a Kabuo Miyomoto. Uma bem ali no segundo cunho a bombordo. É novinha em folha, não? -Eu já a coloquei há algum tempo explicou Kabuo Miyomoto. O xerife fitou-o.

-Certo respondeu. É claro que sim. Ajude-me a abrir a escotilha do porão, Abel.

Eles a deslocaram para um lado e espiaram lá para baixo juntos. O fedor do salmão subiu até eles.

-Nada disse Abel. E agora? -Desça lá embaixo ordenou o xerife. Investigue um pouquinho, com atenção.

O auxiliar do xerife desceu até o porão. Ajoelhou-se e acendeu a lanterna. Olhou em torno.

-Bom disse. Não vejo nada.

-Nem há o que ver disse Kabuo Miyomoto. Vocês estão desperdiçando seu tempo e o meu, rapazes. Eu preciso sair para pescar.

-Saia daí disse Art Moran.

Abel virou-se para estibordo, as mãos nas braçolas da escotilha. Kabuo viu quando ele divisou o arpão de cabo longo encostado na parede sob a amurada de estibordo.

-Olhe só aquilo disse Abel.

Ele içou-se para sair do porão e agarrou o apetrecho um reforçado arpão de cerca de um metro com um gancho denteado de aço numa das extremidades. Entregou-o a Art Moran.

-Tem sangue nele mostrou.

-Sangue de peixe disse Kabuo. Eu pesco peixes com ele.

-Por que há sangue de peixe na extremidade do cabo? indagou Art. Talvez fosse razoável haver sangue no gancho, mas no cabo? Do lado por onde você o segura? Sangue de peixe? -Sem dúvida assegurou Kabuo. Mancha as mãos da gente, xerife. Pode perguntar a qualquer um desses pescadores.

O xerife tirou um lenço do bolso traseiro das calças e segurou o arpão com ele.

-Vou levar isso e mandar examiná-lo informou, entregando o arpão a Abel Martinson. O mandado me permite levá-lo. Será que não poderia deixar de sair hoje, ficar longe da água até eu entrar em contato com você? Sei que quer sair para pescar, mas acho que seria melhor não zarpar hoje. Vá para casa. Aguarde notícias. Espere até eu entrar em contato com você. Senão vou ser obrigado a prender você agora mesmo. Considerar você suspeito de estar envolvido no crime.

-Eu não o matei repetiu Kabuo Miyomoto. E não posso! me dar ao luxo de não sair para pescar. Não posso deixar o barco aqui parado

numa noite como esta, e...

-Então está preso interrompeu-o Art Moran. Porque não vou deixar você sair de jeito nenhum. Em meia hora você poderia chegar ao Canadá.

-Não, não poderia replicou Kabuo. Eu iria pescar e voltaria para casa. E a essa altura, vocês já saberiam que esse meu arpão está manchado de sangue de peixe, não do Heine. Eu poderia ir pescar meus salmões, encontrar com vocês de manhã.

O xerife abanou a cabeça e baixou as mãos até o cinto, onde apoiou os polegares sobre a fivela.

-Não disse. Você está preso. Desculpe, mas somos obrigados a deter você.

A investigação, até ali, durara cinco horas, pensou o xerife. Sherlock Holmes, lembrou-se ele. Horace Whaley rira da repugnância que havia demonstrado diante do cadáver, a cabeça com a pele removida pendendo para trás, as lascas de osso no cérebro de Carl. Lembrou-se da fralda sobre o ombro de Susan Marie, e do dedo indicador enluvado dela apontando o bolo da igreja, aquele dedo branco convidando-o a introduzir uma bala de hortelã entre os lábios. Ela se deixara cair no degrau da escada, com os pés um para cada lado, a mamadeira ao lado dos artelhos. Sem dúvida, afinal, ele havia bancado o Sherlock Holmes, sim, senhor: havia sido uma espécie de jogo. Ele não estava realmente esperando descobrir nada a não ser que Carl Heine se afogara. Caído no mar, como outros antes dele e morrido porque as coisas eram assim. Art Moran acreditava nas circunstâncias. Para ele os azares ocasionais da vida simplesmente faziam parte do cotidiano. As desventuras que testemunhara ao longo de seu trabalho

continuavam dolorosas e vívidas em sua memória, e por tê-los presenciado durante tantos stoos sabia que veria mais coisas assim; que era assim que as coisas aconteciam. A vida na ilha era como a vida em qualquer outro lugar, sob esse aspecto: de vez em quando coisas ruins acontecem.

Agora ele começava a acreditar, pela primeira vez, que estava com um assassinato nas mãos. Devia ter esperado que mais cedo ou mais tarde chegaria a enfrentar uma situação dessas. Estava satisfeito por ter-se comportado profissionalmente diante disso; conduzira a investigação tão bem quanto qualquer outro. Horace Whaley não o ridicularizaria agora por bancar o Sherlock Holmes.

Ocorreu-lhe, também, que, apesar de toda a arrogância dele, Horace Whaley estava certo. Ali estava o tal japonês com a ponta de arpão ensangüentada que Horace lhe sugerira que procurasse. Ali estava o japonês ao qual ele havia sido inexoravelmente levado por cada ilhéu com quem havia conversado.

Art Moran olhou nos olhos parados do japonês para ver se conseguia discernir neles a verdade. Mas eram olhos inflexíveis, num rosto orgulhoso, imóvel, e nada havia para ser lido neles, de jeito nenhum. Eram os olhos de um homem que ocultava suas emoções, os olhos de um homem que escondia algo.

Você está preso repetiu Art Moran, por envolvimento na morte de Carl Heine.

Por volta das 8:30 da manhã de 7 de dezembro, a sala do tribunal do juiz Fielding estava repleta de cidadãos que eram gratos pelo calor vindo dos aquecedores. Havia deixado sobretudos úmidos pendurados no vestiário, mas ainda traziam o cheiro da neve nos cabelos e nas calças, botas e suéteres. Ed Soames havia aumentado o calor de novo; isso porque o primeiro jurado relatara que alguns jurados haviam passado uma noite fria no Hotel de Axnity Harbor. Gemidos dos malfadados aquecedores, combinados com o bater do vento contra as janelas, haviam-nos mantido acordados toda a madrugada. Foram isolados no segundo andar e haviam especulado, antes de irem dormir, segundo o primeiro jurado, que a nevasca ia interromper o julgamento. A maioria deles tivera insônia e ficou tiritando na cama enquanto a tempestade castigava o hotel.

Ed Soames pediu desculpas aos jurados pelas péssimas acomodações e indicou-lhes o caminho da garrafa de café na ante-sala, da qual poderiam se servir à vontade o café estava quente, a qualquer hora durante os recessos do dia. Mostrou-lhes, como havia feito no dia anterior, uma cabine dentro da qual quatorze xícaras de café estavam penduradas em ângulo de ganchos de latão. Mostrou-lhes o açucareiro e desculpou-se por não poder oferecer creme: o estoque do Petersen havia se esgotado. Esperava que eles pudessem prosseguir apesar de tudo.

O primeiro jurado avisou que os demais estavam prontos, de forma que Ed Soames levou-os à sala do tribunal. Os repórteres encontraram seus lugares, o réu foi trazido, Eleanor Dokes assumiu seu lugar de escrevente. Ed Soames pediu-lhes que se levantassem, e,



depois que o fizeram, Lew Fielding saiu de sua sala e caminhou até sua cadeira como se não houvesse ninguém presente. Como sempre, parecia desinteressado. Apoiou a cabeça no punho esquerdo e fez sinal para Alvin Hooks.

-Um novo dia disse a ele mas ainda seu dia no tribunal, Sr. promotor. Esteja à vontade. Chame sua testemunha.

Alvin Hooks ergueu-se e agradeceu ao juiz Fielding. Tinha uma aparência de banho tomado e barba recém-feita, bem-vestido no terno de sarja com enchimento nos ombros.

-O Estado chama o dr. Sterling Whitman anunciou ele, e aí levantou-se um homem na galeria que ninguém tinha visto antes, passou pelo portão e aproximou-se do banco das testemunhas, onde prestou juramento com Ed Soames. Era alto, pelo menos 1,90m, e parecia grande demais para o terno que usava; grande parte de cada punho da camisa estava de fora; o paletó estava repuxado nos cotovelos.

-Dr. Whitman disse Alvin Hooks. Nós lhe agradecemos por enfrentar o mau tempo esta manhã para nos dar seu depoimento. Compreendo que apenas alguns nativos do continente foram corajosos o suficiente para navegar até San Piedro na balsa das 6:25... certo, senhor? -Correto respondeu o dr. Whitman. Só havia seis passageiros.

-Uma emocionante viagem através de uma nevasca ofuscante acrescentou Alvin Hooks.

-Correto repetiu o dr. Whitman.

Ele não cabia direito no banco das testemunhas e parecia uma cegonha ou garça embalada em um engradado.

-Dr. Whitman disse o promotor. O senhor é especialista em hematologia no Hospital Geral de Anacortes, certo? Será que entendi direito? -Correto.

-E já trabalha lá há quanto tempo? -Sete anos.

-Durante esse tempo, doutor, no que consistiu exatamente o seu trabalho? -Já sou hematologista há seis anos e meio. Só hematologista.

-Hematologista disse Alvin Hooks. O que exatamente faz um hematologista? O dr. Whitman coçou a nuca, depois a parte de cima da cabeça e feob a haste esquerda dos óculos.

-Especializei-me na patologia e terapêutica do sangue explicou. A maior parte do meu trabalho consiste em fazer testes e análises do sangue. Trabalho em conjunto com os clínicos.

-Entendo disse Alvin Hooks. Portanto, durante seis anos e meio sua profissão... deixe-me encontrar um meio de expor isso de 1 maneira simples... é realizar testes de sangue? E analisar os resultados desses testes, doutor? É isso? -Em poucas palavras, é disse Sterling Whitman.

-Muito bem, então disse Alvin Hooks. Agora, dr. Whitman, poderíamos caracterizá-lo de maneira precisa como especialista em testes de sangue? Devido a seus seis anos e meio de experiência? Poderia dizer que se especializou em, por exemplo, determinar o tipo sanguíneo humano? -Certamente respondeu Sterling Whitman. O tipo sanguíneo é... um exame padrão. Um procedimento padrão para qualquer hematologista... estabelecer o tipo sanguíneo.

-Muito bem disse Alvin Hooks. Na noite, na última noite, de 16 de setembro deste ano, o xerife deste condado lhe levou um arpão de pesca, não levou? E pediu-lhe para examinar uma mancha de sangue que encontrou nele. Correto, dr. Whitman? -Sim.

Alvin Hooks girou e olhou para Ed Soames; Ed lhe entregou o arpão.

-Agora, dr. Whitman disse o promotor. Estou lhe mostrando o objeto que foi classificado pelo Estado como prova 4-B. Vou entregá-lo ao senhor e lhe pedir para dar uma olhada nele.

-Tudo bem respondeu Sterling Whitman.

Ele pegou o arpão e examinou-o um arpão com cabo longo com um gancho dentado em uma das extremidades, etiquetado na ponta do cabo.

-Terminei disse ele. Já o examinei.

-Muito bem disse Alvin Hooks. Reconhece este arpão, dr. Whitman? -Sim. É aquele que o xerife Moran me trouxe na noite de 16 de setembro. Estava manchado de sangue, e ele me pediu para fazer uns testes nele.

Alvin Hooks levou o arpão para a mesa de provas diante dos jurados. Depois selecionou uma pasta entre seus papéis e voltou ao banco das testemunhas.

-Dr. Whitman prosseguiu, agora vou lhe entregar a prova 5-A. Poderia, por favor, me dizer se a reconhece, se pode identificá-la perante este tribunal? -Posso disse Sterling Whitman. É o relatório da minha pesquisa. O que escrevi depois que o xerife Moran me trouxe o arpão.

-Examine-o um momento disse Alvin Hooks. Está nas mesmas condições de quando o preparou? Sterling Whitman pôs-se a virar as páginas.

-Está disse, após um momento. Parece que sim. Está.

-E o senhor reconhece sua assinatura no documento? -Sim.

-Obrigado, doutor disse Alvin Hooks e tornou a pegar a pasta. O Estado solicita a apresentação da prova 5-A, meritíssimo.

Nels Gudmundsson pigarreou.

-Não faço objeção disse.

Lew Fielding autorizou a apresentação da prova. Ed Soames, com um floreio, carimbou-a. A seguir, Alvin Hooks a devolveu a Sterling Whitman.

-Muito bem disse ele. Agora, dr. Whitman, estou lhe devolvendo o que vai ser apresentado como prova 5-A; seu relatório de pesquisa deste arpão, entre outras coisas. Poderia, por favor, resumir para o tribunal o que encontrou? -Certamente disse Sterling Whitman, puxando desconfortavelmente um dos punhos. Número um, o sangue no arpão que recebi do xerife Moran era humano, reagiu imediatamente aos anticorpos humanos. Número dois, o sangue era do tipo B positivo, Sr. Hooks. Nesse particular a identificação foi nítida e fácil, ao microscópio.

-Algo além disso que fosse significativo? perguntou Alvin Hooks.

-Sim disse Sterling Whitman. O xerife me pediu para verificar o prontuário de um pescador chamado Carl Heine Jr., para verificar nele o tipo sanguíneo deste homem. Nós tínhamos o prontuário arquivado. O Sr. Heine havia sido tratado no nosso hospital após a guerra para uma série de exames físicos, e nós havíamos obtido seus dados médicos. Pesquisei-os e incluí-os no meu relatório. O tipo sanguíneo do Sr. Heine era B positivo.

-B positivo disse Alvin Hooks. Quer dizer que o sangue do falecido combinava com o sangue encontrado no arpão? -Sim disse Sterling Whitman. Combinava.

-Mas, dr. Whitman disse Alvin Hooks. Muita gente deve ter esse tipo B positivo. Pode afirmar com toda certeza que era de Carl Heine? - Não disse o dr. Whitman. Não posso. Mas devo acrescentar que o sangue B positivo é um tipo de sangue relativamente raro.

Estatisticamente raro. Talvez dez por cento dos caucasianos de sexo masculino.

-Um em cada dez caucasianos? Não mais? -Correto.

-Entendo disse Alvin Hooks. Um em cada dez.

-Correto repetiu Sterling Whitman.

Alvin Hooks atravessou a sala diante dos jurados e aproximou-se da mesa do réu.

-Dr. Whitman disse ele. O nome do réu é Kabuo Miyomoto. Por acaso o nome dele aparece no seu relatório? -Sim.

-A propósito de quê? perguntou Alvin Hooks.

-Bom, o xerife me pediu para verificar seus registros, também. Já que eu estava verificando a ficha de Carl Heine, será que eu poderia examinar também a de Kabuo Miyomoto? Foi o que fiz, a pedido dele. Também havia um prontuário para Kabuo. Verificou-se, ao se fazer o teste de tipo sanguíneo, que ele é O negativo: o tipo sanguíneo dele é O negativo.

-O negativo? repetiu Alvin Hooks.

-Correto. Sim.

-E o sangue no arpão de pesca que o xerife Moran lhe trouxe, aquele que ele encontrou durante a revista no barco do réu, aquele que teve nas mãos um momento atrás, era B positivo, doutor? -Sim. B positivo.

-Então o sangue no arpão não era do réu? -Não.

-Era de salmão? -Não.

-Não era de peixe nem de nenhum animal? -Não.

-Era do mesmo tipo de sangue do falecido? Do de Carl Heine Jr.? -  
Sim.

-Um tipo sanguíneo que caracterizaria como raro? -Sim.

-Obrigado, dr. Whitman. Isso é tudo.

Nels Gudmundsson, a seguir, levantou-se, trôpego, para interrogar Sterling Whitman. Na manhã deste segundo dia ele havia se tornado uma diversão para os jornalistas, que sorriam entre si a cada vez que ele pigarreava e da deselegância dele para erguer-se ou sentar-se. Ele era um velho de suspensórios, um olho inutilizado a vagar solto na órbita, pregas de pele mal barbeadas no pescoço dobradas esfoladas, irritadas e róseas, com pêlos prateados esparsos brotando delas. Mesmo assim, embora Nels Gudmundsson fosse às vezes ligeiramente ridículo, os repórteres ficavam sérios quando ele passava diante deles e lhes permitia ver de perto como suas têmperas pulsavam, a luz penetrante do seu único olho.

-Muito bem disse Nels. Dr. Whitman, importa-se de me responder algumas perguntas? Sterling Whitman disse que não se importava de jeito nenhum; era para isso que ele tinha vindo a San Piedro.

-Bem, então vamos disse Nels. Esse arpão de pesca. Disse que encontrou sangue nele? -Sim confirmou Sterling Whitman. Já disse isso no meu depoimento. Sim, encontrei.

-Esse sangue prosseguiu Nels. Onde exatamente o encontrou? Ele pegou o arpão e trouxe-o até a testemunha. Em que parte, dr.

Whitman? Na extremidade do cabo? No gancho? -Na ponta cega explicou o doutor. Deste lado apontou oposto ao gancho.

-Bem aqui? disse Nels, indicando o local com a mão. Encontrou sangue no cabo de madeira? -Sim.

-Não penetrou na madeira? indagou Nels Gudmundsson. Esse tipo de madeira não absorveria sangue, doutor? -Foi um pouco absorvido, sim disse Sterling Whitman. [as eu ainda consegui obter uma amostra.

-Como? perguntou Nels, ainda brandindo o arpão.

-Raspagem. É como procedemos com o sangue seco. Temos de raspá-lo.

-Entendo disse Nels. Usou uma lâmina, doutor? -Sim.

-Raspou o sangue para uma lâmina de microscópio? Colocou a lâmina ao microscópio? -Sim.

-E o que viu? Sangue e serragem? -Sim.

-Mais alguma coisa? -Não.

-Nada. Apenas sangue e serragem? -Correto.

-Doutor disse Nels Gudmundsson. Não havia fragmentos de osso, nem fios de cabelo, nem células de pele do couro cabeludo nesse arpão? Sterling Whitman balançou firmemente a cabeça.

-Nada disso afirmou. Foi exatamente como eu disse. Como descrevi no meu depoimento. Como escrevi no meu relatório. Apenas sangue e serragem.

-Doutor disse Nels. Não lhe parece estranho? Se este arpão tivesse realmente sido usado para infligir um golpe na cabeça de alguém, não seria de se esperar que houvesse indícios disso? Sob forma de, digamos, fios de cabelo? Ou fragmentos de osso do crânio? Ou partículas de couro

cabeludo? O tipo de coisas que talvez associemos normalmente com uma ferida na cabeça, dr. Whitman? Como prova de que o instrumento em questão havia sido usado para causar uma ferida como essa? -O xerife Moran me pediu para realizar dois testes sanguíneos disse a testemunha. Foi o que eu fiz. Resolvemos que...

-Sim, sim interrompeu Nels Gudmundsson. Como já declarou antes. O sangue no arpão era do tipo conhecido como B positivo: ninguém está contestando isso, doutor. O que quero saber é, pela sua experiência como hematologista há seis anos e meio examinando o sangue ao microscópio, não esperaria ver cabelo ou osso ou partículas de escalpo, bem como sangue, se este arpão fosse usado para infligir uma ferida na cabeça? Não esperaria, doutor? Pareceria lógico? -Não sei disse Sterling Whitman.

-Não sabe? perguntou Neis Gudmundsson. Ele ainda trazia o arpão na mão, mas agora o havia colocado sobre a borda da divisória do banco das testemunhas, entre si e o especialista em hematologia.

-Doutor disse ele. O legista que examinou o cadáver em questão incluiu no seu relatório, se é que me lembro corretamente, "uma laceração secundária e de menor importância da mão direita, estendendo-se lateralmente da dobra entre o polegar e o indicador até a parte externa do pulso". Um corte na palma da mão, em outras palavras. Um corte comum na palma da mão direita de Carl Heine. Seria possível, dr. Whitman, que um corte como esse... caso a mão estivesse fechada em torno da extremidade cega deste arpão aqui... que um corte como esse pudesse ter embebido a madeira de sangue B positivo? Seria possível, doutor? Possível? -Possível, sim disse Sterling Whitman. Mas não sei nada sobre isso. Meu único trabalho foi realizar os testes



sanguíneos que o xerife Moran me pediu para fazer. Encontrei sangue B positivo neste arpão. Como ele foi parar ali, não faço idéia.

-Bom disse Neis Gudmundsson. É bom o senhor dizer isso. Porque, como já disse, um em cada dez homens caucasianos apresenta sangue do tipo B positivo, não é? E numa ilha como essa isso significa, provavelmente, duzentos homens, doutor? Será que isso seria aproximadamente correto? -Sim. Creio que sim. Dez por cento da população caucasiana do sexo masculino. Isso...

-E a percentagem não será ainda mais alta, doutor, para homens de descendência japonesa? Uma percentagem mais alta de B positivo entre os nipo-americanos da ilha? -Sim, é. Por volta de vinte por cento. Mas...

-Vinte por cento... obrigado, doutor. É um número bem grande de homens da ilha com sangue B positivo. Mas suponhamos, para fins de argumentação, que o sangue do arpão fosse de fato de Carl Heine, mesmo que possa ter vindo de centenas de outros homens... vamos simplesmente supor isso, hipoteticamente, por um instante. Pode ter ido parar lá, me parece, no mínimo de duas maneiras. Talvez tenha vindo da cabeça do falecido, ou talvez desse corte simples na mão... da cabeça ou da mão, doutor, um dos dois. Ora, considerando-se o fato de o sangue está na ponta do cabo deste arpão onde uma pessoa normalmente colocaria sua mão, e considerando-se o fato de que encontrou apenas sangue ali, sem osso nem pele, nem cabelo, doutor, a evidência provável de uma ferida na cabeça, na minha opinião, o que lhe parece provável? Que o sangue no arpão, caso tivesse vindo de Carl Heine, veio da cabeça ou da mão? -Não faço idéia disse Sterling Whitman. Sou hematologista, não detetive.

-Não estou lhe pedindo para agir como detetive disse Nels. Só desejo saber o que é mais provável.

-Da mão, creio eu confessou Sterling Whitman. Da mão, imagino, seria mais provável que da cabeça.

-Obrigado respondeu Nels Gudmundsson. Agradeço-lhe por ter enfrentado esse mau tempo para vir aqui nos dizer isso. Ele se voltou, afastando-se da testemunha, foi até Ed Soames, e lhe entregou o arpão. Pode guardar isso, Sr. Soames disse ele. Muito obrigado. Já terminei.

Três pescadores Dale Middleton, Vance Cope e Leonard George testemunharam diante da corte que na noite de 15 de setembro tinham visto o barco de Carl Heine, o SusanMarie, com a rede lançada na zona dos cardumes no Ship Channel Bank; além disso, viram o barco de Kabuo Miyamoto, o Islander, nos arredores, mais ou menos no mesmo horário. Ship Channel, conforme explicou Leonard George, era como muitos outros lugares nos quais os homens pescavam salmões com rede: uma topografia do leito marinho estreita e limitada que obrigava o pescador a pescar próximo de outros, e a navegar com cuidado, para não destruir as redes uns dos outros enroscadas nos hélices dos barcos, na bruma noturna geral no condado da ilha no início do outono. Foi por isso que, mesmo na neblina, Leonard conseguiu distinguir tanto o Susan Marie como o Islander entre as oito e oito e meia em Ship Channel Bank; ele recordou que ao passar havia visto o Islander se aproximando, que dez minutos depois daria com o Susan Marie e veria que Carl Heine estava desenrolando a rede, afastando-se do candeio. Em suma, estavam pescando nas mesmas águas, sendo que Carl tinha ido um pouco mais para o norte e a jusante da corrente: mil metros mais perto das rotas de navios que davam nome ao Ship Channel Bank.

Nels Gudmundsson perguntou a Leonard George se era comum entre os pescadores abordarem o barco um do outro no mar.

-De maneira nenhuma replicou Leonard. Não há muitos motivos pelos quais um sujeito faria isso. Só se o motor enguiçar e alguém estiver lhe trazendo uma peça, talvez... e só, por nenhum outro motivo. Talvez se a gente se ferir, ou se o barco enguiçar, ou coisa assim. De outra forma, não se costuma amarrar um barco no outro. A gente faz o nosso trabalho, fica cada um na sua.

-Os homens costumam brigar no mar? perguntou Nels. Ouvi falar que sim. Que os pescadores de salmões costumam discutir no mar. Há brigas por lá, Sr. George? -Pode apostar que sim confirmou Leonard. Se um sujeito vir que foi cortiçado...

-Cortiçado? interrompeu Nels. Pode explicar-nos isso em poucas palavras? Leonard George respondeu que uma rede de pesca de salmão tinha uma parte superior e uma inferior; na parte de baixo da rede há a chumbada peças de chumbo aplicadas nas extremidades da rede para que o peso a mantenha fixa ao fundo e que a parte superior era conhecida como a linha de cortiça: bóias de cortiça permitiam à rede flutuar na superfície, de forma que a distância uma rede parecesse uma linha de cortiça com a popa do barco de um lado e um candeio de advertência do outro. Quando um homem colocava a rede de forma a interceptar a corrente diante de outro pescador, ele o "cortiçava", roubava os peixes capturando-os antes de eles chegarem ao outro. Isso dava problemas: era preciso recolher a rede, ultrapassar o pescador da frente e lançar a rede em algum outro ponto corrente acima, caso em que o outro pescador poderia resolver pular carniça e obrigar ambos a perderem tempo de pescaria. Mesmo com tudo isso, segundo afirmou Leonard, nenhum homem abordava o barco de outro. Não era normal;

nunca tinha ouvido falar nisso. Cada um se virava sozinho, a menos que tivesse algum tipo de emergência e precisasse da ajuda de outro homem.

Alvin Hooks chamou o primeiro-sargento do Exército, Victor Maples, para o banco após o recesso daquela manhã. O sargento Maples estava de uniforme verde de gala e as insígnias da Quarta Divisão de Infantaria. Exibia os distintivos de atirador de elite e de infantaria de combate. Os botões de latão do casaco do sargento Maples, a insígnia na gola e os distintivos no peito atraíam a luz fraca da sala do tribunal e a concentravam. O sargento Maples estava com um excesso de peso de dezessete quilos e meio, mas ainda parecia ilustre de uniforme de gala. O peso extra estava bem distribuído; Maples era um homem corpulento. Tinha braços curtos e grossos, não tinha pescoço, e um rosto rechonchudo de adolescente. Seus cabelos estavam arrepiados, cortados a navalha.

O primeiro-sargento Maples explicou à corte que desde 1946 havia sido designado para servir no Fort Sheridan, em Illinois, onde se especializou no treinamento de tropas de combate. Antes disso, havia treinado recrutas no Acampamento Shelby, Mississippi, antes de participar da campanha da Itália em 1944 e 1945. O sargento Maples havia sido ferido em batalha no rio Arno uma bala alemã se alojara na altura dos rins, quase pegando a coluna e recebera a Estrela de Prata por isso. Ele também estivera em Livorno e Luciana e vira em ação o 442º regimento nissei, ao qual o réu havia pertencido, ao longo da Linha Gótica.

O sargento Maples havia treinado, nessa época, milhares de homens no combate corpo a corpo. O corpo-a-corpo era sua especialidade, segundo disse; havia trabalhado em outras áreas de

treinamento básico, mas acabava voltando a ministrá-lo. O sargento Maples lembrou ao tribunal seu espanto no início de 1943 quando o 442º composto de rapazes nisseis começou a treinar no Acampamento Shelby. Eram rapazes de campos de concentração, alistados para serem encaminhados ao teatro europeu, e entre eles, segundo recordou o sargento Maples, estava o réu, Kabuo Miyomoto.

Ele se lembrava de Kabuo dentre os milhares que treinara por causa de... um episódio peculiar. Dez esquadrões de recrutas haviam cercado o sargento Maples no campo de exercícios no Acampamento Shelby numa tarde de fevereiro dez esquadrões compostos de rapazes nisseis, de forma que ele se viu em meio a cem rostos japoneses enquanto explicava as particularidades da baioneta. O sargento Maples informou aos recrutas que era política do Exército dos Estados Unidos preservar as vidas deles até chegarem ao campo de batalha; por isso usariam um bastão de madeira em vez da arma real durante os exercícios. Também usariam capacetes.

O sargento começou a demonstrar os golpes de baioneta, depois pediu um voluntário. Foi nessa altura, contou ele ao tribunal, que ficou frente a frente com o réu. Um jovem avançou para o meio do círculo formado pelos recrutas em treinamento e apresentou-se ao sargento, curvando-se ligeiramente antes de saudá-lo e bradar "Senhor!".

-Antes de mais nada ralhou o sargento Maples, não tem de me saudar nem de me chamar de senhor. Sou um homem alistado, como você... um sargento, não um suboficial nem um major. Em segundo lugar, ninguém neste Exército se curva para ninguém. Há muitos oficiais que esperariam uma saudação, mas não que você se curve. Isso não é militar. Não na América. Não se faz isso.

O sargento Maples deu um bastão de madeira a Miyomoto e lhe atirou um capacete de boxeador. Havia algo de agressivo na maneira como o rapaz tinha falado, e o sargento Maples ouvira aquilo. Ele conhecia vagamente aquele jovem em especial, que havia adquirido a reputação, durante o treinamento básico, como um lutador bastante aguerrido, pronto a matar e sempre eficiente. Maples tinha visto muitos rapazes iguais em seus treinamentos e nunca se intimidava com sua insolência juvenil; ele só se impressionava em raras ocasiões e não costumava encará-los de igual para igual.

-Em combate, seu inimigo não vai ficar parado disse a seguir, encarando o rapaz. Praticar com um boneco ou um saco é uma coisa, outra é lutar com um ser humano treinado que representa de forma mais acurada o movimento vivo. Neste caso disse ele ao grupo de recrutas, nosso voluntário procurará evitar os golpes padronizados de baioneta a ele demonstrados nesta tarde.

-Sim, senhor disse Kabuo Miyomoto.

-Nada mais de "senhor" replicou o sargento Maples. Que seja esta a última vez.

Ele explicou ao tribunal como tinha ficado surpreso como ficou absolutamente espantado quando viu que não conseguia atingir o réu. Kabuo Miyomoto mal se movia, mas mesmo assim escapava a todos os golpes. Os cem recrutas nisseis assistiam a tudo em silêncio e não davam sinal de aprovarem um ou outro homem. O sargento Maples atacou com seu bastão de madeira até Kabuo conseguir derrubá-lo das suas mãos.

-Desculpe-me disse Miyomoto. Ajoelhou-se, pegou o bastão e devolveu-o ao sargento. Depois curvou-se mais uma vez.

-Não precisa se curvar repetiu o sargento. Já lhe disse isso.

-Faço isso por hábito disse Kabuo Miyomoto. Estou acostumado a me curvar quando luto com alguém. Depois, subitamente, ele ergueu seu próprio bastão de madeira. Olhou o sargento Maples nos olhos e sorriu.

O sargento Maples concordou com o inevitável e lutou com o réu naquela tarde. O combate durou apenas três segundos. Na primeira investida o sargento foi derrubado e caiu de cabeça para baixo no solo com a ponta do bastão, depois o bastão foi recolhido, o réu curvou-se e ajudou-o a erguer-se.

-Desculpe-me, sargento dissera ele, depois. Seu bastão, sargento ele o havia devolvido a ele.

Depois disso o sargento Maples aproveitou a oportunidade de estudar kendo com um especialista. O sargento Maples não era estúpido contou ao tribunal essa passagem sobre si mesmo sem nem um resquício de ironia, e assim aprendeu tudo o que pôde com Miyomoto, incluindo a importância de curvar-se. O sargento Maples tornou-se mestre com o tempo e depois da guerra ensinou técnicas de kendo aos soldados das tropas de assalto do Exército em Fort Sheridan. Do seu ponto de vista como especialista na antiga arte japonesa de luta com varas, o sargento Maples podia dizer com certeza que o réu era eminentemente capaz de matar um homem muito maior do que ele com um arpão. Na realidade, havia poucos homens que conhecia capazes de se defender a si mesmos contra um ataque de Kabuo Miyomoto certamente um homem que não fosse treinado no kendo tinha pouca chance de derrotá-lo. Ele era, segundo o que o sargento Maples sabia, um homem tecnicamente competente na luta com varas e propenso a praticar atos de violência contra outro homem. Tornou-se, segundo os registros, um excelente soldado. Não, o sargento Victor

Maples não se surpreenderia em saber que Kabuo Miyomoto havia matado um homem com um arpão de pesca. Era perfeitamente capaz de fazer tal coisa.

Susan Marie Heine já era viúva havia quase três meses na época do julgamento do Kabuo Miyomoto, mas ainda não estava muito acostumada à viuvez, e ainda havia horas intermináveis especialmente à noite em que ela não conseguia pensar em nada que não fosse Carl e o fato de que ele se fora para sempre da sua vida. Na galeria com sua irmã de um lado e a mãe do outro, vestida de preto dos pés à cabeça e com os olhos velados por um véu com bolinhas de chenille, Susan Marie parecia tristemente atraente: exalava um sofrimento louro e lamentável que fazia os repórteres se voltarem na sua direção e ponderar sobre a conveniência de conversar intimamente com ela sob o disfarce de necessidade profissional. Os espessos cabelos da jovem viúva estavam trançados e presos para cima, sob o chapéu, de forma que o pescoço de alabastro que Art Moran tanto admirava quando ela servia café nas reuniões da igreja ficava exposto a todos no tribunal. O pescoço e as tranças bem como as mãos brancas decorosamente entrelaçadas sobre o colo contrastavam nitidamente com os trajes negros de luto e lhe davam um ar de jovem baronesa alemã despretensiosa que talvez tivesse perdido o marido apenas recentemente, mas, apesar disso, não havia se esquecido de como se vestir bem, mesmo que para expressar seu pesar. E era pesar, acima de tudo, que Susan Marie expressava. Aqueles que já a conheciam há muito tempo percebiam que até o rosto dela havia mudado. Os conhecidos mais recentes atribuíam a mudança ao fato de que ela havia perdido totalmente o apetite desde a morte de Carl haviam surgido sombras logo abaixo das maçãs do rosto, mas outros viam naquilo uma alteração mais profunda, que envolvia seu



espírito. O pastor da Primeira Igreja terana passou quatro domingos sucessivos pedindo à congregação para rezar não só pela alma de Carl Heine, mas pela "libertação de gusan Marie da tristeza com o passar do tempo", também. Para alcançar este último objetivo, o auxiliar das mulheres da igreja havia fornecido a Susan Marie e os filhos um mês inteiro de ceias quentes em travessas refratárias, e Einar Petersen providenciara a entrega de comestíveis a ela a domicílio. Foi através dos alimentos que a ilha expressou suas condolências a Susan Marie, quando ela enviuvou.

Alvin Hooks, o promotor, conhecia bem o valor de uma Susan Marie Heine. Ele havia chamado ao banco das testemunhas o xerife do condado e o legista do condado, a mãe da vítima e o sueco concubina de quem a vítima havia planejado comprar a fazenda que fora do pai dela. Ele havia recorrido a diversos depoimentos de testemunhas secundárias Sterling Whitman, Dale Middleton, Vance Cope, Leonard George, sargento Victor Maples e agora arremataria apresentando a esposa da vítima, uma mulher que já havia causado um impacto muito favorável só sentada na galeria onde os jurados podiam gostar de trair uma mulher daquelas com um veredicto de "inocente" no final. Ela os persuadiria não exatamente com o que tinha a dizer, mas com sua aparência como um todo.

Na tarde de terça-feira, 9 de setembro, Kabuo Miyomoto havia batido à sua porta e pedido para falar com o marido dela. Era um dia de céu limpo, do tipo que San Pedro raramente via em setembro neste ano, porém, tiveram uma seqüência deles no início do mês, um dia de grande calor, porém com uma brisa da praia que agitava as folhas dos amieiros e até arrancava algumas, arremessando-as ao solo. Havia silêncio num minuto, no seguinte uma rajada de vento vinha da água

cheirando a sal e algas, e o bramido das folhas das árvores era tão alto quanto o barulho das ondas quebrando numa praia. Uma lufada do vento agitou a camisa de Kabuo Miyomoto enquanto ele estava na varanda, de maneira que o colarinho lhe rolhou no pescoço um momento e os ombros ergueram-se enchendo-se de ar como balões.

Depois o vento parou e a camisa dele voltou para o lugar, e ela convidou-o a entrar e a sentar-se na sala da frente; ela avisou que ia chapar o marido.

O japonês parecia hesitante em entrar na casa dela naquela tarde.

-Posso aguardar na varanda, sra. Heine sugeriu ele. A tarde está bonita. Vou esperar aqui fora.

-Bobagem respondeu ela e afastou-se da porta. Fez um gesto, indicando a sala de estar. Entre e fique à vontade. Saia do sol e sente-se, por que não? Aqui dentro está fresco e agradável.

Ele a olhou, pestanejou, mas só avançou um passo.

-Obrigado disse. É uma linda casa.

-Foi Carl quem a construiu respondeu Susan Marie. Por favor, entre, agora. Sente-se.

O japonês passou por ela, dobrou à esquerda e empoleirou-se na beirada do sofá. As costas estavam eretas, portava-se de maneira formal. Era como se considerasse ficar à vontade um insulto de alguma espécie. Com uma deliberação que beirava, conforme a opinião dela, algo estilizado, ele entrelaçou as mãos e aguardou, concentrado.

-Vou chamar Carl disse Susan Marie. Só vai levar um minuto.

-Ótimo disse o japonês. Obrigado.

Ela o deixou ali. Carl e os meninos estavam lá fora, escolhendo varas de framboesa, e ela os encontrou abaixados entre as treliças do lado sul, Carl cortando as velhas, os meninos enchendo o carrinho de mão. Ela parou na extremidade da fileira de pés e chamou-os.

-Carl! Visita para você. É Kabuo Miyomoto. Está esperando. Todos se viraram para olhá-la, os garotos pequenos e sem camisas perto das fileiras de pés de framboesas, Carl ajoelhado, com a faca na mão. Ele, um gigante de barba ruiva, fechou a faca e meteu-a na bainha do cinto.

-Onde? indagou. Kabuo? -Lá na sala. Está esperando.

-Diga-lhe que já vou respondeu Carl. E suspendeu os dois meninos, colocando-os dentro do carrinho de mão, sobre as varas colhidas. Cuidado com os espinhos avisou. Aqui vamos nós.

Ela voltou e informou ao japonês que o marido logo viria conversar com ele; estava trabalhando na plantação de framboesas.

-Aceitaria um café? acrescentou.

-Não, obrigado respondeu Kabuo.

-Não vai me custar nada insistiu ela. Por favor, aceite um pouquinho.

-É muita gentileza sua disse ele. A senhora é muito educada.

-Então vai aceitar? indagou Susan Marie. Carl e eu estávamos planejando tomar uma xícara.

-Tudo bem, então disse Kabuo. Obrigado. Vou aceitar. Obrigado. Ele ainda estava sentado na mesma posição, empoleirado na beirada do sofá gasto, exatamente como ela o havia deixado minutos antes. Susan Marie achou aquela imobilidade inquietamente e estava à ponto de

sugerir que ele se recostasse e relaxasse, ficasse à vontade, confortável, quando Carl entrou pela porta da frente. Kabuo Miyomoto ergueu-se.

-Ei disse Carl. Kabuo.

-Carl disse o japonês.

Eles se aproximaram um do outro e apertaram-se as mãos, o marido dela quinze centímetros mais alto que o visitante, barbado e espadaúdo, vestindo uma camiseta manchada de suor.

-Que tal a gente sair? sugeri. Dar uma volta pela propriedade, ou coisa assim? Sair da casa, ir lá para fora? -Parece bom disse Kabuo Miyomoto. Espero que não esteja sendo inconveniente acrescentou.

Carl virou-se e olhou para Susan Marie.

-Kabuo e eu vamos sair disse ele. Voltamos logo. Vamos dar uma volta.

-Tudo bem respondeu ela. Vou fazer o café.

Quando eles saíram ela subiu para ver o bebê. Debruçou-se sobre a grade do berço e sentiu o aroma do hálito cálido da menina, acariciando com o nariz a face dela. Da janela viu os filhos no quintal, os cocurutos deles, ambos sentados no capim ao lado do carrinho virado. Estavam amarrando as varas de framboesa.

Susan Marie sabia que Carl havia conversado com Ole Jurgensen e dera um sinal para comprar a fazenda dele; ela sabia como Carl se sentia a respeito do velho lugar em Island Center e conhecia sua paixão pelo cultivo dos morangos. Mesmo assim, ela não queria sair da casa da Mill Run Road, com sua luz cor de bronze, tábuas de pinho envernizadas e caibros do telhado expostos no dormitório, a vista para o mar, além das framboesas. Da janela do quarto do bebê, olhando os campos, ficava

mais claro do que nunca para ela que não queria se ajudar. Havia sido filha de um fazendeiro de feno e lenhador, um homem que não conseguia viver dentro de seu orçamento; ela havia cortado milhares de lascas de madeira, havia se curvado sobre um toco de cedro com malho e talhadeira, os cabelos louros lhe caindo nos olhos. Era a segunda de três filhas e lembrava-se de como sua irmã caçula havia morrido de tuberculose, certo inverno; eles a enterraram no Indian Knob Hill, na parte luterana do cemitério. O solo estava congelado, e os homens tiveram dificuldade em abrir a sepultura de Eilen. Levara a maior parte de uma manhã de dezembro.

Ela havia conhecido Carl Heine porque estava com vontade de conhecê-lo. Em San Pedro, uma mulher com a aparência dela poderia fazer algo assim se o fizesse com a inocência adequada. Ela estava com vinte anos e trabalhava na Farmácia do Larsen, atrás de um balcão de carvalho, atendendo os clientes. Certa noite de sábado, às 23:30, num morro acima do pavilhão de bailes em West Port Jensen, ela ficou de pé sob os galhos de um cedro enquanto Carl corria as mãos sob sua blusa e lhe acariciava os seios com seus dedos de pescador. Os bosques estavam iluminados por lampiões, e bem abaixo, na baía, pelos intervalos entre as folhas das árvores, ela podia distinguir as luzes dos tombadilhos dos iates ali ancorados.

Parte da luz chegava ao local onde estavam, de forma que ela podia enxergar o rosto dele. Essa era a terceira dança deles. Agora ela já sabia definitivamente que apreciava o rosto dele, que era largo, curtido e confiável. Ela segurou-lhe o rosto entre as mãos e olhou-o a uma distância de quinze centímetros. Era o rosto de um rapaz nativo da ilha e, ao mesmo tempo, misterioso. Afinal de contas, ele havia lutado na guerra.

Carl começou a beijar-lhe o pescoço de forma que Susan Marie teve que jogar a cabeça para trás para dar espaço para ele ele, com sua barba ruiva. Ela olhou para cima, entre os galhos dos cedros, e inalou seu perfume, e ele foi deslizando os lábios sobre as clavículas dela até chegar ao espaço entre seus seios. Ela permitiu. Lembrava-se claramente de que havia permitido que ele fizesse isso, como não foi resignação, como tinha sido com dois outros garotos um quase no fim do último ano de colegial e outro no verão, antes deste, mas, em vez disso, era seu profundo e intenso desejo, esse pescador barbudo que tinha ido à guerra e, de vez em quando, se ela o pressionasse, falava disso sem exagerar. Ela acariciou a cabeça dele com os dedos e sentiu como era estranho o roçar da barba contra os seios.

Carl... murmurou ela, mas não tinha nada a dizer em seguida, não sabia que outras palavras pronunciar. Depois de algum tempo ele parou e firmou as mãos contra o tronco do cedro atrás dela, de forma que seus braços grossos e musculosos ficaram um de cada lado da cabeça dela. Ele a olhou de perto, com uma intimidade e uma seriedade que não pareciam embaraçá-lo este homem triste, depois ajeitou um fio de cabelo louro atrás da orelha dela. Ele a beijou e depois, ainda fitando-a nos olhos, desabotoou dois botões da blusa dela e beijou-a outra vez, de forma que ela ficou agradavelmente presa entre ele e a árvore. Ela se encostou nele com os músculos da pelve, algo que jamais tinha feito com um homem antes. Era um reconhecimento do seu desejo, uma revelação dele, e que a surpreendeu até o fundo do seu ser.

Porém, de certa forma, ela não se surpreendia de nenhuma maneira ao se ver, com vinte anos de idade, se esfregando em Carl Heine sob a fronde de um cedro acima do pavilhão de bailes. Afinal de contas, ela havia tramado isso, desejado que acontecesse. Descobriu, aos

dezessete anos, que podia modelar o comportamento dos homens com o seu comportamento e que essa capacidade se baseava em sua aparência. Ela não ficava mais espantada ao mirar-se no espelho e ver que havia adquirido os seios e ancas de uma atraente mulher adulta. Seu espanto rapidamente se transformou em satisfação pela mudança. Seu corpo era roliço e firme, nítida e acentuadamente curvilíneo, e seus abundantes cabelos louros lançavam um brilho sobre seus ombros quando ela usava maio. Seus seios ficavam apenas ligeiramente afastados um do outro e roçavam na parte de dentro dos seus braços quando ela caminhava. Eram grandes, e quando ela superou a vergonha que sentia deles conseguiu se divertir com o fato de os rapazes ficarem inquietos na sua presença. Mesmo assim, Susan Marie nunca flertava. Ela não dava a entender que sabia que era bonita. Saiu com dois rapazes antes de conhecer Carl e insistiu que fossem comedidos e educados. Susan Marie não queria ser acima de tudo um par de seios, mas, por outro lado, se orgulhava de si mesma. Ainda trazia consigo esse orgulho aos vinte e poucos anos, até dar à luz o segundo filho e seus seios não serem mais tão importantes para ela como o seu ponto mais visível onde residia sua sexualidade. Dois filhos haviam-nos sugado com as gengivas e lábios, e eles agora não lhe pareciam mais os mesmos. Ela usava sutiãs com armação para erguê-los.

Susan Marie soube, três meses depois de se casar com Carl, que havia feito uma excelente escolha. À sua moda séria e silenciosa de veterano, ele era confiável e gentil. Passava as noites pescando. Voltava de manhã, tomava café e banho, depois iam para a cama. Ele passava pedra-pomes nas mãos para suavizá-las, para que, apesar de serem mãos de pescador, seu toque fosse agradável nos ombros dela. Os dois mudavam de uma posição para a outra, experimentando de tudo, o sol

batendo na cortina fechada, seus corpos se movimentando na penumbra matinal, mas plenamente visíveis. Ela descobriu que havia se casado com um homem atencioso cujo objetivo como amante era assegurar sua satisfação. Ele interpretava todos os movimentos dela como sinais e quando ela estava próxima ao orgasmo, recuava apenas o suficiente para que a excitação dela se exacerbasse ainda mais. Aí ela precisava deitá-lo de barriga para cima e balançar-se com força sobre ele com a coluna arqueada, enquanto ele, meio sentado, os músculos do ventre contraídos, lhe acariciava os seios e os beijava. Ela costumava gozar assim, controlando suas sensações, procurando os pontos de maior prazer sobre o corpo de Carl, e Carl sincronizava as coisas de forma a começar a gozar enquanto ela estava gozando e assim evitar que ela terminasse, para que ao final do orgasmo ela não se satisfizesse e fosse obrigada a procurar ter mais um, que o pastor da Igreja Luterana de First Hill não podia aprovar nem condenar, porque ela tinha certeza não fazia idéia de que fosse possível.

Carl dormia até uma da tarde, depois almoçava e saía para trabalhar na propriedade. Ficou feliz quando ela lhe contou que estava grávida. Só parou de transar com ela quando ela lhe pediu, no início do nono mês. Algum tempo depois do nascimento do primeiro filho, Carl comprou seu barco. Quando o batizou com o nome dela, ela gostou e subiu a bordo, e eles levaram o bebê para passear na baía e para oeste até a ilha se tornar uma linha baixa e negra no horizonte. Ela sentou-se na cama para amamentar o bebê enquanto Carl estava ao leme. Enquanto estava sentada, contemplava a nuca dele, seus cabelos curtos, desalinhados, os grandes músculos de suas costas e ombros. Eles comeram umas sardinhas enlatadas, duas peras, um saco de avelãs. O bebê adormeceu na cama e Susan Marie subiu num estrado para pilotar



o barco enquanto Carl, por trás dela, lhe massageava os ombros e os quadris, depois as nádegas. Ela apertou o leme com mais força quando ele lhe levantou a saia e abaixou as calcinhas, e depois, recostando-se contra o leme do barco, esticou os braços para trás de modo a deslizar as mãos ao longo dos quadris do marido, fechava os olhos e balançava.

Era disso que Susan Marie se lembrava. Na sua avaliação a vida sexual deles constituía o âmago do seu casamento. Havia permeado tudo o mais entre eles, uma situação com a qual ela às vezes se preocupava. Se a vida sexual entre eles passasse a não dar certo, será que 1 se desentenderiam? Em algum ponto mais adiante na estrada da vida, quando tivessem mais idade e a paixão diminuísse, quando o desejo que sentiam um pelo outro tivesse arrefecido e se desgastado, então como estariam? Ela nem queria pensar nisso nem remoer como entre eles, um dia, poderia não haver nada a não ser o silêncio dele e sua, obsessão por seu trabalho no momento, fosse qual fosse no barco, na casa, nos jardins.

Ela via o marido e Kabuo Miyomoto caminhando pela divisa da propriedade. Depois eles subiram uma elevação e desapareceram de vista, e ela inclinou-se para acariciar os cabelos do bebê tão belo sob sua mão e tornou a descer as escadas.

Em vinte minutos Carl voltou sozinho, trocou de camiseta e acomodou-se na varanda com a cabeça apoiada nas mãos.

Ela saiu com uma xícara de café em cada mão e sentou-se à direita dele.

-O que ele queria? perguntou ela.

-Nada respondeu Carl. Tínhamos que conversar sobre uns assuntos. Nada de mais. Nada importante.

Susan Marie lhe deu uma xícara de café.

-Está quente disse. Cuidado.

-Tudo bem respondeu Carl. Obrigado.

-Eu fiz café para ele também disse Susan Marie. Pensei que ele fosse ficar.

-Não era nada disse Carl. É uma longa história. Susan Marie envolveu-lhe o ombro com um braço.

Qual é o problema? indagou.

-Não sei suspirou Carl. Ele quer três hectares de terra do Ole. Quer que eu deixe o Ole vender essa terra para ele. Ou que eu os venda para ele. Sabe, saia do caminho dele.

Três hectares? -Aqueles que eram da família dele. Ele os quer de volta. Aquele assunto do qual a mamãe vive falando.

-Isso disse Susan Marie. Tive a impressão de que era isso quando ele apareceu. Isso acrescentou ela, tristemente.

Carl nada disse. Era próprio dele não dizer muita coisa num momento como esse. Ele não gostava de explicar nem detalhar as coisas, e havia uma parte dele que ela não podia atingir. Ela atribuía isso às experiências de guerra, e, na maior parte das vezes, ela deixava estar, esse silêncio dele. Mas às vezes o silêncio a irritava.

-O que disse a ele? perguntou dessa vez. Ele saiu zangado, Carl? Carl baixou a xícara. Apoiou os cotovelos nos joelhos.

-Droga respondeu. O que eu poderia dizer a ele? Tenho que pensar na mamãe, você a conhece, tenho que pensar nesse negócio. Se eu concordasse... Ele deu de ombros e pareceu desconsolado um momento.

Ela viu as rugas que o vento marinho havia esculpido nos cantos dos seus olhos azuis.

-Eu disse a ele que teria que refletir sobre o assunto, conversar com você. Disse que mamãe estava zangada com ele... falei sobre as caretas que ele fazia. Ele gelou quando mencionei isso. Foi muito educado, mas gélido. Nem olhou mais para mim. Não quis entrar para tomar café. Eu não sei, acho que fui culpado. Acho que nos desentendemos. Eu não consegui falar com ele, Susan. Eu simplesmente... eu não... sabia como fazer isso. Eu não sabia o que dizer a ele.

Ele se calou. Ela viu que ele estava num momento de crise, pensou melhor, e conteve a língua. Nunca tinha estado muito claro para ela se Carl e Kabuo eram amigos ou inimigos. Esta era a primeira vez que ela os vira juntos e lhe parecia foi a impressão que teve que restaram alguns bons sentimentos entre os dois, que depois de todo esse tempo eles ainda conservavam a lembrança de sua amizade. Mas não havia como saber ao certo. Podia ser que a cordialidade e os apertos de mão entre eles não passassem de uma rígida formalidade, que por trás disso eles se odiavam. Ela sabia, de qualquer maneira, que a mãe de Carl guardava rancor de todos os Miyomoto; às vezes falava deles no jantar aos domingos, de uma forma rancorosa e obsessiva. Carl em geral ficava em silêncio quando ela se calava, ou concordava superficialmente, mudando de assunto depois. Susan Marie já havia se acostumado com essas mudanças de assunto e com a relutância de Carl em tratar do assunto. Estava acostumada com isso, mas se sentia incomodada, e ela desejava poder esclarecer tudo agora mesmo, os dois sentados juntos na varanda.

O vento agitou as copas dos amieiros, e ela sentiu o estranho calor do outono nele como, desde a guerra, ele não conseguia falar. Até seus velhos amigos se incluíam nisso, de maneira que Carl era um homem solitário que compreendia a terra e o trabalho, o barco e o mar, suas próprias mãos, mais do que a boca e o coração. Ela se solidarizava com ele e esfregava seu ombro suavemente, aguardando, paciente, ao seu lado.

-Droga disse Carl, depois de algum tempo. De qualquer forma, imagino que, por você, eu poderia entregar tudo a ele e deixá-lo fazer o que quiser. Acho que você não quer morar lá, mesmo.

-Aqui é tão bonito respondeu Susan Marie. Dê uma olhadinha em volta, Carl.

-Dê uma olhada lá disse ele. São quase 27 hectares, Susan. Ela entendeu. Ele precisava de muito espaço, um terreno amplo no qual trabalhar. Havia crescido em meio à vastidão do campo, e o mar, apesar da sua amplitude, não substituía os campos verdes. Carl precisava de espaço, muito mais espaço que o seu barco lhe podia oferecer e, além disso, para esquecer a guerra o naufrágio do Canton, homens se afogando enquanto ele assistia a tudo, ele teria de abandonar o barco para sempre e plantar morangos como o pai. Ela sabia que era o único jeito de o marido se curar; isso é que a motivava, afinal, para ir morar com ele em Island Center.

-Se você vender a ele os três hectares começou Susan Marie, o que de pior sua mãe poderia fazer? Carl balançou a cabeça enfaticamente.

-Não vai aceitar de jeito nenhum disse ele. Acontece que Kabuo é um japa. E eu não odeio os japas, mas também não gosto deles. É difícil explicar. Mas ele é um japa.

-Ele não é um japa disse Susan Marie. Você não está querendo dizer isso, Carl. Já ouvi você dizer coisas mais gentis sobre ele. Vocês eram amigos.

-Éramos disse Carl. Isso mesmo. Há muito tempo. Antes da guerra. Mas agora não gosto mais dele. Não gostei da reação dele quando eu disse que ia pensar, como se ele esperasse que eu simplesmente lhe entregasse os três hectares, como que para pagar alguma dívida ou...

Ouviu-se um grito de criança vindo dos fundos da casa então, um grito de dor em vez de briga ou perturbação, e Carl já estava correndo na sua direção antes de Susan Marie ter tempo de se levantar. Encontraram o menino mais velho caído sobre uma pedra do calçamento segurando o pé esquerdo com ambas as mãos; havia-o cortado na borda afiada de uma escora sobre o carrinho virado ao seu lado. Susan Marie ajoelhou-se e beijou-lhe o rosto, abraçando-o ternamente enquanto o pé dele sangrava. Ela se lembrou de como Carl olhou para o ferimento, de um jeito compassivo, transformado. Não era mais um veterano de guerra. Eles levaram o garoto até o dr. Whaley, depois Carl saiu para pescar. Os dois não haviam mais falado sobre Kabuo Miyomoto, e Susan Marie logo viu que o assunto, de certa forma, era tabu. Era tabu no casamento dela abrir as feridas do marido e olhá-las, a menos que ele lhe pedisse isso.

O casamento deles, compreendeu ela depois que Carl saiu, havia girado sempre em torno do sexo. Tinha sido assim desde o início, até o dia em que Carl saiu da sua vida: naquela manhã, enquanto as crianças dormiam, eles fecharam a porta do banheiro, trancaram-na e despiram-se. Carl tomou uma ducha e Susan Marie reuniu-se a ele depois que o fedor de salmão desceu pelo ralo. Ela lavou o pênis grande dele e o sentiu endurecer-se entre seus dedos. Enlaçou o pescoço dele com os

braços, prendeu um pé no outro atrás dele. Carl segurou-a com suas mãos fortes agarrando os músculos das coxas dela e encostou o rosto de lado contra os seios dela, lambendo-os. Eles transaram assim, de pé na banheira, com a água escorrendo no corpo e os cabelos louros de Susan Marie colados no rosto dela e as mãos agarradas em torno da cabeça do marido. Lavaram-se depois, demorando-se nisso do jeito carinhoso em que certos casais o fazem, depois Carl foi para a cama e dormiu até uma da tarde. Às duas, depois de um almoço de ovos fritos e raiz de girassol, peras em conserva e pão com mel de trevo, ele saiu para trocar o óleo do trator. Ela o viu da janela da cozinha naquela tarde catando maçãs arrancadas antes do tempo pelo vento e jogando-as num saco de aniagem. Às 3:45 ele voltou para casa e despediu-se dos filhos, que estavam sentados na varanda bebendo suco de maçãs e comendo biscoitos de trigo integral e jogando seixos para a frente e para trás. Ele entrou na cozinha, envolveu a esposa nos braços e explicou que, a menos que a pescaria fosse excelente, ele ia voltar para casa cedo na manhã seguinte, esperava, por volta das quatro da madrugada. Depois partiu rumo às docas de Amity Harbor e nunca mais ela tornou a vê-lo.

Gudmundsson ficou de pé, distante do banco das testemunhas, quando foi sua vez de interrogar Susan Marie: ele não queria parecer lascivo aproximando-se demais de uma mulher de uma beleza tão trágica e sensual. Tinha vergonha de sua idade e achava que os jurados iriam julgá-lo repulsivo se ele não se distanciasse de Susan Marie Heine e parecesse de modo geral neutro em relação à vida do seu corpo. Um mês antes, Nels recebera do médico de Anacortes a notícia de que sua próstata estava ligeiramente maior. Teria de ser removida cirurgicamente, e ele não seria mais capaz de produzir fluido seminal. O médico havia feito perguntas embaraçosas a Nels e ele fora obrigado a revelar algo a seu respeito de que ele se envergonhava: não conseguia mais ter uma ereção. Conseguia brevemente, mas o membro encolhia-se em sua mão antes que ele conseguisse gozar. O pior não era isso, era que uma mulher como Susan Marie Heine lhe despertava uma profunda frustração. Ele se sentia derrotado enquanto a admirava no banco das testemunhas. Não era mais possível a ele co-municar a nenhuma mulher mesmo as de sua idade, conhecidas da cidade seu mérito e valor como amante, pois ele não valia mais nada nesse aspecto, e tinha de admitir isso para si mesmo como amante, ele estava acabado.

Nels lembrou-se, enquanto olhava Susan Marie, dos melhores anos de sua vida sexual, mais de meio século atrás. Ele não podia acreditar que isso tivesse acontecido. Ele tinha 79 anos e estava aprisionado num corpo decadente. Era difícil para ele dormir e urinar. O corpo o havia traído, e a maioria das coisas que ele considerava normais antes não eram mais possíveis. Um homem poderia facilmente ficar amargurado por tais circunstâncias, mas Nels resolveu não se inquietar

desnecessariamente com os dilemas insolúveis da vida. Ele, aliás, alcançara uma espécie de sabedoria se desejamos chamá-la assim, embora, ao mesmo tempo, soubesse que a maioria dos idosos não eram sábios, mas tinham uma fina camada de sabedoria barata como uma espécie de armadura contra o mundo. De qualquer forma, o tipo de sabedoria que os mais jovens buscavam junto aos mais velhos não podia ser adquirido nessa vida, não importa quantos anos eles vivessem. Ele desejava poder lhes dizer isso sem despertar gracejos nem piedade.

A esposa de Nels havia morrido de câncer no cólon. Eles não se davam muito bem juntos, mas apesar disso ele sentia falta dela. De vez em quando, sentava-se no seu apartamento e chorava para se livrar da autopiedade e do remorso. De vez em quando tentava masturbar-se, sem êxito, na esperança de si mesmo, da qual ele sentia pro-fundas e dolorosas saudades. Em alguns raros momentos ele se convencia de que iria conseguir e que sua juventude ainda vivia dentro dele. O resto do tempo aceitava que isso não era verdade e tratava de se consolar de várias formas insatisfatórias. Gostava de comer. Gostava de jogar xadrez. Não se importava em fazer seu trabalho e sabia que o fazia bem-feito. Era leitor habitual e reconhecia que era um hábito obsessivo e neurótico, e dizia consigo que se lesse algo menos frívolo que jornais e revistas talvez fosse melhor para ele. O problema era que não conseguia se concentrar na "literatura", por mais que a admirasse. Não que Guerra e paz o entediasse, exatamente, mas sua mente não conseguia se concentrar na leitura desse romance. Outra perda: seus olhos só lhe permitiam ver o mundo pela metade, e a leitura fazia sua neurastenia aflorar e suas têmporas latejarem. Sua mente também o andava traindo, sentia, embora não se possa ter certeza de uma coisa dessas.



Certamente sua memória não era mais tão boa quanto havia sido quando ele era mais jovem.

Nels Gudmundsson enfiou os polegares sob os suspensórios e olhou para a testemunha com um distanciamento estudado.

-Sra. Heine disse. O réu apareceu à sua porta na quinta-feira, dia 9 de setembro? Foi isso que ouvi a senhora dizer? -Sim, Sr. Gudmundsson. Isso mesmo.

-Ele pediu para conversar com o seu marido? -Sim, pediu.

-Eles saíram para conversar? Não conversaram dentro da casa? - Correto respondeu Susan Marie. Conversaram do lado de fora. Andaram pela propriedade durante uns trinta ou quarenta minutos.

-Entendo disse Nels. E a senhora não os acompanhou? -Não disse Susan Marie. Não fui.

-Não ouviu parte da conversa deles? -Não.

-Em outras palavras, não soube do que falavam em primeira mão. Correto, sra. Heine? -O que eu sei é o que Carl me contou respondeu Susan Marie. Não ouvi a conversa deles.

-Obrigado disse Nels. Porque isso me preocupa. O fato de a senhora ter prestado depoimento sobre essa conversa sem ter escutado nem um trecho dela.

Ele beliscou as dobras de pele do pescoço e voltou o olho bom para o juiz Fielding. O juiz, apoiando a cabeça na mão, bocejou e retribuiu o olhar com distanciamento.

-Bem prosseguiu Nels, para resumir, sra. Heine: seu marido e o réu caminharam e conversaram, e a senhora ficou em casa. Certo? -Sim, foi isso.

-E depois de trinta a quarenta minutos seu marido voltou. Certo também, sra. Heine? -Sim, certo.

-Perguntou a ele sobre o assunto da conversa com o réu? -Sim.

-E ele respondeu que ambos haviam falado sobre a terra em disputa? A terra que sua sogra vendeu a Ole Jurgensen havia mais de uma década? A terra em que o réu passou a infância? Tudo isso está certo, sra. Heine? -Sim respondeu Susan Marie. Está.

-A senhora e seu marido haviam recentemente dado uma entrada para comprar essas terras, certo, sra. Heine? -Sim. Meu marido deu.

-Vamos ver disse Nels Gudmundsson. Segunda-feira, 6 de setembro, foi Dia do Trabalho, terça, dia 7, o Sr. Jurgensen colocou as terras à venda... Foi na quarta, então, 8 de setembro... que seu marido assinou a promessa de compra e venda das terras do Sr. Jurgensen? - Deve ter sido confirmou Susan Marie. Quarta-feira, parece certo.

-E o réu visitou-o no dia seguinte? Na quinta, 9 de setembro? -Sim.

-Tudo bem disse Nels Gudmundsson.

-A senhora declarou que na tarde de 9 de setembro o réu apresentou-se à sua porta e que ele e seu marido deram uma volta e conversaram, mas a senhora não esteve presente durante essa conversa. Entendi bem, sra. Heine? -Sim, entendeu.

-E, além disso disse Nels, depois de o réu sair naquela tarde, a senhora e o seu marido, sentados na varanda, conversaram? -Sim.

-Seu marido não se mostrou disposto a falar sobre o assunto abordado com o réu? -Certo.

-A senhora o pressionou? -Sim.

-Ele lhe relatou que havia demonstrado ao réu uma inclinação em pensar sobre o assunto? Que ia refletir se devia ou não vender os três hectares ao Sr. Miyomoto? Ou permitir que o Sr. Jurgensen o fizesse? - Sim.

-Ele lhe falou do medo que tinha da reação da mãe se ele vendesse as terras ao réu? Escutei a senhora dizer isso, sra. Heine? -Sim, escutou.

-Mas ele estava refletindo sobre a venda, de qualquer maneira.

-Certo.

-E ele tinha dito isso ao réu? -Sim.

-Em outras palavras, portanto, o Sr. Miyomoto saiu no dia 9 sabendo que havia no mínimo uma possibilidade de seu marido lhe vender os três hectares.

-Certo.

-Seu marido lhe disse que incentivara o Sr. Miyomoto a acreditar nesta possibilidade? -Incentivara? respondeu Susan Marie. Não sei disso.

-Digamos que seu marido não lhe disse um não inequívoco? Ele não tirou completamente a esperança de o réu recuperar as terras da família? -Não, não tirou respondeu Susan Marie.

-Em outras palavras, ele incentivou o Sr. Miyomoto a crer que havia no mínimo uma possibilidade.

-Acho que sim disse Susan Marie.

-Achei que a senhora acharia disse Nels, uma vez que não testemunhou a conversa. Tendo que dizer ao tribunal, sra. Heine, apenas o que seu marido lhe relatou. Palavras que podem não ter sido

cem por cento precisas, uma vez que seu marido estava ciente da sua tristeza quanto à possibilidade da mudança, como a senhora disse, e pode ter alterado o tom e o conteúdo da conversa com o Sr. Miyomoto...

-Objeção interrompeu Alvin Hooks. Isso é argumentação sua.

-Objeção mantida disse o juiz. Pare de divagar, Sr. Gudmundsson. Seu objetivo aqui é perguntar à testemunha coisas diretamente relacionadas com o depoimento dela. Continue.

-Peço desculpas respondeu Nels. Tudo bem, então. Sra. Heine, perdoe-me. Seu marido e o réu, entendi bem, eram amigos de infância?

-Que eu saiba, sim.

-Seu marido já o mencionou como vizinho, conhecido da infância?

-Sim.

-Ele lhe contou que tinham pescado juntos na infância, quando tinham dez ou onze anos? Ou que jogaram nos mesmos times de beisebol e futebol da escola? Que pegaram o mesmo ônibus escolar durante anos? Contou à senhora alguma dessas coisas, sra. Heine? - Acho que sim respondeu Susan Marie.

-Humm... Beliscou as dobras de pele do pescoço outra vez e fitou o teto um momento. Sra. Heine disse Nels. A senhora mencionou, durante seu depoimento, as "caretas" que o Sr. Miyomoto supostamente teria dirigido a sua sogra. Lembra-se de ter mencionado isso? -Sim.

-A senhora não mencionou que o réu havia dirigido olhares semelhantes à senhora. Isso é verdade? Lembrei-me corretamente? - Não, não mencionei.

-Nem para o seu marido? Escutei a senhora dizer que ele dirigiu olhares rancorosos ao seu marido? Ou é apenas algo que sua sogra

tenha dito que aconteceu? -Não posso falar por nenhum dos dois respondeu Susan Marie. Não sei qual foi a experiência deles.

-É claro que não disse Nels. E nem eu não quereria que falasse por eles. É só que antes, quando o Sr. Hooks a estava interrogando, a senhora parecia feliz em fazê-lo, sra. Heine. Então pensei em experimentar também. Ele sorriu.

-Está bem interrompeu o juiz Fielding. Já chega, Sr. Gudmundsson. Continue seu interrogatório ou sente-se imediatamente.

-Juiz replicou Nels. Já tem havido muitos boatos aceitos como provas. Vale a pena denunciar isso.

-Sim disse o juiz. Muitos boatos contra os quais o senhor não objetou, Sr. Gudmundsson. Porque sabe que a sra. Heine tem o direito, segundo as normas, de relatar a natureza e assunto de uma conversa mantida com seu falecido marido. Infelizmente, ele não pode contar isso pessoalmente. A sra. Heine está sob juramento de dizer a verdade. Como um tribunal de justiça, não temos escolha senão confiar que aquilo que ela está nos dizendo é verdade. Ele se voltou lentamente para os jurados. Por falta de um título mais ameno, a instituição em questão aqui é conhecida como Estatuto do Morto informou. Normalmente ele proíbe certas provas de serem registradas nas atas... permite-me excluí-las como boato... porque o indivíduo em questão está morto. Em caso de crime, porém, o Estatuto do Morto não impede que essas provas sejam apresentadas, como bem sabe o Sr. Gudmundsson. Contudo, e de maneira bastante franca, o Estatuto do Morto cria uma... área legal obscura. Acredito que seja isso o que o Sr. Gudmundsson está procurando mostrar.

- Sim disse o Sr. Gudmundsson. É exatamente o que desejo mostrar. Ele fez uma vénia para o juiz, olhou de relance os jurados, depois voltou-se e olhou direto para Kabuo Miyomoto, que estava ainda sentado ereto em seu lugar na mesa do réu com as mãos esteticamente entrelaçadas à sua frente. Foi nesse momento que as luzes piscaram na sala do tribunal, tornaram a falhar, depois se apagaram. Uma árvore havia caído na Piersall Road, levando consigo os fios de luz.

-Bem na hora disse Nels Gudmundsson quando as luzes se apagaram no Palácio da Justiça do condado da ilha. Não tenho mais perguntas para a sra. Heine, meritíssimo. Por mim, ela já pode deixar o banco.

As quatro janelas altas, geladas de vapor vindo dos aquecedores, deixavam entrar uma luz cinzenta de nevada na sala do tribunal. Sua tonalidade substituiu a das luzes do teto e lançou uma palidez sutil sobre os cidadãos acomodados na galeria, que ficaram sentados olhando uns para os outros e para o teto.

-Muito bem respondeu o juiz Fielding. Uma coisa de cada vez agora. Paciência, paciência. Vamos proceder metodicamente, com ou sem luzes. Sr. Hooks, poderia redirecionar? Alvin Hooks ergueu-se e disse ao tribunal que a promotoria não tinha mais perguntas.

-Na verdade acrescentou, piscando para Nels, a hora dessa falta de luz é ainda mais propícia do que meu colega da defesa desconfia. A sra. Heine é nossa última testemunha. O Estado descansa no mesmo momento em que o fornecimento de energia do condado o faz.

Os jurados alguns deles agitaram-se e sorriram.

-O Estado descansa repetiu Lew Fielding. Muito bem, então. Muito bom. Eu, de qualquer forma, ia pedir mesmo um recesso para o almoço. Vamos obter um relatório da empresa de energia elétrica e decidir o que será feito com base nele. Veremos o que será visto. Enquanto isso, gostaria de pedir ao Sr. Hooks e ao Sr. Gudmundsson para se encontrarem comigo na minha sala.

O juiz levantou o martelo e deixou-o cair outra vez negligentemente sobre o tampo de noqueira.

-Vão almoçar recomendou. Se recomeçarmos, será à uma em ponto... uma da tarde, de acordo com o meu relógio de pulso, que agora diz que são 11:53. Aliás, nem adianta se guiarem pelos relógios do edifício, pois são elétricos.

Ed Soames segurou a porta aberta para ele passar, e o juiz Fielding desapareceu na sua sala. Os cidadãos da galeria saíram em fila; os repórteres recolheram os blocos de notas. Soames seguiu o juiz com a intenção de acender um par de velas que sabia estarem guardadas no fundo de uma gaveta da escrivaninha. O juiz Fielding ia precisar delas, afinal de contas. Estava escuro na sala dele, mais escuro que à hora do crepúsculo, e apenas uma luz pálida filtrava-se através das janelas. Ed já tinha acendido as velas na hora em que Nels Gudmundsson e Alvin Hooks chegaram e se postaram diante da escrivaninha do juiz. As velas ficaram entre eles, de forma que eles pareciam três homens se preparando para uma sessão espírita o juiz de túnica de seda, Nels de gravata-borboleta com aquele ar teatral típico dele, Alvin Hooks, vivo e elegante, as pernas cruzadas, um joelho sobre o outro. Ed abriu caminho até a porta e desculpou-se por in-terromper; o juiz precisava de mais alguma coisa? Se não, ele iria atender os jurados.

-Oh, sim respondeu o juiz Fielding. Vá ver a sala da caldeira, sim? Veja se está em condições de manter os aquecedores funcionando. E ligue para a empresa de fornecimento de energia para obter um relatório. E ainda, vejamos, reúna quantas velas conseguir encontrar por aí. Voltou a atenção para os advogados à sua frente. O que estou esquecendo? acrescentou.



-Do hotel respondeu Alvin Hooks. É melhor indagar sobre a caldeira deles, também, senão os jurados não vão agüentar. Eles já não passaram bem a noite passada, lembre-se, e com a falta de energia as coisas podem piorar.

-Certo concordou Ed Soames. Vou fazer isso.

-Muito bem, Ed respondeu o juiz. A seguir: Muito solícito da sua parte, Alvin.

-Sou um homem solícito respondeu Alvin Hooks.

Soames saiu, taciturno. A sala do tribunal ficou vazia, exceto por Ishmael Chambers, que ficou sentado na galeria com a aparência de um homem disposto a esperar para sempre. Eleanor Dokes havia assistido os jurados; eles estavam reunidos na ante-sala, vestindo os agasalhos.

-O juiz estará em conferência durante todo o recesso do almoço disse Ed a Ishmael Chambers. Não adianta esperar para falar com ele. À uma hora ele vai fazer um pronunciamento.

O jornalista ficou parado, e meteu o bloco de notas no bolso.

-Não estou esperando disse, mansamente. Estava só pensando nas coisas.

-Vai ter de pensar nelas em outro lugar disse Ed. Vou trancar a sala.

-Está bem respondeu Ishmael. Desculpe-me.

Mas ele saiu devagar, preocupado. Ed Soames observou-o com impaciência. Um sujeito estranho, disse consigo. Não é nem a metade do que o pai era. Talvez o braço que faltava tivesse algo a ver com isso. Ed lembrou-se do pai de Ishmael e balançou a cabeça, desconcertado. Ele e Arthur haviam sido amigos o suficiente, mas o rapaz não era alguém com quem se pudesse conversar.

Ishmael, com os ombros caídos, a gola virada para cima, a manga pregada com alfinete a balançar no vento, caminhou pesadamente rumo ao seu escritório. O vento soprou da água para o noroeste e desceu estridente a Hill Street. Ishmael teve de manter a cabeça baixa; quando ele a erguia, agulhas de neve lhe feriam os olhos. Contudo, ele podia ver que não havia luzes em parte alguma de Amity Harbor; a energia fora inteiramente cortada. Quatro carros haviam sido abandonados em ângulos aleatórios ao longo da Hill Street, e um perto do cruzamento da Hill com a Ericksen havia deslizado até bater em uma picape estacionada, amassando o painel traseiro do lado do motorista.

Ishmael empurrou a porta da redação e fechou-a com o ombro. Ainda de sobretudo e chapéu salpicado de neve ele pegou o telefone para ligar para a mãe; ela morava sozinha a dez quilômetros da cidade, e ele queria ver como ela estava passando com toda aquela nevasca, e descobrir se o lado sul estava em estado tão deplorável quanto Amity Harbor naquele momento. Se ela tivesse bastante lenha na estufa da cozinha e pendurasse uma cortina sobre a porta da copa esta a manteria aquecida o suficiente.

Porém, o telefone estava mudo e lhe devolveu apenas um silêncio como a rotativa também estava parada, percebeu ele, num momento, 30m um sobressalto. Além disso, a redação estava ficando cada vez mais fria, dissipando o calor dos aquecedores elétricos, e ele ficou sentado um momento com a mão no bolso do casaco, contemplando a neve que passava rodopiando do lado de fora da janela. O toco do braço amputado estava latejando, ou, mais precisamente, era como se seu braço estivesse ali outra vez, porém meio adormecido, um membro fantasma. Seu cérebro, aparentemente, não compreendia inteiramente ou ainda não acreditava que o braço tinha sido cortado. Antigamente,

logo depois da guerra, o braço faltante lhe causara muita dor. Um médico de Seattle sugeriu uma ressecção dos nervos do membro acabando com sua capacidade de sentir, mas Ishmael havia se recusado, por motivos insondáveis. Houvesse o que houvesse para ser sentido em seu braço, dor ou outra coisa qualquer, ele não sabia exatamente o quê. Naquele momento ele enfiou a mão pela manga do casaco acima, envolveu o toco do braço na palma da mão direita e pensou em tudo que tinha a fazer devido à falta de energia. Precisava falar com a mãe, antes de mais nada; tinha de usar o aparelho de radio-amador de Tom Torgerson e falar com Anacortes para ver se podia imprimir o jornal lá. Queria falar com Nels Gudmundsson e Alvin Hooks. Queria descobrir se a barca de Anacortes estava funcionando e se a empresa de fornecimento de energia elétrica já tinha uma previsão para restabelecer a força. Seria bom descobrir em que ponto da linha de força havia ocorrido o problema e ir até o local, fosse onde fosse, tirar umas fotos. Seria bom ir até o posto da guarda costeira, também, e conseguir um relatório completo da nevasca. Ele provavelmente levaria comida para a mãe do centro da cidade e uma lata de querosene. Havia um aquecedor a querosene no telheiro, que ela poderia usar para manter o quarto aquecido, mas precisava de um pavio novo. Ele teria de dar uma parada na loja do Fisk.

Ishmael pendurou a câmera no pescoço e empurrou a porta, saindo para a Hill Street para tirar fotos. Mesmo em boas condições não era fácil para ele, um homem de um braço só, firmar a câmera da forma que gostaria. Era uma enorme câmera tipo caixão com um fole para a lente, difícil de manejar e pesada como uma pedra no pescoço dele, e ele a detestava. Quando podia escolher, aparafusava-a a um tripé;

quando não podia, apoiava-a no toco do braço, virava a cabeça para olhar sobre o ombro esquerdo e tirava as fotos o melhor que pudesse.

Fazer isso sempre o embaraçava. Torta e virada, a câmera empoleirava-se precariamente ao lado de sua orelha, e ele se sentia como uma atração circense.

Ishmael tirou três instantâneos do carro que havia batido na picape. Era impossível evitar que a neve entrasse na lente, e depois de algum tempo ele desistiu de tentar. Mesmo assim teve certeza de que devia levar a câmera, pois não era comum haver uma nevasca como aquela a última tinha sido em 1936 e certamente produziria o tipo de acidente que se constituía em notícia para a ilha. Contudo, do ponto de vista de Ishmael esse tempo inclemente não poderia superar o julgamento de Kabuo Miyamoto, que era um evento inteiramente diferente, de uma magnitude maior. Nos corações de seus colegas da ilha, porém, um tempo desses abatia absolutamente tudo, de forma que mesmo quando um homem era julgado, podendo ser condenado à morte, não restava dúvida de que a destruição das docas e tabiques, as árvores caídas sobre as casas, os canos que explodiam, os carros abandonados interessariam ao máximo os cidadãos de San Piedro. Ishmael, nativo da ilha, não conseguia entender como essas ocorrências transitórias e acidentais ganhavam vulto na opinião deles. Era como se eles estivessem esperando o tempo todo que algo enorme invadisse suas vidas e os tornasse parte das notícias. Por outro lado, o julgamento de Kabuo Miyamoto foi o primeiro julgamento de assassinato da ilha em 28 anos. Ishmael havia consultado edições antigas da Revista sobre isso e, ao contrário da tempestade, era um evento humano, situava-se perfeitamente na esfera da responsabilidade humana, não era um mero acidente causado pelo mar ou pelo vento, mas, em vez disso, algo que

os seres humanos podiam interpretar. Seu progresso, seu impacto, seu resultado, seu significado estavam nas mãos das pessoas. Ishmael pretendia colocá-lo na manchete o julgamento de Kabuo Miyomoto, caso, de alguma forma, ele pudesse imprimir a edição de quinta-feira apesar da tempestade.

Ele tomou o caminho do posto de gasolina de Tom Torgerson, onde meia dúzia de carros amassados estavam alinhados ao longo da cerca, pegando neve nos capôs e tetos, enquanto Tom entrava com outro de ré em outra vaga.

Estão por toda parte informou ele a Ishmael pela janela do carro abandonado. Já vi quinze só na Center Road e mais uma dúzia lá no Mill Run. Vou levar três dias só para buscá-los.

-Escute disse Ishmael. Sei que está ocupado. Mas preciso colocar correntes no meu DeSoto. Está estacionado no alto da Hill Street e eu não posso trazê-lo aqui embaixo para você trabalhar nele aqui. Há quatro carros encalhados por lá que de qualquer forma você vai ter que retirar. Que tal subirmos agora até lá? Já estou com as correntes no piso do assento traseiro. Além disso, tenho que entrar em contato com Anacortes pelo seu rádio, a menos que consiga encontrar um telefone que esteja funcionando. Não tenho energia para rodar o meu jornal.

-A ilha inteira está às escuras respondeu Tom Torgerson. Ninguém tem energia nem telefone em nenhum lugar. Há árvores caídas sobre os fios em vinte lugares diferentes. Agora mesmo há uma equipe lá em Piersall tentando restabelecer o abastecimento... talvez, pela manhã, creio eu. De qualquer forma, tudo bem, eu vou mandar alguém resolver o problema do DeSoto, mas eu simplesmente não posso ir pessoalmente. Temos dois garotos do colégio trabalhando conosco, vou

mandar um deles, certo? -Não faz mal disse Ishmael. As chaves estão no carro. Será que eu poderia usar o seu rádio? -Levei-o para casa na semana passada respondeu Tom. Se quiser, vá até lá, não tem problema. Está montado lá. Lois o mostrará a você.

-Vou até o posto da Guarda Costeira. Talvez consiga que eles façam a chamada para mim, já que seu rádio não está à mão.

-De qualquer forma disse Tom, você pode usá-lo à vontade, como eu disse. É só ir lá em casa.

Ishmael desceu a Main Street até o Fisk, onde comprou uma lata de um galão de querosene e um pavio para o aquecedor da mãe. Fisk havia vendido todas as suas baterias tamanho D, e do estoque das pás de neve só sobrara uma. Três quartos do seu estoque de velas já haviam sido vendidos, bem como quatro quintos do suprimento de querosene. Fisk, Kelton Fisk, tinha um senso altamente desenvolvido de dever cívico que o levou, às dez horas daquela manhã, a recusar-se a vender mais de um galão de querosene para qualquer lar da ilha. De pé com os pés bem separados, ao lado da estufa arredondada, enquanto polia os óculos na bainha da camisa de flanela e, sem que Ishmael requisitasse que o fizesse, desfiou uma lista de itens que já tinham sido vendidos desde as oito da manhã. Ele também lembrou Ishmael que o pavio que havia comprado teria de ser cortado após seis usos.

Ishmael parou no Restaurante Amity Harbor e pediu a Elena Bridges para colocar dois sanduíches de queijo num saco de papel para ele não tinha tempo para ficar e comer. O restaurante, embora meio às escuras, estava cheio e barulhento por causa das conversas os reservados estavam ocupados, e havia mais gente no balcão, envolta em casacos e cachecóis, com sacos de compras sob os pés, olhando de

relance, através das janelas, a nevada que caía do lado de fora. Estavam felizes por terem encontrado um lugar onde se abrigar da tempestade. Mais tarde, quando acabassem de comer, seria difícil para eles sair de novo. Ishmael, enquanto aguardava, escutou a conversa de dois pescadores agachados ao balcão. Estavam tomando uma sopa de tomate aquecida no fogão a gás e especulando quando a energia iria voltar. Um se perguntava se a maré cheia, impelida pelo vento de mais de cem quilômetros por hora, não inundaria as docas da cidade. O outro disse que um vento de noroeste derrubaria muitas árvores acostumadas com ventos do sul, incluindo um abeto branco que o amedrontava bastante, situado em um penhasco atrás da sua cabana. Ele havia saído naquela manhã e amarrado o barco a uma bóia de atracação com linha tripla, e pelo binóculo podia ver, de sua sala de estar, podia vê-lo balançando quando o vento assolava a baía. O primeiro homem soltou um impropério e disse que gostaria de ter feito o mesmo com o barco dele, que teria de enfrentar o tempo ancorado em cabos fracos, com uma dúzia de defensas acionadas, seis de cada lado; era perigoso demais tentar removê-lo com aquele vento.

Às 12:45 Ishmael passou no escritório da Companhia de Energia Elétrica do condado da ilha, na esquina da Main Street com a Second. Agora estava carregado com o saco de sanduíches num bolso do sobretudo e o novo pavio para o aquecedor no outro, a câmera pendurada no pescoço e a lata de querosene na mão. O relatório que havia sido afixado na porta para que os cidadãos de San Pedro o lessem dizia que as ruas e estradas Piersall, Alder Valley, South Beach, New Sweden, Mill Run, Woodhouse Cove e pelo menos mais uma meia dúzia haviam sido bloqueadas por árvores caídas que romperam os cabos de força. Com isso, havia uma previsão de que poderiam restabelecer a

energia em Amity Harbor por volta das oito da manhã seguinte, e pediam paciência por parte dos cidadãos. A equipe de reparos estava sendo ajudada pelo corpo voluntário de bombeiros e pretendia trabalhar a noite inteira, segundo o relatório; tudo que podia ser feito estava sendo feito o mais rápido possível.

Ishmael voltou ao prédio do tribunal. Comeu um dos sanduíches no corredor do segundo andar, sentado num banco com a câmera ao seu lado e a lata de querosene no chão. O corredor, percebeu ele, estava escorregadio por causa da neve derretida trazida pelos sapatos daqueles que por ali passavam. Os que o percorriam andavam com cautela, caminhando como patinadores inexperientes a única luz era a que passava pelas janelas das salas e dali atravessava as vidraças transparentes das portas. Acontecia o mesmo no vestiário público uma sala úmida, escorregadia, escura, cheia de casacos, bolsas, chapéus e luvas pingando água. Ishmael deixou o querosene e a câmera ali na prateleira acima do casaco. Sabia que ninguém roubaria a câmera e esperava que ninguém roubasse o querosene. Sem energia, este último, supunha ele, era, subitamente, uma possibilidade.

O juiz Fielding foi lacônico ao anunciar ao tribunal que o julgamento ia ser adiado até as oito horas da manhã seguinte, hora em que a empresa de fornecimento de energia esperava ter restabelecido o abastecimento de força. Entre San Pedro e o continente o mar estava revolto, impedindo a barca de Anacortes de navegar, de forma que só se poderia hospedar os jurados onde eles já estavam hospedados na noite anteriores quartos frios e escuros do Hotel Amity Harbor, onde eles teriam de suportar tudo da melhor forma possível, uma vez que agora as circunstâncias estavam além do controle do juiz Fielding, e não havia outras acomodações disponíveis. Ele esperava que o mau tempo não



desviasse a atenção dos jurados dos difíceis e cruciais assuntos em pauta. Eles tinham a obrigação, segundo o juiz Fielding, de enfrentar a tempestade e a falta de energia o melhor que pudessem, para manter-se totalmente concentrados no julgamento e nos depoimentos das testemunhas. O juiz cruzou os braços e inclinou-se para a frente para que os jurados vissem, através da obscuridade, seu rosto hirsuto e cansado.

Aborreço-me com a possibilidade de termos de recomeçar o julgamento suspirou ele. Creio que com um pouco de boa vontade poderemos evitar isso, não? Espero que tenham uma noite relativamente agradável, no hotel, mas se não tiverem, enfrentem tudo o melhor possível e voltem amanhã com os pensamentos voltados para o caso em questão. Este é um julgamento de homicídio, afinal de contas lembrou o juiz, e com neve ou sem neve temos de colocar isso acima de qualquer outra coisa em nossas mentes e corações.

Às 14:35 naquela tarde, Ishmael Chambers colocou a lata de querosene, o pavio do aquecedor e dois sacos de compras na carroceria do DeSoto. O colegial que trabalhava para Tom Torgerson havia colocado correntes nos pneus do carro de Ishmael, que, abaixando-se bem, verificou se estavam bem ajustadas. Raspou gelo das janelas do DeSoto e acionou o descongelador antes de avançar vagarosamente na neve. O truque, conforme ele sabia, era não frear e manter a velocidade baixa e constante, sem pisar muito no acelerador no alto das ladeiras, ganhando impulso de maneira uniforme nas descidas. No First Hill ele ouviu as correntes, sentiu que elas estavam tracionando o carro e desceu cautelosamente, em primeira, inclinando-se para a frente no assento. Não parou ao chegar à Main Street, mas em vez disso dobrou imediatamente à esquerda, derrapando um pouco, na direção da

estrada de Center valley. Estava menos preocupado agora. A neve havia se compactado sob as rodas dos outros carros. As estradas e ruas estavam transitáveis, se os motoristas tivessem paciência e prestassem atenção. Seria importante usar o retrovisor e parar, se possível, quando algum carro se aproximasse dele.

Ishmael pegou a Lundgren Road ao sair de Amity Harbor porque era uma subida uniforme, sem curvas nem espirais, com uma inclinação mais razoável que a Mill Run ou a Piersall, e porque não havia sido incluída na lista de estradas bloqueadas por árvores da companhia de fornecimento de energia elétrica. Ele viu realmente um abeto de Douglas caído, na propriedade de George Freeman, de forma que as raízes estavam agora três metros e meio acima, ao lado da caixa de correspondência de George. A copa da árvore havia esmagado uma parte da cerca com varão de cedro. George estava do lado de fora com uma serra alemã de dentes afiados, com o chapéu de lã empoleirado no alto da cabeça calva, serrando a árvore no meio da tempestade.

Ishmael continuou descendo o lado oposto da Lundgren e virou na Scatter Springs Drive. Na primeira curva, viu um Hudson caído numa vala; na segunda, um seda Packard Clipper havia capotado e estava no meio das amoreiras silvestres, ao lado da estrada, com o chassi virado para o céu. Ishmael parou e tirou fotos dele, armando o tripé na beira da estrada. As linhas retas dos amieiros e bordos atrás do Packard, nítidas e límpidas contra um céu nevado, a luz áspera e cinzenta da nevasca, o carro abandonado com os pneus virados para cima, já cobertos pela neve macia, o compartimento de passageiros em torneio ao mato congelado com apenas a metade inferior das janelas visível era uma cena de nevasca típica, e Ishmael fotografou-a com um olho apreciando seu aspecto patético e porque ela lhe parecia incorporar o

que a tempestade significava: um mundo no qual um Packard Clipper perdia a importância e se desligava de qualquer que fosse seu objetivo original; não tinha mais valor prático agora que um navio no fundo do mar.

Ishmael ficou satisfeito em ver que a janela do lado do motorista estava aberta e que não havia mais ninguém no carro. Achou que era o veículo de Charlie Torvai ele agora morava na New Sweden Road e vivia de construir anteparas e docas e ancorar bóias de atracação. Possuía muitos equipamentos de mergulho, uma barça com um guindaste e, se é que Ishmael se lembrava bem, este Packard marrom-ferrugem. Talvez fosse inconveniente para ele ver o carro capotado nas páginas da Revista. Ishmael resolveu falar com ele antes de publicar a foto.

Na terceira curva da Scatter Springs Drive um cotovelo fechado, onde a estrada descia, saindo do bosque de cedros, e passava sobre as fraturas do Center Valley, Ishmael viu três homens ocupados em tentar desatolar um Plymouth que ficara preso na neve, no meio da estrada: um dos homens balançava o pára-choque do carro para cima e para baixo, outro, agachado, olhava os pneus girando e um terceiro estava ao volante com a porta aberta, acelerando. Ishmael passou sem parar e deu um cavalo-de-pau com uma ligeira alegria, um frio no estômago na estrada de Center Valley. Um estranho entusiasmo por esta estrada e seus riscos vinha aumentando dentro dele desde a descida do First HM.

Sabia que não se podia confiar muito no DeSoto na neve. Ishmael havia instalado um puxador de madeira no volante para facilitar a direção, já que tinha apenas um braço. Mas não fizera mais nenhuma modificação, nem pretendia fazê-lo. O DeSoto, que era exclusivamente um carro da ilha há mais de uma década, fora comprado pelo pai de Ishmael quinze anos antes, um carro de quatro marchas com

transmissão semi-automática, eixo traseiro hipoidal e mudança de marcha na coluna. Arthur dera por ele seu Ford modelo A mais quinhentos dólares em 1939, em Bellingham. Era um veículo despretensioso, quadrado e pesado como um Dodge, comprido na frente, parecendo desequilibrado, com a grade do radiador baixa sobre o pára-choque. Ishmael havia-o conservado em parte por pura acomodação, em parte porque dirigir-lo lhe recordava o pai. Atrás do volante ele sentia os contornos do corpo do pai esculpidos no assento.

As plantações de morangos de Center Valley estavam sob trinta centímetros de neve, tão nebulosas através da nevasca quanto uma paisagem de sonho, sem contornos nítidos. Na Scatter Springs Drive as árvores haviam sombreado a estrada de forma que o céu era pouco mais que uma fita indistinta e pardacenta no alto, mas embaixo sua impressionante amplitude era visível, agressiva e caótica. Olhando além dos limpadores de pára-brisa, Ishmael via bilhões de flocos de neve caindo em longas tangentes, empurrados para o sul, o céu encoberto e tempestuoso. O vento arremessava a neve contra as paredes dos estábulos e casas, e Ishmael o ouvia assobiar pela vedação da janela, que já estava solta há anos: tinha se soltado quando seu pai ainda era vivo, uma das pequenas idiossincrasias do carro, parte do motivo pelo qual ele hesitava em separar-se do veículo.

Ele passou pela casa de Ole Jurgensen, onde uma fumaça branca subia da chaminé e desaparecia com o vento Ole, aparentemente, estava se aquecendo. A nevasca havia obliterado as divisas entre os campos e feito os três hectares cobijados por Kabuo Miyomoto há tanto tempo indistinguíveis da terra que os circundava. Todas as reivindicações humanas com relação à paisagem foram superadas, anuladas pela neve. O mundo era um só, e a idéia de que um homem

pudesse matar outro por um pedaço dele não fazia sentido embora Ishmael soubesse que essas coisas aconteciam. Afinal de contas, ele tinha ido à guerra.

No cruzamento da Center Valley Road com a South Beach Drive, Ishmael avistou, adiante, na curva, um carro que não havia conseguido subir a rampa, na subida sinuosa contornando um bosquete de cedros carregados de neve. Ishmael o reconheceu como a caminhonete Willys pertencente a Fujiko e Hisao Imada; na realidade, Hisao estava cavando com uma pá junto ao pneu direito traseiro, que havia caído na vala de drenagem ao lado da estrada.

Hisao Imada sempre fora de pequena estatura, mas parecia melhor ainda envolto em seus agasalhos, o chapéu enterrado na cabeça e o cachecol lhe cobrindo o queixo de forma que apenas a boca, o nariz e os olhos apareciam. Ishmael sabia que ele não iria pedir ajuda, em parte porque o povo de San Pedro nunca pedia, em parte porque não era do seu feitio. Ishmael resolveu estacionar ao pé da ladeira ao lado da caixa de correio de Gordon Ostrom e subir cinquenta metros pela South Beach Drive, deixando o seu DeSoto bem afastado da estrada enquanto convencia Hisao Imada a aceitar que lhe desse uma carona.

Ishmael já conhecia Hisao há muito tempo. Aos oito anos havia visto o japonês arrastando-se atrás do seu cavalo branco enselado de puxar o arado: um japonês que levava um facão no cinto para cortar as trepadeiras. Sua família morava em duas tendas de lona enquanto desbravavam a propriedade recém-adquirida. Tiravam água de um regato e se aqueciam numa fogueira mantida pelas filhas meninas calçando botas de borracha, dentre as quais Hatsue, que arrastavam galhos de árvores e traziam braçadas de mato seco para alimentá-la. Hisao era esguio, vigoroso, e trabalhava metodicamente, sem nunca

alterar seu ritmo. Usava uma camiseta sem mangas, e isso, combinado com a arma afiada no cinto, fazia Ishmael lembrar-se dos piratas que vira em livros ilustrados que o pai lhe trazia da Biblioteca Pública de Amity Harbor. Porém, tudo isso tinha sido há mais de vinte anos, mas à medida que se aproximava de Hisao Imada, na South Beach Drive, Ishmael via o homem sob uma nova luz: infeliz, pequeno sob a nevasca, com os membros insensíveis por causa do frio e sem conseguir nada com a pá, enquanto as árvores ameaçavam despejar toda a neve em torno dele.

Ishmael também viu uma outra coisa. Do outro lado do carro, com sua pá na mão, Hatsue trabalhava sem erguer os olhos. Estava retirando a neve para alcançar o solo negro dos bosques de cedros e atirando pás cheias de terra sob os pneus.

Quinze minutos depois os três desceram a estrada na direção do DeSoto dele. O pneu traseiro direito da caminhonete deles havia sido furado por um galho caído que ainda estava preso a ambos os eixos. A parte traseira do cano de descarga também fora esmagada. O carro não poderia sair dali Ishmael logo percebeu isso, mas Hisao levou um certo tempo para aceitar essa realidade. Com a pá ele havia lutado intrepidamente, como se a ferramenta pudesse de fato mudar o destino do carro. Depois de dez minutos de ajuda educada, Ishmael perguntou se o seu DeSoto não poderia ser a solução, insistiu no assunto durante cinco minutos antes de Hisao ceder àquela como um mal inevitável. Ele abriu a porta do carro dele, guardou a pá e saiu com um saco de compras e um galão de querosene. Hatsue, por sua vez, continuou cavando, sem nada dizer, mantendo-se do outro lado do carro e jogando terra preta sob os pneus.

Afinal, o pai contornou o Willys e falou com ela uma vez em japonês. Ela parou e veio até a estrada, e Ishmael pôde dar uma boa olhada nela. Havia falado com ela apenas na manhã anterior, no corredor do segundo andar do Palácio da Justiça do condado da ilha, onde ela estava sentada num banco com as costas para uma janela arrematada por um arco, logo na frente da sala do assessor. Os cabelos estavam trançados naquela ocasião, como estavam agora, formando um coque na nuca. Ela lhe dissera quatro vezes para ir embora.

-Alô, Hatsue disse Ishmael. Posso lhes dar uma carona até sua casa, se quiserem.

-Meu pai diz que aceitou replicou Hatsue. Diz que agradece a sua ajuda.

Ela seguiu o pai e Ishmael ladeira abaixo, ainda com a pá na mão, até o DeSoto. Quando já estavam a caminho pela South Beach Drive, percorrendo a estrada plana ao longo do mar, Hisao explicou num inglês arrevesado que sua filha ficaria com ele durante o julgamento; Ishmael podia deixá-los na casa dele. Então ele contou como um galho havia caído na estrada na frente do carro e, para evitá-lo, havia freado. O Willys havia rabeado ao subir sobre o galho quebrado e caiu na vala de drenagem.

Somente uma vez, dirigindo e escutando, fazendo gestos educados com a cabeça e inserindo curtos comentários indicativos de interesse "Entendo, entendo, sim, é claro, posso compreender", Ishmael arriscou-se a olhar para Hatsue Miyomoto pelo retângulo de seu espelho retrovisor: um risco que levou dois segundos completos. Viu então que ela estava olhando pela janela lateral com uma deliberação enorme, com uma concentração intensa no mundo fora do carro estava decidida

a se deixar absorver pela nevasca, e que seus cabelos negros estavam encharcados por causa da neve. Dois fios haviam escapado do seu imaculado penteado e estavam colados ao seu queixo gelado.

-Sei que isso lhes causou problemas disse Ishmael. Mas não acham que a neve é bela? Não é lindo vê-la cair? Os galhos dos abetos estavam carregados de neve, os varões das cercas e caixas de correspondência estavam cobertos por ela, a estrada diante dele cheia de neve, e não havia sinal de gente em parte alguma. Hisao Imada concordou que era sim ah, sim, é lindo, comentou ele, gentilmente, e nesse mesmo momento sua filha voltou-se rapidamente para a frente, de forma que seus olhos encontraram os de Ishmael no espelho. Era o olhar enigmático, reconhecia ele, que havia lhe lançado fugazmente no segundo andar do Palácio da Justiça quando ele tentou falar com ela antes do julgamento do marido. Ishmael ainda não conseguia interpretar o que significava aquele olhar punição, tristeza, talvez uma raiva oculta, talvez todos os três sentimentos ao mesmo tempo. Talvez alguma espécie de decepção.

Nem por sua vida, depois de todos esses anos, ele poderia ler a expressão do rosto dela. Se Hisao não estivesse presente, disse consigo, ele perguntaria a ela, à queima-roupa, o que estava tentando dizer olhando-o com uma severidade assim tão imparcial e sem nada dizer. O que, afinal de contas, ele havia feito de mal a ela? Por que ela estaria zangada? A raiva, pensava, ele é que devia ter sentido; no entanto, há anos a raiva contra ela havia sangrado gradativamente, secado vagarosamente e ido embora. Nada ainda a havia substituído. Ele ainda não encontrara nada para colocar no seu lugar. Quando ele a via, conforme às vezes ocorria, nas ruas de Amity Harbor, desviava o olhar apenas um pouco menos depressa do que ela o desviava; evitavam-se



rigorosamente. Três anos antes, ele havia subitamente percebido que ela estava extremamente imersa em sua própria existência. Ela havia ajoelhado em frente à Loja de Ferragens do Fisk para dar laço nos sapatos da filha, a bolsa na calçada ao seu lado. Não sabia que ele a observava. Ele a tinha visto ajoelhada, ajeitando os sapatos da filha, e lhe ocorrera o que era a vida dela. Era uma mulher casada com filhos. Dormia na mesma cama todas as noites com Kabuo Miyomoto. Ele havia se condicionado a esquecer isso o melhor que pudesse. O único sentimento que restou foi uma vaga sensação de espera que Hatsue uma fantasia voltasse para ele. Como, exatamente, isso poderia acontecer, ele nem podia começar a imaginar, mas não podia evitar sentir que estava esperando, e que estes anos eram apenas um intervalo entre outros anos que havia passado com ela e os próximos que passariam juntos.

Ela agora falou, no assento traseiro, voltando-se outra vez para a janela.

-Seu jornal disse ela. Só isso.

-Sim respondeu Ishmael. Estou escutando.

-O julgamento, o julgamento de Kabuo, é injusto disse Hatsue. Devia denunciar isso no seu jornal.

-O que é injusto? perguntou Ishmael. O que exatamente é injusto? Gostaria de escrever sobre isso se me disser.

Ela ainda fitava a neve pela janela com fios de cabelo molhado colados nas faces.

-É tudo injusto disse ela, amargamente. Kabuo não matou ninguém. Ele não é do tipo de matar ninguém. Trouxeram aquele sargento para dizer que ele é um matador... foi só preconceito. Ouviu as

coisas que aquele homem disse? Como Kabuo era um matador nato? Que ele é horrível, um assassino? Publique no seu jornal como é injusto tudo que aquele homem disse. Que o julgamento inteiro é injusto.

-Entendo o que quer dizer respondeu Ishmael. Mas não sou jurista. Não sei se o juiz devia ter suprimido o depoimento do sargento Maples. Mas espero que o júri dê um veredicto certo. Talvez eu pudesse escrever uma coluna sobre isso. Como esperamos que a justiça desempenhe suas funções. Como esperamos que o veredicto seja honesto.

-Não devia nem estar havendo julgamento disse Hatsue. Tudo isso está errado, errado.

-Eu também fico aborrecido quando as coisas são injustas disse-lhe Ishmael. Mas às vezes imagino se a injustiça não é... parte das coisas. Imagino se deveríamos esperar justiça, se deveríamos supor que temos algum tipo de direito a ela. Ou se...

-Não estou falando sobre o universo inteiro interrompeu Hatsue. Estou falando de gente... o xerife, o promotor, o juiz, você. Gente que pode fazer as coisas porque tem jornais ou prende as pessoas ou as condena ou resolve sobre as vidas delas. As pessoas não precisam ser injustas, precisam? Não é só parte das coisas, quando as pessoas são injustas com alguém.

-Não, não é replicou Ishmael, com frieza. Você está certa, as pessoas não têm de ser injustas.

Quando ele os deixou diante da caixa de correio dos Imada, sentiu que de alguma forma havia obtido vantagem uma vantagem emocional. Havia falado com ela e ela respondera, querendo algo dele. Havia exprimido um desejo por sua livre vontade. A tensão entre eles,

hostilidade que ele sentia era melhor do que nada, pensou. Era ia emoção de algum tipo que compartilhavam. Sentado no DeSoto, viu Hatsue caminhar penosamente, afastando-se através da nevasca, com a pá no ombro. Ocorreu-lhe que o marido estava saindo da vida da mesma forma que ele anteriormente havia saído. As circunstâncias naquela época eram semelhantes às de agora; havia coisas que estavam além do controle de qualquer um. Nem ele nem Hatsue tinham desejado que viesse a guerra nenhum dos dois tinha desejado aquela intrusão. Mas agora o marido dela havia sido acusado de homicídio, e isso mudava as coisas entre eles.

O farol da guarda costeira sobre as rochas de Point White era uma torre construída de concreto reforçado que se elevava trinta metros acima do mar. Nos trinta anos antes de ela ser construída, onde navios encalharam no Point depois vapores do correio, sete escunas de transporte de madeira, um cargueiro norueguês e um veleiro de quatro mastros com uma carga de carvão de Newcastle a bordo, esperado em Seattle, em meio a um vendaval. Não havia mais sinal de nenhum deles haviam-se despedaçado e, com os anos, foram levados para o alto-mar. Havia apenas um amontoado de rochas marinhas cobertas de cracas e uma vista para a água que se estendia até o horizonte, contínua e cinzenta, enevoada a distância no ponto em que o oceano e o céu se encontram.

Às vezes, quando a maré era excepcionalmente alta, as ondas quebravam perigosamente perto do farol, salpicando sua base com águas manchadas de sal, que se agarravam à parede como limo. Sob a cúpula de cobre do farol ficavam dezesseis prismas refletores e quatro lentes projetoras flutuando num banho de mercúrio. A guarda costeira man-tinha lubrificadas as engrenagens, e as lentes giravam duas vezes a

cada minuto. E mesmo assim ainda havia acidentes, apesar de tudo. Parecia não haver modo de evitá-los. Em uma neblina cerrada a luz não era visível, e as embarcações continuavam a encalhar. A guarda costeira instalou pranchas acústicas ao longo das praias da ilha e ancorou bóias numeradas a intervalos no canal, e essas medidas pareceram suficientes para os ilhéus até o acidente seguinte acontecer. Um rebocador, que puxava uma barca diesel de San Francisco, bateu nas rochas um quilômetro e meio ao norte; depois um rebocador puxando uma barça cheia de toras de madeira; depois um vapor de recuperação de cargas trava-lhando ao largo de Victoria. As notícias desses naufrágios foram recebidas pelos ilhéus com uma espécie de determinismo implacável; a muitos parecia que essas coisas eram determinadas por Deus, ou inevitáveis multidões vinham à praia depois de um naufrágio para ficar con-templando, assombradas, a última embarcação soçobrada; alguns traziam binóculos e cameras. Velhos pescadores com tempo para isso faziam fogueiras de pedaços de madeira e se aqueciam enquanto o mar arrebentava os cascos dos navios que haviam encalhado muito alto. Havia muitos comentários e dedos apontando. Trabalhando sem nenhum fato concreto, os ilhéus tiravam uma série de conclusões: erro do piloto, inexperiência do piloto, erro na interpretação dos mapas, sinais cruzados, neblina, vento, maré, incompetência. Quando, dias depois de um naufrágio, o navio se partia, ou as partes afundavam, ou uma empresa de recuperação de cargas desistia, após descarregar um vinte e cinco avos de sua carga, os ilhéus apreciavam inexpressivos, com as bocas cerradas, e balançavam as cabeças uma ou duas vezes. Durante mais ou menos uma semana eles falavam cautelosamente sobre o que tinham visto, e depois aquilo saía

da arena de debates da qual compartilhavam. Pensavam naquilo apenas em particular.

Ishmael Chambers, ao apagar das luzes do dia, viu-se sentado no escritório do suboficial-chefe do farol, um homem corpulento chamado Evan Powell. O local era iluminado por lampiões a querosene e aquecido por uma estufa de madeira e ferro fundido. Lá fora, um gerador alimentava o farol, de forma que a cada trinta segundos a luz do farol piscava contra o vidro da janela do escritório. O suboficial Powell mantinha sua escrivaninha numa impecável ordem um borrador tipo calendário, dois porta-canetas iguais, um cinzeiro quase cheio, um telefone. Recostou-se numa cadeira reclinável de escritório com um cigarro aceso entre os dedos, coçando o rosto e tossindo.

-Peguei um resfriado explicou a Ishmael, com voz rouca. Não estou funcionando com força total neste momento. Mas vou ajudá-lo se puder, Sr. Chambers. Precisa de algo para o jornal? -Preciso disse Ishmael. Estou escrevendo uma matéria sobre a nevasca, e achei que talvez o senhor tivesse arquivos de alguma espécie, registros meteorológicos antigos, quem sabe, algo que eu pudesse consultar. Examinar diários antigos, uma coisa assim, tentar estabelecer algumas comparações. Não consigo me lembrar de outra nevasca como essa, mas isso não significa que não tenha acontecido outra.

-Nós registramos uma quantidade enorme de dados respondeu o suboficial Powell. O farol já está aqui há mais tempo que a guarda costeira, eu não sei desde quando existem informações confiáveis, de qualquer forma, pode dar uma olhada, se quiser. Há mais material por aí do que vai querer examinar. Gostaria de ver o que você encontrar.

O suboficial Powell inclinou-se para a frente, de súbito, ainda sentado, e apagou cuidadosamente o cigarro. Pegou o telefone e, depois de discar um só número, puxou um lenço do bolso.

-Quem é? perguntou com voz rouca ao fone. Quero que você vá procurar o Levant. Encontre o Levant e diga-lhe para dar um pulo aqui embaixo. Diga-lhe para trazer dois lampiões. Preciso dele aqui imediatamente.

Cobriu o bocal do fone com a mão, assoou o nariz e olhou para Ishmael.

-Quanto tempo você tem? indagou. Só posso autorizar o Levant a ajudá-lo no máximo durante duas horas.

-Está ótimo disse Ishmael. Não quero perturbar ninguém. É só me mostrar o caminho.

Evan Powell tirou a mão do bocal.

-Smoltz disse. Ache o Levant. Diga-lhe que preciso dele agora. Encontre o Levant para isso.

Ele desligou e assoou o nariz mais uma vez.

-Com este tempo os barcos não saem disse ele. Fizemos o levantamento de Neah Bay há uma hora. Achamos que a neve só vai parar de cair amanhã à tarde.

O operador de rádio chamado Levant chegou. Levant era alto o suficiente para ser jogador de basquetebol, 1,90 ou 1,92m, com um enorme pomo-de-adão e cabelos negros crespos, trazendo lampião e lanterna.

-Esse rapaz aqui é o Ishmael Chambers explicou o suboficial Powell. Ele publica o jornal da cidade e precisa dar uma olhada nos

nossos registros meteorológicos. Quero que o ajude, mostre tudo a ele, dê as explicações necessárias. Dê-lhe o que ele precisa, forneça-lhe um par de lampiões.

-Mais alguma coisa? perguntou Levant.

-Não perca sua vigília fazendo isso recomendou Powell. Você só tem duas horas antes de pegar no turno.

-Ouça disse Ishmael, é só me indicar qual é a direção certa. Não quero tomar o tempo de ninguém.

Levant guiou-o para a sala de registros no segundo andar, que estava cheia do piso ao teto de engradados, arquivos e sacos de aniagem empilhados. Cheirava a bolor e a tinta de mimeógrafo e há algum tempo não via uma limpeza.

-Tudo está datado frisou Levant, encontrando lugar para colocar um lampião. É assim que fazemos, principalmente por datas. Transmissões de rádio, diário de bordo, relatórios meteorológicos, manutenção... tudo aqui está organizado por datas, acho eu.

-Você faz turno no rádio? perguntou Ishmael. É o operador? -Agora sou disse Levant. Já sou operador há dois meses, mais ou menos os caras antes de mim foram transferidos e eu vim para cá.

-Seu trabalho envolve muitos registros? Um operador de rádio contribui para aumentar essa documentação? -Tem gente que taquígrafa todas as transmissões de rádio explicou-lhe Levant. Escreve tudo, arquiva e os registros acabam aqui, dentro de um arquivo. E parece que só servem para isso, para ocupar espaço. Ninguém liga para esses registros.

Ishmael pegou uma pasta de papel manilha e virou-a para iluminá-la à luz do lampião.

-Parece que vou ficar por aqui bastante tempo disse. Por que não volta para seu trabalho? Se precisar de alguma coisa eu o procuro.

-Vou pegar outro lampião respondeu Levant.

Ele ficou sozinho, com o vapor de sua respiração à luz do lampião e os engradados de registros marítimos. A sala cheirava a água salgada, neve e passado estava repleta do aroma de dias perdidos. Ishmael tentou concentrar-se no seu trabalho, mas a imagem de Hatsue no assento traseiro do seu carro os olhos dela encontrando os dele no retrovisor o imergiu em suas lembranças.

Na primeira vez que ele a vira após a guerra ela havia tentado, recordou ele, ser amistosa, mas ele não fora capaz de aceitar isso. Tinha ficado de pé atrás dela com seu leite e biscoitos, esperando na fila no Petersen. Ficou de pé em silêncio, odiando-a, e ela havia se virado para ele com um bebê no ombro, dizendo com uma formalidade distante que tinha ficado muito triste ao saber que ele havia perdido o braço na guerra. Ela estava, segundo ele se lembrava, tão bela como sempre fora, um pouco mais velha, os olhos mais sofridos, e ele sofreu ao olhar o rosto e os cabelos dela, que estavam trançados às suas costas.

Ishmael ficou ali parecendo pálido e doente estava resfriado, um pouco febril com a manga da manta grossa de lã pregada com um alfinete, o leite e os biscoitos presos na sua mão, e fitou demoradamente, com raiva, o bebê de Hatsue, enquanto a caixa da mercearia, Eleanor Hill, fingia não notar que Hatsue havia falado daquilo que outros, inclusive Eleanor, não tomavam conhecimento que Ishmael havia perdido um braço.

-Foram os japas disse Ishmael, em voz inexpressiva, ainda olhando furioso para o bebê. Eles me arrancaram o braço a tiros. Os japas.



Hatsue olhou-o mais um momento, depois virou-se para Eleanor Hill outra vez e abriu o porta-moedas.

-Desculpe disse Ishmael, imediatamente. Não quis dizer isso. Não quis dizer o que eu disse. Mas ela não demonstrou tê-lo ouvido, de forma que ele largou o leite e os biscoitos e pousou a mão no ombro dela. Desculpe disse de novo, mas ela não se voltou para olhá-lo e afastou-se de sua mão. Estou mais que arrependido. Estou infeliz. Entende? Não quero dizer o que digo. Você não pode mais confiar em mim quando falo. Eu simplesmente digo as coisas. Eu...

Eleanor Hill estava fingindo, ocupando-se, que Ishmael, um veterano de guerra, não estava de pé em sua presença pronunciando as palavras que estava pronunciando. Era só o que conseguia dizer ao falar de si mesmo, quando tentava dizer o que tinha a dizer; não havia nada que pudesse explicar com facilidade a ninguém, e ninguém que quisesse escutá-lo. Havia outros rapazes que tinham ido à guerra, e ele descobriu que às vezes conseguia conversar com eles, mas isso não queria dizer nada.

-Desculpe, Hatsue repetiu ele, de novo. Desculpe por tudo. Tudo mesmo.

Saiu sem comprar o leite nem os biscoitos. Foi para casa e escreveu uma carta de desculpas, explicando pormenorizadamente que não era mais o mesmo, que às vezes dizia o que não queria, que desejava nunca ter pronunciado a palavra "japa" na frente dela, que nunca mais ia fazer aquilo de novo. A carta ficou na gaveta da escrivaninha duas semanas antes de ele a jogar fora.

Contra a vontade, ele sabia onde ela morava, o carro que ela dirigia, e ao ver o marido dela, Kabuo Miyomoto, sentia algo apertando

seu coração. Sentia um aperto por dentro e durante muito tempo não conseguiu dormir à noite. Ficava acordado até as duas da madrugada, depois acendia uma luz e tentava ler um livro ou revista. Gradativamente, a aurora vinha, encontrando-o ainda insone. Saía perambulando pelas trilhas da ilha de manhã cedo, devagar. Certa vez, enquanto fazia isso, encontrou-a. Ela estava na praia de Fletcher's Bay, revolvendo a areia, concentrada, em busca de mexilhões. O bebê dormia sobre um cobertor ao seu lado, sob uma barraca. Ishmael veio até a praia de propósito e agachou-se ao lado de Hatsue enquanto ela extraía os mexilhões e os jogava em um balde.

-Hatsue havia suplicado ele. Posso falar com você? -Eu me casei disse ela, sem olhá-lo. Não é direito nós estarmos sozinhos. Vai parecer estranho, Ishmael. As pessoas vão comentar.

-Não há mais ninguém por aqui respondeu Ishmael. Eu preciso falar com você, Hatsue. Você me deve isso, não? Não acha que deve? - Sim disse Hatsue. Eu devo.

Ela virou-se e olhou para o bebê. O sol havia atingido o rosto da criança; Hatsue ajeitou a barraca.

-Sou como um agonizante disse Ishmael a ela. Não fui feliz um dia sequer desde que você partiu para Manzanar. É como levar um peso nas minhas entranhas, uma bola de chumbo ou coisa assim. Sabe como é isso, Hatsue? Às vezes penso que vou enlouquecer, acabar no sanatório em Bellingham. Estou maluco, não durmo, fico acordado a noite inteira. Esse sentimento nunca me abandona. Às vezes acho que não vou agüentar. Digo a mim mesmo que isso não pode continuar, mas continua, mesmo assim. Não há nada que eu possa fazer.

Hatsue afastou os cabelos dos olhos com as costas do pulso esquerdo.

-Sinto muito por você disse ela, mansamente. Não desejo que seja infeliz. Nunca quis que você sofresse. Mas não sei o que posso fazer por você agora. Não sei como posso ajudá-lo.

-Vai achar que é loucura disse Ishmael. Mas eu só quero abraçar você. Só quero abraçá-la uma vez e sentir o perfume dos seus cabelos, Hatsue. Acho que depois disso vou me sentir melhor.

Hatsue o havia olhado, zangada, durante um longo momento, com o ancinho de revirar areia na mão.

-Olhe aqui disse. Sabe que não posso fazer isso. Nunca posso tocá-lo, Ishmael. Tudo tem que terminar entre nós. Nós dois temos que esquecer o passado e continuar vivendo. Do meu ponto de vista, não há meio-termo. Estou casada, tenho um bebê, e não posso deixar você me abraçar. Então é melhor você se levantar agora mesmo e ir dando o fora, e me esquecer para sempre. Precisa desistir de mim, Ishmael.

-Sei que está casada disse Ishmael. Quero esquecer você, juro. Acho que se me abraçar posso começar a fazer isso, Hatsue. Abrace-me só uma vez, e irei embora e nunca mais falarei com você outra vez.

-Não disse ela. Não pode ser. Você vai ter que dar outro jeito. Não vou abraçar você jamais.

-Não estou falando de amor disse ele. Não estou lhe pedindo para tentar me amar. Mas só de um ser humano para outro, eu só preciso estar em seus braços.

Hatsue suspirou e desviou o olhar do dele.

-Vá embora disse. Sofro por você, sinceramente, me sinto mal com a sua infelicidade, mas não vou abraçá-lo, Ishmael. Vai ter que viver sem meu abraço. Agora levante-se e me deixe em paz, por favor.

Os anos tinham passado, e agora o marido dela estava em julgamento pelo assassinato de um homem no mar. Ocorreu a Ishmael, na sala de registros da guarda costeira, que talvez algo pertinente ao caso de Kabuo pudesse ser encontrado bem aqui entre esses arquivos. E de repente ele colocou de lado os dados meteorológicos, começou a revistar os arquivos e um estranho entusiasmo cresceu dentro dele.

Ishmael levou quinze minutos para encontrar o que queria. Estava num arquivo à direita da porta, perto da parte da frente da terceira gaveta decima para baixo registros de 15 e 16 de setembro de 1954.

Ausência de ventos, marés moderadas, nevoeiro espesso, noite fresca. Um navio passou à 1:20, o S.S. West Corona, grego, bandeira liberiana; havia anunciado sua posição a oeste, e encaminhava-se para o sul, rumo a Seattle. As transmissões de rádio foram taquigrafadas: o Corona havia feito uma transmissão de noroeste da prancha de ressonância 56, procurando uma posição a partir do sinal de rádio do farol. Havia descido o estreito registrando as ressonâncias enquanto avançava, mas o piloto não confiou nos registros e à 1:26 daquela manhã, sob neblina cerrada, enviou mensagem pelo rádio ao farol pedindo ajuda. Havia interferência e o sinal estava fraco, de forma que o operador de plantão aconselhara o navegador do Corona a fazer uma leitura da prancha 56, que ficava na praia setentrional da ilha de Lanheedron, e a registrar sua posição de acordo com essa leitura. O navegador do Corona havia pedido um apito e cronometrou o intervalo entre ele e o eco. Fez as contas de divisão e multiplicação e retransmitiu sua posição para o operador de rádio. O Corona estava fora da rota,

relatou, em algum ponto ao sul da bóia 56, e teria de fazer uma manobra para voltar à rota, na direção nordeste, seccionando ao meio Ship Channel Bank.

Ship Channel Bank. Onde Dale Middleton, Vance Cope e Leonard George haviam todos visto Carl Heine com a rede lançada na noite em que se afogou. Naquela noite um enorme cargueiro havia passado bem no meio da zona de pesca, formando diante de si uma vaga grande o suficiente para jogar até um homem de grande estatura ao mar.

À 1:42, por ordem do piloto, o Corona procedeu à correção da rota enquanto o navegador confirmava mais duas vezes a posição pela prancha de ressonância. Mais tarde, o navegador fez mais três leituras, para certificar-se pranchas 58, 59 e 60. Pareceu ao operador de rádio do Corona que haviam retornado em segurança à rota original. Nas proximidades de White Sand Bay ele captou o radiofarol e, ganhando confiança, descreveu um largo giro para o sul. O Corona passou a seguir o sinal de rádio do farol e seguiu para Seattle.

Tudo estava em triplicata cópias em carbono no padrão militar. Estavam assinadas pelo assistente do operador de rádio, o marujo Philip Milholland ele havia feito a transcrição das transmissões de rádio. Ishmael destacou três páginas centrais das notas do marujo Milholland e dobrou-as em quatro. As páginas couberam direitinho no bolso do casaco e ele as deixou ali, sentindo-as, acalmando-se um pouco. Depois agarrou um dos lampiões e saiu.

Ao pé das escadas, numa ante-sala, ele encontrou Levant folheando devagar o Saturday Evening Post ao lado de um aquecedor a querosene de piso.

-Terminei avisou. Só mais uma coisa. Philip Milholland está por aqui? Quero falar com ele.

Levant balançou a cabeça e colocou o jornal no chão.

-Conhece Milholland? perguntou.

-Mais ou menos disse Ishmael. É meu conhecido.

-Ele foi embora. Foi transferido para Cape Flattery, Milholland e Robert Miller. Foi quando nós viemos para cá.

-Nós? indagou Ishmael. Nós, quem? -Eu e o Smoltz, nós dois, começamos aqui juntos. Smoltz.

-Quando foi isso? Quando o Milholland foi embora? -Foi em setembro disse Levant.

-Eu e o Smoltz começamos no dia 16 de setembro como equipe de plantão no rádio.

-Plantão? À noite? -É, turno da noite, sim disse Levant. Eu e Smoltz trabalhamos no turno da noite.

-Então o Milholland foi embora disse Ishmael. Ele partiu no dia 15 de setembro? -Ele não poderia ter partido no dia 15 disse Levant porque trabalhou na noite do dia 15. Então, deve ter partido no dia 16... foi isso. Ele e o Miller foram para Flattery no dia 16 de setembro.

Ninguém sabe, pensou Ishmael. Os homens que haviam escutado as transmissões de rádio do Corona foram transferidos no dia seguinte. Haviam feito plantão no dia 15, dormiram na manhã do dia 16 e depois saíram de San Pedro. As transmissões transcritas foram colocadas numa pasta de papel manilha e a pasta fora colocada num arquivo numa sala entupida de registros da guarda costeira. E quem as encontraria lá? Estariam perdidas para sempre, parecia a Ishmael, e ninguém sabia a

verdade sobre o que acontecera; que na noite em que Carl Heine se afogou, quando seu relógio parou à 1:47, um cargueiro passou por Ship Channel Bank à 1:42 apenas cinco minutos antes, sem dúvida erguendo uma muralha de água alta o suficiente para pôr a pique um pequeno barco de pesca e jogar até um homenzarrão por sobre a amurada. Ao menos uma pessoa conhecia essa verdade. Esse era o âmago da questão.

A mãe de Ishmael estava com a estufa da cozinha acesa ele viu a fumaça subindo grossa da chaminé, de um branco fantasmagórico contra a neve pesada e estava na frente da pia de sobretudo e cachecol quando Ishmael passou diante da janela com a lata de querosene. Uma fumaça havia se formado na parte de dentro da vidraça, de forma que a imagem dela lhe parecia uma espécie de silhueta, uma vaga impressão de sua mãe diante da pia, refratada e fragmentada, uma aquarela. Quando ele passou, espiando pela janela embaçada através da neve, ele viu a mão dela trabalhando com súbita nitidez, secando um círculo transparente na vidraça, e aí o olho dela encontrou os dele, e ela acenou. Ishmael ergueu a lata de querosene, ainda deslocando-se uniformemente até a porta da cozinha. Sua mãe havia aberto com a pá um caminho até o telheiro, mas a neve já estava cobrindo a trilha outra vez. A pá estava encostada no varão da cerca.

Ele ficou de pé diante da porta da cozinha, colocou o querosene no chão e procurou o local no bolso do sobretudo onde estavam as anotações de Philip Milholland, da guarda costeira, contra sua perna. Tirou a mão e voltou a colocá-la no bolso, tocando outra vez as anotações. Depois pegou o querosene e entrou.

Sua mãe estava de galochas, desafiveladas, e havia usado tachinhas para pregar um cobertor de lã atravessado na entrada que dava para a sala de estar. A luz da cozinha passava com um brilho opaco pelas janelas molhadas; o aposento estava quente e, sobre a mesa, arrumados, havia uma série de velas, um lampião a querosene, duas lanternas e uma caixa de fósforos. A mãe tinha colocado uma chaleira



cheia de neve sobre o fogão; ela chiava e estalava enquanto Ishmael fechava a porta atrás de si.

-Trouxe um pouco de comida, está no carro disse ele, colocando a lata de querosene contra a parede, e um pavio novo para o aquecedor. Depositou-o na mesa ao lado das velas. A noite passada foi muito gelada? -De jeito nenhum respondeu a mãe. Estou mesmo muito feliz em vê-lo, Ishmael. Tentei telefonar, mas o telefone está mudo. As linhas todas devem ter sido desativadas.

-Foram disse Ishmael. Em toda parte.

Ela terminou de derramar a água extraída da neve tirada de uma segunda chaleira em jarras dentro da pia, depois secou as mãos e virou-se para ele.

-As pessoas estão tendo muitas dificuldades? indagou.

-Devo ter visto cinqüenta carros ao longo das estradas desde a cidade disse Ishmael. Vi o carro de Charlie Torvai de cabeça para baixo no meio das amoreiras em Scatter Springs. Há árvores caídas para todo lado; não há energia em nenhum lugar. Estão tentando restabelecer a força pela manhã, mas primeiro no centro, como sempre. Se conseguirem, a senhora deve vir passar o dia comigo; vamos fechar esta casa e nos mudar para a cidade, não há necessidade de ficar aqui morrendo de frio. Eu...

-Não estou morrendo de frio disse a mãe, retirando o cachecol da cabeça. Aliás, aqui está um pouco quente demais agora. Acabei de remover neve agora mesmo, e de trazer um pouco de lenha. Estou muito bem, a não ser minha preocupação com o que vai acontecer quando a água dos canos derreter. A última coisa de que preciso é um cano rompido.

-Vamos abrir as torneiras sugeriu Ishmael. Não vai haver nenhum problema. Há uma válvula reguladora de pressão na linha da parede leste, no porão... foi o papai que a instalou, lembra-se? Ele sentou-se à mesa e cobriu o toco do braço amputado com a mão em concha, depois esfregou-o e apertou-o brandamente. Isso dói quando fica frio assim disse.

-Está fazendo dezoito graus abaixo de zero disse a mãe. Aquelas compras que estão no seu carro vão congelar. Talvez a gente deva ir lá pegá-las.

-Concordo plenamente disse Ishmael. Vamos lá.

-Quando seu braço estiver melhor disse a mãe.

Eles trouxeram os dois sacos de comestíveis para a casa, bem como a câmara de Ishmael. Os canteiros de flores da mãe estavam completamente cobertos de neve, e esta também estava revestindo os azevilhos e amoreiras e congelando as gemas dos rododendros. Ela estava, segundo disse, preocupada com as flores, se as mais frágeis dentre elas sobreviveriam ao tempo frio ela havia perdido flores em tempo mais brande, declarou. Ishmael viu onde ela trabalhara com o carrinho de mão trazendo lenha do telheiro até a porta da cozinha; havia lascas em torno do bloco de madeira de onde ela tinha cortado os cavacos.

Sua mãe, aos 56 anos, era o tipo de viúva do interior que mora sozinha de forma bastante auto-suficiente; ele sabia que ela se levantava às cinco e quinze todas as manhãs, fazia a cama, alimentava as galinhas, tomava banho, se vestia, fazia um ovo pochê com torrada, fazia chá forte e o bebericava à mesa, depois lavava imediatamente a louça do café e fazia logo todas as tarefas domésticas necessárias. Às

nove horas, especulava ele, não havia mais nada obrigatório a fazer, e aí ela lia ou cuidava das flores, ou ia de carro à Mercearia do Petersen. Ele não tinha uma idéia exata de como ela passava o tempo. Sabia que lia sem parar Shakespeare, Henry James, Dickens, Thomas Hardy, mas não achava que isso podia preencher seus dias. Nas noites de quarta-feira, duas vezes por mês, ela ia a uma reunião do círculo de leitura, cinco outras mulheres que gostavam de debater Benito Cereno, As flores do mal, A importância de ser honesto e Jane Eyre. Ela era amiga de Lillian Taylor, com quem compartilhava uma paixão por flores e A montanha mágica e Sra. Dalloway. As duas curvavam-se ou ficavam de pé no jardim, catando as sementes de agulhas emplumadas de astilbes algumas semanas após o auge da floração, depois sentavam-se a uma mesa de jardim para peneirá-las e colecioná-las em pequenos pacotes de papel manilha. Bebiam água com gotas de limão e comiam sanduíches às três da tarde.

-Somos senhoras requintadas ouviu Lillian exclamar uma vez. Vamos vestir guarda-pós de pintor, colocar boinas azuis e pintar aquarelas da próxima vez... o que acha disso, Helen? Está pronta para ser uma senhora excêntrica que pinta? Helen Chambers era simples e digna à maneira de Eleanor Roosevelt. Sua simplicidade constituía-se em uma forma de beleza; ela causava uma impressão e tanto. O nariz era largo, e a testa, imponente. Para fazer compras na cidade usava um casaco de pêlo de camelo e um chapéu de palha enfeitado com fita e renda listrada. A morte do marido havia exacerbado nela a concentração nos livros e nas flores, e uma necessidade de estar com outras pessoas. Ishmael ficava a seu lado na igreja enquanto ela cumprimentava os amigos e conhecidos com uma cordialidade e sinceridade que ele não conseguia reunir em si mesmo. Costumava ir

almoçar com ela depois. Havia explicado à mãe, quando ela lhe pedia para fazer a oração de ação de graças, que, como seu pai, antes dele, era um agnóstico incorrigível, e suspeitava que Deus era um embuste.

-Suponhamos que você tenha de escolher agora, neste exato momento lhe havia dito a mãe uma vez. Suponha que alguém encostou um revólver na sua cabeça e obrigou você a escolher, Ishmael. Existe Deus ou não? -Ninguém encostou um revólver na minha cabeça respondeu Ishmael. Eu não tenho de escolher, tenho? Essa é a questão. Eu não preciso saber ao certo se é uma coisa ou outra, se...

-Ninguém sabe, Ishmael. Em que você acredita? -Não acredito em nada. Eu sou assim. Além disso, não sei o que quer dizer quando se refere a Deus. Se me disser o que ele é, mamãe, eu lhe direi se acho que ele existe.

-Todo mundo sabe o que Deus é respondeu a mãe. Você sente o que é Deus, não? -Não sinto o que é Deus respondeu Ishmael. Não sinto nada, de um jeito, nem de outro. Não sinto nada com relação a esse assunto... não é algo acerca do qual eu tenha uma escolha. Um sentimento como esse não deve acontecer? Não deve simplesmente acontecer? Não posso inventar um sentimento como esse, posso? Talvez Deus simplesmente escolha algumas pessoas e o resto de nós... não podemos senti-lo.

-Você o sentia quando era criança disse a mãe. Eu me lembro, Ishmael. Você o sentia.

-Isso foi há muito tempo respondeu Ishmael. O que uma criança sente... isso é diferente.

Agora, ao crepúsculo, ele estava sentado na cozinha da casa da sua mãe com as anotações de Philip Milholland no bolso do casaco e

tentava sentir aquele sinal divino que sentira na infância. Não era algo que pudesse conjurar novamente. Depois da guerra ele havia tentado sentir Deus, consolar-se n'Ele. Mas não tinha funcionado, e ele havia desistido da tentativa quando não podia mais ignorar que aquilo lhe parecia ser de uma falsidade patética.

O vento fez balançar a janela atrás dele e a neve lá fora caía rápido. A mãe tinha uma sopa que podiam tomar, disse: cinco tipos de feijões, cebolas e aipo, um pedaço de pernil, dois nabos pequenos. Ele estava com fome agora ou queria esperar? Para ela, tanto fazia, ela podia comer ou não, não fazia diferença para ela. Ishmael meteu dois cavacos de polpa de abeto no fogo. Pôs uma chaleira de água sobre o fogão, depois sentou-se outra vez à mesa.

-Está bem quente aqui comentou. A senhora não precisa se preocupar com o frio.

-Fique respondeu a mãe. Durma aqui comigo. Tenho três acolchoados sobrando. Seu quarto vai estar frio, mas a cama vai ficar ótima. Não volte nessa nevasca. Fique e aproveite o conforto.

Ele concordou em ficar e ela serviu a sopa. De manhã ele trataria de imprimir o jornal; por enquanto estava aquecido onde estava. Ishmael estava sentado com a mão no bolso do casaco, imaginando se não devia contar à mãe sobre as anotações da guarda costeira que havia roubado do farol e depois voltar cuidadosamente para a cidade a fim de entregar o relatório ao juiz Fielding. Mas ele nada fez. Ficou sentado assistindo ao apagar das luzes do crepúsculo, pelas janelas da cozinha.

-Esse julgamento de homicídio disse a mãe, afinal. Imagino que anda ocupado com isso.

-É só nisso que eu penso disse Ishmael.

-É uma pena disse a mãe. Sou obrigada a entender que é uma encenação. Que o prenderam apenas porque ele é japonês.

Ishmael nada respondeu. A mãe acendeu uma das velas da mesa e colocou um pires sob ela.

-O que acha? indagou ela. Não andei por lá escutando, e gostaria de saber o que tem a dizer.

-Venho cobrindo cada minuto do julgamento informou Ishmael. E nesse momento, sentiu frio, com uma intensidade que não o surpreendeu, e cerrou o punho em torno das anotações de Milholland. Sou obrigado a pensar que ele é culpado mentiu Ishmael. As provas contra ele são irrefutáveis... o promotor está com a causa ganha.

Ele contou-lhe sobre o sangue no arpão, o ferimento do lado esquerdo da cabeça de Carl Heine, o sargento que havia testemunhado que Kabuo Miyomoto era um especialista em matar com varas. Ele lhe contou sobre o depoimento de Ole Jurgensen e a antiga disputa de terras. Contou-lhe que três pescadores disseram que tinham visto Kabuo Miyomoto pescando perto de Carl Heine na noite em que ocorreu o crime e contou-lhe sobre o pedaço de cabo de amarração. O acusado sentava-se de forma empertigada na cadeira, imóvel e imperturbável. Não parecia demonstrar remorsos. Não virava a cabeça nem movia os olhos, nem mudava de expressão. Parecia a Ishmael orgulhoso e desafiador, e desinteressado da possibilidade de ser enforcado. Aquilo lhe lembrava uma palestra de treinamento à qual estava presente em Fort Benning. O soldado japonês, um coronel explicou, preferia morrer lutando a se render. Sua fidelidade a seu país e seu orgulho em ser japonês impediam-no de ceder. Não tinha nada contra morrer na guerra, como os americanos. Para o soldado japonês uma vida depois de uma

derrota não valia mais nada; ele sabia que não poderia voltar para o seu povo depois de sofrer a humilhação de perder a batalha. Nem poderia encarar seu Criador depois disso sua religião exigia que ele morresse com honra. Compreendam, acrescentou o coronel: os japas preferem morrer com a honra intacta, e nisso os homens da infantaria deviam atendê-los. Em outras palavras, não faça prisioneiros; atirem primeiro e perguntem depois. O inimigo, como vêem, não tem respeito pela vida, nem pela vida dos outros. Não joga de acordo com as regras. Vai erguer os braços, fingir que está se rendendo, e está pronto para atacá-lo quando você se aproximar. É característico dos japas serem dissimulados e traiçoeiros. Não mostram o que estão pensando no rosto.

-Tudo isso era só propaganda acrescentou Ishmael. Queriam que fôssemos capazes de matá-los sem remorso, de fazer deles menos do que pessoas. Nada disso era justo nem verdadeiro, mas, ao mesmo tempo, me vejo refletindo no assunto sempre que olho para o Miyomoto ali sentado, olhando direto para a frente. Eles poderiam ter usado o rosto dele num daqueles filmes de propaganda... ele é inescrutável a esse ponto.

-Eu sei quem ele é disse a mãe de Ishmael. É um homem impressionante, o rosto dele é vigoroso. Como você, Ishmael, ele foi à guerra. Esqueceu-se disso, que ele lutou na guerra? Que arriscou a vida por este país? -Tudo bem respondeu Ishmael, ele serviu. Esse fato é pertinente ao assassinato de Carl Heine? É relevante para o caso em pauta? Concordo que o sujeito é "impressionante", como você diz, e que ele serviu na guerra... essas coisas são relevantes? Não entendo o que as torna relevantes.

-São no mínimo tão relevantes quanto sua palestra de propaganda replicou a mãe. Se vai se lembrar de uma coisa dessas e relacioná-la de

alguma forma com a expressão do réu... bem, é melhor se lembrar de outras coisas, também, para continuar sendo justo. Senão vai estar sendo subjetivo de uma forma que não é justa, de jeito nenhum, para com o acusado. Está se permitindo sair do equilíbrio.

-A expressão do réu não faz parte disso disse Ishmael. As Impressões não fazem parte disso. Os sentimentos não são parte disso. Os fatos é que importam disse Ishmael, e os fatos pesam contra ele.

-Disse que o julgamento ainda não terminou lembrou a mãe. A defesa ainda não apresentou suas testemunhas, mas você está pronto a condená-lo. Já tem todas as provas do promotor, mas talvez a história não seja bem essa... nunca é, Ishmael. E, além disso, na realidade, os fatos são tão frios, tão horrivelmente frios... será que podemos depender apenas dos fatos, pura e simplesmente? -O que mais temos? replicou Ishmael. Tudo o mais é ambíguo. Tudo o mais são emoções e suspeitas. Pelo menos podemos nos agarrar aos fatos; as emoções simplesmente vão-se embora, flutuando.

-Flutue junto com elas disse-lhe a mãe. Se puder se lembrar como, Ishmael. Se puder reencontrá-las. Se não tiver ficado frio para sempre.

Ela se ergueu e foi até o fogão. Ele ficou sentado em silêncio com a mão na testa, respirando pelo nariz e subitamente vazio um espaço enorme e aéreo havia se formado dentro dele, uma bolha de éter expandindo-se contra as costelas estava vazio agora, mais vazio do que estivera um minuto atrás, antes da mãe falar. O que ela sabia sobre o enorme vazio que o habitara durante todo aquele tempo? O que ela sabia dele, afinal? Era uma coisa tê-lo conhecido em criança; era outra procurar compreender suas feridas de adulto. Ela não sabia, afinal: ele não poderia se explicar. Ele não queria explicar a ela sua frieza nem



revelar-se de nenhuma forma. Afinal de contas, ele a tinha visto chorar a morte do marido, e para ela isso fora em parte a descoberta de que a tristeza podia aliar-se à permanência algo que Ishmael já havia descoberto. Ela se aliava e depois enterrava-se lá dentro e fazia ninho, e ficava. Roía tudo que houvesse de cálido em torno, e depois a frieza se estabelecia permanentemente. A gente aprendia a viver com isso.

Sua mãe havia ficado fria quando Arthur morrera: seu pesar pela morte dele ficou estampado. Mas isso não a havia impedido de continuar encontrando alegria na vida, ocorria agora a Ishmael. Ali estava ela junto ao fogão servindo sopa com a concha com a desenvoltura tranqüila de quem sente que existe certamente algo chamado graça. Ela adorava cheiro de sopa, o calor do fogão, a sombra que a vela agora projetava na parede da cozinha. O aposento escurecera e ficara tranqüilo agora, o único lugar aquecido em todo o mundo, e ele se sentia vazio ali.

-Estou infeliz disse ele. Diga-me o que fazer.

Sua mãe nada respondeu a princípio. Em vez disso, veio para a mesa com a tigela de sopa dele e colocou-a à sua frente. Depois trouxe também a tigela dela para a mesa e em seguida um pedaço de pão sobre uma tábua, bem como um prato com manteiga cremosa e colheres.

-Você é infeliz disse ela, sentando-se. Apoiou os cotovelos sobre a mesa e descansou o queixo sobre as palmas das mãos. Essa sua infelicidade, sou obrigada a dizer, é a coisa mais óbvia do mundo.

-Diga-me o que fazer repetiu Ishmael.

-Dizer-lhe o que fazer? disse a mãe. Não posso dizer-lhe o que fazer, Ishmael. Tentei entender os problemas que andou tendo na vida...

ter ido à guerra, ter perdido seu braço, não ter se casado nem ter tido filhos. Tentei compreender tudo isso, acredite, tentei... como você deve se sentir. Mas preciso confessar que, por mais que tente, não consigo entender você mesmo. Há outros rapazes, afinal de contas, que foram à guerra e depois continuaram a viver suas vidas. Conheceram moças, casaram-se e tiveram filhos, e sustentaram a família apesar do seu passado. Mas você... você se tornou insensível, Ishmael. E ficou insensível todos esses anos. E não sei o que fazer nem dizer sobre isso, nem como poderia ajudá-lo de alguma forma. Já rezei e já conversei com o pastor...

-Havia rapazes que rezavam em Tarawa disse Ishmael. Mesmo assim, foram mortos, mãe. Exatamente como os que não rezavam. Não importava, era do mesmo jeito, rezando ou não.

-Mas mesmo assim, rezei por você. Quero que você seja feliz, Ishmael. Mas não sei o que fazer.

Eles tomaram a sopa e comeram o pão em silêncio enquanto a chaleira sobre a estufa chiava. A vela da mesa projetava um arco de luz sobre a comida deles, e lá fora, através da vidraça embaçada, a neve sobre o solo iluminava-se sob o luar acima das nuvens e retinha-o de forma que ele se difundia sobre tudo. Ishmael tentou apreciar os pequenos prazeres do calor, da luz e do pão. Não queria contar à mãe sobre Hatsue Miyomoto e como ele tinha, muitos anos atrás, tido a certeza de que se casariam. Ele não queria contar-lhe sobre o cedro oco onde eles haviam se encontrado tantas vezes. Ele nunca tinha contado a ninguém sobre aquela época; havia lutado muito para esquecê-los. Agora o julgamento trouxera de volta tudo aquilo.

-Seu pai lutou em Belleau Wood contou-lhe a mãe, de súbito. Levou anos para superar tudo aquilo. Tinha pesadelos e sofria, como você. Mas isso não o impediu de continuar vivendo.

-Ele não superou aquilo disse Ishmael. Não é possível superar aquilo.

-Isso não o impediu de viver insistiu a mãe. Ele continuou a vida dele. Não deixou a auto-piedade sufocá-lo... ele simplesmente prosseguiu.

-Tenho prosseguido disse Ishmael. Continuo mantendo o jornal, não? Eu...

-Não é isso que eu quero dizer disse a mãe. Não é aí que eu quero chegar. Você sabe tão bem quanto eu o que estou tentando dizer. Por que diabos você não namora ninguém? Como consegue suportar sua solidão? Você é um homem atraente, há muitas mulheres que...

-Não vamos falar nisso outra vez disse Ishmael, pondo a colher de lado. Vamos mudar de assunto.

-O que lhe resta? perguntou a mãe. Finalmente, para responder a sua pergunta, o que você devia fazer para deixar de ser infeliz: case-se e tenha filhos.

-Isso não vai acontecer disse Ishmael. Não é a resposta para a pergunta.

-Sim, é disse a mãe. Verdadeiramente, com certeza é.

Após o jantar ele acendeu o aquecedor a querosene e colocou-o no quarto dela. O carrilhão dos pais ainda funcionava após todos esses anos com uma resistência maníaca. Lembrava-se agora das manhãs de sábado, quando o pai lia para ele sob os lençóis com o relógio a soar ao

fundo. Eles leram Ivanhoé juntos, revezando-se, e depois David Copperfield. Agora ele via, sob o facho de sua lanterna, a mãe dormindo sob edredons que estavam apenas começando a amarelar. Ficou surpreso por encontrar ao lado da cama dela a antiga vitrola RCA que até recentemente ficava no antigo estúdio do pai. Ela havia escutado a sinfonia Júpiter de Mozart, executada pela Orquestra Sinfônica de Viena em 1947, e Ishmael, vendo o disco na vitrola, imaginou-a na cama com aquela música melancólica tocando e uma xícara de chá ao seu lado. Imaginou-a ouvindo Mozart às nove horas da noite.

Abriu as torneiras da pia e da banheira e saiu para verificar como estavam as galinhas. Havia uma dúzia, todas vermelhas de Rhode Island, reunidas como uma bola de penas num canto do galinheiro que o pai construía anos antes. Por um momento, Ishmael iluminou-as com a lanterna; depois esticou o braço para dentro do galinheiro e pegou um ovo próximo que havia sido abandonado no frio. Estava duro, e ele sabia que no seu interior o embrião estava inteiramente congelado. Ele o aqueceu por um momento na palma da mão, depois rolou-o suavemente na direção das galinhas. Elas mudaram de posição diante disso, entrando em pânico e debatendo-se um pouco.

Ele tornou a entrar, e, ainda de sobretudo e chapéu, perambulou pelos aposentos da casa fria. Sua respiração saía em jatos de vapor e desaparecia na escuridão. Ishmael colocou a mão no pilar do corrimão no final da escada, depois tirou-a e lançou o facho de luz da lanterna para cima. Mossas superficiais, em formato de luas, haviam aparecido nos pés dos degraus devido ao desgaste; a balaustrada, viu ele, tinha perdido o brilho. Lá em cima, o quarto onde ele dormia quando garoto fora convertido pela mãe numa sala de costura e para passar e guardar roupa. Ishmael subiu e, sentado em sua antiga cama, tentou lembrar-se

como ela já havia sido. Ele recordou-se de que, em um dia bom de inverno, quando os bordos já haviam perdido as folhas, ele podia olhar pela janela além das árvores e ver o verde e salgado mar a sudoeste.

Ele tivera uma coleção de botões e de flâmulas, mil moedas de um centavo num grande pote de barro, um aquário e um carrinho de lata em escala pendente de um arame em um canto. Agora já não estavam mais ali, ele não sabia onde tinham ido parar. Ele havia guardado sua caixa de vidro para ver o fundo do mar no canto do armário, sua luva, de beisebol sobre a caixa. Em certas noites, o luar transbordava da janela e banhava tudo de azul, ludibriando as sombras que o impediam de dormir. Ele sentava-se para escutar os grilos e sapos e, algumas noites, o rádio à sua cabeceira. Escutava, na maioria das vezes, jogos, de beisebol o Seattle Rainier da Liga da Costa do Pacífico e ainda podia se lembrar da voz de Leo Lassen, que mal podia ouvir, por trás de uma forte estática: "O primeiro turno é do White, que está ali dançando, dançando, pronto para correr, ele está levando Gittelsohn à lou-cuuuuu-ra... . Strange está na base inicial agora, depois do aquecimento... olha gente, ouçam a multidão presente aqui no Sick's Stadium, como aplaude o Strange enquanto ele cava seus buraquinhos para se equilibrar melhor, ele é um craque, ou não é? Ah, vocês deviam estar aqui esta noite! Mount Rainier está ali, além da cerca do campo direito, elevando-se como uma enorme casquinha de sorvete. Gittelsohn vai concluir o lançamento e... lá vai o White, não houve tempo nem para o arremesso, o White já está de pé em segurança, na segunda base, caraaambaa! White se safou! Roubou a segunda base! White está a salvo na segunda base!"O pai dele também gostava de beisebol. Ishmael sentava-se com ele ao lado do rádio Bendix na sala de estar, e ambos ficavam fascinados pela emoção com que Leo Lassen narrava uma partida disputada a

tantos quilômetros de distância, em Seattle, Portland ou Sacramento. A voz vinda do rádio havia caído uma oitava, alterado o timbre, diminuído o ritmo e se alongado perceptivelmente era agora aquela do tio incorrigível de alguém revelando os segredos do seu jogo de golfe; a seguir, a voz miraculosamente deslizava, desfiando habilmente um trava-línguas; depois, subitamente detectava um profundo significado em uma jogada comum em que saíam dois jogadores. Arthur batia no braço da poltrona, só de gosto, ao ouvir uma virada da sorte; ele ficava triste quando erros de interpretação ou negligência levavam o time para o buraco. Nos intervalos do jogo ele esticava as pernas e braços, torcia as mãos no colo e olhava fixamente para o rádio, como se este falasse apenas para ele. Acabava dormindo com a cabeça pendendo para a frente e ficava assim até Leo Lassen ficar histérico de novo, entrando em êxtase por causa do jogo. Freddy Mueller tinha feito uma rebatida que lhe permitira chegar à segunda base.

Ishmael lembrou-se do pai semi-adormecido, o crescente de luz tépida projetado pelo lampião da mesa emoldurando apenas sua silhueta, a do rádio e as páginas viradas de uma revista no colo dele Harper's ou Scientific Agriculture. Nos últimos turnos do jogo, o resto da sala alguns carvões retardatários brilhavam, de cor alaranjada, sob a grelha da lareira dormia nas sombras suaves e inertes. Os casacos pendiam de ganchos de latão polido no vestíbulo, e os livros do pai, arrumados pelo tamanho, estavam organizados ao longo das prateleiras de duas estantes fechadas por vidraças, de carvalho, semelhantes a criptas. Quando algo de importante acontecia uma corrida completa pelas bases até a base inicial, um roubo de base, uma jogada que tirasse dois jogadores da parada, uma boa defesa seu pai se movia, piscava duas ou três vezes e, por costume, descansava a mão nos óculos sobre a

revista. Os cabelos dele eram grisalhos e encaracolados bem rente ao crânio, e o queixo apontava ligeiramente para cima. Tinha cabelos grisalhos também nos ouvidos e narinas e mais ainda espalhados nas sobrancelhas. Quando o jogo terminava, ele desligava o rádio e ajeitava os óculos cuidadosamente no lugar, curvando as hastes atrás das orelhas. Eram óculos antigos de aro redondo, e quando ele os colocava, invariavelmente sofria uma silenciosa transformação, tornando-se subitamente professoral, bonito do jeito que alguns homens do campo são, embora ao mesmo tempo intelectual. Ele pegava sua revista e começava a ler como se o jogo jamais tivesse acontecido.

O pai de Ishmael havia morrido em Seattle, no Hospital da Administração dos Veteranos. Tinha câncer no pâncreas, que acabou alastrando-se para o fígado, e Ishmael não havia estado com ele nos seus últimos momentos. Vieram 170 habitantes da ilha para os funerais de Arthur, que se deu em um dia quente e sem nuvens de junho no Cemitério Memorial de San Pedro. Masato Nagaishi, segundo Ishmael se recordava, aparecera depois do enterro para lhe dar as condolências em nome da Liga de Cidadãos Nipo-Americanos e do Centro Comunitário Japonês.

Quero dizer disse Masato Nagaishi que o povo japonês da ilha de San Pedro muito se entristeceu com a morte de seu pai. Nós sempre tivemos grande respeito por ele como jornalista e como vizinho, um homem muito justo e compassivo para com os outros, um amigo nosso e de todo o povo. Masato Nagaishi pegou a mão de Ishmael e apertou-a com força. Era um homem corpulento, de rosto largo e totalmente calvo, e piscava muito por trás dos óculos. Sabemos que vai seguir os passos de seu pai disse o Sr. Nagaishi de um tom convincente, apertando a

mão de Ishmael. Temos certeza de e vai honrar sua herança. Lembramos de você em seu pesar.

Ishmael abriu a porta do armário embutido e olhou as caixas empilhadas ali. Já fazia oito anos que não pegava nas coisas guardadas nelas. Não estava mais muito interessado no seu conteúdo seus vros, suas pontas de flecha, suas redações do colegial, sua coleção de âmulas, seu pote de moedas, os botões e caixa de vidro e pedras da praia; pertenciam a uma outra época. Pensava, porém, em descobrir a carta que Hatsue havia escrito para ele de Manzanar e lê-la outra vez depois de todos estes anos só para se dar uma satisfação. Desde que havia parado para dar a ela uma carona na nevasca ele estivera se gratificando de forma insensata. Apesar de tudo isso, ele pensava nela com prazer.

A carta estava metida no fundo de uma caixa, bem onde ele a havia guardado, entre as páginas de um livro sobre arte náutica que ele ganhara de presente no seu décimo terceiro aniversário. O remetente no envelope era Kenny Yamashita, e o selo, curiosamente, havia sido colado de cabeça para baixo. O envelope, hoje quebradiço devido ao tempo, pareceu-lhe seco e frio ao toque. Ishmael enfiou a lanterna debaixo do braço e sentou-se outra vez na beirada da cama com o envelope entre os dedos. A carta dentro dele fora escrita em papel de arroz que, após todos aqueles anos, estava se deteriorando rapidamente, e ele a segurou com o cuidado que sentia que ela merecia, colocando-a sob a luz da lanterna, onde enxergou a caligrafia delicada de Hatsue.

Querido Ishmael, Estas coisas são muito difíceis de se dizer eu não consigo me lembrar de nada que seja mais doloroso para mim do que escrever esta carta para você. Agora estou a mais de oitocentos quilômetros de distância, e tudo me parece diferente do que era



quando estive com você pela última vez em San Pedro. Andei tentando pensar com clareza sobre tudo e aproveitar essa distância de maneira vantajosa. E eis o que descobri.

Eu não te amo, Ishmael. Não consigo imaginar maneira mais franca de dizer isso. Desde o início, quando éramos pequenos, me pareceu que havia alguma coisa errada. Sempre que ficávamos juntos eu sentia isso. Eu sentia isso dentro de mim. Eu te amava e não te amava no mesmíssimo instante, e me sentia perturbada e confusa. Agora tudo me parece óbvio, e sinto que devo lhe contar a verdade. Quando nos encontramos pela última vez dentro daquele cedro, e senti seu corpo se mover contra o meu, soube com certeza que tudo estava errado. Eu sabia que nós jamais nos daríamos bem juntos, e que logo eu teria de lhe contar isso. E agora, nesta carta, estou lhe contando. É a última vez que escrevo para você. Não sou mais sua.

Desejo-lhe tudo de bom, Ishmael. Você tem um grande coração, é meigo e bondoso, e sei que ainda vai fazer grandes coisas neste mundo, mas agora tenho de me despedir de você. Vou continuar vivendo o melhor que puder, e espero que faça o mesmo.

Atenciosamente, Hatsue Imada.

Ele a releu, depois tornou a lê-la, depois desligou a lanterna. Pensou em como ela tivera a sua revelação no mesmo momento em que ele a havia penetrado, como a invasão do seu pênis havia trazido consigo uma verdade que ela não poderia descobrir de outra forma. Ishmael fechou os olhos e recordou aquele momento dentro do cedro oco no qual ele havia entrado, brevemente, dentro dela, e como não tinha sido capaz de prever como seria gostoso. Ele não tinha como saber como seria estar lá dentro, lá no fundo, onde podia sentir o calor dela, e

sua surpresa com a sensação fora esmagadora, e aí, subitamente, ela havia se afastado. Ele não havia gozado, tinha ficado lá dentro apenas três segundos ao todo, e durante aquele tempo se a carta dela estava certa ela havia descoberto que não o amava mais, enquanto ele passara a amá-la ainda mais. Não era essa a parte mais estranha? Ele havia desejado penetrar nela outra vez, e que ela pedisse para ele a penetrar de novo, e no dia seguinte ela tinha ido embora.

Nos anos em que morara em Seattle, ele tinha transado com três mulheres diferentes, e havia alimentado breves esperanças a respeito de duas delas, imaginando se iria de fato se apaixonar por elas, mas isso jamais aconteceu. As mulheres com quem dormiu costumavam perguntar sobre o braço, e ele lhes contava suas aventuras de guerra, e não tardou a perceber que não as respeitava, e uma espécie de aversão surgiu. Ele era um veterano de guerra sem um dos braços, e isso fascinava um certo tipo de mulher de vinte e poucos anos que se imaginava madura antes do tempo e se levava a sério. Ele dormiu com cada uma delas mais algumas semanas depois de decidir que não queria ter nada sério com elas dormia com elas revoltado e infeliz porque era solitário e egoísta. Penetrava-as com vigor e com freqüência, trepando até alta madrugada, e também no fim da tarde, antes do jantar. Ele sabia que quando lhes pedisse para sair de sua vida ele se sentiria mais solitário do que tinha sido antes, e assim aguardou algumas semanas, ambas as vezes, só para ter companhia à noite, só para penetrar alguém, só para escutar alguém respirando sob ele enquanto ele balançava os quadris com os olhos fechados. Então seu pai veio para a cidade porque estava em fase terminal, e Ishmael deixou de pensar nas mulheres. O pai morreu numa tarde enquanto Ishmael estava na redação do Seattle Times, datilografando furiosamente com os cinco

dedos de sua única mão. Ishmael voltou para San Pedro para o enterro e para acertar os negócios do pai; acabou assumindo o jornal do pai. Foi morar num apartamento em Amity Harbor e mantinha-se sozinho tanto quanto era possível para um jornalista em uma ilha. A cada duas semanas, mais ou menos, ele se masturbava, gozando num lenço, e sua atividade sexual limitava-se a isso.

Sim, decidiu, escreveria o artigo que Hatsue queria que ele escrevesse nas páginas da Revista de San Pedro. Talvez não fosse a maneira de proceder do pai, mas que não fosse: ele não era o pai. Seu pai, naturalmente, teria ido horas mais cedo direto falar com Lew Fielding para lhe mostrar os registros de rotas de navios da guarda costeira, na noite de 15 de setembro. Mas Ishmael, agora, não não. Aqueles registros iam ficar no seu bolso. No dia seguinte ele redigiria o artigo que ela queria que ele escrevesse, para que ela ficasse grata, e após o julgamento ele falaria com ela como alguém que havia ficado do lado dela, e ela não teria escolha senão escutar. Era esse o caminho, era esse o método. Sentado sozinho no frio do seu antigo quarto, segurando, apreensivo, a carta dela, ele começou a imaginar como seria.

Às oito da manhã do terceiro dia do julgamento uma dúzia de velas altas agora iluminavam a sala do tribunal como se ela fosse uma capela ou santuário. Nels Gudmundsson chamou sua primeira testemunha. A esposa do acusado, Hatsue Miyomoto, avançou da última fila de cadeiras da galeria, com o cabelo preso bem esticado na nuca e metido sob um chapéu sem enfeites que lhe fazia sombra sobre os olhos. Quando ela passou pelo portão de vaivém, que Gudmundsson manteve aberto, parou para olhar um momento o marido, que estava à mesa do réu, imediatamente à esquerda dela, com as mãos esteticamente entrelaçadas diante de si. Ela fez um gesto de cabeça sem alterar sua expressão tranqüila, e o marido também fez um sinal com a cabeça em retribuição. Ele separou as mãos, apoiou-as sobre a mesa, abertas, e fitou-a nos olhos, intensamente. A esposa do réu deu a impressão, por um momento, que ia virar-se na direção dele e ir ao seu encontro, mas em vez disso ela prosseguiu devagar até Ed Soames, que, de pé diante do banco das testemunhas, apresentava-lhe, paciente, o Velho Testamento.

Depois que Hatsue Miyomoto se sentou, Nels Gudmundsson tossiu três vezes com a mão fechada sobre a boca e pigarreou. Depois passou diante do compartimento do júri com os polegares outra vez inseridos sob os suspensórios e o seu olho bom lacrimejando. As artérias de suas têmporas haviam começado a pulsar, como costumavam fazer quando tinha insônia. Como outros ali, havia passado mal a noite, sem eletricidade nem calor. Às duas e meia, morto de frio, acendeu um fósforo e iluminou com ele o mostrador do relógio de bolso; foi de meias até o banheiro escuro e descobriu que a água do vaso sanitário

estava congelada. Nels, malhando com a respiração a sair em vigorosos gru-nhidos, havia quebrado o gelo com o cabo do desentupidor de privada, se apoiado contra a parede seu lumbago o atacava impiedosamente e produzido um fio instável de urina noturna. Depois voltou para a cama, enrodilhou-se como uma folha seca de outono, com todos os cobertores da casa sobre si, e ficou acordado até a aurora. Agora, na sala do tribunal, os jurados podiam ver que ele não havia se barbeado nem penteado os cabelos; parecia pelo menos dez anos mais velho. Sua pupila esquerda cega parecia especialmente fugaz e fora de seu controle naquela manhã. Movimentava-se à seu bel-prazer na sua própria órbita excêntrica.

A galeria estava tão apinhada como no início do julgamento. Muitos dos cidadãos ali reunidos estavam de sobretudo, galochas e cachecóis de lã, tendo resolvido não deixar essas coisas no vestiário: haveria uma correria para encontrar um lugar para sentar. Trouxeram o cheiro de neve úmida para dentro da sala ela havia se derretido em contato com a lã dos agasalhos e ficaram gratos por estar em um lugar aquecido onde algo interessante estava em andamento. Metendo as mitenes e gorros de lã nos bolsos, acomodaram-se conscientes de sua extraordinária sorte por escaparem temporariamente da nevasca. Como sempre, comportavam-se de forma respeitosa e formal; levavam a lei a sério e sentiam sua majestade emanando em sua direção vinda da cadeira onde Lew Fielding estava sentado com os olhos semicerrados, impenetrável e meditabundo, e da forma pela qual os jurados estavam sentados ruminando em fileiras no seu estrado. Os repórteres, por sua vez, haviam concentrado sua atenção na esposa do acusado, que hoje estava com uma saia pregueada e uma blusa com longas pregas pespontadas através dos ombros. A mão dela, sobre a Bíblia, era

delicada, e o rosto era de feições harmoniosas. Um dos repórteres que já havia morado no Japão logo após a guerra, treinando engenheiros automotivos para redigirem manuais lembrou-se da calma de uma gueixa que tinha visto realizando o ritual do chá em Nara. Ver Hatsue de perfil lembrou-lhe o cheiro de agulhas de pinheiro espalhadas no pátio diante do salão de chá.

Mas interiormente Hatsue não sentia serenidade; sua calma era um disfarce bem treinado. Pois seu marido, sabia, era um mistério para ela, e assim fora desde que ele retornara da guerra há nove anos. Ele tinha vindo para San Pedro, e eles alugaram um chalé na Bender's Spring Road. Era uma rua sem saída coberta por copas de amieiros; dali não podiam ver outras residências. À noite Kabuo sofria pesadelos que o faziam levantar-se e ir até a mesa da cozinha de chinelos e roupão sentar-se e tomar chá, de olhar parado. Hatsue descobriu que estava casada com um veterano de guerra e que esse era o fato fundamental do seu casamento; a guerra havia despertado nele uma culpa persistente que cobria sua alma como uma sombra. Para ela isso significava amá-lo de uma forma que ela não previra antes de ele partir para a guerra. Não havia nada de caridoso nisso, e ela não poupava o coração dele, nem lhe permitia entregar-se a sua tristeza ou a seus caprichos. Em vez disso, ela o acompanhava na sua tristeza inteiramente, não para consolá-lo, mas para lhe dar tempo de se tornar ele mesmo outra vez. Sem remorsos, ela honrava a obrigação que sentia em relação a ele e alegrava-se em se deixar ofuscar. Isso dava uma forma e um significado à sua vida que eram maiores que seu sonho de plantar morangos no solo da ilha, e, ao mesmo tempo, entregar-se às feridas dele era, ao mesmo tempo, perturbador e compensador. Ela sentava-se diante dele à mesa da cozinha às três da manhã, enquanto ele ficava

parado, o olhar fixo, mudo, ou falava, ou chorava, e ela, quando podia, pegava um pouco daquela tristeza dele e guardava para ele em seu coração.

A gravidez dela havia feito bem a Kabuo; ele arranhou um emprego na fábrica de conservas, onde enlatava salmão ao lado do irmão Kenji. Começou a falar em comprar uma fazenda e a levava para cima e para baixo pelas estradas da ilha, onde havia propriedades à venda. Porém, sempre havia algo de errado nas fazendas problemas de drenagem, luz do sol, solo argiloso. Kabuo parou no acostamento numa tarde chuvosa e explicou a ela, muito sério, que pretendia readquirir a propriedade dos pais assim que tivesse uma oportunidade. Contou, mais uma vez, como só havia restado um pagamento para conseguirem a posse dos três hectares. Como Etta Heine havia puxado o tapete deles e vendido a terra para Ole Jurgensen. Como a terra teria de ser colocada no nome dele, porque ele era o filho mais velho e o primeiro dos Miyomoto a se tornar um cidadão. Eles haviam perdido tudo por causa de Manzanar. O pai dele tinha morrido de câncer do estômago; a mãe fora morar em Fresno, onde a irmã de Kabuo havia se casado com um vendedor de móveis. Kabuo bateu no volante com o punho cerrado e amaldiçoou a injustiça do mundo.

-Eles roubaram nossa terra disse, raivoso e ficaram com ela.

Uma noite, seis meses depois de ter voltado da guerra, ela acordou e viu que ele havia saído da cama e não estava em parte alguma da casa. Hatsue ficou sentada na cozinha escura, onde aguardou durante 75 minutos, apreensiva; lá fora chovia, ventava, e o carro não estava na garagem.

Ela esperou. Passou os dedos sobre a barriga, imaginando a forma do bebê lá dentro, com esperança de senti-lo se mexer. Havia uma goteira no telhado do alpendre, sobre a copa, e ela levantou-se para esvaziar a panela que havia colocado embaixo dela. Pouco depois das quatro, Kabuo entrou com dois sacos de aniagem; estava encharcado de lama até os joelhos. Acendeu a luz e encontrou-a ali, sentada imóvel à mesa da cozinha, fitando-o em silêncio. Kabuo, devolvendo o olhar, colocou um saco no chão, ergueu o outro sobre uma cadeira e tirou o chapéu da cabeça.

-Depois de Pearl Harbor disse ele, meu pai enterrou tudo isso. Aí começou a tirar objetos: espadas de madeira, calças hakama, um bokken, um naginata, pergaminhos escritos em japonês, e colocou-os todos cuidadosamente sobre a mesa da cozinha. Essas coisas são da minha família contou-lhe ele, enxugando a chuva do cenho. Meu pai as escondeu em nossa plantação de morangos. Veja só isso acrescentou.

Era uma foto de Kabuo vestido de bugeisha e brandindo uma vara de kendo com ambas as mãos. Na foto ele tinha apenas dezesseis anos, mas já parecia furioso e feroz. Hatsue estudou a foto durante muito tempo, principalmente os olhos e a boca de Kabuo, para ver o que conseguiria discernir ali.

-Meu bisavô disse Kabuo, tirando o casaco foi samurai e soldado magnífico. Matou-se no campo de batalha em Kumamoto... suicidou-se com sua própria espada, seppukku Kabuo fez uma mímica, como se estivesse arrancando suas próprias entranhas, a espada imaginária enfiada profundamente do seu lado esquerdo e puxada com firmeza para a direita. Ele veio para a batalha brandindo uma espada de samurai contra os fuzis de uma guarnição imperial. Tente imaginar isso, Hatsue



disse Kabuo. Ir para a batalha com uma espada contra fuzis. Sabendo que vai morrer.

Ele havia se ajoelhado ao lado do saco molhado no chão e, então, tirou um pé de morango de dentro dele. A chuva rugia contra o telhado e castigava a parede lateral da casa. Kabuo pegou outro pé de morango e trouxe ambos para a luz sobre a mesa onde ela podia olhá-los de perto, se quisesse. Ele os mostrou a ela, e ela viu como as veias e artérias dos braços dele fluíam em saliências logo abaixo da pele, e como eram fortes seus pulsos e dedos.

-Meu pai plantou os pais dessas plantas disse Kabuo a ela, zangado. Na infância, vivemos do fruto que produziam. Entende o que quero dizer? -Venha para a cama respondeu Hatsue. Tome um banho, seque-se e volte para a cama recomendou ela.

Ela se levantou e saiu da mesa da cozinha. Sabia que ele podia ver pelo seu perfil a nova forma que o bebê deles estava produzindo.

-Você vai ser pai dentro em breve lembrou-lhe ela, parando na porta. Espero que isso o alegre, Kabuo. Espero que o ajude a sepultar tudo isso. Eu não sei de que outra maneira posso ajudá-lo.

-Eu vou reaver a fazenda respondeu Kabuo, acima do fragor da chuva. Vamos morar lá. Vamos plantar morangos. Tudo vai dar certo. Vou reaver a minha fazenda.

Isso fora há tantos anos nove, ou quase. Eles haviam economizado quanto podiam, até ter o suficiente para comprar uma casa própria. Hatsue queria se mudar do chalé em más condições que alugaram no final da Bender's Spring Road, mas Kabuo a convenceu de que o melhor era comprar um barco de pesca de salmão. Dentro de um ano ou dois, segundo ele, eles duplicariam o investimento, acabariam de pagar o

barco e ainda sobraria para pagarem o financiamento da terra. Ole Jurgensen estava envelhecendo, disse ele. Logo iria querer vender a propriedade.

Kabuo havia pescado tão bem quanto podia, mas não nascera para isso. Ganhava dinheiro pescando, e queria ganhá-lo, era ambicioso, forte, e trabalhador dedicado, mas o mar, afinal, não fazia sentido para ele. Eles não duplicaram o investimento nem chegaram perto disso, e também ainda não eram os únicos donos do Islander. Kabuo só queria saber de esforçar-se cada vez mais e media sua vida de acordo com seu sucesso em trazer salmão para casa. Sempre que não conseguia pegar nada, ele sentia seu sonho retroceder diante de si e a fazenda de morangos que cobiçava afastar-se na distância. Ele se culpava e se irritava com ela, e isso aprofundou os problemas do seu casamento. Hatsue sentiu que não adiantava alimentar a autopiedade dele, e ele não a perdoava por isso. Era difícil para ela distinguir esses momentos da profunda angústia causados pelas feridas de guerra dele. Além disso, ela agora tinha três filhos, e era necessário voltar a atenção para eles e lhes dar uma parte do que antes dava ao marido. Os filhos, esperava ela, iriam abrandá-lo. Ela esperava que através deles ele talvez ficasse menos obcecado pelo sonho de uma vida diferente. Ela sabia que isso tinha acontecido em seu próprio coração.

Sim, seria bom morar em uma casa melhor e caminhar sentindo o perfume dos morangos em uma manhã de junho, ficar de pé no vento e sentir esse perfume. Mas esta casa e essa vida eram o que ela possuía, e não fazia sentido ficar perpetuamente querendo alguma outra coisa. Ela tentou convencê-lo disso, com jeito, mas Kabuo insistia que logo ali os aguardava uma vida diferente e melhor, que era apenas uma questão de

pescar mais salmões, de esperar que Ole Jurgensen envelhecesse, de economizarem dinheiro, de aguardar.

Agora Hatsue estava sentada ereta com as mãos no colo para dar seu depoimento.

-Vou primeiro lhe pedir para se lembrar disse Nels dos eventos que ocorreram há cerca de três meses, no início de setembro deste ano. Seria certo afirmar que naquela época seu marido ficou interessado em comprar terras à venda em Island Center? Recordar-se, sra. Miyomoto? - Oh, sim respondeu Hatsue. Ele estava muito interessado em comprar terras lá. Sempre esteve interessado em comprar terras lá. As terras tinham sido de sua família, plantações de morango, e ele queria muito voltar a trabalhar com isso. Sua família havia trabalhado arduamente para comprar essa terra, e aí, durante a guerra, eles perderam tudo, a terra foi tomada deles.

-Sra. Miyomoto disse Nels. Queira, por favor, recordar-se especificamente do dia 7 de setembro, uma terça-feira. Um tal Sr. Ole Jurgensen, deve lembrar-se, um fazendeiro de morangos aposentado lá de Island Center, prestou depoimento dizendo que seu marido foi vê-lo nessa data para perguntar sobre três hectares da terra dele, a terra cultivada com morangos que mencionou. Isso lhe recorda alguma coisa? -Sim disse Hatsue. Eu soube disso.

Nels assentiu com a cabeça e começou a massagear a testa; sentou-se na beira da mesa do réu.

-Seu marido por acaso mencionou que havia ido até lá? Con-tou-lhe que conversou com o Sr. Jurgensen com relação à compra destes três hectares? -Sim disse Hatsue. Contou.

-Falou alguma coisa sobre essa conversa? Algo de que possa se lembrar? -Falou disse Hatsue. Falou, sim.

Hatsue tornou a contar que na tarde de 7 de setembro ela havia passado de carro com as crianças pela antiga fazenda de Island Center e visto a placa de Ole Jurgensen, anunciando que as terras estavam à venda. Ela deu meia-volta e se dirigiu pela Mill Run para Amity Harbor, onde usou a cabine do telefone público ao lado do Petersen para ligar para o marido e lhe contar a novidade. Depois tinha ido para casa e esperado uma hora até Kabuo voltar com a notícia triste de que Carl Heine havia comprado a fazenda de Ole.

-Entendo disse Nels. Essa triste notícia... foi na noite de 7 de setembro que seu marido lhe contou? -Na tarde desse dia disse Hatsue. Conversamos sobre isso à tardinha, lembro-me, antes dele sair para pescar.

-À tardinha repetiu Nels. Seu marido pareceu decepcionado, sra. Miyomoto, por não ter conseguido comprar os três hectares dele? Ele lhe pareceu decepcionado? -Não disse Hatsue. Não estava decepcionado. Estava esperançoso, Sr. Gudmundsson, tão esperançoso quanto nunca o vi. No seu modo de pensar, o importante era que Ole havia resolvido se aposentar e vender tudo o que possuía. De alguma forma, disse ele, as coisas estavam progredindo... não havia oportunidade antes, agora havia uma. Ele havia esperado muitos anos a chegada deste momento... agora a oportunidade havia surgido. Ele estava ávido, muito esperançoso.

-Vamos saltar adiante um dia disse Nels, afastando a cabeça da mão. No dia seguinte, 8 de setembro, ele falou no assunto? Ainda estava se sentindo, como diz, esperançoso? -Ah, sim respondeu Hatsue.

Muitíssimo. Conversamos sobre tudo de novo no dia seguinte. Ele havia decidido conversar com Carl Heine, ver se conseguia convencê-lo a lhe vender os três hectares.

-Mas não foi. Não até o dia seguinte. Esperou mais um dia,- Esperou disse Hatsue. Estava nervoso com relação a isso. Queria planejar o que ia dizer.

-Agora estamos na quinta, 9 de setembro disse Nels Gudimundsson a ela. Faz dois dias que seu marido falou com Ole Jurgensen; dois longos dias se passaram. O que aconteceu, segundo se lembra? -O que aconteceu, como? -Ele foi falar com Carl Heine... estou certo?... como Susan Marie testemunhou ontem. De acordo com o depoimento dela, seu marido apareceu na residência deles na tarde de quinta-feira, 9 de setembro, pedindo para falar com o Carl. De acordo com Susan Marie eles conversaram durante trinta ou quarenta minutos, enquanto caminhavam pela propriedade. Ela não os acompanhou nem ouviu sobre o que falavam, mas relatou o conteúdo de uma conversa que teve com o marido depois que seu marido foi embora naquele dia. Disse que os dois haviam debatido a questão dos três hectares e a possibilidade de seu marido comprá-los. Susan Marie Heine declarou, ao ser interrogada, que Carl não deu a seu marido uma negativa inequívoca quanto à compra desses três hectares, Carl não levou seu marido a crer que não havia esperança de reaver a propriedade de sua família. Ela entendeu que Carl havia incentivado seu marido a crer que havia uma possibilidade. Isso lhe parece correto, sra. Miyomoto? Na tarde de 9 de setembro, após conversar com Carl Heine, seu marido ainda lhe parecia esperançoso? -Mais do que nunca disse Hatsue. Ele voltou para casa depois da conversa com Carl Heine mais esperançoso e mais ansioso do que nunca. Disse-me que estava se sentindo mais próximo de reaver as

terras da família do que já havia estado durante um longo, longo tempo. Eu me senti esperançosa, também, quando ele me falou isso. Tive esperanças de que tudo desse certo.

Nels forçou-se a endireitar-se outra vez e começou, devagar, a perambular diante dos jurados, ruminando em silêncio durante um momento. No silêncio o vento batia contra os caixilhos das janelas; o vapor chiava e fervia através dos aquecedores. Sem luzes vindas do teto a sala do tribunal, sempre pálida, parecia mais cinzenta e deprimente do que nunca. O cheiro de neve estava no ar.

-A senhora diz, sra. Miyomoto, que se sentiu esperançosa, E, no entanto, como bem sabe, a mãe do falecido e seu marido, ali presente, não se davam lá muito bem. Como diremos, eles haviam se desentendido. Portanto, com que base alimentava esperanças, será que posso lhe perguntar? O que a deixou otimista? Sim, disse Hatsue, ela entendia essa pergunta. Ele também havia feito a mesma pergunta a Kabuo: aquela gente iria concordar em vender-lhe a terra que antes já haviam roubado tão avidamente? "Etta e Carl são duas pessoas diferentes", Kabuo havia respondido. Dessa vez, quem devia decidir era Carl, não a mãe. E Carl havia sido seu amigo muito tempo atrás. Carl faria o que fosse certo.

-Sra. Miyomoto continuou Nels. Seu marido conversou com Carl Heine na tarde de quinta-feira, 9 de setembro. Na quinta-feira seguinte, 16 de setembro, Carl Heine foi encontrado afogado, preso à sua rede de pesca, na baía de White Sand. Houve um intervalo de uma semana entre os dois eventos... passaram-se seis dias inteiros, e sete noites. Um semana inteira, ou quase uma semana, de qualquer forma. Minha pergunta é se durante essa semana seu marido falou com a senhora sobre Carl Heine ou os três hectares em questão. Se ele lhe disse algo

sobre os três hectares ou sobre suas tentativas de readquiri-los. Lembra-se se seu marido falou sobre isso ou fez alguma coisa com relação a isso para readquirir as terras da família durante a semana entre os dias 9 e 16? Bem, explicou Hatsue, Kabuo achou que não havia nada a fazer, que Carl é que tinha que dar o próximo passo, que Carl é que tinha de se dirigir a ele. Carl é que tinha de pensar em tudo e chegar a alguma conclusão. Era o coração de Carl que estava agora em questão, se ele queria compensar um mal que sua própria mãe havia cometido. Será que Carl se sentia responsável pelos atos de membros de sua família? Será que compreendia suas obrigações? De qualquer forma, acrescentou Kabuo, seria desonroso voltar a abordar Carl com a mesma velha proposta; ele não queria implorar, apelar para a compaixão de Carl. Não queria parecer fraco diante de Carl nem revelar uma ansiedade humilhante. Não, era melhor ter paciência num caso desses. Não havia vantagem nenhuma em tomar a iniciativa ou se revelar demais. Em vez disso, ele aguardaria. Aguardaria uma semana, explicou a Hatsue, depois resolveria o que fazer.

Na manhã do dia 16, enquanto ela fervia água para o chá, ele tinha se encontrado com Carl no mar, ajudado Carl a colocar uma bateria no lugar de uma esgotada, no meio da neblina, e os dois haviam fechado negócio. Haviam chegado a um acordo sobre os três hectares. Oito mil e quatrocentos dólares, com um sinal de oitocentos. A terra dos Miyomoto pertencia outra vez a Kabuo, depois de todos esses anos.

Porém, mais tarde, naquele mesmo dia, à uma hora, uma balconista do Petersen Jéssica Porter contou a Hatsue o terrível acidente que havia vitimado Carl Heine enquanto pescava na noite anterior. Ele fora encontrado preso a sua rede, morto, no meio da White Sand Bay.

Alvin Hooks começou seu interrogatório apoiando-se na beirada da mesa do promotor e cruzando seus sapatos bem polidos diante de si como se estivesse relaxando numa esquina. Com as mãos no colo, os dedos entrelaçados, ele inclinou a cabeça para a direita por um momento e estudou Hatsue Miyomoto.

-Sabe disse ele. Foi interessante escutar sua história. Principalmente essa parte sobre a manhã do dia 16. O que acabou de nos contar, sobre a chegada do réu enquanto a senhora estava fervendo a água para o chá, terrivelmente empolgado, contando sobre a conversa que havia acabado de ter no mar, como ele e Carl Heine haviam fechado algum tipo de negócio? Achei tudo isso muitíssimo interessante.

Ele parou e estudou durante um outro momento. Depois começou a fazer um gesto afirmativo com a cabeça. Coçou-a, e dirigiu o olhar para o teto.

-Sra. Miyomoto suspirou. Fui justo agora há pouco, ao descrever o humor do seu marido como "terrivelmente empolgado" na manhã do dia 16... na manhã em que Carl Heine foi assassinado? Será que eu, por acaso, interpretei mal o que declarou em seu depoimento? Ele voltou para casa naquela manhã "terrivelmente empolgado"? -Sim, eu diria que poderia descrevê-lo desse jeito disse Hatsue. Estava terrivelmente empolgado, sem dúvida.

-Ele não parecia ser ele mesmo? Seu estado mental era... de agitação? Ele lhe pareceu, de alguma forma... mudado? -Empolgado respondeu Hatsue. Agitado, não. Estava empolgado por ter conseguido reaver as terras da família.



-Muito bem, então estava "empolgado" disse Alvin Hooks. E lhe contou essa história de ter parado no mar para ajudar Carl Heine por causa de uma... bateria descarregada, ou coisa assim. Está certo, sra. Miyomoto? -Correto.

-Ele disse que havia amarrado o barco dele ao de Carl e subido a bordo para emprestar a Carl uma bateria? -Isso mesmo.

-E que enquanto estava praticando esse gesto de caridade ele e Cari conversaram sobre os três hectares a respeito dos quais estavam discutindo até aquele momento? E que, de alguma forma, Carl concordou em vendê-los a ele? Por oito mil e quatrocentos dólares, ou coisa assim? Tudo isso está correto? Será que entendi bem? -Sim, entendeu disse Hatsue. Foi isso que aconteceu.

-Sra. Miyomoto disse Alvin Hooks. Será que, por acaso, contou essa história para alguma outra pessoa? Por exemplo, chamou um amigo ou parente para dar essa boa notícia? Contou a seus amigos e a sua família que seu marido havia conseguido chegar a um acordo com Carl Heine no meio da noite no pesqueiro dele... que dentro em breve iria morar em três hectares de plantações de morangos, começar uma vida nova, alguma coisa assim? -Não disse Hatsue. Não contei.

-Por que não? indagou Alvin Hooks. Por que não contou a ninguém? Parece o tipo da coisa que constituiria uma novidade. Parece-me que a senhora deveria ter contado a sua mãe, por exemplo, ou suas irmãs, talvez... alguém.

Hatsue endireitou-se na cadeira e passou a mão, contrafeita, pela frente da blusa.

-Bom disse ela. Ouvimos falar do jeito que Carl Heine... havia morrido apenas algumas horas depois que Kabuo voltou para casa. O

acidente de Carl... isso mudou nossa forma de pensar. Significava que não tínhamos nada para contar a ninguém. Tudo estava em suspenso outra vez.

-Tudo estava em suspenso disse Alvin Hooks, cruzando os braços. Quando soube que Carl Heine havia morrido, resolveu não falar sobre o assunto? É isso que está dizendo, será que estou certo? -Está interpretando mal queixou-se Hatsue. Nós só...

-Não estou interpretando bem, nem mal interrompeu Alvin Hooks. Só quero saber quais são os fatos... todos queremos saber quais são os fatos, sra. Miyomoto, é o que estamos fazendo aqui. Está sob juramento para nos contar sobre esses fatos, portanto, por favor, senhora, devo perguntar-lhe outra vez, resolveu não falar sobre a noite que seu marido teve no mar, o encontro com Carl Heine? Resolveu não falar sobre esse assunto? -Não tínhamos nada para contar disse Hatsue. Que notícia eu poderia dar à família? Tudo ficou em suspenso outra vez.

-Pior do que em suspenso disse Alvin Hooks. Além do negócio que seu marido havia fechado ter ido por água abaixo, um homem, devemos observar, havia morrido. Um homem havia morrido, compreendamos, com um lado do crânio esmagado. Será que lhe ocorreu, sra. Miyomoto, que poderia ter dado as informações que tinha sobre isso e notificado o xerife? Será que pensou que seria conveniente compartilhar o que sabia, a noite que seu marido teve no mar, esse assunto da bateria, e daí por diante, com o xerife do condado da ilha? -Pensamos nisso, sim disse Hatsue. Conversamos sobre isso a tarde inteira naquele dia, se deveríamos ir contar ao xerife, falar sobre o assunto. Mas no final resolvemos não ir, entende... aquilo estava cheirando muito mal, cheirava a assassinato, Kabuo e eu compreendemos isso. Compreendemos que ele podia acabar aqui, em julgamento, e foi

exatamente o que aconteceu. Foi exatamente o que acabou acontecendo, entende. Os senhores acusaram meu marido de homicídio.

-Bem, naturalmente disse Alvin Hooks. Entendo como se sente. Entendo que ficou muito preocupada com a possibilidade de seu marido ser acusado de homicídio. Mas se, como deu a entender, a verdade estava do seu lado, com o que estavam preocupados? Por que, se realmente ele era inocente, por que diabos, sra. Miyomoto, por que não procurar imediatamente o xerife e lhe contar tudo o que sabiam? - Tivemos medo disse Hatsue. O silêncio nos pareceu melhor. Expor-nos pareceu-nos ser um erro.

-Bem disse Alvin Hooks. Essa é uma ironia. Porque o erro, me parece, foi não se expor. O erro foi vocês serem dissimulados. Terem deliberadamente ocultado informações durante a investigação do xerife.

-Talvez disse Hatsue. Não sei.

-Mas foi um erro disse Alvin Hooks, apontando um dedo para ela. Um erro muito sério de julgamento, não acha, fazendo uma retrospectiva? Aqui temos uma morte sob circunstâncias suspeitas, o xerife está reunindo informações, e vocês não se apresentaram para ajudá-lo. Estão numa posição de ajudá-lo e não aparecem nem são honestos. Francamente, isso a torna suspeita, sra. Miyomoto, sinto dizer, mas é verdade. Se não se pode confiar na senhora para apresentar o que sabe numa ocasião como essa, informações vitais, como podemos confiar na senhora agora, entende? Como podemos confiar na senhora? -Mas disse Hatsue, inclinando-se para a frente na cadeira não houve tempo para nos apresentarmos. Soubemos do acidente de Carl à tarde.

Horas depois, meu marido foi preso. Simplesmente não houve tempo suficiente.

-Mas, sra. Miyomoto respondeu Alvin Hooks. Se de fato achou que foi um acidente, por que não se apresentaram imediatamente? Por que não se apresentaram naquela mesma tarde e contaram ao bom xerife o que sabiam sobre esse acidente? Por que não ajudá-lo com os detalhes de sua investigação? Por que não dar-lhe uma mão-zinha? Por que não lhe dizer que seu marido havia estado a bordo do barco de Carl Heine para ajudá-lo com... o que foi agora?... uma bateria descarregada, não é? Espero que possa compreender como eu simplesmente sou obrigado a dizer que simplesmente não estou entendendo nada disso. Estou desorientado, confuso, completamente perplexo. Não sei em que acreditar e em que não acreditar. Estou perplexo diante de tudo isso, estou mesmo.

Alvin Hooks puxou as costuras das calças, ergueu-se e girou em torno da beira da mesa, depois acomodou-se na cadeira dele e apertou as palmas das mãos uma contra a outra.

-Não tenho mais perguntas, meritíssimo disse, bruscamente. A testemunha está dispensada. Pode sair do banco.

-Espere aí um momento replicou Hatsue Miyomoto. Eu...

-Já basta, pode parar por aí mesmo interrompeu-a o juiz Fielding rispivamente. Fulminou com o olhar, sem hesitação, a esposa do acusado, e ela retribuiu-lhe o olhar, fulminando-o também. A senhora já respondeu às perguntas que lhe foram feitas, sra. Miyomoto. Compreendo que deve estar perturbada, mas sua disposição de espírito, suas condições emocionais, não são considerações que eu possa contemplar legalmente sob as regras que regulam estes trabalhos. O

fato de que deseja falar, que gostaria de responder ao Sr. Hooks neste momento... não a culpo por revoltar-se... simplesmente não é permitido. Já respondeu às perguntas que lhe foram feitas e agora, infelizmente deve retirar-se. Infelizmente, não tem escolha.

Hatsue virou-se para o marido. Ele fez um gesto de cabeça, e ela retribuiu, e no momento seguinte ela se acalmou deliberadamente. Levantou-se sem dizer mais uma palavra e foi até seu lugar na última fila da sala do tribunal onde, ajeitando o chapéu, se sentou. Alguns cidadãos da galeria incluindo Ishmael Chambers voltaram-se impulsivamente para olhá-la, mas ela não deu sinal de tomar conhecimento deles. Olhava direto para a frente, calada.

Nels Gudmundsson chamou Josiah Gillanders, presidente da Associação de Pescadores de Rede de San Pedro, de 49 anos, com um bigode de pontas caídas e os olhos lacrimejantes e melancólicos de um alcoólatra. Baixo, troncado e vigoroso, Josiah havia pescado sozinho durante trinta anos, comandando seu barco, o Cape Eliza. Os ilhéus o conheciam como um marujo beberrão que imitava os requebros e os maneirismos de um capitão: tocava seu quepe azul de capitão sempre que chegava à San Pedro. Usava macacão de lã e suéteres de lã escocesa e com frequência enchia a cara palavras dele com o capitão Jon Soderland na Taverna de San Pedro. Os dois trocavam histórias em vozes que ficavam mais altas com cada caneca de cerveja que viravam. O capitão Soderland acariciava a barba; Josiah enxugava a espuma do bigode e batia na omoplata do capitão.

Agora, no banco das testemunhas, ele segurava o quepe de capitão entre os dedos, cruzava os braços sobre o peito semelhante a uma barrica e apontou seu queixo fendido para Nels Gudmundsson, que hesitava instavelmente diante dele, piscando.

-Sr. Gillanders disse Nels. Há quanto tempo é presidente da Associação de Pescadores de Rede de San Pedro? -Há onze anos respondeu Josiah. Mas pesco há trinta anos.

-Salmões? -Sim. Principalmente.

-A bordo de um barco de pesca de salmão, Sr. Gillander? Trinta anos pescando salmões? -Correto. Trinta anos.

-Seu barco disse Nels. O Cape Eliza. Teve alguém para ajudá-lo a bordo? Josiah balançou a cabeça.

-Nunca disse. Trabalho sozinho. Sempre trabalhei e sempre trabalharei sozinho. Eu pesco sozinho, por assim dizer.

-Sr. Gillanders disse Nels. Nos seus trinta anos de pescaria já teve ocasião de abordar o barco de outro homem, senhor? Alguma vez, no mar, amarrou seu barco ao de outro pescador e subiu a bordo por algum motivo? -Quase nunca disse Josiah Gillanders, cofiando o bigode enquanto falava. Talvez, no máximo, uma meia dúzia de vezes em todos os meus anos de pesca... meia dúzia, não mais do que isso. Cinco ou seis vezes... e só.

-Cinco ou seis vezes disse Nels. Pode recordar para nós, Sr. Gillanders, o que causou essas abordagens em pleno mar? Lembra-se qual pode ter sido seu intento, em cada uma dessas ocasiões, para amarrar-se ao barco de outro homem? Pode lembrar-se, para relatar ao tribunal? Josiah ajeitou outra vez o bigode; era um hábito seu quando estava pensando.

-Sem dar muitos detalhes, acho que foi sempre que encontrei alguém com o barco enguiçado. Alguém com problemas no motor, ou que não conseguia navegar e precisava de ajuda. Ou... agora sim... houve um camarada que precisou de ajuda porque tinha quebrado a

bacia, acho. Eu lancei as amarras e entrei no barco dele também. Dei uma ajuda a ele, cuidei de tudo. Mas sem entrar em muitos detalhes, a gente só aborda outro barco, entende, num caso de emergência. A gente faz isso quando alguém precisa de uma mãozinha.

-Aborda quando alguém precisa de uma mãozinha disse Nels. Em seus trinta anos de pesca, Sr. Gillanders, já abordou o barco de outro homem por algum motivo que não fosse uma emergência? Por algum outro motivo a não ser o fato de o camarada do outro barco, como diz, precisar de uma ajuda? -Nunca disse Josiah.

-E em seus trinta anos de pescaria, senhor, e na qualidade de presidente da associação... como homem que inspeciona, presumo, vários incidentes entre pescadores no mar... já ouviu falar de uma abordagem por algum motivo que não fosse de emergência? Pode se recordar de alguma coisa assim? -Isso não acontece disse Josiah. É um código não-escrito do mar, Sr. Gudmundsson. Código de honra entre pescadores. Cada um por si. Não temos nada a dizer uns aos outros lá no mar. Estamos ocupados, trabalhando, não temos tempo para lorotas, não podemos ficar sentados no tombadilho bebendo rum e contando histórias enquanto outros pescam nosso peixe. Não, só se aborda outro barco por uma razão muito boa... o outro pescador está precisando de alguma coisa, está passando por uma emergência, o motor dele não está girando, a perna está quebrada. Então, vá em frente e aborde-o.

-Não supõe, então perguntou Nels, que o réu aqui, o Sr. Miyomoto, teria abordado o barco de Carl Heine no dia 16 de setembro por algum outro motivo que ajudá-lo numa emergência? Isso faz sentido para o senhor? -Nunca ouvi falar de nenhum pescador que abordasse outro por outro motivo, se é isso que está perguntando, Sr.

Gudmundsson. O único motivo que conheço é o que eu já disse... se um homem tem problemas com o motor, se quebrou a perna.

Nels apoiou-se precariamente na beirada da mesa do réu. Com um dedo indicador ele tentou parar o movimento errático do seu olho inútil, mas sem resultado.

-Sr. Gillanders disse ele. Não é perigoso um barco amarrar-se a outro no mar? Mesmo com tempo calmo, com luz boa? -Um pouco disse Josiah. Pode ser.

-Uma amarração durante a noite, em alto-mar? Pode ser feita rapidamente, como se um barco fosse atacar o outro? Um homem que quisesse abordar outro contra a vontade dele, conseguiria fazer isso? Será possível? -Nunca ouvi falar disso respondeu Josiah, jogando as duas mãos para cima. Se os dois marujos quiserem se aproximar, isso ajuda muito, sim. Precisam manobrar um pouco, entende? Mas amarrar um barco no outro contra a vontade do dono dele... acho que é impossível, Sr. Gudmundsson. Nunca ouvi falar de uma coisa assim.

-Nunca ouviu falar que um pescador abordasse o barco de outro contra a vontade dele, senhor? Acha que este é um feito fisicamente impossível? Seria este um resumo preciso do que acabou de nos dizer? Será que estou entendendo direito tudo isso? -Sim, está disse Josiah Gillanders. Não se pode fazer isso. O outro homem daria um jeito de se afastar. Não deixaria seu barco se alinhar com o dele, nem se amarrar.

-Só numa emergência disse Nels. Não haveria nenhuma outra razão lógica para abordagem. Isso é correto, Sr. Gillanders? -É correto. Abordagens de emergência. Nunca ouvi falar de outro tipo.

-Suponhamos que o senhor queira matar um homem disse Nels, enfaticamente. Acha que tentaria abordar o barco dele contra sua



vontade e atingi-lo com seu arpão de pesca? O senhor tem muitos anos de experiência no mar, de forma que estou lhe pedindo para imaginar isso. Seria este um plano sensato, bom, a seu ver, senhor? Consideraria factível amarrar seu barco ao dele e abordá-lo com o fim de cometer homicídio? Ou tentaria alguma outra coisa, alguma outra abordagem, algo diferente de uma abordagem forçada em meio a neblina, em mar aberto no meio da noite, contra a vontade do outro homem? O que me diz, Sr. Gillanders? -Não seria possível abordá-lo se ele não quisesse respondeu Josiah. Eu simplesmente não vejo isso acontecer. Carl Heine, especialmente. Não seria fácil abordá-lo contra sua vontade... robusto como o diabo, corpulento e forte. Simplesmente não há como, Sr. Gudmundsson, o Sr. Miyomoto ter feito uma abordagem forçada. Simplesmente não é possível. Ele não fez isso.

-Não é possível disse Nels. A seu ver, como pescador veterano, presidente da Associação de Pescadores de Rede de San Pedro, não é possível que o réu tenha abordado o barco de Carl Heine com o fim de cometer homicídio? O problema de uma abordagem forçada impede isso... torna-o impossível? -Miyomoto não abordou Carl Heine contra sua vontade afirmou Josiah Gillanders. A amarração nessas condições é muito perigosa, e Carl não era nenhum relaxado. Era preciso, se é que ele o abordou, que tivesse havido alguma espécie de emergência, problemas no motor ou coisa assim. Bateria, foi o que a senhora dele disse, Carl teve problemas de bateria.

-Tudo bem disse Nels. Problemas de bateria. Vamos dizer que você tivesse um problema na bateria. Não pode navegar. Está sem luzes. Está morto na água. O que faria, Sr. Gillanders? Colocaria, por exemplo, uma bateria sobressalente? -Eu não tenho bateria sobressalente respondeu Josiah. Seria como levar uma bateria sobressalente no seu carro.

Simplesmente não se costuma fazer isso, não é? -Mas, Sr. Gillanders disse Nels Gudmundsson. Se se recorda do depoimento do xerife do condado, bem como do seu relatório, havia, de fato, uma bateria sobressalente a bordo do barco de Carl Heine quando foi encontrado à deriva na White Sand Bay. Havia uma bateria D-8 e uma D-6 no compartimento de baterias, em uso, e uma D-8 no chão da cabine... uma terceira bateria, embora descarregada, que talvez tivesse sido supostamente uma sobressalente.

-Bom disse Josiah. Tudo isso é muito estranho. Três baterias... extremamente estranho. Uma sobressalente descarregada... extremamente estranho, também. Todos que eu conheço têm duas baterias, uma principal e outra auxiliar. Se uma falhar, pode-se usar a outra até voltar ao porto. E há outra coisa estranha, uma D-8 e uma D-6 lado a lado no compartimento... também nunca ouvi falar disso antes, em toda a minha vida no mar. Eu nunca ouvi falar de uma combinação dessas... costuma-se usar só um tamanho de bateria... e eu não creio que Carl Heine costumasse andar assim, entende, de um jeito tão irregular. Creio que a sra. Miyomoto disse a verdade... Carl teve problemas com a bateria, provavelmente tirou a D-8, colocou-a no chão da cabine, e pediu emprestada uma D-6 de Miyomoto, que usou a que sobrou durante o restante da noite... é a explicação mais provável.

-Entendo disse Nels. Digamos que você esteja parado na água, precisando de ajuda. Que iniciativa tomaria? -Recorreria ao rádio disse Josiah. Ou chamaria alguém que estivesse ao alcance da vista. Ou se minha rede estivesse ao mar e eu estivesse bem, esperaria que alguém se aproximasse e o chamaria nesse momento.

-Sua primeira alternativa seria usar o rádio? indagou Nels. Pediria ajuda pelo rádio? Mas se a bateria se esgotou, será que pode utilizar o

rádio? O que vai alimentar o rádio, Sr. Gillanders, como o rádio vai funcionar se a bateria não funciona? Será que realmente pode lançar um apelo pelo rádio? -O senhor está certo disse Josiah Gillanders. O rádio não funcionaria. Não poderia usá-lo. O senhor está coberto de razão.

-Então, o que faria? perguntou Nels. Pode chamar a atenção de alguém, se não houver neblina. Mas se houver, como na noite em que Carl se afogou... madrugada de 16 de setembro, uma manhã muito nebulosa, deve se lembrar... muito bem, então terá de ter esperança, não?, de alguém passar perto de você e terá de chamar seja quem for, porque as chances de ver outro barco não são muito boas, são? Será obrigado a aceitar ajuda de quem aparecer, senão vai estar em grandes apuros.

-Tem toda razão disse Josiah Gillanders. Nessas condições, é melhor conseguir ajuda, à deriva na neblina, próximo das rotas de navios do Ship Channel Bank. É um lugar perigoso para ficar à deriva. Os grandes cargueiros passam por ali o tempo todo. É melhor arrumar logo alguma ajuda... seja quem for que apareça, saindo da neblina, quando começar a acionar sua buzina de cerração. Muito bem, passei à sua frente dessa vez acrescentou Josiah. Carl devia ter uma buzina de ar comprimido, entende? Não precisava de bateria para dar sinal de emergência. Acionou a buzina manualmente. Não precisou de bateria para acionar a buzina.

-Bom disse Nels. Está certo, então. Ele estava à deriva na cerração perto das rotas de navios, sem motor, sem luzes, sem rádio, sem bateria sobressalente... acha que aceitaria a ajuda que lhe fosse oferecida? Acha que ficaria grato se outro pescador passasse e se oferecesse para abordá-lo, dar uma ajuda? -Sem dúvida disse Josiah. É claro que ia

aceitar. Está desviado no mar, não consegue prosseguir, não pode nem enrolar a rede, pegar os peixes. É melhor ficar profundamente agradecido, pode apostar. Senão, vai estar frito.

-Sr. Gillanders Nels tossiu, colocando a mão na frente da boca. Quero que o senhor se lembre de uma pergunta que lhe fiz há apenas alguns minutos. Quero que pondere sobre essa questão do homicídio... do homicídio em primeiro grau, premeditado. De planejar a morte de uma pessoa antes da hora do crime, depois executar a seguinte estratégia: aproximar-se da vítima enquanto pescava no mar, amarrar seu barco ao dela contra sua vontade, pular a bordo do barco da vítima e atingi-la na cabeça com o cabo de um arpão. Quero perguntar-lhe... estou lhe perguntando outra vez... do ponto de vista de um homem que já pesca há trinta anos, do ponto de vista do presidente da Associação de Pescadores de Rede... um homem que presumivelmente sabe de quase tudo que acontece lá no mar à noite... o senhor consideraria esse um bom plano? Seria esse o plano que faria um pescador se quisesse matar alguém? Josiah Gillanders balançou a cabeça, como se tivesse sido ofendido.

-Esse, Sr. Gudmundsson disse, enfaticamente, seria o plano mais maluco imaginável. Absolutamente o mais maluco, entenda. Se um colega resolvesse matar o outro, ele poderia encontrar uma maneira menos imprudente e perigosa, sou obrigado a dizer. Abordar o barco de outro homem contra a sua vontade... isso, conforme já lhe disse, é impossível. Pular dentro dele com um arpão? É simplesmente ridículo, senhor. Isso são lendas de piratas. Acho que se você conseguir chegar perto o suficiente para amarrar seu barco ao do outro, e não era possível, também poderia chegar perto o suficiente para atirar nele, não? Simplesmente atirar, entende, depois amarrar o barco ao dele

tranqüilamente, depois jogá-lo ao mar e lavar as mãos. Ele vai afundar e nunca mais ser visto. Eu atiraria nele, certamente, e me tornaria o primeiro pescador da história da profissão a conseguir fazer uma abordagem forçada. Não, senhor, se alguém aqui pensa que Kabuo Miyomoto abordou o barco de Carl Heine contra a vontade dele, bateu na cabeça dele com um arpão e o atirou no mar... bem, então essa pessoa perdeu o juízo, pronto. É preciso ser maluco para acreditar numa coisa dessas.

-Muito bem, então disse Nels. Não tenho mais perguntas para o senhor, Sr. Gillanders. Agradeço, contudo, por vir aqui esta manhã. Está nevando muito lá fora.

-Sim, está nevando muito disse Josiah. Mas certamente está quente aqui, Sr. Gudmundsson. Está muito quente para o Sr. Hooks, sem dúvida. Está...

-Sua testemunha interrompeu Nels Gudmundsson. Sentou-se ao lado de Kabuo Miyomoto e colocou a mão no ombro do réu. Já terminei, Sr. Hooks anunciou.

-Bom, então, creio que é a minha vez Alvin Hooks respondeu, tranqüilamente. Só tenho algumas perguntas, Sr. Gillanders. Só umas coisinhas que precisamos revolver nesse calor todo... concorda, senhor? Josiah deu de ombros e entrelaçou os dedos das mãos sobre a barriga.

-Então revire-as autorizou ele. Sou todo ouvidos, capitão.

Alvin Hooks ficou de pé e passeou com naturalidade na direção do banco das testemunhas com as mãos enfiadas nos bolsos das calças até o fundo.

-Bom começou, Sr. Gillanders. O senhor já pesca há trinta anos.

-Certo, senhor. Trinta. Já contei.

-Trinta anos é muito tempo disse Alvin Hooks. Muitas noites solitárias no mar, não? Muito tempo para pensar.

-Um marinheiro de água doce talvez encarasse isso como solidão, imagino. Um homem como o senhor poderia se sentir solitário lá... um homem que fala para viver. Eu...

-Ah, sim disse Alvin Hooks. Sou um marinheiro de água doce, Sr. Gillanders. Sou o tipo do homem que se sentiria solitário no mar... tudo isso é verdade, sim. Ótimo, ótimo, excelente... minha vida pessoal não está na berlinda. Então vamos falar sobre o caso, em vez disso, e saltar esses outros assuntos por enquanto, concordaria com isso, senhor? -O senhor é quem manda disse Josiah Gillanders. Pergunte-me o que quiser e vamos acabar com isso.

Alvin Hooks passou diante dos jurados com as mãos entrelaçadas nas costas.

-Sr. Gillanders disse. Entendi o senhor dizer que nenhum pescador abordaria o barco de outro, a não ser num caso de emergência. Isso é correto, senhor? Será que escutei direito? -Correto confirmou Josiah Gillanders. O senhor entendeu.

-É uma questão de princípio entre os pescadores, então, ajudar um outro que esteja em apuros? Ou seja, Sr. Gillanders, consideraria um dever seu ajudar um colega numa emergência de alguma espécie no mar? Devo entender isso? -Somos homens honrados disse Josiah Gillanders. Pescamos sozinhos, mas trabalhamos juntos. Há ocasiões no mar quando precisamos uns dos outros, entende? Qualquer homem que mereça seu quinhão ajuda seu semelhante. É a lei do mar... pode apostar que é... deixar o que a gente estiver fazendo e responder a qualquer chamado de socorro. Não consigo me lembrar de nenhum

pescador desta ilha que não tratasse de ajudar outro numa emergência lá no mar. É uma lei, entende, não está escrita em nenhum lugar, exatamente, mas é como se estivesse. Os pescadores de rede se ajudam uns aos outros.

-Mas, Sr. Gillanders disse Alvin Hooks. Já ouvimos depoimentos anteriores, senhor, que os pescadores de rede às vezes se desentendem, são homens silenciosos que pescam sozinhos, discutem sobre a disposição de seus barcos no mar, sobre quem está roubando o peixe de quem, e daí por diante, etcétera e tal. Sabe-se que eles não são homens particularmente amistosos, e preferem pescar sozinhos, manter distância uns dos outros. Ora, senhor, mesmo com tudo isso... esse clima de isolamento, de competição, de indiferença pela companhia de outros... é válido dizer que um pescador de rede sempre ajuda outro numa emergência? Mesmo que não goste do outro, mesmo que tenham discutido antes, mesmo que sejam inimigos? Isso tudo fica de lado, torna-se subitamente irrelevante, diante de uma emergência no mar? Ou os homens guardam rancor e se ignoram, até gostam de ver um inimigo à deriva, em dificuldades? Esclareça-nos, senhor.

-Ora bolas exclamou Josiah. Somos homens bons de cabo a rabo. Não importa que tipo de briga tenha havido antes, ajudamos uns aos outros, fazemos assim, ora, um homem pode perfeitamente ajudar um inimigo. Todos sabemos que algum dia podemos precisar de ajuda também; todos sabemos que estamos sujeitos ao pesar, entende. Por mais queimado que a gente esteja com alguém, por mais que o detestemos, simplesmente não deixamos que fique à deriva... isso seria absolutamente desagradável, não seria? Ajudamo-nos uns aos outros numa emergência, não importa o que mais esteja acontecendo.

-Bom, muito bem disse Alvin Hooks. Vamos aceitar sua palavra, Sr. Gillanders, e passar para outros assuntos. Vamos aceitar sua palavra de que até mesmo inimigos se ajudam numa emergência no mar. Agora, entendi o senhor dizer antes que uma abordagem forçada no mar era impossível? Que as condições impedem um pescador de abordar o barco do outro a menos que haja consentimento mútuo? A menos que os dois concordem em trabalhar juntos? Isso também é correto, senhor? Entendi o senhor dizer isso claramente? -Sim, entendeu disse Josiah Gillanders. Isso foi exatamente o que eu disse... não se vêem abordagens forçadas.

-Bem disse Alvin Hooks. O Sr. Gudmundsson, meu prezado colega da defesa, lhe pediu anteriormente para imaginar uma situação no mar em que um homem procura matar outro de forma premeditada. Ele lhe pediu para imaginar uma abordagem forçada, um salto, um golpe com um arpão. O senhor disse que seria impossível. Disse que um assassinato assim não poderia acontecer.

-Isso é invencionice de marinheiro, esse negócio de abordagem forçada, e pronto. É lenda de piratas, e ponto final.

-Muito bem prosseguiu Alvin Hooks. Vou lhe pedir para imaginar outra situação, diga-me se lhe parece plausível. Se esse tipo de coisa pudesse ter acontecido, senhor, ou se também seria invencionice.

Alvin Hooks começou a andar de novo e enquanto isso olhava para cada jurado.

-Número um iniciou. O réu, o Sr. Miyomoto, aqui presente, resolve que deseja matar Carl Heine. Essa parte é plausível... até agora? - Certamente respondeu Josiah. Se é o que diz.



-Número dois prosseguiu Alvin Hooks. Ele sai para pensar no dia 15 de setembro. Há um pouco de névoa, mas não há cerração ainda, de forma que ele não tem problemas em navegar dentro do campo de visão da vítima, Carl Heine. Ele o segue até Ship Channel Bank... como estou indo, até aqui? -Até aí, tudo bem disse Josiah.

-Então passemos ao número três continuou Alvin Hooks. Ele observa Carl Heine lançar a rede. Lança a sua também, não muito longe dele, deliberadamente acima da corrente, e pesca noite adentro. Agora a neblina fica mais densa e fechada, uma cerração espessa, obscurecendo tudo em torno. Ele não consegue ver nada nem ninguém, mas sabe onde Carl Heine está, a duzentos metros de distância, corrente abaixo, na neblina. Agora já é bem tarde, duas da madrugada. A água está muito tranqüila. Eleja verificou pelo rádio se outros homens se afastaram para pescar em Elliot Head. Não tem certeza de quantos ainda estão por perto, mas sabe que são poucos. E, assim, o Sr. Miyomoto ataca. Recolhe a rede, desliga o motor, certifica-se de que o arpão esteja à mão e desce à deriva corrente abaixo, na direção de Carl Heine, talvez até acionando a buzina de cerração. Aproxima-se de Carl, à deriva, ao que parece, e mente para ele, dizendo que o motor enguiçou. Agora me diga, já nos disse antes que Carl Heine se sentiria compelido a ajudá-lo? -Invencionice redarguiu Josiah Gillander, mas daquelas boas. Continue.

-Carl Heine não se sentiria obrigado a ajudá-lo? Como já disse os homens ajudam seus inimigos? Carl Heine não teria ajudado? -Sim, teria. Continue.

-Os dois não teriam amarrado um barco ao outro? Não haveria o consentimento mútuo necessário... uma situação de emergência, mesmo que simulada... para que fosse feita uma amarração bem-sucedida no

mar? Não haveria, Sr. Gillanders? Josiah concordou com um gesto afirmativo da cabeça.

-Sim.

-E nessa altura, senhor, nessa situação, o réu não poderia... um mestre treinado de kendo, lembre-se, um homem especializado em matar com uma vara, letal e experiente na luta com varas... o réu não poderia ter saltado a bordo e matado Carl Heine com um golpe forte no crânio, forte o suficiente para rachá-lo? Em vez de dar um tiro? Que potencialmente, seria possível, poderia ser ouvido através da água por alguém que estivesse pescando por perto? Será que ainda estou sendo plausível, senhor? A situação que estou lhe apresentando parece plausível para um homem da sua experiência? Tudo o que lhe disse é plausível? -Poderia ter acontecido disse Josiah Gillanders. Mas eu não creio que tenha sido isso.

-É claro que não disse Alvin Hooks. Sua opinião é outra, ao que parece. Mas em que baseia sua opinião, senhor? Não negou que minha situação seja plausível. Não negou que esse assassinato premeditado poderia ter acontecido exatamente da forma que acabei de descrever, negou, Sr. Gillanders? Negou? -Não, não neguei disse Josiah. Mas...

-Não tenho mais perguntas disse Alvin Hooks. A testemunha pode sentar-se. Pode sentar-se no calor agradável da galeria. Não tenho mais perguntas.

-Ora bolas disse Josiah Gillanders. Mas o juiz ergueu a mão, detendo-o, e Josiah, ao ver isso, saiu do banco das testemunhas, segurando o quepe entre os dedos.

Os ventos da nevasca açoitavam as janelas da sala do tribunal e as chacoalhavam tão vigorosamente que parecia que o vidro ia quebrar. Durante três dias e três noites os cidadãos da galeria haviam escutado o vento fustigar suas casas e ecoar violentamente nos seus ouvidos, enquanto o enfrentavam para ir e voltar do Palácio da Justiça. Eles não haviam se acostumado a ele, de modo algum. Estavam habituados aos ventos marítimos que sopravam pela ilha a cada primavera, quando a lama aparecia e a chuva caía regularmente, mas um vento daquela magnitude, tão gélido e primitivo, continuava lhes parecendo estranho. Parecia improvável que um vento soprasse de forma tão uniforme durante dias a fio. Isso os tornava irritáveis e impacientes. A neve era uma coisa, caindo como caía, mas o uivo da tempestade, a força com que ela lhes feria o rosto todos desejavam inconscientemente que ela terminasse e lhes concedesse uma trégua. Estavam cansados de escutá-la.

Kabuo Miyomoto, o acusado, não havia escutado o vento de sua cela, nem mesmo um sussurro dele. Não tinha a mais vaga idéia da tempestade que estava se desencadeando lá fora, a não ser quando Abel Martinson vinha buscá-lo, ao subir as escadas algemado para ir até a sala de julgamentos do juiz Fielding, de forma que, ao emergir na penumbra do andar térreo do Palácio da Justiça ele sentia o vento abalando o edifício. E via pelas janelas em cada um dos patamares como a neve caía com força de um céu carregado e agitava-se, levada pelo vento. A luz fria e algodoadada de uma tempestade de inverno era algo pelo qual ele era grato depois de viver sem janelas durante 77 dias.

Kabuo havia passado a noite anterior envolto em cobertores sua cela de concreto era particularmente fria, andando e tremendo sem parar. O homem indicado para vigiá-lo à noite um serrador aposentado chamado William Stenesen havia-o iluminado com uma lanterna logo antes da meia-noite e perguntado se estava passando bem. Kabuo pedira mais cobertores e um copo de chá, se possível.

-Vou providenciar respondeu William Stenesen. Mas, meu Deus, rapaz, se não tivesse se metido nessa fria, nenhum de nós estaria aqui agora.

E assim, Kabuo havia ponderado sobre a fria em que ele se metera. Pois quando Nels Gudmundsson lhe perguntou qual era seu lado da história depois do jogo de xadrez entre eles, dois meses e meio antes, ele continuou a contar a mesma mentira que havia dito ao xerife Moran: ele não sabia nada sobre o assunto, havia insistido, e isso piorava seus problemas. Sim, tinha falado com Carl sobre os três hectares, sim, tinha discutido com Etta Heine, sim, tinha ido falar com Ole. Não, não tinha visto Carl no Ship Channel Bank, na noite de 15 de setembro. Não fazia idéia do que tinha acontecido com Carl e não podia dar explicações a ninguém, nenhuma informação sobre o afogamento de Carl. Ele, Kabuo, havia pescado a noite inteira, depois fora para casa e para a cama, e isso foi tudo. Foi tudo que ele teve a dizer.

Nels Gudmundsson, no início, tinha ficado satisfeito com isso e pareceu ter engolido tudo. Mas depois retornou, na manhã seguinte, com um bloco de papel ofício amarelo enfiado debaixo do braço e um charuto entre os dentes, sentou-se na cama de Kabuo. As cinzas do charuto caíam nas suas calças, mas ele não parecia se importar nem notar, e Kabuo sentiu pena. As costas dele estavam arqueadas, e as mãos tremiam.

-O relatório do xerife disse, com um suspiro. Eu o li, Kabuo. Tudinho.

-O que diz ele? indagou Kabuo.

-Contém alguns fatos a respeito dos quais eu estou preocupado disse Nels, tirando uma caneta do bolso do casaco. Espero que não se importe se lhe pedir, mais uma vez, para me contar sua versão da história. Será que poderia me fazer esse favor, Kabuo? Contar-me tudo de novo? Sua história sobre os três hectares, etcétera? Tudo que aconteceu? Kabuo foi até a porta da cela e colocou o olho no postigo.

-Você não acredita no que lhe contei disse ele, mansamente. - Acha que estou mentindo, não? -O sangue no seu arpão replicou Nels. Eles mandaram fazer testes em Anacortes. Combina com o tipo sanguíneo do Carl.

-Não sei de nada sobre isso disse Kabuo. Eu disse ao xerife e repito para você. Não sei de nada.

-Mais uma coisa insistiu Nels, apontando com a caneta para Kabuo. Eles encontraram um dos seus cabos de atracação no barco do Carl. Enrolado em volta de um cunho do Susan Marie. Um dos seus cabos, claramente, dizem. Combinava com seus outros cabos, com exceção de um que era novo. Isso também está no relatório.

-Oh respondeu Kabuo, mas foi só.

-Olhe aqui disse Nels Gudmundsson. Não vou poder ajudá-lo a sair dessa se não me disser a verdade. Não posso fazer uma defesa baseado numa resposta como "oh" ao lhe trazer provas tão contundentes quanto seu cabo de atracação sendo encontrado pelo xerife do condado da ilha no barco de um pescador vítima de morte suspeita. O que posso fazer se só consigo arrancar de você um "oh"? Como vou ajudá-lo,

Kabuo? Você tem que ficar em pé de igualdade comigo, tudo depende disso. Senão, não vou poder ajudá-lo.

-Eu já disse a verdade respondeu Kabuo. Ele se virou e encarou seu advogado de defesa, um homem idoso e caolho, mãos trêmulas, indicado para defendê-lo porque Kabuo havia se recusado a respeitar o ponto de vista do promotor, contratando seu próprio advogado. Conversamos sobre as terras da minha família, eu discuti com a mãe dele há alguns anos, eu fui falar com o Ole, fui falar com Carl, e mais nada. Já disse o que tinha a dizer.

-O cabo de atracação repetiu Nels Gudmundsson. O cabo de atracação e o sangue no arpão. Eu...

-Não posso explicar essas coisas insistiu Kabuo. Não sei de nada sobre elas.

Nels concordou com um gesto de cabeça, e Kabuo sustentou seu olhar.

-Você pode ser enforcado, sabia?disse Nels, abruptamente. Não há advogado no mundo que possa ajudá-lo se não disser a verdade.

E na manhã seguinte Nels voltou outra vez, trazendo uma pasta de papel manilha. Fumando o charuto, passeou para lá e para cá na cela com a pasta sob o braço.

-Eu lhe trouxe o relatório do xerife disse ele para você ver exatamente contra o que estamos lutando. O problema é que, depois de ler o troço, pode resolver inventar outra história... pode fingir que quer me colocar a par das coisas inventando uma mentira mais convincente. Depois de ler esse relatório, Kabuo, pode inventar alguma coisa que seja coerente com ele, e aí eu vou poder trabalhar com base nisso, principalmente porque não tenho escolha. Não gostaria que as

coisas fossem assim. Preferiria saber que posso confiar em você. Portanto, antes de ler esse troço aí, conte-me uma história que encaixe nas minúcias do relatório e reabilite-se aos meus olhos. Conte-me a história que devia ter contado ao xerife logo de cara, quando não era tarde demais, quando a verdade talvez ainda tivesse lhe valido a liberdade. Quando a verdade talvez lhe tivesse feito algum bem.

Kabuo, a princípio, nada disse. Mas aí Nels deixou a pasta sobre o colchão, e ficou de pé, bem em frente a ele.

-É porque você é descendente de japoneses disse ele, com brandura; era mais uma pergunta que uma afirmação. Acha que porque é de descendência japonesa ninguém vai acreditar mesmo em você.

-Tenho direito de pensar assim. Ou talvez você tenha esquecido que há alguns anos o governo resolveu que não podia confiar em nenhum de nós e nos mandou embora daqui.

-É verdade disse Nels. Mas...

-Somos ardilosos e traiçoeiros disse Kabuo. Não se pode confiar num japa, pode? A ilha está cheia de ressentimentos, Sr. Gudmundsson, pessoas que não costumam expressar o que sentem, mas por dentro nos odeiam do mesmo jeito. Não compram morangos da gente, não querem fazer negócio com a gente. Lembra-se quando alguém atirou pedras em todas as janelas das estufas dos Sumida no verão passado? Bem, agora um pescador do qual todos gostavam está morto, afogado na sua própria rede. Eles vão imaginar que faz sentido que um japa o tenha matado. Vão querer me ver enforcado, não importa qual seja a verdade.

-As leis existem disse Nels. Elas se aplicam igualmente a todos. Você tem direito a um julgamento justo.

-Existem homens disse Kabuo que me odeiam. Odeiam qualquer um que se pareça com os soldados que combateram. É por isso que eu estou aqui.

-Conte a verdade disse Nels. Resolva contar a verdade antes que seja tarde demais.

Kabuo deitou-se na cama com um suspiro e entrelaçou os dedos por trás da cabeça.

-A verdade disse. A verdade não é fácil.

-Mesmo assim disse Nels. Entendo como você se sente. Mas existem as coisas que aconteceram, e as que não aconteceram. É sobre isso que estamos falando.

Pareceu a Kabuo um sonho de uma textura opulenta, envolto em neblina, imóvel e silencioso. Ele pensava nele com frequência na sua cela escurecida, e os mínimos detalhes eram grandes para ele, e cada palavra era audível.

Na noite em questão ele havia verificado o óleo do motor do Islander e rapidamente lubrificado o motor do tambor do carretel da rede antes de zarpar para Ship Channel Bank uma hora antes do crepúsculo. Ship Channel, ele havia entendido, já oferecia uma pesca abundante e satisfatória há duas noites consecutivas. Ele havia falado com Lars Hansen e Jan Sorensen sobre isso e resolvido pescar no Ship Channel com base nas informações deles. Os prateados estavam correndo em imensos cardumes, diziam, em sua maioria na maré cheia. Havia peixes também na vazante, mas em nenhum outro lugar com aquela abundância. Seria possível levar duzentos ou mais trabalhando sozinho na maré cheia, esperava Kabuo, e talvez mais cem na vazante, se tivesse sorte e sorte, sabia ele, era do que ele precisava. Elliot Head,



na noite anterior, mal havia coberto as despesas. Ele tinha voltado com dezoito peixes e, além disso, lançado a rede no escuro ao lado de uma ilha de algas enorme e labiríntica. A força da maré o arrastara para as algas, e ele havia perdido quatro horas para se safar, de forma a não romper a rede. Agora, hoje, ele teria de se sair melhor. Precisaria que a sorte estivesse do seu lado.

Na luz azul do crepúsculo ele havia feito a manobra para sair do porto e rumou para o mar aberto. Do seu ponto de observação ao leme do Islander via os cedros macios da ilha de San Pedro, seus morros altos e redondos, a neblina baixa que jazia em longas faixas pelas praias, as cristas das ondas que quebravam na costa. A lua já havia nascido por trás da ilha e estava bem em cima do grande penhasco de Skiff Point um quarto crescente, pálido e indefinido, etéreo e translúcido como os fiapos de nuvens que viajavam pelo firmamento, obscurecendo-o. Kabuo, com o rádio ligado, verificou o barómetro; ele ainda estava firme, apesar dos boatos de tempestade, rajadas frias de neve misturada com chuva avistadas ao norte, além do estreito da Geórgia. Quando tornou a olhar para cima, uma grande quantidade de aves marinhas estava se dispersando, silhuetas cinzentas saindo do mar encapelado a cem metros, elevando-se e depois roçando a superfície das ondas à maneira dos patos-marinheiros da rebentação, embora houvesse aves demais para serem patos-marinheiros ele não sabia o que podiam ser, talvez alcatordas, não conseguia distinguir. Desviando-se das Harbor Rocks, enfrentando o vento marítimo que o pegava de frente, a sete nós, ele navegou com a maré puxando o barco com força por trás e reuniu-se ao Kasilof, ao Antarctic e o Providence, todos indo na direção de Ship Channel, também: metade da frota estava indo para lá. Metade da frota estava espalhada diante dele, navegando a toda força para o

ponto onde apareciam os cardumes ao crepúsculo e formando largas esteiras prateadas.

Kabuo bebeu o chá verde da garrafa térmica e passou em revista as faixas do rádio. Era seu hábito escutar, sem falar, pescar o que pudesse sobre os homens pela forma como se expressavam, e discernir o que pudesse sobre a pescaria.

Logo após terminar o crepúsculo, ou quase, ele comeu três bolinhos de arroz, uma posta de bacalhau e duas maçãs caídas de uma macieira silvestre atrás da Bender's Spring. A névoa noturna já pairava sobre a água, de forma que ele diminuiu a marcha e navegou com o holofote a varrer as ondas. A perspectiva de uma neblina cerrada, como sempre, o preocupava. Um pescador poderia ficar tão perdido numa neblina assim que lançaria sua rede em círculos, sem saber, ou acabaria indo parar bem na rota de algum navio, e muito a sotavento da ilha de Elliot, longe das brisas marítimas principais.

Mas por volta das oito e meia ele havia navegado a baixa velocidade no banco e ficou de pé na cabine de comando, ao lado do tambor da rede, escutando, com a neblina a descer por todos os lados. Do farol, bem longe, a leste, ele podia escutar a entonação baixa e uniforme do diafone de aviso de neblina. Era o som que associava com as noites sem visibilidade no mar solitárias, familiares, silenciosas e tão melancólicas que ele nunca escutava o sinal sem se sentir vazio. Aquela noite, ele sabia, era o que os antigos chamavam tempo de fantasma, com uma neblina tão imóvel e densa quanto leite. Um homem podia passar os dedos através dessa neblina, separando-a em gavinhas e faixas que tornavam a unir-se, lânguidas, outra vez, no todo, e desapareciam sem emendas, sem deixar vestígios. À deriva ao sabor da maré, um pescador passava por ela como se ela compusesse seu

próprio meio Intermediário entre o ar e a água. Era possível, numa noite dessas, ficar tão desorientado quanto um homem sem tocha numa caverna. Kabuo sabia que outros pescadores também estavam por perto, à deriva, como ele, perscrutando a neblina, cegamente atravessando o banco na esperança de se localizarem. Os limites das rotas de navios eram demarcados por bóias numeradas, e a esperança era dar com uma fortuitamente, para se orientar.

Kabuo, desistindo, escorou um saco de bóia entre as buzinas de espia da popa e acendeu uma lanterna a querosene com um fósforo de cozinha. Aguardou até o pavio queimar com força, bombeou um pouco de ar, regulou o combustível, depois colocou a lanterna cuidadosamente na base de segurança e curvou-se sobre o gio do Islander, para colocar o saco de bóia na água. Com o rosto tão próximo da superfície do mar ele imaginou que podia farejar os salmões que corriam. Fechou os olhos, colocou uma das mãos na água e à sua maneira rezou para os deuses do mar o ajudarem, trazendo os peixes para o seu lado. Pediu boa sorte, que a neblina se desfizesse; rezou para que os deuses mandassem a neblina embora e o salvassem dos cargueiros da rota de navios. Depois ficou outra vez de pé na popa do Islander, amarrou a linha do saco da bóia ao cabo da rede e soltou o freio do tambor da rede.

Kabuo lançou a rede de norte para sul, afastando-se dela a navegar cegamente, tão devagar quanto possível. Parecia-lhe que a rota ficava para o norte, embora ele não pudesse ter certeza disso. A correnteza da maré, correndo para leste, manteria a rede esticada, mas só se ele a jogasse na direção certa; se a jogasse um quarto para a direção da corrente, mesmo que ligeiramente, por outro lado, acabaria tendo que puxar toda a noite só para evitar que a rede se desarmasse. Não havia forma de saber na neblina cerrada como estava a rede; ele

não conseguia ver vinte cortiças abaixo da linha e teria que inspecioná-la de uma em uma hora, mais ou menos, esquadrinhando-a com o holofote. Kabuo não conseguia enxergar a superfície do mar mais de cinco metros além da proa do barco de onde estava, ao leme, na cabine. O Islander estava literalmente dividindo a neblina, a proa praticamente fatiando-a. A neblina era densa o bastante para fazê-lo ponderar se não devia rumar para Elliot Head, o mais rápido possível; tinha quase certeza que estava pescando em plena rota de navios para Seattle. Além do mais, ele tinha de ter esperança de que ninguém havia lançado a rede para o sul, particularmente em ângulo com relação a sua rede. Naquela neblina ele sem dúvida não veria o candeio do outro homem e acabaria enroscando o hélice do Islander nela, o que se desviava muito da noite de pescaria. Muitas coisas poderiam dar errado.

Na popa, a rede deslizou livremente do tambor e rolou sobre os gios facilmente em direção ao mar, até que, afinal, toda ela saiu do barco, num comprimento total de trezentas braças. Kabuo voltou e removeu com a mangueira os restos de peixes dos embornais. Depois que terminou, desligou o motor e ficou na escotilha, de costas apoiadas contra a parede da cabine, prestando atenção para ver se ouvia algum apito de navio se aproximando. Nada, porém não se ouvia nenhum som naquele momento a não ser o da água batendo e o som distante do farol. A correnteza da maré o levava suavemente para leste, bem como havia previsto. Ele se sentiu melhor com a rede lançada. Não podia ter certeza de que não estava na rota dos navios, mas sabia que estava derivando à mesma velocidade que qualquer outro pescueiro que estivesse trabalhando naquelas águas cercadas de neblina. Imaginou que havia trinta ou mais barcos por ali, todos ocultos e silenciosos na densa cerração marítima, deslocando-se na mesma velocidade da maré

que o deslocava, mantendo todos equidistantes. Kabuo entrou e acendeu a luz do mastro: vermelha sobre branca, o sinal de um homem pescando à noite, embora não adiantasse muito. A luz não poderia ser vista. Mas, por outro lado, ele havia feito o possível naquelas circunstâncias. Não havia mais nada a fazer senão ter paciência.

Kabuo trouxe a garrafa térmica para a cabine, depois sentou-se na amurada de bombordo e bebericou chá verde, escutando, apreensivo. Bem mais para o sul ele ouviu o motor de alguém na marcha lenta, o som de uma rede se desenrolando de um tambor, um barco deslocando-se lentamente. Ocasionalmente o rádio soltava um estalido fraco, mas nada além disso. No silêncio ele bebia chá e esperava os salmões: como em outras noites, imaginava-os em movimento, águas que continham tanto o passado quanto o futuro para eles, seus filhos e os filhos de seus filhos, e as mortes deles. Ao puxar a rede e pegá-los pelas guelras, sentia, no seu silêncio, o quão desesperada era sua estada, e ele se comovia como um pescador se comove, silenciosamente, sem palavras. Seus soberbos flancos prateados alimentariam seus sonhos e por isso ele era grato e se entristecia. Havia algo de trágico na barreira de malha invisível que ele havia armado para matá-los enquanto eles viajavam ao ritmo de uma necessidade que não podiam deixar de atender. Ele os imaginou debatendo-se contra a rede, atônitos com aquela coisa invisível que havia acabado com as vidas deles nos últimos dias de uma viagem urgente. Às vezes, ao puxar a rede, ele encontrava um peixe que se debatia com uma força que resultava em um retumbante tump depois de passar do gio do Islander. Como todos os outros, ia para o porão, morrer em questão de horas.

Kabuo fechou a garrafa e levou-a para a cabine. Outra vez escutou os canais de rádio, e dessa vez pegou uma voz a de Dale Middleton

tagarelando com um sotaque arrastado da ilha:-Já estou de saco cheio disse ele, e depois alguém respondeu.

-De quê?Dale replicou que já não agüentava mais jogar a rede perto da rota de navios naquela neblina fechada para pescar só uma dúzia de salmões, alguns cações, um par de merlúcios e ainda por cima só escutar estática no rádio.

-Quase não enxergo minhas mãos disse ele.

-Quase não enxergo meu próprio nariz. Alguém, um terceiro, concordou que não estava boa, que de um momento para o outro o banco parecia ter se esvaziado, ele tinha pensado em ir para Elliot Head, não tinha certeza, mas as coisas podiam estar melhores por lá.

-Pelo menos a gente se afasta dessa rota de navios retrucou Dale. Uma boa leva que eu pesquei morreu agora, isso já chega para mim, por aqui. Ei, Leonard, a sua rede está saindo limpa? A minha está que parece até uma estopa usada. A danada está mais preta que torrada esturricada.

Os pescadores debateram isso pelo rádio durante algum tempo, Leonard dizendo que a rede dele estava razoavelmente limpa, Dale lhe perguntando se andava lubrificando-a ultimamente, Leonard alegando ter visto uma bóia de demarcação, de número 57, a bombordo. Ele trabalhou perto dela durante uma meia hora, mais ou menos, mas não chegou à 58 nem à 56, não se posicionou adequadamente. Na opinião dele, estava perdido na neblina e pretendia continuar assim pelo menos até recolher a rede, depois ia pensar no assunto. Dale lhe perguntou se já a havia recolhido uma vez, e Leonard pareceu decepcionado. Dale descreveu a neblina outra vez e disse que imaginava que era tão espessa quanto é possível, e Leonard, concordando, disse que se

lembrava de um ano recente em Elliot Head, em mares piores - uma situação ruim, acrescentou.

Lá no Head deve estar bom agora respondeu Dale. Vamos fugir dessa neblina e nos dirigir para lá.

Kabuo deixou o rádio ligado; queria escutar se um cargueiro descesse pelo estreito e enviasse alguma mensagem para o farol. Abriu a porta de correr da cabine e ficou escutando, e logo vieram os apitos, ao mesmo tempo abafados e melancólicos, de barcos que saíam da zona de pesca, os apitos de cerração dos pesqueiros que navegavam cegamente para leste, cada vez para mais longe, e, portanto, menos audíveis. Era hora de recolher a rede, decidiu, e depois, se necessário, atravessar ele mesmo a neblina rumo à área de pesca ao largo de Elliot Head uma travessia que ele preferia fazer sozinho. Os barcos lá longe agora navegavam às cegas, e ele não confiava exatamente nos seus pilotos. Aguardaria mais uma hora, depois recolheria a rede e iria embora se visse que a pescaria estava fraca.

Às dez e meia ele acionou o pedal na cabine, recolhendo a rede e parando de quando em vez para jogar pedaços de algas no mar. A rede, sob tensão, pingava água do mar no tombadilho juntamente com gravetos e algas. Ele ficou satisfeito por ver que também vinham salmões, grandes peixes prateados, a maioria com mais de cinco, cinco quilos e meio, também uma meia dúzia de pedaços de peixe de cinco quilos, e até mesmo três bocas-pretas sedentários. Alguns caíram no tombadilho ao passarem sobre o gio, outros ele agilmente libertou da rede. Era bóm nessa parte do trabalho. Suas mãos abriam caminho através das dobras da rede até chegarem aos longos flancos de salmões mortos e agonizantes. Kabuo os arremessou no porão junto com merlúcios e três cações pálidos que pretendia levar para a família.

Vieram 58 salmões, contou ele, naquela primeira pescaria, e ele se sentiu grato por eles. Ajoelhando-se por um momento ao lado da escotilha do porão, olhou-os com satisfação e calculou quanto valeriam para a fábrica de conservas. Pensou na viagem que eles tinham feito até chegarem a ele e como suas vidas, talvez, lhe restituíssem sua fazenda.

Kabuo observou durante muito tempo peixe ou outro dilatava as guelras ou rabeava, depois fechou a escotilha sobre eles e removeu o limo dos embornais. Estava bom, para uma primeira pescaria, o suficiente para manter-se ali mesmo pelo banco não havia motivo para ir para outro lugar. As probabilidades eram de que, apesar da neblina, ele tivesse derivado em ponto morto por acaso; tivera a sorte pela qual rezara antes. Até agora tudo estava dando certo.

Eram quase onze e meia, se seu relógio estivesse certo, o último fluxo ainda o levando para o leste, e ele resolveu ligar o motor e rumar para oeste outra vez, para pescar na virada da maré. Na virada os salmões se acumulariam, circulando sobre o banco a centenas, em cardumes, e alguns a leste voltariam na vazante, de forma que a rede dele se carregaria em ambos os sentidos. Ele esperava mais cem peixes da próxima vez que lançasse a rede; parecia-lhe uma perspectiva razoável. Estava feliz por ter insistido em permanecer na neblina, e se sentia vingado, de certa maneira. Havia feito a deriva com êxito. Havia peixes no porão, mais ainda para pescar, e pouca concorrência. Ele calculou que mais de dois terços dos pescadores da área haviam atravessado a neblina na direção de Elliot Head com as buzinas a soar sobre a água.

Kabuo ficou de pé ao leme na cabine com uma xícara de chá verde na mesa ao seu lado e verificou uma vez mais os canais de rádio. As conversas haviam parado. Todos os homens que não conseguiam ficar



calados tinham se afastado, aparentemente. Como de costume, verificou os mostradores no painel e fez a leitura da bússola. Depois deu a partida, girou o leme com força e navegou para oeste, ajustando o rumo para o norte menos cinco graus, na esperança de topar com uma bóia de demarcação.

A proa do Islander atravessou a neblina durante dez minutos ou mais. Com um olho na bitácula, outro na água iluminada pelo holofote diante da proa, Kabuo avançava vagarosamente, movido por uma fé cega. Estava, bem sabia, navegando no sentido contrário ao dos barcos que estavam ao sabor da corrente, descendo pelo banco. O protocolo entre os pescadores de rede nessas condições era usar a buzina minuto a minuto e aguçar os ouvidos para eventual resposta de dentro da neblina. Kabuo, ao mover-se para dentro da corrente da maré, havia sinalizado sua posição meia dúzia de vezes, quando uma buzina respondeu a bombordo da proa. Fosse lá quem fosse, ele estava próximo.

Kabuo colocou o barco em ponto morto e ficou à deriva, o coração - batendo com força no peito. O outro estava perto demais, a 75 metros no máximo cem, dentro da neblina, com o motor desligado. Kabuo fez soar outra vez a buzina. No silêncio que se seguiu veio uma resposta a bombordo desta vez uma voz de homem, calma e concreta, uma voz que ele reconheceu.

-Estou aqui soou ela por sobre a água. Estou com o barco enguiçado, à deriva.

E foi assim que ele encontrou Carl Heine, de baterias descarregadas, à deriva, à meia-noite, precisando da ajuda de outro homem. Ali estava Carl, de pé, iluminado pelo holofote do Islander, um

homem de grande estatura, de macacão, equilibrando-se na proa do barco, com uma lanterna a querosene presa a uma das mãos e uma buzina pendendo da outra. Ele havia erguido a lanterna e ficado ali parado assim, o queixo barbado resoluto, inexpressivo.

-Meu barco enguiçou repetiu ele, quando Kabuo emparelhou com ele a estibordo e lançou-lhe uma amarra. Minhas baterias descarregaram, as duas.

-Tudo bem disse Kabuo. Vamos amarrar os barcos. Estou bem abastecido de energia.

-Graças a Deus por isso respondeu Carl. Foi sorte ter cruzado com você.

-Arme as defensas recomendou Kabuo que vou me aproximar.

Eles amarraram um barco ao outro no meio da neblina, sob o holofote do Islander. Kabuo desligou o motor enquanto Carl transpunha ambas as amuradas e vinha a bordo do seu barco. Ficou parado na porta balançando a cabeça.

-Descarreguei as duas repetiu. O voltímetro está marcando nove e alguma coisa. As correias do alternador estavam com uma folga, imagino. Agora já ajustei as correias, mas mesmo assim, continuei parado.

-Espero que não estejamos na rota disse Kabuo, espiando o mastro do Susan Marie. Parece que você pendurou uma lanterna lá em cima.

-Prendi ela ali agora há pouco informou Carl. Foi o melhor que pude fazer. O rádio silenciou quando a energia se esgotou, não podia chamar ninguém. Não pude fazer nada senão ficar à deriva, nesta última hora. A lanterna provavelmente é inútil nessa neblina, mas de qualquer

maneira eu a pendurei lá em cima. É a única luz que tenho agora, essa e a que tenho aqui na mão. Provavelmente não vai adiantar nada.

-Tenho duas baterias respondeu Kabuo. vamos instalar uma e dar partida no seu motor.

-Agradecido disse Carl. Só que eu uso D-8, sabe. Acho que o seu barco usa D-6.

-É confirmou Kabuo. Mas vai funcionar, se você tiver espaço. Senão a gente pode aumentar o seu compartimento. Ou arranjar cabos mais longos. Vai dar certo, você vai ver.

-Vou medir o espaço informou Carl. Aí veremos se vai dar. Ele pulou de volta as amuradas e Kabuo ficou torcendo para que aparentemente uma parte dele estivesse querendo debater as terras tácitas entre eles. Carl teria que dizer alguma coisa de uma forma ou de outra, simplesmente porque os dois estavam junto no mar, com os barcos atracados entre si, à deriva e resolvendo o mesmo problema.

Kabuo já conhecia Carl havia muitos anos; sabia que Carl evitava circunstâncias nas quais fosse obrigado a falar. Falava na maioria das vezes do mundo das ferramentas e objetos quando não tinha outra saída. Kabuo se lembrou de quando pescava de corrico com Carl tinham doze anos naquela época, muito antes da guerra em um barco velho que pegavam emprestado. Era logo após o pôr-do-sol e a fosforescência da água que borbulhava sob os remos de Carl o inspirou a comentar um menino tão comovido pela beleza do mundo que não se conteve:-Olhe só que cores exclamou. E mesmo aos doze anos Kabuo havia entendido que um comentário desses só poderia ser sincero. Aquilo que Carl sentia, ele guardava para si, sem mostrar nada a ninguém, como o

próprio Kabuo fazia, por outros motivos. Eles eram mais parecidos no íntimo do que Kabuo estava disposto a admitir.

Kabuo abriu a tampa do compartimento de baterias do seu barco e afrouxou os cabos dos terminais. Retirou uma das baterias duas vezes maior do que uma bateria de carro e duas vezes mais pesada também e levou-a até a amurada, onde a apoiou, esperando para entregá-la a Carl Heine. Eles ficaram cada um em seu respectivo barco, e a bateria passou de um para outro.

-Vai encaixar disse Carl. Tem um flange atrapalhando, mas o metal é fraquinho. Posso bater nele para nivelar.

Kabuo abaixou-se e pegou o arpão.

-Vou levar isso sugeriu. Podemos amassar o flange com ele.

Eles entraram juntos na cabine bem-arrumada de Carl, Kabuo com uma lanterna e o arpão, Carl na frente com a bateria. Um salame pendia de um arame ao lado da bitácula; a cama estava feita com esmero. Kabuo reconheceu o toque caprichoso de Carl nas coisas, sua forma de estabelecer uma organização rígida, a força que o havia impulsionado, anos antes, a manter sua caixa de apetrechos bem-arrumada. Até mesmo as roupas dele, por mais batidas que fossem, eram obviamente bonitas e bem-conservadas.

-Me dê esse arpão disse Carl.

Ele apoiou o joelho ao lado do compartimento das baterias e bateu com o arpão no flange de metal. Kabuo, ao seu lado, tomou consciência de sua força e da facilidade com que ele abordou o problema; aproveitou cada golpe, usou os ombros, e não se apressou. Uma vez a mão direita escorregou, porém, e o metal macio ficou ensangüentado, mas Carl não parou. Ele agarrou com mais força ainda o

arpão de Kabuo e só depois, quando a bateria já estava encaixada, ele levou a palma da mão à boca e a manteve ali, sugando seu sangue em silêncio.

-Vamos tentar dar a partida disse.

-Tem certeza indagou Kabuo que tirou toda a folga das correias? Senão, não vai adiantar ligar o motor, sabe disso. Só vai descarregar mais uma bateria, e vamos ficar com outro problema.

-Agora elas estão bem esticadas disse Carl, ainda sugando a palma da mão. Dei um bom aperto com a chave de boca.

Ele puxou o afogador e ligou as chaves de partida. O motor do Susan Marie resfolegou duas vezes sob o piso, depois tossiu, rateou e pegou quando Carl empurrou o afogador.

-Vamos fazer uma coisa disse Kabuo. Fique com essa bateria o resto da noite. Não posso ficar por perto até você recarregar, de forma que vou andar com essa que ficou e alcanço você nas docas.

Carl tirou a bateria descarregada do caminho, encaixou-a num canto à direita do leme, depois acendeu a luz da cabine e leu o voltímetro enquanto apertava a mão com o lenço.

-Você está certo disse. Agora está carregando, mas vai levar algum tempo. Pode ser que a gente se encontre de novo mais tarde.

-Preciso pescar disse Kabuo. Não se preocupe. A gente se encontra de novo nas docas.

Ele recolocou a tampa do compartimento das baterias. Pegou o arpão e ficou aguardando. Afinal, disse:-Eu vou indo. Até logo.

-Espere aí chamou Carl, ainda pressionando a mão, olhando para ela, não para Kabuo. Você sabe tão bem quanto eu que precisamos ter

uma conversa.

-Pois não respondeu Kabuo, com o arpão na mão. Parou e ficou esperando.

-Os três hectares disse Carl Heine. Estou imaginando quanto você pagaria por eles, Kabuo. Só por curiosidade.

-Por que vai vendê-los? perguntou Kabuo. Por que a gente não começa discutindo quanto quer por eles? Acho que eu começaria daí.

-Eu disse que ia vender? indagou Carl. Eu não disse nada, disse? Mas se eu vendesse, acho que teria de ter em mente que são meus e você está louco para comprá-los. Acho que devia lhe cobrar uma pequena fortuna, mas aí você talvez quisesse sua bateria de volta, e me deixasse aqui à deriva.

-A bateria já está instalada respondeu Kabuo, sorrindo. Isso não tem nada a ver com o resto. Além do mais, você faria o mesmo por mim.

-Talvez eu fizesse o mesmo por você disse Carl. Devo avisar você disso, amigo. Eu já não estou mais tão certo da cabeça quanto antes. Não é mais como antes.

-Tudo bem disse Kabuo. Se é como você diz.

-Diabos disse Carl. Não estou dizendo o que realmente quero dizer. Olhe aqui, que se dane, me desculpe, está bem? Sinto muito por essa coisa toda. Se eu estivesse aqui, não teria acontecido o que aconteceu. Minha mãe puxou o tapete, eu estava no mar, lutando contra vocês, seus japas filhos da...

-Sou americano Kabuo o interrompeu. Como você ou qualquer outro. Eu estou chamando você de nazista, de porco nazista? Eu matei homens que eram a sua cara... uns alemães safados, miseráveis. O

sangue deles se entranhou na minha alma, Carl, e não saiu com facilidade. Portanto, não venha me falar dos japas, seu alemão safado, filho da puta.

Ele ainda estava com o punho crispado sobre o arpão numa das mãos, e agora estava consciente disso. Carl apoiou uma bota sobre a amurada de bombordo do Susan Marie e deu uma cusparada na água.

-Sou um safado disse, afinal, e fitou a neblina. Sou um tremendo bárbaro nazista filho da puta, e sabe do que mais, Kabuo? Eu tenho aquela vara de pescar de bambu até hoje. Guardei ela esses anos todos. Escondi no estábulo depois que a minha mãe tentou me obrigar a devolver a vara para você. Você foi para o campo de prisioneiros, eu fui batalhar no mar. A bendita vara continua lá no meu armário.

-Deixe-a lá disse Kabuo Miyomoto. Já nem me lembrava mais dela. Pode ficar com ela. Dane-se a vara.

-Dane-se tudo isso disse Carl. Ela vem me enlouquecendo esses anos todos. Eu abro meu armário e lá está a sua maldita vara de pescar de bambu.

-Me devolva a vara, se quiser disse Kabuo. Mas estou lhe dizendo que pode ficar com ela, Carl. Foi por isso que a dei para você.

-Está bem disse Carl. Então estamos combinados. Dois e oitocentos por hectare, e não se fala mais nisso. É o preço que estou pagando a Ole, entende? É o preço atual das terras nas fazendas de morango, vá ver só por aí.

-Dá um total de oito mil e quatrocentos pelo lote calculou Kabuo. Quanto vai querer de sinal? Carl Heine tornou a cuspir na água, depois virou-se e estendeu a mão. Kabuo depôs o arpão e a pegou. Eles não sacudiram as mãos, mas apertaram as mãos como pescadores que

sabem que não podem mais se comunicar com palavras, e precisam transmitir seus sentimentos de uma outra forma. Então ficaram ali no mar, em meio à neblina, flutuando, com as mãos entrelaçadas. Foi um aperto firme, e havia o sangue da palma cortada da mão de Carl para selar o pacto. Eles não queriam dizer abertamente isso, mas ao mesmo tempo desejavam que expressasse tudo. Afastaram-se mais rápido do que desejavam, antes que ficassem constrangidos.

-Mil de sinal disse Carl Heine. Podemos assinar os papéis amanhã.

-Oitocentos disse Kabuo, e não se fala mais nisso.

Depois que Kabuo acabou de contar sua história no banco das testemunhas, Alvin Hooks ergueu-se e ficou de pé diante dele puxando com insistência uma cutícula. Estudando os dedos, enquanto pronunciava as palavras, ele se concentrou especialmente nas cutículas.

-Sr. Miyomoto começou. Juro que não consigo entender por que não contou esta história desde o início. Afinal de contas, não acha que talvez tivesse sido seu dever de cidadania apresentar todas essas informações? Não acha que devia ter procurado o xerife e lhe contado essa história da bateria que alega ter ocorrido em alto-mar? Na minha opinião, deveria, Sr. Miyomoto. Creio que devia ter procurado o xerife Moran e lhe contado tudo isso assim que ouviu falar que Carl Heine havia morrido de um jeito tão pavoroso.

O acusado olhou para os jurados a seguir, ignorando Alvin Hooks por completo, e respondeu tranquilo e uniformemente na direção deles, como se ninguém mais estivesse presente.

-Precisam entender disse a eles que eu não sabia nada sobre a morte de Carl Heine até uma da tarde do dia 16 de setembro, e que apenas algumas horas depois dessa notícia o xerife Moran me prendeu.



Não houve tempo para que eu voluntariamente apresentasse os acontecimentos, conforme acabei de relatá-los. Eu...

-Mas interveio Alvin Hooks, colocando-se entre Kabuo e os jurados como o senhor mesmo acabou de dizer, Sr. Miyomoto, o senhor teve, na realidade, o que disse?, algumas horas para procurar o xerife. Ouviu falar desta morte, passou-se uma tarde, e a seguir o senhor foi até as docas de Amity Harbor com a intenção de fazer-se ao mar. Pretendia pescar até a manhã do dia 17, quando, se tivesse resolvido se apresentar, pelo menos dezesseis horas teriam se passado desde o momento em que soube da morte de Carl Heine. Portanto, vamos reformular a pergunta, desta vez de forma mais coerente com a realidade. O senhor, Sr. Miyomoto, pretendia apresentar-se? Estava para vir contar sua história da bateria quando foi preso? -Eu estava pensando no assunto disse Kabuo Miyomoto, estava tentando resolver exatamente o que fazer. A situação era difícil.

-Oh respondeu Alvin Hooks. Estava pensando no assunto. Estava ponderando se devia ou não se apresentar e contar ao xerife Moran, voluntariamente, sobre esse incidente da bateria.

-Isso mesmo disse Kabuo Miyomoto. Estava.

-Mas aí, como diz, o xerife Moran o procurou. Apareceu no seu barco na noite do dia 16 com um mandado de busca, certo? -Sim, apareceu.

-E o senhor ainda estava refletindo, naquela altura, se ia ou não lhe contar a história da bateria? -Estava.

-Mas não lhe contou sua história da bateria.

-Acho que não. Não, não contei.

-O senhor não lhe contou a história da bateria repetiu Alvin Hooks. Nem mesmo diante de uma prisão iminente o senhor apresentou alguma espécie de explicação. Ali estava o xerife Moran, com seu arpão de pesca na mão, lhe dizendo que pretendia mandar fazer um exame no sangue que o manchara, e o senhor não lhe contou que Carl Heine havia cortado a mão usando seu arpão? E é esta a explicação para o sangue encontrado nele? -Foi o que ocorreu disse Kabuo Miyomoto. Ele cortou a palma da mão, sim.

-Mas o senhor não explicou isso ao xerife. Nada disse sobre seu encontro com Carl Heine. Por que, Sr. Miyomoto? Por que alegou completa ignorância? -Precisa entender disse Kabuo. O xerife havia aparecido com um mandado na mão. Eu me vi sob suspeita de assassinato. Pareceu-me melhor não dizer nada. Esperar até eu... ter um advogado.

-Então não contou ao xerife a sua história da bateria repetiu Alvin Hooks. Nem a contou depois da prisão, mesmo quando já tinha advogado! Em vez disso declarou... será que estou certo?... declarou não ter nada a ver com a morte de Carl Heine, declarou que não o havia visto na noite do dia 15 na zona de pesca do Ship Channel Bank. Essas suas declarações, essas alegações de ignorância, foram todas registradas no relatório do xerife sobre a diligência, que foi aceita como prova por este tribunal. Sua história, portanto, imediatamente após sua prisão, difere daquela que contou hoje, Sr. Miyomoto. Portanto, eu lhe pergunto: onde está a verdade? Kabuo pestanejou; os lábios apertaram-se.

-A verdade disse é aquela que acabei de contar. A verdade é que emprestei ao Carl uma bateria, ajudei-o a dar partida no barco, fechei

negócio com ele sobre meus três hectares, depois me afastei e fui pescar.

-Entendo disse Alvin Hooks. Deseja retirar a história de completa ignorância contada ao xerife Moran após sua prisão e substituí-la por essa que acabou de relatar? Quer que acreditemos nessa nova história? -Sim, quero. Porque é verdade.

-Entendo disse Alvin Hooks. Muito Bem. Na manhã de 16 de setembro o senhor voltou de uma pescaria noturna e informou a sua mulher que havia conversado com Carl Heine em alto-mar. Certo, Sr. Miyomoto? -Certo.

-E depois? perguntou o promotor. O que aconteceu em seguida? - Eu dormi disse Kabuo. Até uma e meia. Minha esposa me acordou à uma e meia, mais ou menos, com a notícia da morte de Carl.

-Sei disse Alvin Hooks. E daí? -Sentamo-nos e conversamos disse Kabuo. Eu almocei e fui pagar umas contas. Por volta das cinco eu me dirigi para as docas.

- Por volta das cinco disse Alvin Hooks. E parou em algum lugar pelo caminho? Para dar algum recado, talvez? Visitou alguém ou foi a algum lugar? Falou com alguém sobre alguma coisa? -Não disse Kabuo. Saí por volta das cinco e fui direto para o meu barco. Só isso.

-Não parou, digamos, na loja para comprar suprimento? Nada desse gênero, Sr. Miyomoto? -Não.

-Nas docas disse Alvin Hooks. Viu alguém? Parou em outro barco por algum motivo, falou com algum outro pescador? -Fui direto para o barco disse Kabuo Miyomoto. Não parei para nada, não.

-Direto para o seu barco repetiu Alvin Hooks. E ali estava, preparando-se para uma pesca noturna, quando o xerife chegou com o

mandado.

-Isso mesmo disse Kabuo. Ele revistou meu barco. Alvin Hooks foi até a mesa das provas e apanhou uma pasta.

-O xerife realmente revistou seu barco concordou ele. E os detalhes da busca dele, Sr. Miyomoto, estão registrados neste relatório da investigação que está bem aqui na minha mão. Aliás, ao interrogar o xerife, seu advogado, o Sr. Gudmundsson, referiu-se a este relatório, incluindo um item na página 27 que diz... Alvin Hooks folheou as páginas, depois parou e bateu com o dedo indicador nele, por três vezes, enfaticamente. Mais uma vez, voltou-se para os jurados, girando o relatório do xerife na direção deles como se para sugerir que o lessem com ele apesar da distância. Ora, isso é altamente problemático disse Alvin Hooks. Porque o relatório do xerife declara que no seu compartimento de bateria havia duas D-6. Duas D-6 no compartimento. Ambas com seis células... é o que diz o relatório, bem aqui.

-Meu barco usa D-6 respondeu Kabuo. Há muitos barcos assim.

-Ah, sim disse Alvin Hooks. Sei disso. Mas e o fato de haverem duas baterias? Duas baterias, Sr. Miyomoto. Se sua história é verdadeira, se emprestou uma a Carl Heine como diz, se retirou uma do seu compartimento de baterias para emprestá-la a Carl Heine, não devia haver apenas uma quando o xerife fez a revista? Eu lhe perguntei sobre suas atividades do dia, como passou sua tarde, e em nenhum momento o senhor falou nada que sugerisse que o senhor passou algum tempo comprando ou procurando uma bateria nova. Não nos disse que gastou tempo conseguindo outra bateria para instalar no seu compartimento, portanto, por que, Sr. Miyomoto, por que o xerife encontrou duas baterias no seu barco se emprestou uma a Carl Heine? O acusado olhou

uma vez mais para os jurados e deixou passar um momento de silêncio. Seu rosto continuava inexpressivo, era impossível saber no que pensava.

-Eu tinha uma bateria sobressalente no telheiro disse ele, em voz monótona. Eu a trouxe comigo e a instalei antes de o xerife aparecer com o mandado. Foi por isso que ele encontrou duas baterias ao dar a busca. Uma delas havia acabado de ser colocada.

Alvin Hooks colocou o relatório do xerife no seu lugar, na mesa das provas. Com as mãos às costas, como que apreciando esta resposta, ele se dirigiu à plataforma dos jurados, onde parou e voltou-se para encarar o acusado, fazendo lentamente um gesto afirmativo com a cabeça, para ele.

-Sr. Miyomoto disse, num tom aparentemente de admoestação. O senhor está sob juramento aqui para contar a verdade. Está sob juramento para ser honesto para com este tribunal, jurou relatar a verdade sobre seu papel na morte de Carl Heine. E agora me parece que o senhor quer mudar sua história outra vez. Deseja dizer que trouxe uma bateria de casa e a colocou no seu compartimento durante a hora anterior à busca no seu barco, ou algo desse tipo, está acrescentando isso agora ao que disse antes. Muito bem, está certo, está tudo muito bom, mas por que não nos contou isso antes? Por que muda sua história da bateria toda vez que se faz uma nova pergunta? -Essas coisas aconteceram há quase três meses disse Kabuo. Não me lembro de todos os detalhes.

Alvin Hooks segurou o queixo com os dedos.

-É difícil confiar no senhor, Sr. Miyomoto suspirou ele. Fica sentado diante de nós inexpressivo, com um rosto enigmático durante...

-Objeção interrompeu Nels Gudmundsson, mas o juiz Lew Fielding já estava sentado ereto e olhava severamente para Alvin.

-O que é isso, Sr. Hooks? disse ele. Faça perguntas pertinentes, ou então sente-se e termine logo. Que vergonha acrescentou.

Alvin Hooks atravessou a sala uma vez mais e sentou-se à mesa do promotor. Pegou a caneta e, girando-a entre os dedos, olhou pela janela a neve que caía, que afinal parecia estar mais branda.

-Não me lembro de mais nada para perguntardisse. A testemunha pode descer.

Kabuo Miyomoto levantou-se do banco, de forma que os cidadãos da galeria o viram por inteiro um homem japonês de pé orgulhosamente diante deles, de tórax largo e musculoso. Eles admiraram seu porte e a força do seu peito, viram os tendões de seu pescoço. Enquanto observam, ele voltou os olhos escuros para a nevasca e fitou-a por um longo momento. Os cidadãos da galeria se lembraram de fotos de soldados japoneses que já tinha visto. O homem diante deles tinha aparência nobre, e as sombras modelavam-lhe o relevo do rosto de forma a acentuar-lhe as feições angulosas; o aspecto dele transmitia dignidade. E não havia nada próximo da suavidade nele, em nenhum lugar, nenhuma parte dele era vulnerável. Ele não era, segundo eles decidiram, igual a eles, de forma alguma, e a maneira distante e altiva com a qual ele contemplava a nevada tornava isso palpável e evidente.

Alvin Hooks, em suas palavras finais ao tribunal, caracterizou o acusado como um assassino a sangue frio, que havia resolvido matar outro homem e executado seu plano fielmente. Contou ao tribunal que Kabuo Miyomoto havia sido compelido pelo ódio e por puro desespero; que depois de tantos anos cobiçando seus campos de morangos perdidos ele havia se visto, no início de setembro, numa posição de perdê-los para sempre. E então havia procurado Ole Jurgensen e escutado dele a notícia de que a terra já fora vendida, e a seguir visitara Carl Heine, e Carl não havia cedido. Ele havia ponderado sobre essa situação crítica enquanto estava no mar, e chegou à conclusão de que, a menos que agisse, a terra da família pois do ponto de vista dele as terras eram da sua família iria ficar fora do seu alcance para sempre. Como o homem que era um homem vigoroso, de caráter audacioso, treinado desde criança na arte da luta com varas; um homem que o sargento Victor Maples havia descrito para o tribunal como não só capaz de cometer homicídio, mas disposto a cometê-lo, também, esse homem forte, frio, insensível decidiu acabar com a vida de outro homem que estava entre ele e a terra que cobiçava. Decidiu que, se Carl Heine morresse, Ole lhe venderia os três hectares.

Então, ele seguiu Carl até a zona de pesca para Ship Channel Bank. Seguiu-o, lançou a rede acima dele e observou enquanto a neblina ocultava tudo. Kabuo Miyomoto foi paciente, e esperou até a parte mais escura da noite para fazer o que tinha em mente. Sabia que Carl não estava longe, no máximo a 150 metros de distância, podia escutar o motor dele pela neblina. Escutou com atenção e, finalmente, por volta

de uma e meia, acionou com força a buzina de cerração. Dessa forma atraiu a sua vítima.

Carl, segundo explicou Alvin Hooks, saiu da neblina rebocando a rede estava quase pronto para recolher os peixes e encontrou o acusado, Kabuo Miyomoto, "à deriva" e "precisando de ajuda". Foi aqui, disse ele, que a traição do réu certamente foi pior pois ele se baseou no código entre os pescadores para ajudar-se em momentos difíceis e no resquício de amizade que sabia existir entre ele e Carl, proveniente da infância que eles passaram juntos. Carl, ele deve ter dito, sinto muito pelo que houve entre nós, mas aqui na água, à deriva, na neblina, suplico-lhe sua ajuda. Peço-lhe que amarre seu barco no meu e me auxilie, Carl. Por favor, não me deixe assim.

Imagem implorou Alvin Hooks aos jurados, inclinando-se na direção deles com as mãos estendidas como alguém que suplica a Deus, imaginem este bom homem parando para ajudar seu inimigo no meio da noite no mar. Ele amarra o barco ao do inimigo e enquanto está ocupado dando um nó observem que não há nenhum sinal de luta, em lugar nenhum, tão traiçoeiramente agiu o réu nesse momento seu inimigo salta a bordo com um arpão e aplica-lhe um golpe na cabeça. E então esse bom homem cai morto ou melhor, quase morto. Ele está inconsciente e mortalmente ferido.

Imaginemos, também, continuou Alvin Hooks, o réu rolando Carl Heine sobre a amurada e o barulho da negra água noturna sob o impacto do corpo. O mar se fecha sobre Carl Heine a água se infiltra no seu relógio de bolso, parando-o à 1:47, registrando a hora da sua morte e o réu fica olhando para o local onde ele se veda, sem deixar vestígios. Mas logo sob a superfície, a corrente da maré passa mais forte do que o réu havia imaginado e leva Carl para as dobras de sua própria rede, que



ainda está sendo puxada pelo barco. A fivela do macacão prende-se na rede e Carl fica ali pendurado, sob o mar, a prova do crime de Kabuo Miyomoto, esperando para ser descoberta. É uma de três coisas com as quais o réu não contava o corpo em si, o arpão ensangüentado e a amarra que havia deixado em sua pressa de sair do local do crime.

Agora ele está sentado neste tribunal diante dos senhores, disse Alvin Hooks aos jurados. Aqui está ele, num tribunal de justiça. Com as provas exibidas e os depoimentos dados, os fatos todos esclarecidos e as argumentações feitas, e a verdade do caso manifesta. Não há mais incerteza e os jurados estão comprometidos a cumprirem seu dever diante do povo do condado da ilha.

Não é uma ocasião feliz lembrou-lhes Alvin Hooks. Estamos falando de condenar um homem por homicídio em primeiro grau. Estamos falando em justiça, afinal. Estamos falando em olhar claramente para o réu e ver a verdade evidente nele e nos fatos apresentados no desenrolar do processo. Dêem uma boa olhada, senhoras e senhores, para o réu ali sentado. Olhem nos olhos dele, reflitam sobre seu rosto e perguntem-se qual é o seu dever como cidadãos desta comunidade.

Exatamente como havia feito durante todo o julgamento, Nels Gudmundsson levantou-se com uma dificuldade geriátrica dolorosa aos olhos dos cidadãos da galeria. A essa altura eles já haviam aprendido a ter paciência enquanto ele pigarreava e se assoava usando o lenço. Haviam aprendido a prever como ele ia enfiar os polegares sob os pequenos botões pretos dos suspensórios. Os jurados haviam percebido como seu olho esquerdo flutuava e como a luz cintilava sobre sua superfície uniforme e vítrea enquanto ele girava excentricamente em

sua órbita. Eles o observaram neste momento enquanto ele se preparava, pigarreando, para falar.

Em voz comedida, tão sóbria quanto possível, Nels narrou os fatos do seu ponto de vista: Kabuo Miyomoto havia ido pedir a Ole Jurgensen que lhe vendesse suas terras. O Sr. Jurgensen o enviara a Carl Heine, e Kabuo fora procurar Carl. Eles conversaram, e Kabuo fora levado a crer que Carl estava refletindo sobre o assunto. E assim crendo, lhe aguardou. Aguardou, e na noite de 15 de setembro uma circunstância do destino o fez passar através da neblina pelo Ship Channel Bank, onde Carl estava à deriva, no mar. Kabuo fizera tudo que podia nessas circunstâncias para auxiliar o amigo que conhecia desde a infância, um menino com quem havia pescado anos antes. E, afinal, disse Nels, conversaram sobre as terras e resolveram o problema que existia entre eles. Depois Kabuo Miyomoto seguiu seu caminho e foi pescar até de madrugada. E no dia seguinte ele se viu preso.

Não houve provas, Nels Gudmundsson disse aos jurados que sugerissem que o acusado havia planejado um assassinato ou que tinha zarpado sedento de sangue. O Estado não havia apresentado sequer uma prova de que houve premeditação. Nem mesmo uma testemunha foi apresentada para descrever a disposição de espírito do réu nos dias anteriores à morte de Carl Heine. Ninguém havia se sentado ao lado de Kabuo numa taverna e o escutou reclamar de Carl Heine nem dizer que pretendia matá-lo. Não se apresentaram notas de nenhuma loja onde uma suposta arma do crime pudesse ter sido recentemente comprada; não houve registros em diários, ligações telefônicas, nem conversas tarde da noite ouvidas por terceiros. O Estado não provou além do limite da dúvida razoável que o crime do qual o réu foi acusado ocorreu de fato. Houve dúvida mais do que razoável, acrescentou Nels, mas

dúvida razoável era tudo que ele precisava. Havia dúvida razoável, enfatizou ele, portanto o júri não podia condená-lo.

O representante do Estado acrescentou Nels Gudmundsson baseou-se na suposição de que os senhores estarão abertos, senhoras e senhores, a um argumento fundado no preconceito. Ele lhe pediu para olhar de perto o rosto do réu, presumindo que como o acusado é de descendência japonesa verão nele um inimigo. Afinal, não faz tanto tempo assim que nosso país esteve em guerra com o Império do Sol Nascente e seus formidáveis e bem treinados soldados. Todos se lembram dos noticiários e documentários de guerra. Todos se recordam daqueles dias terríveis, o Sr. Hooks está contando com isso. Está contando com que se lembrem dessa guerra e encarem Kabuo Miyomoto como alguém, de alguma forma, ligado a ela. E, senhoras e senhores suplicou Nels Gudmundsson, lembremo-nos de que Kabuo Miyomoto está ligado a ela. É um primeiro-tenente condecorado do Exército dos Estados Unidos que lutou por este país, os Estados Unidos, no teatro europeu. Se virem no rosto dele uma ausência de emoção, se virem nele um orgulho silencioso, é o orgulho e o vazio de um veterano de guerra que voltou para o lar para isso. Ele voltou para descobrir-se vítima do preconceito... não se equivoquem, este julgamento gira em torno do preconceito... no país que defendeu.

"Senhoras e senhores continuou Nels, talvez exista o destino. Talvez, por motivos inescrutáveis, Deus tenha intervindo e permitido que o acusado chegasse a esta situação, em que a vida dele está em suas mãos. Um acidente de algum tipo acometeu Carl Heine num momento em que não poderia ser menos propício ou menos afortunado para o acusado. E mesmo assim, aconteceu. Aconteceu e Kabuo Miyomoto foi acusado. E aqui está ele, sentado, aguardando seu veredicto, na

esperança de que, embora o destino tenha agido contra ele, os seres humanos sejam razoáveis. Há coisas neste universo que não podemos controlar, e há coisas que podemos. Sua missão, enquanto deliberarem sobre estes trabalhos, é assegurar que nada farão para ceder a um universo no qual as coisas saem erradas por acaso. Embora o destino, a coincidência e o acidente conspirarem, os seres humanos devem agir movidos pela razão. E assim, o formato dos olhos de Kabuo Miyamoto, o país onde nasceram seus pais... estas coisas não devem influenciar a decisão do júri. Devem sentenciá-lo simplesmente como americano, igual, aos olhos de nosso sistema jurídico, a qualquer outro americano. Foi para isso que foram chamados aqui. É isso que devem fazer.

"Sou velho continuou Nels Gudmundsson. Não ando mais direito, um dos meus olhos está cego. Sofro de enxaquecas e artrite nos joelhos. Além disso, quase congelei ontem à noite e hoje estou esgotado, não preguei olho. E assim, como vocês, espero que hoje possa me aquecer e que acabe essa tempestade que estamos aturando. Gostaria, juro, de continuar vivendo agradavelmente ainda por muitos anos. Este desejo final, devo admitir, não é algo com que eu possa prontamente contar porque se não morrer nos próximos dez anos certamente morrerei nos próximos vinte. Minha vida está chegando ao fim.

"Por que digo isso? indagou Nels Gudmundsson, aproximando-se agora dos jurados e também se inclinando para eles. Digo isso porque como idoso tendo a ponderar sobre as coisas à luz da morte, de uma forma que os senhores não fazem. Sou como viajante que veio de Marte que aprecia atônito o que se passa aqui. E o que vejo é a mesma fragilidade humana transmitida de geração para geração. O que vejo é a mesma triste fragilidade humana, vezes sem conta. Odiamos-nos uns aos outros, somos vítimas de medos irracionais. E não há nada no curso da

história humana que sugira que vamos mudar isso. Mas... é uma digressão, reconheço. Só desejo frisar que diante de um mundo assim os senhores só podem confiar em si mesmos. Só têm a decisão que precisam tomar, cada uma, por si só. E vão contribuir com as forças indiferentes que incessantemente conspiram para a injustiça? Ou se oporão a essa maré interminável e diante dela serem verdadeiramente humanos? Em nome de Deus, em nome da humanidade, cumpram seu dever de jurados. Considerem Kabuo Miyamoto inocente e deixem-no voltar para sua família. Devolvam este homem para sua esposa e seus filhos. Libertem-no, como é sua obrigação.

O juiz Lew Fielding olhava da sua cadeira com a ponta do indicador esquerdo no nariz e o queixo apoiado no polegar. Como sempre, tinha a aparência de um homem esgotado, parecia estar acordado contra a vontade. Parecia, no máximo, parcialmente alerta as pálpebras caindo, a boca meio aberta. O juiz havia se sentido mal a manhã inteira, incomodado pela sensação de que não havia se desempenhado bem, não havia conduzido apropriadamente os trabalhos. Era um homem de altos padrões profissionais, um juiz cuidadoso e deliberado, rigoroso, que cumpria a lei ao pé da letra, embora enfadonhamente. Como nunca havia presidido um julgamento de assassinato em primeiro grau antes, sentia-se numa posição precária: se o júri declarasse o réu culpado, a decisão de mandar enforcar o réu seria só dele.

O juiz Lew Fielding ergueu-se e, ajeitando a beca, voltou o olhar para os jurados.

Este caso anunciou agora está chegando ao fim, e será seu dever, dentro de alguns minutos, retirar-se para a sala que lhes foi reservada e deliberar para chegarem a um veredicto. Para esse fim, senhoras e

senhores, o tribunal lhes solicita que levem em conta as seguintes considerações.

"Antes de mais nada, para declarar o réu culpado devem estar convencidos de todos os elementos da acusação além de uma dúvida razoável. Além de uma dúvida razoável, entendam. Se existir uma dúvida nas suas mentes, não podem condenar o réu. Se existir nas suas mentes uma incerteza razoável com relação à verdade da acusação feita aqui, devem declarar o réu inocente. É um dever que lhes assiste por lei. Não importa o quanto se sintam compelidos a agir de outra forma, só podem condenar se estiverem certos de que é correto fazer isso além de uma dúvida razoável.

"Em segundo lugar prosseguiu o juiz, devem ter em mente a especificidade da acusação e concentrar-se nela. Os senhores têm que determinar apenas uma fonte aqui: Se o réu é culpado de assassinato em primeiro grau, e nada mais. Se decidirem que é culpado de alguma outra coisa... de preconceito, agressão, assassinato em segundo grau... nada disso será relevante. A questão é se o homem que foi trazido à presença de vocês é culpado de assassinato em primeiro grau. E homicídio em primeiro grau, senhoras e senhores, implica premeditação. É uma acusação que sugere uma disposição na qual a parte culpada premedita um assassinato a sangue-frio. Que o planeja com antecedência e toma uma decisão consciente de levá-lo a cabo. E aqui é muitas vezes difícil os jurados julgarem esse tipo de caso. Pois a premeditação é uma condição psicológica e não pode ser vista diretamente. A premeditação deve ser inferida a partir das provas... deve ser vista nos atos e palavras dos seres humanos que prestaram depoimento diante dos senhores, em sua conduta e forma de falar, e nas provas que lhes foram apresentadas. Para declarar o réu culpado, os

senhores precisam constatar que ele planejou e pretendia cometer os atos dos quais ele foi acusado. Que ele premeditou o homicídio, entendam. Que ele perseguiu sua vítima com o propósito consciente de cometer um homicídio premeditado. Que não aconteceu no calor do momento nem foi uma conseqüência acidental de uma violência crescente, porém foi um ato planejado e executado por um homem que pensava em cometer um assassinato. Portanto, uma vez mais o tribunal lhes solicita que levem em consideração apenas o homicídio em primeiro grau e absolutamente nada além disso. Os senhores precisam se convencer além de uma dúvida razoável de uma coisa, e exclusivamente uma coisa: Que o réu nesse caso é culpado de homicídio em primeiro grau, premeditado.

"Os senhores foram selecionados como jurados neste caso o juiz Lew Fielding continuou na crença de que cada um dos senhores poderia sem medo, favorecimento, preconceito ou comiseração, com juízo são e sã consciência, apresentar um veredicto justo com base nas provas apresentadas em conformidade com estas instruções. O pró-prio objetivo do nosso sistema jurídico é assegurar um veredicto por comparação de pontos de vista e discussão entre os jurados contanto que isso possa ser feito de forma razoável e coerente com as convicções de cada um. Cada jurado deve escutar, com disposição de estar convencido, as opiniões e argumentações dos outros. A lei não permite que um jurado entre na sala do júri com uma determinação fixa de que o veredicto represente sua opinião pessoal sobre o caso nesse momento. Nem se pretende que ele feche os ouvidos para os debates e argumentos de seus colegas, supostamente igualmente honestos e inteligentes. Devem, em suma, escutarem-se uns aos outros. Permaneçam objetivos, sejam razoáveis.

O juiz parou e deixou suas palavras assentarem. Deixou seus olhos encontrarem os de cada jurado, sustentando o olhar, momentaneamente, de cada um.

Senhoras e senhores suspirou. Como estes são procedimentos de vara criminal, seu veredicto, seja culpado ou não, deve ser unânime. Não há necessidade de ter pressa, nem de ninguém sentir que está nos atrasando enquanto deliberam. O tribunal agradece com antecedência por terem comparecido a esse julgamento. A energia faltou e os senhores passaram noites difíceis no Hotel Amity Harbor. Não foi fácil para vocês concentrarem-se nos trabalhos enquanto se preocupavam com as condições de suas casas e o bem-estar de suas famílias e entes queridos. A tempestade está além do nosso controle, mas o resultado do julgamento não está. O resultado deste julgamento agora depende dos senhores. Podem suspender o julgamento e iniciar suas deliberações.



Às três da tarde os jurados do julgamento de Kabuo Miyomoto iram em fila da sala do tribunal. Dois repórteres inclinaram para trás as cadeiras, perigosamente, e entrelaçaram os dedos das mãos atrás da cabeça, conversando com naturalidade um com o outro. Abel Martinson algemou o acusado, depois permitiu que a esposa falasse com ele uma vez antes de levar o prisioneiro para o porão.

-Você vai ser solto disse ela a Kabuo. Eles vão ser justos, você vai ver.

-Não sei respondeu o marido. Mas de qualquer forma, eu te amo, Hatsue. Diga às crianças que eu também as amo.

Nels Gudmundsson reuniu seus papéis e enfiou-os na valise. Ed Soames, generosamente, manteve a sala aberta ao público. Ele entendeu que os cidadãos da galeria não tinham nenhum lugar aquecido para onde ir. Muitos deles estavam sentados languidamente nos bancos ou circulavam nas alas, debatendo o julgamento aos cochichos, especulativamente. Ed ficou de pé, com as mãos às costas, ao lado da porta da sala do juiz Fielding, na postura obsequiosa de um lacaios real, assistindo a tudo de forma impassível. Ocasionalmente olhava o relógio.

Na galeria, Ishmael Chambers ruminava sobre suas anotações, erguendo os olhos de vez em quando à procura de Hatsue Miyomoto. Ao ouvir o depoimento dela naquela manhã, ele se sentira profundamente consciente de como a conhecia bem: havia compreendido o que cada expressão subentendia, o que cada pausa significava. O que queria, entendia agora, era aspirar o cheiro dela e

sentir seus cabelos nas mãos. Era um sentimento ainda mais doloroso porque ele não a possuía, e sentia falta dela, como o desejo que tinha de ser íntegro outra vez e levar uma outra vida.

Os registros de Philip Milholland estavam no bolso dianteiro esquerdo de Ishmael, e ele só precisava levantar-se, dirigir-se a Ed Soames e pedir uma audiência com o juiz Fielding. Depois tirar as notas do bolso, abri-las e observar a expressão do rosto de Soames, a seguir tirá-las de Soames e abrir caminho para a sala do juiz. Em seguida, Lew Fielding piscando por trás das lentes dos óculos, trazendo o candelabro da escrivaninha mais para perto a chama bruxuleante a dançar para a esquerda e para a direita e, afinal, o juiz olhando sobre os óculos para ele, enquanto o peso das anotações de Philip Milholland começava a lhe pressionar a mente. O cargueiro começou a manobra à 1:42. O relógio de bolso de Carl Heine parou à 1:47. As anotações falavam por si sós.

O que Nels Gudmundsson dissera no encerramento? "O representante do Estado baseou-se na suposição de que os senhores estarão abertos, senhoras e senhores, a uma argumentação baseada no preconceito... Ele está convencido de que agirão com base em sentimentos que remontam a uma guerra já terminada há dez anos." Mas dez anos não era tanto tempo assim, e como ele ia deixar de lado seus sentimentos quando eles tinham vida independente, palpáveis como o membro fantasma que há tanto tempo ele se recusara a denervar? Com o membro e Hatsue ocorria o mesmo. Hatsue fora arrancada da vida dele pela história, porque a história era caprichosa e imune aos desejos particulares. E, além disso, a mãe tinha fé num Deus que se punha à margem das coisas, indiferente, enquanto Eric Bledsoe sangrava até morrer na rebentação, e também aquele rapaz no tombadilho do navio-hospital com as virilhas empapadas de sangue.

Ele tornou a olhar para Hatsue, parada em redor de ilhéus japoneses que sussurravam um com o outro, espiavam os relógios de pulso e esperavam. Ele examinou a blusa pregueada dela, a blusa que tinha pregas longas nos ombros, o cabelo esticado e preso na nuca, o chapéu simples que ela segurava. A mão em si, solta e graciosa, e a forma como os tornozelos entravam nos sapatos, as costas eretas e sua postura autêntica e refinada que o havia comovido no início, quando era só um menino. E o gosto de sal nos lábios dela naquele tempo quando, por um segundo, ele os tocou com seus próprios lábios infantis, ambos agarrados àquela coisa de fundo de vidro. E depois todas às vezes em que ele havia acariciado o corpo dela e a fragrância de todo aquele cedro...

Ele se ergueu para sair, e ao fazê-lo as luzes da sala do tribunal piscaram, ameaçando acender. Um murmúrio de exultação ergueu-se da galeria, um murmúrio constrangido, cauteloso, da ilha, um dos repórteres ergueu os punhos para cima, Ed Soames fez um gesto de cabeça e sorriu. O tom cinzento e melancólico que havia envolvido tudo foi substituído por uma luz que parecia fulgurante em comparação à de antes.

-Eletricidade disse Nels Gudmundsson a Ishmael.

-Nunca imaginei que sentiria tanta falta dela.

-Vá para casa dormir recomendou Ishmael. Ligue o aquecedor.

Nels fechou a valise e colocou-a de pé, sobre a mesa.

-Aliás disse, subitamente, eu já lhe disse o quanto apreciava o seu pai? Arthur era um homem admirável.

-Sim disse Ishmael. Era.

Nels repuxou as dobras de pele do pescoço, depois pegou a valise.

-Bom disse ele, com o olho bom focalizado em Ishmael, o outro girando descontroladamente. Lembranças à sua mãe, ela é maravilhosa. Vamos rezar para que o veredicto seja justo, enquanto isso.

-Sim disse Ishmael. Isso mesmo.

Ed Soames anunciou que a sala permaneceria aberta até o momento em que o júri chegasse a um veredicto ou até as seis da tarde, o que ocorresse primeiro. Às seis ele informaria ao tribunal reunido sobre o estado atual das coisas.

No vestiário, Ishmael se viu ao lado de Hisao Imada, enquanto ambos vestiam atabalhoadamente os agasalhos.

-Muito agradecido pela sua ajuda disse-lhe Hisao. Muito melhor que andar. Agradecemos muito você.

Eles foram para o corredor, onde Hatsue aguardava encostada na parede, as mãos metidas bem no fundo dos bolsos do casaco.

-Querem uma carona? ofereceu Ishmael. Vou para os lados de vocês de novo. Para a casa da minha mãe. Posso levá-los.

-Não disse Hisao. Muito obrigado. Já temos carona. Ishmael ficou abotoando o sobretudo com os dedos da sua única mão. Abotoou três botões de cima para baixo, depois meteu a mão no bolso da calça e colocou-a sobre as anotações de Philip Milholland.

-O julgamento do meu marido é injusto disse Hatsue. Devia publicar isso no jornal do seu pai, Ishmael, bem na primeira página. Devia usar o jornal dele para revelar a verdade, você sabe. Faça a ilha inteira entender que não está certo. É só porque nós somos japoneses.

-O jornal não é do meu pai respondeu Ishmael. É meu, Hatsue. Eu sou o dono. Ele tirou a mão do bolso e, meio sem jeito, abotoou outro

botão. Vou estar na casa da minha mãe. Se quiser falar comigo sobre o que está acontecendo aqui, pode me encontrar lá.

Do lado de fora ele descobriu que a neve havia parado só caíam alguns flocos ocasionais. Uma luz fria de inverno passava entre as nuvens, e o vento norte soprava gélido e forte. Agora parecia estar mais frio do que de manhã, o ar lhe queimava as narinas. O vento e a neve haviam limpado tudo com o atrito, ouvia-se o som da neve sob os pés de Ishmael; o uivo do vento e nada mais. O olho da tormenta, ele sabia, havia passado, o pior já estava para trás. E mesmo assim ainda havia um caos cego no mundo carros virados de frente para os meios-fios, abandonados no local onde haviam derrapado sem aviso; na Harbor Street um abeto branco caiu na neve, os galhos partidos deixando lascas nos pontos de ruptura, algumas perfurando o chão. Ele prosseguiu e encontrou dois cedros atravessados na rua, e além deles as docas da cidade estavam em sua maior parte alagadas e submersas. As estacarias mais distantes haviam se soltado, o vento tinha abalado os píeres externos e duas dúzias de barcos chocaram-se uns contra os outros e depois subiram nos píeres afundados, onde estavam adernados, contra as amarras.

A raiz do abeto branco havia saído do chão e agora formava uma muralha de mais de seis metros de altura com um tufo com samambaias cobertas de neve e hera brotando em cima. Marolas passavam entre os barcos emborcados erguendo-os e girando-os junto com as docas, e as cobertas das cabines, carretéis dos sarilhos e amuradas ficaram carregados de neve. Ocasionalmente, a espuma do mar atravessava o tombadilho dos barcos e a água inundava as cabines. A maré e o vento estavam puxando com força, agora, e a corrente afunilava-se pela boca

do porto, os ramos verdes e galhos das árvores caídas jaziam espalhados pela neve limpa.

Ocorreu a Ishmael pela primeira vez em sua vida que tal destruição podia ser bela.

A água temerária, o vento frenético, a neve, as árvores caídas, os barcos espatifados contra as docas submersas tudo era chocante, belo e desordenado. Ele se lembrou, por um instante, do atol de Tarawa e do quebra-mar e as palmeiras que jaziam em fileiras no chão, derrubadas pela compressão dos canhões dos anos de guerra. Era algo de que ele costumava se lembrar com freqüência. Sentia, dentro de si, não só uma aversão, como também uma atração por aquilo. Ele não queria lembrar, e, ao mesmo tempo, queria. Era uma coisa que ele não conseguia explicar.

Ficou parado ali de pé, contemplando a destruição do ancoradouro e soube que ele tinha algo inviolável do qual outros homens sequer desconfiavam, e, ao mesmo tempo, ele nada tinha. Durante doze anos, ele sabia, havia esperado. Havia esperado sem saber que estava esperando, e a espera havia se transformado em algo mais profundo. Há doze longos anos ele estava esperando.

A verdade agora estava no bolso de Ishmael e ele não sabia o que fazer com ela. Não sabia como proceder, e a temeridade que via em tudo era-lhe tão estranha quanto a espuma do mar quebrando sobre os barcos cobertos de neve e sobre as estacarias das docas de Amity Harbor, agora alagadas e submersas. Não havia resposta em parte alguma nem nos barcos emborcados, nem no abeto branco derrotado pela neve nem nos galhos caídos dos cedros. O que ele sentia era a fria temeridade que havia acometido seu coração.

Foi um construtor de barcos residente na Woodhouse Cove Road um homem de barba grisalha, de nome Alexander Van Ness o principal responsável por delongar um veredicto no julgamento de Kabuo Miyomoto. Durante três horas até as seis da tarde ele persistiu no mesmo ponto de vista inexorável: que as advertências do juiz Fielding deviam ser seguidas com a maior seriedade e que existia dúvida razoável. Os doze jurados haviam debatido acerca do significado da palavra dúvida, depois sobre o significado do termo razoável, depois sobre os dois juntos.

Bom concluiu Alexander Van Ness. Creio que há um sentimento comum, não? Se eu me sentir inseguro, se sentir que estou em dúvida, é isso que importa, certo? Havia parecido aos outros que ele não iria ceder, e eles haviam se preparado, por volta das cinco e quarenta e cinco, para outra longa noite no hotel de Amity Harbor, e para a necessidade de retomar o assunto com Alexander Van Ness às oito da manhã do dia seguinte.

-Agora, escutem aqui argumentou Harold Jensen, desesperadamente. Ninguém nunca está seguro de coisa nenhuma. Não é razoável ser assim teimoso como uma mula. O que é razoável manifesta-se do resto de nós, bem aqui. Você é que não é razoável, Alex.

-Estou entendendo onde você quer chegar acrescentou Roger Porter. Sei o que está tentando dizer, Alex, e até eu estava pensando assim. Mas preste bem atenção e reflita sobre as provas concretas. Aquela amarra veio do barco dele. Aquele sangue estava no arpão dele. Ele mentiu a maior parte do tempo sobre a substituição da bateria, coisas assim, havia algo de podre. Ele simplesmente não me mostrou nada.

-Nem a mim interveio Edith Twardzik. Não me mostrou nada, também. Só notei como a aparência dele era suspeita, ali sentado daquele jeito, dizendo uma coisa para o xerife antes e depois mudando toda a história. Uma pessoa não pode ficar assim mudando a versão dela sem a gente desconfiar de alguma coisa, Sr. Van Ness, não crê que esse homem é um mentiroso? Alex Van Ness concordou amigavelmente que o réu havia de fato mentido. Mas isso fazia dele um mentiroso, não um assassino. Ele não estava sendo acusado de ter mentido.

-Muito bem, então escute só disse Harold Jensen. O que acha que leva um homem a mentir? Acha que um homem vai mentir se não tiver feito alguma coisa sobre a qual valha a pena mentir? Uma mentira é sempre um encobrimento, é algo que um homem diz quando não quer que saibam a verdade. As mentiras que esse homem andou contando sobre o caso dizem-nos que ele deve estar escondendo alguma coisa, não concorda com isso? -Tudo bem respondeu Alexander Van Ness. Aí a questão é: O que está escondendo? Está necessariamente escondendo o fato de que é assassino? Essa é uma conclusão inequívoca, nada mais? Digo-lhe que tenho minhas dúvidas, e que isso é tudo que venho tentando dizer a vocês. Não que você esteja errado, só que eu tenho as minhas dúvidas.

-Então me escute interveio Edith Twardzik. Suponha que um sujeito encostou um revólver na cabeça do seu filho e outro na cabeça da sua esposa. Ele lhe diz que tem um minuto exato para escolher se ele deve matar seu filho ou sua esposa, qual dos dois deve matar, e se você não decidir, ele vai matar os dois. Naturalmente, você vai ter algumas dúvidas, seja qual for a decisão que tome. Sempre há alguma coisa a nos afligir. Mas, entretantes, enquanto você está aflito, o homem está se apressando para puxar ambos os gatilhos, e a coisa funciona dessa



maneira, certo? Você nunca vai deixar de ter dúvida, portanto é melhor encarar a situação de frente.

-É um bom exemplo respondeu Alex Van Ness. Mas eu não estou realmente nessa situação.

-Bom, experimente então ver as coisas de uma outra maneira - disse Burke Latham, um marinheiro de convés de escuna. Um grande e antigo cometa ou um pedaço da lua podem atravessar o teto agora e cair em cima da sua cabeça. Portanto, é melhor mudar de lugar, no caso de uma coisa dessas acontecer. Talvez fosse melhor ter dúvidas sobre a segurança que sua cadeira lhe oferece. Pode ter dúvidas sobre tudo, Sr. Van Ness. Sua dúvida não é razoável.

-Não seria razoável para mim mudar de cadeira frisou Van Ness. Eu correria o mesmo risco em qualquer outra parte da sala... o mesmo risco que você corre aí na sua cadeira, Burke. Não vale a pena se preocupar com isso.

-Não estamos mais falando nas provas disse Harlan McQueen.

-Todos esses exemplos hipotéticos não estão nos levando a lugar nenhum. Como vamos convencê-lo do que é razoável sem falar nos fatos apresentados pelo promotor, passo a passo, cada um? Agora, escute aqui, Sr. Van Ness, não acha que aquela amarra deve querer dizer alguma coisa? -Acho que sim disse Alex Van Ness. Me diz que Kabuo Miyomoto provavelmente entrou no barco de Carl Heine. Eu não tenho muita dúvida disso.

-Isso é uma coisa observou Edith Twardzik. É alguma coisa, de qualquer forma.

-Aquele arpão disse Harlan McQueen. Tinha sangue humano nele, do tipo de Carl Heine. Será que isso poderia tirar você dessa dúvida? -Eu

não duvido que o sangue fosse de Carl Heine concordou Alex Van Ness. Mas há probabilidade de que o sangue fosse da mão dele. Acho que há probabilidade disso.

-Há uma probabilidade para tudo. Mas se acrescentarmos uma probabilidade daqui, outra dali, coisas demais começam a ser probabilidades, elas não podem ser todas assim. O mundo não é feito só de coincidências. Se a coisa parece um cachorro e anda igual a um cachorro afirmou Burke Latham, então muito provavelmente será um cachorro, e pronto.

-Estamos falando de cachorros agora? perguntou Harlan McQueen. O réu ouviu falar que o corpo de Carl tinha sido encontrado, mas ele foi até o xerife e lhe contou como ele vira Carl pescando na noite anterior? Mesmo depois que o prenderam, ele continuou dizendo que não sabia absolutamente nada sobre o assunto. Depois modificou a história, veio com essa explicação da bateria. E ainda por cima a alterou, dizendo que colocou uma bateria sobressalente, mas só quando foi interrogado. A essa altura é a história dele contra a da promotoria, e estou achando um pouco difícil acreditar nele.

-Eu não acredito nem um pouquinho nele, também disse Ruth Parkinson, zangada. Vamos acabar logo com isso, Sr. Van Ness. Deixe de ser tão cabeça-dura.

Alex Van Ness esfregou o queixo e suspirou.

-Não é que eu não me deixe convencer disse ele. Não sou tão teimoso a ponto de deixar de enxergar a realidade.- Vocês são onze, eu sou um só. Sou todo ouvidos, e escutarei qualquer argumento. Mas não estou com tanta pressa assim de entrar lá, enquanto ainda tenho o que imagino serem dúvidas razoáveis e condenar o réu à forca ou a

cinquenta anos de prisão. Devia recostar-se na cadeira e relaxar, sra. Parkinson. Não podemos apressar isso.

-Já estamos aqui há três horas disse Burke Latham. Está dizendo que temos como andar mais devagar? -A amarra e o arpão repetiu Harlan McQueen. Concorda conosco sobre isso, Sr. Van Ness? Podemos prosseguir daqui? -A amarra, tudo bem, eu admito. O arpão é incerto, mas suponha que eu concorde com você. Aonde vamos chegar, partindo daí? -As histórias diferentes que ele contou. O promotor realmente o acusou, quando questionou por que ele tinha duas baterias a bordo. Se ele tinha realmente emprestado uma ao Carl Heine, devia haver somente uma.

-Ele disse que havia substituído a bateria. Explicou isso de forma convincente. Ele...

-Ele acrescentou essa explicação no último minuto interrompeu McQueen. Inventou isso quando se sentiu sem saída, não foi? A história dele estava muito bem concatenada, mas ele se esqueceu desse detalhe.

-É verdade disse Alexander Van Ness. Devia haver apenas uma bateria. Mas suponhamos que ele realmente tenha subido ao barco de Carl... talvez tenha sido para conversar sobre as terras, talvez Carl o tenha atacado, talvez tenha sido legítima defesa ou homicídio culposo, uma argumentação feita de improviso... como vamos saber que foi homicídio doloso, assassinato em primeiro grau, premeditado? Tudo bem, pode ser que o réu seja culpado de alguma coisa, mas talvez não daquilo de que o estão acusando. Como vamos saber se ele abordou o barco de Carl com a intenção de matá-lo? -Você ouviu o que todos os pescadores disseram respondeu Roger Porter. Ninguém jamais aborda o

barco de outro marujo no mar, a não ser numa emergência. Ele não teria ido a bordo do barco de Carl só para conversar, entende? Os pescadores não agem dessa maneira.

-Se eles só agem assim numa emergência disse Alex, então a história da bateria faz sentido para mim. Uma bateria descarregada é uma emergência. Isso como que legítima essa história.

-Ora, convenhamos disse Edith Twardzik. Harlan tem razão quanto à história da bateria. Miyomoto não emprestou bateria coisa nenhuma ao Carl Heine, senão teria ficado só com uma. Essa história da bateria simplesmente não cola.

-Foi apenas uma armadilha explicou Burke Latham. Exatamente como disse o promotor. Miyomoto fingiu que o barco tinha enguiçado, derivou direto para cima do Carl e se aproveitou disso. Foi exatamente o que aconteceu.

-Eu não o inocentaria disse Roger Porter. O homem me parece ser bastante malandro.

-Essa história de armadilha disse Alex Van Ness me parece um pouco exagerada. Derivar assim, saindo da neblina, encontrando justamente o homem que ele estava pensando em matar. Imaginem o réu, no meio da noite, cercado de neblina grossa que nem creme de ervilhas, até mais grossa, e esperando que ia sair à deriva por ali, bonitinho, e encontra o barco que estava procurando? Isso para mim é forçar a barra.

Às seis horas Ed Soames anunciou que os jurados haviam suspenso o julgamento até a manhã seguinte. Ainda não tinham conseguido chegar a um veredicto. O Palácio da Justiça ia ser fechado, acrescentou. Todos deviam ir para suas casas e repousar, com os

aquecedores ligados. Poderiam retornar às nove horas da manhã seguinte se desejassem saber como iam as coisas.

Os jurados jantaram no Hotel Amity Harbor e conversaram sobre outros assuntos. Alexander Van Ness comeu meticulosamente, limpando as mãos no guardanapo com freqüência e sorrindo para os outros, sem nada dizer.

A energia elétrica ainda não havia sido restabelecida ao longo da South Beach, e enquanto Ishmael dirigia através da neve relanceava os olhos pelas janelas iluminadas por velas das casas que já conhecia desde a infância. Os Englund, Gunnar Torvai, Verda Carmichael, Arnold Kruger, os Hansen, os Syvertsen, Bob Timmons, os Crow, Dale Papineau, Virgínia Gatewood e os Etherington de Seattle que há sete anos haviam se mudado para a ilha para sempre; ele supunha que eles agora já tinham se arrependido. Pingentes de gelo de trinta centímetros pendiam dos beirais do telhado deles, e a neve amontoava-se do lado norte da casa; eles deviam ter continuado a ser apenas veranistas. Os Crow haviam ambos morrido anos antes, e agora o filho deles, Nicholas, morava no local, continuando fielmente a guerra de fronteiras com Bob Timmons, que tinha flebite nas pernas ultimamente e andava de um jeito rígido para retirar os galhos do ponto onde caíam entre seus cedros. Nada havia mudado, e tudo estava mudado. Dale Papineau ainda bebia demais e não tinha um centavo. Verda Carmichael havia morrido.

Ishmael encontrou a mãe na cozinha à mesa outra vez, lendo o último capítulo de Razão e sensibilidade, à luz da lanterna, e bebendo chá com açúcar e suco concentrado de limão. Ela estava de casaco e botas dentro de casa, e o rosto parecia delicado e velho sem base, pelo que ela se desculpou com Ishmael: Estou ficando muito velha admitiu ela. Simplesmente não há como evitar. Depois, exatamente como antes, ela trouxe sopa para ele tomar, e ele lhe contou como os jurados ainda não haviam conseguido chegar a um veredicto, e como as luzes haviam se acendido outra vez na cidade e como as docas haviam sido destruídas

pelos ventos da tormenta. A mãe escarneceu da possibilidade de os jurados serem motivados pelo ódio ou o preconceito; ela esperava que numa eventualidade dessas Ishmael escrevesse um editorial. O jornal dele, segundo ela, tinha uma responsabilidade nessas ocasiões; seu pai antes dele sabia disso. Ishmael concordou com ela, fazendo um gesto de cabeça; ele escreveria um editorial contundente. Depois sugeriu que passassem a noite no apartamento dele com o aquecedor elétrico e água quente. A mãe tornou a balançar a cabeça e alegou que estava satisfeita em ficar em South Beach; eles podiam ir para Amity Harbor de manhã se quisessem. Assim, Ishmael abasteceu de lenha o fogão e pendurou o casaco no armário do vestíbulo. As anotações de Philip Milholland continuavam no bolso da calça dele.

Às oito horas a energia voltou, e ele ligou o aquecedor. Perambulou pela casa apagando as luzes e virando os aquecedores de rodapé. Os tubos, sabia, iam começar a se descongelar agora, e ele resolveu sentar-se e ficar prestando atenção ao que se passava na casa enquanto ela se recobrava. Fez chá e levou-o para o estúdio antigo do pai, um quarto com vista para o mar durante o dia, e para os adorados rododendros do pai. E sentou-se em silêncio à escrivaninha do pai, na cadeira do pai, com uma única lâmpada acesa. Aguardou enquanto o aquecedor gradativamente aquecia a casa, e depois escutou água fluindo nos tubos e pingando das torneiras que havia deixado abertas. Aguardou um pouco mais antes de percorrer outra vez a casa para ver se a pressão estava igual em todos os pontos, e depois fechou as torneiras. Tudo parecia ter resistido bem.

Às nove a mãe beijou-lhe a face e disse que ia para a cama. Ishmael voltou a tomar chá no estúdio, onde ponderou sobre os livros do pai. O pai havia sido, como a mãe, um leitor, embora seu conceito de

boa literatura fosse diferente do dela; era muito menos dado a ler romances, em geral, embora também lesse o seu quinhão. Seus livros estavam bem organizados em prateleiras fechadas com vidraças em quatro estantes de carvalho semelhantes a criptas: as obras de Shakespeare, os ensaios de Jefferson, Thoreau, Paine, Rousseau, Crèvecoeur, Locke, Emerson, Hawthorne, Melville, Twain, Dickens, Tolstoi. Henri Bergson, William James, Darwin, Buffon, Lyell, Charles Lamb, Sir Francis Bacon, Iorde Chesterton. Swift, Pope, Defoe, Stevenson, Santo Agostinho, Aristóteles, Virgílio, Plutarco. Platão, Sófocles, Homero, Dryden, Coleridge, Shelley, Shaw. História do estado de Washington, História da península olímpica, História do condado da ilha, Jardins e jardinagem, Agricultura científica. Cuidados e cultivo de árvores frutíferas e arbustos ornamentais.

O pai dele adorava suas árvores frutíferas. Cuidava silenciosamente de suas maçãs e rododendros, suas sebes de saboeiros e amoreiras, sua horta e seus canteiros de flores. Às tardes de outono podia ser encontrado com um ancinho na mão, ou talvez uma marreta. Certo ano, ele havia pintado os beirais e as janelas da água-furtada, os sarrafos e a varanda de verão sombreada, com vagar, curtindo o trabalho. Ele nunca se apressava. Não parecia desejar outras coisas. Às noites, lia e cochilava ao pé da lareira ou trabalhava vagarosamente na escrivaninha. No estúdio havia dois grandes tapetes Karastan, tecidos em um povoado nas montanhas da Turquia, presente de um soldado ao lado de quem havia combatido em Belleau Wood muito tempo atrás. Os dois exibiam bordas bordadas e cuidadosamente penteadas, bordas de flores-de-lis, desenhos de medalhões ornamentados e diminutos recortes em meio a um motivo de rodas de oito raios interligadas, todos cor de ferrugem e cor de laranja vivo. A escrivaninha também era



agradável seu pai a fizera com suas próprias mãos. Era uma vasta extensão de cerejeira do tamanho de uma mesa de jantar de um barão inglês; o tampo era coberto em sua maior parte por vidro fumê. Ishmael recordou-se do pai trabalhando ali, as pastas de papel manilha organizadas espalhadas diante de si, seu bloco de notas de papel ofício amarelo à sua direita, uma fileira de fichas cheias de garatujas, papel fino para datilografia virga-áurea e branco, um grosso dicionário sobre um suporte, um dicionário de sinônimos ainda mais grosso e uma pesada máquina de escrever Underwood preta, a luminária baixa sobre o teclado e o pai piscando através das bifocais, devagar e inexpressivamente, absorto nas palavras, flutuando naquela luz suave. Tinha um rosto cordial, solitário, perseverante, e Ishmael agora se voltou para olhá-lo, pois havia um retrato de Arthur na parede logo à esquerda de uma estante. Ali estava ele, com o colarinho engomado e alto, não mais de vinte ou vinte e um anos, um jovem madeireiro, em seu dia de folga dos bosques. Ishmael sabia que o pai havia se dedicado ao negócio de madeira com um senso de grandeza romântica, encarando o negócio a princípio como majestosamente heróico, de acordo com o espírito do destino manifesto. Com o tempo, foi mudando de idéia, e depois começou a passar as noites lendo; o sono havia-o assaltado como uma garra escura enquanto outros rapazes bebiam a valer. Ele havia se educado nas horas de folga, havia economizado com a seriedade de um Horatio Alger, começara seu próprio jornal, tinha ido à guerra, voltado para casa, retomado a sua vida, progredido. Ele construía sua própria casa, trazendo cascalho do rio, cortando madeira, um homem proeminentemente e maravilhosamente forte, já de quarenta e tantos anos. Ele não se importava em escrever artigos sobre clubes de jardinagem, relatórios de diretoria escolar, notas sobre

espetáculos com cavalos, anúncios de bodas de ouro, elaborando-os à perfeição. Tinha sido, no máximo, um redator de editoriais angustiado; era incapaz de se entregar inteiramente quando se tratava de condenação. Pois reconhecia seus limites e a mediocridade do mundo, que foi o que lhe tornou cara a vida na ilha, por limitada que fosse pelas águas que a cercavam, que impunham sobre os ilhéus certos deveres e condições estranhas aos habitantes do continente. Um inimigo numa ilha é um inimigo para sempre, ele gostava de recordar ao filho. Não era possível se misturar a um pano de fundo anônimo, não havia sociedade de vizinhos para onde mudar. Os ilhéus eram requisitados, pela própria natureza da geografia, a ver onde pisavam momento a momento. Nenhum deles passava facilmente sobre as emoções do outro, onde o mar banhava tudo contra uma praia infinita. E isso era excelente e triste ao mesmo tempo excelente porque significava que a maioria das pessoas tomava cuidado, triste porque implicava uma endogamia do espírito, fechada demais, com pesar e melancolia silenciosa, um mundo no qual os habitantes viviam apreensivos, com medo de se abrirem. Considerados e mostrando consideração, formais em todas as circunstâncias, conservavam-se aquém de um intercâmbio de mentes. Não podiam falar livremente porque sabiam que estavam encurralados: para onde quer que se voltassem havia água e mais água, uma extensão ilimitada dela, na qual se afogarem. Continham a respiração e caminhavam com cautela, e isso fazia deles o que eram por dentro, constrictos e mesquinhos, bons vizinhos.

Arthur confessou que não gostava deles e ao mesmo tempo os amava profundamente. Seria uma coisa dessas possível? Ele esperava o melhor dos seus vizinhos da ilha, declarou, e confiava que Deus guiaria seus corações, embora soubesse que eram vulneráveis ao ódio.

Ishmael entendeu, sentado no lugar do pai, como havia chegado a ter a mesma visão das coisas. Ele era, ocorreu-lhe, o filho de seu pai e agora remoía na mesma cadeira estilo Windsor, de encosto fusiforme' na qual seu pai havia cismado.

Ishmael se lembrou de ter acompanhado o pai uma tarde enquanto ele perambulava pela área onde estava sendo realizado o Festival dos Morangos, para bater umas fotos e conseguir material para os artigos. Por volta das três horas o sol havia girado para o oeste as sombras das traves no campo de futebol da escola. O cabo-de-guerra, a corrida de sacos e de três pernas haviam terminado, e uma languidez dominara inevitavelmente as coisas, de forma que aqui e ali adultos dormiam na grama com jornais sobre os rostos. Muitos dos que faziam piqueniques haviam comido demais e agora estavam sentados, pesados e inertes, ao sol, que lançava sobre o quadro uma irradiação clara e limpa, uma luz penetrante de verão da ilha. O cheiro de salmão assado pairava desagradável no ar, ligeiramente amargo e acre, vindo com a fumaça comprida das folhas de amieiro queimando, e pendia como um pálio invisível sobre os foliões exaustos.

Ishmael caminhou ao lado do pai até depois das barracas onde se vendiam bolo, sacos de pipoca e maçãs-do-amor, e desceram até os estandes de exibição de morangos. E aí o pai parou para levantar a câmera aos olhos e fotografar a fruta que era a razão de tudo, e, ao mesmo tempo, espiando pela lente, começou uma entrevista:-Sr. Fukida chamou. Um ano fenomenal para os morangos. Como vão os preços?O Sr. Fukida, um velho fazendeiro encarquilhado, de macacão e boné com pala, respondeu em inglês que estava preciso demais, perfeito demais.

-Os preços estão muito bons disse ele. Aliás, excelentes, os morangos estão sendo vendidos muito bem. A sra. Chambers agora

mesmo comprou dezesseis engradados.

-Entendo disse Arthur. Dezesseis engradados. Sem dúvida, vão me pedir para ajudar a levá-los, então. Posso pedir ao senhor, Sr. Fukida, para ficar um pouco mais para a esquerda? Vai dar uma foto excelente, o senhor e seus morangos tão bem expostos.

O Sr. Fukida, conforme Ishmael se recordava, parecia não ter olhos. Suas pálpebras haviam se colado quase juntas; ocasionalmente uma lágrima saía deles. Passando pelas gretas do rosto dele, ela acabava como um brilho nas maçãs do rosto, que eram pontos proeminentes em feições de outra maneira descarnadas. Ele cheirava a gengibre e tônico de raiz de cebola e, quando sorria dentes grandes como pe-dregulhos antigos da praia também cheirava a alho em pó.

-A sra. Chambers vai fazer uma excelente geléia disse Arthur, sem orgulho. Balançou a cabeça, depois, admirando com uma avidez genuína as frutas expostas diante dele; morangos arrumados em caixas de cedro reclinadas, carnudos e perfumados, profundamente rubros e firmes, uma lauta quantidade deles. Dignos de uma rainha elo-giou Arthur. Tiro o chapéu para você.

-Terra boa. Chuva boa. Sol. Seis filhos.

-Deve haver um segredo que o senhor não está mencionando. Já tentei plantar morangos, algumas vezes, e com a maior parte destes ingredientes.

-Mais filhos disse o Sr. Fukida, e sorriu, mostrando os dentes, de forma que as coroas de ouro brilharam ao sol. Mais filhos, sim, esse é o segredo. Isso é importante, Sr. Chambers.

-Bom, nós já tentamos disse Arthur. Tentamos bastante, só Deus sabe. Mas o Ishmael aqui, meu menino Ishmael aqui, ele vale por dois,

por três! Depositamos muitas esperanças nele.

Ishmael subiu as escadas gastas até o quarto no qual havia dormido durante tantos anos e tirou o livro de arte naval da caixa do armário. Lá estava o envelope com o remetente de Jimmy Katanaka, o selo de cabeça para baixo, a caligrafia uniforme dela. Lá estava a carta escrita em papel de arroz, que ia se apagando rápido, depois de todos esses anos, tão quebradiça quanto folhas secas no inverno. Com sua única mão seria possível em segundos apertar a carta de Hatsue, pulverizando-a, e obliterar seu conteúdo para sempre. "Eu não te amo, Ishmael... quando nos encontramos pela última vez no cedro e eu senti seu corpo se mover contra o meu, soube com certeza absoluta que tudo estava errado. Eu soube que nunca íamos nos dar bem juntos..." Ele releu a carta, concentrando-se agora nas palavras finais: "Desejo-lhe tudo de bom, Ishmael. Você tem um grande coração, é educado e bondoso, e sei que vai fazer grandes coisas neste mundo, mas agora preciso me despedir de você. Vou prosseguir vivendo da melhor forma que puder, e espero que faça o mesmo." Mas a guerra, seu braço, o rumo das coisas tudo havia feito seu coração muito menor. Ele não havia prosseguido nem um passo. Não havia feito nada grande no mundo, além de noticiar projetos de pavimentação de estradas, reuniões de clubes de jardinagem, atletas colegiais. Já estava navegando ao longo da costa havia anos, enchendo as páginas do jornal dele de palavras, enterrando-se em tudo que fosse seguro: datilografar o horário das barcas e a tabela das marés e os classificados. Então, talvez fosse isso que os olhos dela lhe diziam agora nas raras ocasiões em que olhava para ele ele havia encolhido de tal forma na consideração dela, que não estava vivendo à altura de quem era. Ele leu a carta dela uma vez mais e entendeu que ela já o havia admirado, havia algo nele pelo qual ela era

grata, mesmo que não pudesse amá-lo. Essa era uma parte dele que havia perdido de vista com os anos, era a parte que se fora.

Ele recolocou a carta na caixa e tornou a descer as escadas. Viu que a mãe havia adormecido na cama, roncando um pouco, um ruído áspero vindo da garganta; ela parecia muito idosa na luz vinda do corredor, com o rosto enterrado no travesseiro, um gorro de dormir enfiado até as sobrancelhas. O rosto dela era sulcado por um mar de rugas, e olhando-as ele sentia com mais profundidade como iria sentir saudades dela quando ela morresse. Não importava se concordava com ela sobre Deus. Só que, afinal, ela era a mãe dele, e não havia desistido de amá-lo. As viagens dele a South Beach, ele compreendia agora, faziam tão bem ao seu coração quanto ao dela. Ele havia se enganado durante anos, pensando de outro modo. Havia agido como se a morte dela, algum dia pois algum dia ele teria de enfrentar o fato de que a morte dela o deixaria sozinho no mundo não representasse um problema para ele.

Sob as estrelas, de sobretudo, ele saiu em direção ao frio. Os pés seguiram sozinhos através dos bosques de cedros, e sob o dossel de galhos ele sentiu a fragrância do local de sua juventude e o aroma limpo da neve recém-caída. Aqui, sob as árvores, estava fresco e intocado. Os galhos dos cedros estavam pesados de neve, e além deles o céu estava imaculado e parecido com o de dezembro, as estrelas pontos frios de luz. Ele deixou que seus pés o levassem para onde o caminho encontrava a praia onde uma muralha de madressilvas florescia no verão, entrelaçada com amoras e rosas silvestres e pegou um atalho através do vale de samambaias cobertas de neve em direção ao cedro oco da sua mocidade.

Ishmael ficou sentado dentro dele durante algum tempo com o casaco enrolado com força em torno do corpo. Escutou o mundo que havia se tornado silencioso em virtude da neve; não havia absolutamente nada para se ouvir. O silêncio do mundo rugiu inabalável nos seus ouvidos quando ele percebeu que não pertencia àquele lugar, não podia mais entrar na árvore. Pessoas muito mais jovens encontrariam esta árvore, a guardariam como seu mais profundo segredo, como ele e Hatsue haviam feito. Para eles a árvore talvez evitasse o que ele não podia deixar de ver com clareza: que o mundo estava silencioso e frio e nu, e nisso consistia sua terrível beleza.

Ele se levantou, foi andando e saiu do bosque, entrando nos campos dos Imada. O caminho entre as fileiras de morangos soterrados estava claro, e ele o seguiu com a luz das estrelas refletida pela neve, banhando tudo numa luz aquosa. E, finalmente, estava na varanda dos Imada, depois na sala de estar deles, sentado com Hatsue, a mãe e o pai, onde nunca havia estado antes. Hatsue sentou-se ao seu lado, bem ao seu lado, perto dele, de camisola e usando o velho roupão do pai, os cabelos banhados pela luz ao longo das costas, cascadeando em torno das ancas, e ele meteu a mão no bolso e desdobrou as anotações que Philip Milholland havia feito no dia 16 de setembro e explicou o que significavam os sinais taquigráficos e por que ele tinha vindo às dez e meia da noite falar com ela, depois de todos aqueles anos.

Havia como ligar para Lew Fielding para contar as novidades porque os telefones estavam todos mudos ao longo de South Beach. Então, os quatro, com xícaras de chá verde na mão, a estufa em formato de barril a murmurar e soltar estalidos no seu canto, conversaram tranqüilamente sobre o julgamento de Kabuo Miyomoto, que era para eles o único assunto possível, como havia sido por muitos dias. Agora

era tarde, a sala estava bastante quente, o mundo lá fora gelado e banhado em luz estelar, e Ishmael contou a Hatsue, Hisao e Fujiko que como repórter que havia coberto julgamentos em Seattle sentia-se à vontade para fazer uma conjectura: que as anotações de Philip Milholland iriam obrigar o juiz Fielding a pedir um novo julgamento do caso. O juiz declararia nulidade de processo.

Hatsue recordou-se de que o xerife, durante seu depoimento, havia afirmado que tinha encontrado uma xícara de café caída de lado, tinha explicado ele no chão da cabine de Carl Heine. Isso significava, segundo ela, que o barco de pesca de Carl Heine havia sido balançado por um cargueiro no meio da noite alguma coisa havia derrubado aquela xícara de café, e como Carl não a havia pegado, necessariamente essa mesma coisa havia derrubado Carl também. Só podia ser isso, repetiu ela. A causa do marido seria anulada.

Café derramado não provava lá grande coisa, Fujiko insistiu para Hatsue compreender. Hisao balançou a cabeça, concordando. Tinha de haver mais do que café derramado, disse ele. Kabuo estava enfrentando algo grande demais. Ele precisaria de mais do que uma xícara de café caída de lado para tirá-lo da cadeia.

Fujiko tornou a encher a xícara de chá de Ishmael cuidadosamente, perguntou como ia sua mãe. Disse que sempre havia tido grande consideração pela família dele. Ela elogiou Ishmael pela qualidade do seu jornal. Trouxe uma bandeja de biscoitos amanteigados e insistiu para que ele comesse um. Afinal, o bebê de Hatsue começou a choramingar eles o escutaram perfeitamente, num dos quartos dos fundos e Fujiko desapareceu.



Logo após a meia-noite, Ishmael tratou de se despedir, apertando a mão de Hisao e lhe agradecendo pelo chá, pedindo-lhe para agradecer a Fujiko também. Depois, saiu. Hatsue o seguiu até a varanda, de botas de borracha e o velho roupão do pai, as mãos metidas bem fundo nos bolsos agora, o vapor produzido por sua respiração saindo da boca e encapelando-se sobre seu nariz e faces.

-Ishmael disse ela. Muito obrigada.

-Olhe respondeu ele. Quando você envelhecer e se lembrar do passado, espero que se lembre de mim um pouquinho. Eu...

-Sim disse Hatsue. Eu...

Ela se aproximou, então, e com as mãos ainda metidas bem no fundo dos bolsos, beijou-o tão suavemente que foi como um sussurro contra a maçã do rosto dele.

-Encontre uma garota para se casar com você disse-lhe ela. Tenha filhos, Ishmael. Viva.

Pela manhã, a mãe dele o acordou às seis e cinquenta, dizendo que a esposa do acusado estava lá esperando por ele na cozinha. Ishmael levantou-se e jogou água fria no rosto, vestiu-se e escovou os dentes. Quando ele desceu, a mãe estava ao lado do fogão e Hatsue à mesa, bebericando café, e quando ele a viu lembrou-se outra vez do beijo doce que ela lhe dera na noite anterior.

-Querem que eu saia? perguntou a mãe de onde estava, diante do fogão a lenha. Naturalmente, vou sair, para vocês poderem conversar.

-Vamos para o estúdio respondeu Ishmael. Por que não experimentamos o estúdio, sra. Miyomoto? Por que não vamos até lá? - Tome seu café recomendou a mãe. Vou servir você, antes disso.

Eles se encaminharam para o estúdio, Ishmael na frente. A primeira luz da manhã um matiz alaranjado de inverno mosqueando o céu apareceu alto e longe a distância acima da água salgada, fraco além das janelas envidraçadas. Os rododendros estavam todos carregados de neve; pingentes de gelo pendiam dos beirais. Tudo parecia tomado por uma quietude branca.

Hatsue havia prendido o cabelo numa trança comprida, lustrosa, escura e grossa. Usava um suéter de lã com nervuras grossas, um macacão estilo marinheiro, e um par de botina de pescador, e agora estava parada, de pé, olhando o retrato de Arthur de muito tempo atrás, da época em que ele era madeireiro.

-Você é a cara dele disse ela a Ishmael. Eu sempre achei que você se parecia com seu pai... principalmente os olhos.

-Você não veio até aqui no escuro, atravessando a neve, só para me dizer isso respondeu Ishmael. O que tem em mente? -Pensei nisso a noite inteira disse Hatsue. Lembra-se do depoimento do meu marido? Ele disse que Carl havia amarrado uma lanterna no mastro. Uma lanterna a querosene, atada ao mastro. Que ele a havia amarrado lá porque as luzes do barco estavam apagadas. Ele havia amarrado uma lanterna a querosene feita para ser transportada na mão lá no alto do mastro dele.

Hatsue esfregou as mãos, depois as separou de novo, ligeiramente.

-Minha idéia disse ela a Ishmael é que se aquela lanterna ainda estiver lá, agora mesmo, isso não significaria que as baterias dele realmente estavam descarregadas? Se você olhar o mastro de Carl e vir uma lanterna a querosene presa lá, como Kabuo disse. Isso não mostraria alguma coisa? Que as luzes dele estavam apagadas, e ele

havia amarrado uma lanterna no mastro como uma medida de emergência? Não acha que isso provaria algo? Ishmael sentou-se na beira da escrivaninha do pai, coçou o queixo e pensou no caso. O relatório de Art Moran, pelo que ele se lembrava, não dizia nada sobre uma lanterna a querosene amarrada no alto do mastro de Carl, mas, por outro lado, Art podia ter deixado de notar isso. Uma coisa assim era possível. De qualquer forma, valia a pena descobrir.

-Tudo bem disse Ishmael. Vamos para a cidade. Vamos ao abrigo dar uma olhada.

Eles rodaram no DeSoto em estradas ofuscantes por causa da neve, enfeitadas por galhos quebrados e caídos e com ramos verdes de cedros e cicutas. A tempestade havia passado, e do lado oeste da Lundgren Road cinco crianças estavam de pé na crista do morro com trenós e câmaras de ar a seus pés, olhando para a pista abaixo delas, uma bacia cercada de esguios amieiros e uma touceira de bordo sem folhas. Ishmael dobrou para oeste na Indian Knob Hill Road, e eles passaram pelos campos de morangos dos Maui, depois pelo estábulo de vacas leiteiras dos Thorsen e pelos galinheiros de Patsy Larsen. Hatsue estava com as mitenes no colo e as mãos bem próximas ao aquecedor do carro.

-Precisamos ir falar com meu marido antes disse ela. Precisamos contar-lhe o que está havendo. Quero lhe mostrar as anotações da guarda costeira.

-O júri se reúne às oito respondeu Ishmael. Se nós pudermos dar uma olhada no barco de Carl antes, podemos ir para o tribunal já preparados. Podemos pôr um ponto final nesse julgamento. Podemos acabar com ele disse ele.

Ela se calou durante muito tempo, olhando-o. Olhou-o bem de perto e puxou a trança por cima do ombro de forma que ela ficou caída sobre a parte da frente do suéter.

-Você já sabia do cargueiro disse ela, afinal. Não era um fato novo, era? -Há um dia respondeu Ishmael. Pensei nisso durante um dia. Não sabia o que devia fazer.

Ela nada disse diante disso, e ele voltou-se para tentar adivinhar o que significaria o silêncio dela.

-Desculpe disse ele. É imperdoável.

-Eu compreendo respondeu Hatsue.

Ela fez um gesto de cabeça e esfregou as mãos, depois olhou a neve mosqueada pelo sol.

-Tudo parece tão puro disse. O dia hoje está tão lindo!-Está, sim concordou Ishmael.

No escritório do xerife, em Amity Harbor, encontraram Art Moran encolhido na escrivaninha ao lado de um aquecedor elétrico. Quando Art viu os dois entrarem, deixou cair a caneta na beirada do mata-borrão da escrivaninha e levantou-se, cobrindo os olhos com as mãos.

-Esperem um minuto, deixem-me adivinhar disse. Vocês dois estão em uma missão.

Hatsue pegou as notas da guarda costeira e, alisando-as com a palma da mão, colocou-as no centro da mesa.

-O Sr. Chambers encontrou isso disse ela. Me entregou esses papéis ontem à noite.

-E daí? -Um cargueiro passou por lá contou Ishmael. Na noite em que Carl Heine morreu, um cargueiro passou pelo Ship Channel Bank,

exatamente...

-Está bancando o detetive? indagou Art. Está tentando bancar o Sherlock Holmes? Encontramos as amarras e aquele arpão sujo de sangue de Carl... essas coisas falam por si sós, não? De que mais necessita um corpo? -Olhe, Art respondeu Ishmael. Sugiro que você, se for capaz de ler taquigrafia, dê uma olhada nessas notas aí. Creio que elas devem fazer você pensar pelo menos em ir dar uma outra olhada no barco do Carl, certo? Ver se esqueceu de observar alguma coisa, Art. À luz do que está aí sobre a sua mesa.

Art concordou com a cabeça. Também fez um gesto de cabeça para Hatsue, momentâneo, e depois sentou-se outra vez ao lado do aquecedor elétrico e pegou as notas da guarda costeira.

-Eu sei ler taquigrafia disse ele, Ele estava no meio da leitura silenciosa das notas, enquanto Ishmael e Hatsue o observavam, quando Abel Martinson entrou calçando botas de madeireiro até o joelho, com rompão, e uma parka polar militar, com o capuz forrado de pêlos amarrado em torno do rosto, o nariz e o queixo um pouco vermelhos.

-Os telefones já estão funcionando anunciou ao xerife. Acabaram de restabelecer as linhas, em metade da ilha. O centro da cidade já tem telefone, e também já estão funcionando os telefones ao sul, até o farol.

-Escute disse o xerife. Escute aqui, Abel. Nós vamos até a doca da fábrica de conservas Beason, ao armazém do Sommensen, certo? Você, eu, o Ishmael, a moça vai esperar no café ou em algum outro lugar, tomando o desjejum. Será que podia ir tomar café, ou coisa assim? Porque está se envolvendo um pouco demais em tudo isso. Já está se

envolvendo demais. Isso não está me cheirando bem, certo? -Fui eu disse Ishmael. Não foi ela. Eu é que resolvi me envolver.

-Tanto faz disse Art Moran. Vá comer uns ovos, sra. Miyomoto. Talvez ler o jornal.

Abel soprou um bafo morno contra a fechadura antes de abrir o armazém de Sommensen um abrigo embolorado construído em madeira creosotada, há mais de cinqüenta anos. Até mesmo na nevasca cheirava a sal, alcatrão e mais fracamente a diesel e madeira podre. Suas portas para o mar davam para o ancoradouro, de forma que os barcos podiam entrar e sair de novo depois de consertados. O telhado de folha-de-flandres evitava que as chuvas alagassem o local; com seus dois guindastes, andaimes e píeres com ângulos bem amplos, era um lugar perfeito para fazer uma revisão de um barco no inverno. Durante os últimos dois meses e meio, a delegacia de polícia o havia alugado de Arve Sommensen para manter seqüestrados o Susan Marie e o Islander, em ancoradouros adjacentes. Havia sido trancado com cadeado e de vez em quando era patrulhado por Abel Martinson, que levava a chave no bolso. Nada, insistia ele, havia sido tocado. Os barcos estavam no armazém intocados desde o dia 17 de setembro.

Abel abriu bem as portas do mar e uma luz cinzenta penetrou. Ishmael olhou imediatamente para o mastro do Susan Marie e depois toda a barra transversal do barco. Nada de lanterna, em lugar nenhum.

Eles entraram na cabine de Carl Heine. Ishmael ficou de pé na entrada, olhando para fora, enquanto o xerife passava a lanterna por cima de tudo o salame pendurado ao lado da bitácula, a cama, o leme, o compartimento de bateria.

-Sabe disse Ishmael, quando você prestou depoimento, Art, mencionou uma xícara de café no chão, aqui, lembra-se? Onde estava, exatamente? Lembra-se exatamente de onde ela estava? -Eu a peguei disse Abel Martinson. Estava bem aqui, no meio do chão.

-Todo o resto estava arrumado e limpo? Só a xícara estava caída, mais nada? -Como pode ver disse Abel. Não mudamos nada, só a xícara. Eu a peguei; é um hábito meu. Se houver algum objeto jogado no chão, alguma sujeira, eu tiro. Não consigo me controlar.

-Da próxima vez, se controle recomendou Art Moran. Você está fazendo uma investigação policial, não mexa em absolutamente nada- Tudo bem concordou Abel. Não vou mexer.

-A xícara disse Ishmael. Uma xícara no chão. Não sugere que o barco foi balançado? Não...

-Não há nenhuma outra prova interrompeu Art Moran. Se um sujeito for balançado com força suficiente para ser jogado no mar, esperaríamos que mais do que uma xícara caísse no chão. Tudo está tão arrumado e limpo.

Eles saíram e ficaram de pé logo a bombordo da porta da cabine enquanto Ishmael manobrava um fecho de lanterna de cima a baixo, sobre o mastro.

-Lembra-se daquela história da lanterna? disse Ishmael. Que Carl amarrou uma lanterna lá em cima? Vocês a tiraram? -Mantenha sua lanterna firme respondeu Abel. Logo acima da barra transversal. Ali.

Ele manteve a lanterna dirigida para cima, então, de forma que dois fechos de luz iluminavam agora o mastro. Havia fios de rede cortados visíveis ali, com as pontas soltas penduradas, dez ou doze nós, cortados com esmero em ângulo.

-Eis onde estava pendurada a lanterna disse Ishmael. Ele havia pendurado uma lanterna ali em cima, amarrou-a lá porque todas as luzes haviam se apagado. Foi ali que Carl pendurou a lanterna.

-Nós não pegamos nenhuma lanterna disse Art. Do que está falando? Abel Martinson tomou impulso e subiu no alto da cabine, apoiou um pé contra a cobertura e direcionou a lanterna para cima uma vez mais.

-O Sr. Chambers está certo disse ele.

-Escute disse o xerife, suba ali em cima, Abel. Vá escalando o mastro e dê uma olhada mais de perto. E não mexa em nada.

-Vou precisar me apoiar nas suas mãos pediu o subxerife, enfiando a lanterna no bolso. Me dê um impulso que eu subo.

O xerife ajudou Abel Martinson, e ele pulou, de casaco polar, para a barra transversal. Passou um braço sobre ela e ficou pendurado ali, o barco balançando, enquanto a outra mão procurava a lanterna.

-Parece que há marcas de ferrugem nesses fios disse Abel. Como se fossem de uma alça de lanterna, talvez. Onde a alça entrou em atrito com os fios, quem sabe.

-Mais alguma coisa? perguntou o xerife.

-Pode-se ver que os fios foram cortados observou Alguém passou a faca neles. E... ei, tem mais alguma coisa, sim... o que é isso aqui no mastro? Parece que é sangue...

-Da mão dele disse Ishmael. Ele cortou a mão. Estava no relatório do legista.

-Tem sangue no mastro e na barra transversal disse Abel. Não muito, mas acho que é sangue.



-Ele cortou a mão repetiu Ishmael. Cortou a mão ao abrir espaço para a bateria do Kabuo. Depois recarregou a bateria. A seguir subiu até ali para tirar a lanterna, porque não precisava mais dela.

O sub-xerife deslizou até embaixo e aterrissou com impacto.

-O que fazemos com isso? indagou ele.

-Mais uma coisadisse Ishmael. Lembram-se do depoimento do Horace? Ele disse que Carl estava com uma meada de fio num bolso e uma bainha de faca vazia amarrada ao cinto. Lembram-se de Horace ter dito isso, xerife? Como a bainha da faca estava vazia, aberta? Um rolo de fio e uma bainha vazia. Eu...

-Ele subiu para pegar a lanterna disse Abel. O tal cargueiro veio e o arrancou do mastro. A faca e a lanterna caíram no mar com ele... a faca e a lanterna não foram encontradas, certo? E...

-Cale a boca, um instante, Abeldisse Art Moran. Nem consigo escutar meus próprios pensamentos.

-Ele bateu com a cabeça em alguma coisa continuou Abel.

-A vaga causada pelo cargueiro balançou o barco, ele caiu e bateu com a cabeça em alguma coisa, deslizando para fora do barco.

Dez minutos depois, do lado interno da amurada de bombordo, logo abaixo do mastro, eles encontraram uma pequena fratura na madeira. Três fios curtos de cabelo estavam encravados na rachadura, e Art Moran libertou-os com o canivete e enfiou-os na carteira onde também guardava a carteira de motorista. Eles olharam os cabelos à luz da lanterna e depois ficaram todos em silêncio.

-Vamos levar esses fios para Horace examinar resolveu Art.

-Se forem de Carl Heine, o juiz vai ter de recomeçar tudo a partir daí.

Às dez horas, o juiz Fielding sentou-se com Alvin Hooks e Nels Gudmundsson. Às dez e quarenta e cinco os jurados receberam o aviso de que estavam liberados de quaisquer outros deveres; as acusações contra o réu haviam sido suspensas; novas provas haviam surgido. O acusado foi libertado imediatamente e saiu de sua cela sem grilhões nem algemas; de pé em frente à porta, beijou a mulher durante muito tempo. Ishmael Chambers tirou uma foto da cena; assistiu ao beijo pelo visor da câmera. Depois voltou à redação do jornal, ligou o aquecimento e introduziu uma folha de papel na máquina de escrever. E ficou sentado olhando-a durante algum tempo.

Ishmael Chambers tentou imaginar a verdade sobre os fatos. Fechou os olhos e esforçou-se para ver tudo claramente.

O Susan Marie havia parado, sem energia o parafuso se soltou da braçadeira na polia do alternador, na noite de 15 de setembro. Numa neblina envolvente, impaciente, à deriva e orgulhoso demais para simplesmente apertar com força a buzina que trazia para ocasiões como essa, Carl Heine deve ter amaldiçoado o azar que teve. Depois acendeu suas duas lanternas ferroviárias, meteu o rolo de fio de rede no bolso de trás e marinhou até a barra transversal do mastro, com uma lanterna a pilha pendurada temporariamente nas costas, o macacão escorregando. O fio de algodão que ele usava para remendar a rede atou a lanterna ao mastro com facilidade, mas Carl reforçou a amarração, nós-de-oito sobrepostos, puxou com firmeza, para retesá-los e deu um acabamento incisivo. Ficou pendurado um momento, com uma axila contra a barra, e viu que a luz seria inútil com aquela neblina;

mesmo assim, aumentou a chama, antes de descer. E ficou na cabine escutando, talvez, com a neblina fechada em torno dele.

E talvez depois de algum tempo pegou sua outra lanterna a querosene e a chave cinco oitavos da caixa de ferramentas para ajustar as correias da polia do alternador, soltando impropérios entre os dentes; como era possível que ele tivesse negligenciado isso, deixado de verificar esse detalhe como parte de sua rotina, ficar numa situação dessas (que uma habilidade náutica comum talvez tivesse evitado), e ele, um homem que se orgulhava em silêncio da profundidade e pureza da sua marinharia? Ele apertou as correias, pressionou-as com o polegar, depois tornou a sair e ficou recostado na amurada de bombordo. Carl Heine escutou a neblina e o mar, os outros barcos se afastando do banco com os apitos a soar incessantemente, e a água batendo contra o barco enquanto ele derivava ao sabor da maré, deslocando-se para leste. Ergueu-se com um pé apoiado na amurada, a lanterna a querosene à mão, agarrado à buzina. Algo dentro dele o impedia de usar a buzina, e durante muito tempo, uma hora ou mais, ele ficou tentando decidir se ia usá-la ou não, e imaginando se havia peixes na rede. Foi aí que escutou um barco não muito distante, o som de uma buzina de cerração acionada deliberadamente, e voltou o ouvido para aquela direção. Ela soou seis vezes, cada vez mais próxima, e com o relógio de pulso ele cronometrou a precisão dos intervalos um minuto entre um e outro. Quando chegou no raio de cem metros, Carl buzinou, ape-nas uma vez.

O Islander, com o porão cheio de peixes, e o Susan Marie, escuro e parado na água com uma lanterna a querosene atada ao mastro, o capitão equilibrado na proa com o queixo resoluto, se reuniram na neblina. A seguir as amarras de Kabuo foram rapidamente enroladas

nos cunhos do tombadilho com as meias-voltas eficientes que Carl Heine sabia fazer sem pensar nem hesitar. Uma bateria trocou de mãos, era um tanto grande demais, um flange de metal foi amassado. A mão de Carl se cortou na palma, sujando o arpão de Kabuo de sangue. Afinal, chegaram a um acordo. As coisas que precisavam ser ditas foram ditas entre eles, e Kabuo partiu para dentro da noite.

Talvez tenha parecido a Kabuo Miyomoto, sozinho no mar logo depois, algo fortuito ter encontrado Carl Heine em circunstâncias como essas. Talvez tenha parecido exatamente o tipo de sorte que há muito tempo ele achava que precisava. Seu sonho, afinal, estava perto de se realizar agora, tão próximo que enquanto pescava ele o deve ter imaginado: sua plantação de morangos, a fragrância das frutas, as dobras dos campos, o amadurecimento no início do verão, seus filhos, Hatsue, sua felicidade. Filho mais velho dos Miyomoto, bisneto de um samurai e o primeiro de sua linhagem a se tornar um americano de nome, lugar e coração, ele não havia desistido de ser quem era; nunca havia desistido das terras da família nem da reivindicação que faziam dela por tudo que era certo, a reivindicação humana maior do que o ódio, a guerra ou qualquer mesquinharía ou inimizade.

E o tempo inteiro pensou desta forma, comemorando essa sorte súbita em sua vida e imaginando a fragrância dos morangos amadurecendo, à deriva na escuridão, à deriva na neblina, mal escutando o gemido baixo do farol e os apitos de vapor do S.S. Corona cada vez mais altos, aproximando-se a cada momento. E meia-milha ao sul e oeste do Islander, Carl Heine estava à porta da cabina, escutando, incerto, os mesmos apitos, que agora penetravam a neblina. Ele havia feito café preto e estava com a xícara numa das mãos; a chaleira já havia sido guardada. A rede estava lançada atrás do barco, pelo que sabia.

Todas as luzes estavam agora bem acesas. O voltímetro marcava uma carga de 13,5 volts, e o Susan Marie navegava com força e firmeza, o holofote difundindo-se na neblina. Eram vinte para as duas da manhã, havia tempo suficiente para pescar muito o café o manteria acordado o tempo que bastava para encher o porão de salmões.

Certamente Carl havia escutado o rádio, o operador do farol dando instruções, o navegador do cargueiro comunicando as posições, fazendo leituras com relação à ilha de Lanheedron, depois subitamente decidindo fazer uma manobra via Ship Channel Bank para retornar à rota. Carl havia tentado escutar na neblina, mas o ruído de seus próprios motores mascarava todos os outros sons, e ele teve de desligar o motor e ficar à deriva. Ficou escutando e aguardando. Afinal, veio um novo apito, mais próximo desta vez, definitivamente se aproximando mais ainda, e ele bateu com a xícara na mesa. Então saiu e pensou que ia ser balançado com violência pela esteira do navio, que o vagalhão formado pelo navio ia vir direto na sua direção, e lhe pareceu que estava em posição segura para suportá-lo, não precisava tomar nenhuma providência a respeito, tudo estava no seu lugar.-A não ser a lanterna amarrada no mastro. Um vagalhão da esteira de um cargueiro poderia despedaçá-la; Carl deve ter suposto isso.

E aí pagou por ser tão exigente, por sua compulsão em manter as coisas perfeitas. Pagou por ter herdado da mãe uma certa mania de economia. À deriva na água, o Corona se aproximando dele na noite brumosa, ele achou que precisava de menos de trinta segundos para marinhar pelo mastro acima. Salvar uma lanterna dessa maneira. Quais seriam os riscos? Será que um homem acredita em sua morte iminente, ou na possibilidade de um acidente?E, portanto, porque era quem era filho de sua mãe, organizado por natureza, sobrevivente do naufrágio

do U.S.S. Canton e, portanto, imune a um acidente com um pesqueiro, subiu pelo mastro com confiança. Subiu e ao fazê-lo abriu o corte da mão produzido pelo arpão de Kabuo, quando estava batendo no flange para encaixar a bateria. Agora, pendurado pela axila, na barra transversal, sangrando e prestando atenção aos sons vindos da neblina, tirou a faca da bainha. Tornou a ouvir o apito do cargueiro, o murmúrio baixo dos motores audível a bombordo, tão perto que ele estremeceu, surpreso, depois, com alâmina, cortou os nós-de-oito que havia feito horas antes. Carl pegou a alça da lanterna e fechou o canivete.

Deve ter sido por causa da neblina fantasma daquela noite que ele não viu a muralha de água que o Corona arremessou contra ele. O mar se ergueu por detrás da neblina e avolumou-se sob o Susan Marie de forma que a xícara de café caiu da mesa no chão da cabine, e o ângulo de deflexão no alto do mastro foi suficiente para sacudir violentamente o atônito homem que estava ali pendurado, sem perceber direito o que estava acontecendo, e mesmo assim ele não previu sua morte. A mão ensangüentada soltou o mastro, a borracha do macacão não manteve a aderência, os braços se abriram e os dedos também, lançando a lanterna e a faca na água, e Carl Heine precipitou-se contra a amurada de bombordo do Susan Marie. A cabeça dele sofreu uma fratura acima da orelha esquerda e depois ele deslizou pesadamente para debaixo das ondas, a água penetrando no mostrador do relógio, e parando-o à 1:47. O Susan Marie balançou ainda durante cinco minutos, e enquanto o barco gradativamente se reequilibrava o corpo do capitão também se aquietava, na sua rede de pescar salmões. Ele ficou pendurado ali, na fosforescência do mar, iluminando-se e ondulando, e o barco agora movia-se ao sabor da corrente da maré, profusamente iluminado e silencioso na bruma.

A muralha de água prosseguiu, viajou meia milha rapidamente e aí passou sob o Islander, de forma que Kabuo a sentiu também. Ela viajava sem nada que a interrompesse e quebrou-se na praia da ilha de Lanheedron pouco antes das duas da manhã. O apito do cargueiro e o diafone do farol soaram outra vez na neblina. Kabuo Miyomoto, com a rede lançada, o rádio desligado, a neblina palpável como algodão em torno dele, repôs a amarra que havia deixado no barco de Carl com outra sobressalente que mantinha guardada na cozinha. Talvez tenha se agachado um momento, fazendo uma bolina na manilha, e escutou o apito a vapor do cargueiro que passava trazido sobre a superfície da água. Devia ter sido um som tão tristonho naquela neblina cerrada como qualquer pessoa poderia realmente conjurar ou imaginar, e enquanto ele aumentava à medida que o cargueiro se aproximava deve ter soado ainda mais lastimoso. O cargueiro passou em direção ao norte ainda apitando, e Kabuo o escutou. Talvez, naquele momento, tenha se lembrado como seu pai havia enterrado tudo o que era japonês sob o solo de sua fazenda. Ou talvez ele tenha pensado em Hatsue e nos filhos, e na fazenda de morangos que um dia iria lhes passar em herança.

O apito a vapor do cargueiro diminuiu na direção leste. Soava a intervalos, junto com o apito de neblina do farol, uma nota mais alta, mais desolada. A neblina o abafou, e a nota do cargueiro ficou mais baixa, de forma a parecer sobrenatural, não um apito a vapor, mas uma cacofonia de notas na tessitura do baixo, elevando-se do fundo do mar. Afinal, fundiu-se com o sinal do farol, de maneira que os dois soaram no mesmo momento, um conflito sonoro, discordante. Ouviu-se uma dissonância, fraca, a cada dois minutos, através da água, e, finalmente, até mesmo ela desapareceu.

Kabuo Miyomoto voltou para casa para abraçar a mulher e lhe contar como suas vidas haviam mudado; o turno do farol acabou, e Philip Milholland meteu as anotações numa pasta e se jogou na cama. Ele e o operador de rádio, Robert Miller, dormiram profundamente até a tarde. Depois, acordaram e saíram da ilha de San Pedro, transferidos para outro posto. E Art Moran efetuou sua prisão.

Bem, pensou Ishmael, curvado sobre a máquina de escrever, as pontas dos dedos pairando acima das teclas: as palpitações do coração de Kabuo Miyomoto eram impenetráveis, afinal de contas. E o coração de Hatsue também era impenetrável, assim como o de Carl Heine. O coração de qualquer outra pessoa, por ter uma vontade, permaneceria para sempre misterioso.

Ishmael dedicou-se a escrever essa história, e, enquanto o fazia, compreendeu também o seguinte: que o acaso governava todos os recantos do universo, exceto os recessos do coração humano.